UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

ELOISE ELANE GOMES DE MENEZES

JAMAIS PENSEI

Dor e luto nas famílias devastadas pela pandemia da covid

JOÃO PESSOA – PB

2024

ELOISE ELANE GOMES DE MENEZES

JAMAIS PENSEI

Dor e luto nas famílias devastadas pela pandemia da covid

Relatório Final para o Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de mestre, com área de concentração em “Produção Jornalística”, e linha de pesquisa “Processos, Práticas e Produtos Jornalísticos”.

Orientadora: Profª Drª Sandra Regina Moura

JOÃO PESSOA – PB

2024

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M534j Menezes, Eloise Elane Gomes de.
Jamais pensei : dor e luto nas famílias devastadas pela pandemia da Covid / Eloise Elane Gomes de Menezes. - João Pessoa, 2024.
432 f. : il.

Orientação: Sandra Regina Moura.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCTA.

1. Jornalismo investigativo. 2. Livro-reportagem. 3. História de vida. 4. Covid-19. I. Moura, Sandra Regina. II. Título.

UFPB/BC CDU 070(043)

Elaborado por Larissa Silva Oliveira de Mesquita - CRB-15/746

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA | UFPB
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES | CCTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO | PPJ

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Aos vinte dias do mês de agosto de 2024, na sala 107 do CCTA, às 14 horas, foi realizada, em sessão pública, Banca de Defesa de Dissertação de Mestrado do(a) aluno(a) **ELOISE ELANE GOMES DE MENEZES**, sob a matrícula **20221005525**, cuja pesquisa intitula-se **JAMAIS PENSEI Dor e luto nas famílias devastadas pela pandemia da Covid**, para obtenção do título de Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba.

AVALIAÇÃO:

(X) Aprovado(a) ( ) Reprovado(a) ( ) Insuficiente

As observações sobre o trabalho acadêmico encontram-se no verso desta ata.

COMISSÃO EXAMINADORA:

gov.br Documento assinado digitalmente
SANDRA REGINA MOURA
Data: 03/09/2024 10:54:27-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof(a). Dr(a). SANDRA REGINA MOURA
Presidente

Prof(a). Dr(a). GLORIA DE LOURDES FREIRE RABAY
Examinador(a) Interno(a)

Prof(a). Dr(a). CARLOS ALBERTO FARIAS DE AZEVEDO FILHO
Examinador(a) Externo(a) ao Programa

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA | UFPB
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES | CCTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO | PPJ

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

OBSERVAÇÕES: A banca examinadora recomenda a publicação do livro-reportagem **JAMAIS PENSEI: Dor e luto nas famílias devastadas pela pandemia da Covid.**

COMISSÃO EXAMINADORA:

gov.br Documento assinado digitalmente
SANDRA REGINA MOURA
Data: 03/09/2024 10:51:09-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof(a). Dr(a). SANDRA REGINA MOURA
Presidente

gov.br Documento assinado digitalmente
GLORIA DE LOURDES FREIRE RABAY
Data: 03/09/2024 20:44:29-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof(a). Dr(a). GLORIA DE LOURDES FREIRE RABAY
Examinador(a) Interno(a)

gov.br Documento assinado digitalmente
CARLOS ALBERTO FARIAS DE AZEVEDO FILHO
Data: 03/09/2024 19:16:57-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof(a). Dr(a). CARLOS ALBERTO FARIAS DE AZEVEDO FILHO
Examinador(a) Externo(a) ao Programa

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, cuja presença constante e força inabalável me guiaram durante toda esta jornada e me deram força para chegar até aqui.

Ao meu amor Wellington Farias (*in memoriam*), companheiro de todas as horas, que por mais de 32 anos compartilhou comigo alegrias, tristezas, esperanças e a bênção de filhos e neta maravilhosos.

Aos meus filhos, Alexandre, Vanine e Pablo, e à minha neta Helena, que são motivos do meu viver e continuar lutando.

À minha família – irmãs, irmãos, sobrinhos e sobrinhas, cunhados e cunhadas – que sempre celebraram minhas conquistas com alegria e entusiasmo.

Ao compadre Rubens Nóbrega, por sua atenção e carinho, pausando a escrita do seu próprio livro para se dedicar à correção deste texto.

À amiga-irmã Adriana Crisanto, sempre presente incentivando o meu trabalho de Mestrado, aconselhando, corrigindo textos e vibrando a cada passo dado.

Aos queridos amigos do coração, Lila Santos e Everaldo Ricardo, incansáveis incentivadores que generosamente se dispuseram a transcrever algumas entrevistas.

Ao amigo Mailton Evangelista, que dedicou seu tempo a pesquisar diversos programas de pós-graduação, permitindo que eu pudesse escolher o melhor caminho.

À minha orientadora, Sandra Moura, cujo acompanhamento e apoio foram fundamentais em todos os momentos deste Mestrado.

Aos mestres, com carinho: Glória Rabay, Luiz Augusto, Laerte Cerqueira, Paula Paes, Joana Belarmino, Zulmira Nóbrega, e Marluce Pereira da Silva, por seu valioso conhecimento e orientação.

À Turma PPJ 2022, amigos maravilhosos. Foi muito bom essa convivência, troca de conhecimento e amizade fiel. Amo todos vocês.

E, por fim, a Ricardo Araújo, responsável pela diagramação e design gráfico do livro, cuja contribuição foi essencial para a finalização deste trabalho.

A todos, meu sincero agradecimento.

DEDICATÓRIA

À minha família

Wellington Farias (*in memoriam*), Djair Alexandre, Vanine Elane, Pablo Andrés e a minha netinha Helena que chegou no melhor momento de nossas vidas.

RESUMO

Este relatório tem o objetivo de descrever e documentar sobre o processo de construção do livro-reportagem intitulado "Jamais Pensei: Dor e luto nas famílias devastadas pela pandemia da covid". Este estudo se justifica por sensibilizar e conscientizar o público sobre os impactos devastadores da pandemia de covid-19 nas famílias paraibanas. A criação de um livro-reportagem permite registrar historicamente as experiências e sofrimentos das famílias, promovendo empatia e compreensão social. Além disso, este estudo explorou questões sociais como desigualdades no acesso à saúde e os desafios econômicos enfrentados, contribuindo para o desenvolvimento de políticas públicas futuras. Documentar essas histórias deu a oportunidade as famílias vitimadas compartilharem suas perspectivas e enfrentarem o estigma associado à doença. O percurso foi marcado por leituras de textos técnicos e científicos que fundamentaram a pesquisa, levantamento de dados, preparação de pautas, planejamento, realização e transcrição de entrevistas. O levantamento bibliográfico foi realizado nos repositórios digitais das universidades: Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Vale dos Sinos (Unisinos) e Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Além da pesquisa no Google Acadêmico, com as seguintes *hastags*: #pandemia; #covid-19; #livroreportagem; #lutocovid. Está etapa foi importante para descobrir o que já havia sido publicado no meio científico sobre o assunto e não gerar algum tipo de repetição. A investigação é fundamentada em autores como Lima (2008), Medina (2002), Sequeira (2005), Vilas Boas (2003) e outros. Ancora-se nas técnicas de apuração do jornalismo investigativo, literário e histórias de vida, a fim de relatar como 5 (cinco) famílias que enfrentaram o medo, a dor, o sofrimento e o luto durante a pandemia do coronavírus. São histórias de famílias que perderam mais de um parente para a covid-19. A seleção inicial dos casos deu-se a partir do anúncio das mortes pela mídia televisiva paraibana. Também foi usada a técnica metodológica de amostragem Bola de Neve utilizada para identificar e recrutar participantes através de redes sociais digitais (WhatsApp, Instagram, Facebook). Nela o pesquisador pede a indicação de pessoas que atendam ao perfil da pesquisa e, a partir dessas, solicita novos contatos até alcançar o máximo de participantes possíveis. A técnica foi útil para acessar um grupo de pessoas que estavam fragilizadas pela dor da ausência. Ela foi eficaz para estudar questões delicadas como a morte e perdas, o que exigiu conhecimento e a confiança dos entrevistados.

Palavras-chaves: Livro-reportagem. História de vida. Covid-19. Jornalismo investigativo.

ABSTRACT

This report aims to describe and document the process of constructing the reportage book titled "Never Thought – Pain and Mourning of Covid-19: Accounts of Families Destroyed by the Coronavirus in Paraíba." This study is justified by raising awareness and sensitizing the public about the devastating impacts of the Covid-19 pandemic on families in Paraíba. Creating a reportage book allows for the historical recording of families' experiences and suffering, promoting empathy and social understanding. Additionally, this study explored social issues such as inequalities in healthcare access and the economic challenges faced, contributing to the development of future public policies. Documenting these stories gave victimized families the opportunity to share their perspectives and confront the stigma associated with the disease. The process was marked by readings of technical and scientific texts that underpinned the research, data collection, agenda preparation, planning, conducting, and transcribing interviews. The bibliographic survey was conducted in the digital repositories of the following universities: Federal University of Paraíba (UFPB), Vale dos Sinos University (Unisinos), and Federal University of Minas Gerais (UFMG). Additionally, research was conducted on Google Scholar using the following hashtags: #pandemic; #covid-19; #reportagebook; #covidmourning. This stage was important to discover what had already been published in the scientific field on the subject and to avoid any repetition. The investigation is based on authors such as Lima (2008), Medina (2002), Sequeira (2005), Vilas Boas (2003), and others. It anchors itself in the techniques of investigative journalism, literary journalism, and life stories to report on how seven (7) families faced fear, pain, suffering, and mourning during the Coronavirus pandemic. These are stories of families who lost more than one relative to Covid-19. The initial selection of cases was based on the announcement of deaths by the Paraíba television media. The Snowball Sampling method was also used to identify and recruit participants through digital social networks (WhatsApp, Instagram, Facebook). In this method, the researcher asks for referrals of people who meet the research profile and, from these, requests new contacts until reaching the maximum possible number of participants. This technique was useful for accessing a group of people who were weakened by the pain of absence. It was effective for studying delicate issues such as death and loss, requiring the knowledge and trust of the interviewees.

Keywords: Reportage book. Life story. Covid-19. Investigative journalism.

LISTA DE QUADRO E TABELAS

Quadro 1 – Diferença entre jornalismo convencional e investigativo, na pesquisa..... 36
Quadro 2 – Material encontrado em 2020/2021..... 41

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Jorge Nicolau Alves ladeado pelos filhos..... 59
Imagem 2 - Jorge Alves e sua esposa Célia Lima Alves..... 59
Imagem 3 - Jorge Alves e familiares..... 59
Imagem 4 – Jorge Nicolau Alves..... 60
Imagem 5 - Jorge Alves com a esposa Célia, o filho André e o neto..... 60

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**	**11**
1.1.	A HISTÓRICA PANDEMIA DO SARSCOV-2 NO BRASIL	17
2	**FUNDAMENTAÇÃO LIVRO-REPORTAGEM**	**22**
2.1	ENTREVISTAS E FONTES	**27**
3	**JORNALISMO INVESTIGATIVO**	**34**
3.1	BREVE HISTÓRIA DO JORNALISMO INVESTIGATIVO	**36**
3.2	CARACTERISTICAS DO JORNALISMO INVESTIGATIVO	**37**
4.	**PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**	**40**
4.1	CLASSIFICAÇÃO	**42**
4.2	"MORTO COMUM"	**43**
4.3.	AMOSTRAGEM BOLA DE NEVE	**45**
4.4	PLANEJAMENTO DE ENTREVISTAS	**47**
4.5.	TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	**53**
5	**DESCRIÇÃO DO PRODUTO**	**56**
5.1	FOTOGRAFIAS	**57**
6	**RESULTADOS ALCANÇADOS**	**61**
	CONCLUSÃO	**63**
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	**65**
	APÊNDICES	**69**
	ROTEIRO DAS ENTREVISTAS	**69**
	ENTREVISTA 1 FAMÍLIA MOURA/SANTOS	**70**
	ENTREVISTA 2 FAMÍLIA PEREIRA/GOMES	**91**
	ENTREVISTA 3 FAMÍLIA ESTRELA/CAVALCANTI	**144**
	ENTREVISTA 4 FAMÍLIA DIAS/GARCIA	**164**
	ENTREVISTA 5 FAMÍLIA LIMA/ALVES	**182**
	ENTREVISTA 6 LUIZ AUGUSTO DE CARVALHO MENDES	**201**
	ANEXO	**189**

1. INTRODUÇÃO

O primeiro caso de covid-19 no mundo aconteceu em dezembro de 2019, na cidade Wuhan, na China. Uma doença respiratória aguda, que segundo Zhou et al. (2020, p. 25) causada por um novo coronavírus denominado Sars-CoV-2. O vírus letal destacava uma capacidade contínua de disseminação, que causou uma epidemia de síndrome respiratória grave em humanos e infectou milhares de chineses em um curto período, levando a complicações fatais e a um elevado número de óbitos decorrentes de falência de órgãos, choque séptico, edema pulmonar, pneumonia grave e dificuldade respiratória aguda (Sohrabi et al., 2020; Zhou et al., 2020). E o que parecia distante, em pouco tempo espalhou-se pelo mundo, ceifando milhões de vida humanas em países asiáticos, europeus, africanos e atingindo as três Américas.

Com a rápida expansão da doença, a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2020) decretou, em janeiro de 2020, Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional que representavam um alto risco para os países com sistemas de saúde vulneráveis. Dois meses depois, em março do mesmo ano, passou a caracterizá-la como uma pandemia.

No Brasil, o primeiro caso de infecção pelo vírus Sars-CoV-2 (Covid-19) foi registrado em fevereiro de 2020, por um homem de 64 anos, morador da cidade de São Paulo, e que esteve no norte da Itália naquele mesmo mês (UNA-SUS, 2020). À época, a Itália registrava um elevado número de mortes pela doença. Na Paraíba, o primeiro caso de infecção pelo novo coronavírus aconteceu no dia 18 de março. A Secretaria de Estado de Saúde da Paraíba (SES/PB, 2020) informou que o paciente era um idoso de 60 anos, teria histórico de viagem à Europa e foi atendido em uma unidade de saúde da rede particular, passou por isolamento social em casa e se curou.

De junho de 2020 a janeiro de 2023, os dados da covid-19 no Brasil foram fornecidos diariamente pelo Consórcio de Imprensa da Covid-19, que foi criado por órgãos de comunicação do país para contabilizar a incidência da doença, tendo em vista a falta de informações precisas do Ministério da Saúde. Uma notícia que saiu no site Uol, em 2023, explica que os membros do Consórcio, “[...] o governo do presidente Jair

Messias Bolsonaro (PL) tentou omitir dados da população e atrasar os boletins sobre a doença [...]" (UOL Notícias, 2023). Do primeiro caso de covid-19 no Brasil até a data da versão final deste relatório, em 18 de julho de 2024, foram registrados 38.840.012 contaminados pela doença, dos quais 712.571 morreram, de acordo com a Plataforma de Dados sobre covid-19 do Ministério da Saúde (2024). Na Paraíba, o número de casos chegou a pouco mais de 17.867 mil contaminados e o número de mortes foi de 10.572 mil (Ses, 2023).

Em março de 2020, o Conselho Nacional de Justiça baixou a Portaria nº 57/2020 para determinar a inclusão dos casos de Coronavírus (Covid-19) no Observatório Nacional sobre Questões Ambientais, Econômicas e Sociais de Alta Complexidade e Grande Impacto e Repercussão. Dentre outras competências, cabe ao Observatório "promover o levantamento de dados estatísticos relativos ao número, à tramitação e outros dados relevantes sobre medidas extrajudiciais e judiciais de grande repercussão (CNJ, 2020, p.2)".

Os dados do Observatório estão publicados no site do Portal da Transparência do Registro Civil, mantido pela Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (ARPEN Brasil). Cabe aos Cartórios de Registro Civil do Brasil fazer a atualização dos registros de óbitos por covid-19 em todo o país.

Os Cartórios de Registro Civil no Brasil tiveram um aumento no assentamento de mortes, uns sites falam em aumento de até 14%, a partir da pandemia. O momento mais crítico aconteceu nos meses de março, abril e maio de 2021, quando houve uma explosão do coronavírus em todo o país. De acordo com dados do Portal da Transparência do Registro Civil, nesse período foram registrados 220.217 óbitos com suspeita ou confirmação de covid-19 no território brasileiro (Portal da Transparência, 2024). Um aumento de 15%, com relação ao mesmo período de 2020, que teve 33.789 óbitos. Nesses mesmos três meses de 2022, já com boa parte da população vacinada, o número de óbitos foi de 8.035. Em 2023, o número de mortos baixou para 3.208 registros e, em 2024, para 1.755 mortos em todo o Brasil.

Os dados da Paraíba também puderam ser observados nesse Portal da Transparência (2024)[1]. De março a maio de 2020, foram registrados 631 óbitos por suspeita ou confirmação de covid-19. Em 2021, nesse mesmo período, houve um aumento de 19,6%, com a morte de 3.224 paraibanos. Com a aplicação da vacina, em 2022, esse número baixou para 110. Em 2023, nos meses de março, abril e maio foram registradas 22 mortes e, em 2024, no mesmo período, seis mortes.

Várias famílias foram atingidas com, pelo menos, duas mortes na mesma casa. No entanto, em consulta junto à Secretaria de Saúde do Estado da Paraíba (SES-PB) não se encontrou informações sobre o número de famílias nessa situação, uma vez que as notificações de mortes no Estado são feitas, segundo o órgão, de forma individual, sem relacionar o parentesco entre os mortos de uma mesma família. Mas, a imprensa paraibana registrou, em matérias, essa situação, a exemplo do caso da família do advogado Watteau Rodrigues que perdeu a irmã Maria Histra, 66 anos, e a mãe Maria do Carmo Ferreira, 95 anos, que faleceram respectivamente uma no dia 2 de março de 2021 e a outra no dia 3 de março, com menos de 12 horas de diferença.

Em Alagoa Grande (PB), três irmãos enlutaram sua família: Deda Ribeiro, ex-prefeito da cidade; Nilson Ribeiro e Cleonice Ribeiro; e em Cajazeiras (PB), o jovem casal José Carlos, de 36 anos, e Lívia Gonçalves, de 34, (TV Correio, 2021). Em Guarabira (PB), os irmãos Jones Costa Lima (36 anos) e Jean Carlos Costa Lima (34 anos), morreram no mesmo dia com uma diferença de três horas (Da redação. G1 Paraíba, 2020[2]).

O caso do jornalista e professor aposentado do Programa de Pós-Graduação de Comunicação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Wellington José de Oliveira Pereira, que faleceu de covid-19, no dia 19 de março de 2021. Quatro dias antes de sua morte, ele havia perdido, para a mesma doença, o seu irmão Wallace Pereira. Nove dias depois da morte de Wellington, a mulher dele, Maria de Lourdes Gomes de Lima Pereira

---

[1] PARAÍBA. Boletim epidemiológico n. 3. Secretaria de Estado da Saúde. Gerência Operacional de Vigilância Epidemiológica. Núcleo de Doenças e Agravos Transmissíveis. Disponível em: https://abre.ai/kb4s. Acesso em: 18 jul. 2024.

[2] PORTAL G1 PARAÍBA. DA REDAÇÃO. 16 DE JUNHO DE 2020. Irmãos que estavam internados com Covid-19 morrem no mesmo dia na Paraíba, diz família. Disponível em: https://abre.ai/j9OR. Acesso em: 3 jul. 2024.

(Lourdinha), veio a óbito por causa de covid-19. O casal deixou órfã a única filha com 18 anos. Este caso serviu de motivação para o tema deste trabalho.

No desenvolvimento desta pesquisa, para o livro-reportagem, veio a descoberta que a primeira pessoa a morrer de covid na Família Pereira foi uma tia-avó de Wellington, Salinélia Sobral Pereira, em fevereiro de 2021. Um irmão do professor, Naggib Pereira, morreu em abril de 2021, vítima de diabetes. O cunhado de Wellington e irmão de Lourdinha, João Batista, faleceu de um câncer na cabeça, em 30 março de 2021. Ao todo, foram seis mortos das famílias Pereira e Gomes, sendo que cinco casos em 32 dias.

O objetivo central deste estudo foi registrar, em um livro-reportagem, a dor, o sofrimento e o luto de pessoas que perderam familiares para a Covid-19 ou por sequelas da doença, na Paraíba. Os relatos para esta pesquisa junto aos familiares dos mortos demonstram o quanto a pandemia do coronavírus impactou a estrutura familiar no Estado da Paraíba, desde o seu início em março de 2020, em seus diversos aspectos: financeiro, emocional e social.

Este estudo é importante, pois, a pandemia da Covid-19 deixou marcas profundas em todo o mundo, afetando não apenas a saúde das pessoas, mas também as estruturas sociais e emocionais das comunidades. Na Paraíba, Estado localizado na região Nordeste do Brasil, não foi diferente. A doença assolou a população, causando um número significativo de mortes e deixando um rastro de luto e tristeza nas famílias paraibanas.

Escrever um livro-reportagem sobre a destruição das famílias que tiveram Covid-19 é relevante para sensibilizar e conscientizar o público sobre as consequências reais e devastadoras da pandemia nas famílias afetadas. Ao retratar histórias individuais e reais, pode despertar empatia e compreensão sobre o impacto emocional, financeiro e social em favor dos que foram afetados.

Outra razão de importância é o registro histórico. A pandemia é um evento significativo que afetou milhões de pessoas em todo o mundo. Documentar as experiências das famílias em meio a essa crise é importante para registrar a história e permitir que futuras gerações compreendam o que aconteceu e como as pessoas foram atingidas.

Um livro-reportagem pode oferecer uma análise aprofundada das causas e consequências da destruição das famílias durante a pandemia. Pode explorar questões como as desigualdades sociais, a falta de acesso a cuidados de saúde adequados, os

desafios econômicos enfrentados pelas famílias e as respostas governamentais à crise. Esse livro-reportagem pode levar a reflexões importantes e ajudar a orientar futuras políticas de saúde pública e estratégias de preparação para crises. Além de dar voz às vítimas, um livro-reportagem pode ser uma plataforma escrita para as famílias afetadas compartilharem suas experiências e perspectivas. Ele pode dar voz aos que sofreram perdas, bem como aos sobreviventes que lidam com as consequências de longo prazo da doença. Isso pode ajudar a atenuar as cicatrizes sociais causadas pela Covid-19 e permitir que as pessoas se sintam ouvidas e compreendidas.

E ainda chamar atenção da sociedade e os órgãos públicos para o relato histórico das famílias afetadas, um livro-reportagem pode incentivar ações para melhorar a resposta à pandemia e apoiar aqueles que foram prejudicados. Ele pode inspirar leitores a se envolverem em esforços de ajuda, advocacia por melhores políticas de saúde, apoio emocional e financeiro às famílias necessitadas, e promover uma mudança positiva em relação à maneira como lidamos com futuras crises de saúde pública.

Um livro-reportagem pode ajudar a sensibilizar, informar e gerar impacto, tanto no presente quanto no futuro. Ele pode contribuir para uma compreensão mais completa da pandemia e suas consequências, além de fornecer um espaço escrito para compartilhar histórias pessoais e promover ações que visem ajudar as famílias afetadas.

O enfrentamento da Covid-19 trouxe desafios sem precedentes para o sistema de saúde da Paraíba. Hospitais e unidades de saúde ficaram sobrecarregadas, profissionais da saúde trabalharam incansavelmente para salvar vidas, e mesmo assim, muitas pessoas não resistiram à doença. Diante desse cenário, as famílias tiveram que lidar com a perda de entes queridos em um contexto de restrições e medidas de distanciamento social, o que ampliou ainda mais o sofrimento e dificultou o processo de luto. Portanto, o livro-reportagem proporciona o registro para além das estatísticas, de forma a ampliar a história de vida dessas pessoas e suas respectivas família. Não foram apenas números, mas seres humanos que faleceram deixando um rastro de dor e luto nos que sobreviveram.

O luto é um processo natural de enfrentamento da perda, mas, a pandemia trouxe uma série de complicações adicionais. A impossibilidade de estar presente no momento da despedida, seja pela proibição de visitas a hospitais ou pelos protocolos de sepultamento restritos, com proibição de que as urnas funerárias fossem abertas, trouxe

uma sensação de impotência e angústia para as famílias. Muitos não puderam se despedir adequadamente de seus entes queridos, o que gerou sentimento de culpa e vazio.

Sobre essa questão, o psicólogo e professor da Universidade Federal da Paraíba, Luiz Augusto de Carvalho Mendes, entrevistado para esta pesquisa, explica que os rituais funerários são muito importantes para que as pessoas possam viver seu luto. E quando a pessoa não vive esse ritual, "o processamento dessas perdas fica um pouco mais complicado". E acrescenta: "Ver a pessoa no caixão é simbólico. A gente fecha o caixão, a gente coloca a pessoa no túmulo, fecha, sela. São momentos que vão reforçando a despedida".

Luiz Augusto chama a atenção, também, para o fato de que "o primeiro momento do rito é o da despedida. Mas, no outro momento, é o do compartilhamento de familiares e de pessoas próximas que se juntam em comunidade para dizer: "Eu estou aqui te apoiando". No entanto, a pandemia impôs o isolamento social e outras medidas de contenção da doença e dificultou a tradicional rede de apoio, que costuma cercar as famílias enlutadas. A falta de abraços, visitas e conversas presenciais contribuiu para um sentimento de solidão e isolamento emocional.

Ainda, é válido ressaltar que muitas famílias enfrentaram dificuldades financeiras durante a pandemia, o que agravou o luto (Schmidt et al, p. 7, 2022). A perda de um provedor ou de uma pessoa responsável pelo sustento da família tornou-se uma realidade dolorosa para muitos. A incerteza econômica e as preocupações com o futuro financeiro podem dificultar o processo de luto, acrescentando mais uma camada de sofrimento para as famílias.

Diante dessas circunstâncias desafiadoras, é fundamental que a sociedade e os serviços de apoio estejam atentos às necessidades das famílias enlutadas. É necessário oferecer suporte emocional, psicológico e prático para ajudar na elaboração do luto e na superação das dificuldades enfrentadas. Profissionais de saúde, assistentes sociais e psicólogos desempenham um papel crucial nesse contexto, fornecendo cuidados especializados e garantindo que as famílias tenham acesso aos recursos necessários para lidar com o luto.

Além disso, é importante que a sociedade reconheça a importância do luto e seja solidária com as famílias enlutadas. A empatia, o respeito e a compreensão são fundamentais nesse processo. O apoio emocional dos amigos, vizinhos e da comunidade

pode fazer a diferença para aqueles que enfrentam o luto. É preciso lembrar que o luto não tem prazo determinado e que cada pessoa tem sua forma única de vivenciá-lo. Portanto, a paciência e a tolerância são essenciais ao lidar com as famílias enlutadas, respeitando o tempo e o espaço que cada uma precisa para processar a perda e reconstruir suas vidas. A pandemia da covid-19 trouxe um cenário de dor e luto para as famílias no mundo, no Brasil e na Paraíba. Daí, a necessidade do acolhimento às famílias, de modo a oferecer um suporte emocional para que possam enfrentar a difícil jornada. Somente com união e empatia conseguem-se superar esse tipo de crise e construir um futuro mais resiliente e compassivo.

Mesmo passado um período crítico da pandemia, o vírus ainda assustou por um tempo o mundo com o surgimento de novas cepas do vírus. Os dados do Painel da OMS sobre o coronavírus, os Estados Unidos lideram o ranking de casos da doença, com mais de 103,4 milhões norte-americanos infectados, bem como tem o maior número de mortos (pouco mais de 1,2 milhão de mortes). Por esses mesmos dados, o Brasil é o sexto país em número de casos (37.625.216 contaminados pela Covid-19), no entanto é o segundo país com o maior número de mortes (703.291 mortos). Em seguida, vem a Índia com 531.892 mortos pela doença (Who, 2024).

1.1. A HISTÓRICA PANDEMIA DO SARSCOV-2 NO BRASIL

A pandemia de Covid-19 foi causada pelo vírus Sars-Cov-2, que atingiu o Brasil com grande impacto, assim como aconteceu em países ao redor do mundo. O primeiro caso no Brasil foi confirmado em 26 de fevereiro de 2020, em um homem de São Paulo que tinha voltado recentemente da Itália. No início, a propagação do vírus estava concentrada nos grandes centros urbanos, especialmente na região Sudeste, mas com o tempo se espalhou por todo o país.

Em março de 2020, o Ministério da Saúde (MS) do Brasil declarou transmissão comunitária em todo o território nacional, o que significa dizer que o vírus estava circulando entre a população, e não apenas entre pessoas que haviam viajado para países com casos confirmados.

As respostas à pandemia variaram por todo o Brasil, com algumas cidades e Estados implementando *lockdowns* e outras medidas de controle a disseminação do vírus.

Houve debates acirrados sobre o equilíbrio entre a necessidade de proteger a saúde pública e o impacto econômico das medidas de *lockdown*.

Na esfera federal, a resposta à pandemia foi controversa. O ex-presidente Jair Bolsonaro minimizou a gravidade do vírus e criticou as medidas de distanciamento social, ao mesmo tempo que promovia medicamentos sem eficácia comprovada para o tratamento da doença.

Enquanto a doença avançava no País, e os órgãos de enfrentamento da pandemia defendiam ações coletivas coordenadas das unidades federativas e do Estado brasileiro para o enfrentamento da Covid-19, Bolsonaro posicionava-se contra qualquer medida sanitária orientada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), relativizava o número de mortos e pregava contra a vacina.

Em duas ocasiões diferentes, o ex-presidente Jair Bolsonaro fez viagens aos Estados Unidos e não cumpriu os protocolos de segurança contra o vírus Sars-Cov-2. O resultado foi a contaminação de membros de sua comitiva. O primeiro caso foi em março de 2020, quando o secretário de Comunicação Social da Presidência, Fábio Wanjgarten, testou positivo para a Covid-19 e o Setor Médico do Palácio do Planalto foi obrigado a soltar nota informando que medidas estavam sendo tomadas, para preservar a saúde do então presidente e de toda a comitiva (Portal G1, 2020). Pouco mais de um ano, a situação se repetiu quando três integrantes da Comitiva que acompanhou Bolsonaro à abertura da Assembleia Geral da ONU testaram positivo. Entre eles, o deputado federal e filho do chefe do executivo Federal, Eduardo Bolsonaro (Jornal da Gazeta, 2021).

Em janeiro de 2021, o Senado Federal instalou a Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia, por solicitação do senador Randolfe Rodrigues, com a finalidade de apurar as ações e as possíveis omissões do governo federal no enfrentamento da covid-19.

O Relatório Final da CPI da Pandemia do Senado Federal foi divulgado em outubro de 2021 e trouxe como resultado a constatação da existência de um "gabinete paralelo" na Presidência da República, para aconselhar o então presidente, Jair Messias Bolsonaro. Esse gabinete defendia que "[...] fosse atingida a imunidade de rebanho pela contaminação natural no Brasil [...]". Essa proposta levou o presidente a resistir à implementação de medidas como o uso de máscara e o distanciamento social, bem como o levou a resistir à compra de imunizantes. O Governo Federal decidiu "dar ênfase à cura

via medicamentos, por meio do chamado 'tratamento precoce' (CPI da Pandemia, 2021, p. 1271)".[3]

Jair Bolsonaro seguiu à risca a orientação do "gabinete paralelo" e incentivou a população não usar máscara, resistir ao distanciamento social, promoveu e participou de movimentos nas ruas, com grandes aglomerações, e desqualificou a vacina contra a Covid-19. E conclui:

> Se medidas não farmacológicas tivessem sido aplicadas de forma sistemática no País, poderiam ter reduzido os níveis de transmissão da Covid-19 em cerca de 40%, o que significa que 120 mil vidas poderiam ter sido salvas até o final de março de 2021(CPI da Pandemia, 2021, p.1275).

O Brasil perdeu a chance de, junto com o Reino Unido, ser o primeiro país no mundo a vacinar a sua população. O Ministério da Saúde recusou a compra de 70 milhões de doses da Pfizer, em agosto de 2020, dando prioridade à vacina AstraZeneca. Também abandonou outras opções de imunizantes, cujos laboratórios tinham maior capacidade de produção em massa, especialmente a CoronaVac, desenvolvida pelo laboratório chinês Sinovac em parceria com o Instituo Butantan, em São Paulo. Estudos científicos apontaram que, se não houvesse a demora em vacinar à população, a morte de "12.663 pessoas com 60 anos ou mais de idade nos meses de março, abril e maio de 2021" teriam sido evitadas (CPI da Pandemia, 2021, p.1277).

Durante todo o tempo, o Governo Federal espalhou desinformação e trabalhou contra a CoronaVac, que foi a primeira vacina aprovada pela Anvisa no Brasil (Süssekind, 2021). Muitos brasileiros morreram sem se vacinar, enquanto vários países vacinavam os seus habitantes.

Após aprovação pela Anvisa, o Brasil começou a aplicação das doses da CoronaVac, em janeiro de 2021. Além dela, o país também utilizou a vacina Oxford-AstraZeneca, produzida no Brasil pela Fiocruz.

Em lives e entrevistas à imprensa, Bolsonaro culpava governadores e prefeitos por aderirem ao lockdown (Jair Bolsonaro-Youtube, 2020), afirmava que a Covid-19 não

---

[3] BRASIL. Senado Federal. CPI da Pandemia. Relatório Final. 2021. Disponível em: https://abre.ai/kb4D. Acesso em: 10 jul. 2023.

passava de uma gripezinha e chegou a imitar uma pessoa se sufocando, um dos principais sintomas da doença que matava as pessoas por asfixia.

Ao ser indagado sobre o número de mortes que aumentava a cada dia, desdenhou com frases: “Eu não sou coveiro”, e, “E daí, lamento. Quer que eu faça o quê? Sou Messias, mas não faço milagre” (Jornal Nacional, 2020). A pandemia expôs e agravou desigualdades sociais existentes no país, com os mais pobres e vulneráveis sendo desproporcionalmente afetados pelo vírus. As desigualdades sociais no tratamento a mulheres e a racial foram determinantes para esse quadro. Um caso evidente dessa desigualdade foi apontado pelo Observatório Obstétrico Brasileiro (OOBr, 2023), no caso de mulheres grávidas e puérperas durante a Pandemia de Coronavírus (Covid-19), com a morte de 2.053, especialmente, as das Regiões Norte e Nordeste. Essas mortes ficaram distribuídas da seguinte forma: 462 óbitos maternos em 2020; 1.519 óbitos em 2021; e 72 mortes em 2022.

Segundo essa pesquisa, as mortes aconteceram especialmente nas periferias das grandes cidades que apresentaram índices próximos aos de zonas rurais mais remotas. No caso de mulheres negras, pardas e indígenas são sempre as mais negligenciadas, e durante a pandemia a morte dessas mulheres foi 62% maior do que as mulheres brancas.

Em maio de 2021, matéria veiculada no programa Bom Dia Paraíba[4] mostrou a situação no Estado, onde já se registravam 27 casos de mortes de mulheres grávidas. Inclusive, uma das mortes foi registrada ao vivo, enquanto o repórter dava um flash, direto da cidade de Campina Grande (PB), no interior do Estado. Naquele momento, a cidade contava com 16 grávidas internadas no Instituto Elpídio de Almeida (Iseia) de Campina Grande. As 27 grávidas mortas eram dos municípios de Água Branca, Alagoa Grande, Belém, Borborema, Cabedelo, Campina Grande, Cuitegi, Ingá, João Pessoa, Mamanguape, Massaranduba, Riacho dos Cavalos, Santa Rita, Santo André e Serra Branca.

De acordo com o Observatório Obstétrico Brasileiro - OOBr - (2023), o Estado da Paraíba registrou 723 casos de Covid-19 maternos e puerpérios. Desses, 49 óbitos distribuídos da seguinte forma: 13 mortes em 2020; 32 mortes em 2021 (quase o triplo do ano anterior); e 4 óbitos em 2022. A diminuição drástica do número de mortes se deu por

[4] PROGRAMA BOM DIA PARAÍBA. Pelo menos 27 grávidas morreram vítimas da Covid-19, na PB - 20/05/2021. Disponível em: https://curtlink.com/lpDwRUn. Acesso em: 30 jun. 2023.

conta da vacinação contra a Covid-19 e depois das gestantes e puérperas terem sido incluídas na prioridade de vacinação OOBr (2023).

2. FUNDAMENTAÇÃO DO LIVRO-REPORTAGEM

Antes de fundamentar e adentrar no tema próprio deste tópico é importante dizer que a escolha do livro-reportagem se deu por entender que este tipo de produto jornalístico pode proporcionar a ampliação de páginas, ou seja, de uma grande reportagem sobre o drama de famílias paraibanas vítimas da Covid-19 para um livro.

A narrativa jornalística usada no livro-reportagem é um gênero que tem como proposta noticiar fatos do cotidiano com objetividade, da forma mais clara e real, descrevendo em um desenrolar lógico e cronológico, para o leitor consumidor de notícias e informações mais verdadeiras possíveis. Mas, diante do tempo reduzido nas redações para a confecção da matéria e do espaço oferecido no jornal (Impresso, de Rádio, TV e Sites), o narrador nem sempre consegue ter total isenção para contar aquela história e transmitir todo o impacto daquele acontecimento.

Motta (2007, p.3), em artigo científico, afirma que "[...] quem narra tem algum propósito ao narrar, nenhuma narrativa é ingênua [...]". Diante dessa ponderação, o estudioso sobre narrativa jornalística observa que a análise de um texto deve "[...] compreender as estratégias e intenções textuais do narrador, por um lado, e o reconhecimento (ou não) das marcas do texto e as interpretações criativas do receptor, por outro lado [...]".

Por sua vez, Andretta (2008, p. 20) destaca que, no discurso jornalístico, "[...] a relação entre o jornalista e seu público é baseada na credibilidade conferida pelo compromisso firmado pelo jornalista com o real [...]", levando o receptor a aceitar o texto como verdadeiro. No entanto, por mais que o jornalista trabalhe uma matéria bem elaborada, o espaço no jornal diário é reduzido e, muitas vezes, um tema que poderia resultar em uma reportagem bem elaborada para o conhecimento dos leitores, fica resumido a, no máximo, uma página, o que não é suficiente para contar bem essa história.

Andrade (2017, p.15) afirma que existem notícias que merecem ser desdobradas, devido a sua profundidade. Nesses casos, ele defende que a história seja "[...] mais bem apurada e contada nos seus diversos ângulos e subjeções, especialmente [...]", quando são histórias de vida e os perfis. Segundo ele, esses casos possuem uma "[...] capacidade de

acentuar a curiosidade de quem a enxerga [...]". E acrescenta: "[...] algumas reportagens merecem mais que meia página de um jornal [...]".

Ainda discorrendo sobre a profundidade da notícia, Andrade (2017, p. 16) vai trazer à luz a existência da discussão do livro-reportagem como o "[...] caminho para o jornalismo contemporâneo e como espaço para as grandes coberturas, grandes relatos e reportagens especiais [...]". Ele relata que encontrou nesse produto a solução para traçar o perfil da mais famosa cirandeira do Brasil, em sua obra O Mito, a Mulher, a Ciranda: Lia de Itamaracá, resultado da Dissertação defendida ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (2018).

Em "A construção social da realidade no livro-reportagem", Alexandre Zarete Maciel (2015, p. 204), trata sobre a forma de trabalho dos jornalistas que investem no jornalismo literário, contando com um tempo maior para a elaboração de seu trabalho, tanto nas pesquisas documentais quanto nas entrevistas e na estruturação no texto final da reportagem que será transformada em livro. Diferentemente dos jornalistas que atuam nas redações. Maciel (2015, p. 204) compara o trabalho do jornalista que escreve livro-reportagem com o historiador:

> O autor de livros-reportagens parece se aproximar mais do trabalho do historiador, guardadas as várias diferenças entre esses olhares profissionais, pois lida com o conceito de contemporaneidade dos acontecimentos. Quando trata de períodos históricos que não viveu, ou mesmo de grupos humanos que compartilham modos de convivência incomuns, ele precisa fazer um esforço de interpretação para compreender como se organizam as visões de mundo naquela época ou comunidade. (Maciel, 2015, p. 204).

Lima (2009, p. 38) apresenta o livro-reportagem como "[...] o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos [...]". Ao utilizar esse mecanismo, o jornalista encontra espaço para contar com profundidade uma história, o que não conseguiria ao utilizar o jornalismo cotidiano impresso, radiofônico, televisivo ou mesmo em sites. Ainda sobre o livro-reportagem, o autor vai dizer que se pode "[...] entendê-lo como um sistema híbrido, com ligações fundamentais com o sistema jornalismo, em primeiro plano, e com ligações secundárias com o sistema editorial [...]".

A relação com o jornalismo estaria nos elementos procedentes de tal sistema como os autores que são jornalistas, a reportagem e dos recursos técnicos do próprio fazer jornalístico. Com o sistema editorial, a ligação do livro-reportagem se dá pelas suas peculiaridades dos meios de produção de um livro, onde são analisados o mercado editorial, o público, o esquema de distribuição, entre outras.

Um livro-reportagem é também compreendido como uma forma de narrativa não-ficcional, que combina técnicas de reportagem jornalística com elementos literários, para contar uma história ou explorar um determinado tema de forma mais aprofundada. Ele vai além das notícias e dos relatos objetivos, buscando contextualizar os eventos e apresentar diferentes perspectivas. Um livro-reportagem geralmente aborda um assunto específico e utiliza pesquisas extensas, entrevistas e investigações para fornecer informações detalhadas e uma análise mais profunda do tema em questão. Os autores de livros-reportagem costumam passar bastante tempo imersos no assunto, realizando pesquisas minuciosas e entrevistando pessoas envolvidas para obter uma compreensão abrangente da história.

Essa forma de escrita é comumente utilizada para tratar de questões sociais, políticas, ambientais ou históricas complexas. Os autores buscam criar um retrato vívido e envolvente dos eventos. Um livro-reportagem pode abordar desde histórias locais e pessoais até eventos de escala global. Ele oferece ao leitor uma oportunidade de aprofundar-se em um tema específico e obter uma compreensão mais completa do assunto em questão, ao mesmo tempo que proporciona uma experiência de leitura enriquecedora.

Existem vários autores que escreveram sobre o livro-reportagem, um veículo de comunicação que combina técnicas jornalísticas e narrativas para contar histórias de forma mais aprofundada e envolvente. Entre os estrangeiros, os mais conhecidos escritores que optaram por esse meio foi Tom Wolfe (1900/1938), autor norte-americano conhecido por seu estilo jornalístico e sua obra “A Fogueira das Vaidades” (2018). Wolfe defende que o livro-reportagem deve ser uma forma de literatura não ficcional que utilize técnicas narrativas para contar histórias reais.

Tom Wolfe é um dos pioneiros do Novo Jornalismo, uma abordagem que mistura técnicas literárias com reportagem factual. Seu livro “The Electric Kool-Aid Acid Test” acompanha a jornada do autor ao lado do líder do movimento hippie, Ken Kesey, e sua

trupe de seguidores psicodélicos, proporcionando uma visão imersiva da contracultura dos anos 1960.

Outro autor americano é Gay Talese (1932), também jornalista e escritor. Hoje o autor está com 92 anos - completados em 2024 - escreveu romance reportagem "A Mulher do Próximo "(*Thy Neighbor's Wife*, 2022), explorando temas como sexualidade e tabus sociais. Talese enfatiza a importância dos detalhes da vida íntima de uma mulher, com uma narrativa descritiva e precisa. Gay Talese é conhecido por sua abordagem imersiva e detalhista na reportagem. Seu livro "Fama e Anonimato" (*Fame and Obscurity*, 2004) descreve sua experiência como repórter iniciante e explora as tensões e os desafios enfrentados pelos jornalistas ao cobrir histórias reais.

Truman Streckfus Persons, mais conhecido por Truman Capote (1924/1984), autor do livro "A Sangue Frio" (*In Cold Blood*, 2003), é considerado um marco na história do jornalismo literário. Capote narra detalhadamente o brutal assassinato de uma família no Kansas em 1959, utilizando técnicas literárias para criar um retrato psicológico dos assassinos e mergulhando na investigação e nas consequências do crime (Trumam, 2009).

Uma autora e jornalista americana conhecida nos Estados Unidos é Joan Didion (1934/2021), que mesmo sendo ensaísta também incorpora elementos do jornalismo literário em seus trabalhos. "*Slouching Towards Bethlehem*" (Caminhando em direção a Belém, 2008) é uma coletânea de ensaios que explora a contracultura da Califórnia nos anos 1960, oferecendo uma visão pessoal e reflexiva dos eventos e personagens da época (Didion, 2008).

Outro autor americano considerado como escritor na linha de livro-reportagem é Jon Krakauer (1954), o livro "Na Natureza Selvagem" (*Into the Wild*, 1998) é um exemplo do estilo de Jon Krakauer, que combina jornalismo investigativo com narrativa literária. Ele conta a história verídica de Christopher McCandless, um jovem que abandonou sua vida convencional para viver na natureza selvagem do Alasca, e reflete sobre as motivações e as consequências dessa escolha (Krakauer, 2018). Outra mulher americana autora de livro reportagem é Katherine Boo, que é também jornalista investigativa. Ela escreveu "A Outra Face de Deus" (*Behind the Beautiful Forevers*). Boo defende uma abordagem imersiva no livro-reportagem, passando longos períodos com seus personagens e utilizando técnicas de narrativa literária para trazer suas histórias à vida. O

livro foi vencedor do *National Book Award*, nomeado um dos dez melhores livros de não-ficção da década (Boo, 2014).

No Brasil, também vários autores escreveram livro-reportagem com a mescla das técnicas de reportagem jornalística com elementos da narrativa literária. Entre os brasileiros, pode-se citar Laurentino Gomes, que embora seja mais conhecido por seus livros de história, como "1808" e "1822", também escreveu "1889", uma obra que utiliza técnicas de livro-reportagem para abordar a Proclamação da República no Brasil.

Uma autora brasileira que vem se destacando no cenário é a jornalista e escritora Eliane Brum, com seus livros-reportagens, como "A vida que ninguém vê" (2006), que retrata histórias de pessoas comuns e invisíveis da sociedade brasileira. Uma das últimas obras da autora, lançadas em 2021, que também possui característica de livro-reportagem, é "Banzeiro Òkòtó: A Amazônia como centro do mundo", que é um verdadeiro apelo a mudança radical para criação de uma nova conscientização do ser humano, que é capaz ao mesmo tempo de enfrentar a potencial extinção de nossa espécie. Nele, Brum revela as ligações diretas entre desigualdades estruturais enraizadas em gênero, raça, classe e até espécie, e o sofrimento que o capitalismo e o colapso climático causam naqueles que são menos responsáveis por eles.

O título do livro Banzeiro *Òkòtó*, segundo a autora, apresenta palavras de duas tradições culturais e linguísticas: banzeiro é como o povo amazônico chama o lugar onde o rio se transforma em um vórtice assustador, e *òkòtó* é a palavra *iorubá* para uma concha que espirala para o infinito (Brum, 2021). Assim como o rio Xingu, girando enquanto corre, este livro é um documento feroz de transformação defendendo a centralidade da Amazônia para nossas vidas.

A escritora Daniela Arbex (2019) também é reconhecida por seu trabalho investigativo, escreveu "Holocausto Brasileiro", um livro-reportagem que expõe os abusos e violações de direitos humanos ocorridos no Hospital Colônia de Barbacena, em Minas Gerais. Em reportagem consagrada, Daniela Arbex denuncia um dos maiores genocídios do Brasil, no hospital Colônia, em Minas Gerais. No Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena, conhecido apenas por Colônia, ocorreu uma das maiores barbáries da história do Brasil. O centro recebia diariamente, além de pacientes com diagnóstico de doença mental, homossexuais, prostitutas, epiléticos, mães solteiras,

meninas problemáticas, mulheres engravidadas pelos patrões, moças que haviam perdido a virgindade antes do casamento, mendigos, alcoólatras, melancólicos, tímidos e todo tipo de gente considerada fora dos padrões sociais.

Caco Barcellos é um jornalista e escritor contemporâneo que está na lista de um dos grandes nomes brasileiros pelo trabalho sério e profundo que vem realizando nos últimos anos. Ele é autor de "Rota 66" (1992) e "Abusado" (2003), obras que exploram a violência urbana e as questões sociais relacionadas ao crime organizado no Brasil. O seu método foi analisado e resultou em tese de doutorado defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pela professora-doutora Sandra Regina Moura, em 2022.

Outro grande é Gilberto Dimenstein, falecido em 2020. Ele foi jornalista e escritor brasileiro. Seu livro "O Cidadão de Papel" é considerado um clássico do livro-reportagem no Brasil, abordando questões sociais e direitos humanos. Esses são apenas alguns exemplos de autores que escreveram sobre o livro-reportagem e suas opiniões sobre o gênero. Cada autor possui sua própria perspectiva e estilo, mas todos compartilham a ideia de que o livro-reportagem é uma forma poderosa de contar histórias reais com elementos narrativos cativantes.

2.1 ENTREVISTAS E FONTES

Dois elementos importantes para produção de um livro-reportagem são as entrevistas e as fontes escolhidas. Medina (2002, p.7) afirma em" Entrevista: o Diálogo Possível" que a entrevista, nas suas diferentes aplicações, "[...] é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando, assim, isolamentos grupais, individuais e sociais [...]".

Em suas concepções, Medina (2002, p. 8), citando o autor A. Garret (1981), explica que a entrevista possui princípios e métodos que acabam por ampliar o âmbito dessa prática humana. Na sua concepção teórica, saber projetar corajosamente a técnica para a arte é essencial. Ainda citando Garret a autora identifica no entrevistar, acima de tudo, a arte de ouvir, perguntar, conversar:

> Todas as pessoas, de uma maneira ou de outra, são envolvidas na entrevista, ora entrevistando, ora sendo entrevistadas. Admite também que qualquer dessas situações contém aspectos objetivos e subjetivos. (Medina apud Garret, 2002, p.8).

Nos antigos jornais impressos e revistas, a prática na condução de uma entrevista era essencial, uma vez que escutar, perguntar e saber conversar eram objetivos primeiros. No entanto, é relevante que se diga que nos livros-reportagens, o que existe é um aprofundamento neste processo de ouvir, perguntar e conversar. Tem-se que saber realizar as perguntas sugeridas na pauta ou que são essenciais para o fato ocorrido. O jornalista deve ampliar e aprofundar as perguntas e questões.

Citando o teórico francês Edgar Morin, a autora Medina (2002, p. 15) comenta que a entrevista pode ser classificada em quatro tipos. E, baseando-se nos livros-reportagens, pode-se citar o recurso da entrevista-diálogo. Em certos casos felizes, a entrevista torna-se diálogo, dependendo do domínio no assunto, de quem está entrevistando. Este diálogo passa a ser uma conversação "aleatória", uma busca em comum para o desenrolar dos fatos. Ou como se referiu Medina apud Morin (2002, p.15): "[...] o entrevistador e o entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade que pode dizer respeito à pessoa do entrevistado ou a um problema [...]".

De certa forma, assim como enfatiza Medina (2002, p. 16), a entrevista jornalística, em primeira instância, "[...] é uma técnica de obtenção de informações que recorre ao particular [...]". Por isso que, na maioria das vezes, a fonte individualizada lhe dá crédito. Às vezes, por mal entendimento ou distorção de poder nas sociedades, muitas vezes, se atribui esse crédito apenas às fontes oficiais ou de poder, seja ele político, econômico, científico ou cultural.

Pode-se observar que o jornalismo praticado nas obras de Caco Barcellos, Eliane Brum, Gay Talese buscando outras fontes, especialmente documentais, não dando exclusividade às fontes oficiais, proporciona ao leitor se afastar da unilateralidade da informação, na qual apenas os poderosos ou especialistas a possuem.

No gênero notícia, basicamente informativo, não se permitem certos "luxos linguísticos e narrativos" com o entrevistado, como captar um perfil de uma história de vida intimista e revelar comportamentos, valores, crenças, hábitos, traquejos ou cacoetes.

Medina (2002, p. 19) afirma também que a entrevista, com "grandes personalidades" e "grandes figuras", tem raízes históricas mais antigas que o simples perfil intimista.

O jornalismo informativo mercadológico de venda ampla e garantida, desde que surgiu, sempre apelou para a espetacularização dos fatos (ou olimpiano), e não foi diferente o que se viu na Pandemia do Coronavírus, nos meios televisivos. O perfil humano surgido no final de década de 1960 e início de 1970, no Brasil, esperava-se mais maturidade nas entrevistas e no aproveitamento dos indivíduos como fonte original e única de informação, mas não foi o que aconteceu.

Sobre este aspecto da entrevista Medina (2002, p. 15) vai dizer que hoje "[...] os espaços de pseudo humanização que, de fato, são apenas hinos ao vedetismo dos tipos bem situados na bolsa de valores da sociedade de consumo [...]". Outro autor, Nilson Lage (2001, p. 74), vai dizer que a entrevista "[...] é o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo [...]". É uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos.

Em sua obra, Lage cita algumas entrevistas realizadas nos livros-reportagens e as obras em que a prática do jornalismo narrativo em profundidade é dada como certa. Segundo Lage (2001, p.74):

> Do ponto de vista dos objetivos, as entrevistas podem ser em profundidade: o objetivo da entrevista, aí, não é um tema particular ou um acontecimento específico, mas a figura do entrevistado, a representação de mundo que ele constrói; uma atividade que desenvolve ou um viés de sua maneira de ser geralmente relacionada com outros aspectos de sua vida. Procura-se construir uma novela ou um ensaio sobre o personagem, a partir de seus próprios depoimentos e impressões. (Lage, 2001, p. 74).

No que se refere às circunstâncias de realização, as entrevistas são, segundo Nilson Lage (2001, p. 77), dialogais. De acordo com o autor, a entrevista marcada com antecipação "[...] reúne entrevistado e entrevistador em ambientes controlado-sentados [...]". Foi o que se realizou em algumas entrevistas de pessoas que foram contaminadas pelo vírus e tiveram membros de sua família levados pela doença. A todo momento foi necessário construir ou reconstruir o tom das conversas, que evoluiu e permitiu-se o aprofundamento e detalhamento de pontos delicados.

Lage (2001) ainda afirma que há diferentes formas de apresentar a entrevista. De acordo com sua classificação, a obra "A marca dos Anjos", de Amanda Yvina, apresenta o conteúdo em forma de perfil, exposição do entrevistado, em que sentenças que expressam proposições mais gerais ou tópicos frasais presidem outras mais específicas.

Tendo por base as narrativas da jornalista Eliane Brum, na obra A vida que ninguém vê (2006), a repórter busca fatos, acontecimentos, pessoas, que "não viram notícias" e mergulha no cotidiano para provar que não existem vidas comuns. Outro autor, Gay Talese em "Fama e Anonimato" (1973), existe um retrato agudo do universo urbano de Nova York.

Nesta proposta de contar em um livro-reportagem, de uma forma humanizada, o impacto da pandemia nas famílias arrasadas pelas perdas de seus entes queridos para a Covid-19, buscou-se o efeito de aproximação entre o fato ocorrido (a pandemia) e ter ao mesmo tempo a liberdade para registrar os acontecimentos daquele período, trazendo o sujeito para o primeiro plano, assim como sugere Vilas Boas, em O Estilo Magazine*: o* texto em revista (1996, p. 93):

> [...] o livro-reportagem oferece maior gama de possibilidades e amplitudes. O recurso de 'documentar' pode ser usado e abusado. Não há por que tratar o fato ou acontecimento gerador da 'pauta' em primeiro plano. Ocorre, isto sim, um desdobramento da 'situação' e da 'questão' envolvidas. Assim, a matéria ganha em fundamentação e sustentação, pois trata-se de uma coleta de dados ainda mais criteriosa. (Vilas Boas, 1996, p. 93).

O autor Lima (2008), ao explicar a obra de Vilas Boas (1996), afirma que a prática do livro-reportagem permite o aprofundamento do tema e que o fato noticioso não se torne efêmero, como acontece em jornais, revistas e em emissoras de rádio e televisão:

> O livro-reportagem cumpre um relevante papel, preenchendo os vazios informativos deixados pelo jornal, pela revista, pelas emissoras de rádio, pelos noticiários de televisão. Mais do que isso, avança para o aprofundamento do nosso tempo, eliminando, parcialmente que seja, o aspecto efêmero da mensagem da atualidade praticada pelos canais cotidianos da informação jornalística. (Lima apud Vilas Boas, 1996, p.87).

Este trabalho busca exercitar a sensibilidade, percepção e estilo de Vilas Boas, flertando, no entanto, com uma narrativa jornalística que possa despertar no leitor o interesse pela leitura.

No que se refere às fontes, elas desempenham um papel essencial na comunicação e no jornalismo. São as vozes que fornecem informações, opiniões e dados para os jornalistas, permitindo que se relatem e apresentem notícias de maneira precisa e completa. Uma fonte jornalística confiável e bem-informada é um ativo inestimável para qualquer jornalista sério e é fundamental para a qualidade e a credibilidade de uma reportagem.

No campo da pesquisa e do conhecimento, as fontes de informação são as diversas fontes nas quais pode-se obter dados, fatos e conhecimentos. Elas podem incluir livros, revistas científicas, jornais, sites, bancos de dados acadêmicos, entrevistas, documentos governamentais, entre outros. Essas fontes de informação são usadas para embasar argumentos, sustentar teses, realizar estudos, entre outros fins. É importante avaliar a qualidade, a credibilidade e a confiabilidade das fontes de informação para garantir a validade dos dados e do conhecimento obtidos.

O sociólogo, professor e ensaísta italiano Mauro Wolf, em sua obra Teorias da Comunicação (2008, p. 120), reflete sobre quem são as fontes e como se relacionam com os jornalistas. Um dos momentos intrínsecos de seu livro é quando ele fala sobre as rotinas produtivas da notícia. Ele analisa que do ponto de vista do interesse da fonte em ter acesso aos jornalistas (Teoria de Herbert Gans), os fatores relevantes parecem ser quatro:

> a) os incentivos;
>
> b) o poder da fonte;
>
> c) a sua capacidade de fornecer informações credíveis;
>
> d) a proximidade social e geográfica em relação aos jornalistas. (Wolf, 2008, p. 220).

Na verdade, o autor considera apenas uma como determinante no processo de produção jornalística. O fator determinante é o quarto, os outros três são complementares. Wolf faz ainda uma diferenciação entre os tipos de fontes e as verdadeiras fontes são aquelas diferentes das agências de notícia e informações (assessorias). De acordo com Cesareo (1981, p. 82, apud Wolf, 2008, p. 220),

> [...] as agências apresentam-se já como empresas especializadas, inerentes ao sistema da informação, e executam um trabalho que é já de confecção, enquanto as fontes estáveis [...] não se dedicam exclusivamente à produção de informação [...] colocando-se, portanto, numa fase avançada do processo produtivo [...]. (Cesareo, 1981, p. 82, apud Wolf, 2008, p. 220).

Uma fonte jornalística pode ser qualquer pessoa ou entidade que possua conhecimento, experiência ou informações relevantes sobre um determinado assunto. Isso pode incluir especialistas acadêmicos, profissionais de determinada área, testemunhas oculares, autoridades governamentais, líderes comunitários, representantes de organizações sem fins lucrativos e outros. O jornalista depende dessas fontes para obter informações de primeira mão e desenvolver uma visão completa de um evento ou tópico.

O americano Herbert Gans, nos livros "*Deciding What's News*" e "Negócio na Relação Fonte-jornalista" (EUA, 1979), estudou o comportamento dos jornalistas na CBS, NBC, Time e Newsweek. Definiu três tipos de fontes informativas: a) institucionais; b) oficiais ou estáveis e c) provisórias.

Para Gans (1979) o jornalista "[...] não se pode dar ao luxo de romper com um assessor sem mais nem menos porque precisa dele [...]". No entanto, ao selecionar suas fontes que vai escutar, os jornalistas devem priorizar a precisão, a objetividade e a imparcialidade. Eles devem buscar fontes confiáveis e verificáveis que possam fornecer informações precisas e baseadas em fatos. Isso é importante em um cenário em que as notícias falsas e a desinformação são amplamente difundidas. E neste período de pandemia do Sarscov-2 a desinformação e as notícias falsas sobre o vírus, a doença, a vacina e as prevenções foram responsáveis também pela morte de várias pessoas, aliada a falta de sensibilidade do Governo Federal brasileiro naquele momento.

Com o advento da era digital, as fontes jornalísticas também se expandiram para incluir dados e informações disponíveis online. Os jornalistas podem usar fontes digitais, como bancos de dados públicos, relatórios governamentais, estudos acadêmicos e redes sociais, para enriquecer suas reportagens. No entanto, eles devem ter cuidado ao usar informações online e verificar sua autenticidade e confiabilidade.

O teórico cultural Stuart Hall (1977) escreveu extensivamente sobre os meios de comunicação e no ensaio "Encoding/Decoding", ele discute como as fontes de notícias podem moldar a forma como os eventos são representados e interpretados pelos jornalistas e pelo público.

As fontes podem ser citadas de diferentes maneiras em uma reportagem. Às vezes, as informações podem ser fornecidas em um contexto *off-the-record*, onde o jornalista pode usar as informações, sem identificar a fonte. Em outros casos, as fontes podem ser citadas anonimamente para proteger sua identidade, especialmente em situações em que revelar sua identidade poderia causar danos ou represálias. No entanto, os jornalistas devem ser cautelosos ao usar fontes anônimas, pois isso pode prejudicar a credibilidade da reportagem. O uso de fontes anônimas deve ser limitado a situações em que há uma justificativa clara e a informação não pode ser obtida de outra forma.

De forma geral, as fontes jornalísticas são um pilar essencial do jornalismo. Elas fornecem informações, opiniões e dados que permitem aos jornalistas relatarem notícias de maneira precisa e completa. As fontes devem ser confiáveis, imparciais e independentes, garantindo assim a qualidade e a credibilidade das reportagens. No mundo digital, as fontes também podem incluir dados e informações disponíveis online, mas os jornalistas devem ser cautelosos ao verificar sua autenticidade. Em última análise, as fontes jornalísticas desempenham um papel crucial na busca da verdade e no fornecimento de informações aos leitores, capacitando-os a tomar decisões informadas e compreender o mundo ao seu redor.

3. JORNALISMO INVESTIGATIVO

O processo de apuração deste livro-reportagem "Jamais Pensei – Dor e Luto da Covid-19" aciona técnicas do Jornalismo Investigativo, como os recursos que envolvem a ampliação de fontes e o aprofundamento das informações, indo além do chamado jornalismo factual.

O Jornalismo Investigativo, costumeiramente, é associado a investigações que envolvem crimes de corrupção, tráfico de drogas, pedofilia, enfim, a fatos relacionados a assuntos políticos e/ou policiais. Nessa linha, está um dos casos emblemáticos do jornalismo de investigação, o *Watergate*, que provocou a renúncia de Richard Nixon à Presidência dos Estados Unidos. Nos anos de 1970, segundo Sequeira (2005, p. 197),

> [...] os repórteres investigativos Carl Bernstein e Bob Woodward publicaram reportagem no *The Washington Post* denunciando o envolvimento do então presidente em um dos maiores escândalos políticos em que membros do Partido Republicano tentaram instalar um sistema de espionagem na sede do Partido Democrata dos Estados Unidos e foram descobertos [...] (Sequeira, 2005, p. 197).

Cabe ressaltar que nem todo jornalismo de investigação se restringe a casos de irregularidades, mentiras, trapaças. Pode-se considerar Jornalismo Investigativo também aquela especialidade que, de acordo com Belo (2023, p. 50) "[...] penetra fundo na alma do personagem, que busca conhecer seus hábitos, sua cultura ou retratar com minúcias o modo de vida de uma época [...]", contextualizando os fatos, levantando dados novos.

A pesquisa para este livro-reportagem se apoia nos pressupostos desta definição de jornalismo de investigação que se aprofunda nas histórias de vida das personagens, compreendendo suas ações, atitudes, revelando sentimentos, enfim, de modo a humanizar o relato. O Jornalismo Investigativo ou como chamam alguns autores "de investigação", se refere à prática de reportagem especializada em desvendar mistérios e fatos ocultos do conhecimento público, especialmente os escondidos ou que nunca foram relatados, mas que viraram notícia.

O Jornalismo Investigativo é uma forma de reportagem em que os jornalistas realizam pesquisas aprofundadas, análises extensas e entrevistas detalhadas para descobrir informações, fatos e verdades ocultas. De certa forma, na nossa pesquisa, foi isto que buscamos, até o momento, com a apuração e realização, principalmente de entrevistas. Mas, para chegar até aqui foi importante compreender as características do livro-reportagem e sobre essa forma de reportagem.

São várias as definições e entendimentos sobre o jornalismo de investigação. A Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) convidou profissionais de imprensa e estudantes de jornalismo para um painel que apresentou diferentes visões sobre o Jornalismo Investigativo, no Seminário de Comemoração dos 10 anos da Associação, em 2012. Dentre as definições que se aproximam do nosso objeto é a de autoria da diretora da Abraji e editora de O Globo, Angelina Nunes:

> Jornalismo investigativo é todo trabalho de jornalista que não se limita ao release, ao declaratório. O que o repórter deve fazer é cruzar dados, fuçar orçamento, ler editais, destrinchar leis, ouvir mais personagens, buscar as informações escondidas nas estatísticas. Uma boa matéria dá trabalho, requer tempo, algum dinheiro e capacitação. (Angelina Nunes, 2012, p. 3).

Os jornalistas investigativos geralmente se dedicam a investigar histórias complexas e delicadas que requerem tempo, recursos e habilidades especiais. Eles seguem pistas, analisam documentos, entrevistam fontes confidenciais e conduzem extensas pesquisas para reunir evidências sólidas. Ao contrário de outras especialidades jornalísticas, o Jornalismo Investigativo não se limita apenas à divulgação de eventos atuais, mas também procura aprofundar-se em questões que muitas vezes passam despercebidas ou são encobertas. Para melhor compreensão e preencher a lacuna da profissão a Unesco, em 2013 lançou o "A Investigação a partir de histórias – Um manual para jornalistas investigativos", organizado por Mark Lee Hunter (2013). Em um dos muitos temas escritos na coletânea está a compreensão de Mark Lee Hunter e Nils Hanson (2013, p. 8) de que:

> [...] o jornalismo investigativo envolve expor ao público questões que estão ocultas – seja deliberadamente por alguém em uma posição de poder, ou acidentalmente, por trás de uma massa desconexa de fatos e circunstâncias que obscurecem a entendimento [...]. (Mark Lee Hunter e Nils Hanson, 2013, p. 8).

Com a intenção de facilitar a compreensão os Hunter e Hanson (2013, p. 9) criaram quadros explicativos, como abaixo (quadro 1), em que mostram a diferença do jornalismo convencional e do jornalismo investigativo.

Quadro 1 – Diferença entre jornalismo convencional e investigativo, na pesquisa

JORNALISMO CONVENCIONAL	JORNALISMO INVESTIGATIVO
Pesquisa	
As informações são reunidas e relatadas a um ritmo fixo (diário, semanal, mensal).	As informações não podem ser publicadas até que a sua coerência e completude estejam garantidas.
A pesquisa é completada com rapidez. Não se faz uma pesquisa adicional uma vez que a história esteja completa.	A pesquisa continua até que a história esteja confirmada, e pode continuar após a sua publicação.
A história se baseia em um mínimo necessário de informações, e pode ser bastante curta.	A história se baseia no máximo possível de informações, e pode ser bastante longa.
As declarações das fontes podem substituir a documentação.	A reportagem requer uma documentação capaz de apoiar ou negar as informações das fontes.

Fonte: Hunter e Hanson (2013, p. 9)

Na mesma obra os autores ainda falam sobre a relação com as fontes e os resultados. E foi o que buscou-se fazer nesta pesquisa para edição do livro-reportagem: entrevistar pessoas, pesquisar incansavelmente dados, documentos de todos os tipos e fontes que ajudem a compor a obra que se intitula "Relatos de famílias destruídas pelo coronavírus na Paraíba".

3.1 BREVE HISTÓRIA DO JORNALISMO INVESTIGATIVO

Um dos casos do Jornalismo Investigativo surgiu em 1955, nos Estados Unidos, depois da Segunda Guerra Mundial, quando os jornalistas das revistas *Life* e *Look* passaram a ter uma postura mais crítica ao governo americano e sua participação na Guerra do Vietnã. Sobre essa época histórica Sequeira (2005, p.197) relata:

> Richard Nixon, apesar de tentar evitar que a Guerra do Vietnã tirasse sua popularidade, acabou envolvido em um dos maiores escândalos políticos que passou a ser conhecido como o Caso Watergate. Em 18 de junho de 1972, o caso que envolvia o presidente dos EUA, Richard Nixon, marcou o jornalismo

> investigativo. O episódio ocorreu quando membros do Partido Republicano (Estados Unidos) tentaram instalar um sistema de espionagem na sede do Partido Democrata (Estados Unidos) e foram descobertos. (Sequeira, 2005, p. 197).

Logo após Nixon sofreu um processo de *impeachment* que acabou não chegando até o fim porque ele renunciou ao cargo de presidente. A reportagem sobre o caso foi veiculada no *The Washington Post*, de autoria dos jornalistas Carl Bernstein e Bob Woodward. Sequeira (2005, p. 198) conta ainda que a consolidação do Jornalismo Investigativo aconteceu quando o jornal *Philadephia Bulletin* que investigou e denunciou casos de corrupção policial na cidade. A reportagem recebeu o prêmio *Pulitzer* (1964), que em 1989 foi dado também ao *Atlanta Journal of Constitution*, pela série de reportagens intitulada "The color of Money", de autoria do jornalista Bill Dedman, que denunciava a discriminação racial nas instituições de crédito em Atlanta.

Enquanto isso no Brasil, em 1964, o país vivenciava o duro período da ditadura militar, em que a imprensa estava sob censura dentro das redações. A abertura política começou acontecer em 1974, mas só dois anos depois é que ocorre a suspensão da censura. Neste período o jornal *Estadão* publica uma reportagem intitulada "Assim vivem os nossos superfuncionários", em que denunciava a corrupção do setor público, mostrando os privilégios e regalias dos ministros e altos funcionários em Brasília e em vários Estados do país.

A Revista Veja, no ano de 1979, também publicou a reportagem investigativa "Descendo aos Porões", de autoria do repórter Antônio Carlos Fon, em que falava sobre a tortura no período da ditadura e ainda presente na polícia brasileira.

3.2. CARACTERISTICAS DO JORNALISMO INVESTIGATIVO

Márquez (1997) afirma que todo jornalismo deve ser, por definição, investigativo. Sodré e Ferrari (1986, p. 15) enfatizam que o Jornalismo Investigativo se utiliza das principais características de uma reportagem, ou seja, "[...] predominância da forma narrativa, humanização do relato, texto de natureza impressionista e a objetividade dos fatos narrados [...]".

Mas, para os autores Cleide Floresta e Ligia Braslauska (2009, p. 100), existem três características básicas que definem o exercício do Jornalismo Investigativo, que são:

> a) a elaboração da investigação deve ser realizada, preferencialmente, pelo jornalista, e não por outras áreas, como a justiça, a polícia e interessados;
> b) a investigação se realiza por meio da superação de tentativas de obstáculos e empecilhos por parte de algum poder interessado em esconder informações;
> c) os temas são de interesse público. (Cleide Floresta e Ligia Braslauska, 2009, p. 100).

O jornalismo de investigação, em sua maioria se concentra em crimes, fraudes, desvio de verbas públicas, crimes ambientais, prostituição de menores e outros. No entanto, ele pode ser também uma investigação de algo mais "ameno" ou que se deseja reparar ou fazer justiça, como no caso de nosso objeto de investigação (as famílias enlutadas pela covid-19). Quanto ao formato da reportagem investigativa os autores espanhóis Kovac e Rosentiel (2003, p. 90) detectaram em suas pesquisas três tipos distintos que são:

> Original - É aquela que envolve os próprios repórteres na descoberta e documentação de atividades até então desconhecidas do público. Segundo a teórica Cleofe Monteiro de Sequeira (2005), "[...] esse tipo de reportagem quase sempre acaba em investigações públicas oficiais sobre o tema denunciado". No caso, os repórteres investigativos podem usar táticas similares ao trabalho investigativo policial, como consultar documentos públicos, usar informantes e, dependendo das circunstâncias, até fazer trabalho secreto.
>
> Interpretativa - Tem como principal diferencial ante a reportagem investigativa original o fato de que, enquanto a original revela informação inédita, a interpretativa surge como resultado de uma reflexão cuidadosa e analítica, fornecendo ao público um melhor entendimento do que se passa e normalmente envolve assuntos mais complexos ou um conjunto de fatos e revela uma nova forma de olhar para um acontecimento.
>
> Sobre investigação - Trata-se de um desdobramento recente do conceito. Esse tipo de reportagem origina-se da descoberta do vazamento de informação de uma investigação oficial em andamento ou em processo de preparação por outras fontes, geralmente agências governamentais. (Bill Kovac e Tom Rosentiel 2003, p. 90).

Com relação ao formato de nosso livro-reportagem sobre as famílias paraibanas enlutadas pela covid-19 foi estabelecido um formato de apresentação, prefácio e a narrativa distribuída em sete capítulos, cada um tratando da história de uma família que perdeu parentes para a covid-19 na Paraíba.

O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, elaborado pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), fixa normas informando sobre direito à informação e o interesse público. No entanto, o artigo sexto do Código, que trata do dever do jornalista, no inciso 8º, remete "[...] ao direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão [...]". No 11º artigo, inciso 3º, aponta que,

> [...] o jornalista não pode divulgar informações obtidas de maneira inadequada, por exemplo, com o uso de identidades falsas, câmeras escondidas ou microfones ocultos, salvo em casos de incontestável interesse público e quando esgotadas todas as outras possibilidades de apuração. (Código de Ética dos Jornalistas Brasileiro, FENAJ, 2014).

Nesta apuração para o livro-reportagem em questão, cabe ressaltar, cada história é única e apresenta seus próprios desafios e dilemas éticos. Mas em todos eles estão sendo mantidos o respeito aos integrantes das famílias de darem entrevistas, por livre e espontânea vontade, e o acordo de autorização dos entrevistados para a gravação em áudio dos depoimentos. Mais detalhadamente, os procedimentos metodológicos serão explicados a seguir.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a concretização desta pesquisa, que teve o objetivo de produzir um livro-reportagem sobre a dor e luto das famílias destruídas pelo coronavírus na Paraíba foram usadas, de início, duas técnicas metodológicas: A primeira para fazer um levantamento sobre casos de mortes por Covid-19 noticiados pela imprensa e como esses fatos vinham sendo tratados.

A segunda, para identificar e selecionar os casos e pessoas que serviriam como base para o trabalho a ser desenvolvido. Utilizando a primeira técnica, buscou-se as matérias veiculadas nos meses de março, abril e maio de 2021, período em que, de acordo com dados gráficos do Laboratório Central de Saúde Pública da Paraíba. (LACEN-PB, 2021), ocorreu o maior número de mortes por Covid-19 e/ou sequelas deixadas pela doença.

O levantamento foi feito nas TVs Cabo Branco e Paraíba pertencentes à Rede Paraíba de Comunicação que é composta de um conglomerado de rádios, TVs, Portal e Jornal Web. Ao todo foram coletadas e analisadas 99 notícias veiculadas no Jornal "Bom Dia Paraíba", abaixo (quadro 2) foram selecionadas 10 delas que mais chamaram a atenção e despertaram interesse, o restante está inserida nos anexos deste relatório.

O que se observa à primeira vista é que o material apresentado no programa Bom Dia Paraíba não se caracteriza como reportagem investigativa e não tem aprofundamento que deveria conter. Elas não podem ser caracterizadas como reportagens, mas, matérias informativas. De posse do material pesquisado (matérias e não reportagens) foi feita uma análise dos critérios de noticiabilidade e dos valores-notícia adotados pela editoria do "Bom dia Paraíba" na seleção de notícias sobre as mortes por Covid-19, à luz dos estudos de Silva (2005), e qual a probabilidade de "um morto comum" ser valor-notícia para ocupar um espaço no noticiário? Ou seja, verificou-se se todas as classes sociais estavam representadas nas matérias e se a dor e o luto estavam presentes nas entrevistas com familiares e amigos. A escolha desses veículos de comunicação se deu pela abrangência que eles têm no Estado e por apresentarem os melhores índices de audiência em pesquisas Ibope. Os tipos de notícias sobre Covid-19 encontradas no Bom Dia Paraíba, em três meses de pesquisa foram as mais diversas.

Diariamente, as matérias veiculadas no telejornal trouxeram dados estatísticos no Estado, detalhando o número total de mortos, os casos a cada 24 horas, a ocupação dos leitos disponibilizados pelos hospitais, o número de recuperados, mortes isoladas de pessoas proeminentes, o número de mortos e enterros que deixaram os cemitérios em colapso na Paraíba, entre tantas outras questões de mortes.

Quadro 2 – Material encontrado em 2020/2021

	Título	Programa	Data	Disponível/Acesso
1	Irmãos que estavam internados com Covid-19 morrem no mesmo dia na Paraíba, diz família	Portal G1 Paraíba	16/06/2020	https://curtlink.com/bM6lhWB Acesso em: 10 Jan. 2020.
2	Paraíba tem 222.259 casos confirmados por coronavírus	JPB 1	2/3/2020	https://curtlink.com/SRXppee Acesso em: 6 Mar. 2022
3	Paraíba confirma 22 mortes por coronavírus em 24h	Bom Dia PB	05/3/2021	https://curtlink.com/iNc4cpk Acesso em: 7 Mar. 2022.
4	Paraíba ultrapassa 280 mil casos confirmados por coronavírus	Bom Dia PB	19/4/2121	https://curtlink.com/VvzWh40 Acesso em: 7 Mar. 2022.
5	Veja a história de famílias que precisaram enterrar mais de um parente por Covid-19, na PB	Bom Dia PB	12/3/2021	https://curtlink.com/PaUQb76 Acesso em: 10 Mar. 2022.
6	Reportagem do Fantástico mostra a história de famílias órfãs por causa da pandemia	Bom Dia PB	15/3/2021	https://curtlink.com/WA6Wiqp Acesso em: 1 Abr. 2022
7	Médico que perdeu filho e esposa para a Covid-19 relata dor das perdas	Bom Dia PB	18/3/2021	https://curtlink.com/gBIPQga Acesso em: 11 Mar. 2022.
8	Casal morre de Covid-19 com menos de 24 horas de diferença, no Sertão da PB	Bom Dia PB	18/3/2021	https://curtlink.com/AQhh3o4 Acesso em: 11 Mar. 2022.
9	Cemitérios de João Pessoa entram em colapso com a alta no número de mortes por Covid-19	Bom Dia PB	24/3/2021	https://curtlink.com/nIIVVgQ Acesso em: 12 Mar. 2022
10	Assistente social morre de Covid-19 nove dias após morte do marido pela mesma doença, na PB	Portal G1 PB	29/3/2021	https://curtlink.com/2NgS45N Acesso em: 14 Mar. 2022.

Fonte: Autoria própria

O mês de março de 2021 foi considerado o pior período da pandemia de coronavírus na Paraíba, devido ao grande número de mortes registrado em um pequeno espaço de tempo. O Estado bateu recorde de mortes, com uma média diária de 40, 2 mortos. Foram registrados nos 31 dias, 1.248 mortes, quase três vezes mais que o mês

anterior (fevereiro/2021), que teve 440 mortes, segundo matéria dos jornalistas Queiroz e Douglas, no dia 23 de junho de 2021.[5]

Dentre os tristes recordes estava a busca por internação, com uma média diária de 70 pessoas buscando vagas em hospitais do Estado, como consta na reportagem do programa Bom Dia PB, da jornalista Felícia Arbex, no dia 8 de março de 2021[6]. O número de mortes por dia também alarmou, tendo sido registradas 50 mortes, em 24 horas, do dia 11 para o dia 12 de março, sem contar com o surgimento de vários casos de jovens sendo infectados e mortos pela Covid-19. De acordo com o médico Fernando Chagas, diretor do Hospital Clementino Fraga, referência no tratamento da Covid, o paciente mais velho do hospital tinha 32 anos.[7]

4.1. CLASSIFICAÇÃO

Utilizando os valores-notícias propostos por Silva (2005) e considerando que as notícias analisadas tratavam sobre a noticiabilidade de 99 matérias veiculadas em um telejornal matinal sobre mortes por covid-19, foi identificado o critério "impacto", devido ao grande número de pessoas afetadas. Como o mais noticiado apareceu em 87 matérias. Em segundo lugar, ficou "proximidade" (geográfica) com 49 notícias, seguido de "proeminência', com 20. O critério "tragédia/drama" ficou em quarto lugar, registrando 12 casos. Esse valor-notícia é caracterizado nos casos de catástrofe, acidente, risco de morte e morte, violência/crime, suspense, emoção e interesse humano.

Em quinto lugar ficou o valor-notícia "governo", com 10 casos, em matérias que traziam declarações de autoridades públicas sobre medidas governamentais no combate ao Covid-19, especialmente, secretários de saúde e diretores de hospitais públicos referências no tratamento da doença.

---

[5] QUEIROZ, D.; DOUGLAS, J. Paraíba bate novo recorde e registra mais de 16 mil casos de Covid-19 em uma semana. Portal G1 PB, em 23/6/2021. Disponível em: https://curtlink.com/pH4vMur. Acesso em: 1 Mar. 2022.

[6] ARBEX, F. Secretário Executivo de Saúde diz que situação da pandemia é reflexo do carnaval, na PB. Programa Bom Dia PB, em 8/3/2021. Disponível em: https://curtlink.com/nCkji3u. Acesso em: 8 Mar. 2022.

[7] ARBEX, F. Paraíba registra maior número de mortes por coronavírus em 24h, desde o início da pandemia. Programa Bom Dia PB, em 11/3/2021. Disponível em: https://curtlink.com/FvcAI9H. Acesso em: 12 Jun. 2022.

O valor-notícia "surpresa" apareceu em três matérias, uma delas noticiando o surgimento da variante *ômicron* no Estado da Paraíba, com um grau alto de contaminação e outra que contrariava a informação de que a Covid-19 não era letal em pessoas jovens. Vários jovens foram infectados, intubados e morreram com a doença. Os valores-notícias "conflito", "polêmica", "conhecimento/cultura" e "raridade" empataram com um caso, cada. E os valores-notícias "entretenimento/curiosidade" e "justiça" não pontuaram.

4.2 "MORTO COMUM"

Na análise das matérias colhidas nos meses de março, abril e maio de 2021 sobre mortes de Covid-19 no telejornal matutino "Bom Dia Paraíba", da TV Cabo Branco, pode-se constatar que o "morto comum" é notícia sim, especialmente quando a situação da morte tem como valor-notícia "tragédia/drama". Pelo menos, 10 casos foram noticiados nestas condições, enquanto 20 casos de mortes foram classificados como sendo de pessoas com "proeminência" (que tinham notoriedade ou posição hierárquica). O "morto comum" é o que naturalmente vira estatística.

A primeira notícia de um "morto comum" tratou do drama da família do senhor Antônio Pereira de Lima[8], 63 anos, que faleceu no Hospital Pedro I, em Campina Grande (PB). O telejornal Bom Dia Paraíba, em sua edição do dia 11 de março, noticiou que quando os familiares foram reconhecer o corpo do senhor Antônio no necrotério do hospital, descobriram que ele não estava mais lá, pois havia sido trocado por outro defunto que, inclusive, já havia sido enterrado por outra família, na cidade de Arara, na região do Agreste paraibano.

Outro caso foi o da senhora Rosângela Antero[9], 43 anos, que estava interna na Unidade de Pronto Atendimento do Bairro do Valentina Figueiredo, em João Pessoa. Rosângela havia sido intubada na UPA por conta do agravamento da covid-19, e aguardava uma vaga em uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI) de algum hospital há seis dias. Não resistiu e morreu. A terceira notícia trouxe a história de um casal que morreu de covid-19 com apenas 24 horas de diferença. Edna Nóbrega Sousa, 45 anos, e Antônio

[8] GRISI, A. Hospital troca corpos de pessoas que morreram por Covid-19, em Campina Grande. Bom Dia PB, em 11/3/2021. Disponível em: https://curtlink.com/J93ekxo. Acesso em: 12 Jun. 2022.

[9] MORIB, M. Mulher com Covid-19 morre em UPA à espera de um leito de UTI, em João Pessoa, em 17/3/2021. Disponível em: https://curtlink.com/lXH1iFr. Acesso em: 12 Jun. 2022.

Lisboa de Medeiros[10], 64, estavam internados em um hospital na cidade de Pombal, no Sertão paraibano. O casal morava em Patos (PB) e deixou quatro filhos.

A falta de vaga em UTIs na Região Metropolitana de João Pessoa, onde 49 pessoas aguardavam para ser transferidas, foi também a causa da morte do senhor Ascendino Rodrigues[11]. A família dele lutou por uma semana para conseguir uma vaga, quando conseguiu, ele não resistiu e morreu.

Outro drama foi a morte de pai e filho, no Cariri paraibano. Ambos morreram no mesmo dia. Eles eram da cidade do Congo, sendo que Rodrigues de Sales, 37 anos, estava internado em Campina Grande e seu pai, o senhor Manoel de Sales Rodrigues,[12] de 90 anos, estava internado na cidade de Sumé.

Uma matéria apresentada originalmente no programa Fantástico, da Rede Globo de Televisão, foi reprisada no Bom Dia Paraíba. Essa matéria traz casos de mortes de paraibanos por covid e trata dos órfãos desamparados. Dentre eles, dois "mortos comuns", o senhor Francisco, um pedreiro de 49 anos, que criou sozinho três filhas, já tinha uma neta, e não parou de trabalhar porque necessitava do emprego para continuar sustentando a família. Terminou sendo infectado pela doença e morreu. Também contou o drama de Luana[13] que, com oito meses de grávida, contraiu Covid-19, morreu e o seu filho Bento sobreviveu.

Por fim, a matéria que trouxe informações sobre a morte de Sandro Ferreira de Freitas[14], 56 anos. Foi à Unidade de Pronto Atendimento em Manaíra, Bairro de João Pessoa, e depois voltou para casa. Piorou no domingo, foi a Unidade de Pronto Atendimento (UPA) e foi internado. Não deu tempo de ser intubado, pois sofreu uma trombose e acabou morrendo. Em outro momento, Sandro já havia, inclusive, dado entrevista à TV Cabo Branco, sobre a morte da filha Isabel Aquino, de 22 anos, que morreu de Covid em fevereiro de 2021. Na época, ele fez um alerta aos pais e aos jovens

---

[10] MORIB, M. Casal morre de Covid-19 com menos de 24 horas de diferença, no Sertão da PB. Bom Dia PB, em 18/3/2021. Disponível em: https://curtlink.com/AQhh3o4. Acesso em: 11 Mar. 2022

[11] MORIB, M. Paraíba tem 246.382 casos confirmados de coronavírus, Bom Dia PB, em 22/03/2021. Disponível em: https://curtlink.com/T86k6R8. Acesso em: 13 Jun. 2022.

[12] MORIB, M. Pai e filho morrem com suspeita de Covid-19 no mesmo dia, na Paraíba. Bom Dia PB, em 31/3/2021. Disponível em: https://curtlink.com/2pP9cdx. Acesso em: 22 Jun. 2022.

[13] SALVIANO, M. Reportagem do Fantástico mostra a história de famílias órfãs por causa da pandemia, em 15/3/2021. Reportagem do Fantástico (Nacional), replicada no Bom Dia PB. Disponível em: https://curtlink.com/WA6Wiqp. Acesso em: 22 Jun. 2022.

[14] MORIB, M. Paraíba tem 302.701 casos confirmados por coronavírus, no Bom Dia PB, em 11/5/2021. Disponível em: https://curtlink.com/I0afIIn. Acesso em: 22 Jun. 2022.

para terem muito cuidado. Não é uma brincadeira, afirmando que a doença começa a atacar os jovens, que antes eram tidos quase como imunes.

4.3 AMOSTRAGEM BOLA DE NEVE

A segunda técnica metodológica usada nesta pesquisa foi a amostragem Bola de Neve, que utiliza cadeias de referência através das redes sociais digitais, onde o pesquisador pede a indicação de pessoas e o contato delas, que atendam ao perfil da pesquisa. Ao conseguir chegar a essas pessoas, o pesquisador pede a elas indicação de outras de seu conhecimento até chegar ao máximo de contatos possíveis.

A amostragem Bola de Neve é uma técnica utilizada em pesquisa para identificar e recrutar participantes, especialmente quando se trata de populações difíceis de alcançar ou ocultas. Nesse tipo de amostragem, os primeiros participantes são selecionados por critério de conveniência e, em seguida, são solicitados a indicar outras pessoas que possam se encaixar nos critérios da pesquisa.

A ideia é que, à medida que novos participantes são recrutados, eles também possam indicar outros membros da população que compartilham características relevantes. Dessa forma, a amostra "cresce como uma bola de neve", aumentando sua representatividade.

Essa técnica é comumente usada em estudos que envolvem populações marginalizadas, grupos fechados ou comunidades específicas, onde é difícil obter uma lista completa de membros (Vinuto, 2014). Ao recorrer à rede de contatos dos participantes iniciais, a amostragem bola de neve permite alcançar uma variedade maior de pessoas dentro dessas populações.

Vinuto (2014, p. 201) afirma que essa técnica tem limitações, no entanto, "[...] pode ser útil para pesquisar grupos difíceis de serem acessados ou estudados, bem como quando não há precisão sobre sua quantidade [...]". E acrescenta:

> Além disso, esse tipo específico de amostragem também é útil para estudar questões delicadas, de âmbito privado e, portanto, que requer o conhecimento das pessoas pertencentes ao grupo ou reconhecidos por estas para localizar informantes para estudo. (Vinuto, 2014, p.201).

A partir da técnica Bola de Neve, postei no final de maio de 2022 nos stories do meu Instagram e do WhatsApp, bem como nos meus vários grupos de WhatsApp sobre a pesquisa do Mestrado Profissional em Jornalismo que venho desenvolvendo e pedi indicações de pessoas e famílias, bem como os seus contatos, para que eu pudesse abordá-las sobre a possibilidade de auxiliarem com seus depoimentos.

De imediato, recebi alguns retornos no direct do Instagram e no meu WhatsApp com algumas indicações de pessoas que sofreram perdas de familiares por Covid-19 ou por sequelas da doença. Recebi, pelo menos, cinco indicações de casos ocorridos na Capital da Paraíba, bem como em municípios do Litoral Sul, Sertão e Brejo.

Uma das pessoas indicadas foi a jornalista Mafalda Moura, que, ao ser contactada por uma amiga em comum, dispôs-se a dar entrevista. A própria Mafalda entrou em contato com a pesquisadora e logo marcamos o nosso encontro, que aconteceu no dia 11 de junho de 2022, em uma sala de reuniões no prédio onde ela mora, no Bairro Brisamar, em João Pessoa. Ela perdeu o irmão e o pai para a Covid-19 e um segundo irmão de um câncer fulminante, poucos meses depois. Além dela, seu irmão Gualatieri Moura dos Santos também aceitou dar entrevista. Já sua mãe disse não se sentir em condição de falar sobre o assunto.

Recebi indicações para conversar com familiares do professor Wellington José de Oliveira Pereira e de sua esposa Maria de Lourdes Gomes de Lima Pereira (Lourdinha), que morreram de Covid-19 em março de 2021, com uma diferença de oito dias. A primeira indicação foi para conversar com Maria de Fátima Gomes de Lima, jornalista aposentada do Ministério da Saúde. Ela me recebeu em sua residência, um apartamento frente ao mar, na Praia de Intermares (Cabedelo).

Fátima Gomes de Lima foi colega de faculdade de Wellington Pereira e foi quem apresentou Wellington a sua irmã Lourdinha. Quando concluiu o Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, na Universidade Federal da Paraíba, na década de 1980, Fátima se mudou para Brasília, onde fez toda a sua carreira profissional. Com a morte da irmã e do cunhado, e a orfandade de Maria Beatriz, sua sobrinha, decidiu se aposentar e voltar a morar na Paraíba para dar apoio à sobrinha.

Ainda como resultado da Bola de Neve, foi-me indicada Érika Cavalcanti, que perdeu para a Covid-19 a sogra, o noivo, o pai e um irmão. Ela se dispôs a dar entrevista.

Paralelo a essa etapa de seleção de matérias e reportagens também foi feito um levantamento bibliográfico realizado nos repositórios digitais das universidades: Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Vale dos Sinos (Unisinos) e Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Além da pesquisa no Google Acadêmico, com as seguintes hastags: #pandemia; #covid-19; #livroreportagem; #lutocovid. Está etapa foi importante para descobrir o que já havia sido publicado no meio científico sobre o assunto e não gerar algum tipo de repetição ou mesmo plágio.

4.4. PLANEJAMENTO DE ENTREVISTA

O planejamento de entrevistas é o processo de preparação e organização para conduzir uma entrevista com um ou mais indivíduos. É uma etapa crucial em várias áreas, como pesquisa acadêmica, jornalismo, seleção de candidatos e coleta de informações. O objetivo do planejamento de entrevistas é definir claramente os objetivos da entrevista, determinar as perguntas adequadas a serem feitas e estabelecer uma estratégia geral para conduzir a entrevista de forma eficiente e eficaz. Algumas etapas comuns no planejamento de entrevistas, segundo Kunsch (2015, p. 89), coincide com o processo de planejamento estratégico de grandes ações empresariais, com o diferencial de que no planejamento de entrevistas jornalísticas é necessário:

> Definir os objetivos: Identificar o propósito da entrevista, seja para obter informações específicas, extrair opiniões ou criar um perfil do entrevistado; Identificar os participantes: Determinar quem será entrevistado e quais critérios devem ser atendidos para selecionar os entrevistados apropriados;
>
> Desenvolver perguntas: Elaborar uma lista de perguntas relevantes para o propósito da entrevista. Essas perguntas devem ser claras, objetivas e abertas o suficiente para permitir respostas detalhadas.
>
> Estabelecer a estrutura: Decidir sobre a estrutura geral da entrevista, como a sequência das perguntas, a duração estimada e a ordem das áreas de discussão.
>
> Selecionar o método: Determinar o formato da entrevista, que pode variar de entrevistas individuais presenciais a entrevistas por telefone ou por videoconferência. A escolha do método depende do contexto e das restrições envolvidas.
>
> Preparar o ambiente: Garantir que o local onde a entrevista será realizada esteja adequado e livre de distrações. Isso inclui configurar equipamentos de gravação, se necessário.
>
> Agendar e confirmar: Entrar em contato com os entrevistados, agendar a data e hora da entrevista e confirmar os detalhes relevantes.

> Revisar as questões éticas: Considerar questões éticas, como consentimento informado, privacidade e confidencialidade, e garantir que as medidas apropriadas sejam tomadas. (Margarida Maria Krohling Kunsch, 2015, p. 89):

Com base nos pressupostos acima foram realizadas, 14 entrevistas com pessoas que perderam familiares para a Covid-19 ou por sequelas da doença e uma 15ª com um psicólogo que falou sobre o luto. Essa entrevista entra na pesquisa mais como uma referência, como preparação para se entender o luto e poder conversar com as pessoas. Ela não constitui e nem é parte do livro-reportagem.

1. Professor de Comunicação e Psicólogo **Luiz Augusto de Carvalho Mendes** se dispôs a conceder uma entrevista para falar sobre o luto e como ele deve ser naturalmente vivido. Bem como, as sequelas que um mal vivido luto pode acarretar as pessoas. Para isso, ele abriu as portas de seu consultório e me recebeu no dia 12 de julho de 2022. Esse material serviu para que eu tivesse um norte sobre o tema, para desenvolver este trabalho.

2. A minha primeira entrevista com personagem que perdeu familiares foi **Mafalda Moura dos Santos, jornalista**. Ela perdeu primeiro o irmão Hidalgo Moura dos Santos, 45 anos, primeiro enfermeiro a morrer no Brasil de Covid-19. Hidalgo tinha 20 anos de profissão e trabalhava em um Hospital Municipal de Tatuapé, Bairro de São Paulo A morte dele teve repercussão nacional e teve matéria sobre o caso no Fantástico da Rede Globo de Televisão. Três meses depois, morreu o pai Geraldo da Silva Santos, agricultor que morava em São José de Espinharas (PB), também de Covid-19. Mais três meses, o irmão Agnelo de Moura Santos, descobriu um câncer e veio a óbito.

Mafalda contou que conversava com o irmão Hidalgo todos os dias, o que aconteceu no dia 17 de março de 2020, data em que a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretou a Pandemia do Coronavírus. O enfermeiro mandou uma self no hospital onde trabalhava, afirmando que naquele dia tinham sido atendidas mais de 30 pessoas com sintomas gripais e suspeita de coronavírus. Acrescentou: “Estamos assustados. Deus nos proteja desse mal”. Hidalgo sumiu por mais de 24 horas. Depois mandou uma mensagem no grupo da família pedindo orações, porque achava que “o maldito vírus” o tinha alcançado. O primeiro enfermeiro do Brasil a morrer de Covid foi intubado no dia 20 de março de 2020 e morreu 11 dias depois, 31 de março. “Naquele dia, com ele, morreram 30 pessoas no mesmo hospital”, relatou, Mafalda.

3. Maria de Fatima Gomes de Lima, jornalista aposentada, cunhada de Wellington José de Oliveira Pereira e irmã de Maria de Lourdes Gomes de Lima Pereira. Eles morreram nos dias 19 e 28 de março de 2021, respectivamente. Até então, a pesquisadora conhecia apenas esses dois casos de mortes na Família Gomes/Pereira. Mas nessa entrevista, descobriu que um outro irmão de Lourdinha morreu sete, dias depois dela, João Batista Gomes de Lima. Ao saber da morte do cunhado Wellington, João Batista passou mal, foi interno e descobriu-se um câncer, que o levou a morte, 11 dias após Wellington. "João Batista saiu do hospital para ser enterrado, após a morte de Lourdinha", segundo Fátima. Ela relata que os pais tiveram 21 filhos, dos quais apenas 16 sobreviveram. Moraram por toda a vida no Bairro de Cruz das Armas, em João Pessoa.

Filha mais nova dentre os 21 irmãos, Fátima disse que assistiu a morte da mãe em outubro de 2019, aos 100 anos de idade. "Eu vim de Brasília para vê-la, pois estava definhando. Peguei na mão dela e comecei a dar massagem. Ela suspirou e morreu de maneira calma e eu pensei que a morte era uma coisa simples. Mas depois vi que as pessoas não têm o mesmo destino e que a morte não é uma coisa só. Um ano depois de minha mãe, minha irmã iria morrer de Covid solitária, sem ter direito a ter alguém por perto. Não sabemos como ela se sentiu, apenas que ninguém pode pegar na mão dela. Lourdinha não merecia isso!".

4. Tiago Sobral Pereira Filho, advogado, perdeu a tia Salinélia Sobral Pereira e os irmãos Wallace de Oliveira Pereira, Wellington Pereira e Nagib de Oliveira Pereira, além do concunhado João Batista e da cunhada de Maria de Lourdes. Em pouco espaço de tempo, Tiago carregou "o fardo" de ir a funerária para comprar as urnas, fazer o reconhecimento dos corpos, e nos três primeiros óbitos – Wallace, Wellington e Maria de

Lourdes – não pode realizar velório, seguindo a orientação da Organização Mundial de Saúde.

"Era reconhecer o corpo, responder duas ou três perguntas da assistente social, se despedir daquele querido sozinho numa pedra, porque não podia entrar mais que uma pessoa, devidamente paramentada. Fechar o corpo num saco preto, colocar na urna e ir direto para o cemitério", relatou Tiago, acrescentando que no caso do irmão Nagib, como ele não morreu de Covid, pode realizar uma hora de velório, com o caixão aberto, com os devidos cuidados e depois levou o corpo também para o cemitério. "Vivenciar isso, me deixou um fardo grande. Mas, eu tinha que carregar e não podia dividir com ninguém. Como até hoje, ainda tenho resquícios desses fardos".

5. Maria Beatriz Gomes Pereira, estudante de Biomedicina, órfã de Wellington Pereira e Maria de Lourdes Gomes de Lima Pereira. Beatriz relembrou que quando a pandemia foi decretada em março de 2020, ficou triste porque dois dias depois seria o seu aniversário, 19 de março, e não poderia comemorar, pois, os pais não permitiriam, devido a comorbidade que os três sofriam. Wellington com o diabetes, Lourdinha com um grave problema de pulmão, por ter fumado por muito tempo, e ela, Bia, por ter doenças autoimunes, anemia e leucopenia. E que jamais pensou que exatamente um ano depois, no dia do seu aniversário: Os pais partiriam. Primeiro, o pai. Nove dias depois, a mãe. Os dois mortos pela Covid-19.

Wellington Pereira e Lourdinha descobriram que estavam com Covid no dia 15 de março de 2020. Três dias depois, no dia 18, a situação dele se agravou e precisou ser interno à noite. Maria Beatriz o acompanhou durante todo o dia 19 e percebeu que o pai não resistira e desejava que, pelo menos, não acontecesse no dia de seu aniversário. A médica chegou no apartamento e disse que teria que levá-lo para a UTI. Bia ligou para a mãe ir substitui-la, pois estava cansada e queria ir para casa dormir.

"Meu pai estava com a máscara de oxigênio e, por mais que minha mãe dissesse para que eu não ficasse perto dele, eu só sabia abraçar meu pai. A médica me puxou e disse que meu pai tinha que ir para a UTI. Eu só queria voltar para casa. Cheguei em casa e dormi até às 5h e pouca da tarde. Acordei vomitando e com muita dor de cabeça. Liguei para minha mãe e disse: Como está o meu pai? Ela respondeu que ele tinha que ir para a UTI, mesmo". Desliguei o telefone e entrei no *Instagram*. Quando fui baixando o meu feed, vi a notícia com a foto: 'Mais um professor da UFPB morre por Covid'.

Eu não quis acreditar. Liguei de novo para a minha mãe e ela confirmou", relatou Maria Beatriz, acrescentando que a mãe naquele momento já sabia da morte do marido. Preparava-se para falar para a filha, presencialmente, sobre a morte do pai.

6. Aleksander Almeida, namorado de Maria Beatriz. Desde a morte de Wellington Pereira e Maria de Lourdes, Aleksandr teve um importante papel de apoio para Beatriz. Eles eram amigos e quando houve a morte de Wellington Pereira, Aleksandr mandou uma mensagem de condolências, mas queria estar perto de Bia. Com a morte de Lourdinha, ele se aproximou ainda mais, foi para a casa dela e foi acalmando e incentivando a namorada a sair de cima da cama e a reagir, lembrando sempre que os pais dela não iriam querer vê-la naquele estado de depressão.

7. André Nicolau Lima Alves perdeu o pai Jorge Nicolau Alves e a tia materna Arlete Lima. Para ele, a notícia do decreto da pandemia e a necessidade de isolamento social não mexeu muito com sua família, pois considera-se caseiro e seus pais já eram aposentados. Então, todos costumavam passar a maior parte do tempo em casa.

Os dois casos na família foram de pessoas que morreram pelas sequelas da Covid. No caso da tia Arlete, André conta que ela apresentou os primeiros sintomas e foi a um médico, fez o exame no pulmão e constatou que mais de 70% do pulmão estava comprometido. Como não tinha plano de saúde, teve que se internar em um hospital público, o Santa Isabel, em João Pessoa. Foi interna na UTI e uma amiga da família que era enfermeira a visitava diariamente e fazia a comunicação dela com a família. Foram feitos testes e comprovou-se que ela não tinha mais o vírus, mas a situação respiratória se agravou, ela foi intubada e morreu por falência dos rins. O fato de não poder velar a tia, André disse que sentiu uma angústia muito grande.

A morte do pai foi uma surpresa para todos. Jorge Alves tinha vida saudável, era cuidadoso com a alimentação e praticava exercícios físicos. A família nuclear de André teve Covid: os pais Jorge e Célia, ele, o irmão e uma tia Marizeteque mora com eles, em João Pessoa. O pai, a mãe e o irmão precisaram se internar, mas os dois casos mais graves foram de seus pais que precisaram de UTI. Apenas Jorge foi intubado.

As entrevistas foram fotografadas, gravadas, filmadas e transcritas para que componham o banco de dados da pesquisa e fiquem também como registro de memória. O título da obra: Jamais Pensei – dor e luto das famílias devastadas na pandemia da covid.

Solicitamos dos entrevistados registros de nascimento, casamento e fotografias dos parentes mortos para ilustrar o livro-reportagem, e outros documentos que pudessem registrar a história da família.

As entrevistas individuais foram primordiais para o processo de feitura do livro-reportagem. Todas foram marcadas com antecedência por telefone e *WhatsApp*, e foram realizadas no período de junho de 2022 a junho de 2023. As entrevistas foram realizadas no turno da manhã e tarde. Em todas houve acolhimento e as pessoas se dispuseram a responder todas as perguntas. André Nicolau e Fátima Gomes aceitaram nos receber em suas residências, os demais entrevistados propuseram conversar em uma cafeteria, ou em escritórios, de forma que não houve oportunidade de sentir o ambiente familiar.

A técnica de abordagem escolhida foi entrevista de aprofundamento que, segundo Duarte (2010, p. 29), "[...] é o recurso metodológico que busca recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte [...]", selecionada por ter conhecimento aprofundado sobre o tema pesquisado e que tem como objetivo a compreensão de uma situação ou estrutura de um problema posto na pesquisa científica.

As entrevistas de aprofundamento são um método utilizado para obter informações mais detalhadas e aprofundadas sobre um determinado assunto. Existem diferentes tipos de entrevistas de aprofundamento, segundo Duarte (2010, p. 30) cada uma com sua abordagem específica:

> Entrevistas estruturadas: Nesse tipo de entrevista, o entrevistador segue um roteiro predefinido de perguntas e tópicos a serem abordados. Isso permite que as respostas sejam comparáveis entre os entrevistados e facilita a análise dos dados. No entanto, ainda há espaço para fazer perguntas adicionais ou explorar tópicos específicos de interesse.
>
> Entrevistas semiestruturadas: Essas entrevistas combinam elementos de entrevistas em profundidade e entrevistas estruturadas. O entrevistador tem um roteiro básico de perguntas, mas também tem flexibilidade para explorar tópicos adicionais com base nas respostas do entrevistado. Isso permite uma abordagem mais adaptável e aprofundada.
>
> Entrevistas em grupo: Nessas entrevistas, várias pessoas são entrevistadas simultaneamente, permitindo que haja interação entre os participantes. Isso pode gerar discussões e insights adicionais, além de permitir a observação de

> dinâmicas de grupo. As entrevistas em grupo podem ser especialmente úteis quando se deseja entender diferentes perspectivas sobre um assunto.
>
> Entrevistas por telefone ou videoconferência: Com o avanço da tecnologia, tornou-se comum realizar entrevistas de aprofundamento por telefone ou videoconferência. Essa abordagem permite que entrevistados e entrevistadores estejam em diferentes locais geográficos, facilitando a participação e economizando tempo e recursos. (Duarte, 2010, p. 29-30).

É importante escolher o tipo de entrevista de aprofundamento mais adequado ao objetivo da pesquisa e às características do público-alvo. Nesta pesquisa a escolha foi pelas entrevistas em profundidade, pois, estas foram conduzidas de forma aberta e flexível, o que permitiu explorar uma ampla variedade de tópicos e questões relacionadas ao assunto em questão. As entrevistas realizadas tiveram duração média de 60 minutos. A que registrou menos tempo durou 44 minutos, na qual teve como personagem o advogado Tiago Sobral Pereira Filho. A entrevista com ele foi gravada duas vezes. A primeira apresentou um problema técnico e o vídeo gravado ficou sem áudio. Então, foi solicitada uma segunda entrevista, o que de certa forma tirou a espontaneidade da primeira entrevista.

4.5. TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

A transcrição das entrevistas realizadas durante a pesquisa para o livro-reportagem, "Jamais Pensei – Dor e luto nas famílias devastadas na pandemia da Covid-19, foi um processo fundamental e desafiador. Este procedimento envolveu transformar as gravações de áudio e vídeo das entrevistas em texto escrito, garantindo que todos os detalhes, nuances e emoções capturados durante as conversas fossem fielmente preservados e documentados.

Inicialmente, tentamos utilizar aplicativos tecnológicos para agilizar o processo de transcrição. Foram testados dois aplicativos principais: o *Transcribe* e o *Take Blink*. Ambos são conhecidos por suas capacidades de reconhecimento de voz e transcrição automática, oferecendo a promessa de economizar tempo e esforço em comparação com a transcrição manual. No entanto, encontramos algumas limitações significativas ao usar esses aplicativos.

O *Transcribe* demonstrou ser eficaz em muitos aspectos, mas teve dificuldades com a precisão na transcrição de sotaques regionais e variações de fala comuns nas entrevistas realizadas com famílias paraibanas. Além disso, a qualidade das gravações, que variava de acordo com o ambiente em que as entrevistas foram realizadas, afetou a acurácia do aplicativo. Em muitos casos, ruídos de fundo e interferências sonoras dificultaram o reconhecimento correto das palavras, resultando em transcrições com erros que precisaram ser corrigidos manualmente.

O *Take Blink* também foi testado e, embora oferecesse uma interface intuitiva e fácil de usar, enfrentou problemas semelhantes. O aplicativo teve dificuldades em capturar as pausas, hesitações e expressões emocionais dos entrevistados, elementos essenciais para transmitir a profundidade e a autenticidade das histórias relatadas. Além disso, o *Take Blink* apresentou limitações na transcrição de diálogos mais complexos, especialmente em entrevistas em que múltiplos participantes falavam simultaneamente.

Devido a essas limitações tecnológicas, a maior parte da transcrição das entrevistas foi realizada de forma manual. Este método, embora mais demorado e trabalhoso, garantiu um nível de precisão e fidelidade necessário para este projeto. A transcrição manual permitiu capturar não apenas as palavras dos entrevistados, mas também os tons de voz, as emoções e as pausas significativas que são essenciais para uma compreensão completa das narrativas.

O processo manual de transcrição envolveu ouvir repetidamente as gravações de áudio, pausando e retrocedendo conforme necessário para garantir que cada palavra e expressão fossem transcritas corretamente. Este trabalho foi realizado com extrema atenção aos detalhes, assegurando que as vozes dos entrevistados fossem representadas com precisão e respeito. As transcrições resultantes forneceram uma base sólida para a análise e a redação do livro-reportagem, permitindo que as histórias das famílias afetadas pela Covid-19 fossem contadas de maneira autêntica e impactante.

Além disso, a transcrição manual ofereceu a oportunidade de uma imersão mais profunda no material coletado. Ao transcrever cada entrevista, foi possível identificar temas recorrentes, padrões emocionais e detalhes cruciais que poderiam ter sido perdidos em uma transcrição automática. Este nível de engajamento com as entrevistas enriqueceu a compreensão das experiências vividas pelas famílias e contribuiu para uma narrativa mais rica e sensível no livro-reportagem.

Em resumo, apesar dos desafios e limitações encontrados com as ferramentas tecnológicas, a transcrição manual das entrevistas se mostrou indispensável para alcançar a qualidade desejada no relato das histórias. Este método assegurou que as vozes das famílias enlutadas fossem preservadas com a autenticidade e o respeito que merecem, fortalecendo o objetivo do livro-reportagem de sensibilizar e informar o público sobre as consequências devastadoras da pandemia de Covid-19 na Paraíba.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

Este livro-reportagem tem como título principal Jamais Pensei e subtítulo Dor e luto nas famílias devastadas pela pandemia da Covid. É composto editorialmente por 220 páginas, distribuídas em páginas com elementos pré textuais (falsa Folha de Rosto, Folha de Rosto, verso da Folha de rosto com Ficha Técnica e Catalográfica, página de Agradecimentos, Apresentação e Sumário) e de cinco capítulos.

A obra será impressa em papel Pólen Gold (90 g/m2), e encadernada em formato 150mm x 210mm, margens com as seguintes demarcações: Superior: 2 cm; - Interna: 1,5cm; - Inferior: 2 cm; - Externa: 1,5 cm; - Sangria: 0,5 cm, com Capa e Contracapa em papel Tríplex 300 g/m2e laminação Fosca, com aplicação de verniz reserva UV nos títulos.

O projeto gráfico do livro-reportagem é composto por tipografia serifada da família tipográfica Cambria Regular, com desenho da fonte levemente serifado que associa característica moderna. Para o subtítulo na contracapa, o uso da fonte Cambria Regular é justificado pelo fato de servir como linha fina. A fonte para o nome da autora capa e texto da sobrecapa foi definida como Cambria Regular por dar um aspecto sofisticado e que combinasse com a imagem usada. No que se refere a tipografia são: Título: Cambria Regular, corpo 60, entrelinha 70; Subtítulo: Cambria Regular, corpo 20, entrelinha 23; Nome do autor: Cambria Regular, corpo 14, entrelinha 15; Texto na sobrecapa: Cambria Regular, corpo 12, entrelinha 13.

Quanto aos capítulos, a página de rosto que abre cada seção é composta por uma textura de cor amarelada, com título principal em fonte Cambria Regular, corpo 36 e entrelinha 45, cor amarelo-ouro (C=12 M=39 Y=94 K=44); e destaque em texto em fonte Cambria Regular, com corpo 12, estilo itálico, entrelinha 16, cor amarelo-ouro (C=12 M=39 Y=94 K=44), no canto inferior direito. No canto inferior direito, em posição vertical, a seção é assinalada pelo título Capítulo, em fonte Helvética Neue LT Pro Condensed, corpo 20 e entrelinha 45. O texto do capítulo abre com um título em fonte Cambria Regular, corpo 24 e entrelinha 34, cor preto. Para o corpo do texto, foi a fonte Cambria Regular, corpo 12 entrelinha 16, pois apresenta serifa, deixa a leitura mais leve e agradável, além do fato de ser padrão na maioria dos livros contemporâneos.

As páginas são sinalizadas na parte inferior da página, com numeração em fonte Helvética Neue LT Pro Condensed, corpo 9 e entrelinha 10. As páginas PARES são sinalizadas com o título do livro em fonte Helvética Neue LT Pro Condensed, corpo 9 e entrelinha 10. As páginas ímpares são sinalizadas em fonte Helvética Neue LT Pro Condensed, corpo 9 e entrelinha 10, com o título dedicado a cada capítulo.

5.1 FOTOGRAFIAS

O livro-reportagem "Jamais Pensei – Dor e luto nas famílias devastadas pela pandemia da Covid" foi enriquecido por uma seleção cuidadosa de fotografias cedidas pelos familiares e amigos das vítimas. Estas imagens têm um papel crucial na narrativa, pois complementaram os relatos textuais e proporcionam uma dimensão visual que ajudou a humanizar e contextualizar as histórias das famílias afetadas pela pandemia.

As fotografias escolhidas visam mostrar a convivência familiar e o estilo de vida das pessoas antes de serem vitimadas pelo vírus Sars-CoV-2 (Covid-19). Essas imagens capturam momentos de felicidade, celebrações, cotidiano e laços afetivos, proporcionando ao leitor uma visão mais íntima e pessoal das vidas que foram interrompidas pela pandemia. Abaixo, descrevemos algumas das imagens cedidas pelos familiares e que poderão ser conferidas no livro:

Reuniões Familiares: Fotografias de reuniões familiares, como aniversários, celebrações de Natal e outros eventos festivos, onde todos os membros da família estão reunidos, sorrindo e compartilhando momentos de alegria. Essas imagens mostram a união e o amor que caracterizavam essas famílias antes da tragédia.

Momentos Cotidianos: Imagens do dia a dia, como almoços em família, passeios no parque, brincadeiras com as crianças e momentos de lazer. Essas fotografias retratam a normalidade e a simplicidade das interações familiares, destacando a importância dos pequenos momentos de convivência.

Retratos Individuais: Retratos dos membros da família, tirados em diferentes fases da vida, desde a infância até a vida adulta. Esses retratos permitem uma conexão

mais pessoal com cada indivíduo, mostrando suas expressões, personalidades e o impacto da perda para aqueles que os amavam.

Memórias de Festas e Celebrações: Fotografias de festas e celebrações, como casamentos, formaturas e batizados. As imagens são testemunhos dos momentos importantes e felizes que as famílias compartilharam, ressaltando a profundidade das suas perdas.

Atividades Comunitárias: Imagens que mostram os membros da família participando de atividades comunitárias, como eventos religiosos, esportivos e culturais. Estas fotografias destacam o envolvimento social e o papel ativo que essas pessoas desempenhavam em suas comunidades.

Momentos de Luto: Algumas imagens podem retratar momentos de luto e homenagem, como velórios e cerimônias em memória das vítimas. Estas fotografias são um testemunho do impacto emocional da perda e da forma como as famílias e comunidades se uniram para prestar suas últimas homenagens.

As fotografias foram selecionadas com o cuidado de respeitar a dignidade e a privacidade das famílias. Cada imagem foi acompanhada de uma descrição detalhada, fornecendo contexto e informações sobre as pessoas e os momentos capturados. Esse cuidado é essencial para garantir que as fotografias contribuam de maneira sensível e respeitosa para a narrativa do livro-reportagem.

Além de proporcionar um registro visual das vidas interrompidas, as fotografias têm o poder de evocar emoções e promover uma conexão empática entre os leitores e as histórias contadas. Elas ajudam a transformar números e estatísticas em histórias humanas palpáveis, reforçando a importância de lembrar e honrar as vítimas da Covid-19.

As imagens cedidas pelos familiares são um testemunho poderoso das vidas que foram vividas e das perdas que foram sofridas. Ao incluí-las no livro-reportagem, buscamos criar um documento abrangente e impactante que não apenas informa, mas também comove e sensibiliza o público para a profundidade da tragédia causada pela pandemia.

Abaixo observam-se algumas imagens cedidas por um dos entrevistados. Outras podem ser vistas no livro-reportagem que se encontra no anexo deste relatório de pesquisa.

Imagem 1 - Jorge Nicolau Alves ladeado pelos filhos

Fonte: Cedido pela família

Imagem 2 - Jorge Alves e sua esposa Célia Lima Alves

Fonte: Cedido pela família

Imagem 3 - Jorge Alves e familiares

Fonte: Cedido pela família

Imagem 4 – Jorge Nicolau Alves

Fonte: Cedido pela família

Imagem 5 - Jorge Alves com a esposa Célia, o filho André e o neto

Fonte: Cedido pela família

6 RESULTADOS ALCANÇADOS

Nos primeiros meses da pesquisa foram alcançados resultados significativos. O início se deu com o levantamento e a seleção de sete famílias que perderam mais de um parente para a Covid-19, na Paraíba. Em seguida, foi produzida uma pauta/roteiro detalhado para conduzir as entrevistas. Das sete famílias selecionadas, todas foram contactadas no primeiro momento. Uma se negou a dar entrevista, outras seis aceitaram. Mas no decorrer do tempo, perdeu-se o contato com uma das seis. Sendo assim, foi possível entrevistar membros de cinco famílias: Família Gomes/Pereira, Família Lima/Alves, Família Moura/Santos, Família Estrela/Cavalcanti e Família Dias/Garcia.

No período anterior da qualificação desta pesquisa entrevistou-se cinco pessoas, sendo uma o psicólogo e professor universitário Luiz Augusto de Carvalho Mendes. Após a qualificação, realizada em 30 de agosto de 2023, foram concluídas as demais entrevistas. Da Família Gomes/Pereira (Tiago Sobral Pereira Filho – irmão de Wallace, Wellington e Naggib Pereira e cunhado de Maria de Lourdes Gomes Pereira; Maria de Fátima Gomes de Lima e Maria Auxiliadora Gomes de Lima as irmãs de Maria de Lourdes e João Batista Gomes de Lima; Maria Beatriz Gomes Pereira - a filha do casal Wellington Pereira/Luordinha – e o seu namorado Aleksandr Almeida, e Maria de Fátima Christoffersen – prima e comadre de Lourdinha), uma da Família Nicolau/Alves (André Alves Nicolau) e duas da Família Moura/Santos (Mafalda Moura Santos e a sua mãe Silvera de Moura Santos, que perderam três familiares – Geraldo de Moura Santo (genitor da família) e seus filhos Idalgo e Agnelo), Família Estrela/Cavalcanti (Aurílio Estrela – pai de Pablo Estrela e ex-marido de Dulce Emília Athayde Estrela; Érika Torres Cavalcanti e seu irmão Kaio Torres Cavalcanti – que perderam o pai Alexandre Guerra Cavalcanti e a tia Carmem Sílvia Cavalcanti. Érika namorava Pablo) e da Família Dia/Garcia (Eurílian Dias Garcia de Araújo e sua mãe Iraneide Dias de Araújo – perderam o genitor da família Fernando Ronaldo Garcia de Araújo e os filhos Diego e Steverson).

As entrevistas foram transcritas integralmente, incluindo pausas, cacoetes de fala, momentos de silêncio etc, totalizando 11 horas e 10 minutos de gravação. A transcrição foi uma das partes da pesquisa mais trabalhosa, tendo em vista a necessidade de fazer manualmente. Mesmo existindo recursos das novas tecnologias de inteligência artificial,

não se encontrou nenhum aplicativo que fizesse o trabalho com precisão para transcrição dos áudios.

Antes mesmo de todo o processo operacional realizou-se um robusto levantamento bibliográfico em bibliotecas físicas e em repositórios digitais de universidades públicas para encontrar artigos científicos que remetesse ao tema. Após a leitura do material foi selecionado aqueles que mais relação teria com o objeto estudado. Além de textos inspiradores para a elaboração do livro-reportagem.

No que se refere a produção científica, foram produzidos três artigos nas disciplinas cursadas no Programa de Pós-graduação em Jornalismo (PPJ). Destacamos o artigo "Os Critérios de Noticiabilidade no Telejornalismo do Bom Dia Paraíba: Análise de matérias sobre casos de morte por Covid-19 na Paraíba", apresentado na disciplina Teoria do Jornalismo ministrada pela professora Joana Belarmino. Adicionalmente, dois artigos foram selecionados e apresentados em encontros internacionais: "Desinformação e Fake News: Estratégias Para Reacender a Ideologia Fascista e as Suas Implicações no Contexto Brasileiro", apresentado nas III Jornadas Patologias e Disfunções da Democracia em Contexto Mediático, organizada pelo LabCom Comunicação e Artes, da Universidade da Beira Interior (UBI), em Covilhã, Portugal; e "Profissão de risco na pandemia: dos ataques nas ruas aos critérios de noticiabilidade dos casos de mortes de jornalistas por Covid-19 na Paraíba (Brasil)", apresentado nos Encontros Internacionais de Pesquisa sobre o Jornalismo, evento realizado de 8 a 10 de dezembro, no *Institute de Journalisme de Bordeaux Aquitaine*, em Bordeaux, França.

De posse todo o material e dados colhidos, foram realizadas algumas atualizações referentes aos dados da covid-19 nas plataformas de saúde do Governo Federal e do Estado da Paraíba. À medida que o livro-reportagem estava sendo escrito, também se pensou neste relatório de pesquisa e na edição do livro-reportagem, texto e imagens, incluindo o desenvolvimento do projeto gráfico do produto a ser lançado.

CONCLUSÃO

A pesquisa desenvolvida para o livro-reportagem "Jamais Pensei – Dor e luto nas famílias devastadas pela pandemia da Covid" alcançou resultados significativos ao documentar e analisar os impactos devastadores da pandemia nas famílias da Paraíba. Desde o início da pandemia, em março de 2020, a Paraíba, assim como o restante do Brasil e do mundo, viu-se imersa em uma crise sanitária sem precedentes, que não só ceifou vidas, mas também desestruturou emocional e financeiramente inúmeras famílias.

Este trabalho de pesquisa teve como objetivo central dar voz às famílias que enfrentaram a perda de entes queridos para a Covid-19. Ao narrar as histórias de cinco famílias que perderam mais de um membro, buscamos sensibilizar o público para a profundidade da dor e do luto vivenciados por essas pessoas. Cada relato foi tratado com o máximo de respeito e empatia, visando não só documentar os fatos, mas também oferecer um espaço para que essas vozes fossem ouvidas e respeitadas.

A pandemia expôs diversas fragilidades do nosso sistema de saúde e acentuou as desigualdades sociais existentes. Famílias já vulneráveis foram ainda mais impactadas, enfrentando não apenas a dor da perda, mas também dificuldades econômicas e a falta de acesso a cuidados médicos adequados. Através das entrevistas e da análise bibliográfica, este estudo explorou essas questões, contribuindo para uma compreensão mais ampla das consequências da pandemia e das necessidades urgentes de políticas públicas mais inclusivas e eficazes.

Durante a pesquisa, foram realizados levantamentos detalhados e entrevistas profundas, não só com familiares das vítimas, mas também com especialistas, como o psicólogo Luiz Augusto Mendes Carvalho. Estes encontros permitiram compreender melhor o impacto emocional da pandemia e a importância dos rituais de despedida para o processo de luto. A impossibilidade de realizar funerais adequados e a falta de contato físico com amigos e parentes durante o isolamento social exacerbou o sofrimento das famílias, um aspecto crucial que este livro-reportagem busca destacar. Além disso, a produção científica, gerada durante o desenvolvimento deste trabalho, incluiu artigos apresentados em congressos internacionais e publicações acadêmicas, o que contribuiu

para a disseminação de conhecimentos e reflexões importantes sobre a pandemia. Os artigos exploraram temas como desinformação, *fake news,* e a cobertura jornalística da Covid-19, oferecendo uma análise crítica sobre o papel da mídia durante a crise sanitária.

O livro-reportagem pretende ser mais do que um simples registro histórico. Ele é uma ferramenta de sensibilização, capaz de gerar empatia e compreensão social. Ao compartilhar histórias de vida e luto, esperamos que os leitores possam reconhecer a humanidade compartilhada e a necessidade de apoio mútuo em tempos de crise. A pandemia da Covid-19 foi um evento marcante que afetou profundamente a sociedade, e é essencial que suas histórias sejam contadas de maneira completa e honesta.

O nosso objetivo é proporcionar uma obra que não só informe, mas também inspire ações concretas para apoiar as famílias afetadas e melhorar as respostas a futuras crises de saúde pública. A produção deste livro-reportagem é uma homenagem às vidas perdidas e uma chamada à ação para a construção de uma sociedade mais justa, empática e resiliente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARBEX, D. **Holocausto brasileiro**: Genocídio: 60 mil mortos no maior hospício do Brasil. São Paulo: Ed. Intrínseca, 2019.

BARCELLOS, C. **Rota 66**. A história da polícia que mata. 2ª edição. São Paulo: Ed. Record, 2003.

BARCELLOS, C. **Abusado**. O dono do morro Dona Marta. 2ª ed. São Paulo: Ed. Record, 2003.

BELO, E. **Livro-reportagem**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

BOO, K. **A outra face de Deus**. São Paulo: Ed. Comércio Aletório, 2014.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL DE FATO (BdF), 2022. **Do luto à luta -** Um ano após o colapso: como estão as famílias arrasadas no pior momento da pandemia no Brasil. Disponível em: https://abre.ai/kb4k. Acesso em: 14 jul. 2023.

BRASIL. Senado Federal. **CPI da Pandemia**. Relatório Final. 2021. Disponível em: https://abre.ai/kb4D . Acesso em: 10 jul. 2023.

BRASIL. Portal da Transparência. Registro civil. Painel Registral. **Especial Covid-19**. Disponível em: https://shre.ink/DodR. Acesso em: 14 jul. 2023

BRASLAUSKAS, L.; FLORESTA, C. **Técnica de reportagem e entrevista em jornalismo. Roteiro para uma boa apuração**. PRADO, M. (org.). São Paulo: Ed. Saraiva, 2009.

BRUM. E. **A vida que ninguém vê**. São Paulo: Ed. Arquipélago Editoral, 2006.

BRUM. E. **Banzeiro Òkòtó: Uma viagem à Amazônia Centro do Mundo**. São Paulo: Cia das Letras, 2021.

CESAREO, G. **Fa notizia. Fonti, processi, tecnologie e soggetti nella macchina dell 'informazione**. Roma: Editora Riuniti, 1981.

CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS BRASILEIROS. Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), Brasília, 2014. Disponível em: https://curtlink.com/jWpj6u. Acesso em: 30 jun. 2023.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA (CNJ). **Portaria nº 57 de 20 de março de 2020**. Disponível em: https://abre.ai/kb5w. Acesso em 14 jul. 2023.

DIDION, J. **Slouching Towards Bethlehem**. (Caminhando em direção a Belém). Eua: Ed. Farrar, Straus e Giroux, 2008.

DIMENSTAIEN, G. **O cidadão de papel**. 24ª ed. Ed. Ática, 2019.

DUARTE, J. **Entrevista em profundidade**. In: DUARTE; BARROS. Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. 2010. 2.ed. São Paulo: Atlas.

GOMES, L. **1808**. Rio de Janeiro: Global Livros, 2008.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. Ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Tradução de Adelaide La Guardia Resende et al. Belo Horizonte, MG: UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HALL, S. **Encoding and Recording in the television discurse**. CCCS Stencilled Paper n. 7. Cap. 36. Págs. 507-517. Disponível em: https://curtlink.com/G4C9U9z. Acesso em: 1 jun. 2023.

HUNTER, M. L.; HANSON, N. O que é o jornalismo investigativo? Cap. 1. Questões. In: **A investigação a partir de histórias: Um manual para jornalistas investigativos**. Organização para as Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura, 2013. Disponível em: https://curtlink.com/V6KNbRu. Acesso em: 1 jul. 2023.

JAIR BOLSONARO-YOUTUBE. **Presidente Bolsonaro fala na saída do Alvorada (quarta-feira) 25/03/2020**. Disponível em: https://abre.ai/kb4J. Acesso em: 12 jul. 2023.

JORNAL GAZETA (JG). **Eduardo Bolsonaro anuncia que está com Covid-19**. Disponível em: https://abre.ai/kb4L. Acesso em: 19 jun. 2023

JORNAL NACIONAL. Globoplay. **'E daí' de Bolsonaro não é primeira reação de desdém às mortes de brasileiros por Covid-19 -** 29/04/2020. Disponível em: https://abre.ai/kb4O. Acesso em: 12 jul. 2023

KRAKAUER, J. **Na natureza selvagem**. São Paulo: Cia das Letras, 2018.

KOVACH, B.; ROSENSTIEL, T. **Los elementos del periodismo**. Madrid: Ed. Santillana Ediciones, 2003. Disponível em: https://curtlink.com/Kc4R8l8. Acesso em: 30 Jun. 2023.

LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LIMA, E. P. **Páginas ampliadas**: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. São Paulo: Manole, 2008.

LIMA, E. P. **O que é Livro-reportagem?** Coleção Primeiros passos. Editora Brasiliense, 1993.

MACIEL, A. Z. **A narrativa ideal seria ir além de uma grande reportagem**: conceitos e características do livro-reportagem brasileiro. C&S – São Bernardo do Campo, v. 43, n. 1, p. 73-101, jan.-abr. 2021. Disponível em: https://curtlink.com/M4OiNL8. Acesso em: 1 mai. 2023.

MÁRQUEZ, G. G. **A melhor profissão do mundo**. In: Caros Amigos. Ano 1, no. 1, abril. São Paulo: Casa Amarela, p. 46.

MAZUI. G. **Secretário de Comunicação Fábio Wajngarten tem coronavírus, diz governo**. Portal G1. Política**.** Disponível em: https://shre.ink/DodC. Acesso em 19 jun. 2023.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. 12º reimpressão. São Paulo: N-1 Edições, 2023.

MEDINA, C. **Entrevista: o diálogo possível.** São Paulo: Ática, 2002.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Plataforma com dados e informações estratégicas sobre a Covid- 19**.Disponível em: https://abre.ai/kb4V. Acesso em: 14 jun. 2023.

MORIB, M. **Paraíba tem 302.701 casos confirmados por coronavírus**, no Bom Dia PB, em 11/5/2021. Disponível em: https://curtlink.com/I0afIIn . Acesso em: 22 Jun. 2022.

OBSERVATÓRIO OBSTÉTRICO BRASILEIRO. **OOBr SRAG**: Disponível em: https://abre.ai/kb5c. Acesso em: 3 jul. 2023.

PARAÍBA. **Boletim epidemiológico n. 3**. Secretaria de Estado da Saúde. Gerência Operacional de Vigilância Epidemiológica. Núcleo de Doenças e Agravos Transmissíveis. Disponível em: https://abre.ai/kb4s . Acesso em: 10 jul. 2024.

PARAÍBA. **Paraíba confirma primeiro caso de coronavírus**. Portal do Governo da Paraíba, João Pessoa, 18 mar. 2020. Disponível em: https://shre.ink/DodM. Acesso em 4 mai. 2022.

PARAÍBA. SECRETARIA DA SAÚDE DO ESTADO DA PARAÍBA (SES-PB). **Painel de Monitoramento da Covid-19 - Óbitos.** Disponível em: https://abre.ai/kb5x. Acesso em: 25 jun. 2023.

PORTAL CORREIO. **Professor morre com Covid-19 dois dias depois de ser internado e cinco dias após perder o irmão para a doença**. Disponível em: https://tinyurl.com/zpyk2unm . Acesso em: 22 ago. 2021.

PORTAL DO GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA. **Paraíba confirma primeiro caso de coronavírus**. João Pessoa, 18 março de 2020. Disponível em: https://curtlink.com/UujRG4n. Acesso em: 4 mai. 2022.

PORTAL G1 PARAÍBA. DA REDAÇÃO. **Presidente do Sinttel-PB morre por Covid-19**. Publicação em 15 mar. 2021. Disponível em: https://tinyurl.com/2sysk2y9 . Acesso em: 22 ago. 2021.

PORTAL G1 PARAÍBA. DA REDAÇÃO. **Assistente social morre de Covid-19 nove dias após morte do marido pela mesma doença, na PB**. Publicação em 29 mar. 2021. Disponível em: https://tinyurl.com/2p8s9ec6 . Acesso em: 22 ago. 2021.

PORTAL G1 PARAÍBA. DA REDAÇÃO. **Irmãos que estavam internados com Covid-19 morrem no mesmo dia na Paraíba, diz família**. Disponível em: https://glo.bo/3spi6hW . Acesso em: 20 jun. 2021.

PORTAL JORNAL DA PARAÍBA. **Paraíba passa de 4 milhões de habitant**es; confira população por município. 2020. Disponível em: https://tinyurl.com/bdfhdwc2 . Acesso em: 22 ago. 2021.

QUEIROZ, D.; DOUGLAS, J. **Paraíba bate novo recorde e registra mais de 16 mil casos de Covid-19 em uma semana**. Portal G1 PB, em 23/6/2021. Disponível em: https://curtlink.com/pH4vMur . Acesso em: 1 mar. 2022.

RAMOS, E. **Covid-19 matou mais de 2 mil gestantes e puérperas no Brasil.** Lunetas. Disponível em: https://abre.ai/kb4R. Acesso em: 4 jul. 2023.

KUNSCH, M. M. K. **Planejamento de Relações Públicas na comunicação integrada**. 12ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 2015.

SALVIANO, M**. Reportagem do Fantástico mostra a história de famílias órfãs por causa da pandemia, em 15/3/2021**. Reportagem do Fantástico (Nacional), replicada no Bom Dia PB. Disponível em: https://curtlink.com/WA6Wiqp . Acesso em: 22 Jun. 2022.

SCHMIDT, Beatriz et al. **Perda, luto e resiliência na pandemia de COVID-19: implicações para a prática com famílias**. Revista Pensando Famílias, v. 26, n. 1, 2022.

SEQUEIRA, C. M. **Jornalismo investigativo**: o fato por trás da notícia. São Paulo: Summus Editorial, 2005, p.197.

SIMAS, H. C. P.; NASCIMENTO, S. **Jornalismo literário**: a produção do livro-reportagem no curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFAM/Parintins. ECCOM - Educação, Cultura e Comunicação, v. 12, p. 162-181, 2021.

SODRÉ, M.; FERRARI, M. H. **Técnica de reportagem**. 3ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

TALESE, G. **Fama e anonimato**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TRUMAM, C. **A sangue frio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

VILAS BOAS, S. **O estilo magazine**: o texto em revista. São Paulo: Summus, 1996.

VILAS BOAS, S. **Perfis:** Como escrevê-los. São Paulo, Summus, 2003.

WOLF, M. **Teorias da comunicação**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

WOLFE, T. **Fogueira das vaidades**. São Paulo: Ed. Rocco, 2018.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Painel da OMS sobre o coronavírus (COVID-19). **Number of COVID-19 cases reported to WHO.** Disponível em: https://shre.ink/DodW . Acesso em: 14 jun. 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Painel da OMS sobre o coronavírus (COVID-19)**. Enfermidades, Emergências e Vacinas**. Disponível em: Acesso em: 16 jun. 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Painel da OMS sobre o coronavírus (COVID-19).** Brazil: WHO Coronavirus Disease (COVID-19) Dashboard With Vaccination Data | WHO Coronavirus (COVID-19) Dashboard With Vaccination Data . Acesso em: 16 jun. 2023.

UNA-SUS / ASCOM SE. **Coronavírus: Brasil confirma primeiro caso da doença.** Una-Sus, Brasília, 27 fev. 2020. Disponível em: https://tinyurl.com/5yd2w8tk . Acesso em: 04 mai. 2022.

APÊNDICES

ROTEIRO DE PERGUNTAS

O roteiro de perguntas abaixo foi base para todas as entrevistas, sendo adaptado no decorrer da entrevista. A proposta foi deixar que os entrevistados falassem a vontade e as interrupções para novas perguntas foram sendo feitas a partir da necessidade de esclarecimentos.

1. Gostaria que você falasse um pouco da sua família. Seus pais, irmãos e como é (era) a relação de vocês?

2. Como você recebeu a notícia da decretação da Pandemia do Coronavírus? Vocês mantiveram o isolamento social?

3. Como se viravam no isolamento. Como ocupavam o tempo e faziam para comprar o material necessário para a sobrevivência?

4. E como foi quando surgiu o primeiro caso de Covid-19 na família? Você teve receio?

5. Você esperava que sua família fosse atingida e de forma tão violenta?

6. Como foram feitos os serviços funerários? Quem fez o reconhecimento dos corpos, providenciou o enterro?

7. Em algum dos casos teve velório? Como foi?

8. Como foi lidar com o luto, especialmente nessas situações em que seus mortos sequer tiveram direito a um velório normal? Você e alguém mais da família buscou os serviços de profissionais da área de psicologia e psiquiatria?

9. E as condições financeiras de vocês, houve um abalo financeiro? Como bancar o sepultamento de mais de uma pessoa em pouco espaço de tempo?

10. O então presidente da República, Jair Bolsonaro, era um negacionista da doença. Inclusive, o Estado brasileiro demorou a providenciar vacina. Bem como, muitos médicos também se mostraram incrédulos quanto a gravidade da Covid-19, prescreveram medicamentos sem eficácia reconhecida. Como você avalia toda essa situação?

11. Você acompanha as notícias sobre a Covid-19? Como acompanhava as informações sobre a necessidade de proteção?

ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1 – FAMÍLIA MOURA/SANTOS

ENTREVISTA COM A JORNALISTA MAFALDA DE MOURA SANTOS, JORNALISTA, FILHA DE GERALDO DA SILVA SANTOS E IRMÃ HIDALGO MOURA DOS SANTOS E O IRMÃO AGNELO MOURA DOS SANTOS

1.Mafalda, gostaria que você falasse um pouco da sua família. Eu sei que hoje você é casada tem filhos, mas eu queria que você falasse sobre seus pais, irmãos e a convivência de vocês.

Resposta: Nós éramos seis, lá em casa. Meu pai, Geraldo da Silva Santos, mamãe, Silvera Moura dos Santos. Meu irmão mais velho, Hidalgo Moura dos Santos, Gualatieri Moura dos Santos, eu, Mafalda, e Agnelo Moura dos Santos. Meu pai era bem criativo em relação aos nossos nomes. Desde pequenos, a gente foi muito trolado na escola, sem entender direito sofreu muito bullying por causa dos nomes. Mas cada um tinha uma historinha; Mafalda foi uma rainha italiana, Hidalgo era um jogador de futebol; Gualatieri, na verdade era Gualatri, que meu pai tinha tirado de um vulcão de algum lugar, e Agnelo acho que era um padre de quem meu pai tinha muita admiração, que ele via nas enciclopédias. Meu pai apesar de ter pouco estudo, ele gostava muito de se inteirar das coisas. Nós somos do interior da Paraíba, de uma cidade chamada São José de Espinharas, fica polarizada ali na cidade de Patos, 20 km. Nós nascemos e crescemos na Zona Rural desse município, polarizado por Patos, onde nós estudamos, os quatro. Meu era agricultor, sempre foi e criou a gente com a agricultura, e nós morávamos numa fazenda que, na época, era de um grande latifundiário muito conhecido nas espinharas, Darcílio Wanderlei. Meu pai trabalha no sistema de meia, como se chama. Meu pai era meeiro. Nós tínhamos uma casa para morar, custeada por esse fazendeiro, um roçado para plantar e uma vaca para o leite. Mas tudo era dele. Ele dava esse subsídio pra meu pai criar a gente, dava o leite para a gente tomar, a roça para meu pai plantar, mas o apanhado, o apurado 50% já era dele e os outros 50% terminava ficando na fazenda também, porque ele quem fornecia o alimento, fornecia a carne. Fornecia tudo. Enfim, a gente foi criado nesse sistema. Para você ter uma ideia, eu vim conhecer João Pessoa, quando vim morar aqui. Eu tive um choque de realidade muito grande quando vim morar aqui, porque era tudo muito diferente, muito grande. E Patos que fica a 20 km da cidade e 30 quilômetros do sítio, e ia uma vez na vida e, isso, se a gente tivesse doente. Eu lembro que a gente pegava um pau-de-arara, que era um caminhão grande no dia de feira, que era na segunda-feira – se o menino estivesse doente só ia ao médico quando tivesse carro, porque se não tivesse, não tinha como levar não. Era uma situação bem difícil. Para estudar a gente também ia de pau de arara. E eu, por ser mulher, quando era criança a situação era bem

diferente. Eu terminei a 4ª série bem criança e meu pai não me deixou estudar na cidade. Então, eu fiquei repetindo a 4ª série por umas três vezes consecutivas, até meu irmão Hidalgo crescer um pouquinho mais e se responsabilizar de me levar até a sala de aula e depois ir me pegar. A gente ia para a estrada, eu ia com ele e pegávamos um pau de arara, uma hora e meia de viagem, debaixo de sol, debaixo de chuva, assistia aula na cidade e voltávamos na mesma situação. Ele pegado na minha mão, porque meu pai não confiava de me deixar sozinha na cidade. Isso de certa forma unia muito a gente, as dificuldades daquela época. A gente não tinha água, os meus irmãos botavam água com uns galões nas costas (duas latas grandes de óleo emendadas com uma vara grande, que serviam para transportar água). Anos depois vieram as carroças de burro, mas nesse período de nós pequenininhos, lembro demais meus dois irmãos mais velhos, Leca e Hidalgo – a gente sintetizava os nomes porque eram muito difíceis. E a gente mesmo dentro de toda essa pobreza e dificuldade, a gente foi criado muito unido. A gente, papai e mamãe. Mamãe era referência de bondade, de abnegação, de doação. Uma pessoa que viveu para cuidar dos filhos e depois para cuidar do marido. Papai infelizmente teve uma velhice difícil, ele adoeceu muito de diabetes e conviveu com a diabetes por muitos anos. Então mamãe cuidou dos filhos, de papai e de minha avó paterna, pois lembro que ainda na minha adolescência ela veio morar com a gente e ficou até morrer. A minha vó materna morava vizinha a gente. Zona Rural não tem rua. Tem mato que separa umas casas das outras. Então a gente foi criado assim, numa realidade, de Zona Rural, de roçado. O bom disso é que a gente por muito tempo uma boa alimentação.

2. Você também trabalhou no roçado?

Resposta: Na primeira infância, sim. Eu, meus dois irmãos mais velhos e o mais novo também. Eu e meu irmão mais velho sempre tivemos muito o desejo de estudar. Meu irmão mais velho, assim como eu, tinha muita vontade de estudar, e eu fui incentivada estudar por ele. Debaixo de chuva ou de sol, ele nunca deixou de ir para a escola. Ele teve muito apoio de minha mãe e de minha avó. Meu pai no auge de sua ignorância, ignorância de um matuto que não teve oportunidade, ele achava que meus irmãos precisavam trabalhar, que estudar não ida dar futuro. Ele não entendia isso, talvez por não ter tido essa oportunidade. Aí meu pai não queria que a gente fosse estudar na cidade porque perderia um turno de trabalho. Meu irmão trabalhava até às 11 horas, corria para casa, tomava banho, trocava de roupa e corria para pegar o carro de estudante. Era como a gente chamava o carro passava na estrada próximo lá de casa. Quando chegava de noite, ele passava até tarde da noite estudando, porque a gente tinha um atraso muito grande, pois nós vínhamos de Zona Rural. Era bem diferente do ensino da cidade. Eu senti muito isso, porque o meu irmão estava conseguindo me ajudar mais. Quando eu disse que queria fazer vestibular ele me colocou numa escola melhor. Ele já estava em São Paulo, e me tirou da escola estadual e me colocou numa escola onde todo mundo estava anos luz a frente de mim, correndo atrás, porque eu tinha muita vontade de sair de lá, de alçar voos, mesmo na minha inocência de sítio, mas eu queria muito sair de lá. E assim a gente cresceu. Passamos toda a nossa infância, muito unidos. Meu Hidalgo foi o primeiro a sair de casa com 18 anos. Foi para São Paulo, em 1994. Ele viu que lá no interior a gente não tinha muita perspectiva. Lá não tinha mudado muito, da nossa infância até a adolescência. Só tinha muito trabalho na roça. Quando ele terminou o terceiro ano, o segundo grau, ele

resolveu tentar sair. Em São Paulo, ele sofreu muito porque, matuto, de interior, normalmente só tem dois caminhos: um emprego digno, mas um subemprego de auxiliar de pedreiro ou coisa assim, ou vai sofrer um pouquinho mais e vai tentar caminhos melhores. Foi o que ele fez. Em São Paulo, ele trabalhou de tudo. Foi auxiliar de escritório, trabalhou numa loja de tinta, era alérgico a tinta e quase morreu, mas foi tentando e continuou estudando. Passou num processo seletivo para trabalhar no Banco Bradesco, como escriturário. A partir daí ele teve uma certa tranquilidade para ser o que ele queria que era estudar para a área de saúde. Fez um curso de auxiliar de enfermagem e começou a trabalhar na área e a vida dele começou a andar. Na sequência, ele entrou na faculdade de Enfermagem e começou a atuar. Ele já 20 anos de enfermagem em São Paulo. E nós ficamos. Foi ele quem me deu todo apoio para estudar. Ele já tinha autonomia financeira, meus pais não tinham condição de me ajudar e ele disse: "Se você quiser de verdade, eu lhe ajudo". Eu já estava na adolescência e ele começou a me ajudar. Nossos outros dois irmãos era agricultor nato, até hoje ele continua assim até hoje. Ele sempre gostou da agricultura e, nisso, ele deixou de estudar. Terminou o segundo grau e parou. Casou-se e mora até hoje lá trabalhando na agricultura. O outro era mais novo, fez concurso para a Prefeitura e era funcionário municipal. Ficou por lá também no Sertão. Eu não. Eu migrei para cá. Passei no vestibular de Jornalismo no ano de 2000. Migrei para João Pessoa com a ajuda do meu irmão que estava em São Paulo. E ele, a partir do momento que pegou na minha para estudar, virou uma espécie de protetor para mim. E como se ele fosse a pessoa com quem eu poderia contar. Acho que era um segundo pai pra mim. Abaixo de meu pai, ele era a pessoa com quem eu podia contar. Ele fez muito essa diferença em ser um segundo pai. A diferença de idade nossa era pouca. Se esse ano (2022) ele tivesse vivo, ele faria 48 anos e eu já tenho 43, ou seja, cinco anos. Ele tinha nele essa coisa do cuidar. Acho que ele herdou de mamãe. Puxou a mamãe, como diz o matuto. Como ele morava em São Paulo e eu morava aqui, e meus outros dois irmãos casaram, tinham as suas famílias e moravam perto de papai e mamãe, a gente se encontrava uma vez por ano. Mas era uma festa. Hidalgo tirava as férias dele, e eu como sou jornalista, muitos anos trabalhando praticamente de domingo a domingo, sempre dava um jeito de tirar uma folga e passar pelo menos um fim de semana lá.

3. Você veio para cá, casou-se, foi formando família. Conta um pouco dessa história.

Resposta: Em 2000, entrei na faculdade, estudei, me formei. Em 2006, eu iniciei o meu relacionamento com o meu primeiro marido. Foi um relacionamento de oito anos, tivermos uma filha. Quando eu me separei em 2014, o meu irmão de são Paulo começou a fazer o papel de pai para a minha filha também. Como eu já não precisava mais de tanta ajuda e ela precisava, ela nasceu em 2010. Quando eu me separei do pai dela, meu irmão assumiu, mesmo de São Paulo ele estava muito próximo de nós. Ele fazia todo o acompanhamento dela. Ele foi o meu suporte e meu apoio e foi para a minha filha também. Meu primeiro apartamento aqui em João Pessoa foi ele quem ajudou a comprar. O primeiro carro, tudo o que eu precisava, era a ele que eu recorria, porque meus pais não tinham condições. Chegou um certo momento da vida que nós começamos a ajudar os nossos pais. É um processo natural. E quando minha filha nasceu, ele deu um suporte na criação dela. Para se ter uma ideia, era para ele que minha filha ligava. Era para ela ligar para o pai dela que mora aqui.

Mas ela procurava Hidalgo para dizer como estava o boletim, para dizer que estava na Olimpíada de Matemática, para dizer que tinha conseguido um certificado de melhor leitora do mês da Escola. Todas as conquistas da Escola, era com ele que dividia. Isso foi cultivado por ele, pois como não tinha filhos, gostava de fazer esse papel. Eu me lembro muito dos nossos encontros anuais. Ou no aniversário dele ou no aniversário de nossa avó, vó Helena, que morava com a gente, a gente sempre se encontrava e era muito bom. A gente relembrava a infância, as dificuldades. Hidalgo e Leca dividiam uma havaiana, Agnaldo e eu, outra. Meu pai não tinha condições de comprar. Tinha uma época do ano que a gente andava descalço. Mas a gente estava tão acostumado de andar descalço, que aquilo ali não feria, não maltratava e a gente só procurava não passar por cima de pedras para não machucar o pé. Para a gente era um processo natural, tanto é que eu não me lembro com tristeza, mas com saudosismo. Eu me lembro como era divertido a gente saltar as pedrinhas para não machucar o pé. Eu e meu irmão mais novo e Hidalgo e Leca, porque com o apurado daquele ano papai não podia comprar roupa para todo mundo, calçado para todo mundo. Naquela época era tão comum. Meu só tinha quatro filhos, mas outras famílias tinham 10 filhos. E todo mundo andava com roupa repetida, com roupa dos primos, com roupa de quem desse. A gente não tinha essas coisas. Era tudo muito limitado. Mas também muito feliz, pois como éramos da Zona Rural, as outras coisas compensavam. Eu aprendi a nadar num açude gigantesco. A gente não tinha medo de nadar, não tinha medo correr, de andar no mato. Não tinha medo roubo, de estupro. A gente era muito tranquilo, conseguiu ser criança e ser muito feliz com tudo isso. Fazer tudo que as crianças merecem e devem fazer. Coisas que as de hoje não têm acesso, poder se envolver com as outras famílias, com os vizinhos sem ter medo de que alguém possa fazer mal. Hoje em dia a gente cria os filhos num casulo, com medo, o que não acontecia com a nossa infância, há 40 anos.

4. Você se casou de novo e engravidou. Tem um novo bebê. Conta essa história.

Resposta: Em 2019, veio a notícia que eu tinha engravidado de novo. Era outro relacionamento. Quando eu me separei do meu primeiro marido passei vários anos sozinha, cinco, seis anos. Esse bebê é fruto de um relacionamento muito recente. Eu iniciei um relacionamento e engravidei. Acho que foi por conta de N situação e você fica meio perdida em relação às coisas, engravidei. E quando eu engravidei não entendia como uma pessoa aos 40 anos se deixa passar por um vacilo desses. Não estava nos meus planos ter outro filho. Mas também levei a gravidez da melhor forma possível. Apesar dos 40, a minha gravidez foi tranquila, e veio Nícolas. E meu irmão Hidalgo veio para o parto, participou e me ajudou no parto. Eu tive uma complicação com a anestesia, eu seu alérgica a anestesia, e a dosagem da raqui foi muito pequena e e os médicos tiveram pouco tempo para fazer o parto e eu comecei a sentir as dores. Tiveram que aplicar uma anestesia geral e eu quase morri no parto de Nícolas, porque tive um choque anafilático. Foi bem complicado. Hidalgo passou um mês cuidados de mim. Fiquei com fortes sequelas, passei um período com dores de cabeça fortes, e eu não conseguia direito amamentar. Foram dias bem difíceis e ele estava do meu lado. Eu acho que era a nossa despedida, porque ele passou um mês aqui em casa e minha mãe também. Então foi um período em que ficamos ainda mais próximos. E na sequência, Nícolas estava com dois meses e meio, aí começou a pandemia e de cara ele já foi atingido.

5. No momento que começou a pandemia, ele já estava lá em São Paulo e vocês aqui. O que se passou na sua cabeça e dos seus familiares quando foi decretada a Pandemia? O que se passou na cabeça de vocês e como foi a vida de vocês nesse primeiro momento?

Resposta: A pandemia para a gente teve um impacto muito grande, logo de início. Quando decretaram a pandemia, se não me engano, foi no dia 17 de março, as escolas pararam. Eu deixei a minha filha na escola, tinha uma consulta marcada, e ligaram para mim para eu ir pegá-la. Estava no consultório do médico estava conversando com ele, um angiologista, para marcar a minha cirurgia de varizes. Ele é de São Paulo e contava que lá já estavam se preocupando de verdade com o vírus, que tinha conversado com os colegas. Mas ainda era uma ideia e a gente ainda não tinha sentido de verdade o que era aquilo ali. Então, dia 17, eu peguei minha menina, fui pra casa. Lembro que foi 16, 17, 18 e 19. Esse meu irmão falava comigo todos os dias. No dia 17, foi o último dia que eu tinha falado com ele. Ele passou 24 horas sem se comunicar, não mandou áudio e nem nada, mas a gente nem de longe imaginava. No dia 17, no final da tarde, ele mandou uma foto do hospital onde trabalhava, de máscara. Era uma self, onde dizia: "Hoje atendimento umas 30 pessoas com sintomas gripais e suspeita do coronavírus. Estamos assustados". E como ele era muito religioso concluiu: "Deus nos proteja desse mal". E aí não deu mais notícia por mais de 24 horas. Quando foi na sexta-feira, dia 19, à noite, ele mandou uma mensagem no grupo da família dizendo: "Família, reze por mim. Eu acho que esse maldito vírus me pegou". Quando eu vi essa mensagem, eu me desesperei e liguei para perguntando Hidalgo o que foi que aconteceu. Ele já ofegante, disse para mim: Má (como ele me chamava) está tudo bem. Dando sinais de que já estava cansado. Ele disse que tinha feito uma tomografia, que estava num lugar bacana de referência, que eu não me preocupasse porque era um hospital muito bom. Era o Hospital Municipal de Tatuapé, onde ele trabalhava, prestando serviço a uma OS e estava à serviço da Prefeitura de São Paulo, nesse hospital. Então, eu me comuniquei com ele até uma hora da manhã. E ele fez a tomografia e mandou um áudio para mim: "Mas, graças a Deus está tudo bem, só apresenta sinais de uma pequena pneumonia. Eu só não entendo por que eu nunca tive problema de pulmão, mas a gente está cuidando. Meu celular vai descarregar e eu vou deixar com um colega e amanhã, um dos nossos primos vem aqui ligar". E eu perguntei por que ele ia deixar o celular. Então ele respondeu: "Eu acho que eu vou dormir um pouco. Estou muito cansado". Eu acho que ele não queria dizer que estava sendo internado. Naquele momento que eu terminei de falar com ele, o celular só voltou a dar sinal de vida às 7 horas da manhã, já era um conhecido nosso, dizendo que ele estava na UTI. Isso já foi um choque, porque algumas horas depois ele estava sendo transferido para a UTI. Então, não era qualquer doença. Só apareceu notícia do celular dele de novo de meio dia. Ele já estava entubado. Foi tudo muito rápido. Desse dia até o domingo de tarde – ele foi internado na sexta-feira à noite, no sábado foi entubado e só viemos ter notícias de novo no domingo à tarde, porque a gente pediu para uma prima nossa ir, alguma pessoa da família para saber alguma coisa. Paralelo a isso, as rodoviárias fechando, o comércio fechando, todos os aeroportos fechando. Só farmácia e supermercado abertos. João Pessoa tinha virado uma ilha. Não tinha ninguém nas ruas, parecia um deserto, uma cidade fantasma. E aquela sensação de soco no estômago o tempo todo. Eu com um bebê, meus pais idosos ilhados lá no sítio, pois nós colocamos papai e mamãe isolados para ninguém chegar perto. Meus dois irmãos apreensivos. Meu

irmão mais novo era divorciado da esposa e morava com o meu pai e minha mãe. Então eles estavam assistidos, mas estavam em pânico. Aqui em João Pessoa, eu virei o suporte. Recebia as notícias e passava da melhor forma família e para os conhecidos. Como foi logo no início, era muito assustador. Cada notícia que vinha do Jornal Nacional, cada notícia local de alguém que morria com sintomas gripais com suspeita de coronavírus, cada hospital que começava a fechar as UTIs, isso ia dando aquela situação de angústia. Ninguém mais comia, ninguém mais dormia, não tinha ânimo para nada. Eu estava amamentando e o leite secou. O desespero da família foi tão grande, que criamos uma corrente gigantesca de oração. A gente união pessoas do mundo inteiro para rezar por ele. No final do dia, foram 11 dias até ele morrer, chegava notícias e todo mundo começava a ficar tenso. Ele era uma pessoa muito querida, porque tinha uma história muito bonita de cuidado, do cuidar do outro. Ela era uma pessoa que nasceu com esse dom de ajudar, o dom de fazer pelo outro. É tanto que escolheu a profissão de enfermeiro que é de se doar muito. E aí foram dias terríveis. Eu acho que eu nunca rezei tanto. Eu acho que eu nunca pedi tanto a Deus.

6. Você é uma pessoa religiosa?

Resposta: Eu sempre fui criada dentro da religião. Minha mãe, minha vó e toda minha família sempre foram muito religiosas. Eu me afastei muito da Igreja. Não priorizei e sempre questionei por que muitas coisas estavam acontecendo e esse momento também foi um momento em que eu lutava dentro de mim para não questionar, para ter fé e acreditar que ele ia voltar. Acreditei muitos momentos de que Deus não iria levar uma pessoa tão boa, pessoa que só faz o bem. Talvez Deus precisasse de alguém como ele lá e hoje eu tento entender isso. Apesar de ter passado dois anos, eu ainda não digeri. Eu ainda fujo dos meus pensamentos, eu ainda tento não lembrar, não viver, não reviver. Quando vem uma lembrança forte, boa da gente, eu procuro esquecer para não sofrer. Eu acho que vai ser assim para sempre.

7. Qual foi o dia que ele morreu?

Resposta: Ele morreu no dia 31 de março de 2020. Dia 20 ele foi entubado e no dia 31, faleceu. Nesse processo, a gente tentava voo para lá e não conseguia. Meu irmão que foi, chegou no dia 31, no dia que ele morreu. Já estava para pegar uma carona num posto de gasolina, que caminhão não parou de rodar. Ele disse; “Eu vou em qualquer caminhão desses”. Nem carro passava nas estradas nesse tempo. Estava tudo parado. Mas a medida que o tempo passava, ele só piorava. Ele entrou no Hospital com 76% do pulmão comprometido. Ele morreu na terça. No sábado, um primo nosso foi lá visitá-lo, ele era enfermeiro, porque a gente não conseguia ninguém para visitá-lo. Nós tínhamos tantos familiares em São Paulo, mas lá era o epicentro. Se aqui a gente estava com medo, lá estavam todos apavorados, porque já estavam cavando aquelas valas comuns, nos espaços lá de cemitério. São Paulo estava em estado de guerra. E como esse primo nosso era enfermeiro, ele foi e quando chegou lá, ligou e disse: “Mafalda, é quase impossível. Se vocês acreditam em milagre, se apeguem com Deus. Hidalgo está com 94% de comprometimento pulmonar. Hidalgo estava com toda aquela respiração mecânica. Todo

mundo estava tentando salvar o pulmão dele, mas era impossível. E a gente não sabe por que ele está vivo. E se vocês conseguirem, seria o ideal alguém vir para São Paulo". E a gente se movimento e conseguimos mandar meu irmão. Eu mobilizei João Pessoa toda e Recife, todo mundo que eu conhecia para arranjar uma passagem, comercial, seja lá o que fosse. E a gente conseguiu uma passagem na terça-feira de madrugada para que meu irmão fosse. Ele chegou às 7 horas da manhã em São Paulo. Ainda chegou a ir no hospital no dia 31, às 15 horas, conversou com os médicos. A situação era a mesma. Ele voltou para casa da minha prima que nos deu esse suporte lá. E aí, às 22 horas ligaram do hospital para meu irmão ir lá. Parece que Hidalgo estava só esperando alguém chegar pra morrer. E assim foi soco no estômago. Como dizer para minha mãe e meu pai que meu irmão havia morrido, com 45 anos? Como dizer que o suporte, o pilar de sustentação da família, que apesar de morar em São Paulo, era ele quem geria tudo, a saúde do meu pai, orientava minha mãe, porque meu pai já era muito fraco. Como dizer que aquela pessoa tinha partido. Acho que aquele foi o dia mais difícil da minha vida, foi aquele momento. Eu acredito hoje que Deus levou Hidalgo primeiro para preparar a gente para o que vinha depois, porque foi muito impactante. Em nenhum momento eu achei que ele ia morrer. Eu dizia, "ele vai voltar porque ele é forte", "ele vai voltar porque não vai se deixar morrer", "ele vai voltar porque ele não vai deixar a gente". Acordávamos todos às 3 horas da manhã para rezar. No grupo da família, todo mundo botava despertador para acordar e colocávamos todos nós e amigos para rezar. Era tudo muito forte. A oração nos fortaleceu muito e ele foi. Foi tudo muito cruel. Hospital onde ele trabalhava há anos, deram algumas horas para gente tirar o corpo, porque não podia ficar o corpo de covid, porque naquela época, ninguém sabia o tamanho do mal que aquele corpo poderia fazer, o estrago. Com ele, naquela noite, morreram 30. Agnelo, naquela cidade gigantesca, tinha poucas horas para tirar o corpo. Um menino do interior da Paraíba. Se não tirasse, o corpo de Hidalgo seria jogado em uma daquelas valas, no cemitério. O homem que passou a vida cuidado de pessoas, morrer sozinho num leito de UTI e ser jogado numa vala. Então, para a gente foi cruel. A gente queria cremar, mas não deu tempo, porque tinha que sepultar o mais rápido possível e nem podia ficar com o corpo. Nem o necrotério poderia demorar. Ainda deram algumas horas porque ele era funcionário de lá. Nem as casas funerárias não queriam por medo do vírus, era assustador. Mesmo o corpo estado vedado, colocavam num saco e depois em outra sacola e fechavam. Foi tudo muito cruel, pois a gente não poderia mais ver ele. Além de uma sacola vedado, ainda com uma fita enrolando todo o corpo para vedá-lo, para não ter nenhum contato com ele. Tivermos apenas oitos horas para todo esse processo. Como ele era solteiro, para cremar a gente que ter a autorização de papai e de mamãe. Aí eles tinham que fazer essa autorização no Cartório de Patos e como a gente poderia levar papai e mamãe em um ambiente desses, sem contar que os cartórios estavam fechados. Não dava tempo. A gente teve que alugar um lugar no Cemitério de Santo André por três anos e é onde ele está enterrado. A sorte foi que essa prima deu todo apoio, não teve medo do vírus, como outros parente e amigos tiveram, e a gente entende isso. Mas foi muito cruel porque ele ficou sozinho lá. Mas aí a gente conseguiu enterrar e o enterro dele durou sete minutos.

7. Quem esteve lá?

Resposta: Agnelo, meu irmão caçula e poucos amigos. A minha prima, o esposo, alguns colegas de trabalho dele. Os que tiveram coragem de ir, porque nem todo mundo teve. Meu irmão transmitiu o sepultamento dele pelo Facebook. Mas foi muito, muito cruel. Aqueles homens todos vestidos com umas capas brancas. O carro da funerária foi chegando e abriram o carro rápido e foram colocando o caixão rápido na cova, tudo com muito medo. Como ele foi o primeiro enfermeiro do Brasil, teve repercussão nacional. Tem matéria até no Fantástico. E na época, estava investigando os hospitais públicos de São Paulo pela falta de proteção, as EPIs. Investigaram o Hospital, saiu uma matéria gigantesca no SBT, porque morreram outros enfermeiros na época de Hidalgo. Quando ele morreu, tinham apenas 240 pessoas mortas no Brasil.

8. Então, ele foi um dos primeiros mortos do Brasil mesmo?

Resposta: Foi um dos primeiros a morrer de coronavírus e o diagnóstico dele só saiu meses depois. A gente sabia que ele tinha morrido de covid porque já tinha muita gente morrendo. Mas a gente só teve a confirmação oficial muito depois. E foi muito difícil para o Hospital liberar o atestado de óbito por covid, porque eles estavam com muito medo das estatísticas. Era tudo novo para todo mundo. Mas a gente conseguiu um advogado em São Paulo.

9. A partir dessa notícia, da morte, como ficaram você e seus pais? Você foi para perto deles ou ficou aqui/ como foi todo esse processo a partir da morte dele?

Resposta: Foi pânico, não só para a gente, pra nossa família, para amigos. Todo mundo ficou apavorado. Primeiro foi muito triste, um choque de realidade muito pesado para todos nós. Minha mãe, que eles tinham uma ligação muito grande, de afinidade acho que de outras vidas, ela passou meses sem falar, sem atender o telefone. Ela só falava com quem ia lá falar com ela. Papai fugia do assunto, como eu. Depois que eles tiveram aquele luto inicial, algumas semanas de choro, desespero, luto profundo, papai parou de falar, não gostava quando as pessoas falavam. Até papai morrer, ele não falava da morte de Hidalgo. Quinze dias depois eu fui para lá, porque eu tinha que esperar um tempo que meu irmão voltou de São Paulo e precisava ficar 15 dias de quarentena, na casa de uma tia nossa. Quando ele voltou de São Paulo, veio dirigindo o carro de Hidalgo e conduzindo a mudança. Ele conseguiu trazer as coisas de meu irmão para cá. Ele passou ainda duas semanas e São Paulo, resolvendo a parte burocrática, fechando o apartamento dele. Hidalgo tinha acabado de se mudar e comprado um apartamento novo. Ainda estava fechando os últimos trâmites. Tanto é, que quando ele morreu, o banco concluiu o financiamento e ainda faltava uma parcela da dona do apartamento. Ele já tinha dados uma parte do apartamento dele e a outra parte era o banco que ia dar. Essa senhora ficou desesperada, achado que perder. E a gente teve que segurar ainda uns meses, tivemos que arranjar um advogado em São Paulo para resolver tudo isso. Até que passasse esse dinheiro para essa mulher, foi tudo muito sofrido.

10. Tendo que resolver tudo...

Resposta: É tanto que a questão do inventário, ele tinha alguns bens, e o inventário ainda está sendo resolvido hoje. E foi muito inusitado, tudo. O advogado disse que foi a primeira vez que pegou um caso de um inventário tão inusitado. Como ele era solteiro, os herdeiros eram pai e mãe. Nos primeiros três meses de processo, papai morreu. Aí ele teve que reiniciar o inventário para mamãe e os herdeiros de papai. Três meses depois que ele iniciou, Agnelo morreu. Aí ele teve que reiniciar o processo com mamãe, os herdeiros de papai e a herdeira de Agnelo. Ele disse que foi tão inusitado isso. Quantas e quantas famílias no Brasil devem ter passado por isso, não é? Todo esse processo, você está no meio do caminho, morre outra pessoa. Eu acho que a covid veio com um propósito ou de dizimar a população ou nos ensinar alguma coisa, porque é muita dor e só sabe quem passa.

11. Como foi o processo de morte de seu pai?

Resposta: Com a morte de Hidalgo, a gente tudo ficou pirado. A família toda ficou muito assustada. Eu proibi qualquer pessoa de ir lá em casa, deixei os meus pais isolados. Como estava tudo parado, para eu ir pro sítio, eu passava 15 dias isolada dentro de casa, para ir ao carro direto, sem parar em posto, sem fazer xixi, sem trocar frauda de bebê. A gente ia aqui direto, entrava no carro e parava em Patos. Descia no sítio direto, com medo de levar o vírus ou trazer o vírus. E meu pai, apesar de ser idoso e ter comorbidade, pois ele era diabético crônico, cardíaco crônico e renal crônico. A gente sabia que se papai pegasse covid, ele iria embora logo. E assim foi. Mesmo com todo esse cuidado, papai se acidentou no sítio no dia primeiro de agosto. O terreno em alguns momentos é irregular e ele quebrou o fêmur e teve que ir pra Patos. A cidade estava contaminada de covid. Então, ele foi, fez a cirurgia do fêmur, e no dia 5 de agosto ele estava de alta. Eu estava indo para lá, porque aqui em João Pessoa é feriado. Eu lembro que eu fiz uma chamada de vídeo e disse a ele que estava indo e estava levando Nícolas, ele era apaixonado por Nícolas. O meu bebê virou o suporte de todo mundo porque, apesar de uma morte, nós tínhamos uma vida. Apesar daquela perda, nós tínhamos um ganho que estava tirando o foco da dor. E sempre que eu ia, levava Nícolas para o sítio. Às vezes eu fazia três chamadas de vídeo por dia, porque ele queria ver Nícolas tomando banho. Para papai, virou o bálsamo. Eu fiz a chamada de vídeo de 7 horas dizendo que eu estava indo, entrei no carro, e uma hora depois, quando eu estava em Campina Grande, papai já tinha chegado no Sítio, tinha passado mal e tinha voltado para a cidade. A condução de papai da alta, da saída do hospital para casa, ele infartou. Voltou para o hospital e foi direto para a UTI e de lá ele não saiu mais, porque na UTI detectaram que nesses primeiros cinco dias o pulmão dele já deu alteração. Ele pegou a doença no primeiro dia. E meus dois irmãos Agnelo e Leca ficavam se revezando, cuidando dele. Os dois pegaram. Papai morreu no dia 16 de agosto. Papai morreu 16 dias depois que pegou e Hidalgo foi 11 dias. Eu fui para o sepultamento de papai. Ele morreu no domingo e na segunda, eu saí de madrugada e cheguei bem cedinho, não levei ninguém. Ele morreu às 17 horas do domingo e foi enterrado às 7 horas da manhã da segunda. A funerária colocou o caixão dele dentro do carro e a gente não teve que enterrar as pressas. E meus dois irmãos já estavam com sintomas. Quem teve que organizar tudo foi minha cunhada, a namorada do meu irmão. Eu fui e meus dois irmãos já estavam isolados e minha mãe já estava e ninguém sabia, porque ela foi assintomática. Enterramos papai e eu passei ainda dois

dias cuidando dessa questão de atestado de óbito, essas coisas. Então, dei esse suporte e voltei. Dormi dois dias com mamãe na cama, ela com covid, e eu não peguei. Não entendo até hoje. Então, eu saí para casa e meu irmão, umas duas horas depois foi para o hospital e passou sete dias internado. A gente achou que ele ia morrer, porque o processo era tudo igual: interna, vai para a UTI, entuba e morre. Quando Leca internou, ficou aquela tensão, e Agnelo nem chegou a internar. Ele se curou da covid, mas ficou sequelado. Leca ficou sequelado com diarreia por mais de um mês e com dificuldade de respiração. Mas a fisioterapia, a caminhada melhorou e ele engrenou em um outro estilo de vida, até hoje. Perdeu peso, tem outro pensamento. E Agnelo não se libertou. Ele sentia dores musculares, dores nas pernas. Achávamos que a covid tinha deixado sequelas nele como a Chikungunya deixa. E ele começou a investigar em Patos. E ele para a cidade, fazia uma bateria de exames e ninguém descobria o que era. E voltava para casa tomando uma medicação que era paliativa, passava por uns dias e, daqui a pouco, dor de novo. Dor lombar, muscular, na coluna, nas pernas e ficou nessa quase três meses, a ponto de fazer uma viagem para João Pessoa e chegou se arrastando. Veio deixar mamãe aqui em setembro. E disse que não sabia o que ele tinha, pois desde a covid não estava bem. Ele tinha inchaço nas articulações. E eu disse para ele que a covid devia ter deixado sequelas como a Chikunguny. O que aconteceu, a covid o explodiu por dentro, inflamou ele por dentro. Não sei se isso aconteceu com outras pessoas. De forma muito leiga eu digo isso porque eu passei isso para todos os meus familiares, e era como se ela passasse dentro de você e descobrisse todas as falhas. Se você tivesse diabetes, ele era ampliado, se tinha problema renal, era ampliado. Meu irmão Agnelo tinha um câncer e a gente não sabia. Ele tinha um tumor localizado atrás do intestino e a covid jogou esse mal pra fora. E nesses três meses que medicamentos para as dores que ele sentia, a gene não descobriu se as dores eram casadas como sequelas da covid ou se eram os tumores. Então ele foi para Campina Grande e ao fazer novos exames, descobriu-se que ele estava cheio de tumores por todo corpo, no fêmur, por traz do intestino. Fizemos vários exames e na véspera dele morrer, ele morreu num sábado, dia 5 de dezembro. Então, na sexta-feira, a gente descobriu esse tumor. Então, ele estava aqui em João Pessoa para se tratar. Quando a gente descobriu o tumor, ele morreu no outro dia. Não deu tempo se tratar. Ele havia sido bombardeado de medicamento, sem que ninguém soubesse do que se tratava, e isso sobrecarregou os rins e o rim paralisou. Ele começou a inchar e aí eles começaram a tratar ele com hemodiálise, ele desinchou, mas aí atingiu o pulmão que estava todo ferrado com a covid. Eu acredito que a gente perdeu três pessoas para a covid, porque mesmo ele tendo esse tumor adormecido, eu acho que se não fosse a covid tinha dado tempo para a gente ter descoberto e tratado e ele estar vivo até hoje.

12. Como foi processar esse novo luto e ao mesmo tempo as três mortes tudo no mesmo ano?

Resposta: Eu acho que a gente não teve tempo de viver o luto. Eu acho que o luto da minha família foi superado sem ser vivido, porque até hoje, dois anos depois, eu ainda sofro lembrando. Eu ainda me sinto de luto e ainda fujo dele até hoje. Porque eu também tive problemas com a ressaca da covid. A ressaca da covid trouxe sequelas para a minha filha: a depressão. Eu luto com a depressão dela até hoje. Minha filha de 12 anos está sequelada. Ela por ser criança, ela tinha 10 anos, quando ele morreu. Então, ela perdeu

uma referência, a do segundo pai dela. Na sequência o avô, depois o tio. Todo esse processo eu estava muito atingida, muito debilitada. E ela muito fragilizada. Eu estava fragilizada e não percebi que ela estava também. Nós estávamos dilacerados, enquanto família. Ela estava do meu lado todos os dias, e eu não conseguia perceber. Só vim ver em 2021, depois que começou o ano letivo, que ela voltou para a sala de aula, em 2021 eles tiveram essa tentativa de voltar para sala de aula, e as notas dela baixaram. Ela sempre tirou notas boas, sempre foi interessada e de uma hora para outra caíram. E aí eu só notei por conta disso. Então fui à escola dela e disseram que ela estava desinteressada e eu passei a acompanhar. Ela estava sofrendo muito, estava com medo de voltar para a escola, estava sem vontade de voltar para a escola, estava sem vontade de viver. Aí eu enlouqueci. Fui em busca de tratamento psicológico para ela e ela faz esse tratamento até hoje. Mas ela entrou num fundo do poço porque ela sentia falta do segundo pai, ela sofria pelo avô e pelo outro tio e sofria por me ver sofrer. Ela estava longe tudo, dos amigos, da escola, vivia enclausurada num quarto, em um apartamento de 80 metros quadrados, porque não podia descer, porque estava tudo interditado. O lazer que ela tinha era ir uma vez, outra com a gente para o sítio. O resto era ficar dentro de casa assistindo televisão ou olhando no celular. A ressaca da covid veio forte para mim. Depois que eles passaram, que a gente não teve oportunidade. Eu pensei, meu Deus do céu, não é possível que possa acontecer mais um coisa ruim e eu fique com muito medo. E eu tenho por que foi diagnosticado. E eu fui batizar meu filho em novembro do ano passado e aí eu chamei minha família e vieram todos. Hoje a minha família se resume a mim, minha mãe, meu irmão, min há cunhada, minha sobrinha e meu sobrinho. Porque meu irmão se separou da mulher e ela está em outra história. São essas cinco pessoas, meu marido e meus filhos. Então vieram e voltaram num só carro minha mãe, meu irmão, a esposa dele, meu sobrinho e minha sobrinha e eu fique em pânico que acontecesse alguma coisa com eles. Você fica tão perturbada porque fica aquela sombra de coisas em nossa volta. “Meu Deus será que vai acontecer alguma coisa. Eu chamei todo mundo. Se acontecer alguma coisa eu não vou me perdoar. Eu vou ficar sozinha no mundo”. Sabe quando você tem tanto medo de que aconteça. Eu acho que a covid fez isso com as pessoas. Além de destruir lares, famílias, muitos filhos que perderam os pais, maridos que perderam esposas, esposas que perderam marido e quando a gente vai ver a sua história é só mais uma. Você virou uma estatística muito triste no país. E que não tem mais volta. Nunca mais vai ter um Natal. Aquelas festas que a gente fazia em família nunca mais vai fazer. A lembrança boa doe mais do que a lembrança ruim. Acho que as lembras boas doem mais do que os acontecimentos ruins. Nós somos muito jovens e a gente tinha muita coisa para viver ainda. Eu queria muito meu irmão estivesse vivo e acompanhasse o crescimento do meu filho e Nícolas tivesse a referência de pai, porque ele era um grande ser humano. Meus filhos iam ganhar muito, porque iam ter convido com eles, com os três. É bem difícil. Acho que a vida da gente tem dois momentos: o AC (antes de covid) e o DC (depois da covid). Nunca mais vai ser igual para ninguém que passou por isso.

13. A sua filha hoje é acompanhada por psicólogo. Você também é? A sua família toda é?

Resposta: A minha sempre foi muito religiosa. Ela é hoje três vezes mais. Ela está hoje aqui comigo e a gente combinou que a partir de agora a gente vai ficar muito mais unidas,

muito mais juntas. E eu acho que valorizar a companhia, mesmo como a gente já fazia, tem um peso muito maior porque a gente não sabe o dia de amanhã. Não sabe mesmo. Se alguém me dissesse lá em 2007 que no início de 2020, eu ia passar por tudo isso, parece cena de filme de terror, as coisas vão acontecendo ao seu redor e você fica perguntando: "Eu estou vivendo mesmo isso?". Isso é um pesadelo, com a sensação de que você está a todo instante levando um soco no estômago. Ano passado, minha filha teve e meu marido também. Eu e o pequeninho não tivemos. Já estavam vacinados, mas a sensação de ser mais leve. Mesmo deu muito medo desse vírus letal dentro de sua casa. Ainda é bem difícil. Minha mãe passa muito mais tempo rezando, toda vez que os pensamentos dela são sobre isso, ela vai e reza. Falar não é fácil. Escutar, ver foto não dá. Tem coisas de meu irmão que estão empacotadas até hoje, porque ela não consegue ver. Doou mesmo sem ver todas as roupas dele. Tudo o que ela podia doar, ela doou. Ficou com fotos e poucas coisas par não ver para não sofrer. A mesma coisa ela fez com meu pai e meu irmão. Esse período junino é um período que a gente se reúne, não é, enquanto nordestino, sertanejo. A fogueira, esses símbolos juninos que sempre unem as pessoas, as famílias não têm mais esse brilho. Eu não sei se esse brilho volta. Não sei se dentro mim as coisas vão voltar. A alegria que eu sentia, ser inteira de novo. Esse vazio que eu sinto, acho que muita gente sente, pessoas que perderam um ente querido de forma tão abrupta, tão violenta, é como perder para um acidente. Quando você vê uma pessoa sofrendo a vida inteira, você entende a morte. Mas quando você vê uma pessoa cheia de vida e de sonhos, como a do meu irmão, com a conquista de um apartamento novo que não tinha sido pago ainda. A conquista de uma pessoa que viveu a vida inteira para os outros.

14. Mafalda, Hidalgo foi a pessoa da família que saiu, foi para São Paulo, cresceu, ficou ajudando, ficou sendo um suporte financeiro. Além da dor da perda, hoje em dia a vida financeira de sua mãe, sua e de seu irmão?

Resposta: Até nisso, como meus pais já são idosos, esse já era um momento da vida deles mais tranquilo financeiramente falando. Eles já estavam aposentados. A aposentadoria do agricultor rural chega um pouco mais cedo, acho que uns cinco anos. Então meus pais já eram aposentados. Teoricamente eles já tinham uma vida mais tranquila. Hidalgo fazia o que nesse segundo momento, qualidade de vida. Organizou a casinha deles no Sítio. Era uma casa mais antiga, investia nisso. Comprou um carro para os meus pais para eles não ficarem dependendo de pau de arara, carro de feira lá, porque essa realidade ainda existe. Então, ele foi dando conforto para eles. Mas nesse momento que eles se foram, a minha mãe já estava aposentada, também. Mas ainda assim, o apartamento de Hidalgo em São Paulo está alugado. Até nisso ele ainda está ajudando, porque é para ela que vem esses benefícios. Mas nada comparado a ele estar vivo.

15. E ele morreu no momento que estava terminando de comprar um apartamento em São Paulo, que era financiado. Vocês assumiram essa dívida?

Resposta: A outra parte do apartamento ela é paga com parte desse aluguel. É assim, O primeiro imóvel dele era uma casa. Na verdade, ele investia aqui, porque ele queria voltar. Ele um apartamento aqui em João Pessoa, ele tem terrenos no município de Patos, no

interior, onde tinha pretensões de construir um prédio, enfim, ele tinha alguns sonhos que estavam em andamento, para quando ele se aposentasse vir pra cá, porque ele vinha tentando concurso público para aqui também. Ele estava cansado da cidade grande e estava apaixonado por João Pessoa. Em 2019, ele tinha tentado comprar um apartamento aqui, mas não tinha dado certo. Aí foi quando ele resolveu sair da casa em que morava, em Mauá (SP), e foi mais para perto para morar no Ipiranga, que é onde ele tinha esse apartamento hoje. Na verdade, ele vendeu a casa e já tinha dado entrada nesse apartamento. Ele morava de aluguel em um apartamento nesse mesmo prédio. E tinha se mudado fazia dias, quando adoeceu.

16. Você é jornalista e com certeza além de viver essa destruição de vidas pela covid na sua família, acompanhou o noticiário e tudo mais, como você via e vê até hoje os negacionistas, as pessoas que não acreditam?

Resposta: Eu até já falei sobre isso em outra entrevista. É desrespeitoso. Hoje em dia eu saio de perto, não vou mais para o embate. Antes eu ia para o embate, mas eu estava fragilizada e chorava, você começa a ver que as pessoas não acreditam. Elas não acham que a doença seja verdade. Por exemplo, eu já tive pessoas próximas que não acreditam na vacina. Que não tomam a vacina e é por causa delas que acontecem essas mutações do vírus da covid, vai crescendo, vai se fortalecendo. Veio uma onda, duas, três. Anuncia-se uma quarta que podem chegar a qualquer momento e a gente fica nesse medo. Nesse horror desse fantasma de vírus que assombra. É muito desrespeitoso, é abusivo, até. Escutar essas pessoas falarem. Você sente como se fosse uma afronta e dói. Dá pena, dá raiva. Os sentimentos se misturam dentro da gente e só muita oração, muita fé em Deus para você não fraquejar, porque quando você não consegue nem sentir empatia pela dor do outro, eu acho que está tudo errado.

17. Você alguma coisa que gostaria de acrescentar, que eu não tenha perguntado?

Resposta: Uma das coisas que eu aprendi nesse processo todo, além de que a vida é um sopro, é que o ser humano nunca pode deixar de falar de dizer que ama, de mostrar para o outro o quanto ele é importante. A partir de casa, para os seus irmãos. Eu passei a ver as relações humanas totalmente diferente, depois disso. É como se eu tivesse renascido, ressurgido, porque quando você perde alguém que você ama, você passa a ver a vida totalmente diferente. Você começa a ver pequenas coisas nunca valem a pena. Que você nunca pode deixar de dizer o quanto aquela pessoa é importante, porque daqui a pouco pode não dar mais tempo. Quanta coisa eu gostaria de ter dito para eles. Eu queria ter feito por eles, apesar de saber que tudo o que estava ao meu alcance, eu fiz. Poxa, eu podia ter ido mais a São Paulo, eu podia ter ido mais no sítio ver meu pai, podia ter feito um pouco mais para estar com eles. Mesmo sabendo que mesmo nas minhas limitações eu fiz. Meu mesmo dizia, traz Nícolas para a gente e eu levei tão poucas vezes. Mas eu tenho as melhores lembranças deles. Tenho as melhores lembranças da infância, que mesmo dentro da nossa pobreza, eu não mudaria uma vírgula. Dos banhos de açude, de riacho. A gente apanhando algodão para ajudar painho e mainha. Roubando manga nos pés dos vizinhos, porque não tínhamos dinheiro para comprar.

18. Seu pai era um homem carinhoso, mesmo com a vida dura que ele tinha?

Resposta: Na infância ele foi. Eu lembro de um pai muito carinhoso na minha primeira infância, botar a gente no braço e dar cheiro. E eu lembrou de um pai muito duro na adolescência, também. E hoje com uma filha pré-adolescente eu entendo o meu pai. Eu não conseguia entender o porquê um pai tão duro comigo na adolescência. Mas hoje eu sei que ele só queria que, no auge da minha rebeldia de adolescente, não me desviasse do caminho que ele desejou para mim. E, graças a Deus, eu saí cedo de casa, aos 20 anos, e assim que eu saí vi que a vida aqui é difícil e eu consegui entender meu pai. Acho que no primeiro mês que eu fiquei aqui sozinha tendo que me virar, eu comecei a entender o que o meu pai e minha queriam dizer. É que a vida aqui é muito difícil. Enquanto a gente está debaixo do braço deles, é tudo muito bacana. Apesar dos mais duros embates com ele na minha adolescência, eu acho tenho as melhores lembranças do pai que foi o melhor pai que ele poderia ser. E isso eu vou levar até a hora do abraço do outro lado.

19. O seu segundo irmão que morreu foi o que esteve em São Paulo?

Resposta: Foi. E ele morreu sabendo que ia morrer. Ele passou por todo processo, ele perdeu 43 quilos. Eles fizeram o que dava para fazer. Ele foi muito bem atendido. Ele morreu aqui em João Pessoa, no Trauminha (Complexo Hospitalar de Mangabeira). Quando ele descobriu a doença não tinha mais tempo de vida. Foi nos 45 do segundo tempo. Ele já tinha passado por todo processo. Estava fraco, o rim não estava funcionando. Morreu falando, dizendo que estava bem, que ia dar tudo certo, que ia acontecer o melhor. Ele morreu na véspera que a gente ia transferir ele de volta para Patos, porque ele queria morrer em Patos. Mas Deus foi muito bom para mim e para o meu irmão, porque ele não ia passar de Bayeux e nós íamos atender o último pedido dele, e providenciar uma ambulância UTI que ia transferi-lo daqui para Patos. Mas na situação que ele estava, o hospital nem autorizava. Nós íamos levá-lo à revelia, porque ele que morrer em Patos perto da família. Aí a gente pediu alta para ele, mas o hospital não concedeu, pois não ia dar alta a um paciente que não tinha condição. O médico disse que se a gente quisesse levá-lo, teríamos que assinar um termo de responsabilidade. Mas se nós tivéssemos feito isso, nem um atestado de óbito a gente teria. Então, Deus foi muito bom com a gente.

ENTREVISTA COM A SENHORA SILVERA MOURA DOS SANTOS. ELA É VIÚVA DO SENHOR GERALDO DA SILVA SANTOS, QUE FALECEU DE COVID, E OS FILHOS TAMBÉM QUE FALECERAM DE COVID IDALGO MOURA DOS SANTOS, AGNELO MOURA DOS SANTOS.

1. Dona Silvera, quando foi decretada a pandemia, a senhora imaginava o que era isso, o que era essa doença, coronavírus? Já tinha ouvido falar?

Não tinha ouvido falar, nunca não sabia o que era. Às vezes o meu filho ligava pra mim dizendo que estava passando por um momento difícil com um vírus que estava acontecendo no hospital. Estava atendendo muita gente, só que eu, a minha pessoa, não

sabia o que era isso. Não tinha nenhuma ideia do que era coronavírus, nem covid, nem nada. Eu não sabia de nada, só rezava por ele.

2. A senhora chegou a ficar isolada em casa com seu marido e com seus filhos que morava lá próximo da senhora? A senhora estava o tempo todo no Sertão, não é isso?

Sim, o tempo todo no Sítio e não saia, não. Eu e o meu marido, como ele era a pessoa doente, eu não saía nem para fazer as compras. As compras de casa eram feitas pelos meus outros dois filhos que ainda não tinham adoecido. Eu não saí não. Nem pra ir na cidade de Patos fazer minhas compras, não ia. Ficava aí todo o tempo e depois ele (o marido) também adoeceu. Ainda ficou pior e eu também não pude ir para o hospital com ele.

3. Quando a senhora recebeu a notícia de que seu filho Idalgo estava doente, ele era enfermeiro no hospital em São Paulo, a senhora imaginou que fosse uma coisa grave? Como é que chegou essa informação para a senhora? A senhora tinha muitas notícias sobre ele?

A notícia chegou por ele mesmo. Era umas 10 horas da noite, do dia 18 de março (de 2020 – mês que OMS decretou a Pandemia no mundo). Ele ligou para mim e disse que estava doente, bem doente. Ele estava cansado. Nunca tinha nem fumado, não tinha doença nenhuma. Dentro do que eu sei, ele não tinha doença e ele falou comigo pedindo para rezar por ele. Ele estava doente, dentro do hospital. Lá ele tinha sido atendido por uma médica e que não sabia se já tinha pegado o vírus. E ele estava bem cansado dizendo. Aí eu fiquei aperreada, mas assim, não dando a entender que aquela doença que ele fosse tão grave.

4. Em momento nenhum a senhora pensou na gravidade da doença?

Não, não, não. Eu o achei doente e disse assim: "Meu filho, você diz que tá com pneumonia? Você nunca fumou, nunca ficou doente". Então, ele me disse bem cansado: "Mainha é por conta do vírus". Só que mainha (ela no caso) não sabia nada. Não tinha ideia nenhuma. A minha conversa com ele foi no dia 19 e no outro dia, 20, ele já foi internado e intubado. Dez dias depois, dia 31 de março.

5. Como foi receber a notícia da morte dele e como era Idalgo para a senhor?

Idalgo para mim era tudo (nesse momento dona Silvera se emociona e cala). Ele era um filho muito presente, sempre vinha, ligava para mim todos os dias.

6. E quando a senhora recebeu a notícia da morte dele, como foi para a senhora? E a reação do seu marido, seu Geraldo?

Eu não sei nem dizer4. Foi um choque. Geraldo foi muito forte. O pai dele, mesmo doente, eu acho que ele era mais forte do que eu, porque no começo ele reagiu melhor de que eu. Os onze dias que ele passou internado, eu fiquei sem dormir.

7. A senhora é uma pessoa religiosa? Quando ele pediu oração como foi a sua reação?

Sim. Sou uma pessoa muito de Deus e com muita fé, porque foi quem me sustentou. Eu sou católica. Quando ele me pediu oração, eram umas 10 horas da noite, eu fiquei até meia noite rezando por ele. Idalgo pediu oração a mim e a Mafalda. Ele disse que queria oração porque a médica tinha dito que ele não poderia nem sair do hospital. Ele me disse: "Mainha eu vou ter que ficar internado aqui mesmo. Depois, quando eu tiver uma melhora, é que eu vou para outro hospital". Até aí eu não entendia nada de que aquilo era muito grave. Até mesmo porque eu tinha muita fé. Fizemos uma corrente de oração. No outro dia, eu comecei a pedir oração ao povo de tudo quanto é quanto. De São Paulo, em Brasília, Recife. Em todo canto. Quando eu lancei esse pedido no mundo, ele recebeu muitas orações.

8. E quando chegou a notícia de que ele não seria velado?

Aí eu não lhe conto nada, porque eu nem participei. Quando meu outro filho (Agnelo) disse que ia ser feito o sepultamento às pressas lá, já foi uma prima dele lá em São Paulo que foi ajudá-lo a providenciar o enterro de Idalgo. Eu fiquei deitada, não participei. Agnelo fez a transmissão do enterro, com música, com poucas pessoas acompanhando, mas eu não assisti. Mas meu marido, não, assistiu tudinho. Até hoje eu não vi esse vídeo. Mafalda e meu outro filho lá em casa tem (Gualatieri) têm esse vídeo. Eu ainda não tenho coragem de ver.

9. A partir dessa morte, qual foi a reação da sua família, principalmente para se proteger do vírus?

Eu passei ater medo. Eu não tinha porque, como eu lhe disse, eu não entendia, não sabia nada. Mas eu passei a ter medo. Não permiti mais que o povo frequentasse a minha casa, pelo fato do meu marido se muito doente. Mesmo o povo lá do sítio, eu pedi que não fosse.

10. Quais eram os problemas de saúde de seu Geraldo?

Geraldo era, hipertenso, tinha o coração crescido, tinha um problema sério nos rins, apenas um rim funcionava 16%. A diabetes dele era muito complicada. Fazia um tratamento para os rins, passou uns sete anos tomando um remédio Hemax, que era um tratamento para não ter anemia. Era tudo o que você imagina. Era um home muito doente, mas muito forte. Eu era sadia, mas sempre dizia que ele era mais forte do que eu.

11. As pessoas não podiam ir para a sua casa, mas como era para fazer feira?

Era o meu filho, como eu lhe disse. Eu moro lá no Sítio (na zona rural de São José de Espinhas). A minha casa fica vizinha a de meu filho Gualatieri, o único que ficou, ele é casado e tem um filho de 15 anos. Ele era quem fazia tudo. Pegava o remédio do pai, as insulinas, o Hemax. Antes, era tudo eu. E quando a gente passou por esse aperreio e ele não podia ir nem na consulta. A médica a consulta online. Quando ele estava pior, a doutora não permitia nem que ele fosse no hospital onde ela estava. Foi assim por muito tempo. Foi tudo muito difícil, porque além de ter perdido o meu filho, não podia receber visita de ninguém.

12. Foi difícil viver esse luto?

Muito difícil, por não podia sequer ter um consolo, um cuidado. Era eu e meu marido, o meu filho e a família dele. A comunicação com os demais familiares era por telefone. Quando o meu filho não podia fazer uma compra, aí eu ligava e pedia para uma pessoa trazer. Aí eu já deixava o dinheiro em um canto próximo de casa e a pessoa deixava a encomenda e pegava o dinheiro. Depois, eu ia pegar. Meu filho deixava as compras lá em casa, porque morava no Sítio. Os de fora não podiam ir até a nossa casa.

13. Como se deu a doença do seu marido. Como ele pegou a covid?

Pra ele chegar a covid, na época, ele estava bem de saúde. Tinha melhorado da diabetes e dos rins. Só que um dia de sábado, ele ficou na cadeira de rodas. Ele ainda andava, mas eu sempre o colocava na cadeira de rodas porque eu tinha medo dele cair e se quebrar. Geraldo era muito gordo, inchava os pés. Eu dava a alimentação dele e já deixava ele lá numa área no Sítio, enquanto eu ia fazer as coisas. Nesse dia, primeiro de agosto de 2020, eu o arrumei, verifiquei a pressão, a glicose dele. Eu costumava ajeitar tudo para eu ir caminhar. Deus é tão bom que nesse eu não fui. Então, deixei ele lá nesse lugar e disse que ia limpar a geladeira e ele ficasse lá direitinho. Quando estava na cozinha, ouvi a pancada da cadeira e ouvi o grito dele. Quando cheguei lá, ele tinha caído e quebrado o fêmur.

14. Ele tentou levantar-se sozinho?

Ele disse que foi. Não estava sentido nada, tentou segurar na porta para se levantar. Disse que foi segurar e a cadeira destravou. Eu não sei como tudo aconteceu. Eu acho que eu ainda estava anestesiada. Então, meu outro filho mais novo que também faleceu, Agnelo, tinha ido a Serra Negra para pegar um rapaz que tinha chamado ele para levar uma pessoa em Natal. Ele disse que eu estava desesperada e chorava. Eu nem lembro. Só sei que chamei ele para vir pegar o pai, para levá-lo para Patos, pois ele tinha quebrado o fêmur. Aí, ajeitaram. Operaram. Isso foi no sábado e na terça-feira ele já estava operado em Patos. Esse processo era sempre demorado, mas como ele era idoso e uma pessoa muito doente. Estava no tempo da covid, então ajeitaram logo para ele operar. Foi bem na cirurgia, não teve problema nenhum. Só que ele passou a fazer hemodiálise. Saiu do

hospital ainda na quarta-feira, só para dizer que saiu. Foi pensando em ficar, mas só que, no meu ponto de vista, ele já estava com covid, porque os outros dois filhos pegaram nessa ida dele para o hospital. Geraldo voltou para o hospital. O meu filho mais novo, Agnelo, ficou muito doente e veio pra casa e o outro filho, Gualatieri, que é o que está comigo hoje, foi ficar com o pai no hospital. Meu marido pegou a covid lá no Hospital. Ele foi intubado no dia 14, uma sexta-feira à noite, e no domingo, dia 16 de agosto, às 17 horas, ele faleceu.

15. E aí, mais um enterro sem velório, sem vê-lo.

Foi. Eu não cheguei nem a vê-lo porque já foi direto para a Digna, lá em Patos. Arrumaram ele no hospital e de lá foi para o Rio Grande do Norte, onde a gente tem um túmulo.

16. Como foi uma morte atrás da outra. Qual era a idade do seu marido e há quanto tempo a senhora estava casada?

Éramos casados há 48 anos quando o meu marido quando faleceu. Ele morreu com 72 anos. Eu sempre digo que quem me sustenta é Deus, até hoje.

17. A senhora necessitou tomar remédio, tomar calmante?

Não, nada, nada, nada. Não tomei um comprimido sequer. Minha pressão é muito boa, mas chegou a 14 por 7. Lá tem um posto médico, onde meu filho trabalha, ele perguntou o médico e o médico disse que não me desse remédio. Deixasse passar três dias. "Se ela não é doente, não toma. Pode ser que seja só por conta do aperreio. Eu acho melhor eu não tomar nem calmante, nem nada". Vivi só pela fé em Deus. Passei a tomar uma medicação agora porque eu adoeci de uma pressão alta à noite. Durante o dia é 12 por 8. À noite, sobe. Isso só depois de quatro anos dessas mortes foi que eu passei a tomar um comprimido à noite. Mas não tomei nada, para acalmar. Somente a fé que eu tenho em Deus e a vontade de viver foi que me sustentaram. Em momento algum eu cheguei a dizer, meu Deus, tira a minha vida não.

18. Dona Silvera, três meses depois da morte do seu marido, veio o terceiro falecimento na família, que foi o seu filho Agnelo. no caso dele, não foi a covid, mas um câncer que descobriu de última hora. Como é que foi essa descoberta? Como é que foi acompanhar tudo?

Foi assim, ele também adoeceu da covid depois do pai. Como eu disse, ele saiu do hospital, teve a covid, e sentia muitas dores. Ele ficou em casa, não chegou a se internar nem um dia. Ele sentia muitas dores, principalmente na perna e nas costas. A casa é grande e ele ficou trancado em um quarto com banheiro. E eu fiquei no meu quarto e utilizando o resto da casa. Eu fazia tudo para ele. Abria a porta, deixava a comida para ele pegar, mandava ele trocar o lençol da cama todos os dias e eu botava os lençóis dentro de uma

sacola. Levava para lavar na máquina e escaldava. E ele todo dia reclamava de muitas dores nas costas e na perna. Ele ia no posto médico e era medicado para melhorar a dor, isso até sarar da covid. Mas as dores continuaram. Segundo o médico, a doença dele foi sequela da covid. Foi muito sofrimento. Agora foi assim, ele veio pra cá com o irmão dele, Gualatieri para Campina Grande, que foi onde se descobriu que era um câncer e depois ele foi trazido para João Pessoa. Então, viemos todos para cá e a gente se revezava eu, Mafalda e Gualatieri para cuidar dele. Com todos juntos foi mais fácil. Eu acho que eu já estava preparada. A família toda junta e acho que Deus me preparando melhor, porque a gente sabe que ninguém é preparado para a morte. Deus sustenta a gente. Eu dizia para Mafalda, se a gente não entender que aquilo ali é permitido por Deus, a gente tem que seguir senão a gente sofre mais.

19. É a questão da gente acreditar que uma passagem para uma vida plena.

Sim. Eu passei cinco meses e achei que não ia seguir não. Foram cinco meses. Eu não estava preparada, a minha mente não estava preparada quando Geraldo se foi. Estava difícil. Eu não caminhava mais. Passei seis meses para retomar a minha caminhada. Eu vestia a roupa, andava bem pouquinho e sentia que devia voltar. Era como se uma pessoa dissesse: Volte, volte! E eu dizia: Meu Deus, eu não posso caminhar mais! E voltava. Chegava, trocava de roupa, pegava meu terço, e sentava num canto e dizia assim: Mas Deus vai me ajudar. Eu voltar a fazer minhas caminhadas. Vou voltar a ser eu mesma. O que está faltando em mim, Deus vai preencher. Eu vou seguir minha vida. Mas foi muito difícil.

20. A senhora ia à Missa ou ainda estava tudo muito fechado?

Não. Não ia a Missa. Durante o tempo da pandemia, nem tinha Missa na Capela perto do Sítio. O padre não ia celebrar lá e eu só assistia pela televisão. Não ia, mas fazia e ainda faço muitas orações. É a coisa que eu mais faço hoje, orações.

21. Que balanço a senhora faz hoje da sua vida, daquilo que a senhora viveu e hoje, qual a situação? A senhora conseguiu superar?

Superar, não. Superar 100% e dizer que eu sou a mesma pessoa que eu era, não. Mas, eu sou bem consciente, e bem confiante em Deus, que eu tinha que passar por isso. E hoje o que eu penso é assim: Se meus filhos foram e eu bem de idade, tive a covid e não senti nada, só fiz um teste e disseram que eu tive. Aí o que é que eu penso, que ainda tenho algo para fazer nesse mundo. Superar 100% como eu era, não sou não.

22. A senhora sempre foi agricultora ou só dona de casa?

Sou agricultora. Até hoje sou agricultora porque ainda ajudo o meu filho. Planto roçado, colho feijão. E gosto demais do sítio, sabe. Eu venho para cá e sempre digo a Malfada – estou aqui há mais de um mês – o meu lugar é lá. Quando ela precisa, eu venho. Sempre

que ela diz: Mãe, dá pra você vir? Eu venho porque é minha missão. Aí digo a ela, olha meu filho, eu estou ficando velha, já vou fazer 69 anos, no dia 30 de abril (2024), e chegando aos 70 a gente sabe que a velhice traz muitas coisas, doenças. Então, quando ela me chama e eu posso, eu venho. Se alguém me chama lá no sítio, precisa de mim, se eu posso servir, eu vou. Eu acho que eu ainda tenho algo para cumprir aqui, já que Deus levou os meus filhos e me deixou.

23. Como foi para a senhora se recuperar psicologicamente e financeiramente? Houve abalo com todas essas mortes?

Psicologicamente, sim. Financeiramente, não. Eu sempre vivi bem diante do que eu tenho. Da minha vida simples do sítio. Para mim, nunca faltou nada. As vezes o meu marido dizia: Quem já viu uma pessoa assim? Não tem nada. Mas, para mim, eu tenho tudo. Sempre achei que saúde e família eram as melhores coisas. Psicologicamente, sim. Porque até hoje eu não posso ficar pensando neles. Não posso. No momento que eu começo a pensar, eu já pego o meu terço e digo: Não, não meu Deus. Eu já passei tudo isso. Não vou viver de passado, não.

24. A senhora chegou a fazer visita em Cemitério, depois que passou tudo?

Sim, eu faço. Inclusive, eu estava dizendo a ela (Mafalda) que vou assistir a Missa do Domingo de Ramos lá. Meu filho que foi sepultado em São Paulo, já foi transferido, às cinzas dele, lá para o jazigo da família. Mafalda foi buscar lá as cinzas dele. Já estão todos os três em um canto só. Eu vou sim ao Cemitério, e lá eu não choro, acredita? Quando eu vou lá, faço a visita, faço orações. Eu me sinto bem. Eu digo assim: Eu me sinto bem, não me sinto triste. No dia do sepultamento das cinzas dele, era uma coisa como se eu tivesse passando uma coisa diferente. Eu me sinto bem.

25.Como é o seu convívio com o seu outro filho Gualatieri? Com tudo o que aconteceu, como é o seu convívio com os seus filhos, a senhora acha que uniu mais a família? Ou já era assim mesmo?

Já era, mas a gente se uniu mais. Hoje Gualatieri vem mais aqui. Mafalda vai mais lá. Porque se eu lhe disser que Idalgo, ia mais lá em casa do que Mafalda. Teve ano dele vir quatro vezes. Na formatura dela mesma, no casamento do meu outro filho. Quatro vezes ao ano. Bastava eu dizer: Está chovendo! Que ele dizia: Mãe, como eu sou enfermeiro vou tirar direto. Então, ele vinha com oito dias, seis dias. Somente em casa para ver como a gente estava. Era muito apegado a mim e ao pai dele. Ele ligava três vezes ao dia para nós. Ele sabia que eu não dormia bem, tinha insônia, aí dizia, “eu já sei que a senhora dormiu pouco. E painho?” Meu marido, mesmo com ele (Idalgo) doente, dormia demais. Já eu, minha insônia triplicou com a morte dele. Eu perdi 12 quilos e esses quilos não voltaram mais. Nem eu quero mais. Já me acostumei.

26. Como é sua vida nos dias de hoje. A senhora disse que gosta lá do sítio. De quanto em quanto tempo a senhora vem para cá?

De três em três meses. Às vezes dois ou mais. Venho. Mas a minha vida lá é vida de agricultora mesmo. Meu filho planta, eu vou para o roçado, apanho feijão. A gente planta feijão, milho, melancia. E até já está comendo. Eu passei aqui 40 dias e ele disse que já está colhendo. Ele planta, feijão, milho, melancia, jerimum. Antes plantava batata, mas deixou porque está muito ruim para dar batata. Planta gergelim.

27. Dona Silvera, eu queria que a senhora contasse um pouco da sua vida com seu Geraldo, desde quando se casaram, depois com o nascimento dos filhos. Como foi a vida de vocês, formando os filhos. Como pensavam?

O começo de minha vida com Geraldo foi difícil. Porque, na época, só ele trabalhando. No interior, só trabalha o agricultor e a mulher fica em casa, cuidando dos filhos. Em nove anos de casados, eu já tinha tido cinco filhos. O meu primeiro filho morreu assim que nasceu. E para criar esses filhos só com o trabalho braçal deles. Era difícil, mas eu não lamentava, porque só ele trabalhando como agricultor. Trabalhava de meia (plantava na terra do patrão e tinha que entregar metade da produção ao dono das terras). A gente tinha patrão. Hoje não tem. É assentamento. Hoje é considerado da gente, do meu filho. Cada um tem o seu pedaço de terra. Mas nessa época era tudo de meia. Plantava o algodão, feijão, o milho. Era tudo de meia. Era bem difícil, mas a gente sabia entender e seguia. Os meninos para estudar, e esse mesmo estudou, trabalhava no roçado mais o pai. Bem difícil. Quando vinha do roçado mais o pai, já tomava um banho no açude, porque estudava e ia para a escola, já fazia a 5ª série. Ele já tinha que ir para a escola de meio dia e pouco, então, de 11 horas vinha do roçado e passava no açude, tomava um banho corria pra casa para almoçar, voltar pra pista pra pegar um carro e estudar. Chegava em casa de volta às 7 horas da noite. Estudou assim, trabalhando e estudando, foi bem difícil. O patrão não era ruim. Todos os patrões eram assim mesmo. Morador não tinha nada. Só trabalhava diária e roçado. Então, não é como hoje que a gente vai num supermercado e faz uma feira. Não, a feira era vendida no barracão. O patrão fornecia aquele total para comprar outras coisinhas e a feira era comprada lá. Mas isso todo mundo conformado, ninguém tinha coisa boa para dar aos filhos, mas os filhos. Só tinha muito leite. Leite tinha com fartura, porque o patrão dava uma vaquinha para tirar leite. Então, era o eu mais tinha. Ter as coisas boas que nós temos hoje e dizer não quero isso e nem quero aquilo, não existia não. Mas a gente nunca lamentou. Meu marido era muito trabalhador e eu ajudava da forma como eu podia, criando porco, para poder comprar um calçado pra ela (aponta para Mafalda, que assistia a entrevista), criando galinha e vendia. Eu gosto de criar até hoje. Criava só para comer e para vender e comprar as coisas para os meninos, o que precisava. Mas isso, ninguém reclamava não e nem tinha depressão. A vida era feliz, não existia depressão, nem pessoa triste porque não tinha as coisas.

28. A partir dos filhos crescidos e tomando o seu rumo, a vida foi melhorando? Como é que foi?

Foi melhorando entre aspas. O nosso patrão chegou a falecer, aí ficou mais difícil lá. Mas o meu marido dirigia e arrumou um trabalho na Prefeitura, foi trabalhar num ônibus escolar. Uma pessoa conseguiu esse trabalho para ele. Aí melhorou mais porque ele recebia dinheiro por mês, às vezes por semana, por quinzena também. Aí foi melhorando. Os meninos estudavam, Mafalda, Idalgo também, era muito inteligente. Melhorou muito, mas não foi fácil não. Mafalda e os irmãos sofreram um pouco porque nem sempre foi transporte escolar. Era uma caminhoneta F4.000 de carregar boi. O prefeito era muito bom e deixava levá-los na carroceria e às vezes vinha misturado e a roupa ficava suja. Tinha que lavar porque cada um tinha apenas um camisa da escola. Era um tempo muito bom, pois estavam todos juntos, marido junto, todo mundo vivo. E pra mim difícil está ainda mais hoje, porque não tenho mais eles.

29. Os seus filhos e marido morreram antes de ter a vacina. Quando a vacina chegou, a senhora tomou? Tomou todas as doses?

Tomei todas as doses. A semana passada, a menina disse que está para chegar a outra dose no sítio e eu chegando em casa vou tomar. Se chegar lá em casa e disser: Vá lá no posto para tomar, eu vou e tomo.

30. Dona Silvera, eu deixei de perguntar alguma coisa que a senhora gostaria de falar, de acrescentar nessa conversa?

Não. Eu já falei até demais. Comecei me emocionando, mas é assim mesmo. Eu sou muito grata a Deus, porque não pensei que me recuperaria e estaria como estou hoje. Eu não tive depressão não. Mas não atendia telefone.

ENTREVISTA 2 – FAMÍLIA PEREIRA/GOMES

ENTREVISTA COM O ADVOGADO TIAGO SOBRAL PEREIRA FILHO, IRMÃO DE WELLINGTON JOSÉ DE OLIVEIRA PEREIRA, WALLACE DE OLIVEIRA PEREIRO E NAGIB DE OLIVEIRA PEREIRA

1 Como foi receber a notícia da pandemia da Covid-19 e a necessidade de isolamento naquele momento de março de 2020?

Resposta: Bem, surpreso e ao mesmo tempo assustado. Era uma coisa nova e muitas informações chegando, toda hora, todo dia a todo instante. E com a certeza de que tínhamos que ficar isolados para combater o vírus. No começo foi isso.

2 A sua família foi seriamente atingida pela doença. Como tudo começou?

Resposta: A minha família foi séria e severamente atingida. Começou a desencadear pelo irmão mais novo, Wallace, foi o primeiro que contraiu Covid e veio a óbito.

3 Como foi a notícia da doença de Wallace, quanto tempo ele ficou doente. Ele não vinha cumprindo com esse isolamento?

Resposta: Wallace, pela peculiaridade de ser presidente de um Sindicato em João Pessoa, viajava muito. E mesmo na pandemia, ele viajou, salvo engano para o Piauí. E no retorno da viagem, ele contraiu Covid e, até ele dizer para a gente que estava com covid e a internação em um dos nossos hospitais da Capital, ele durou oito dias. Do início da internação ao sepultamento, exatamente oito dias.

4 E como foi essa notícia: a doença dele, morte e rapidamente novos casos na família?

Resposta: Um impacto grande, porque a covid já nos mete medo hoje, e na época era que metia mesmo. A gente ficava sem condições, se sentindo impotente. A verdade é essa: sentíamo-nos impotentes diante do vírus. E foi muito perto. Foi dentro de casa. Por mais que tivéssemos notícia que um parente ou um amigo tivesse falecido ou estava com covid, mas é muito diferente no seio família.

5 Depois de Wallace veio Wellington, quanto tempo foi de um para o outro?

Resposta: Foi exatamente cinco dias. O óbito de Wallace é 14 de março de 2021, para 19 de março daquele ano. Exatamente cinco dias de um para o outro.

6 De repente duas mortes dentro de casa. Vocês estavam em contato uns com os outros? Como foi a situação de Wellington?

Resposta: O contato que nós mantínhamos era apenas por telefone. Por incrível que pareça.

7. Uma contaminação não teve nada a ver com a outra?

Resposta: Não. Até porque já fazia mais de dois meses que a gente não se encontrava. Nem eu, nem Wallace e nem Wellington. Especialmente com o professor Wellington, a gente não se encontrava.

8 E como foi o caso de Wellington. Como ele se contaminou e como foi receber a notícia do segundo caso de morte?

Resposta: Wellington, a gente conversa muito por telefone. E ele não saía de casa. Wellington era muito recluso, principalmente, nessa pandemia. Eu acredito que a contaminação se deu ou pela esposa, ou pela filha, ou pela pessoa que trabalhava com eles à época em casa. Porque todos eles saíam. E como a jovem (referindo-se a Beatriz –

filha de Wellington) tinha mais resistência, pode ser... Não estou acusando ninguém... pode ser que tenha levado o vírus pra casa. Ou a própria secretária que se deslocava de um bairro para outro. Lourdinha, a esposa, todo dia saia para trabalhar e voltava. Infelizmente aconteceu: Wellington se internou e com menos de 48 horas veio a óbito.

9 E depois de Wellington...

Resposta: Veio Maria de Lourdes, a esposa. Mais oito dias para a frente veio Maria de Lourdes que para a gente foi uma surpresa terrível. Eu não tenho outro adjetivo a dizer. É um luto fenomenal, feroz, é grande. Eu não tenho como mensurar o luto que a minha família enfrentou.

10 E como foi a reação da família às mortes uma atrás da outra? E ainda teve uma outra morte na família em pouco tempo. Também foi de Covid? Quem foi? E Como foi esse novo caso?

Resposta: O meu terceiro irmão que faleceu, o Nagib de Oliveira, era o mais novo, o caçula. Ele faleceu 20 dias depois de Lourdinha. Mas foi decorrente do problema de diabetes. Ele era diabético e não se cuidou. Infelizmente. Mas foi nesse contexto, porque foi uma morte atrás da outra. Então, a gente não tinha como mensurar o como fazer. É ficar perplexo. O que eu posso dizer é que ficamos perplexos. Tanto para nós familiares como aos amigos. A cada... (momento de emoção... Tiago Sobral dá uma pausa...) postagem de um amigo, a família sentia a perplexidade daquele amigo, daquela colega, que estava expondo. Então, foi muito violento. Não tem como a gente... até hoje é difícil. E quero acrescentar aqui que nós vínhamos de uma morte já de uma tia. 5 de fevereiro (de 2021) morreu uma tia por parte de pai, que foi a primeira vítima de Covid na família. Também não tínhamos contato com ela, a bem da verdade, apesar de morar próximo da gente no bairro, mas diariamente não tínhamos contato com ela. E infelizmente foi a primeira que foi da família.

11 Além desses que morreram, alguém mais da família chegou a pegar Covid?

Resposta: Eu tive Covid em 2020, minha esposa, minha filha. E, após essas mortes, minha mãe teve Covid. Ela foi interna duas vezes. Minha irmã também teve Covid duas vezes e elas residiam com Wallace e com Nagib. Então, se Wallace transmitiu para elas, fica difícil, porque elas só vieram a ter Covid 15 dias depois do sepultamento dele.

12 Quanto tempo levou da primeira morte até a última e como foi que a mãe do senhor recebeu. Qual o nome dela? Como ela e sua irmã reagiram à morte dos seus irmãos?

Resposta: Olhe, do primeiro óbito ao último, contando com o do meu irmão Nagib que não foi de Covid, foram 32 dias**. Minha mãe se chama Maria Zilda de Oliveira Pereira. Ela tem 85 anos.** Ela reagiu com uma dor profunda, mas forte. Muito forte. Eu fui dando

notícia enquanto Wallace estava no hospital, eu ia dizendo: olha, está acontecendo isso... Como fosse uma preparação se caso, e como de fato, viesse a morrer. Quem deu a notícia da morte de Wallace à minha mãe fui eu. Eu cheguei, conversei e expliquei a situação. Da mesma forma, cinco dias depois, eu tive que dar a notícia da morte do professor Wellington. E na sequência, também, da morte de Lourdinha. Então, cada vez (momento de emoção... Tiago dá uma pausa...) que eu ia comunicar o óbito, eu sentia que ela ficava extasiada, anestesiada. Mas, em pouco tempo, ela tomava consciência do que estava acontecendo. Como hoje ela tem consciência. Lógico que o luto depois se instaurou muito forte nela, com depressão. Hoje, graças a Deus, ela não toma remédio. Ela está, como costumamos dizer, de pé, tomando conta da sua casa. Como sempre o fez nos seus 85 anos de vida. O que ela mais sentiu, e aí eu tenho que dizer, foi a morte do mais novo, o caçula. Porque ela soube dessa morte no hospital, através de um psicólogo. Foi justamente no período que ela estava se recuperando da Covid. Eu não dei essa notícia a ela sobre o Nagib, como minha irmã também internada nesse mesmo período, só que em alas diferentes. Minha irmã só veio tomar conhecimento da morte de Nagib, quando chegou em casa, através da minha pessoa. Então, este foi o cenário da minha família, nesses 32 dois dias que eu relatei para a senhora.

13 Qual o peso de trazer nas costas de ficar na frente de toda essa situação, de resolver todos esses velórios, todos esses enterros e de dar essas notícias? Como o senhor encontrava forças para isso daí?

Resposta: (Forte emoção... Tiago dá uma pausa para responder) Eu pedia a Deus, só força, força e, no segundo óbito, eu entendi que era um desígnio de Deus. Que não tinha como fugir dali. E só eu poderia, naquele momento, como irmão e filho, tomar a frente da situação. E aí tinha que ir a funerária comprar urna, fazer o reconhecimento de corpo, e nos três primeiros óbitos – Wallace, Wellington e Maria de Lourdes – não tinha velório, pela orientação da Organização Mundial de Saúde. Não existia velório. Era reconhecer o corpo, responde duas ou três perguntas da assistente social, se despedir daquele querido sozinho numa pedra, porque não podia entrar mais que uma pessoa, devidamente paramentado, e fechar num saco preto, colocar na urna e ir direto para o cemitério. Já o de Nagib, como o caso dele não foi por Covid, foi liberado uma hora de velório, com os devidos cuidados e fizemos um velório rápido, uma hora, hora e meia e depois levamos o corpo também para o cemitério. Então, vivenciar isso, me deixou um fardo grande. Mas, eu tinha que carregar e não podia dividir com ninguém. Como até hoje, ainda tenho resquícios desses fardos.

14 Eu tenho necessidade de perguntar, até mesmo pra ter uma noção de como foi a questão financeira. De repente, além de perder várias pessoas, ter que ter túmulo para todos, ter que ter urna para essas pessoas. Como foi para cobrir esses gastos todos de repente?

Resposta: Graças a Deus, na minha família nós temos no Cemitério Santa Catarina um túmulo para enterrar, desde a época de meu pai, há mais de 35 anos. O jazigo da família. A questão de enterrar não deixou a gente muito preocupado porque tinha lugar. Se bem

que morreram quatro pessoas e todas estão enterradas no mesmo túmulo. Lá só tem vaga para três. Mas Wellington foi cremado. Era um pedido em vida do professor Wellington de ser cremado. E as vezes eu até brincava com ele. Dizia: professor, é muito caro cremar um corpo aqui na Paraíba. E ele dizia: "Não tem nada não. Você me leva ali na Padaria de seu Aluísio e lá no forno resolve!". A gente brincava muito com isso. Mas, quando ele faleceu, Lourdinha tomou essa atitude. Nós cremamos e depositamos as cinzas em cima do caixão de Maria de Lourdes. Está lá uma urnazinha com os restos mortais do professor Wellington repousando. Então enterramos Wallace, enterramos Wellington, Maria de Lourdes e Nagib no jazigo do Cemitério Santa Catarina. A questão financeira, graças a Deus, não foi empecilho. Sabemos que muitas famílias tiveram problemas. Ninguém está preparado, a verdade é essa. Sabe que vai, mas não está preparado. Mas o suporte financeiro que nós tínhamos, deu para resolver. Até porque o professor Wellington tinha plano de assistência funerária. Maria de Lourdes tinha plano de assistência funerária. Wallace, a empresa tinha plano de assistência funerária. Só quem não tinha era Nagib, mas nós tínhamos condições. Isso, graças a Deus, é um conforto nessa hora.

15 A sua família, assim, mãe e os irmãos, eram quantos no núcleo familiar e quantos ficaram?

Resposta: Éramos cinco irmãos e com minha mãe, seis pessoas na família. Foram embora três e ficaram três: Eu, minha irmã Maria da Luz e minha mãe. Elas duas moram juntas. A sequência de irmãos era: o professor Wellington, Maria da Luz, Eu, Wallace e Nagib.

16 Como foi conviver com esse luto? Hoje está melhor isso passa? Qual a sensação disso tudo? A pessoa se sente anestesiada?

Resposta: Não passa, não. Diminui. E ainda assim, a gente olha, vai, passa, lembra de novo. Ontem mesmo, eu assistindo ao jogo (Flamengo x Fluminense), ele (Wellington) era fluminense, assisti o tempo todo lembrando dele. Depois eu iria ligar para ele para dizer: Olha, eu perdi de novo para você. Mas, paciência.

17 Como era a sua relação com os seus irmãos. Você com Wellington, você com Wallace, você com Nagib?

Resposta: Era uma relação de irmãos. Criado numa família pobre, cada um procura estudar, procura melhorar, sair daquela situação. Divergência, temos. Eu tive muita divergência, principalmente na área política com os meus irmãos. Mas ninguém nunca deixou de ser irmão. Nem nunca deixou de ajudar um ao outro porque você é do partido A ou do partido B. Como irmão, como homem, como pai de família a gente sempre se tratava bem. Discutia por conta de futebol, por conta de política nesses últimos anos acirrados, como foi. As famílias brasileiras se esfacelaram. Conseguiram dividir as famílias brasileiras por conta de dois partidos que passam a vida mamando, espoliando o povo. Não estou defendendo nem A e nem B, mas existe nesse País.

18 Mas isso não aconteceu com vocês?

Resposta: Aconteceu sim. Não posso dizer que houve divergências acirradíssimas, pois houve. Ao ponto de dizer, olha tu ficas lá que eu fico cá. Mas isso não é privilégio de min há família. Eu quero que me cite um neste país, que numa família grande não houve divergência e que não ficou um sem se falar com outro por conta de categoria política ou partidária. Até que a gente visse que aquilo era uma divergência infrutífera.

19 Mesmo assim, vocês conversavam? Como era a sua relação com Wellington? Wellington gostava muito de ler, conversar, falar de filosofia, tantas outras coisas. Vocês tinham essas conversas, como era essa convivência?

Resposta: Essa conversa quando a gente tinha, levava mais para a infância. A gente esquecia que estava o advogado Tiago Sobral, o professor Wellington, o técnico em telefonia Wallace.

20 Como foi a infância de vocês, como foi a vinda aqui para João Pessoa?

Resposta: Eu até hoje tenho saudade da minha infância. Eu acredito que podem ter tido infância igual ou melhor do que a minha, porque eu fui um menino que gostava de futebol, de roubar manga, tomar banho de rio. Uma infância que você construía o seu brinquedo. Você não tinha a era tecnológica que você tem hoje. Hoje quando um filho nasce, você dá um celular a ele ou um vídeo game, que é a mesma coisa. Antigamente, eu fabricava os meus carrinhos. A gente ia buscar aquelas habilidades de bola de fone, de papagaio e outras brincadeiras que a gente fazia com os colegas. Praticamente na minha casa era assim: eu era o mais levado; Wellington o mais calmo, porque ele sempre gostou muito de ler, de escrever, de se dedicar às letras. Wallace era mais sisudo, mais calado, não gostava de brincadeira, para você penetrar numa brincadeira tinha que ir com muita calma. Nagib era mais brincalhão, também, gostava mais de futebol. Eu era mais levadinho, mas a minha infância foi maravilhosa no 13 de maio (Bairro do Município de João Pessoa). Minha mãe é de Sumé, no Cariri, e meu pai é de João Pessoa. Aos 19 anos meu pai vai a Sumé para trabalhar no DNOCS, e lá conhece minha mãe e casa. Com pouco tempo teve que voltar para João Pessoa porque o pai faleceu, Daniel, o meu avô. E meu pai como arrimo de família teve que voltar. Meu pai entrou na Polícia Militar no nosso Estado como radiotelegrafista. E aí ele começou a destacar. Naquela época, delegado podia ser militar, hoje não pode. Desde a Constituição de 1988 não pode. E meu pai começou a viajar pelo interior da Paraíba. Por isso, a minha família é uma cocha de retalhos na hora do nascimento. Wellington, o nascimento foi em Guarabira. Todo mundo acha que é de Sumé, mas é de Guarabira. Minha irmã (Maria da Luz) é de Sumé, mas foi registrada em Guarabira. Eu sou de Guarabira e Wallace e Nagib de João Pessoa. Nós moramos no Róger e, na época, com a construção das casas no Bairro Jardim 13 de maio, nós fomos morar lá desde em fevereiro 1968. Minha mora desde esse tempo lá. A família da gente foi basicamente criada no 13 de maio, pois eu mesmo fui morar lá tinha cinco anos de idade.

21 A morte de Wellington e a morte de Lourdinha eu aconteceu em um pouco espaço de tempo, eles deixaram uma filha. Como ficou a situação da filha que, no dia da morte do pai, estava completando 18 anos?

Resposta: a Beatriz, no dia 19 de março, data da morte de Wellington, ela estava fazendo 18 anos. Beatriz em um dos apartamentos que Wellington deixou, porque ela é herdeira universal, os bens pertencem a ela. Tem a pensão do pai, é universitária e mora no apartamento no Bairro do Cabo Branco, onde Wellington e Lourdinha viveram até morrer. Ela vive bem. Dentro das possibilidades dela, vive bem. Às vezes fala com a gente, quando precisa. Não tenho uma afinidade de estar lá com ela toda semana. Quem faz mais isso, que mais afinidade, é a família de Lourdinha. São as tias que têm mais contato com ela.

22 Ela se trancou? Você pode falar um pouco sobre ela, da situação atual?

Resposta: Da morte de Wellington para cá, se eu consegui encontrar com Beatriz três ou quatro vezes foi muito. Algumas vezes na casa de minha mãe, umas vezes aqui no escritório. Mas eu não sei dizer assim. Sei que ela sofreu bastante, porque não é fácil pra uma filha perder assim um pai e uma mãe. Sei que ela sentiu bastante. Agora, o que eu sei dizer é que as irmãs de Lourdinha, Dora e Fátima estão cuidando dela. Elas absolveram tudo com relação a Beatriz, todo o sustento, todos os cuidados, todo apoio psicológico que é o mais importante. Tenho certeza de que tem tudo isso.

23 E por falar em apoio psicológico, além de Beatriz, mais alguém na sua família buscou ajuda psicológica em face a todas essas mortes?

Resposta; Não. Minha mãe, no início, nós contratamos um psicólogo pra ela. Mas com um tempo, ela mesma se deu alta.

24 O que eu deixei de perguntar, mas que você considera necessário acrescentar?

Resposta: É trazer uma coisa que eu sei que ainda vai ser muito discutido, a pandemia veio para que a gente reconheça a nossa fragilidade como ser humano que é grande. Mas isso anda vai ser muito debatido. Foram os profissionais competentes da área de saúde que trabalharam muito e ajudaram. Muito jogo de cena do Governo em si, muito incentivo para as pessoas não se vacinarem. Tudo isso vai ser debate de muito tempo. A pandemia não se encerra, pois ainda tem aí muitos casos, as vacinas estão sendo atualizadas. E cabe a gente se proteger, porque do jeito que veio a Covid-19, pode vir outros vírus, outras doenças. Como já teve no passado a gripe espanhola, o sarampo e tantas e outras. A Covid veio de uma forma muito mais violenta, que saiu contaminando e destruindo as pessoas mais frágeis, com comorbidade. A gente pensa bem direitinho, analisando as pessoas que foram, especialmente as da minha família, pessoas com Diabetes, com problemas cardíacos, uma gama de pessoas que esse vírus foi levando. E a gente pode até pensar, pode ser uma seleção. O vírus veio selecionar. Infelizmente, talvez a gente não queira aceitar isso, porque a dor da perda é muito grande. Você não consegue mensurar em oito

dias, dez dias você enterrar três pessoas da sua família. Quem sou eu para dizer se essas perdas fossem na casa de alguém conhecido meu de morrer três ou mais pessoas que isso é uma seleção natural. A pessoa não vai aceitar no momento que isso é uma seleção naturais. Mas depois, com o passar do tempo, você vai botando a cabeça no lugar e vai ver que existe. E por que determinadas pessoas foram acometidas, foram entubadas e saíra? Eu tenho um amigo de que passou 40 dias entubado no Hospital Edson Ramalho e escapou. Está vivo. Um taxista. A minha secretária na minha casa, teve covid duas vezes, foi para a UTI, passou 25 dias, ninguém garantia que ela iria sair, mas ela voltou. Está até hoje trabalhando comigo. Ou seja, é ou não é uma seleção natural?

25 Os seus irmãos tiveram a oportunidade de se vacinar, eles morreram antes de se vacinar? O senhor, sua mãe e demais familiares se vacinaram? Como o senhor vê de médicos e outras pessoas da área de saúde serem contra a vacina?

Resposta: Meus irmãos e minha cunhada Lourdinha não tiveram oportunidade que eu, minha mãe e minha tivemos de nos vacinar. A demora de chegar a logística da vacina é que a gente pode discutir isso. Nós estávamos em julho de 2020, quando eu tive a Covid, não tinha vacina. Eu tive que tomar um coquetel que sem achava que isso poderia salvar. Não tinha condições, isso era uma guerra silenciosa e mortal. Depois que a vacina chega com muito sacrifício, porque o Brasil é um país de dimensão continental, ninguém pode desconhecer isso, o governo falhou e falhou muito. Em termos de fazer a logística, de comprar a vacina e distribuir a vacina. Demorou, demorou. Não quero levar aqui para o lado político. Dizer, ah, o partido tal é que estava no governo... Não fez porque não quis. Aí seria ser leviano. Agora que o Brasil é uma referência mundial em aplicação de vacinas, seja ela qual modalidade for. Então, o povo brasileiro esperava que o governo brasileiro fizesse o mínimo o seu dever de casa chegou a vacina foi aprovada e aí mandar para toda população. Houve essa demora. Mas eu não tenho conhecimento suficiente para apontar que foi culpa de A, de B ou de C. Eu sei que existe, sei que o governo prevaricou, sabe que houve prevaricação, mas não dá para apontar.

26 O senhor acha que os médicos estavam preparados?

Resposta: Vou responder com relação à minha família: eu acho que não. Por exemplo, aqui eu trago o que eu vivi com Wallace. Eu levei Wallace para o hospital no sábado e contratei um cuidador. E, no início era para que Wallace fizesse, em princípio, todo dia, proa e volta para poder forçar a respiração e o oxigênio voltar. E Wallace se recusa todo tempo de fazer isso. Aí vem a segunda parte: E quem é que me garante (e ninguém vai garantir) que um paciente que está nessa situação não tem que ser entubado ou tem que ser entubado. Naquela guerra, a solução era entubar e ele foi entubado. Agora, o preparo técnico para intubação em si, não compete a mim discutir isso, se foi feito corretamente ou não, eu não tenho conhecimento técnico para isso. Há casos que dizem que muitos enfermeiros e médicos que foram para a li há de frente sem o devido treinamento para essa técnica de intubar e destubar. E aí muita gente pode ter ido a óbito por causa disse. Agora isso é subjetivo, pois eu não tenho dados para dizer que determinado hospital ou médico cometeu esse tipo de erro. Então eu não posso dizer que houve erro com o meu

irmão. Estávamos numa guerra e precisou que ele fosse entubado. Na primeira guerra mundial inventaram a penicilina e o medicamento foi aplicado em muita gente para tentar salvar as pessoas.

27 Uma coisa que geral acontece quando uma pessoa morre é a família se desfazer das coisas, dos objetos. E quando são tantas pessoas numa mesma família. Com foi isso na vida de vocês?

Resposta: Essa é uma terceira parte que a gente fica sem entender. É um velho jargão, mas é presente o tempo todo: "Ninguém leva mais que um par de roupa". Nem escolhe. Quando a pessoa morre, a família vai lá, pega uma roupa. Se for homem uma camisa uma calça. Fica para trás uma série de vestiário, sapatos. E para conviver com isso? Foi outro drama e na minha casa até hoje tem lá coisas dos meus irmãos e é difícil para a minha conseguir separar. Já demos algumas coisas. Vamos devagarinho tirando, mas é muito difícil para ele se desvencilhar dessas lembranças. Ontem mesmo eu estava lá com minha mãe e disse, olha é preciso tirar. É preciso se desfazer. Aí ela olhou para uma mala e disse: "O que é que tem dentro dessa mala?" E eu respondi, não vamos mexer nisso agora não. Ficou bicicleta, droner, televisão, relógio. O quarto de Nagib está todo perfeito, com todas as coisas, como se ele tivesse ido ali viajar e vai voltar. Não se mexeu em nada. Relógio, puf. Não posso chegar lá e dizer que tem de tirar. Tem que esperar o tempo para que vá acomodando, sedimentando para chegar o dia e a gente dizer: "Vamos doando três camisas. Vamos dar esses sapatos, diminuindo até ela ir sentindo que não tem mais nada.

ENTREVISTA COM MARIA DE FÁTIMA GOMES DE LIMA, 60 ANOS, IRMÃ DE MARIA DE LOURDES GOMES PEREIRA E DE JOÃO BATISTA GOMES DE LIMA, CUNHADA DE WELLINGTON PEREIRA

1. Fátima, eu gostaria que você falasse um pouco sobre a sua família, seus pais, irmãos. Quem são seus pais? Vocês são daqui de João Pessoa?

FÁTIMA – Meus pais são do interior, mas moravam aqui em João Pessoa, na década de 40. A minha mãe é de São José de Pilar e meu pai da cidade de Pilar, mesmo. De um município de Pilar. Meus pais tiveram muitos filhos. Minha se casou com 14 anos e teve 21 filhos. Quando eles tiveram os quatro primeiros filhos, migraram para cá, vieram morar aqui em João Pessoa. A maioria nasceu aqui mesmo e nós fomos criados no Bairro de Cruz das Armas. Dos 21 filhos de minha mãe, 16 vigou. Ela perdeu cinco. Ainda muito pequeno. alguns dos primeiros lá no interior. Ela criou 16 filhos, 10 mulheres e seis homens. Minha mãe morreu com 100 anos, em 2019. Ela fez 100 anos em fevereiro e morreu em outubro daquele mesmo ano. Morreu uma morte supertranquila. Não foi nenhum tipo de doença séria nem grave que a cometeu. Ela morreu pela idade. Como o médico disse, os neurônios pararam de funcionar e de uma maneira muito calma, muito serena, muito tranquila. Curiosamente, ela me esperou, porque eu morava em Brasília. Eu estou morando aqui muito recentemente. Eu morei 36 anos em Brasília. Eu me formei na

UFPB e fui para lá com 23 anos e voltei em dezembro do ano passado. E falando de minha mãe, eu cheguei, sai do Aeroporto, fui para o Hospital da Unimed, onde ela estava internada. Cheguei e falei: - Mãe, cheguei. Estou aqui. Peguei na mão dela. Ela não estava na UTI, estava no quarto mesmo. Eu, duas sobrinhas. Eu estava pegando numa mão e minha sobrinha na outra. Eu disse vamos dar uma massagem na mão dela, que estava inchada. E aí, ela parou de respirar. Uma coisa muito simples assim. Para mim foi um choque, que eu nunca tinha visto alguém morrer. E eu vi a minha mãe morrer mas de uma maneira tão serena. E aí eu passei a falar que a morte é muito simples. Só que depois eu vi que as pessoas não têm o mesmo destino e a morte não é uma só. Então, a morte se revela de várias formas para várias pessoas diferentes. Eu acho que como as pessoas vivem diferente, elas morrem diferente. E o que me mostrou isso foi que eu nunca tinha visto ninguém morrer, assisti a morte de minha mãe. Achei que foi uma morte supertranquila. E falei como a morte é simples e, aí, não pensava eu que um ano depois a minha irmã ia morrer de covid. Minha irmã que eu amava tanto, tão querida, tão próxima minha e que foi uma coisa tão complicada, porque, ao passo que minha mãe morreu com esse amor todo, com várias pessoas ao lado dela, min há irmã morreu só. E a minha grande dor, já falando nessa morte de Lourdinha, a minha grande dor, uma ferida que está muito exposta, muito aberta, muito exposta, é saber que ela ficou só. É não saber o que ela sentiu. É saber que ninguém pegou na mão dela. E pensar que ela não merecia isso. Que ela merecia que a gente tivesse com ela. Ela merecia ouvir uma voz familiar, ela merecia um carinho de alguém. Então, eu falando da morte da minha mãe e de repente me veio que eu falei que a morte é simples, é tranquila, não faz medo – porque eu sempre fui uma pessoa medrosa, com relação à morte -, mas não, não é pra todo mundo que é assim. Então, para cada pessoa ela se dá de uma forma diferente.

2. Como era a convivência familiar de vocês. Da sua mãe, do seu pai, de vocês. Os seus irmãos, fora a morte de Lourdinha, todos estão vivos? Como foi a morte do seu pai?

FÁTIMA – O meu pai morreu com 94 anos. Ele era mais velho que minha mãe seis anos. Eu não sei dizer as datas para fazer um paralelo. Meu pai e minha eram um casal que, apesar da minha mãe ter casado muito nova, minha mãe se casou com 14 anos e fez 15 anos um mês depois do casamento dela. E ela mesma dizia que não foi um casamento por amor. O pai dela falou: - Olha, essa pessoa é uma pessoa boa, gosta de você e quer se casar com você. E ela disse, ah, se o senhor que eu case, eu caso. E se casou. E eles viveram 73 anos e tiveram essa montanha de filhos. E eram pessoas que se respeitavam muito, muito, muito, muito. Eu sempre falo que meu pai era muito apaixonado pela minha mãe. A minha mãe não era tão apaixonada por ele, mas respeitava muito. Admirava ele. Isso era o que passava muito pra gente. Então, eles conseguiram criar a gente, com muita união em torno dos dois. Porque eles eram pessoas que eram diferentes, obviamente, porque não eram pessoas iguais, mas cada um tinha uma característica que era muito agregadora com a família e com os amigos. A minha mãe era uma pessoa extremamente amorosa. Eu digo que minha mãe era uma pessoa que tinha compaixão pelas pessoas. Então, ela sempre estava disposta a dar o ouvido, o ombro e até ajudar financeiramente às pessoas. E o meu pai era uma pessoa que não tinha uma educação formal. Ele era uma pessoa que era semianalfabeto. Ele era uma pessoa extremamente educado e gentil. Era

da natureza dele essa gentileza com as pessoas. Então, ele era receptivo, também. Os dois eram figuras agregadoras. Ele era uma pessoa que sempre viu o lado bom das pessoas. Ele encontrava uma pessoa e dizia: - Como você está bem! Como você está bonita! Como você é legal! E ele era natural, não era coisa que ele se forçasse a fazer. Naturalmente, ele gostava de elogiar as pessoas. Ele gostava de fazer as pessoas se sentirem bem. E isso refletiu-se na nossa criação. Porque a gente foi criada por duas pessoas agregadoras, amorosas, não brigavam. Eles sempre se entendiam. Não existia uma relação de submissão da minha mãe que, incrivelmente, apesar de ter se casado com 14 anos, eles tinham uma relação muito de igualdade. Meu pai sempre consultava meu pai para algumas coisas e eles sempre estavam ali. E eu digo que esse ambiente muito bom. E esse ambiente se refletiu na amizade que nós tínhamos umas com as outras. Principalmente, as mulheres. Aí os homens, eu tenho seis irmãos e entra o machismo, não é? Os homens meio que se apartam das mulheres, porque ou se sentem superiores. Tem essa coisa de superioridade e mais na idade dos meus irmãos que são os mais velhos. Eu tenho irmão com 83 anos e que ainda está vivo. E assim: as meninas e os meninos. Lá em casa a gente foi criado assim: Quarto dos meninos. As meninas não entravam. O quarto das meninas: Os meninos não entravam. Pai também era um homem de 1913, então ele era do pensamento de que homem e mulher não se misturam. Tem que manter essa distância, mesmo sendo filho. Também, isso criou em nós mulheres um companheirismo, um sistema de proteção entre nós, porque a gente percebeu que, apesar dos homens serem mais valorizados, nós éramos a maioria. E como maioria, você tem um poder, não é? Algum tipo de poder você tem, ainda que seja em número. Então, nós éramos e somos muito próximas as irmãs. Lourdinha era, depois... Eu sou a mais nova. Então, eu sou a raspa do tacho de 21. Então, acima de mim tinha mais dois e Lourdinha na sequência. Meu irmão Paulo, minha irmã Gena e Lourdinha. Lourdinha era muito próxima de mim não só porque a gente pensava muito parecido, mas também pela idade. Nós estudamos juntas na mesma escola. Ela era a mais velha, então ela era quem segurava na mão das pequenas, eu e de Gena para irmos para a escola. Todos os dias nós íamos para escola juntas e voltávamos. Então, a gente era muito próxima e no geral as minhas irmãs são muito unidas. Nós somos muito unidas até hoje. Eu tenho uma irmã que ainda ... Porque minha família ainda não migrou, apesar de ser uma família grande. Eu fui para Brasília para trabalhar, terminei jornalismo, o mercado era muito restrito. Por uma sorte, eu considero sorte, uma amiga foi para lá porque tinha uma prima que morava lá. Eu fui visitá-la e ela disse: - Venha, a gente divide apartamento. E em Brasília para jornalista o mercado ainda é muito bom. E aí, eu fui e trabalhei lá a minha vida inteira. Conheci meu marido lá, tive minhas filhas lá, minha vida lá, até que eu me aposentei e voltei agora. E eu tenho uma irmã que mora no Ceará. Só nós duas migramos e minha família mora toda aqui e essa minha irmã mora em Fortaleza até hoje.

3. Dos 16 filhos quantos ainda estão vivos?

FÁTIMA – Morreram Lourdinha e um irmão meu. Uma semana depois que Lourdinha morreu, dois dias depois meu irmão (Batista) morreu. Meu irmão, no dia que Wellington morreu, quando deram a notícia de que Welligton morreu, ele gostava muito de Wellington, e teve uma dor de cabeça levaram ele para o hospital. E quando chegou no hospital, essa dor de cabeça na verdade era um tumor no cérebro que já estava com

metástase. E aí foi muito duro para a gente, entendeu? Assim também como os irmãos de Wellington que morreram de covid. Foi um período muito triste, muito doloroso, porque nós perdemos Lourdinha, perdemos, Wellington, os dois irmãos de Wellington morreram e meu irmão. Então, de uma família só, morreram... porque os irmãos de Wellinton não são irmãos de sangue, mas a gente se conhece há muito tempo de convivência. Morreu esse tanto de gente no decorrer de três semanas. Vou dizer que isso foi muito surreal. Porque tinha hora que eu não acreditava que isso tudo acontecendo. Eu estava em Brasília, essa época. Eu fiquei muito desesperada. Foi na minha vida o momento de mais desespero que eu tive foi nesse período. Foi quando Lourdinha e Wellington morreram, porque eu me senti muito impotente. Eu estava longe. Mas a minha impotência, minhas irmãs aqui também sentiram, porque nenhum pode entrar aqui no hospital. A minha sobrinha (Beatriz filha de Wellington e Lourdinha) estava me contando que – porque aos poucos você vai sabendo tudo o que aconteceu porque eu não estava aqui -, minha sobrinha disse para mim assim: - Tia, quando minha mãe entrou na UTI, eu cheguei naquele hospital – porque ela se internou no Hospital das Neves -, ela falou assim: - Eu quero ver a minha mãe, deixa eu entrar para ver a minha mãe! Aí, a pessoa disse: - Não pode, é UTI de covid! Naquela época nem vacina tinha. Ela morreu e a vacina só chegou no final do mês, daquele mês de março. E ela disse: - Não, meu pai morreu. Eu preciso ver minha mãe. Minha mãe está na UTI e meu pai morreu. Enterrei meu pai ontem! Eu quero ver minha mãe! Não deixaram. Ela disse que chorou, que chorou, que implorou, se ajoelhou no chão, no saguão do hospital. Aí ele disse: - Tia, as pessoas diziam não, não pode, não pode, não pode. Aí ela disse que caiu no chão e ficou deitada, gritando no chão e tal, e ninguém deixou ela entrar. Não deixava entrar mesmo. Então, assim, morte por covid é um trauma. Para a além da morte, da perda da pessoa, é um trauma que fere a alma para o resto da vida. É você dizer assim: - Eu perdi quem mais amo e eu não pude abrir o caixão para ver a pessoa! Eu não pude tocar na pessoa! Porque eu te falei, eu comecei dizendo que minha mãe morreu, a minha mãe estava dentro de um caixão, eu me abracei com ela. Eu beijei, eu tive a minha despedida da forma que eu quis ter. Agora, você perder uma pessoa que você ama e você não ter condição de você se despedir da pessoa, olhar para a pessoa. É muito duro. Então, eu acho que todas as pessoas que perderam seus entes, e eu conheço várias pessoas que perderam, não é nenhum e nem dois não, porque morreu muita gente. E eu fico até falando assim, as pessoas no Brasil não têm memória. Elas parecem ser desmemoriadas, porque estava eu numa conversa, num grupo, e as pessoas estavam falando assim, tudo passando mal com o tanto de morto na guerra entre a Rússia e Ucrânia: - Ai, esses russos miseráveis estão mantando um monte de gente na Ucrânia! E foi bem na época em que teve, num Shopping Center, um ataque da Rússia e aí, eu vi as matérias, porque matérias de guerra, a gente que é da área de comunicação, sabe como também há uma guerra de comunicação, dos dois lados. Se existe a fake news no mundo, aí é que tem. Não digo que é totalmente mentira, mas há um aumento. Então, uma matéria dizia que tinha morrido mil pessoas. Depois outra disse que tinham sido duas pessoas. E depois, que foram 10 pessoas. Então, eu perguntei: - Vocês sabem quantas pessoas morreram de covid no Brasil por dia? Aí uma das pessoas disse: - Lógico que a gente sabe. Todo dia a gente vê na TV. Então eu falei assim: - Foi muito mais que uma guerra. Teve dias que foi três mil pessoas! Teve dias no Brasil que morreram três mil pessoas acometidas de covid. E vocês estão fazendo um absurdo porque morreu 10 pessoas num Shopping, no meio de uma guerra e esqueceram que morreram três mil pessoas por dia no Brasil e ninguém está sendo responsabilizado. Quem é o nosso Putin, aqui, que deixou

essas pessoas morrerem? Por que não trouxe vacina antes? Por que não teve política de saúde pública correta? E fez da saúde uma guerra ideológica? As pessoas pagaram com a vida. Minha irmã pagou com a vida dela. Meu cunhado pagou com a vida dele. Os irmãos de meu cunhado pagaram com a vida deles! E irmãos, e pais, e filhos de quinhentas mil pessoas. Porque se você pegar o tanto de mortos pelo número de famílias, digamos que cada uma tenha cinco pessoas por família, quantas pessoas perderam pessoas que amam. E ainda tem gente que diz: - Ah, não, foi o vírus! Tem gente que é tão absurda que diz que foram os chineses que mandaram para matar os brasileiros. E aí, ninguém reflete que aqui nós temos um Putin, no Brasil? Deixou tudo isso acontecer e fez uma guerra muito pior do que a Rússia está fazendo lá na Europa. E as pessoas se inflamam e se arvoram em condenar os russos. E para o Brasil, nada. Não, foi fatalidade. Então, voltando a questão da covid, eu não saí, mas refletindo, é muito duro e muito revoltante, porque tem hora que você fala assim: - Deus... por que que isso aconteceu? A Bia, voltando à minha sobrinha, falou para mim: - Tia, eu não fiz as pazes com Deus, ainda! Eu não consegui! Imagina uma menina perder o pai e a mãe. O pai no dia do aniversário de 18 anos dela e com quatro dias a mãe dela morre? E ela, filha única, ficar sozinha?

4. Como foi para você quando soube da doença de Wellington? Você ainda teve oportunidade de falar com Lourdinha?

FÁTIMA – Todos os dias eu falei com ela, quando eu soube da doença de Wellington. Quando ela começou a tomar providências médico. Eu consegui os médicos lá de Brasília. Não os médicos de lá, mas médicos daqui. Eu fui falando com os médicos para fazer o atendimento deles aqui. Eu contratei os médicos estando em Brasília, porque as minhas irmãs estavam totalmente descompensadas. Então, eu ajudei nisso. E no dia que Lourdinha foi para a UTI, ela mandou... eu mandei uma mensagem para ela, porque tinha uma enfermeira do hospital que nós contratamos para dar uma assistência ali, pelo menos, já que a gente não podia entrar. E aí, por meio dessa enfermeira, a gente sabia notícias, dos médicos também. E eu mandei uma mensagem para ela, no dia que ela foi para a UTI, falando para ela ficar calma, ficar tranquila, que ia dar tudo certo. E ela mandou uma mensagem de volta para mim. E aí ela dizendo para eu ficar calma, para eu ficar tranquila que ela ia ficar boa. Mas ela estava muito cansada. Aí ela: - Fátima, fica tranquila! Porque ela sentiu que eu estava... Ela sabia, ela me conhecia. Neste mesmo dia ela foi para a UTI e no outro dia morreu. Eu mandei uma mensagem para o médico. Nós contratamos um médico intensivista do próprio hospital, porque a gente não sabia o que fazer. No dia que ela morreu, eu mandei uma mensagem para esse médico, ele é o diretor do CTI de lá, perguntei por ela e ele disse que ela estava melhorando. Aí, na sequência, minha irmã ligou e disse: - Fátima, o hospital me chamou para ir lá! Aí eu falei: - O que é que está acontecendo? Aí eu mandei uma mensagem para ele: - Doutor, o que é que aconteceu? Minha irmã morreu, por que chamaram do hospital? Ele nunca me respondeu. Nós pagamos cinco dias esse médico. Ela morreu no terceiro dia. Sequer, ele me respondeu. Sequer, ele me respondeu assim: - Sua irmã morreu! Eu entendo que os médicos estavam todos..., mas é muito cruel essas relações com a covid, com doença da covid. Ela é permeada de muita crueldade e de muito... eu não digo descaso, mas imagino que é muito sofrimento para os médicos.

5. Quando começou a pandemia, qual foi a sua reação. Fecha, fica em casa. Você teve essa história de ficar dentro de casa, ou precisou trabalhar? Como é que foi essa notícia da pandemia no Brasil?

FÁTIMA – Na época em que começou a pandemia, eu morava em Brasília e trabalhava numa empresa de comunicação lá, uma empresa privada de comunicação. A empresa que eu trabalhava, ela encarou com muita seriedade a questão da pandemia, porque a gente tinha clientes que eram da área médica e de saúde. E nós, logo de cara, a gente tinha um programa que nós fazíamos e convidamos um epidemiologista que é da OPAS (Organização Pan-Americana de Saúde), para participar do programa. E ele meio que tocou a real e falou, "olha, isso aqui é muito sério". E Brasília foi um dos primeiros lugares que começou a adotar de fechar e tudo, porque foi a partir de Brasília que começou a chegar no Brasil, foi aquela comitiva do Presidente da República que foi aos Estados Unidos, tudo sem máscara, e trouxe a doença para Brasília. Chegou tudo infectado. Começou ali da Esplanada dos Ministérios. De cara, a gente foi fazer home office. E me lembro que apareceu uma pessoa infectada em Brasília. A gente tinha feito uma entrevista com o Doutor Jarbas sobre isso e, no dia seguinte, a diretora da nossa empresa falou assim, todo mundo peguem os computadores, a gente já trabalhava todo mundo com Laptop, todo mundo peguem os e fiquem em casa. Eu era gerente e a gente que era turma liderança ficou meio desbaratinado, porque você ficou longe das suas equipes. Mas a gente começou a se adaptar e, aí, era muita reunião, muita reunião e ficou exaustivo. A gente fazia reunião à exaustão. A empresa era associada a uma empresa de São Paulo, também, e aí era reunião com o pessoal São Paulo, tinha em Minas, Brasília, e a gente para acertar o passo e também para orientar os nossos clientes, porque a gente tinha clientes com Comunicação Interna, que tinha que falar para dentro e a gente tinha que fazer essa orientação. Clientes que falava para o mercado, porque éramos uma empresa de assessoria de imprensa, gestão de imagem de reputação. Então, tudo isso a gente teve que se adaptar e muito rapidamente atuar. Porque não era só para a gente, era para nossos clientes, também. Mas aí a gente conseguiu e foi muito rápido. Todo mundo ficou trabalhando em casa. Foi muito exaustivo, porque a gente trabalhou o dobro do que a gente trabalhava normalmente.

6. Você esperava que a pandemia viesse a atingir a sua família?

FÁTIMA – Nunca. Não esperava. Não esperava porque todo mundo se cuidava muito bem. Eu via que havia uma consciência muito grande nessa coisa de ficar em casa por conta da idade e das comorbidades. A minha família é uma família que tem muito hipertenso. É uma doença familiar. Então, já é uma comorbidade preocupante e aí todo mundo se resguardou. Inclusive, se separando dos filhos que moravam fora. Eu, por exemplo, a minha filha tinha recém-casado, a minha filha mais nova, e ela mora hoje em Toronto e ela estava para ir para Toronto para estudar. Adiou por conta da pandemia. Então, ela estava na minha casa porque ia viajar a daí um mês e passou a pandemia toda em minha casa. A minha outra filha que faz Doutorado em Economia, lá em Curitiba, quando Brasília fechou, eu falei para ela: - Bárbara, larga tudo e vem embora para Brasília. Por que o que eu pensava? A minha filha vai ficar em Curitiba com essa, sem

ninguém saber o que era e eu aqui? Aí a Bárbara comprou uma passagem de avião naquele mesmo dia para ela. Eu me lembro, fui ao supermercado. Eu sou assim oh! Vou fazer um estoque de comida em casa, porque eu não sei o que pode acontecer. Então, eu estava no supermercado comprando umas coisas. Aí a Bárbara me liga e diz assim: - Mãe, fecharam os voos para Brasília! Teve atpe essas coisas assim. Mas, ela já tinha feito Check-in para Brasília e tal. E ela disse, que não sabia se o avião dela iria para Brasília. Por quê? Brasília, como eu falei, começou lá. Os voos para Brasília o povo cancelou tudo, os estados. Aí eu já fiquei desesperada. Mas depois ela confirmou que o último voo para Brasília seria o dela, porque já tinha feito check-in e iria sair em uma hora. E que quando o voo decolasse, a partir daquele voo não sairia mais nenhum para Brasília. Ninguém sabia até quando e coisa e tal. Eu fui buscá-la no aeroporto. Quando eu pego a Bárbara, a Bia estava comigo, e eu fiz estoque de comida, ninguém sai daqui de casa mais. E aí nós ficamos em casa, cinco pessoas, dispensei a menina que trabalhava comigo, Cleide. Eu disse: - Cleide, fique na sua casa. Não precisa vir não! E aí ficou uns dois meses sem Cleide vir. Depois, ela vinha três vezes por semana, com proteção, máscara e com tudo. E aí nós ficamos em casa trancados. O meu prédio inteiro se trancou. Eu morava num prédio que só tinha idoso. Para falar a verdade, eu e meu marido era o casal mais novo. Então, todo mundo no meu prédio se trancou e, mesmo assim, morreu gente lá no meu prédio. Teve um senhor que teve uma queda no banheiro, a filha dele médica, teve que levar ele para o hospital porque ele quebrou a bacia, quando chegou no hospital, ele pegou covid e morreu. Do meu prédio, da outra entrada. Então, isso assustava quando chegava essas notícias. Assustava a gente. Mas aí, eu sempre falando com minhas irmãs, com os meus irmãos, todo mundo dentro de casa, entendeu? Então, eu não pensava. Dizia assim, a gente está se cuidando, todo mundo está se cuidando. Então, eu não pensava que a covid ia chegar e ia levar minha irmã desse jeito.

7. Você falou que da família de Wellington morreu ele e mais três irmãos, tudo de covid?

FÁTIMA – Morreram de covid. Na verdade, não foram três, não. Foram dois. Quem morreu foi Wallace e Nagib. Tem Tiago que está vivo e Da Luz. Mas eles também tiveram covid, mas graças a Deus, escaparam.

8. Da sua casa, quem morreu foi Lourdinha?

FÁTIMA – Foi Lourdinha. Eu tive um sobrinho que esteve muito mal, foi para a UTI, não tinha vacina na época. Teve até uma matéria com ele na TV Cabo Branco, porque ele é do SAMU, a unidade do SAMU dele - ele é enfermeiro - é a primeira unidade a atender covid em João Pessoa e ele pegou de uma forma muito grave. Foi para a UTI, ficou um tempo na UTI, mas ele era um menino novo, não tinha nenhuma comorbidade, com 40 anos. Aí ele conseguiu vencer e foi muito bem cuidado. A história do Rodrigo é uma outra história interessante. Porque a história da covid, ali no início, as pessoas não sabiam o que fazer. Eu tenho duas sobrinhas que são enfermeiras, Rodrigo também é enfermeiro. Tenho uma sobrinha que é enfermeira em Manaus. Se você ouvir o relato dela, você fica assim... Ela disse que se trancava no banheiro e ia chorar. Ela disse que dizia ao médico:

- Doutor o que eu faço? E Ele respondia: - Eu não sei! Ela é enfermeira de UTI, no maior hospital de Manaus. Acho que em um dos lugares mais caóticos. Então, Joseline conta: - Tia, eu me trancava no banheiro e ia chorar! Porque a gente via as pessoas morrendo e a gente não sabia o que fazer. E aí, esse meu sobrinho, ele entrou para a UTI no Clementino Fraga e aí, todo mundo desesperado. Foi bem antes de Lourdinha morrer. Foi no primeiro ano mesmo, ali. Todo mundo desesperado, e eu disse: - Gente como é que o menino está linha de frente no combate à covid, na assistência de pessoas com covid e não está tendo assistência? Aí, a mulher dele relatou que ele estava meu lá abandonado. Aí, eu liguei para a imprensa e pautei a imprensa todinha. Eu falei: - Olha, o menino trabalha na linha de frente da covid e os profissionais de saúde estão assim. Com descaso e tal. Aí fizeram saiu matéria, fizeram matéria com a mulher dele e tal. Eu acho, eu, que isso ajudou porque os enfermeiros criaram um cinturão de proteção com relação a Rodrigo. Eles - dentro do hospital - cuidaram do Rodrigo. Davam informação, e isso eu acho que ajudou. E não era a hora dele. Mas, porque a gente mistura religião com assistência. Mas, eu acredito muito em Deus. Também acho que não era hora dele ir. E aí ele voltou a atuar na covid. Ficou bem e voltou a trabalhar no SAMU que é a paixão da vida dele. É uma das pessoas que eu acho que é mais apaixonada pelo trabalho. Por essa coisa de ajudar as pessoas, entendeu?

9. Lembra aí as datas de Wellington, Lourdinha e do outro irmão teu que morreu com o problema.

FÁTIMA – (Ela informou as datas erradas e disse que depois poderia fazer o levantamento e me informar. Mas eu procurei corrigir, colocando as datas certas). Wellington morreu no dia 19 de março e Lourdinha no dia 28 de março. E meu irmão morreu uma semana depois de Lourdinha.

10. Você estava em Brasília e acompanhou tudo a distância e depois pensou em voltar, ou já existia esse plano, eu vou me aposentar e volto?

FÁTIMA– Não. Eu nunca pensei em voltar para a Paraíba. Incrivelmente, assim, não era um desejo meu porquê eu pensava, eu tenho minhas filhas. Minhas filhas moram em Brasília, são brasilienses. O que é que eu vou fazer em João Pessoa e ficar longe delas? Apesar de eu sempre gostar daqui. E aí tinha já um apartamento aqui, que é esse que eu estou morando agora. Há 10 anos. Mas eu sempre vim para João Pessoa. Fiquei 36 anos em Brasília, eu só não passei um Natal aqui, foi quando a Bárbara nasceu, que foi 19 de dezembro, e não tinha como eu estar aqui. Mas eu sempre passei Natal aqui com minha mãe, com meu pai, sempre vim. João Pessoa nunca saiu da minha vida, nunca ficou distante da minha vida. Quando minha mãe morreu foi que eu tive vontade de morar aqui. Minha mãe morreu em outubro de 2019. Com a ida da minha filha para ir estudar em Toronto e com a Bárbara estudando em Curitiba, que ela fez Mestrado e agora está fazendo Doutorado, e a Bárbara não sabe para onde vai depois, ela é solteira vai para onde ela quiser. Aí tiveram todos esses eventos. Em fevereiro, Lourdinha veio aqui na minha casa, no aniversário dela, que ela nasceu no dia 11 de fevereiro, eu chamei ela aqui em

casa, foi no carnaval. Falei: - Lourdinha, vamos lá em casa. E Wellington não podia vir porque estava com problema no pé. Aí eu falei: - Vamos passar o dia lá em casa. E ela falou: - Vou. Vou sim. Depois ela ligou para mim e disse assim: - Fátima, eu estou tão cansada. Eu vou para tu casa e depois eu vou dormir lá. Eu vou na véspera, no sábado - que era o dia do aniversário dela -, e durmo no domingo eu venho. Já combinei tudo com o Wellington. A Bia vai ficar com Wellington. Pelo menos a gente conversa, faz tempo que a gente não conversa e a gente fica junto. Eu fiquei feliz da vida. Eu encomendei um bolo, para fazer uma surpresa para ela. Aí minhas irmãs vieram todas. Só nós irmãs, porque era época de covid. Só minhas irmãs, minha tia que é a única tia que eu tenho viva e nós ficamos aqui. Quando ela chegou... porque Lourdinha era uma pessoa que... é difícil de você entender, porque Lourdinha era uma pessoa de uma bondade. Eu digo que, minha irmã Socorro, que morreu já há muitos anos, a mais velha, e Lourdinha agora, as melhores foram embora. As melhores morreram. Porque elas eram pessoas de uma bondade extrema. Ela era uma pessoa que pensava em todo mundo, todo mundo. Eu acho que ela tinha defeito de pensar nela por último. Então era só descendo coisa do carro. E eu disse: - O que é isso, menina? E ela: - Não, eu trouxe carne de sol já pronta para tira-gosto. Trouxe uma cervejinha, trouxe isso, trouxe aquilo. E eu disse: - Pelo amor de Deus, por que você trouxe tudo isso? Tem tudo isso aqui. Eu comprei, você acha que... E ela: - Não, não, não. Aí trouxe tudo. Aí a gente ficou naquela brincadeira. E botei música de carnaval. Foi a nossa despedida. Eu botei música de carnaval. Meu pai gostava de carnaval, botava aquelas músicas de Capiba, Claudionor Germano. Frevo, aqueles frevos-canção, aquelas músicas de carnaval de salão. E aí fiz uma playlist com tudo isso que era coisa da nossa infância e a gente ficou aqui na área dançando. Como a gente dançava em Clube, dançando abraçadas. Rimos muito. Tomamos cerveja. Ficou aquela coisa. No carnaval. E comemoramos o aniversário dela, cantamos parabéns para ela e tal. E aí, ela dormiu aqui. Ela não veio na véspera. Ela veio no domingo cedo, ficou e foi embora na segunda-feira de manhã. Eu vou te contar uma coisa que parece mentira, mas, em algum momento, a gente sentada ali na mesa, ela falou para a gente que se ela tivesse covid e Wellington, os dois não sobreviveriam. E ela chorou falando para a gente isso. Ela falou: - Olha, se eu tiver covid e Wellington pegar covid, a gente não vai sobreviver! Aí, a minha irmã Gena encostada a ela e a mim, falou assim: - Deixa de loucura, menina, deixa de falar isso. Vai pegar covid nada. Vocês não estão saindo de casa. Aí ela disse: - Mas eu sei que a gente não sobrevive. E vocês não deixem a Bia só, se isso acontecer. Então, eu falei para ela: - Minha irmã, isso não vai acontecer não. Deixa de coisa. Não pensa nisso. Mas se acontecer – eu peguei na mão dela e disse – ela nunca vai ficar só! Eu te prometo, ela nunca vai ficar só. Eu vou cuidar dela igual se ela fosse minha filha! Ela chorou, se abraçou com a gente. A gente não deu importância a isso, como se isso... E foi um vaticínio!

11. E a gente nunca pensa no pior, não é?

FÁTIMA – Exatamente. Quando eu soube que Wellington estava com covid, eu fiquei desesperada. Só meu marido e minhas filhas para descrever como eu fiquei. Normalmente, eu sou uma pessoa racional, eu sou aquela que resolve. Enquanto todo mundo está gritando, eu sou aquela que me tomo de razão, para racionar: - O que é que tem que fazer? Depois eu desmorono. Mas na hora de fazer, eu sou aquela que faço. Então,

quando eu soube que Wellington estava doente, eu fiquei desesperada, porque tudo o que Lourdinha disse veio à minha mente. Liguei para ela e falei: - Lourdinha, pelo amor de Deus, use máscara. Mas ela não saiu de cima de Wellington um só minuto. Ela cuidou de Wellington o tempo inteiro. Ela foi para dentro do hospital com Wellington. Não podia entrar e ela entrou. Ela disse que não o deixava entrar só, e a deixaram entrar. E ela ficou com ele o tempo inteiro. A médica disse que Lourdinha tinha que fazer o teste. Eu briguei muito com ela por telefone. Eu disse: - Lourdinha, que Wellington está no apartamento, aproveite para ir fazer a tomografia que a médica mandou! E ela respondeu: - Eu não vou. Não tem tempo. Ele tem medo de ficar só. Eu não vou deixá-lo só! Então, ela o enterrou e depois é que foi cuidar dela. Aí já era muito tarde. Ela não se cuidou.

12. Qual era a comorbidade dela?

FÁTIMA – Lourdinha tinha enfisema pulmonar, da época que ela foi fumante. Meu pai também tinha enfisema pulmonar, porque ela também fumou muito tempo.

13. Ela morreu com que idade?

FÁTIMA - Ela tinha 63 anos. Enfisema, né? A covid foi para o pulmão. Ela já tinha uma capacidade pulmonar reduzida, ela se tratava com um pneumologista. Ela já tinha um pneumologista que a acompanhava. A capacidade pulmonar dela já era comprometida. Que na verdade é DPOC (doença pulmonar obstrutiva crônica) que chama. Por isso, ela tinha medo da covid, porque a covid vai direto para o pulmão. E ela devia pensar o meu pulmão já é fraco. E Wellington foi por causa da diabetes. Ele era diabético desde criança. Diabético tipo 1.

14. Você estava falando que veio para cá, teve de certa forma esta despedida. Depois teve a morte dela. E você resolveu em morar aqui em João Pessoa?

FÁTIMA – Eu nunca pensei em voltar, mas me apareceu essa vontade. Esse desejo de voltar eu não tinha. Eu tomei Brasília como minha cidade. Afinal, eu morei mais tempo lá do que aqui. Se eu vivi 36 anos lá e 23 anos aqui, então foi lá que eu me desenvolvi profissionalmente, onde eu tenho um maior número de amigos. Eu tenho amigos aqui que são da época da universidade, mas que houve um rompimento, uma distância. A gente vai retomando algumas pessoas e outras nunca.

15. Qual foi o momento que de... vamos voltar para João Pessoa?

FÁTIMA – Foi depois que minha mãe morreu. Só que eu não marquei data. Marquei data depois que Lourdinha morreu. Eu disse assim: - Vamos voltar para João Pessoa. Meu marido adora João Pessoa. Ele é goiano. Não é paraibano. Então, para ele não é uma volta, para ele é vir morar aqui. Para mim é volta, para ele não. Mas ele nunca quis voltar para Goiás. Brasília é Goiás territorialmente, mesmo sendo independente. Só que ele é apaixonado por João Pessoa, pelo mar e tal. Então, para ele, beleza vir para cá. Ele falava

que queria morar aqui. Eu não. Eu ficava calada. Só que a vida foi fazendo isso, não é? Minhas filhas eram quem me prendia lá e a minha vida lá também, acostumada a viver lá, meu trabalho lá, por exemplo. Eu trabalhei lá até vir para cá. Aqui eu não trabalhei mais. Eu sou aposentada e daí eu dei um tempo, mas eu vou voltar a trabalhar que eu não vou ficar sem trabalhar. Eu tenho capacidade produtiva ainda por muito tempo. Dei um tempo, porque eu cheguei organizando a casa, organizando as coisas e porque eu precisava desse tempo, dessa parada depois de 40 anos ininterruptos trabalhando. E foi isso, depois que Lourdinha morreu, eu marquei a data.

16. E o reencontro familiar depois dessas mortes de Wellington, Lourdinha, como é que foi. Vocês são bem religiosos. A religião ajudou a passar esse luto? Como foi esse momento?

FÁTIMA – Olha, cada pessoa tem uma reação diferente com relação a luto. Luto é muito individual. Eu acho que a maneira de encarar o luto, a maneira de viver o luto é muito individual. Mas, mesmo assim, quando você perde alguém que ela faz parte da vida de todos, no caso de uma mãe, um irmão, um pai, a gente tem um laço de dor ali que une todo mundo. Então, com minhas irmãs, e eu sempre falo mais com minhas irmãs porque a gente tem um grau de intimidade de se expressar e conversar. Os homens são mais duros. Apesar que eu tenho um irmão que é muito afetivo, mas eles são mais de não expressar. São mais acostumados a isso. Eu tenho até pena, porque acho que são criados para não expressar dor, expressar fraqueza, não é? Mas para a gente, até hoje, quando nós estamos juntas, todas nós, inevitavelmente, a gente não tem como não falar de Lourdinha ou de não lembrar dela. E eu sei que isso é com o tempo, porque ainda é recente. Não faz dois anos, ainda. Nós já perdemos uma irmã. Minha irmã era muito querida por nós. Era a irmã mais velha. Todas nós éramos apaixonadas por ela. E com o tempo, a lembrança vai ficando mais dolorosa. Ficando menos pesada. Mas ainda sobre Lourdinha e a forma que ela morreu, e que te falei, minha dor principal, a ferida que eu tenho dentro de mim e que eu considero uma fratura exposta é a forma como ela morreu. Porque isso, morrer faz parte da vida. Você tá em casa, você tem um infarto, você morre. Você tem qualquer doença, tem uma queda você morre, você vai na rua, um carro te atropela, você morre. Agora a forma como a minha irmã morreu, só. E eu conhecia minha irmã, sabe? Eu sei o quanto ela deve ter sofrido, o quanto que ela ficou apavorada. Eu digo que ela era muito parecida comigo, eu sou muito medrosa com relação a essas coisas. Eu sei que ela também era. Eu não sei o que se passou, porque a gente nunca vai saber. Porque ela também tinha muita fé em Nossa Senhora, ela era muito fervorosa, eu sei que ela se agarrou com Nossa Senhora e eu sei que Nossa Senhora ajudou muito ela ali, naquela hora. Mas a minha irmã tinha essa coisa de ter medo também, porque é o seguinte, eu acho que o medo tem essa coisa da solidão, de ficar só. Nós somos de uma família tão grande, e a gente sempre foi criada com muita gente, dormindo no quarto com muita gente, com as irmãs, todo mundo junto ali. A gente não é acostumado com essa coisa de ficar só. Eu odeio ficar só. Então, para mim, uma das piores coisas é ficar sozinha. Não é só, é sozinha mesmo. Aqui nessa casa, meu marido viajar e eu ficar só. Eu odeio. Eu gosto de falar, eu sou acostumada a interagir, a ter alguém e tal. Lourdinha era do mesmo jeito. Então, eu a imagino com os pensamentos, entendeu? E o medo e ela sabia, no fundo, que não ia sobreviver. Ela sabia disso quando ela não tinha nem covid, ela dizia isso. Então, essas coisas quando me vêm

à memória, meu marido sempre fala: - Não fica pensando nisso. Eu não fico obsessivamente pensando nisso. Mas foi agora que eu estou falando que me vem. São coisas que até me doem fisicamente porque eu fico pensando que minha irmã não merecia isso. Por que a minha irmã teve que passar por isso? Wellington, a mesma coisa. Porque a minha relação com Wellington, além de ser cunhado, ele era meu amigo de faculdade. A gente foi muito próximo, também, sabe? Eu me dou bem com todos os meus cunhados, mas (Wellington) era o cunhado que eu conhecia há mais tempo, porque Lourdinha o conheceu através da minha amizade com ele.

17. Você que o apresentou a Lourdinha?

FÁTIMA – É, a gente tudo ali naquela universidade, naqueles forrós que tinham no DCE, as festas que tinham e ela também estudava, fazia Serviço Social, ia para as festas e eu o apresentei. E terminou eles namorando e se casando. Wellington também era essa pessoa que tinha esse temor. Então, eu penso que eles sofreram muito antes de morrer. E é complicado você pensar isso. A gente tenta falar assim, não, não foi assim. Ou botar panos quentes, mas não sei. No meu íntimo, eu acho que foi muito doloroso para eles. Não foi uma morte tranquila como foi a da minha mãe, entendeu?

18. E depois de tudo isso, como foi reencontrar Bia? Qual a sua relação hoje com Bia?

FÁTIMA – Quando a gente se reencontrou, a Bia foi educada por Lourdinha, então, ela tem tudo dela. Inclusive, de não querer incomodar ninguém, que era uma característica de minha irmã. Não querer dar trabalho, não querer incomodar, não mostrar que está precisando. Então, ela se fez muito de forte. Ela tentou se fazer de forte, mas só que ela é uma menina que a mãe fazia tudo por ela. Tudo, tudo, tudo como uma mãe faz por qualquer filha. E ela tem passado uma dor muito grande porque, além da dor da perda dos pais, tem a dor do crescimento, na marra. Eu disse para ela: - Minha filha, você tem que virar uma adulta na marra, porque não tem outra alternativa. Ela não quis morar com ninguém. Então, ela continuou na casa deles, no apartamento deles e a gente está sempre próximo. Dando a assistência que tem que dar e que a gente quer dar. Meu marido a chamou para morar conosco. Ele nem esperou que eu chamasse, ele disse: - Venha morar com a gente. Ela até riu, achou engraçado. E disse: - Não tio. Não, não, não! Eu dei uma cópia da chave do portão da portaria e da casa a ela: - Olha aqui, está aqui. Essa casa é sua. A hora que você quiser, onde você estiver, você diz assim, "eu quero um pouso". Você não precisa nem tocar a campainha. Esse quarto que tem aqui é seu. Você chega, abre a porta, entra que você está na sua casa. Eu e seu tio estamos aqui para você!

19. Ela mora sozinha?

FÁTIMA – Ela está morando com o namorado. Namorido, né? Ela diz que não: - Não tia, é só namorado! Aí eu disse: - É namorido, porque vocês já estão morando juntos, é namorido! Ainda bem que ele é um menino muito bom, sabe? Que gosta muito dela e ela gosta muito dele. E eles estão vivendo juntos. Ela está fazendo universidade. Lourdinha

não a viu entrar na universidade. Era o sonho de Lourdinha era ver Bia na universidade. Ela está estudando Biomedicina. Não viu, porque ela passou no vestibular, mas quando Lourdinha morreu ainda não tinha saído o resultado. Mas ela que fazer Medicina. Agora ela está estudando para tentar Medicina.

20. E o sustento dela, como ficou? Completou 18 anos, o pai e a mãe morreram?

FÁTIMA – Ela tem a pensão de Wellington até terminar a Universidade, que é a lei. Ela não está integral, mas eu acho que ela recebe entre 70% e 80%. Que é um salário bom, dá para ela viver. E eles deixaram casa para ela, tem a casa lá no Cabo Branco. É onde ela mora. E tem outros bens que eles deixaram. Financeiramente, ela ficou bem. Mas isso é o de menos. Agora, pior seria se não tivesse nem isso, não é? Mas, financeiramente ela não tem passado aperto. Mas, tem vivido bem, dá para pagar as despesas, para ela fazer uma poupança.

21. Emocionalmente, como ela está hoje em dia? E você e suas irmãs como encaram toda essa situação?

FÁTIMA – Olha, é como eu te falei, é difícil. Como eu já disse, quando a gente se encontra, Lourdinha está sempre presente nas nossas conversas. A gente ainda não tem aquela... Eu vou fazer uma comparação: Minha irmã Socorro quando morreu, quando a gente fala em Socorro é sempre contanto uma coisa engraçada, lembrando de uma coisa que ela gostava. Ainda quando a gente fala de Lourdinha, ainda é com muita dor da perda. Mas, tentando superar, principalmente, quando a Bia está com a gente, a gente não toca no assunto. Agora mesmo no São João, todo mundo foi para Bananeiras, minhas sobrinhas têm casa lá, a Bia foi também, todo mundo, ninguém toca nem no assunto, para não ficar trazendo para ela essa memória. Já basta o que ela... Recentemente, uma forma que ela fez de se expressar, ela fez uma tatuagem com a assinatura do Wellington no braço, no outro braço ela fez uma tatuagem com a data de nascimento de Lourdinha e dia da morte, e agora ela fez uma tatuagem na panturrilha, que é uma silhueta da foto de 15 anos dela, de Wellington e Lourdinha. Mas é uma silhueta que o rapaz fez perfeito. Ou seja, eu acho que essa é uma expressão, uma forma deles estarem sempre com ela. A assinatura de Wellington que o tatuador fez é perfeita. E como se ele tivesse assinado. Ela uma assinatura do pai e o rapaz fez. Então, são as maneiras que os jovens têm de se expressar.

22. Ela tem acompanhamento psicológico?

FÁTIMA – Ela não quis. A gente tentou que ela fizesse uma terapia e ela não quis. Ela é uma menina forte, ela tem aguentado esse tranco. Que ela de vez em quando, óbvio, fraqueja. Mas, ela tenta passar que ela está bem. Tipo, eu sobrevivi, eu vou sobreviver. Meu pai e minha mãe queriam que eu..., mas ela tem ido. Eu achei engraçado... engraçado não, que não é engraçado. Eu fui um dia com ela na universidade para ela resolver uma coisa. E aí ela entrou agoniada, agoniada. E eu falei: - O que é que você tem minha filha? Ela falou: - Ai, tia, esse negócio de ser adulto é difícil demais! E eu perguntei: - O que foi que houve? E ela: - Eu fui pagar uma conta e acho que paguei duas vezes. Ai, tia, eu nunca

fiz nada. Minha mãe fazia tudo isso pra mim. Eu não sei fazer essas coisas, tia! E começou a chorar. Aí eu disse: - Chora, chora! – Porque é difícil ela chorar. Eu disse: - Chore, chore, chore. Bote tudo para fora. É difícil mesmo. É ruim. É horrível o que aconteceu com você. Fale isso, bote isso para fora! Chore! Não tem ninguém com mais direito no mundo de chorar do que você! Se você passar três dias chorando, você tem direito de chorar! Três, quatro, cinco, dez dias. O tempo que você quiser! Então, tem essas coisas e tem outros dias que é só alegria e dançar. Porque tem a juventude que tem que ser vivida, ainda. No aniversário dela desse ano, que fez um ano que Wellington morreu no dia do aniversário dela. Aliás, eu acho que foi no dia 19 que Wellington morreu, que foi no aniversário dela. Aí, eu falando com Alex que é o namorado dela, ele disse: - Tia, a gente poder fazer uma coisinha no aniversário de Bia! Primeiro, ela tinha dito: - Eu já disse a Alex que não quero festa de aniversário. Eu não, não quero, não quero. Não inventem festa surpresa! Aí ele disse: Tia, mas era bom a gente fazer alguma coisa para quebrar essa situação! Então, eu disse: - Vamos fazer um almoço aqui em casa e a gente chama as meninas, minhas irmãs! Que eu as chamo de meninas, não é? Mas tudo com 70 anos, 80, mas vamos lá. Então, eu disse para chamar as tias e algumas amigas, que ela tem quatro amigas, que são amigas-irmãs, que ajudaram muito ela, ficaram do lado dela. Meninas que estudaram com ela desde o início, a vida inteira com ela. E chamar também a madrinha dela Fátima, que é minha prima, alma-gêmea com Lourdinha, e o marido dela, Martin. E mandei Alex falar com ela para ver se ela topava. E ela topou. Então, resolvemos fazer. E as amigas ficaram insistindo em chamar os amigos mais chegados e ela topou. Aí eu falei o seguinte: - A gente faz o almoço, depois os coroas vão embora. Eu vou lá para o meu quarto com Lourival e vocês ficam aí, para fazer a festa da juventude quando chegar. Fizemos isso e chegou um grupinho de amigos, tudo lindo. Tudo bonitinho, novinho e aí ficaram aí até umas 9 horas da noite. Chegaram umas 6 horas da noite e ficaram até às 9 horas. E aí eu disse: - Botem música e podem dançar! Que era para quebrar essa coisa de ser o aniversário de morte do pai e marcar o resto da vida da menina. Porque ela é uma menina. Ela merece ter uma vida. E eu sei que é o Wellington e Lourdinha queriam. Quer. Que ela seja feliz, que ela tenha a vida dela. E ela tem que ter, porque todo mundo merece ter uma vida feliz. E esse trauma que ela passou, já é tão grande, para ficar esse peso o resto da vida. E, engraçado, eu vou te falar Elane, as pessoas são tão cruéis. Tem pessoas que não mereciam de ser chamadas de ser humano. Você acredita que lá no prédio dela, teve uma senhora do mesmo andar dela, que começou a marcar em cima de Beatriz depois que os pais morreram. Até o cachorro latia e a mulher ia lá brigar. Ela viu a menina sozinha, resolveu tomar conta para oprimir. E, aí, eu tive que ir lá falar com o síndico. Eu disse: - Eu vou botar um processo em cima do condomínio e um processo em cima dessa senhora. Uma mulher cruel! Beatriz menina perdeu o pai e a mãe e essa senhora o tempo inteiro infernizando a vida dela! Ela estava falando mal da menina nos corredores do prédio. Eu falei com o síndico: - Fale para essa senhora que o pai e a mãe da menina morreram, mas ela tem gente por ela. Que não é porque ela é uma menina de 18 anos que as pessoas vão fazer com ela o que quiser! Aí o assédio acabo. E não tem nem dó da dor que a menina está vivendo. Que Bia chegou lá com os amigos sorrindo. Ela foi dizer lá no prédio que a menina não estava nem sofrendo que os pais tinham morrido, porque estava rindo. Quer dizer que ela queria que a menina passasse o ano inteirinho chorando, de cabeça baixa. E aí isso chegou no ouvido de Bia, que ficou muito magoada. E, aí, às 6 horas da manhã, a mulher chegava apertando a campainha do apartamento de Bia, só porque o cachorro estava latindo. A menina

acordava atordoada, abrindo a porta. Bater lá na porta e dizer assim: - O corredor está cheio de terra. Você foi na praia e sujou o corredor! E Bia dizer: - Eu não fui nem na praia! Moram várias pessoas no corredor, mas ela resolveu massacrar a menina. Tudo de maldade, pura maldade. A outra vizinha de lá veio falar comigo, mora de frente à Bia, e me contou que perguntou para ela, como que ela fazia aquilo com a menina que perdeu o pai e a mãe. Para você ver como tem gente ruim no mundo.

23. Fátima, o que eu não perguntei, mas que você gostaria de acrescentar?

FÁTIMA – Eu queria falar, que é mais um resumo do que eu falei. O que essa pandemia fez com as pessoas, o que ela afetou a vida, no mundo inteiro, mas eu estou particularizando aqui para nós, brasileiros e para a minha família, especialmente, é uma coisa tão violenta, sabe. É de uma violência quase que institucionalizada, porque nós entramos numa pandemia, uma coisa absolutamente nova, um vírus que ninguém sabia como lidar. Então, todas as pessoas estavam assim, meio... O que é que vai acontecer? O mundo vai acabar? Mas que tinha um direcionamento da Organização Mundial de Saúde (OMS), Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS). Esses órgãos tinham um direcionamento para os países para minimizar e reduzir os danos. E nós tivemos a infelicidade, no Brasil, de ter um governo que tratou isso com descaso. Eu já trabalhei na saúde, fui chefe de comunicação do Ministério da Saúde, em Brasília. Eu dizia para as pessoas que trabalhavam comigo para os jornalistas que atendiam a imprensa, que davam informação do Ministério, que a gente não brinca com saúde pública. Que a gente tinha que apurar muito bem dentro do Ministério, para passar informação, porque aquela informação ia para a população. E uma informação errada para a população causaria um dano terrível. Eu tinha essa consciência quando eu fui chefe de comunicação do Ministério da Saúde em 2011 e 2012. Então, a gente passou ali uma coisa parecida, porque tinha o H1N1 e a gente lutou muito ali. Tinha tido, antes, o H1N1 pandêmico e, naquele momento, estava voltando e no Sul do Brasil, não estava no Brasil inteiro, os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul estava muito forte a doença. E a população lá estava muito apavorada. E a gente tratou aquilo com toda seriedade do mundo, que a saúde pública requer. Tanto nos comitês de crise que a gente tinha no Ministério, onde a gente não soltava uma informação sem passar pelo comitê, que era formado pela Secretaria de Vigilância, Secretaria Executiva do Ministério da Saúde – responsável por comprar as vacinas da gripe – e a gente da Secretaria de Comunicação. E todo mundo trabalhando e pensando e elaborando a melhor forma de comunicar. O que fazer para atender a população para não causar um dano maior. E a gente teve a infelicidade de numa pandemia surgir para um governo que escarneceu, e brincou e sambou na cara da sociedade, como diz a gíria. E isso piorou muito a nossa situação. O Brasil é um dos campeões de morte por covid, junto com os Estados Unidos. E a gente fica pensando, isso vai ficar impune? A morte de Lourdinha vai ficar impune? A morte de Wellington, de Wallace, de Nagib? A morte de José, de João, de Maria, de tantas pessoas no Brasil? Tudo isso vai ficar impune? Porque a gente teve um governo que disse que a gente teve uma gripezinha, que brincou até em cima de quem estava com falta de ar, fazendo gesto ridículo em cima de quem estava tendo falta de ar por causa da doença. Então, o que eu queria concluir é, por mais que se diga que ninguém morre de véspera, ninguém morre fora de hora, mas a gente tem que ver que tem essa coisa do cuidado. Do cuidado com a

população, com as atitudes corretas, tem a informação, tudo isso, salva vida. Quando você diz para uma pessoa que ela tem que lavar as mãos, que ela tem que passar álcool nas mãos, que ela tem que usar máscara, você está salvando vida. Aí quando você tem um presidente da República que vai para a rua sem máscara, que diz que não precisa usar álcool na mão e nem máscara, que não precisa se preocupar porque é um vírus besta, você vira uma arma. Então, a gente tem um governo que virou uma arma apontada para as pessoas e que contribuiu para as pessoas morressem. Não é lugar comum, porque aí você tem a palavra de ordem, de politização da coisa. Eu não estou falando de politização não. Estou falando de caso concreto de descaso com a saúde pública. A minha experiência com informação em saúde pública, que é seríssima, a informação em saúde é uma das vertentes da comunicação mais importantes que tem. Tudo é importante, mas essa é a mais importante porque salva a vida das pessoas. É você dizer: - Vá tomar vacina de febre amarela porque está tendo surto em tal lugar! Você está salvando vida da pessoa. Quando ela te escuta, ela decodifica, vai e obedece a aquele comando para salvar a vida dela. E comandos contrários tiram a vida das pessoas. Comandos errados tiram a vida das pessoas. Então, eu digo que meus familiares foram vítimas disso e milhares de pessoas.

24. Você tinha coragem de assistir o presidente imitando pessoas morrendo sufocadas? Você chegou a assistir? E qual o sentimento naquele momento?

FÁTIMA – Eu vi porque a internet vai mostrando. É isso que eu estou te falando, não tem outra palavra a não ser indignação. Aí você fica indignado com isso. É indignação, é revolta. Te toca tão diretamente quando você perdeu uma pessoa, como eu perdi a minha irmã, como eu perdi o meu cunhado e perdi amigos também. Então, o que é que acontece ao ver uma pessoa como essa: Essa é uma pessoa cruel, você fica indignada e a sensação de impunidade. Será que essa pessoa está acima do bem e do mal e vai ficar impune. Todos os governantes do mundo que fizeram isso, não é só Bolsonaro, porque esse Boris Johnson, que agora renunciou o cargo de primeiro-ministro britânico, também teve essa mesma atitude na Inglaterra. E outros governantes também dessa mesma linha negacionista. É uma linha de matança. Acho que a história, em algum momento, essas pessoas têm que ser condenadas, nem que seja nesse tribunal da história. E aí vão para um patamar de genocidas e vão fazer parte do panteão de Hitler, Mussolini e outras pessoas que foram tão desumanas e mataram tanta gente. Quero isso mude.

ENTREVISTA 4: MARIA BEATRIZ GOMES PEREIRA (FILHA DE WELLINGTON PEREIRA E MARIA DE LOURDES GOMES DE LIMA PEREIRA) E ALEKSANDR ALMEIDA (NAMORADO DE BEATRIZ)

1. Como era a sua relação com os seus pais, como era o dia a dia de vocês?

Resposta: Então, lá em casa a gente sempre conversava muito sobre qualquer assunto, qualquer coisa. Sempre foi importante ter o diálogo. E daí a rotina da gente era sempre quando eu voltava da escola, às vezes ele me ajudava com alguma dúvida que eu tinha, principalmente sobre filosofia. Eu tinha muita dúvida nesta matéria e ele sempre dava

aula para mim. Eu ficava sempre assistindo alguma coisa com a minha mãe, com meu pai. Óbvio que toda família tem seus problemas, mas eu considerada assim, a minha família podia estar num pedestal de família perfeita. Era incrível minha relação com meu pai. Era coisa de outro mundo. Conversava tudo com o meu pai. Eu sempre tive liberdade para os meus pais. Nunca teve tabu em casa, sempre pude me expressar. Conversamos sobre qualquer coisa, principalmente, sobre a faculdade, o que eu queria fazer da minha vida. Nunca interferiram nisso. Sempre me deixaram fazer o que eu queria. E era assim, tipo, com muito amor.

2. A sua relação era bem maior com a família da sua mãe ou com a família do seu pai. Eu era tudo igual. Como é que é isso?

Resposta: Por minha a família por parte de mãe ser muito grande, eu sempre tive só aquelas tias mais próximas. Tipo assim, família mesmo de ser próxima de avó, essas coisas, era da parte de pai, porque quando eu era pequena, às vezes, a minha mãe trabalhava em dois empregos, e meu pai ficava na Universidade o dia inteiro, então sempre me deixava na casa da minha avó paterna. Eu ficava com ela, ficava à tarde com ela, comendo, jogando dominó que a gente fazia isso e tal.

3. Quando foi decretada a pandemia do coronavírus o que se passou pela tua cabeça, o que pensasse desse problema, dessa doença?

Resposta: Quando teve a primeira onda da pandemia, que foi em março de 2020 e tudo foi fechado. Então, 19 de março é meu aniversário e eu lembro que dia 18 já foi avisado nas escolas, eu estudava no ISO, que tinha sido decretada a pandemia e que devia ficar fechado por uns 15 dias. Porque estava tendo uma doença, mas nada tão abrangente quanto a gente sabe hoje em dia que aconteceu. Eu fiquei em casa no dia do aniversário com os meus pais. Fiquei muito triste porque não pude comemorar. Eu queria não, eu estava organizando, mas aí não deu, porque meus pais tiveram muito receio. Meu pai era diabético e minha mãe tinha um problema no pulmão por ter fumado por bastante tempo. E eu tenho anemia e leucopenia. Então todos tinham doenças autoimunes. A gente se protegeu muito durante a pandemia. Sempre com medo de algo acontecer. Só saia de casa por algo extremo. E nesse período foi gerado bastante medo. Mas, querendo ou não, por mais que fizesse medo, esse foi, também, o tempo que a gente mais se aproximou, porque ficávamos as três, 24 horas em casa.

4. Vocês se fecharam totalmente, não saíam para nada. Tinha algum momento de sair para fazer compras? Como era a rotina de vocês nesse período da pandemia?

Resposta: Os Primeiros cinco meses, se eu não me engano, a gente não saía de casa, de jeito nenhum. A gente fazia a feira e deixavam lá em casa pelo delivery. Então tinha uma feira que deixavam lá em casa. A gente descia com máscara, com todos os equipamentos. É que a gente descia de luva para quando tocar, jogar logo a luva fora. Então, para a gente sempre teve o maior cuidado nisso. Quando foi lá para setembro, outubro que começaram a abrir mais as coisas, a gente começou a ir para o supermercado, mas tipo assim, eram

coisas básicas, até porque na época não era liberado. Mas eu ia para o cursinho, porque quando começou a pandemia, minha mãe ficou com medo de que eu não consegui terminar o ensino médio. Eu me emancipei, fiz o Supletivo e fiquei estudando no cursinho Midway. Então, no final desse ano eu comecei a só a estudar. Eu ia para o cursinho e era uma cabine, então eu era quem mais saia de casa. Meu pai não sair para nada. Ele só saía quando tinha que fazer alguns exames. Mas, eu sempre chegava em casa, tomava logo um banho, tirava a roupa. Por mais que a gente não soubesse que na época fosse ocasionar tudo aquilo, mas a gente fazia tudo com muito cuidado, com muito medo.

5. Como se deu a contaminação dos teus pais e como essa notícia chegou para vocês naquele momento?

Resposta: Meus pais, a gente não tem certeza, a gente não sabe. Meu pai foi no Hospital da Visão, porque ele tinha catarata no olho, e tinha feito uma cirurgia, então ele tinha que sempre fazer um check-up, para ver como estava, e tinha que ver a glicemia, por causa que o diabetes também interferia. Então, numa dessas vezes, ele foi para lá. A gente não sabe se foi lá, porque não tem certeza, pois eu estudava nessa época, e tinha acabado de fazer o Enem. Então foi bem próximo ali, quando a gente descobriu. O Enem 2001 foi em fevereiro, não foi no final do ano. Uma semana depois, minha mãe começou a falar que estava sentindo algumas coisas, mas a gente achava que era só uma gripe. A gente não achava que era covid, porque a gente não saía. A gente realmente não esperava até que meu pai e minha mãe foram para o hospital Nossa Senhora das Neves. Eles foram lá para fazer a tomografia, que já mostrou que o pulmão dele estava comprometido. Naquele período, não estava fazendo o teste. Para fazer o teste tinha que ter certeza de que você estava com a doença. Foi isso que mostrou, e minha mãe também estava sentindo algumas coisas, sendo que ela não poderia fazer o teste porque, na época, tinham várias etapas a seguir para poder fazer, Tipo assim, sete dias e tem que estar sentindo alguma coisa. Minha mãe estava sentindo, mas não tanto. Ela mesma não estava com secreção. Quando meu pai chegou em casa dizendo que ele estava e bem provável minha mãe estava, eu fui correndo para fazer o teste, sendo que eu fiz no particular, e não fiz pelo plano. Fiz na rede Pharma, que estavam fazendo na época, mas eu não estava com covid. Minha mãe ficou com muito medo de eu pegar, mas a última coisa que eu ligava era para isso. Eu só queria ficar com eles porque, a gente sabia o que a covid podia ocasionar. Meu pai descobriu que estava com covid no dia de 15 de março. Assim foi muito pouco tempo. Ele já parou de comer, ficou muito cansado. Estava sentindo uma dor enorme no estômago. Foi quando eles foram de novo para o hospital. Ele se internou dia 18 de março de 2021. Dia 19 já seria meu aniversário. E daí eu passei o dia inteiro com ele. E quando eu ainda estava lá vi que ele não tinha mais como entre nós. E a médica chegou em mim falando que ele teria que ir para UTI. Minha mãe tinha saído para fazer os exames dela. Minha mãe tinha um trauma de UTI, porque o meu avô, o pai dela ficou na UTI antes de morrer. Quando a médica disse que meu tinha que ir para a UTI, eu falei que não estava aguentando mais, que eu precisava ir para casa dormir. Na minha cabeça, parecia que era tudo um sonho. Não era a realidade, aquilo estava acontecendo. Eu só falava assim: “Se tem algum poder de universo de alguma coisa, eu só não queria que meu pai morresse no meu aniversário”. Era a última coisa que eu queria que acontecesse, e eu estava implorando para que se existe alguma força maior, escutasse isso. E daí, eu dormi. Era

uma cinco e pouca da tarde, eu cheguei em casa dormi, capotei. Eu não estava conseguindo dormir desde quando a gente descobriu que eles estavam com covid. E meu pai já sabia que o irmão dele tinha falecido. Então, querendo ou não o psicológico também é muito importante. Eram cinco irmãos e o meu pai era o que tinha diabetes mais severa. E o irmão que havia morrido era o que mais se cuidava. E meu pai ficou com aquilo na cabeça, esse meu irmão que mais se cuidava, faleceu dessa doença. Eu vou falecer. Ele já tinha isso na cabeça. Sendo que ele falava que estava muito cansado. No dia que eu fiquei com ele no hospital, ele não conseguia falar muito. Estava com a máscara de oxigênio e eu só sabia abraçar ele. Por mais que minha mãe falasse para não ficar muito em contato com eles, mas eu não conseguia. Fiquei tão atordoada que eu só queria voltar para casa. Eu não queria ficar aquele ambiente como eu falei. Eu queria um refúgio de tudo aquilo. Então, cheguei em casa dormi e acordei passando mal e vomitando, com muita dor de cabeça. Liguei para minha mãe e eu perguntei "como é que papai está?" Ela fez, não, ele vai para a UTI mesmo. Sendo que nesse momento meu pai já tinha falecido, mas ela não queria me contar, porque eu estava sozinha em casa e ela só queria contar pessoalmente. Sendo que, como o meu pai era uma figura pública, eu descobri a morte dele pelo Instagram. Eu desliguei a ligação para minha mãe, rolei meu Instagram para baixo, e estava a foto do meu pai falando que mais o professor UFPB tinha falecido. Eu fiquei desesperada. Eu só não queria que ele morresse no dia do meu aniversário, porque eu amava o meu aniversário. Era uma data que eu sempre gostei por sempre meus pais faziam de tudo para comemorar. Sempre estava ali me presenteando, me falando com palavras. Eles sempre estavam. E quando isso aconteceu, meu mundo caiu. Aí, eu liguei para minha mãe de novo, e disse assim, me conta, já sei o que aconteceu. Por favor, me conta. É sério isso que eu vi? A falou era que ele já tinha falecido e que estava só ajeitando as coisas para pagar o atestado de óbito. Os trâmites para o velório. E daí, não dormi de novo o dia inteiro, eu só queria que minha mãe chegasse e eu dormisse com ela, sendo que ela não queria que eu chegasse perto. Ela estava com muito medo de que eu também pegasse por eu ter anemia e leucopenia. Eu só queria ficar perto dela. Daí eu não dormi a noite inteira, fiquei, no outro dia, o tempo inteiro no velório. Depois disso, minha mãe, a gente levou minha mãe para o hospital, que ela também estava com covid. Ela fez vários testes e mandaram ela para casa porque ela aparecia bem. Aparentemente, ela estava realmente bem. Ela não estava com aspecto como meu pai estava sendo, que eu acho que ela estava tão. Então, centrada nele, que meio que ela deixou tudo o que eu acho que ela estava sentindo de lado. Ela estava tão focada nele que nenhum momento eu a vi, ela, ela tipo sem fome, sem conseguir andar com falta de fôlego. É ou algo do tipo. Aí, meu pai, prefiro ser cremado. Ele foi cremado, e daí é quando minha mãe viu a urna, foi quando ela desabou. Quando ela viu a urna do meu pai, ela começou a ficar. Começou a não querer comer. E tudo isso, eu e ela. Eu sempre fui muito. Do mundo, meus pais, eles tentaram um o mínimo possível fazer alguma coisa, então realmente não sabia fazer nada naquela época, eu não sabia como agir alguma situação dessa, o que estava acontecendo, então eu ficava muito nervosa e tinha muitas crises de ansiedade. Eu só achava na minha cabeça que aquilo era tudo um pesadelo. Ia acabar um momento. Aí minhas tias a levaram para o hospital. E? Nisso eu tentei fazer mais um teste que me x queria que eu fizesse um teste para ver se realmente tinha pegado. O hospital não deixou fazer um teste e falaram que eu ia gastar. À toa, porque eu não estava com disse me sentindo nada, sendo que eu queria só saber se eu estava, porque mesmo se eu tivesse, não com nenhum sintoma, mas eu só queria saber se eu estava para ter uma noção. Eles não deixaram e tal. Daí minha

mãe ficou. Internada Acho que 4 dias eu não lembro muito bem, porque eu não consegui dormir. Eu não tenho não tenho uma lembrança boa, eu sei que ela.Guia?6, eu acho. Eu ia para lá, passa o dia com ela porque eu já estava, eu estava viajando, só ficar com ela, sendo que, como eu falei, como eu não sabia agir nessa situação, minhas tias contratar uma pessoa para ficar com ela. Então, nessa época também não podia ficar mais de uma pessoa no quarto, então não podia ficar com ela todo o tempo. Só tinha que ficar o tempo de visita com ela. E daí? Quando chegou no dia 26, é, eu queria chegar. Queria chegar cedo lá. Para, para é ficar com ela. Sendo que falaram que ela estava muito mal se sentindo. É, não estava se sentindo bem, e daí eu fiz, não, mas eu quero ir, eu quero ir aí. Eu só recebo uma ligação dizendo que minha mãe ia ter que proteína. Eu só queria vê-la mais uma vez, e. Fiquei só querendo ver ela vela vendo quem foi o outro. Monique, eu vi. Ela Foi dia 25.Não consegui mais de ver Ela Foi para o ter e não podia, não podia ir e falaram que eu ia ter uma. É meio que uma videochamada para a gente se ver para a família ver ela, mas nunca teve. Só chegou a notícia de 28 que ela tinha falecido porque ela não tinha aguentado. E? Eu sem acreditar. A todo momento, só estava querendo que. Aquilo que faço, tudo o que eu sinto, tia. De dor, alguma coisa parece, mas aí não. E é então que quando minhas tias me avisaram que minha mãe tinha falecido, eu não, eu não tive nenhuma reação. Eu não tinha reação porque eu não tinha nem processado o que tinha acontecido com meu pai e já foi minha mãe, então. Eu não tenho processado nada, não demorei muito tempo para postar para acessar na minha cabeça, parecia que eles estavam de férias e que eles iriam voltar e algum momento, sabe?

5 Como foi essa situação? Como é que foi o enterro de sua mãe? Houve velório em seu pai. Houve velório de sua mãe, como é que foi todo o protocolo de?

Resposta: Então não podia ser nada aberto. A única, o único teve? O meu pai. Foi, acho que só meia hora que era o tempo, acho que nem meia hora foi muito rápido, que era só quando pegaram o caixão para ir para o Crematório. Foi muito rápido. Meu tio falou algumas palavras e tal. Minha mãe não conseguia. É muito menos falar alguma coisa. Foi uma coisa muito rápida, mas que teve um pessoal lá. Mas que tipo tu todo mundo ficava distante, tipo todo mundo ficava em carros também. Foi uma coisa muito rápida, porque não estava podendo ter com a minha mãe. Foi a mesma coisa. Ela faleceu e 28. No dia 29 é, a gente chegou, não é? O carro da funerária com o caixão dela e a gente a enterrou. Foi uma coisa assim bem rápida. No nada, não perdi o direito de abrir caixão, não vai não, não. Não teve não. Nem nenhum dos 2 teve no máximo que teve. Foi só minha família. A gente está acompanhando o caixão. Mas, que isso não teve, não.

6. Os casos de teu pai e de tua mãe não foram os primeiros da família. Porque teve primeiro a morte, uma tia dele, que morreu em fevereiro, depois o irmão dele, Wallace…?

Resposta: Foi a? Fogo a esposa do irmão da minha vó. Que era a tia dele que. Primeiro, uma tia dele que morreu em fevereiro, depois o irmão dele né que morreu. Foi ainda em março, à ação foi 11.Foi a? A esposa do irmão da minha vó. Que era a tia dele que faleceu. Ela morava em Campina Grande, mas também sempre tive muito pouco contato por

morar em cidades diferentes. E antes disso, foi meu tio, irmão dele, que faleceu de covid, também.

7. Depois, depois de tua mãe, ainda teve o teu tio?

Resposta: Não, ele faleceu, é. É por causa que ele estava com. Acho que o câncer. Se eu não me lembro muito bem, acho que foi diabetes. Acho que subiu o diabetes. Eu não lembro muito bem, foi Batista, eu não. Não consigo lembrar, eu sei que ele faleceu dia, não. Ele faleceu dia 28. Ele faleceu dia 30 de março. Foi bem pouco tempo como como era o relacionamento seu com seus tios por parte de pai? Tanto o Wallace como Nagib. Sim, na gente faleceu, é Nagib também faleceu, mas foi bem também. Depois é acho que chegou a ser em abril que ele faleceu, né? Porque ele faleceu por diabetes. É minha, como eu falei, a família do meu pai sempre foi muito pequena, então eu sempre via mais com os meus tios. É tio. Olha, se eu vinha na maioria das vezes, em festas, sempre quando ele vinha para cá e Ano-Novo, tudo essa relação já te nas liberando disco, tinha uma relação também é. A mais, porque ele sempre. Ele me leva para escola. Ele, meu pai é fazia tempo, fazia transporte na verdade, então meu pai pediu para ele sempre ficar indo e me levando, porque estava muito ruim para a minha mãe, porque ela trabalhava em 2 empregos, então ela estava tendo que acordar muito cedo para me levar, aí pronto. Ele sempre me levou o transporte ida e eram. Tipo, não era aquela relação, relações e tal, né? Mas era uma relação de tio assim que você vê e tal, mas nada tão profundo, não é?

8. Como é que foi para você viver esse luto? Como foi para se recuperar de tudo o que estava acontecendo? Você teve acompanhamento psicológico? Você tem como é que foi? Como você pode descrever esses pós?

Resposta: Falecimento de teu pai, de tua mãe, então. Quando isso tudo aconteceu, eu já estava. Eu já conhecia meu namorado. Na época, a gente não namorava a gente, só era amigo. Mas, aí ele tem uma grande importância disso tudo, por quê. Tinha minhas tias, tinha minhas tias. Alguma. Alguma é uma tia minha. Me chamou para morar com ela e tal, sendo que eu não queria. Eu não queria admitir nada. Então eu só queria ficar em casa. E no meio disso, eu descobri que eu passei para o meu curso que eu queria passar também e já passou para que curso? Passei é em Biomedicina na Unip. Quero um curso. Eu sempre tive 2 opções de curso, que era médica, veterinária ou medicina. E acabei escolhendo medicina. É? Subiu, Matina. É, passei e nessa época que eu passei foi. Foi, acho que foi dia 30 de março que eu descobri que eu tinha passado também. Casacos são os pais, nem chegaram anão chegaram festejar com vocês, não chegaram. Então? Meu sonho era o meu pai, visse, entrando na faculdade, tudo isso, coisa que não aconteceu, então eu só fiquei desgostosa de tudo, sabe? Eu não queria fazer nada, tipo, não tinha vontade de fazer nada. Eu acho que eu falo, até eu falo para todo mundo que a sorte era porque estava em a dele, porque se fosse presenciar eu nem teria Aparecido porque eu não tinha. Força para levantar-se da cama. Eu não tinha nada. É eu ao mesmo tempo que eu queria só ficar em casa, eu não queria ficar em casa. Eu queria estar em todos os lugares, mesmo na minha casa. Eu queria fugir de tudo, então qualquer coisa que alguém me chamasse, eu ia. E não, eu nem pensava, tipo assim, nada não conseguia raciocinar o que estava acontecendo.

Eu não queria também para fazer algumas tias minhas que porque eu pareço que. Cada coisa que iria sair da rotina iria mais despertar em mim do que teria acontecido, então eu não queria. Então, como eu já o conhecia, eu conversava muito com ele. Eu tinha muita crise de ansiedade, de noite, com muita crise, ansiedade, tipo de um querer existir mais e realmente. Está mais nesse plano? E ele que estava comigo nesses momentos, em todos esses momentos ele ia lá para, para minha casa e ficava comigo. Conversava comigo sempre, tentava falar o que seus pais vão achar é. E você fica desse jeito, eles iriam gostar de ver você desse jeito e foi me acalmando aos poucos e depois de 1 mês, eu também. E tinha Ferrão, Zinho, que era. O cãozinho da gente que. Meu pai, ele não queria cachorro, minha mãe também não queria cachorro conseguir convencer eles de me dar um cachorro com 15 anos e daí eles me deram Ferrão. Se foi um erro, foi o amor da gente. E eu já ficava pensando, tipo, se o fizesse alguma coisa que saísse. É, sei lá, vou pensar em tudo, menos em viver. Como que foi? A Rosinha é ficar e tudo e eu falo mesmo dele, foi minha salvação, foi Ferrão. Zinho quer meu cachorrinho? Ele tenha hoje em dia ele tem 6 anos. Ele foi minha salvação e parece algo povo, né? Mas a gente, infelizmente é você se pegar as pequenas coisas que ainda tem, então na minha família, que antes era meu pai, minha mãe e ferrou Zinho. Só ficou ele, então eu me apeguei a isso.

9. E Ferrãozinho, você sentiu alguma diferença dele com relação a ausência? É? Quando eu estudava em um colégio integral.

Resposta: Então eu saía de 7 horas da manhã e só voltava de 7 horas da noite, então. Então, minha mãe começou a passear com ele, porque eu chegava em casa muito cansada e foi aí que ela começou a se apegar nele. Gostava, não é época ela, ela não é que ela gosta. Ela tinha medo de cachorro, então ela sempre tipo, ele estava lá, mas ela ficava e depois disse que ela começou a caminhar com ele todos os dias. Ela começou a caminhar com ele todos os dias.2 vezes ao dia, era o esporte dela, era o que eu amava e quando a gente saiu de casa, Ferrão, Zinho, ficava sempre com painho. No escritório dele é e ele pedindo carinho e paixão sempre gostou muito de cachorro. E quando eles faleceram, é Ferrão. Ele sempre dormiu no meu quarto. Depois, disse, só queria dormir no outro quarto, ele só porque eu comecei quando meus pais faleceram fui eu. Eu fiquei um tempo dormindo no quarto deles. E daí? Ferrão sempre dormia, tipo, no canto da parede. Ele começou a dormir no canto da minha mãe. Primeiro foi o primeiro, foi no canto do meu pai quando meu pai faleceu, inclusive quando meu pai faleceu. Primeiro minha mãe ficou dormindo no quarto e ele sempre dormia comigo e ele não queria dormir comigo. Ele queria ficar ao lado do quarto. Ele sempre dormiu do lado da minha mãe, ficava dormindo do lado do meu pai e quando a minha mãe faleceu. Ele só queria ficar dentro do quarto. Ele não. Tipo, eu falo bem feio, não sei o quê, e ele só ficava dentro do quarto e a gente ficava lá e ele mudou muito. Eu falo que ele é outro cachorro agora, por quê. Eles dão para ver que quando você vê Ferrão antes e ferram depois, ele é totalmente todo o cachorro. Ele também teve que se adaptar porque ele nunca foi de ficar sozinho. Ele sempre tinha alguém em casa. E exercício adaptar, porque eu tinha que ir para a faculdade, tinha que resolver muitas coisas e ele tinha que ficar em casa sozinho, então também foi um grande problema porque o pessoal começou a reclamar dele, porque ele ficava latindo muito durante esse tempo, mas graças a Deus a gente depois isso foi tudo em. Na época de abril. Em maio, a gente começou a namorar. Em julho a gente decidiu ter outra

cachorrinha para fazer companhia para ele, então, depois que ela chegou, ele já ficava. Eles ficavam. Provavelmente sim. Inter terão os 2 e daí? Ele parou mais de latim. E ele estava pedindo muito carinho. Tudo em excesso, não é?

10 Alexsander, como foi acompanhar todo esse drama de Bia? E depois vocês começaram a namorar e ficarem juntos. Como foi você acompanhar ela? Como foi esse teu A ela?

Resposta: Eu sempre falei para ela que, em primeiro lugar, eu. Não consegui. Não podia dizer que entende o que sabia, porque ela estava passando. Não é? Eu tive algumas perdas na família, mas nada. Também de covid. Estou próximo, sim. Ela tem. Uma ligação, não gosto de latinha, porque eu acho que a ligação. Não é do corpo, é da alma, não é? E ela tem uma ligação muito forte com os pais. Brinco que ela é 11 Câmera humana. Porque qualquer coisa que ela quer lembrar, ela tem dentro do celular dela, ela vai nas Datas, então ela tem muitos vídeos, muitas é fotos, muitas lembranças deles. É? Eu pude. De certa forma, incentivar com que ela também se lembra dessas coisas. Ela teve um período. Eu quis praticamente, só ficava do quarto para a cozinha. É, acho que foram quase 6 meses, né? Que era basicamente ela, não, ela não queria muito circular pela casa exatamente por isso de não ficar lembrando, não ficar admitindo o que aconteceu. Mas aos poucos, principalmente com a ajuda das cheias dela. A gente foi. É. Fazendo dando pequenos passos, não é? Então começou a querer assistir mais um filme, chamar, assistir um filme mais na sala. Começou a chamar para alguns eventos de família, fazer alguns passeios, né? Ela sempre teve acompanhamento psicológico desde criança. Wellington davam muita importância para isso. E ela não quis fazer posterior à morte deles. É, e aí, depois de um tempo, a gente sempre conversando sobre isso, eu acho que. O segredo foi nunca forçado, não é assim. Eu tentava mostrar para ela qual era a importância de se cuidar, não é? Não tem uma pessoa que conheça Wellington Lurdinha e que não saiba, pode, às vezes não conhecer. Beatriz, AA pessoa Como Ela É, mas sabe quem é? Bia sabe que ele que eles, que eles tinham um carinho muito grande pela filha. É? A gente foi esses dias, né, fê? BE, encontramos 11 pessoa que trabalhou no início da carreira com Wellington lá e assim, quando ele descobriu que Bia era a filha dele. É, parece que é. Parece que a pessoa se torna família, porque o tanto de abraço carinho que ela recebe é, é gigantesco. Então acho que foi muito isso e achei dela a gente. Nós tentamos aos poucos. Fazer com que ela? Voltasse a falar, tentar viver, porque ela estava vivendo, mas infelizmente, de uma forma que os pais não iriam gostar. Tudo o que eles fizeram na vida Foi Por Ela. Tudo que eles batalharam Foi Por Ela. É até mesmo a história deles de vida, de desenvolvimento, tanto pessoal como. É intelectual que os 2 eram de um intelecto muito alto. É a mãe dela tinha não sei quantos cursos, não sei quantos diplomas ela gostava de se se profissionalizar, assim como Ayrton. Que não é qualquer um. A gente até encontrou esses dias humano escrito que ele fez. Eu não sei se é manda escrito o nome, mas Era Eu acho que aquilo não foi um livro final, porque te deixa muito detalhe. Mais o doutorado dele *in the cards*. Então assim, um livro muito grosso, com os detalhes, todo detalhamento, não é? Então acho que foi. Foi basicamente isso, esperar o tempo dela posterior. Ela voltou a ter a consulta psicológica, é o exercício físico, acabou ajudando depois de um tempo, por quê. Ela era muito ativa. Estou. Nada. Parou assim, eu não gostava de correr, gostava de fazer a funcionar ou as coisas dela.Com o tempo, Ela Foi

voltando e hoje acho que. As coisas começam. Depois de um ano e meio começaram a se organizar. Não é? A faculdade que ela está indo muito bem. Toda vez que que a gente conversa sobre eles, a gente fala exatamente sobre o orgulho que eles têm. Da faculdade dela, né? Hã? Ela é, né? De casa. Gabaritando a prova e tudo, e isso só mostra o quanto. Ela ainda, ela tem. Ela é grande parte dos pais que que já foram, mas como tudo, ela também tem alguns momentos mais sensíveis. Algumas Datas mais sensíveis e que é normal e que. Toda vez que toda vez que a gente perde alguém que a gente ama, ela fica marcada na gente dessa forma. Mas eu sempre peço pela tentar. Será algo mais? Tentar pensar o lado bom que eles gostariam que ela fizesse naquele momento.

11 Você disse que não chegou a conhecer realmente não por causa da questão da pandemia. Vocês, como vocês, se conheceram? Como se aproximarão? Como é que foi isso?

Resposta de Beatriz: Foi uma amiga minha, ficava com uma amiga aí meio que juntou né? Ai pronto, foi assim que a gente se conheceu. É a gente se conheceu em fevereiro. E quando a gente saiu? Para um restaurante, e daí? Depois a gente ficou, aí me siga no Instagram, siga ele no Instagram. Eu comentava lá uma coisinha, ele também comentava coisinha. Aí, pronto. Aí ficou disso. Aí quando meu pai faleceu, ele me mandou um áudio. O áudio nada com nada, não sabendo falar, não sei lidar muito bem com essas coisas. É, e daí? Depois, minha mãe também faleceu. Para Ele, eu acho que ele soube, nem tipo a gente estava se envolvendo e tudo isso aconteceu e tão tipo, o que uma das coisas que eu mais me orgulho porque ele não tinha nenhum dever de estar comigo nesse momento. E eu tive muitas decepções. É quando meus pais faleceram e algumas pessoas sendo falsas comigo e outras coisas. E eu vi que uma pessoa que tinha acabado de conhecer praticamente estava fazendo muito mais do que outras pessoas estavam fazendo por mim e foi assim que eu comecei a me apaixonar por ele. E teve um dia que eu cheguei nele e fiz assim, ó gente, namora ou para e aí? Só.

Resposta de Aleksander: Quando a mãe dela faleceu eu não consegui falar com ela. Mas amiga dela estava quase me matando. O que eu passei uma semana de meia hora mandando mensagens porque ela, a amiga dela, ficou um tempo com ela. Posterior a isso. E como saber que ela estava próxima? Eu mandava mensagem para a amiga dela e ela toda sem jeito dizia, mas fale com ela. Eu falei assim, não, eu não sei o que falar, não. Eu não sou muito bom. Para lidar com isso e ainda mais, sabendo o carinho que ela que ela tem pelos pais, e...

12 Vocês estavam falando agora sobre A preparação de como o Wellington e Lurdinha eram preparados. É Lurdinha. Era daqui de João Pessoa, fala um pouquinho dela. Ela era de onde nasceu, onde a data.

Resposta: É, ela era formada em que trabalhava em que mamãe, ela nasceu em Cruz das armas. Meus avós, eles tinham com meu avô, tinha comércio lá. É. Então ela nasceu lá, não é? E daí ela? Eu trabalhava em assistir, ela era assistente social. Então antiga, antes de eles me adotarem. É, ela viajava muito. Pelo interior, fazendo as revistas e tudo e tudo

isso. E daí? É ela conhecia meu pai através da minha tia, porque minha tia estudava com meu pai, e daí mandasse essas festas da faculdade. Eles se conheceram, não é? É isso.

13. Você disse que você, eles lhe adotaram?

Resposta: Sou meu pai, ele tinha dei a Beth também tinha. Ele era oferta, não é inferno. Ele tinha dificuldade para ele, tinha dificuldade e ele já tinham, pelo que a família dela conta. Pessoas próximas já tinham tentado e sofrido muito. Foi tentar fazer *in vitro*, não é a fertilização artificial, mas aí também não conseguiram isso, tipo uma das amigas. Minha mãe. Não é? E daí? Minha mãe? Ela sempre quis uma filhinha para chamar dela, não é? Meu pai sempre quis uma menina e daí? Foi numa dessas vezes que meu pai, ele estava na Bahia. Fazendo? Acho que era alguma coisa de livro. As coisas. E daí? Ele viu que tinha essa menininha, entendeu que na época tinha 2 anos e um mês. Daí ele voltou para cá correndo, falou para minha mãe que achou só que me achou que a vida se fez assim. Achamos nossa filha. Eles voltaram para lá para me pegar de novo. Ai, que legal, aí tem uma história que até eu também contei até na minha festa que meus passos eram a festa de 15 anos para mim eu contei lá também que eu acho a Coisa Mais Linda, não é? Meu pai falou que no hotel, quando eles. Eles. Eles me pegaram, aí eles ficaram, gente ficou no hotel e daí eles acordarão comigo rezando na frente da janela. Agradecer ao papai do céu pelos melhores pais que eles podiam me dar, ter me dado. E eu tinha 2 anos e meio nasceu. Eles falam que. Não falei nada. A primeira coisa que eu falei foi isso. Eles acordaram já com isso, sabe? Eu, eu. Sempre fico me perguntando, se Deus existisse, o que existe não é, mas depois de tanta tantas vezes, acho que ele me mostrar Na minha cara. Olha, eu estou aqui, não tem como não acreditar. E essa foi uma delas.

14. Você disse que quando eles estavam doentes, você apenas ficava pedindo indo alguma coisa, se houvesse algo superior que salvasse a vida deles. E se alguém superior é Deus, você acredita realmente em Deus? Como é você o, que é que você acredita?

Resposta: Então, antes de tudo acontecer? Eu era católica. Ele sempre pedia ir a igreja, todo domingo eu ia, eu fazia, eu era catequista também de uma igreja. Então eu participava da crisma, não é? Eu fazia lá Na São Pedro, São Paulo. Aqui também, não é? Em Tambaú. Eu era uma da das que ficavam sempre porque tem várias. É o cadê que ele tem várias funções, não é? A minha função era animal, pessoal ficar cantando as músicas e se divertindo nesse no dia, né? Depois que isso aconteceu, eu me distanciei. Eu tive uma raiva tremenda que eu estou tentando recuperar raiva de Deus. Raiva não dele, mas no mundo em si. De perguntar por que que tinha que ter acontecido com aquilo comigo? E ter? Saber se a missão deles acabou a era dos 2 acabaram. E várias coisas que eu fiquei me questionando na minha cabeça. E só não queria falar do assunto, e quando meus pais faleceram, muita gente mandava mensagens que eu não acho certo. Hoje em dia alguém manda uma mensagem de que foi escolha de Deus. Foi o plano de Deus, porque para mim, hoje em dia não acho isso. Eu acho que Deus não quer ver nenhum, ninguém sofrer. Não é? Eu acho que deve ter outra resposta, mas eu só quero que essa não seja a resposta, porque eu me peguei tanto, é isso que eu. Me dê chance e muito. Muito, muito, muito,

muito. Eu não lembro a última vez que eu fui para igreja outra vez. Bem provável foi a missa. Dos meus pais? Mas, eu não quero isso aí, tanto que eu vou fazer. Vou fazer lá na igreja de São Paulo a JC, né? Que é o encontro de jovens com Cristo para dar uma forcinha aí, eu e ele eu falar com ele, (Perdoar Deus?) É e segui isso. Isso foi uma das coisas também que entra no eixo de dar ao dar o tempo, né?

Aleksandr - A gente sempre mostrou que era importante e a consulta do psicólogo. E no tempo dela foi a gente sempre falou que era importante o retorno dela. A religião essa. Acho que a religião independente, qual seja, a lei é muito importante para dar força para qualquer pessoa, não é? E aí quando menos esperei, ela chegou, falou, olha, eu vou participar disso, não sei o que é. E a gente só pode apoiar e ficar muito feliz, porque a gente vê que. O espaço, atrelado a um diálogo. E por mais que tenha preciso de um tempo um pouco maior, é uma recuperação mais saudável. Então ela aos poucos, tá?

15. Ô Beatriz. E como. É claro, a pessoa morre e as coisas ficam roupas ficam, objetos ficam. Uma biblioteca belíssima que seu pai tinha. Uma vez lá na sua casa . É ele me dando aula, eu conversando com ele sobre o meu projeto. E todo, todas essas coisas deles 2.Como está intacto, você deu roupas, não como. É, como é que está hoje em dia ?

Resposta: As roupas na primeira semana doei. Só fiquei com vestido de meus 15 anos e o vestido da minha mãe, que ela também usou nos meus 15 anos, foi a única coisa. Por quê? Ouve para quem ficar aguardando essas coisas, tipo. Não dava em mim, tinha pessoas que eu sei que precisavam. E só iria ficar. Sabe, sem ninguém usar, porque eu sei, sabe, se eu sei e eu ter pessoas que iam utilizar. E na primeira semana, eu já me desfiz das roupas. Em questão de fotografia do álbum, tudo isso ainda está lá, espalhada pela casa, a biblioteca também está lá. A gente estava falando com as pessoas mais próximas de meus pais, do meu pai. Para ver se alguém queria alguns livros e tal, porque ele tinha muito livro. E? A metade do livro, não é? Tipo, não é uma coisa que eu .Eu tenho tanto amor quanto ele tinha. Porque são livros de filosofia, são livros de sociologia de tudo isso. Que isso tudo é bem diferente do RA.E isso? Nunca foi filosofia, nunca foi meu forte, então eu sei que ele ia querer que esses enjoos tivessem com pessoas que amariam aqueles livros. Então óbvio que eu vou ter alguns, vou com, vou continuar com alguns deles. Alguns, todos os prêmios deles dele, fica num local.Com os livros especiais dele, os livros especiais dele. E com os livros que ele que ele fez, então é aquilo que eu vou querer manter e o resto eu vou querer também doar para algo certo? Hoje a gente já falou também com o pessoal deve PB para doar para lá, para a livraria. Alguns entendeu? E de pouquinho em pouquinho. Eu vou me desfazendo, mas antes eu não antigamente, bem antes, quando a minhas tias falavam de alguma coisa ou de alguém, fala do livro ano que nem que falasse, porque era o amor dele. Mas infelizmente, eu. Eu não posso continuar com uma coisa que. Que não era minha. Não era uma coisa dele, é uma coisa que eu sei que ele queria que pessoas lê sem e se ficar comigo. Infelizmente, não. Eu não vou uso até porque também tem muito livro, não é? E é isso.

16. Legal. Você tem. Você gostaria de falar mais alguma coisa que eu não tenha perguntado? Acrescentar alguma coisa?

Resposta: Não, só que. Eu amei muito meus pais. Não tem nem o que dizer. Óbvio que a gente tinha brigas, quem não tem? Acho que toda família tem, não é? Mas sempre foi no diálogo. E tudo, então qualquer coisa era os 3 sentar-se na mesa e conversar sobre qualquer assunto. A primeira vez que eu que eu que eu beijei a primeira vez, que eu namorei a primeira vez que eu tomei alguma bebida alcoólica na minha vida foram com eles sabendo foram eles comigo, entendeu todos os ensinamentos que eu tenho na minha vida, foram eles 2.Entendeu tudo que eu fazia. Ele sabia da minha vida, porque como eu falei, eu sempre. Espera real é realmente uma relação? Principalmente é de amizade que eu tinha. Além dos meus pais, eles eram meus amigos e eu, graças a Deus, eu nunca tive medo de contar nada para eles. Nunca precisei fazer nada escondido, sempre conversa, né? É uma das coisas favoritas que eu gostava de fazer com meu pai. Era assistir série. A gente amava assistir série. Várias séries que eu assistia com meu pai, eu tô terminando com ele porque algumas a gente começou a outra, a gente terminou. Lugar, quando terminou, eu apresentei para ele. A gente até estava com o nome daquela do presidente. Vai lembrar? Eu sou horrível, como mais uma série muito legal da Netflix. Na segunda temporada já é que eu comecei com o meu pai, parei de assistir, aí ele começou a assistir ao filme meu Deus ou assistir essa série com meu pai. Então vamos assistir também para a gente, começou a assistir minha mãe, entendeu o que falar mesmo, era um doce de pessoa, era incrível. Todas as vezes que esquecia de alguma coisa, os 2 estavam lá que nem Leôncio realmente. É, então. Tipo, é isso que eu tenho que falar, que eles foram incríveis, que eu só tenho que continuar vivendo e sabendo que eles vão estar comigo mesmo. Às vezes obstinou super sozinha deles não estarem eu não sentir, né? Mais uma vez, outro sonho, uma vez ou outra eu sinto uma presença. Vez ou outra vejo fotos da gente do que eu fiz em mim, foi fazer as tatuagens, mostra as tatuagens. Essa daqui foi a minha primeira que eu fiz para eles. Essa daqui essa daqui foi uma foto do. É dos meus 15 anos, que é a foto do meu pai e minha mãe daqui. Aqui é minha linda flor, que era como meu pai me chamava em francês. Não é óbvio? Um fim, 2021.Que foi um ano que isso tudo aconteceu, que é para saber que se eu conseguir passar por isso, eu vou conseguir passar por qualquer outra coisa. Tem uma data de nascimento e falecimento do da minha mãe e a assinatura do meu pai não é que ele assinava em todos os livros dele e que vai estar aqui sempre comigo. E pertinho de mim, sempre.

17. Legal, e vocês 2, algum, algum plano para frente, esse tempo de namoro?

Resposta Aleksandr - Eu acho que. Porque o mais recente voa. É o que os pais incentivavam. Eu acho que agora é hora. Aproveitar tudo, tudo o que ela tem e já teve dos pais da família o apoio. E a questão de faculdade, eu digo para ela que a prioridade é a faculdade, ela se formar. Não é com algumas coisas, às vezes ela começava a se acomodar de. De que estão sendo que eu dirijo, então dirigia para ela para os cantos. Eu falei, olha, amo dirigir para você, mas você precisa ter sua carteira. E aí, hoje em dia ela está muito mais independente. A gente tem que conversar um dia sobre isso, não é?

Resposta de Beatriz - É porque, como meus pais, eles sempre me protegeram muito. Eu não sei bem fazer coisas básicas, então eu não sabia, eu nunca fui ao banco, nunca

precisei. Sei lá, fazer uma pagar uma conta. Nunca fiz isso porque a minha mãe fazia. Então eu acho que ele sempre me colocou tanto ali que teve exatamente o que eu nunca. Coisas que eu não sabia, tipo para ligar para a pizzaria. Eu tinha prova de ligar para a pizzaria porque eu ficava meu Deus do céu, liga aí vai tu entendeste por que quem faz isso é a minha mãe, então tipo, são coisas bestas, né? Mas coisas que realmente eu tive que aprender depois, porque, pronto.

18. E como é que foi se tornar adulta de repente, aos 18 anos, de um dia para o outro, tudo se transformou?

Resposta: Eu tive que gerir uma casa. Porque eu não tinha noção de quanto era a gente. Não tem noção de dinheiro até a gente. Né? Fiquei 3 meses sem receber algum dinheiro, então eu fiquei 3 meses devendo tudo eu ficar. Fiquei louca, não sabe? A única, a única. Uma coisa que eu mexia com dinheiro era quando minha mãe mandava um Pix para mim para eu sair ou me dava dinheiro para eu assistir um filme ou algo assim, do tipo. Nunca tive noção de dinheiro, de o que é pagar uma conta de que é esquecer uma conta de pagar, entendeu? Então esqueceu bastante, esqueci bastante, mas hoje eu aprendi, não é? Hoje a gente, a gente coloca o telefone para ele apitar certinho, que eu já pago porque me ajudou muito. Dele, porque ele já a gente tem a diferença de 8 anos, então ele já morou sozinho. Ele já teve essas responsabilidades, coisas que eu não tive. Não é de pronto, 11.Um comodismo. Quer que eu tivesse muito, era menina abrir, tinha comida toda hora em casa. Não é a feira, essa coisa de ter noção, porque era tudo que minha mãe fazia. Cartão de crédito também não sabe nem para onde ir aí, tanto que a gente tem uma história bem engraçada que .Eu tenho aqui o meu primeiro cartão de crédito. Foi 200 BRL. Aí eu fui fazer uma compra, eu queria parcelar a compra porque nunca parcelei. Eu queria parcelar. Meu Deus, ***** tá? Aí pegou a compra era de 300 reais. Mas na minha cabeça que funcionava, vou passar 150 agora, 150 no próximo mês. Parcelar em 2, né ele parcelar em 2, para eu parcelar, mas era desse jeito. Não que você tem que ter um limite daquele negócio para você poder comprar a era do tipo era desse jeito realmente que eu funcionar, mas tipo, eu não tinha noção das coisas, entendeu? E aí, aos pouquinhos. Silvana boa desse jeito, não só ele com minhas tias também perto de mim, e daí, aos pouquinhos, aos pouquinhos. Aí eu fui me tornando. Imagem, dependente não é hoje. Tem um problema, ainda tem um pouquinho assim, mas tenho que resolver, tem que resolver, tem que resolver.

19. E a questão financeira? No meu trabalho, eu procuro ver a questão social, a questão econômica e psicológica na questão econômica, você ficou resguardada? Com alguma coisa de seus pais?

Resposta Beatriz: Então. Em questão de pensão eu sou pode escolher o meu pai, minha mãe. Escondi meu pai. Porque ele tinha um salário maior. E daí? É em questão de dinheiro do banco. Meu, meu, meu inventario não acabou. Então, e o dinheiro ainda está preso. É, meus pais deixaram uma pontinha, né? Mas ainda não tive acesso, porque metade não está pronto .E minha mãe, quando ela foi hospitalizada, ela não a mandou, ela tirou, ela me deu um. É, acho que era. Nos 9015, na conta dele foi esses 3 meses, eu tive que viver

pagando. Busque ainda veio de 1 mês para o outro e daí, tentando entender, deve muito. E aí eu fiquei desesperada que eu fiz meu Deus do céu, o que que eu faço? Porque tipo, só morar no meu, no apartamento que eu moro hoje? É aqui, ó. Só a morar nele. Tem um custo alto, e então. Meio que eu tive que saber de tudo, não é? Ingerir coisa que eu não sabia, então tive que saber quanto aquele dinheiro que aquele dinheiro serve para esse tanto que eu tive que também porque quando eu terminar os estudos, não vou ter mais pensão, então eu sei que eu tenho que guardar também o dinheiro para. O caso aconteceu no futuro, não é? Caso aconteça e porque eu quero, eu quero cursar para perícia criminal. Então eu sei que eu tenho que ficar muito tempo. Né? A gente para o concurso. Então é isso.

Resposta de Alexsandr: É, eu acho que foi. Foi uma transição. Eu sempre disse para ela que iria ajudá-la, iria ensiná-la, mas eu disse para ela que eu nunca faria por ela, eu estaria sempre ao lado para fazer junto, então tinha um problema para resolver da casa ou tinha um problema para resolver é, eu iria ou quando era alguma coisa assim? Muito mais da família. Eu sempre ligava para cheias dela, Fátima Moura. E aí elas faziam esse, esse, esse meio de campo ali comigo. E aos poucos, Ela Foi se desenvolvendo. Não é mostrar para ela que é hoje é legal, mas precisa se entender também o futuro. Então, aos poucos Ela Foi não só aprendendo, como também criando os próprios objetivos, né? Porque no início era muito a vontade de todos que estavam à volta e com o tempo começou a ser a vontade dela. Então ela teve, aí é, é um baque. Fundador apesar dos pais, se eu falar alguma coisa diferente, você vir é, teve um baque emocional e o baque financeiro de começar a entender, até porque é, é, é a renda, não é? É o padrão de vida dela. Deu uma caída e tanto.

Resposta de Beatriz: Não reclamando, porque eu como eu tenho uma casa. Sim, sim, tenho educação, não reclamando, mas uma coisa que não pode, não se pode negar que realmente não é meu padrão de vida caiu Um pouco, eu tive que me acostumar com isso.

Resposta de Alexsandr: E com isso, tanto eu e as e as tias dela, a gente mostrou que é, fez tudo o que estava acontecendo, era uma boa forma, onde ela aprender e dela construiu o futuro para ela. Então, tem curso, tem palestra, tem as coisas, a gente incentiva bastante lá e se desenvolver nos pontos, porque ela também, provavelmente que o Wellington e Lourdinha e gostaria. Não é? Então, aos poucos ela teve que amadurecer muito rápido, mas em compensação, também não foi nada muito forçado. tudo foi acontecendo e mostrando para ela, que precisava ter a iniciativa de querer fazer. Hoje, em toda reunião de família, se fala que é outra Beatriz, quando se fala da questão de amadurecimento. Hoje em dia ela a preocupação do que é prioridade para o meu futuro. Por mais que a gente tenha uma pequena diferença de idade, eu sempre falo para ela pensar nela e desenvolver ela. Se ela está bem, eu estou bem. A gente tem os planos da gente para o futuro, mas agora é preciso cuidar de si, para depois cuidar um do outro depois.

20. Só mais uma coisa. Eu perguntei sobre sua mãe, mas não perguntei sobre o seu pai. Onde Wellington nasceu e em qual data?

Resposta: E assim, minha mãe nasceu. Você disse que ela nas regras de Cruz das armas, né? Ela nasceu dia 11 de fevereiro. Gabarito aqui em 1955, mas a data da minha mãe aqui

tá errada porque meu avô teve tanto filho que ele errou. O meu pai nasceu dia 28 abril de 1961. Mas assim, meu pai que faleceu com 59 anos e minha mãe faleceu com 65 anos. Nasceu em nasceu aqui, mas viveu a vida inteira em Sumé, interior. Aí, entendeu? Viu quati, avó dele. Não é que foi segunda mãe para ele, não é? Aí, quando ele terminou os estudos de ensino, mais de tarde, quando ele foi, vim para a faculdade, ele foi quando ele voltou para cá para estudar, trabalhar, para conseguir passar na faculdade. Isso. Legal, muito obrigada, vocês 2.

ENTREVISTA COM MARIA AUXILIADORA GOMES DE LIMA (DORA) – ELA É IRMÃ DE MARIA DE LOURDES GOMES DE LIMA PEREIRA E CUNHADA DE WELLINGTON JOSÉ DE OLIVEIRA PEREIRA.

1. Dora, o que se passou na sua cabeça quando a OMS decretou a Pandemia do Coronavírus? Você estava acompanhando as notícias sobre a Covid-19 ou não, como foi essa história de que tem que ficar todo mundo dentro de casa?

Dora: Olha, no começo eu fiquei como todo mundo surpresa, porque a gente não esperava, foi uma coisa que aconteceu no mundo inteiro, que pegou todo mundo de surpresa. No começo a gente ouvia as notícias e era só morrendo gente, morrendo gente, e a gente sem saber a noção exata do que estava acontecendo naquele momento. E assim, uma coisa que aconteceu comigo que foi muito interessante foi que a minha mãe tinha morrido um ano antes, ela morreu em novembro de 2019. Então, eu agradeci a Deus por ter levado ela, pra ela não viver esta situação tão, assim, improvável para todo mundo, não é?

2. Você imaginava que aquela doença poderia atingir você e a sua família em algum momento quando se decretou a Pandemia, você pensou nisso, assim: essa doença pode chegar aqui?

Dora: Com certeza, porque a gente foi vendo-a se aproximando né. Começou os países se fechando, se fechando, e a gente começou a ver aqui na própria cidade as pessoas adoecendo e morrendo. Então, todo mundo ficou meio louco com aquela situação. Eu me vi numa situação, eu moro só e eu me isolei das minhas irmãs, depois a gente foi para a praia para o apartamento de outra irmã, como a gente estava com saúde, as quatro solteiras, sem família, então nós ficamos as quatro juntas lá, um tempo. Ai foi quando professor Wellington adoeceu, a gente voltou, cada uma voltou pro seu canto.

3. Como era a sua rotina antes e depois da Pandemia?

Dora: Eu já tava aposentada, então eu não estava mais trabalhando e, antes eu tinha uma rotina de cuidar da minha mãe junto com as minhas irmãs. Depois que ela se foi, ela partiu, cada um procura curar a sua dor, seu luto de uma maneira particular, cada pessoa tem seu jeito. Eu sempre, minhas dores eu sempre gostei de curar mais eu sozinha, na minha casa, no meu canto. Minha rotina era essa: eu visitava minhas irmãs, às vezes saia,

rotina normal. Agora, depois da Pandemia todo mundo se trancou, acabou-se, fiquei aqui uns quatro meses sozinha.

4. Como foi quando vocês descobriram que Wellington estava doente, como é que foi esta situação, esta notícia?

Dora: Eles conseguiram se livrar por quase um ano, fechou tudo em março, e assim, ele quase não saia, Wellington professor não saia para canto nenhum, Lurdinha era quem ia para o supermercado ou pedia, e Bia, também, sempre trancada dentro de casa e ele saiu para ir provar um sapato, que ele estava com um problema no pé e o médico tinha passado uma sandália ortopédica e o cara estava sem máscara e devia tá contaminado, porque no outro dia ele já começou a sentir os sintomas, foi a primeira saída dele de dentro de casa, depois da Pandemia.

5. Quer dizer que a primeira saída já no outro dia ele já sentiu os sintomas?

Dora: Quando ele voltou, no outro dia ele já estava sentindo, já sabia que tinha sido, ele também tinha um diabetes muito severo, então ele tinha comorbidade, então foi rapidinho.

6. E no momento que vocês souberam que ele morreu, como é que foi isso daí, essa notícia e essa situação de não poder fazer velório?

Dora: Foi uma coisa, porque Lurdinha foi para o hospital com ele e ela ficou internada e eu pedi, liguei muito: minha irmã não fique ai, você está se expondo, ela também era diabética, eu vou lhe buscar, ela não venha que eu não vou deixar meu marido. Então, ele não chegou nem a ser entubado, porque o médico quando falou ele enfartou, o medo que ele tinha era tão grande que ele enfartou. Ela estava na porta, porque tiraram ela quando foi para botarem o desfibrilador tiraram ela do quarto, porque estava na porta do quarto.

7. Sei. Quer dizer que ele morreu na verdade do coração?

Dora: Do coração. O susto foi tão grande, ele tinha muito medo, na realidade, dessa doença, ele tinha um verdadeiro pavor. Ela dizia sempre: se eu e Wellington pegar essa doença a gente não escapa. Dois meses antes tinha sido o aniversário dela em fevereiro e a gente se juntou para comemorar, nós as irmãs, e ela nesse dia chorou muito pedindo a gente: se acontecer alguma coisa comigo ou com Wellington, não abandonem a minha filha. Parecia que ela estava adivinhando sabe, porque isso foi no dia 11 de fevereiro, quando foi no dia 29 de março ela se foi, e tai a gente fazendo o possível para cuidar da menina dela.

8. E no caso, teve a notícia de Wellington e logo depois a notícia dela e ela internou-se?

Dora: Não, porque quando ela foi para, no crematório já, que eu fui para o crematório dele, quando saiu ela já estava doente, ela já estava contaminada. Eu peguei uma sobrinha minha e um sobrinho e disse: leva ela para o hospital. Ela já saiu do crematório direto para o hospital Nossa Senhora das Neves. Ela ficou lá acho de uma, duas horas da tarde, até quase onde horas da noite. Eles fizeram exames, fizeram exame errado, porque também era um momento que estava todo mundo muito confuso, ninguém sabia de nada direito, definitivo. Então, ela saiu de lá, com Beatriz já pra casa. Eu tenho um irmão que ele tem uma fazenda, ele mandou trazer da fazenda uma enfermeira lá, eu fui comprar equipamento pra ela ficar se tratando em casa, fui comprar todo o aparato, de pro-pé, de máscara, de coisa de cabeça, de touca de cabeça, de luva, de tudo, pra ela ficar, mas ai, a gente contratou médico pneumologista, fez o possível pra vê se ela não ficava pior, ainda fui na casa dela, usei aquela máscara, usei aquele negócio que botava no rosto e fui. Ele foi enterrado no sábado, acho que na segunda-feira eu fui na casa dela e fui deixar almoço lá com ela pra cuidar dela, mas quando foi na terça-feira, eu acho que foi na terça-feira, ela já começou a piorar, então o médico disse: é melhor que ela vá para o hospital, eu ia levá-la para o hospital, mas eu tenho outra sobrinha que é enfermeira e ela disse: tia a senhora não vai, porque a senhora já tem uma certa idade, não é bom, eu vou levar tia Lurdinha, porque ela vivia dentro dos hospitais mesmo. Então ela foi e levou a tia para o hospital e de lá ela não saiu mais.

9. Ela passou quantos dias interna?

Dora: Foi uma semana. Interessante porque esse meu irmão que morreu tava no mesmo hospital com ela lá. É Nossa Senhora das Neves. Ele ficou internado lá.

10. Quando ela morreu, ai, como é que foi a questão do enterro dela, o que foi feito, como é que aconteceu tudo?

Dora: No domingo à noite ligaram pra mim: a senhora pode vim aqui, eu disse ela morreu, porque quando você tá com parente na UTI, eles não chamam você pra dizer que a pessoa melhorou. Ai eu fui, também com uma sobrinha minha, e a gente ficou esperando lá na porta da UTI, bem uma meia hora, era um entra e sai, um entra e sai, ai a médica veio dizer que ela não tinha, e pra mim a coisa mais difícil pra mim, foi sai dali e avisar a Beatriz que ela tinha falecido, porque já tinha tido uma noticia, nessa época a gente não tinha tanta, assim, intimidade como eu tenho hoje com ela, ela adolescente eu uma pessoa mais velha, ela ia lá na casa da minha mãe, ia pouco porque as tias já tudo com mais de 60 anos, ela não gostava muito de ir pra lá porque não tinha muito atrativo para ela, pra uma garota. Então, quando eu disse, eu fiquei olhando pra ela, ela olhando pra mim, e eu não tive coragem de me aproximar dela e dá um abraço. Foi um impacto, um choque tão grande pra mim, aquele momento de eu falar pra ela que eu não tive coragem de me aproximar dela, porque eu acho que eu ia me desmontar ou ela, naquele momento, que foi um momento muito difícil. Então, a gente foi providenciar pra enterrar, né, porque Wellington foi cremado, mas ela, a gente católico ela nunca manifestou o desejo de ser cremada, então a gente ia enterrar mesmo, e ela ta enterrada no túmulo da família de Wellington.

11. Onde é?

Dora: No Cemitério de Santa Catarina. Uma coisa terrível você não poder velar a pessoa que você ama, tá entendendo? Ela foi uma pessoa, minha irmã era uma pessoa maravilhosa, extremamente generosa, solidária, sabe, e ela ser enterrada num saco preto, isso é uma coisa que me dói até hoje.

12. Vocês chegaram a fazer o reconhecimento do corpo?

Dora: Foi, foram duas sobrinhas minhas olhar, eu queria ir, mas não deixaram eu ir.

13. E na hora que você teve a notícia assim, como é que foi pra você essa noticia?

Dora: Olha, até hoje eu não sei dizer, eu não consigo parar pra pensar, eu sei que ela se foi, e a gente, a vida continua, e sabia que tinha Beatriz ai que precisava da gente, e aos pouco foi e no começo ela não quis ficar com nenhuma de nós, nem queria que a gente fosse pra lá, e aos poucos a gente foi e foi, devagarinho, devagarinho, conquistando ela e hoje, graças a Deus, ela é a sobrinha que eu sempre tenho amor, o cuidado e o carinho que eu tenho com os meus sobrinhos todos e que eles têm comigo, a gente tem, eu tenho com ela. Ontem ela foi lá, tava toda contente, a gente fez um bolinho, ela apagou as velas pra comemorar o aniversário dela e assim é.

14. Dora, além de Lurdinha você também perdeu um irmão, como é que foi? Ele foi logo no outro dia, foi quanto tempo?

Dora: Não, ela morreu no dia 29 de março, ele morreu no dia 05 de abril. Mas, ele, a gente foi velar ele, sabe, estava lá os filhos dele, a esposa, a gente, os irmãos, fazendo orações, botando as músicas que ele gostava, ta entendendo? A diferença enorme foi essa, é que até hoje eu sinto a falta de vê ali ela no caixão, e a gente do lado.

15. Como era o nome do teu irmão?

Dora: João Batista.

16. Ele foi enterrado onde?

Dora: Ele foi enterrado lá em Cruz das Armas.

17. Ele era casado, tinha filhos?

Dora: Era casado, ele foi casado duas vezes, tinha filho das duas esposas, ele tem cinco filhos.

18. Como é que foi viver essa situação dessas duas mortes assim, você também tinha aproximação com os irmãos de Wellington, os que morreram?

Dora: Com Wallace tinha mais, ele era uma pessoa também extremamente bondosa, uma pessoa maravilhosa, me dava muito bem com Wallace, mais do que com Tiago e com Nagibe, sabe, a gente sempre que se encontrava era uma festa, me dava muito bem com a esposa dele também, é que quando ele morreu ele estava separado dela, mas a gente quando se juntava nas festas era uma alegria só.

19. E como é que foi viver essa situação, viver esse luto de pessoas que vocês não puderam velar?

Dora: Isso é uma coisa que até hoje eu não encontro uma explicação, não tem uma explicação, porque o ser humano pela própria natureza ele vai se reconstruindo e vai vivendo, não tem uma motivação assim de você, porque a minha mãe não, a minha mãe a gente velou ela a noite todinha e depois baixa ela pra o lugar de onde a gente veio né? Você volta, a minha mãe tinha 100 anos de idade, a morte dela, ela morreu de morte natural, assim a gente de qualquer maneira esperava, porque ela já tinha 100 anos, ela não ia viver eternamente, assim, eu sinto muita saudade, meus irmãos, mas não lamentam, a minha mãe no aniversário de 100 anos ela entrou ladeada por dois tataranetos de 15 anos, isso é muita coisa para um ser humano, ela teve uma vida muito bonita, sabe, teve 21 filhos, sabe, eu nem sei a quantidade de netos que ela teve e de bisnetos e de tataranetos. Uma família bonita, ela sempre foi uma mulher de muita fé, uma mulher que não reclamava de nada da vida e isso é uma coisa que eu aprendi muito dela, sabe, não reclamar da vida, aceitar com resignação as coisas que acontecem, porque a gente não tem controle sobre a vida.

20. E depois esse cuidar da filha que ela tanto pediu que vocês cuidassem, você disse que aos pouquinhos vocês conseguiram e se aproximando, ganhando a confiança, como foi acompanhar essa situação de Beatriz, como foi que ela reagiu o tempo todo?

Dora: Na primeira semana depois que ela saiu de lá do Cemitério eu disse: Bia vamos lá pra casa? Ela disse não tia e vou pra casa de uma amiga, que é uma amiga dela de infância, estudava com ela desde pequenininha, ai a mãe dela disse: não se preocupe que a gente toma conta dela, ela sempre estava na casa dessa amiga, então, a mãe tinha, já sabia as coisas que ela gostava, tudinho tinha intimidade com ela, ai eu: ta certo e ficava assim ligando, eu quando passava por lá, que ele tem uma loja de conveniência, do pai da menina, e procurava saber, até que, sempre nesta história, sempre estando no telefone, insistindo com ela, quando foi uns 25 dias depois, eu estava num domingo de tarde, e ela ligou pra mim: tia a senhora tá em casa? Eu disse to, ela disse: não porque eu vim aqui na casa de uma amiga aqui perto, se senhora tiver ai, eu vou ai lhe vê, eu digo: venha. Ai fiquei lá embaixo esperando ela, ela veio e agente conversou e ela disse: a senhora que conhecer meu namorado? Que era Alex, ai eu disse: quero, ela disse: pois quando ele vier me buscar a gente vem, isso era umas cinco horas da tarde, eu disse: pois venha que eu

vou preparar um jantar pra gente, ai ela: ta certo. Ai sai nas carreira pra fazer um jantar, fiz o que é mais rápido, macarrão né? Fiz uma macarronada, arrumei a mesa, tudinho, ai eu tinha um sobrinho que morava aqui, ele se mudou há pouco tempo, ai eu chamei ele também pra gente conversar porque eu não conhecia Alex, para vê, ai pronto, depois desse primeiro jantar, que ela veio aqui, eu tive uma boa impressão dele, sabe, e depois desse dia ela nunca mais deixou de ter contato com a gente.

21. Você necessitou de psicólogo, de um tratamento assim, como é que você fez para superar essa dor?

Dora: Eu sempre fiz terapia muito tempo, só que ultimamente eu não estava no terapeuta não, mas ai eu tenho um amigo que ele tava fazendo uma terapia online e ele perguntou: Dora você não quer não fazer terapia? Deu o telefone do terapeuta, eu liguei pra ele e tive com conversa com ele e pronto, a gente ficou, eu fiz três anos de terapia, em dezembro foi que eu me dei alta, eu que disse a ele: olhe, eu to fechando uns ciclos na minha vida e quero abrir outros e dá uma parada, eu só quero deixar uma porta entreaberta, se eu precisar voltar, ele disse: Dora, tudo bem, fazia um tempo que eu já vinha notando você bem e, então, ta certo desse jeito, a hora que você precisar.

22. A terapia realmente lhe ajudou?

Dora: Ajudou muito.

23. Como era a sua relação com seu irmão João Batista e com Lurdinha?

Dora: Olhe, João Batista era o seguinte, ele quando era pequeno ele morou um tempo com meus avós, quando já veio pra casa, ele já veio grandinho, mas eu me dava muito bem com ele, ele já morou um tempo em Manaus, passou um tempo morando lá, depois ele voltou, mas a gente sempre se encontrava, ele ligava pra gente ir pra casa dele, comer um carangueijo, um negócio assim, ou então ele vinha no domingo sempre, quando a mãe era viva, ele vinha sempre no domingo ou almoçar, ou jantar com a gente. Os filhos sempre costumavam quando ela tava ai de no domingo a gente se juntar.

24. E Lurdinha, como era a sua relação com Lurdinha?

Dora: A gente sempre teve uma relação muito boa. Ela quando foi pra Paris, com um ano que ela estava lá, que naquela época não tinha celular, era quando ela ligava para o telefone fixo eu já notando a voz dela assim já ela triste, longe de casa, só ela e o professor, eles passaram muita dificuldade quando chegaram lá, porque o francês é um povo muito frio, ela chegou no inverno, e eles tiveram a sorte de ela ir caminhando na rua quando ia sair da casa do Brasil, procurando um apartamento pra montar, então ela disse que ia caminhado na rua, quando viu uma menina chamando ela, essa menina era vizinha da gente aqui no Bairro dos Estados, o marido dela também estava fazendo dourado lá, ai ela disse: eita tu não é filha de seu Zé Gomes, ela disse: sou, olha, Lurdinha falando que

tava procurando apartamento, ela disse: a minha vizinha vai voltar para o Brasil, tu não quer vê se a gente consegue o apartamento pra você não? Ai foi bom pra ela porque ficou com esta menina um tempo, ela tinha dois filhos, quando ela queria sair, Lurdinha ficava com os meninos dela, quer dizer, fez essa amizade com uma pessoa próxima né? Mas eu notando a voz dela ai eu disse: minha irmã eu vou te visitar, ai ela disse: tu vem Dora, eu disse: vou. Ela disse: mulher, mas tu não vai pra Recife sozinha, como é que tu vem pra cá? Mas eu disse: eu vou, aí, eu fui, Recife Lisboa, Lisboa Portugal, Portugal Paris. Eu tive tanta sorte que eu não fui para o Charles de Gaulle, como eu peguei de Lisboa para Paris um vôo na Europa, eles me mandaram para um aeroporto pequenininho, para Orly. Quando eu cheguei estavam os dois assim, acenando pra mim, pronto, ali tava tudo bem, eu cansada já um dia de viagem, fuso horário diferente, mas cheguei lá tava tudo pronto, tinha champanhe, ela comprou caviar, dois tipos de caviar pra gente provar, sabe. Tem um amigo de Wellington do Rio Grande do Norte, ele tava lá, tava fazendo doutorado com ele, e ficou lá, festejou com a gente, era o dia aniversário de professor Wellington, 28 de abril de 1997, eu fiquei um mês e meio com eles, lá em Paris, passeando, todo dia a gente passeava. Saia eu e ela e passava o dia na rua, o professor estudando e a gente quando chegava ele estava dormindo, vinha da rua trazia cerveja, trazia comida pronta, aí ele dizia: vocês não vão beber não é? a gente começava a beber. Vocês não vão parar não? Eu dizia é pra beber ou pra parar, professor? Ai ele ficava rindo, eu me dava muito bem com ele sabe? Com o professor Wellington, ele também gostava muito de mim, aí às vezes a gente saia, Wellington a gente vai no orelhão ligar pra casa, só que a gente ia atrás dos cafés, atrás de cerveja. Mas porque é interessante, lá no bairro onde eles moravam de meia noite não tinha mais nada aberto, a gente procurava sair umas onze horas da noite pra achar ainda os cafés abertos para tomar a última cerveja, mas foi um tempo muito bom que eu passei com eles lá, aí quando ele foi defender, eu fui novamente, aí fomos eu, dona Zilda, meu irmão com a esposa, Gerson com a esposa Marilene, minha irmã Glaucia e minha mãe foi também, aí eu passei mais um mês e meio. Minha mãe voltou com meu irmão e a esposa e eu fiquei lá, com a minha irmã e dona Zilda, e a gente passeou foi muito lá também.

25. Dona Zilda é a mãe de Wellington?

Dora: Ela é a mãe de Wellington.

26. E essa sua relação com Lurdinha, queria que você falasse um pouco dela, eu conversei com Beatriz e ela disse que ela era uma pessoa que gostava muito de estudar, fala um pouco dela sobre a vida profissional, a vida intelectual de Lurdinha?

Dora: Ela é sempre foi uma pessoa muito boa, minha irmã, mulher muito generosa, cuidadosa com os dela, cuidado com a gente, com o marido, a filha, a dedicação dela ao professor e a Beatriz era uma coisa extrema, ás vezes até a gente reclamava: hô mulher tu não tem tempo pra tu, é só pro marido e na semana pro trabalho, ela era uma pessoa extremamente profissional, não faltava um trabalho de jeito nenhum, sabe, e gostava sempre de está se reciclando, se resignificando no trabalho, ela trabalhava na Secretaria de Saúde, assistente social, trabalhava muito com isso, ela ia fazer vistoria em restaurante,

ela era muito preocupada com a saúde do trabalhador, ela fez muitos cursos sobre isso e vivia fiscalizando obras, tudo, a questão dos pedreiros, dos funcionários não usarem equipamentos de segurança, ela era muito preocupada com este tipo de situação e quando ela via acidente de trabalho, esses negócios de acidente de trabalho ela sempre tava em cima para regularizar estas situações, e a gente ia vivendo, às vezes minha mãe dizia: hô minha filha venha mais aqui! Mãe, mas eu não tenho tempo. Ela vinha no sábado, quando ela vinha fazer a feira, ela vinha fazer a feira aqui no Bairro dos Estados porque dava uma entrada lá em casa e ficava um pedacinho com a gente e depois ia simbora pra casa, e o professor já tava chamando: Dinha tu não vem embora não? Porque esse negócio de celular, ave Maria, o povo descobre onde a gente está mesmo sem a gente querer, não é não? pois é isso ai.

27. Dora, o que eu deixei de perguntar, que você queria de acrescentar?

Dora: Não, eu acho que é isso ai. Eu espero que ela esteja bem, onde eles estiverem, sabe, de onde eles estão eu sei que eles estão velando por Beatriz e pela gente, né? O que eu puder fazer pela Bia eu faço, sabe, tenho um amor imenso por ela, chamo ela de minha pequena Eva e hoje eu sei que ela me ama, sabe? Agora danadinha como todo jovem, a gente liga: Bia como é que você está? Se não ligar, procurar saber, ela não dá notícia, mas vai terminar o curso dela agora esse ano, com a graça de Deus, e ta ai, financeiramente ela ficou bem, porque ela é a única herdeira deles, né? Mas, e assim a gente vai vivendo até o dia do grande reecontro, né, de todos nós.

ENTREVISTA COM MARIA DE FÁTIMA GOMES DE LIMA CRISTOFERSEN (15/05/2024): ELA É PRIMA-IRMÃ E AMIGA DE LURDINHA, MADRINHA DE BIA E FOI MADRINHA DO CASAMENTO DE LURDINHA E WELLINGTON

1. Fátima como é que foi para você quando teve essa notícia da OMS sobre a pandemia, que tinha sido decretada a pandemia e que as pessoas tinham que ficar dentro de casa? Você vinha acompanhando essa questão da doença, como foi que você fez?

Fátima: Eu acompanhava tudo que acontecia nos jornais, televisão, manhã, tarde e noite, e eu tive os maiores cuidados. Eu tive tanto cuidado que até sapatos e bolsas ao invés de eu passar álcool, eu lavava. Quando terminou, acabou sapato e bolsa de tanto eu lavar e foi uma coisa que a gente não esperava. Eu lembro quando aconteceu o primeiro caso em São Paulo, acho que foi no mês de fevereiro, e quando eu soube, eu disse: menina! Ai meu marido falou: eita e o carnaval vem ai e vem muita gente de fora para aqui. Foi uma coisa pra mim, que eu sempre tive muito medo, mas também tive muitos cuidados. Eu não estou querendo dizer que Lurdinha não foi prudente, ela saia de luvas, levava álcool pra onde ia, era numa correria, ia e voltava logo e com medo, assustada.

2. Como é que foi quando você soube? Você e Lurdinha conversavam sobre a pandemia? Você disse que, apesar de isoladas vocês conversavam?

Fátima: Muito, a gente conversava muito sobre a pandemia, porque Lurdinha trabalhava na Prefeitura e no Estado. Na prefeitura na área de saúde, só que ela, ela não, as pessoas não trabalharam, foram dispensadas durante alguns meses e ela a gente conversava muito sobre a doença, sobre o que estava acontecendo e o que eu achava mais interessante é que ela dizia: Fátima, eu tenho tanto medo que eu ando correndo e volto correndo e com álcool, e com máscara, álcool e com todos os cuidados. Mas, a gente comentava muito, assim, a faixa etária de quem estava com covid, que falecia, a gente comentava demais.

3. Como foi para você quando você soube que Wellington Pereira estava com a doença?

Fátima: Quando eu soube, eu não quis acreditar. Lurdinha me falou: Fátima, Wellington está muito vermelho e gripado. Eu peguei, como o irmão dele já tinha morrido, ai eu disse: Lurdinha, eu acho que isso é psicológico, porque ele sentiu muito a morte do irmão, ai eu disse: Lurdinha eu acho que é psicológico. Então ela chamou um médico pra uma videochamada, comprou as medicações e ai foi o diagnóstico saiu, que era da covid, e ele ficou tomando a medicação, foi pra dois médicos e tomou a medicação e naquele momento não surtiu efeito. Então, Lurdinha ligou pra mim e disse: Fátima, eu vou ter que levar Wellington para o hospital Nossa Senhora das Neves pra ele se tratar, ai foi quando começou toda a história.

4. Ele internou-se e faleceu justamente no dia do aniversário de Bia?

Fátima: De Bia. Foi dia 19 de março, quando ela fez 18 anos. E quando ele estava nos hospital, Lurdinha sempre a gente era em contato telefônico, de manhã, à tarde, à noite, ela me dizendo como era que ele estava. Teve um dia que ela me falou, que foi já perto do falecimento, que ele estava muito fraco e o rosto, ela dizia: bem vermelho. Como ele tinha problemas nos olhos, tinha glaucoma e já tinha perdido um olho, e Lurdinha me dizia que o outro olho dele, o saudável, os dois estavam vermelhos e ela se preocupava com o que era, o olho que era saudável, que tava todo vermelho. Ela escolheu tratar de Wellington, não quis colocar cuidador, a família toda aconselhando para que ficasse com um cuidador, ela não quis, ela não quis porque ele não queria que ela saísse de perto dele. Ele dizia: não me deixe, por favor, e ela, Lurdinha sempre foi uma pessoa muito apaixonada por Wellington e eu sabia, pela amizade que a gente tem, as conversas que a gente tinha, eu sabia que Lurdinha jamais deixaria Wellington com cuidador e ficar em casa.

5. Eu estava conversando com Dora e ela disse que ele faleceu, na verdade, do coração, né, ia ser entubado?

Fátima: Foi. Quando ela me disse: Fátima, Wellington vai ser entubado. Eu disse: Lurdinha, vai pra uma sala especial? Ela falou: não, vai ser entubado aqui no quarto

mesmo. Ai eu fiquei já amedrontada, quando falou que ia ser entubado. Minha filha, eu acho que, foi à tarde, quando foi à noite, Lurdinha já ligou pra mim dizendo que Wellington tinha partido.

6. Como foi receber essa notícia, você foi para o velório dele?

Fátima: Não. Eu recebi essa notícia, eu fiquei totalmente triste, eu chorava aqui nesta casa de me acabar. Ai eu liguei para outra menina que é minha amiga, ela disse: Fátima, eu chorava, eu urrava mesmo, e dizendo pra ela que Wellington, que eu não acreditava, ai ela disse: Fátima você tem que tomar medicação, você não vai conseguir dormir hoje não, da maneira como você está. Ai eu disse assim: mas eu não tenho medicação aqui em casa. Eu liguei para a minha irmã, ela trouxe valeriana, disse: tome dois comprimidos. Ai eu tomei os dois comprimidos, depois de muito tempo, eu chorava desesperada, eu ficava assim pensando, no que eu pensava, que Wellington partiu e que Lurdinha tava junto com ele, ai que viu tudo, ai eu: meu Deus, ai era que eu chorava e eu sofri muito.

7. Você imaginou que Lurdinha podia estar infectada?

Fátima: Imaginei. Quando ela começou a cuidar de Wellington, eu imaginei logo que ela estava infectada, agora, eu, não ia falar isso pra ela, porque eu sabia que ela ia dizer: logo Fátima ta querendo me afastar de Wellington, que ela não se afastava. As irmãs pediram muito. Eu não fui para o velório. Eu não fui porque eu não tinha condições, eu fiquei em casa acamada, acamada mesmo. Ai minha irmão ligou para uma médica, ai ela já passou medicação pra mim, medicação psiquiátrica, eu tomei, ai ela disse assim para a minha irmã: ela está muito triste, que ela conversou comigo, a psiquiatra; ela está com melancolia e tem que ter muito cuidado com sua irmã, porque senão ela vai ter depressão, ai foi a partir daí, da morte de Wellington, que o meu emocional, assim, foi uma coisa que eu nunca pensei na minha vida, eu já tinha perdido meus pais, mas eu nunca fiquei desta maneira, ficava de um jeito que eu chorava todos os dias, e queria ficar dentro de casa, só assim aqui, da sala pra o quarto, e meu pensamento era totalmente em Lurdinha e Wellington. Só que, ele morreu num sábado, quando foi no domingo, foi o velório, ai eu disse: menina e Lurdinha? Perguntei logo a Dora, Dora disse que foi, mandou fotografias todas assim em cima de um carro, mas eu não cheguei a ver o caixão. Então, Lurdinha, quando foi no domingo, eu liguei pra Lurdinha: Lurdinha, e ai? Como é que você, como é que estão andando as coisas? Ela disse: Fátima, eu estou gripada, eu estou muito gripada e, quando eu passei no Nossa Senhora das Neves, no hospital, na volta do velório ela passou no hospital, porque ela já tinha feito uma tomografia, só que, quando as coisas têm que acontecer, lá no hospital, onde ela fez, perderam essa tomografia, ela teve que fazer outra tomografia, quando ela voltou do velório. Então, que a médica fez os exames em Lurdinha, disse: você já é pra ficar aqui hospitalizada. Ai ela disse: não, eu não vou porque vim agora do velório de meu marido, deixa eu ficar em casa sábado e domingo, segunda eu retorno. Quando foi na segunda-feira eu liguei pra ela, ai eu disse assim: Lurdinha e ai como é que você está? Ai ela disse: Fátima eu estou com muita tosse, muita tosse, sentindo fraqueza no corpo, e, claro que eu vi que tinha também o emocional ai, né? Ela, eu acho, porque estou emocionada, eu acho que Lurdinha, desde quando ela

chegou no hospital, ela sentiu que tava com covid, porque ela já pro hospital gripada. Ai eu disse pra ela: Lurdinha, vá para o hospital agorinha, na segunda-feira. Ela disse: Fátima, eu não tenho condições de ir pra hospital agora, não sei nem entrar naquele hospital, se eu for. Ai quando foi na terça-feira, eu liguei pra ela: Lurdinha, vá para o hospital, Lurdinha. Ai, ela disse: é Fátima, eu acho que eu vou. As meninas, que são duas sobrinhas dela, uma enfermeira e outra, ai disse: as meninas vão passar por aqui, vão me pegar, eu disse: olha Lurdinha, vamos combinar o seguinte, a gente vai ficar conversando só à noite pra você não se cansar. Aí ela disse: Fátima, quando eu falei na terça-feira, que era pra ir pro hospital, ai ela disse pra mim: Fátima, não fale pra Dora que você ta dizendo que é melhor eu ser hospitalizada. Eu disse: mas, porque Lurdinha, ela disse: porque eu sei como Dora vai ficar e eu não quero ir pra o hospital agora. Na segunda-feira, ai quando foi na terça, umas cinco horas da tarde, eu comecei a ter ansiedade, a ter angustia, sabendo do estado de Lurdinha e que ela não queria ir pro hospital, nem queria que a família soubesse. Ela disse: eu estou sendo medicada, eu disse: mas em casa Lurdinha. Ai quando deu, cinco horas pra cinco e meia, na terça-feira, eu liguei pra duas irmãs, ais minhas irmãs: Fátima, isso não tem o que esconder não, ligue agorinha pra uma das meninas, pra ela ser hospitaliza. Ai eu liguei pra Dora, contei toda essa história que eu tô falando aqui pra você, e então ela foi pro hospital, ela foi na, foi na quarta-feira, ela foi na quarta, eu acho que ela foi na quarta-feira, ai todos os dias eu tinha notícias dela. Fátima, que é a irmã dela, falou com o médico do hospital pra ficar dando assistência e era todo dia eu tinha notícias através de Dora, porque, antes, quando Wellington adoeceu, o irmão dela conseguiu uma moça do interior, mas que não tinha, não era nem técnica de enfermagem, era aquela pessoa que fica para fazer companhia, almoço e ela, Lurdinha já tava assim, já triste por conta de Wellington. Então, quando ela foi pro hospital, eu fiquei tendo noticias através de Lurdinha, ou, de Dora, e minha irmã através de outra irmã dela, Elvira. Ai eu sei que eu passei, se eu já estava triste, eu vou ser sincera minha filha, eu fiquei derrubada dentro deste apartamento. Foi triste demais pra mim. Ai quando foi no domingo à noite, minha irmã ligou pra mim, ai disse: Fátima, olhe, Lurdinha não tá bem, ai eu disse: o quê, Eliana? Pelo amor de Deus. Ai disse: ta bem não, ela ta sendo medicada, mas eu disse: ela ta respirando? Minha irmã disse: está. E até hoje, eu não, eu sei que ela partiu no dia 28 de março, mas até hoje eu fico pensando que ela morreu foi no sábado. Nunca perguntei mais nada, porque eu quis fazer uma negação pra mim mesma não ficar sabendo de certos detalhes. Agora, eu já quero me encontra com Dora pra gente conversar sobre isso. Ai eu disse: mas ela está viva, não está Eliana? Eliana disse: está. Quando foi nove horas da manhã, minha irmã me ligou dizendo: Fátima, Lurdinha partiu. Eu fiquei louca, eu botava a mão aqui na cabeça, porque, minha filha, ela era minha prima-irmã, confidente, tudo da vida de Lurdinha eu sabia, e tudo da vida, da minha vida, ela sabia, entendeu? Ela conversava comigo tudo sobre Wellington, conversava com ela tudo sobre meu marido, filhas, ela também, e eu, eu demorei muito pra eu voltar, se fosse isso há uns dois anos, eu não tinha condições de dá essa entrevista com você. Quando eu liguei pra você, eu disse assim, depois eu liguei pra Dora: Dora mexe muito com o emocional da gente? Ela disse: mexe Fátima, mas não é assim, eu disse: não, ta certo, eu já disse pra menina que vou fazer a entrevista, e eu vou, porque pra mim, sinceramente, está sendo até um teste, que eu to só assim, me sentindo trêmula, e meu corpo pesado, mas, assim, com condições de conversar, eu tenho.

8. Depois dessa notícia, do falecimento dela, você também não chegou a ver, também não foi pra velório?

Fátima: Não, o dela eu cheguei, eu cheguei, quando foi duas horas ia ser, ai agente foi, foi lá no cemitério de Mandacaru, quando chegou o carro já estava lá, ai, graças a Deus, como elas disseram: foi Deus Fátima, como minha irmã não acertou, porque a gente ia pro hospital Nossa Senhora das Neves, vinha acompanhando até Mandacaru, o cemitério, ai minha irmã não conhecia o hospital, enfim perdeu-se, a gente não viu mais as pessoas. Ai quando a gente chegou no hospital de Mandacaru, Dora estava assim, Dora, as meninas tudinho, ai eu desci do carro, dei uma carreira, fiquei, eu ainda vi Bia e outras meninas que um ramalhete de flores, ai eu vi, fiquei assim olhando, eu e minhas irmãs e as irmãs dela e eu chega tava que não agüentava, ai quando eu entrei dentro do carro, minha irmã disse, porque ela era minha amiga, mas se dava bem com as minhas irmãs, entendeu? Que mamãe dizia assim: Eu, não sei como é que uma pessoa tem a capacidade de ser amiga de quatro irmãs e nunca envolveu a pessoa, outra irmã em nenhuma história. Ela era uma pessoa íntegra, minha filha, respeitosa, no trabalho ela tinha, não podia perder um dia de trabalho, quando ela trabalhava nos dois expedientes, no estado e na prefeitura, tinha dia que ela almoçava em pé, pra não chegar atrasada, ai depois ela aposentou-se no estado, ficou só na prefeitura, ai a coisa ficou mais amena, ai ela sentava, almoçava, tudinho. Ela era apaixonada por Wellington. Ela acompanhava a vida de Wellington, olhe o que Wellington apresentasse de livro, e eu, pra onde ela ia, eu ia. Quando ele foi homenageado eu chorei muito, porque aquelas coisas quando passam, você tava lá?, no Espaço Cultural não, porque quando passava eu via tudinho e via que eu fiz parte daquela história, da gente ir, fazer, e ajudar a arrumar mesa e contratar salgados, bebidas, eu passava pela casa dela pra pegar umas bebidas, levar outras coisas, ela ia, e a gente era assim; amigas mesmo, pra valer.

9. Essa amizade também foi transferida para Wellington?

Fátima: A minha? Foi. Eu era muito amiga de Wellington, eu me sentia tão bem com Wellington que eu dizia pra ele nas brincadeiras, eu dizia assim: Mas Wellington, tu és tão intelectual, mas você me deixa tão à vontade, que eu converso todo tipo de conversa com ele, e a Lurdinha eu dizia, caia na gargalhada, que no telefone, Lurdinha dizia: Fátima, você leu o que Wellington publicou? Ai eu disse: Lurdinha eu li, mas eu vou ser sincera, pode dizer a Wellington, teve coisas que eu não entendi nada, ai ele começava a rir, assim de intimidade que eu tinha com ele, me sentia muito bem ao lado de Wellington.

10. É, eu conversando com Bia, na entrevista com Bia, ela falou muito assim também da intelectualidade de Lurdinha, que Lurdinha era uma pessoa muito estudiosa, gostava muito, ela era formada hein? Era assistente social?

Fátima: Demais. Ela era assistente social, mas ela, no final assim da carreira, ela não se considerava assistente social, ela trabalhava num, meu Deus como é que se chama que ia pros hospitais pra vê as limpezas, ia pra os restaurantes, eu to esquecida agora do nome. Ai ela disse: Fátima eu não me sinto mais assistente social. Mas ela era sim, como o trabalho dela, é, porque eu não estou sabendo dizer o nome, e do trabalhador. Ela dizia:

eu estou trabalhando agora para a classe trabalhadora, que é o que ela sempre quis. Ela sempre quis, ai teve uma pessoa que um dia adoeceu e foi por conta do..., saúde do trabalhador, me lembrei. Então, ela ia na casa da pessoa e achava que aquilo era errado, que ele teve essa doença adquirida através do trabalho, ai ela ia, ela ia e tinha coisa que ela conseguia pela lei, outras não, mas isso deixaria ela muito triste. Lurdinha foi uma pessoa totalmente envolvida no trabalho. E o SUS pra ela, ela achava muito importante, porque quando tinha uma pessoa doente, ai ela indicava logo: vá pra um posto de saúde que você de lá vai pra um hospital. Ela sempre foi, o que tinha eu, pra eu tá nos lugares e ficava calada, tinha ela, Lurdinha não suportava vê uma pessoa sendo humilhada, ela tomava as dores. Um dia, dentro de um ônibus, a gente vinha conversando, ai um menino pediu um, antigamente se pega um vale transporte assim que dava, ai o menino disse: hô gente, comigo, você tá dando um vale pra ladrão? Menina, Lurdinha tomou as dores, minha filha, perguntando como era que ele sabia quem é que podia dizer quem era ladrão, ai começava a questionar: você vê uma pessoa, você pode dizer que a pessoa é ladrão, porquê? Pelo vestuário? Ai ela ficava, pela forma, ninguém sabe. Ninguém pode dizer, julgar. A história dela era que ninguém julgasse as pessoas.

11. Eu queria que você falasse um pouco sobre Bia, sobre sobre como se deu todo o processo de adoção de Bia, como é que aconteceu?

Fátima: Certo, de Bia, foi bem interessante o processo de Bia, porque eles queriam ter uma filha, e, de repente Wellington chegou em casa e disse pra Lurdinha: Lurdinha, eu conversando com a menina que é amiga dele, que disse que na Bahia tem uma menina que está pra adoção, porque não fica na fila não é, de reserva, ai ela e Wellington foram, eu me lembro que eu comprei uma boneca e mandei pra entregar pra Bia, eu peguei outro brinquedo, Lurdinha disse: Fátima, como tu tem experiência, foi a salvação da gente, foi aquele brinquedo e a boneca! que ela ficava envolvida, ai nisso eles demoraram, passou um bom tempo pra conseguir a guarda da menina, porque o juiz mandou documentos pra o juizado daqui, a assistente social teve que ir lá, a daqui, visitar, porque, passava né, o que acontecia aqui, ela passava pra a de Salvador, ai, Lurdinha, eu sei que deu tudo certo, um belo dia, Lurdinha recebeu e Wellington um comunicado que eles poderiam ir que o juiz queria vê-los. Ai quando chegou, com o juiz, foi outra entrevista, ai ele viu que Lurdinha e Wellington queriam mesmo adotá-la, e adotou. Quando ela chegou no aeroporto, era uma festa. As irmãs delas, eu com minha irmã, eu mandei fazer um bolo bem grande aqui pra menina, pra decorar e Bia, bem grande o nome Bia. Ai, Lurdinha disse que lá, quando ela chegou, ela ficou logo, a preocupação nossa, não só deles, era a questão da adaptação, e uma coisa foi; Jesus ajudou tanto, que ela adaptou-se logo a Lurdinha e Wellington. Ai Lurdinha disse que era ela brincando com a boneca, com outro brinquedo que eu dei.

12. Bia tinha que idade quando foi adotada?

Fátima: Três anos, três anos. Ai, quando foi, quando ela foi fazer quatro anos, era como pra gente, como se fosse um ano, tá entendendo? Ai a gente se envolveu, a família todinha, menina a gente tudo contente, Wellington e Lurdinha era uma alegria só, e Lurdinha

dedicou-se totalmente a Bia. Ela foi aquela mãe que era, uma mãe que eu digo, menina Lurdinha deixava Bia na escola e ia buscar, deixava Bia em reforço ia pegar, e Bia, o que Bia fizesse, Lurdinha se sacrificava, mas fazia o que Bia desejava.

13. Ai, nesse momento que Bia perdeu e Wellington também, Wellington era bem dedicado a Bia?

Fátima: Era, era sim.

14. Quando Bia perdeu Wellington e logo depois Lurdinha, como é que foi, você manteve contato com ela, como é que foi?

Fátima: Não. Eu fiquei numa depressão tão grande que até hoje eu faço terapia, faço psicanálise, e a terapeuta disse pra mim: você não tem condições emocionais de ficar com Bia agora. Ai nisso, as coisas, minha filha tudo Deus manda. A irmã dela, Fátima, que morava em Brasília, veio morar aqui em João Pessoa e as duas filhas dela ficaram em Brasília, então, foi que Fátima fez, a dedicação de Fátima foi todinha pra Bia. Eu sabia tudo de Bia, mandava mensagem, mas eu notava que ela não queria responder, eu respeitava e quem me dava notícias, que eu ligava muito, muito, era Dora. Dora e Fatinha, mas, Dora era a principal. E até hoje, no aniversário de Bia, Dora disse: Fátima vamos, você, eu, Bia com o companheiro. Ai eu disse tá certo. Ai eu fui, mas, assim, eu não estava diretamente, mas indiretamente, eu to sabendo da vida de Bia toda, entendeu?

15. E esse namorado de Bia que entrou exatamente em toda essa fase, como é que você vê, você o conhece de perto?

Fátima: Conheço, Alex, conheço, eu chamo Alê. Conheço demais, ele já conhecia Bia quando ele era da, quando ele começou o namoro com Bia, quando os pais de Bia morreram ele já conhecia Bia. Ai ficou namorando com Bia e, eu não sei lhe dizer o tempo, ele foi morar com Bia e, graças a Deus, minha filha, foi um anjo que mandou, eu disse o anjo de Lurdinha e Wellington. O menino é um menino bom, trabalhador, ele veio aqui em casa, meu marido fez tanta pergunta pra ele que até do bisavô dele, ele falou aqui, e ele passou por várias entrevistas viu? Eu digo eita que não tá sendo mole não, a pessoa conhecer, tá a pouco tempo com a pessoa e onde chega ter uma entrevista, mas, graças a Deus, ele dá muito certo com Bia. Tá, tá tudo bem entre eles, graças a Deus.

16. Você tem o mesmo nome da irmã de, de Fátima né, que ela também é Maria de Fátima Gomes de Lima, eu a entrevistei.

Fátima: É, só mudou, Maria de Fátima Gomes de Lima, e, era, até hoje quando ela vai pra médico aqui ai o médico disse: mas você demorou muito tempo, não foi, Fátima pra vir aqui? Ai Fátima disse: oxente, eu tô vindo pela primeira vez e esse médico tá dizendo isso, ai o médico, ai ela disse: não, eu estou vindo pra o senhor a primeira vez, o senhor está me confundindo com a minha prima, ele disse: ai é mesmo, Maria de, porque os

médicos decoram o meu nome pelo outro nome; Cristofersen, que é diferente, e disse: há é mesmo, é Fátima Cristofersen e Dora disse, hô, Fatinha disse: é isso mesmo. Entendeu, mas, é, eu sei que agora eu posso lhe dizer que eu estou bem, graças a Deus.

16. Você tem filhos?

Fátima: Tenho, uma filha de 29 anos, é Sofia, hô, Sofia é minha neta, Sofia tem 12 anos, e a minha filha tem 29 anos. Eu tenho, que eu considero filho, é o filho de Martin, do primeiro casamento dele, que ele tá, ele fez, amanhã ele vai fazer 38 anos. A gente já tá com o presente comprado pra mandar lá, graças a Deus a relação da gente é muito boa.

17. Fátima, eu deixei de perguntar alguma coisa, você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Fátima: Não, eu não gostaria de acrescentar porque tem algumas coisas que são da parte da família dele, então seria melhor, mas a mãe dele não tem condições não, visse, de ser entrevistada. Não, não dá não.

Eloise: Eu conversei com o irmão dele, Tiago.

Fátima: Você já fez, entrevista com Tiago? Há então pronto minha filha, você já pegou os dados.

Eloise: Tudo, tudo, inclusive, entrevistei Alexander Também.

Fátima: Foi mesmo?

Eloise: Foi, quando eu fui entrevistar Bia, aí eu disse: Bia, será que teu namorado vem contigo? Eu aproveitei pra conversar com ele também, pra saber já que ele acompanhou de perto e realmente ele foi muito importante na vida ela né? Foi uma coisa assim incrível, é como você disse, foi um anjo.

Fátima: Eu, tem momentos que eu to assim, a gente tá numa mesa assim, conversando tudinho, ai quando Bia sai você acredita que minhas lágrimas ainda caem assim, porque eu me lembrando; se Lurdinha estivesse aqui, agora, ela estava muito feliz, que Bia vai se formar, para o ano, eu digo tá com uma pessoa, podia ser que ela não tivesse morando com ele, ai eu não sei, porque Wellington era bem rígido viu, com o namorado de Bia.

Fátima: Bia é louca pelo pai dela e a mãe. Ele não teve essa, como Lurdinha teve, essa dedicação, porque Wellington era uma pessoa altamente ocupada. Mas, graças a Deus, eles estão bem; Lurdinha e Alexander.

Eloise: Muitíssimo obrigada por você ma atender.

Fátima: Por nada, minha filha.

Maria de Fátima Gomes de Lima Crhisttofersen – prima-irmã, amiga, confidente e comadre de Maria de Lourdes Gomes Pereira, amiga e comadre de Wellington Pereira e Madrinha de Maria Beatriz Gomes Pereira e madrinha do casamento de Wellington e Lourdinha.

Concedeu a entrevista em seu apartamento, na rua Monteiro Lobato, 418, apto. 1901, Ed. Tambaú Atlanti Plaza, Tambaú.

Fátima Christtofersen e o marido Martin Christtofersen tiveram Convid-19, após a morte de Wellington Pereira e sua prima-irmã Lourdinha. No dia 08/04/2021, Ambos apresentaram a Covid, que foi muito forte.

Diante da doença, o casal contratou o médico pneumologista Agostinho

Maria de Fátima, Gomes de Lima Christofferson e o marido dela, Marta Christofferson, eles tiveram a Covid pouco tempo depois da morte de Wellington Pereira e também da morte de Lurdinha. No dia 8 de abril de 2021, os dois tiveram o diagnóstico de Covid. E para se tratar, eles contrataram um grande pneumologista aqui do estado da Paraíba, o médico Agostinho, que ficou responsável pela saúde dos dois, acompanhando os dois em casa. Também providenciaram todo um aparato de equipamentos para que pudessem se tratar lá no local, lá no apartamento deles.

No segundo dia da doença, que se detectou a doença, Martin começou a passar mal, precisou ser internado, porque foi piorando cada vez mais. E, enquanto isso, Fátima Christoffensen, ela ficou em casa mesmo, sendo tratada com oxigênio, fazia um tratamento com um equipamento, uma máscara que usava e tinha que respirar oxigênio debruçada por várias horas. Então, ela ficou o tempo todo sendo monitorada pelo médico e também, ao mesmo tempo, Dr. Agostinho acompanhava Martin no hospital, onde ele ficou internado, no hospital da Unimed. Hanna Christtoffersen, a filha do casal, foi para o hospital para ficar com o pai. No segundo dia, Martin piorou, a evolução foi grande e ele terminou precisando ser entubado. Ficou entubado por oito dias na Unimed.

Só que os familiares de Fatima Christoffersen não contaram para ela o que estava acontecendo com Martin, ficavam calados e ela todos os dias ligava para doutor Agostinho e perguntava como é que estava o marido, ela sabia apenas que ele estava na UTI, não sabia que ele estava entubado e doutor Agostinho chegou a perguntar para os familiares dela, vocês não disseram para Fatima qual a situação de Martin? Aí o pessoal não, a gente prefere não dizer porque ela está muito nervosa, pode piorar, possa ser que a Covid, ela piore da Covid e não resiste, então é melhor deixar sem ela saber.

Quando Martin chegou em casa, ele estava muito debilitado e chegou com um balão de oxigênio muito grande, desses grandes, para poder ficar, continuar o tratamento em casa. Então foi quando Fátima soube que o marido estava entubado, esteve entubado, mas Martin, você chegou com esse balão tão grande, porque isso? Aí ele contou, não, eu estive entubado por oito dias e depois eu fui desentubado e pedi logo à doutora Agostinho para

dizer aos outros lá que não me entubassem mais, que eu não queria mais ser entubado e não foi mais entubado. Então ele conseguiu voltar para casa, teve uma melhora e foi continuar o tratamento. Em casa. Martin Christofferson, ele é professor na área de biologia da UFPB, e Fatima, ela é psicopedagoga, trabalhou muito tempo na Secretaria da Educação do Município e também na FUNAD, que é um órgão que trabalha com pessoas com deficiência.

Outra curiosidade do casal é que eles tiveram de novo o covide um ano depois e segundo Fátima foi muito mais leve e assim foi foi como uma gripe normal nada nada de perigoso ela disse que eles tomaram todas as vacinas tanto tanto as vacinas de gripe como as vacinas da da covide e foi infinitamente diferente ela mesma teve mais duas vezes covide né então ou seja no total ela teve covide por três vezes ela era uma grande amiga de de Fátima.

Fatima Christofferson era uma grande amiga de Lurdinha, Lurdinha Gomes Pereira, e ela falou assim que Lourdinha era uma mulher, um intelectual, era uma pessoa que estudava muito, muito mesmo a questão da saúde do trabalhador, então ela trabalhava como fiscal da situação do trabalho, fiscalizando nas empresas, nos restaurantes e nos vários órgãos, o trabalho das pessoas, como é que os trabalhadores estavam sendo tratados na questão da saúde, o que atingia a saúde do trabalhador e tudo mais, e era uma mulher que fazia palestras, inclusive para médicos, ela era assistente social, mas o trabalho de assistência social era em benefício, principalmente, dos trabalhadores. Da saúde dos trabalhadores e, por conta da experiência dela, ela dava palestras até a médicos. Ia muito fazer cursos na Fio Cruz.

Sobre a sua rotina no período da pandemia, a rotina dela e do marido, Fátima Christophensen disse que ela sempre só saía do apartamento, única e exclusivamente, para pegar as encomendas que faziam de alimentos, de feira, então ela ia até a portaria para pegar e sempre de máscara, de luva, que tinha muito cuidado, ela inclusive lavava bolsa, lavava tudo, lavava bolsa, lavava sapato, acabou com todos os sapatos e as bolsas, porque a vida dela era lavar tudo isso daí. Então ela disse que não sabia como ela realmente pegou a doença. A doença foi pega nessas descidas, ela disse que não sabia informar como ela e o marido a doença.

ENTREVISTA 3 – FAMÍLIAS ESTRELA/CAVALCANTI

ENTREVISTA COM DR. AURÍLIO ESTRELA, PAI DE PABLO ATHAYDE ESTRELA E EX-MARIDO DE DONA DULCE EMÍLIA ATHAY ESTRELA A ENTREVISTA CONCEDIDA ATRAVÉS DO APLICATIVO WHATSAPP, NO DIA 17 DE ABRIL DE 2024.

1. Dr. Aurílio, quando a OMS decretou a Pandemia do Coronavírus, o que se passou pela sua cabeça? O senhor vinha acompanhando o noticiário sobre a Covid-19 na China e nos países europeus?

Resposta: Não pensei que fosse ter as consequências que teve. Acompanhava sim pelos noticiários.

2. O senhor imaginou, em algum momento, que aqueça doença poderia atingir o senhor e sua família?

Resposta: Imaginava sim. Até porque sou da área da saúde e atendia paciente com a doença.

3. Sendo o senhor da área de saúde, médico, não poderia se isolar como foi determinado para a população. Como foi sua rotina médica nesse período de pandemia? O que o senhor viu nos hospitais?

Resposta: Sendo médico e trabalhando em hospital que atendia urgências não podia me isolar. Minha rotina continuou normal. Como médico não podia me negar. Via muita gente com a doença nos hospitais e via a perda de muitas vidas, onde às vezes não podíamos resolver.

4. O senhor já tinha visto algo parecido com a pandemia da Covid?

Resposta: Nunca havia nada parecido.

5. Como o senhor recebeu a notícia de que o seu filho Pablo estava contaminado com a Covid e depois a mãe dele, dona Dulce?

Resposta: Quando soube, lógico que me preocupei e o orientei para procurar serviço médico. A mãe dele se contaminou com ele.

6. O senhor sabe dizer como se deu a contaminação deles?

Resposta: Ele se contaminou num exilio religioso durante o carnaval. A mãe se contaminou com ele.

7. É verdade que Pablo faleceu em casa e o senhor foi quem constatou a morte dele?

Resposta: Verdade. Ele faleceu em casa. Teve morte súbita por embolia pulmonar. Sim. Constatei a morre dele.

8. Como viver um luto em que não nos é dado o direito de velar o ente tão amado?

Resposta: Muito difícil e triste não puder velar seu ente querido. Só quem passa por isso sabe o quanto é doloroso.

9. Gostaria que o senhor falasse um pouco sobre a sua família. Como era seu relacionamento com seus filhos Pablo e Thiago, com a mãe deles, dona Dulce. O senhor mantinha sempre contato com eles?

Resposta: O nosso relacionamento era normal como qualquer família. Embora que fosse separado da mãe deles. Nunca deixei de dar assistência financeira a mãe deles. Sempre que precisavam de minha presença eu estava presente.

10. Como o senhor e Thiago fizeram para superar toda essa dor, se é que dar para superar? O senhor e Thiago se encontram com frequência?

Resposta: Tanto eu como Thiago sofremos muito e ainda continuamos sofrendo com ausência. Sempre que podemos jantamos juntos no fim de semana.

11. Além deles, o senhor perdeu mais alguém?

Resposta: Não.

12. Em algum momento o senhor acreditou no Kit Covid (Ivermectina, Vitamina D, entre outros)?

Resposta: Sempre acreditei e ainda acredito. Tomei nas duas vezes que tive COVID bem como minha atual esposa. Ele resolve quando é tomado na hora certa.

13. O senhor é favorável a vacina da Covid? Tomou todas as doses?

Resposta: Tomei três doses. Não tomarei essa vacina nova.

14. Por que o senhor não pretende tomar a vacina nova?

Resposta: Não tomarei porque não vejo mais necessidade, além das dúvidas que esta nova vacina tem deixado. Não culpo o governo pela morte de meu filho nem da mãe dele. A vacina ainda não era viável.

15. Deixei de perguntar alguma coisa que o senhor gostaria de acrescentar?

Resposta: Só acrescento que a Covid é uma incógnita. Depende da imunidade de cada pessoa.

16. O senhor necessitou de tratamento psicológico para superar as suas perdas?

Resposta: Não. Meu psicólogo é Deus. Entrego tudo na mão Dele.

ENTREVISTA COM ÉRIKA TORRES CAVALCANTI. ELA É FILHA DE ALEXANDRE GUERRA CAVALCANTI E ERA NAMORADA DE PABLO ATAÍDE ESTRELA E MÃE DELE, DULCE ATAÍDE ESTRELA, TAMBÉM SOBRINHA DE CARMEM SILVA DO REGO CAVALCANTI. TODAS ESSAS PESSOAS FALECERAM DE COVID.

1.Erika, quando o OMS declarou a pandemia do Coronavírus, o que passou na tua cabeça? Você imaginou em algum momento ser atingida por esse problema?

Resposta: Não, parecia ser uma coisa muito distante. Na realidade a gente só ouvia notícias lá da China, enfim, eu me lembro muito bem de um dia que eu estava trabalhando em casa, escutando o noticiário e nunca me imaginei passar por situação nem que iria acontecer isso tudo com mau pai, meu namorado, minha sogra e minha tia.

2 Qual foi a tua reação, a tua ação nesse período que foi decretada a pandemia, tu ficasses em casa, como era tua relação com tua família, eram quantas pessoas dentro de casa?

Resposta: Nós éramos em quatro, contando com meu pai. A gente procurava obedecer a todas as orientações, né, governamentais e de ficar em casa, evitar contato, enfim é a gente fazia isso, com certeza, até porque a gente acredita piamente em tudo o que aconteceu, não tem como não acreditar e meu pai foi uma pessoa que passou 60 dias sem sair de dentro de casa e mesmo assim contraiu o vírus. A gente tinha todos os cuidados, fazia higienização de tudo que entrava dentro de casa e na realidade a gente não sabe como aconteceu o contágio dele.

3.A feira, tudo, vocês pediam ou vocês saíam ou como é?

Resposta: Tudo, na verdade eu quem, era dois idosos, meu pai e meu irmão, mas a encarregada de sair para supermercado, padaria, era eu, mas quando chagavam, higienizava tudo, era álcool em tudo, e mesmo assim, aconteceu.

4. Qual era a idade do teu pai?

Resposta: 72 anos

5 Ele não saiu nenhum momento de casa?

Resposta: Não.

6 Na época teu irmão estava com vocês?

Resposta: Estava. Nós não contraímos a doença, isso nem eu nem meu irmão, nem antes, né, nem assintomáticos porque foram feitos testes e a gente não tinha feito contato com o vírus. Quem primeiro apresentou dentro de casa foi meu pai e depois transmitiu para minha mãe. Agora a minha mãe teve sintomas leves, não precisou ser hospitalizada.

7. Como é que foi que vocês receberam a notícia da doença dele, que ele estava contaminado, como foi nesse momento?

Resposta: Bom ele já vinha, ele era uma pessoa já tinha histórico grande de crises de faringite e crises de garganta, então ele começou a apresentar sintomas, foi calafrio e febre e na realidade a gente ficou, eu e minha mãe, a gente ficou apreensiva porque já sabia do risco. Ele já como não saia de casa, achava que não era, achava que era mais uma das crises que ele sempre tinha e passou mais ou menos uma semana em casa ainda com sintomas e agente já desconfiando que poderia ser e tal e ele teimando, até que um sábado ele começou a apresentar tontura e foi quando a gente levou no hospital. E lá foi feita a ressonância que detectou pneumonia e diante do quadro, né, mundial de pandemia, não nos restava dúvidas. Que então nesse mesmo dia ele foi hospitalizado e passou em média 20 dias hospitalizado, foi pra UTI e não retornou mais.

8 Quanto tempo demorou da descoberta até a morte dele?

Resposta: Vinte e três dias, ele chegou a ser entubado, passou quase duas semanas na UTI entubado, e a gente naquela apreensão toda porque era muito no início da pandemia.

9 Qual foi a data mesmo que ele faleceu?

Resposta: 10 de junho de 2020.

10. Foi no início mesmo, né?

Resposta: No início mesmo, era tudo muito escuro pra todo mundo, inclusive pros médicos. Não sentia, lógico a medicação, até hoje nem tem, só vacina e era uma pessoa que eu tenho certeza que se existisse a vacina na época dele, ele teria se vacinado. Tenho certeza.

11. Você disse que a sua mãe também chegou a pegar, como é que foi no caso dela?

Resposta: No caso dela foi mais leve, na verdade ela sentia dores no corpo, mais a gente descobriu, na realidade, por conta de uma crise de ansiedade, meu pai estava no hospital,

então foi esse gatilho da ansiedade dela e eu e meu irmão, a gente já apavorados, ela teve essa crise, enfim, a gente levou logo pro hospital e lá foi detectado Covid, porém quando chegou no hospital a saturação estava excelente, realmente tinha sido uma crise de ansiedade. Mas ela estava com o vírus, mas o vírus não atacou os pulmões.

12. Foi concomitante com o caso do seu pai?

Resposta: Sim, ela apresentou logo após o meu pai. Com poucos sintomas.

13. Ele não havia falecido ainda?

Resposta: Nesse dia que foi constatado, não!

14. E aí como é que foi esse impacto da morte? Você mesma temeu por sua vida, como é que foi esse primeiro momento?

Resposta: O impacto da morte é muito ruim né, apesar da gente já vir, a gente já esperava, né? Que ele estava só piorando, piorando. Eu fui uma pessoa que tomei conta da minha mãe, do meu pai doente. Eu me abracei com meu pai no hospital que ele ia desmaiando. Não, até hoje eu não contraio Covid, inclusive logo após o meu pai e meu irmão teve Covid e meu pai já tinha falecido, também cuidei do meu pai, mas misteriosamente eu não peguei Covid.

15. Seu irmão também teve Covid? Resposta: Teve, mas muito depois, seis meses depois, entendeu?

16. Como é que foi naquele momento ainda sem velório, sem nada. Quem providenciou toda essa situação?

Resposta: Eu mesmo, fique a frente de preparar o enterro.

17. E como é que foi?

Resposta: Nós recebemos a notícia da morte dele era uma quarta-feira à tarde, dia 10 de junho de 2020, mais ou menos 2h30 da tarde, eu estava pressentindo porque eu estava muito agoniada e recebi uma ligação do hospital, então quando eu vi aquilo, já deduzi o que era. Já tinha praticamente certeza, então nos dirigimos ao hospital, eu e meu irmão, realmente foi confirmado, como o médico nos comunicou, foi muito atencioso na época e eu entrei logo em contato com funerária e tudo. A gente resolveu os trâmites, foi bem rápido porque não poderia ter velório, nada. Eu e meu irmão do hospital nos dirigimos ao cemitério e só tinham três pessoas no enterro dele. Eu, meu irmão e um primo meu, Danilo.

18. Como é essa situação. Como é superar uma situação desses em que você sequer pode velar, você sequer pode estar lá olhando, se despedindo? Você mesmo quem fez o reconhecimento do corpo?

Resposta: Não, eu não tive essa coragem. A gente não fez reconhecimento porque até foi dito lá no hospital, só tinha sido ele mesmo, que tinha vindo a óbito no dia e assim, ele era muito grande, muito alto, muito pesado, deu bastante trabalho pro pessoal do cemitério, da funéria para carregar ele. Eu tinha certeza de que era ele, eu já sabia. Essa intuição, a gente sente. Eu era muito apegada a ele. A gente sente. Eu não tive coragem de reconhecer. Não queria ter essa memória dele.

19. E como é que foi isso daí, de sair, levou quanto tempo da notícia ali da morte e chegarem no hospital, vivenciarem ele ser enterrado? Você disse que estava você , seu irmão e um primo.

Resposta: Na realidade, o enterro dele foi no cemitério Senhor da Boa Sentença. Eu acho que esse trâmite todo levou em média três horas. Eu lembro que eu ia saindo do cemitério, umas 5h30 pra 6horas, não, era mais, era umas 6 horas, já estava escurecendo, chovendo, um cenário terrível.

20. A sensação, assim, da sua mãe e tudo mais, essa questão de simplesmente não ver, enterrar, dentro de casa, qual era o sentimento, assim, esperava que ele voltasse a qualquer momento? Como o que se passa na cabeça?

Resposta: Difícil, é muito difícil. A gente não teve aquele processo todo de uma doença, de ver o ente querido, assim, definhando, né? A gente não viu. Eu vi meu pai saindo de casa andando e recebi um caixão, entendeu? Nesse período eu não o tinha visto mais.

21. Você também perdeu a sua tia...

Resposta: Era irmã do meu pai, ela era cadeirante, que fumava um bom período e assim já era um pulmão bem comprometido, né, então assim quando ela pegou Covid, quatro meses após o meu pai e ela foi rapidinho, coisa de uma semana ela chegou a falecer, que realmente já tinha o pulmão comprometido e já tinha enfisema pulmonar.

22. Ela tinha que idade e a morte dela foi em que data?

Resposta: Não me recordo exatamente o dia, sei que foram quatro meses após a morte do meu pai., julho, agosto, setembro, outubro, mas o dia exato não me recordo. Agora de momento não.

23. Ela era casada, tinha filhos?

Resposta: Solteira, morava sozinha. Uma pessoa bem independente, apesar de cadeirante, nunca necessitou de ninguém, sempre conseguiu se virar na vida, né, pela condição dela poderia ser uma pessoa menos, mas ela era uma pessoa forte e infelizmente aconteceu isso com ela.

24. Seu pai era já aposentado pela idade. Qual era a profissão dele?

Resposta: Ele foi bancário por muito tempo, depois que deixou o banco, entrou pro mercado de Bolsa de Valores e era investidor em Bolsa de Valores.

25. Você trabalhava na época?

Resposta: Na época eu estava em casa, estava vendendo autonomamente confecção.

26. Depois com o tempo veio o caso do seu namorado. Primeiro foi seu namorado e depois sua sogra?

Resposta: Nove meses após o meu pai falecer, o nome dele era Pablo Ataíde Estrela, 5 anos de namoro, então, Pablo foi para um retiro no Carnaval, período do Carnaval de 2021, eu não fui.

27. Ainda não estava liberado para sair...

Resposta: Totalmente não! Mas eu não me recordo muito bem, mas sei liberado totalmente não estava, ainda havia restrições. Ele era muito evangélico, muito temente a Deus, era da igreja, enfim. Teve um retiro na igreja, ele quis ir. Eu não fui porque ja tinha passado por toda essa situação e realmente não queria aglomerar com ninguém. Nem ter muito contato com gente de fora. Então, ele resolveu ir, eu fiquei. Quando ele voltou do Carnaval ela já voltou apresentando sintomas, coriza, garganta inflamada, tal, e uns dois dias depois foi constatado e ele foi para o hospital. Constatou pneumonia, e ficou em casa. Ele era uma pessoa que tinha todas as possibilidades de tratamento, mas infelizmente, não teve.

Inclusive o pai dele é médico...

Resposta: Sim, é Dr. Aurílio Estrela, ele é anestesista. Dr Aurílio prestou algum auxílio a ele, acho que no dia, como eu não vi pessoalmente por que eu estava evitando contato, eu tinha minha mãe em casa. Então por telefone ele me contou, me relatou algumas coisas. Um dia antes dele falecer, me contou que o pai tinha entrado em contato, ele entrou em contato com o pai, com uma prima médica. Estavam ali auxiliando via telefone e tal.

28. Ele ficou o tempo todo em casa?

Resposta: Em casa. Só que deve ter tido uma piora muito grande na madrugada, né?

29. Ele morava sozinho?

Resposta: Ele morava com a mãe e a avó. A mãe já estava doente, porém não tinha sido diagnosticada, realmente, como Covid, mas já apresenta sintomas. Então eu me lembro muito bem que eu falei com o Pablo umas 11 horas da noite e ele tava reclamando muito, uma tosse horrorosa, reclamando de dor no peito, e que ia procurar se acalmar, ele era muito nervoso, ansioso e ia procurar se acalmar, tomar a medicação e se deitou. Então no outro dia, quando eu me acordei, umas 10h da manhã, eu falei Dona Dulce, mandei uma mensagem pelo WhatsApp, dona Dulce como está a senhora, como está Pablo? Ela disse Pablo está dormindo. Aí eu disse é bom a senhora dar uma olhada, né, que ele reclamou bastante na noite anterior. Aí ela disse, eu fui , com pouco tempo ela retornou a mensagem, eu fui lá, bati na porta e ele não respondeu e eu olhei ele estava dormindo, eu não quis acordar. Eu tenho a impressão de que ele já estava falecido. A impressão que eu tenho por que 2h da tarde, 2h30, foi constatado, 3h, por aí, realmente a morte dele que foi a própria que encontrou o filho desfalecido, mas ele já apresentava alguns sintomas. Ela que me relatou, eu não cheguei a ver, que ele já estava duro, aí eu acho que já tinha um bom tempo já de que ele já tinha falecido na madrugada.

30. Mas essa notícia, o que se passava na tua cabeça com toda essa situação?

Resposta: Eu estava na rua, no trânsito, quando recebi a notícia. Um telefonema perguntando se tinha sido verdade que ele tinha falecido de uma pessoa da família dele. Aí eu disse, foi aí que ficha caiu que eu tinha tentado conversar com ele, mandado mensagem, ligado, nada e ele não tinha respondido ainda. Aí foi quando a ficha caiu. Então foi por isso que ele não retornou meu contato. Eu me lembro que as minhas pernas tremiam muito, dirigindo, eu não sei como eu cheguei em casa. Cheguei muito abalada, chorando, lógico, dei a notícia pra minha mãe, meu irmão. Realmente foi muito difícil. É muito difícil até hoje, não é fácil. Nem falar sem se emocionar não é fácil.

31. Depois dele, logo depois, a mãe. Quantos dias depois?

Resposta: Dez dias depois. Ele faleceu dia 25 de fevereiro e ela dia 9 de março.

32. Todo esse período ainda não tínhamos vacina?

Resposta: Não tínhamos vacina. Creio eu que se tivéssemos um governo melhor na época, que não tivesse atrasado tanto essa vacinação, pelo menos Pablo estaria vivo hoje. Isso é, se tivesse tomado a vacina, né? porque ele também não era uma pessoa muito, eu não sei como ele ia receber a vacinação, mas se tivesse tomado eu creio que ele estaria hoje com a gente porque ele era uma pessoa totalmente saudável.

33. Ele conversa contigo antes da doença, ele conversava contigo sobre a doença, se tinha medo ou não. O que ele achava, o que ele pensava da doença?

Resposta: Ele tinha medo. As vezes a gente brigava um pouquinho porque eu realmente tinha muito mais medo do que ele, tinha muito mais, realmente, muito medo e ele não tanto, não tinha tantos cuidados como deveria ter. Era assim motivo de muita briga.

34. Vocês planejavam casar-se, como é, vocês já pensavam nisso, cinco anos de relacionamento?

Resposta: A gente estava conversando, não tinha nada certo ainda, conversava por alto, mas não tinha na certo ainda porque na época a gente se encontrava em situação que nenhum dos dois tinha emprego fixo, então, não podia fazer muitos planos, né? Sem uma renda mensal fixa, enfim.

35. Pablo tinha um irmão gêmeo. Ele também chegou a ter a doença, ele morava com a mãe também?

Resposta: Ele morava com a esposa, né? Tiago não chegou a contrair a doença, não chegou.

36. E a avó dele?

Resposta: Dona Glícia, por incrível que pareça, contraiu também na mesma época dos dois. Só que dona Glícia não apresentou nenhum sintoma e tinha, já era idosa, idade bem avançada.

37. Qual era a idade de Pablo quando ele morreu, e da mãe?

Resposta: Ele tinha 38 anos. Dona Dulce, se eu não me engano, 56.

38. E a avó?

Resposta: Tinha na faixa de 78 para 80 anos.

39. Quando teu pai morreu vocês tinham uma vida estabilizada. Vocês tiveram dificuldades financeiras, teve alguma. Quais foram as maiores dificuldades...?

Resposta: Não, a gente teve muito apoio. Eu tive muito apoio da minha família por parte de pai. Estava naquele período, realmente, de pandemia, que não existia meio de trabalho, na verdade. Meu pai era aposentado. Enquanto não resolvíamos aquela situação de passar a aposentadoria dele para minha mãe, a gente teve, e eu tive, a minha família teve auxílio familiar, mais o meu tio e meu padrinho. Nos auxiliou em tufo o que a gente precisou.

Então, sou muito grata a eles por isso porque eu não precisei pedir nada a ninguém. Eles mesmos que viram a situação e realmente que precisava de ajuda. Eu não precisei, chegar e pedir.

40. Como foi para voltar a vida social depois de toda essa situação. Como superar toda essa dor?

Resposta: Olhe, éééé´ Apesar de ter acontecido tudo isso, eu não fiquei com trauma, por exemplo de sair, não! Eu, quanto a isso eu fiquei bem. Já minha mãe teve um episódio, uma época que ficou um pouco, teve uma variante aí, Ômicron, se não me engano, ela ficou realmente muito assustada. Ficou assim, não queria de jeito de nenhum sair de casa, já estava entrando numa fase de depressão, não chegou realmente, efetiva a depressão. Mas eu estava vendo-a com um pé lá, mas graças a Deus, a tempo a gente conseguiu contornar a situação.

41. Você buscou ajuda psicológica, você buscou amigos, como é que você foi fazendo para superar tudo isso?

Resposta: Na verdade, um psicólogo hoje em dia custa muito dinheiro, né? Ter um auxílio de um psicólogo bom é muito oneroso, na época a gente não podia ter esse custo. Então, a saíde que eu tive, que foi Deus que colocou em minha vida, foi a confeitaria. Do nada, me deu um estalo e eu sempre fui uma pessoa empreendedora, sempre gostei de vendas, trabalhar com vendas, e fazer alguma coisa. Fiquei parada para nada e do nada me apareceu um curso de confeitaria. Eu realmente queria preencher a cabeça.

42. Foi quando esse curso?

Resposta: Um mês após o falecimento do meu namorado. Eu comecei, comprei o curso, eu comecei estudar, e fazer receitas, testar receitas, e recebi incentivo pra entrar realmente no ramo de confeitaria e hoje em dia, trabalho, minha principal fonte de renda é a confeitaria.

43 Qual a tua confeitaria?

Resposta: Sweet Cereja Confeitaria. Trabalho com todo tipo de bolo hoje, faço todas as especializações que puder fazer porque realmente eu gostei do ramo e foi uma coisa que eu sei que me ajudou muito a superar tudo isso.

44. Essa tua confeitaria é na tua casa mesmo ou tem um local certo?

Resposta: Hoje, na verdade, eu trabalho apenas com encomenda na cozinha de casa, e vou levando assim. Não quero nenhum tipo de atendimento ao cliente, já tive, já sei como é. quero só trabalhar com encomendas mesmo.

45. O curso que você fez foi pela internet? Foi isso...

Resposta: Sim, sim, havia muitos *on line*. Foi um dos cursos da internet.

46. Você já tinha essa tendência de cozinha, você gostava desse tipo de coisa?

Resposta: Tinha sim, lá em casa a gente tem muita aptidão pra cozinha, pra trabalhos manuais, enfim.

47. Conta um pouco como era o seu relacionamento com seu pai, a família, com Caio, a família era muito unida. Do que vocês gostavam, o que vocês faziam?

Resposta: Meu pai... A gente realmente tinha uma vida muito caseira, uma família pequena de quatro pessoas, né? A gente era muito unido, eu era muito apegada com meu pai, senti muito, muito mesmo a morte dele. Caio Cesar, tanto é que estudava fora na época e abandonou lá os estudos para ficar comigo e minha mãe, para dar aquele apoio de início e graças a Deus a gente sempre foi uma família equilibrada e unida.

48. Em algum momento você teve medo de morrer? Você teve a doença?

Resposta: Eu não cheguei a pegar o Covid, não cheguei nem a pegar. Agora sim, quando eu tinha um ente doente, isso realmente me afligia. Por exemplo, meu irmão, mais ou menos seis meses depois, ele pegou Covid e eu tomei conta dele. Realmente era uma coisa que me deixava com muita ansiedade. Aí eu adquiri ansiedade por conta disso tudo, depois passei a tomar remédio controlado, antidepressivo, mas graças a Deus já estou bem. Já deixei.

49. Tem alguma coisa que você queira acrescentar...

Resposta: Não, você conseguiu... Foi bem ampla.

ENTREVISTA COM KAIO CÉSAR TORRES CAVALCANTI, FILHO DE ALEXANDRE JOSÉ GUERRA CAVALCANTI E SOBRINHO DE CARMEM SÍLVIA DO REGO CAVALCANTI, FAMILIARES DELE QUE FALECERAM DE COVID.

1.Kaio, quando a OMS decretou a pandemia, o que se passou na sua cabeça? Você em algum momento, você estava acompanhando as notícias sobre a covid, como foi pra você isso daí?

KAIO CÉSAR - Estava acompanhando, acompanhei todo o processo. Inicialmente, eu acho que, como muitas outras pessoas, não imaginava que fosse ter à proporção que teve, que fôssemos ter tantas mortes, tantas famílias afetadas. Eu me recordo que nesse período, eu estava residindo em Portugal. Vim de férias para o Brasil, fiquei na casa da minha família, com meu pai, minha mãe e minha irmã. Foi mais ou menos na época do Natal e Carnaval depois. Lembro que fui brincar Carnaval em Olinda e o pessoal lá era tudo nos bloquinhos brincando com a covid, como se algo muito, um cenário muito difícil de acontecer, tudo o que veio acontecer, que o vírus estava chegando.

2.Esse foi o Carnaval antes de ser decretada a pandemia, em 2020?

KAIO CÉSAR - Não, já havia sido decretada a pandemia.

3.Foi decretada em março de 2020

KAIO CÉSAR - Então tudo bem, mas a gente já tinha conhecimento do vírus bem antes, então, nesse caminho, nesse período, foi o Carnaval de 2020, antes do decreto da pandemia. As pessoas brincavam muito e não imaginava que fosse essa proporção toda que teve, tantas mortes e pelo menos aqui no Brasil. Parecia ser algo tão distante da gente. Então, mais obviamente fui me conscientizando com o passar do tempo, das informações que foram sendo mais precisas e claras. Mas sempre tomando as devidas, é, os devidos cuidados.

3. Quando foi assim decretada a pandemia, você procurou seguir, você ficou em casa, você teve esse cuidado. Como foi essa questão da higienização dentro de casa, compra, tudo isso aí, como foi?

KAIO CÉSAR - Sim, sim, a gente fez a quarentena, respeitou a quarentena. Eu ainda saia de casa para fazer treino em parques que eram liberados pra corridas, etc. eu saia nesse momento, basicamente. Minha irmã era quem fazia compras em supermercado, mas também a gente fazia toda higienização quando chegava e pedimos também muitos delivery's. Meu pai, que foi que veio a pegar o vírus, junto com a minha mãe depois, e a falecer, meu pai. Ele praticamente não saiu de casa esse período todo.

4. Como era a rotina antes da pandemia e depois que a pandemia foi decretada?

KAIO CÉSAR - Minha rotina era de trabalho, estudo normal como outra qualquer e treinos. Quando a pandemia foi decretada passei a ficar em casa, restrito né? como eu disse, só saía mais para correr, fazer um treino ou comprar algum remédio na farmácia, algo do gênero.

5. E como foi quando vocês descobriram a doença do te pai, que ele estava contaminado e da tua tia. Quem morreu primeiro foi teu pai ou foi tua tia?

KAIO CÉSAR - Meu pai, bem antes da minha tia. A gente ficou assustado, né? Obviamente, mas com esperança dele sair dessa, ia melhorar. Foi difícil e com o passar do tempo, que ele foi entubado, período em que ele ficou entubado, também, a gente foi vendo que realmente era muito delicado, difícil. Mas tentávamos não perder as esperanças e foi muito difícil porque a gente não tinha acesso todos os dias era boletins médicos diários, era uma complicação pra ter uma notícia no final do dia. Antes dele ser entubado, ainda existia, durante a semana uma vez ou outra, uma enfermeira, não sei se era uma enfermeira que passava com celular, um i-pad, para mostrar ele pra gente, né? A gente ainda falou com ele umas duas vezes assim nesse método de webcam e quando ele foi entubado aí realmente as informações foram mais dificultadas. E foi muito no início né. Meu pai, então, depois que ele foi internado, entubado, piorou muito a situação aqui em João Pessoa, muitos novos casos. Então, acho que ficou lotado o sistema, e as dificuldades ficaram maiores ainda. Então, a parte mais difícil foi esse mesmo, de ter acesso às informações, saber como ele estava. Causava muita angústia na gente e apreensão.

6.Ele em si quando soube que estava com a doença, ele teve consciência de estar com a doença, qual foi a reação dele na época?

KAIO CÉSAR - Ele começou a sentir sintomas gripais, foi ao médico e o médico inicialmente detectou ele como sinusite e mandou ele de volta para casa. E, em casa, ele ficou, mas não melhorava, foi piorando, até que a saturação baixou muito. Então, a gente tem médicos na família, mas em outro Estado, em Recife, e a minha prima que é pneumologista, inclusive, Zaida, que é sobrinha do meu pai, disse para ele: - Tio, você deve estar com covid, vamos... Tem que ir para o hospital, tem que ser internado e tem que ser acompanhado! Ele inicialmente relutou, dizia que não estava e depois ele tinha um discurso muito, lembro dele conversando com Zaida e dizer: - Ah, minha filha, eu estou na idade mortal. Se for pra acontecer é normal, posso morrer a qualquer momento, etc. Ele era uma pessoa que tinha muito desapego de bens materiais, era uma pessoa muito consciente e muito tranquilo. Obviamente que eu tinha certeza de que gostava de estar vivo, né! Mas, enfim, ele inicialmente, negou que era, mas eu entendo que era porque estava muito no início ainda, ninguém sabia muito bem como era que a doença se manifestava e na prática, obviamente, já tinha informação sobre isso diante de casos dentro da nossa casa, nossa família e creio que ele negou inicialmente por isso, mas depois ele viu realmente que poderia estar com problema, com a covid.

7. Ele não saía, ele ficava dentro de casa, então...

KAIO CÉSAR - Ficava dentro de casa. Só o que aconteceu é eu saia de casa para fazer treinos e voltava, mas eu não tinha muito contato com outras pessoas. Eram parques públicos que tinham abertos em João Pessoa para essas atividades físicas. Minha irmã saía, como disse para fazer compras e trazer as compras pra casa. A gente recebia muitos delivery's. Mas para além disso, a gente teve um problema na antena telefônica lá de casa, internet também, e um técnico foi lá, logo cedo de manhã, um belo dia, acho que era uma segunda-feira, e foi muito cedo, não tinha ninguém acordado, só meu pai. Foi meu pai que recebeu ele. Ele entrou dentro da sala e deu um espirro. E dois dias, três dias depois,

meu pai começou a sentir esses sintomas gripais. Ficou bem preocupado e ligou para ele para saber se ele estava bem. Segundo meu pai, ele ficou um pouco assustado na ligação, mas que estava bem e pronto. Daí, então, meu pai foi piorando, mas alguns médicos disseram que o período era muito pouco de tempo desse episódio para o que ele começou a sentir. Mas também pode ter sido, ninguém sabe. Mas também não culpamos ninguém, enfim.

8. Acontece, por mais que a gente tentasse higienizar era complicado saber a que ponto estava totalmente higienizado. Com a morte dele como foi a questão do velório, como é que foi se resolver todo enterro?

KAIO CÉSAR - Para a gente a questão da morte, em si, foi um pouco complicado. Foi difícil, mais difícil que o habitual, como deve ser para outras famílias. Primeiro, porque eu até brinco, entre aspas né, que eu perdi meu pai duas vezes, porque a gente, uma semana antes dele morrer de fato, a gente recebeu uma ligação do hospital dizendo que ele tinha morrido. Então, eu entrei em choque nesse momento. Chorei muito, muito, muito desesperadamente, minha irmã ficou em choque, mas sem chorar. Quando chegou no hospital veio o diretor do hospital, veio psicólogo, outros funcionários e dizer que tinha acontecido um engano, que não tinha sido meu pai que tinha morrido, mas sim que outro paciente do hospital. Então, no momento foi um misto de revolta e alívio porque meu pai estava vivo, afinal. Mas depois de uma semana, exata, depois desse acontecimento ele realmente morreu. Foi muito difícil durante todo o contexto de falta de informação, de angústia, de não poder visitar, de não poder ter acesso, não poder falar e éééééé, o que foi difícil muito foi a despedida. A gente não teve direito a um velório digno né. Hoje em dia eu entendo o significado do velório. O velório não é para o morto, mas para os familiares, é para os que ficam. A gente ter a oportunidade de ser acalentado, de ser abraçado e de passar aquele momento ali final, se despedir né, a gente meio que teve esse choque, essa ruptura. A morte por si só já é uma ruptura dos laços, mas assim foi uma coisa muito mais agressiva, avassaladora nesse sentido, recebeu a notícia da morte era umas 2h30, 3 horas da tarde. Cinco horas da tarde já estava enterrando no cemitério. Foi uma equipe toda paramentada, velório fechado, só eu, minha irmã e um primo que chegou a tempo e foi enterrado e pronto. A gente fez uma oração rápida, tem que ser tudo muito rápido, sabe, então assim, ainda diante do fato, das dificuldades, teve um enterro digno, vamos dizer assim, mas para a gente, para nós que ficamos com a dor foi difícil não ter um velório e os trâmites de forma mais, como eu posso dizer meu Deus, um tempo mais amigável, um tempo mais coerente com a situação de se despedir de fazer o enterro, etc.

9. E a mãe de vocês como ficou nessa situação. Ela também teve a covid, ela estava doente nesse momento, não?

KAIO CÉSAR - Minha mãe, com certeza, pegou de meu pai. Meu pai primeiro adoeceu em casa, teve um determinado momento que ele estava, no início atendendo telefone, não me lembro quem era no momento e ele passou o telefone para minha mãe. Minha mãe pegou o telefone e falou. Nesse momento, não tinha certeza de que fosse covid. Então, a gente acha que foi naquele momento que, talvez, minha mãe possa ter contraído o vírus.

Minha mãe chegou a fazer o internamento breve para fazer exames etc., quando a saturação baixou muito. Mas, graças a Deus, voltou no mesmo dia para casa e continuou a fazer o tratamento dentro de casa e não teve nenhuma complicação maior assim, conseguiu se recuperar bem foi, foi, leve, né! Só que depois, ela começou a desenvolver a síndrome do pânico, depressão. Ela passou muito tempo sem querer sair de casa, muito tempo sem ter contato com ninguém. Ela sempre foi uma pessoa muito alto astral, passou a ter uma postura mais triste, mais depressiva mesmo. Então, precisou ser acompanhada.

10. Ela foi acompanhada por psicólogos? Como é que foi?

KAIO CÉSAR - Não por psicólogos diretamente, Mas, como eu disse, a gente tem alguns médicos na família, primas. E elas orientavam com medicações etc., chegou a tomar, creio eu antidepressivo, não sei quais os remédios, mas ela se recuperou, graças a Deus. Está ótima, está maravilhosa, graças a Deus.

11. Como era a tua relação com teu pai, com tua mãe, com a família, como é que vocês se relacionavam? Fala um pouquinho da família de vocês.

KAIO CÉSAR - Sempre tivemos uma relação muito próxima, muito afetiva, muito... meu pai foi o melhor pai que poderia ter na vida, me proporcionou tudo em termos financeiros e afetivos. Sempre me apoiou no que eu queria fazer, qualquer ideia minha que eu sempre foi, muito franco comigo, me orientou, me apoiou, me deu todo suporte, realmente teve um, exerceu um papel de pai de verdade para mim. Para minha irmã, igualmente. Sempre fomos muito unidos. Eu morei muitos anos fora, na época que ele chegou a morrer eu estava morando fora, tinha vindo de férias pra o Brasil, em dezembro e depois não consegui voltar pra Portugal porque os voos foram cancelados de volta, por conta da pandemia. E foi bom porque eu passei esse período final, bom, esse período final em casa com ele, pude ainda passar com ele uns quatro, cinco meses na companhia direta dele. Não sabia que aquilo ali era nossos últimos momentos juntos, mas sempre foi, sempre foi um bom marido, um excelente marido, sempre teve todo amor e carinho com a minha mãe, com minha irmã, era verdadeiro provedor da família. Sempre fez tudo o melhor possível para nos proporcionar melhor educação, melhor saúde, melhor tudo, assim, então, só ficaram boas lembranças e educação do mais alto nível que ele nos proporcionou, a maior herança, de princípios e valores.

12. Como vocês ficaram dentro de casa, você, Érika e sua mãe após a morte, como é que vocês trabalharam. Você falou aí da depressão da sua mãe, no estado de depressão que ela ficou e vocês como fizeram para superar essa perda?

KAIO CÉSAR - Eu confesso que liguei no automático, né. Com a morte de meu pai eu tive que assumir algumas responsabilidades que eram dele perante a minha família, financeiras e de suporte mesmo. Passei a ficar mais tempo no Brasil. Eu morava nessa época em Portugal, por conta disso, tive que modificar a minha vida completamente. Hoje em dia moro totalmente no Brasil. Eu vou esporadicamente a Portugal para questões profissionais e de estudo que eu tenho lá. Então, nessa questão eu estava com um projeto

profissional em andamento que meu pai acompanhou até o início desse projeto profissional durante a pandemia que eu estava em casa.

13. Qual era esse seu projeto profissional?

KAIO CÉSAR - Ah, foi de um evento, um evento online. Hoje em dia está consolidado no mercado, virou online e presencial já. Mas começou no online e foi pra o presencial, foi o contrário dos outros eventos que geralmente eram presenciais e com a pandemia foi para o online. A gente já nasceu no online e depois foi para o presencial nesse projeto. Então, me dediquei muito a esse projeto de corpo e alma. Meu pai morreu em junho e esse projeto profissional foi executado em novembro, então eu me dediquei totalmente. Meio que fugi um pouco do luto. Mas depois que esse projeto profissional acabou eu tive uns meses de dificuldade minhas, próprias, em dezembro, janeiro, fevereiro, quando esse evento acabou eu fiquei com a cabeça mais livre e daí, realmente, eu acho que o luto me pegou de uma forma mais intensa. Acho que a gente tem que passar por esse período de viver essa dor, expurgar essa dor, transformar essa dor em boas lembranças. Foi todo um processo, enfim, que eu acho que praticamente todo mundo que perde alguém querido, importante na família passa, tem que passar. É... a única certeza que a gente tem na vida é que a gente vai morrer, mas a gente está preparado para tudo, menos para morte e, principalmente, da morte das pessoas que a gente ama. Então foi todo um processo aí de transformar dor em saudade, de explorar outros caminhos para honrar as responsabilidades, de reinventar e de se fortalecer. Minha irmã também seguiu o mesmo caminho, mudou de profissão. Minha mãe melhorou da depressão, está ótima, graças a Deus, e é uma grande, como é que eu posso dizer meu Deus, a gente cuida muito dela, mas ela cuida muito da gente também, ou seja, tem essa função que meu pai tinha também, ou seja a gente se dar suporte um ao outro.

14. Você conseguiu terminar seu mestrado, você disse que também tem uma ligação com Portugal de estudo e pesquisa?

KAIO CÉSAR – Mestrado eu terminei, porque já tinha terminado antes. O Doutorado é que eu não terminei, ainda, eu acho que eu estava no segundo ano do Doutorado, quando aconteceu tudo isso. Então, meu Doutorado eu acho que está um pouco parado nesse momento, porque o Doutorado é um projeto muito complexo, muito difícil. E como eu tive que assumir outras responsabilidades, outras funções, outros projetos, isso acabou ficando um pouco de lado. Mas, eu estou me preparando para retomar e concluir. Até porque esse era um dos sonhos do meu pai para eu concluir. E cada coisa no seu tempo, não é, porque a gente se cobra muito. Força muito a fazer as coisas naquele tempo. Mas nem sempre o nosso tempo é o tempo de Deus e vice-versa.

15. E como é que foi a doença da sua tia, como aconteceu, vocês acompanharam de perto também, como é que foi isso daí?

KAIO CÉSAR - Sim. Sim...

16. Ela morreu em que ano mesmo, como foi, logo depois do seu pai, antes ...

KAIO CÉSAR - Ela morreu no mesmo ano de meu pai, creio eu que em outubro, se eu não estou em erro. Ou foi setembro ou foi outubro. Meu pai morreu em junho e ela morreu em setembro ou foi outubro. E com ela foi assim, a mesma questão assim. Já tinha uma informação maior de tudo, porque já foi quase na segunda onda da pandemia, mas é sempre difícil. Ela foi super assistida que ela estava em Recife, onde nossas primas são médicas, especialistas. Então, ela teve todo suporte possível e imaginável, melhores médicos, melhor hospital e tudo. Mas para você ver com essa doença, essa pandemia não tinha isso, né? Era independentemente dos cuidados e da qualidade dos cuidados que o paciente estava tendo, realmente era muito difícil. E ela, infelizmente, não resistiu e faleceu também.

17. Eu quero entrar na questão também... além de você ter perdido uma tia, o pai, uma tia também pessoas próximas ligadas a família também passaram por esse mesmo processo que foi o de Pablo Estrela, que era namorado da sua irmã, segundo ela há cinco anos e também a mãe dele. Como foi essa notícia da doença dele ...

KAIO CÉSAR - Eles faleceram em fevereiro, se não me engano. Pablo, eu tenho certeza de que foi em fevereiro de 2021 e a mãe dele foi pouco tempo depois. Foi um choque assim, totalmente, porque foi... talvez o choque inicial tenha sido maior do que o do meu pai e da minha tia porque meu pai tinha passado pelo processo de ser entubado né, de estar ali bem debilitado. Já Pablo não, ele foi diagnosticado com Covid, ficou sendo tratado em casa porque eram sintomas leves. Bela noite, se eu não estou em erro, ele mandou mensagem para minha irmã dizendo que estava com dificuldade de respirar, que tinha sido a pior noite da vida dele, foi se deitar e não deu mais notícia. Minha irmã ficou preocupada, mandou um whatsaap para sogra, para sogra dela, mãe dele, ir vê-lo no quarto. Quando ela chegou lá ele já estava morto e ela ficou em estado de choque e poucas semanas depois, se eu não engano, dias depois, ela foi diagnosticada com covid também, não saiu do hospital e faleceu imediatamente depois. Então foi assim, bem agressivo também para família dos Estrelas, do pai, do irmão Tiago Estrela, o pai dr. Aurílio. Minha irmã também ficou ...

18. Fala um pouquinho como ficou tua irmã, ela falou, mas eu queria que você falasse também,

KAIO CÉSAR - Ela ficou muito em choque mesmo, não tem palavras para dizer porque ela era extremamente apegada a meu pai, não que eu não fosse, mas ela é muito mais apegada a meu pai, assim com a presença física. Até porque eu morei fora durante muito tempo. Então, ela era muito apegada a meu pai, morava com meu pai. Então, assim, para ela já foi difícil. Ela não tinha nem se recuperado ainda do processo da morte, do luto, da separação com a morte do meu pai, e teve que lidar com essas outras mortes aí, da minha tia e depois do namorado e da sogra dela. Então assim, foi algo assim realmente difícil a ela. Ela teve que realmente encontrar muitas forças. Ela também seguiu o meu caminho,

ela acabou encontrando o caminho da confeitaria, começou a fazer bolos para desopilar a cabeça e acabou encontrando isso, encontrando nessa área uma atividade profissional dela hoje em dia, o que ela realmente gosta de fazer. No início foi um hobby para ela se recuperar, distrair a mente e acabou sendo algo que ela realmente se identificou e hoje em dia é a principal fonte de renda dela. Então assim, pra ele foi muito difícil, com certeza, mas conseguiu se recuperar.

19. Acompanhando tudo isso no momento você temeu pela sua própria vida? Passou na sua cabeça essa situação?

KAIO CÉSAR - Claro que sim. Eu peguei covid também, no início de 2021, se eu não me engano, e passei e tive esse receio porque é uma doença muito psicológica, sobretudo mexe muito com a cabeça da gente. Tem todos aqueles dias em que você, em determinado dia por acontecer isso, em determinado dia você fica esperando que algo ruim pode acontecer, né? Porque no início você pode estar bem, mas pode haver uma complicação ali, nono, décimo dia. Nessa época aí, foi que eu tive medo, eu contraí o vírus. Foi depois de meu pai, em janeiro, logo depois do réveillon, então passei o réveillon em Pipa, com alguns amigos, já estavam, tinha ali uma instruçãozinha da pandemia e estivemos reunidos com alguns amigos. Não deu outra, voltei com sintomas...

20. Aí você voltou para dentro de casa mesmo ou isolou-se dentro de casa?

KAIO CÉSAR - Minto, eu estou em erro. Não foi no réveillon, foi numa outra ocasião, mas foi ali no início do ano, não me recordo agora. Me isolei, fiquei dentro de casa e cumpri todos os protocolos. Inicialmente, meus sintomas foram perdas de paladar e olfato, logo depois disso me isolei no quarto, fiquei lá o tempo necessário recomendado.

21. Você falou de seu pai que ele era o provedor e tudo mais e de repente você teve que modificar seu trabalho todo. De certa forma passar a ser o provedor. Como é que foi esse processo aí de ser o provedor? Como é que foi essa questão econômica, de uma morte assim repentina e você ter que enterrar? Tudo isso é muito caro, tudo isso é muito difícil.

KAIO CÉSAR - Graças a Deus a gente teve suporte dos nossos familiares, dos nossos tios. Meu tio Kaio, que também se chama Kaio, que é irmão do meu pai, tio Patrocínio, marido de tia Tereza que era irmã do meu pai. Então, a gente teve um ajuda deles, financeira, para nos recuperarmos. Meu pai também deixou uma aposentadoria para minha mãe etc. Assim, esse início é difícil quando o provedor principal sai de cena, né! Então assim, durante um tempo eles nos ajudaram financeiramente e com outras questões e logo depois eu assumi alguma parte das responsabilidades e minha irmã também veio cooperar e foi isso assim, foi um processo mesmo, mas a gente contou com a ajuda.

22. Veio a vacinação com um certo atraso. Mas vocês se vacinaram? Como é que vocês viram essa questão do atraso da vacinação? Alguns estudos demonstram que

pessoas, principalmente as que morreram no pico mesmo da doença entre fevereiro e maio de 2021, pelo menos 9% dessas pessoas se tivessem a vacina teriam sido salvas. Como você viu toda essa questão, todo esse processo e o atendimento nos hospitais, como é que foi isso para vocês?

KAIO CÉSAR - Eu via com muita preocupação, com muita indignação né, primeiro que nós tivemos um governo completamente negacionista que ia num caminho completamente contrário aos da ciência, ao que a OMS recomendava, com tratamentos que não eram comprovados cientificamente, que não eram recomendados. Então, a gente via com muita preocupação e indignação mesmo e a forma como o presidente da época lidava com as mortes, as chacotas, as entrevistas e isso mexia muito, causava muita revolta e indignação para gente. Eu sei que o governo dele, não foi, digamos assim, talvez o culpado diretamente por tudo o que aconteceu, mas tinha mesmo a responsabilidade de tomar medidas mais coerentes com a ciência , de acordo com os organismos internacionais, como outros países também que é referência na gestão crise. Então assim, é foi uma pena, uma lástima porque como você mesmo disse muitas mortes poderiam ter sido evitadas caso a vacina tivesse realmente chegado antes e que e se outras políticas tivessem sido adotadas de acordo com os protocolos recomendados né, que eram recomendados e de acordo com as próprias diretrizes da OMS e de outros países que estavam lidando melhor com essa questão toda.

23. Socialmente, como é que você se vê hoje em dia, depois de tudo isso, depois dessa pandemia, depois que tudo aconteceu. Você consegue socializar hoje em dia tranquilamente, sem problemas, ficou algum resquício de medo desse período?

KAIO CÉSAR - Consigo sim. Consigo me relacionar bem, não fiquei com nenhum, trauma, digamos assim. É difícil, mas tem que ser feito. Acho que se a gente ficar sem querer se relacionar com as pessoas, ter contato físico, vai perder a essência da humanidade, do ser humano. Obviamente, a partir do momento que for decretado outra pandemia, acho que medidas devem ser tomadas, os cuidados necessários têm que ser observados. Mas o atual momento em que a pandemia já foi encerrada, declarada encerrada. Eu entendo quem tenha ficado com traumas. Eu vejo pessoas que usam máscaras em alguns lugares, em academias e ambientes com mais gente. Mas eu, graças a Deus, não fiquei com nenhum tipo de trauma nesse sentido não.

24. Vocês chegaram a ir ao enterro dos Estrelas?

KAIO CÉSAR - Não. Confesso que eu não me lembro. Porque ainda era na época que eu acho que não, posso estar em erro, mas acho que não teve, não me lembro. Se já podia ter, não me lembro. Era um processo que a gente estava muito machucado ainda, muito se recuperando, então assim, eu acho que era mais reservado ali, não sei. Confesso que não me lembro mesmo.

25.Esqueci de perguntar algo? Você gostaria de acrescentar?

KAIO CÉSAR - Não me vem nada na memória agora. Só parabenizar por fazer esse trabalho, acho que é importante coletar esses testemunhos para que isso fique registrado na história e que essa coleção, compilação de testemunhos, depoimentos possam ficar eternizados aí na história da humanidade e sirva de fonte de pesquisa e conhecimento para no futuro, outras gerações terem noção das situações e dos impactos que uma pandemia pode causar, governos que vão enfrentar esse tipo de situação, levem a sério a questão e procurem cuidar da sua população com maior zelo e respeito e responsabilidade possível.

ENTREVISTA 4 – FAMÍLIA DIAS/GARCIA

ENTREVISTA COM EURILIAN DIAS GARCIA DE ARAÚJO, 44 ANOS. ELA PERDEU O PAI FERNANDO RONALDO GARCIA DE ARAÚJO, OS IRMÃOS DIEGO DIAS GARCIA DE ARAÚJO E STERVESON DIAS GARCIA DE ARAÚJO. TODOS ENTRE OS MESES DE MARÇO E ABRIL. PERDEU, AINDA, O TIO POR PARTE DE MÃE, JOACI DIAS DA SILVA E A ESPOSA DELE ELIANE DE LOURDES GONDIM DA SILVA; E AINDA UMA PRIMA DO PAI, ISABEL GARCIA, E O MARIDO DE ISABEL.

1.Eurilian, quando você, que é da área de saúde, enfermeira, trabalhando numa Unidade Básica de Saúde em Ingá, soube que a OMS decretou a Pandemia da Covid-19 e terminou que todos tinham que ficar em casa, o que veio à sua cabeça? Observando que você seria uma exceção, pois teria que estar ano confronto da doença. Em algum momento você achou a covid chegaria até você?

Resposta: Não.

2.Você achava que estava distante, que não existia, o quê?

Resposta: Porque eu passei um tempo sem ver eles, meu pai e minha mãe. Eu não vinha para cá. Só falava por telefone e o vídeo.

3. Mas eu pergunto assim, quando se decretou essa pandemia, você achava que essa doença chegar até você? Já tinha ouvido falar nela, uma doença que tinha começado na China? Não acompanhava o noticiário sobre o que estava acontecendo?

Resposta: Sabia que estava acontecendo na Europa, mas não achava que ia chegar por aqui, principalmente, vamos dizer assim, na Paraíba. Apesar de aqui ser um ponto turístico, a gente pensa aqui não chega. Era uma coisa distante.

4. E quando foi decretada a pandemia, você precisou ficar em casa seus? Seus pais ficaram em casa. Como é que foi isso daí?

Resposta: Ficaram em casa assim e painho tinha todo um ao cuidado. Era álcool, meu pai chegava até a lavar o dinheiro e eu dizia assim: Para que isso, o senhor lavar dinheiro? Mas ele lavava o dinheiro e pendurava no varal. Tinha o maior cuidado.

3. E como era para fazer a feira?

Resposta: Meu irmão mais velho fazia vivia para eles. Tanto o meu irmão mais velho como o mais novo viviam aqui com eles, morava com meus pais. Meu pai estava trabalhando remoto, pois o Sebrae tinha permitido. Então não tinha perigo nenhum de ter acontecido. Mas foi passando o tempo e vendo que estava mais controlando com as medidas que estavam acontecendo. Uso de máscara, distanciamento, o uso de medicamentos de prevenção que, no início, estavam fazendo efeito.

5. Vocês chegaram a tomar esses medicamentos?

Resposta: Cheguei, eu cheguei. Acho que eles também. Os remédios eram Ivermectina, Vitamina C, Vitamina D, Cloroquina, Azitromicina. Mas a Cloroquina eles não estavam dando porque tinham efeitos colaterais. Na minha cidade, onde eu trabalhava, eles estavam dando um kit de Azitromicina, Vitamina D, Zinco, Ivermectina.

6. Nessa época você estava morando em Ingá?

Resposta: Não. Eu estava trabalhando lá, mas morava aqui em João Pessoa. Eu trabalhava durante a semana e, no final de semana, vinha para a minha casa. Mas não vinha para a casa dos meus pais. Eu evitava muito, era só por chamada de vídeo.

7. E quando aconteceu, quem primeiro adoeceu foi o seu pai?

Resposta: Sim, foi painho.

8. E como ele se contaminou, vocês têm noção? Teria sido por compras que tivessem entrado em casa, ou coisa assim?

Resposta: Não. Ele estava com dor de dente e precisou ir para o dentista. Ele foi. Eu disse que ele tivesse cuidado. Mas ele disse que não estava mais aguentando e foi com o meu irmão mais novo. E inventou de ir ao Ingá pegar um negócio lá, e voltou para casa e já voltou se sentindo mal.

9. Quer dizer que ele foi no dentista e depois ele viajou para Ingá?

Resposta: Não. Ele foi no dentista na sexta-feira e foi no sábado e voltaram no mesmo dia. No domingo, eles começaram a se sentir mal e meu irmão o levou para a Unimed. E

painho era muito hipocondríaco, qualquer coisa era fazendo teste de covid. Eu acho que a Unimed já estava cansada de dar exame de covid para ele.

10. Quais eram os sintomas que ele estava sentindo?

Resposta: Espirrando muito, dor de cabeça. Ele disse que não estava aguentando porque estava ficando com um pouco de falta de ar. Ele já tinha ido na Unimed e tinha recebido a medicação lá.

11. A medicação do Kit?

Resposta: Eu não lembro mais quais foram, mas foram outras.

12. E seu irmão também já estava sendo os sintomas. Quem foi com ele, o mais novo?

Resposta: Ele estava apresentando, mas ele era duro na queda, não dizia. Aí, na segunda-feira foi mainha quem adoeceu. Levaram mainha também. E já levaram painho, que fez exame de novo. Aí constataram que ele estava com covid. No domingo o exame não tinha dado. Constataram que os dois estavam com 30% do pulmão comprometido e meu irmão sentido as coisas, mas não dizia.

13. E aí?

Resposta: Mandaram-nos pra casa e meu irmão me ligou e disse: painho está doente e eu não estou dando conta. Eu perguntei: tem certeza, painho conversou comigo hoje e não me disse nada. Aí liguei para painho e perguntei: painho, o senhor está doente? E ele respondeu: eu não estou. Não se preocupe porque eu estou bem. Como estava numa campanha de vacina da gripe, eu deixei. Pedi uma licença e vim embora para casa. Cheguei aqui encontrei ele doente, mainha, o meu irmão já sentido alguns sintomas.

14. Mas eles foram internos?

Resposta: Primeiro foi painho. Quando eu cheguei na quinta-feira, painho já começou a se sentir mal. Aí eu pedi para ele ir de novo ao médico para fazer novos exames. Eu já tinha combinado com outros meus tios procurando fisioterapeuta, um oxigênio, porque eu sabia que podia piorar. Só consegui a fisioterapeuta, porque o oxigênio eu não estava conseguindo.

15. Você ligou para onde? A White Martins?

Resposta: Eu e meu irmão mais velho ligamos para todo canto, tentando conseguir o oxigênio antes que ele piorasse. Mas depois meu irmão adoeceu e ficou em casa. Ele, a mulher e a filhinha mais novas ficaram doente.

16. Seu pai ficou interno na Unimed quanto tempo?

Resposta: Eu fiquei com ele cinco dias dentro do hospital. Nesse período, a fisioterapeuta estava fazendo a fisioterapia de mainha, aqui em casa, e de meu irmão mais novo. Só que quando ela foi fazer no meu irmão mais novo, ela disse que ele não conseguiu fazer nenhum dos exercícios e disse que tinha que levar ele urgente para a UPA. Perguntou se ele tinha plano de saúde e eu disse que ele era o único que não tinha. Aí, ela disse que fosse para a UPA da Oceania, que era a que estava mais funcionando. Era a que ficava nos Bancários. E a gente o levou. E a nossa luta era conseguir uma vaga no Hospital para levá-lo, que a gente não estava conseguindo.

17. Não conseguiu de jeito nenhum?

Resposta: Demorou muito tempo para conseguir. Aí eu fiquei com painho e chamei meu filho mais velho para me ajudar. Meu irmão mais velho ficou na casa dele, com a mulher e a filhinha dele. Eu tentando orientar ele lá do hospital e tentando conseguir tudo por telefone.

18. Você disse que ficou com o seu pai cinco dias no Hospital. Ele depois precisou se intubado?

Resposta: Ele apresentou um perfil de infarto. Eu chamei as meninas. Quando eu fiz a ficha, coloquei que ele era hipertenso, diabético. E lá na enfermaria, elas estavam dizendo que ele não era diabético. Então, eu disse: gente, painho tem Unimed há tanto tempo e vocês não sabem que ele é diabético? E ficaram só aplicando insulina e a medicação e eu tinha que estar lembrando que a alimentação tinha que ser para diabético, porque só vinha sem ser diabético. Estava painho e outro senhor no quarto, que era médico também. E nós percebemos que painho estava com um pouco de desorientação, e ele olhou para mim e disse: não me deixe morrer... (Pausa. Eurilian ficou emocionada). Então, eu comecei a tocar a campainha para chamar as enfermeiras e elas disseram calma que vai vir. Mas só que a gente é da área de saúde e fica desesperado. E eu dizendo: Ele está infartando e elas dizendo que não é o médico dizendo ele está infartando. Até que chegou a hora de trocar de plantão. E chegou uma médica nova, acho que Deus mandou, e olhou para ele, fez o eletro e disse que realmente ele estava infartando. Aí desceu para a UTI, e eu fiquei lá esperando, entre uma cadeirinha e outra, para ver o que ia acontecer, até ele melhorar. Aí a moça pediu para que ele quando melhorasse deixasse falar comigo. Ele tinha melhorado do infarto, aí eu fui ver ele. A enfermeira perguntou, o senhor conhece essa moça. E ele disse conheço sim. É a minha filha do coração (Eurilian chora). Aí ele se emocionou e u também. Então, a enfermeira pediu para eu sair. Foi a última vez que eu o vi vivo.

19. Ele infartou de uma vez?

Resposta: Não. Passou mais uns dois dias, ligaram para mim da Unimed, disseram que ele tinha recebido alta da UTI e que eu ia ficar com ele no apartamento. Cheguei lá e

fiquei esperando umas quatro horas e nada. Eu ia lá na recepção e dizia que tinha ido ficar com Fernando Ronaldo e nada de deixá-lo subir. Não me deixavam entrar. Aí ela disse: Olha, a assistente social quer falar com você. Eu já fiquei com um pé atrás. Ela disse que ele ia ficar mais um dia, porque era melhor para ele, tranquilo, porque para o setor que ele vai não tem profissional suficiente. Assine aqui para ele ficar mais um dia na UTI, e eu assinei. No outro dia, de amanhã, às 9h30, ligaram dizendo que ele tinha tomado uma injeção, teve um choque anafilático e tinha sido intubado. Mas no atestado de óbito não constou essa injeção e esse choque anafilático.

20. Colocaram o que no atestado de óbito?

Resposta: Covid, parada cardiorrespiratória e choque séptico. Não veio choque anafilático.

21. E como foram os trâmites para velar e sepultar. Teve velório?

Resposta: Teve não. A gente pagava um plano funerário. Ele dizia assim: "Pague no seu nome". E eu sempre perguntava por que tinha que ser no meu. E ele sempre me dizia: "Pague você!". E eu sempre perguntava por que no meu nome e hoje eu vejo o porquê.

22. E aí, você deu entrada no plano funerário?

Resposta: Eu liguei e aí eles perguntaram o peso, a altura e eu fui reconhecer. Não deixei mainha e ir reconhecer, não.

23. Saiu direto do Hospital para o Cemitério?

Resposta: Saiu direto para o Cemitério de Ingá. Ele nasceu em Ingá. Houve apenas uma parada em frente da Igreja, com o caixão fechado. Só quem viu ele no finalzinho fui eu e minha prima que entrou comigo.

24. Houve cortejo no até o Cemitério?

Resposta: Houve cortejo de carro até o Cemitério e quando chegamos lá, todos desceram.

25. Enquanto isso, estavam em casa sua mãe e o seu irmão doente?

Resposta: Mainha já estava melhor e foi. Ela estava fazendo fisioterapia e se recuperando e estava bem melhor. Os meus irmãos já estavam internados, o mais velho e o mais novo, um no Hospital Santa Isabel e o outro no Hospital João Paulo II. E na noite que painho faleceu o meu irmão piorou. Estava com a esposa dele lá no João Paulo II.

26. A esposa do seu irmão também teve a doença?

Resposta: Teve. Ficou no Hospital João Paulo II com o meu irmão. Elas estão hoje aqui (na cada dela, no dia da entrevista). Aí meu irmão piorou e teve que ser transferido para o Hospital Nossa Senhora das Neves. E eu menti para eles. Perguntavam como estava painho e eu dizia que painho estava bem. E eles sabiam que eu estav mentindo. Eu sei que eles sabiam, porque quando a gente via uns com os outros, a gente convivia muito, e a gente sabia quando estava mentindo.

27. Quinze dias da morte de seu pai, morreu o seu irmão?

Resposta: Morreram meu tio e meu irmão. Meu tio Joaci e meu irmão Diego, o mais velho.

28. Você disse que a morte entre um e outro foi questão de horas. Seu tio Joaci estava onde?

Resposta: Foi questão de horas. Meu tio estava na Unimed e meu irmão no Nossa Senhora das Neves.

29. E como é que foi resolver esses novos enterros?

Resposta: O do meu tio, a família resolveu, que ele tem cinco filhos. O do meu irmão foi um caos, porque o Nossa Senhora das Neves deu poucas horas para a gente resolver. E como painho já estava enterrado lá no Ingá, a gente tinha que resolver um local para enterrar meu irmão. Aí, a minha tia ofereceu o túmulo da família dela, aqui no Parque da Acácias. Então, ele está enterrado aqui em João Pessoa. Mas eu não gostei porque eles foram muito rudes conosco. Eles deram um prazo para a gente tirar ele de lá.

30. Qual foi o prazo e como essa coisa toda para se resolver? O plano cobriu tudo?

Resposta: O plano cobriu tudo e o Sebrae ajudou com painho. Não tive dor de cabeça com isso e mainha e a esposa dele foram reconhecer o corpo. Mainha ficou muito triste porque a gente não teve o direito de se despedir. Quando a gente chegou lá ele já tinha falecido. O de painho a gente ainda entrou na UTI. Painho estava vivo e mainha, com o amor dela por Deus, eu não sei como ela tem força, ainda conversou com ele. E a gente via que as lágrimas dele corria. Eu não aguentei chegar perto.

31. Isso, o seu irmão ou o seu pai?

Resposta: Meu pai. Meu irmão mais velho não pudemos chegar perto dele não.

32. E o seu outro irmão continuava internado no Santa Isabel?

Resposta: A gente sem poder ter contato com Steverson e sempre tendo contato (com o pessoal do hospital), porque eles sempre ligavam para a gente.

33. Ele estava na UTI, mesmo?

Resposta: Estava na UTI e chegou a ser intubado, fez traqueostomia. Todos eles chegaram a ser intubados, inclusive, painho depois do choque.

34. Com 15 dias depois da morte do seu irmão mais velho, morreu o mais novo?

Resposta: Um mês certinho da morte de painho e 15 dias depois do meu irmão Diego. Mandaram chamar a gente. Quer dizer, antes disso, a gente tinha conseguido, por meio de colegas, ver meu irmão. Não podia entrar, mas a gente conseguiu ver. Um médico e uma enfermeira de lá abriu a exceção para a gente.

35. Então só recapitulando: Seu pai Fernando Ronaldo Garcia de Araújo, na época tinha 70 anos, ele morreu no dia 14 de março de 2021. 15 dias depois, dia 29 de março faleceu o seu irmão mais velho Diego Dias Garcia de Araújo, que foi o que morreu no Hospital Nossa Senhora das Neves, que vocês não tiveram direito a visitar e se despedir. E no dia 14 de abril de 2021, morreu Sterveson Dias Garcia de Araújo, no Hospital Santa Isabel, com 40 anos. Ele passou mais de um mês interno.

36. Esse seu irmão estava lúcido?

Resposta: Não. Eles tentavam diminuir a sedação para ver se eles voltavam, mas ele ficava muito agitado e então eles tinham que voltar a sedação.

37. Quando eles morreram, já tinha a vacina?

Resposta: Já. Meu tio já havia tomado, porque estava na idade máxima de 70 anos.

38. Mas seu pai chegou a tomar a vacina?

Resposta: Não. Mas meu tio e minha tinha tia chegaram a tomar.

39. Mas eles tomaram e logo morreram, não foi?

Resposta: Foi. Foi muito rápido. Na verdade, nem eu tinha tomado a vacina ainda. Tinha vacina para profissional de saúde e para quem tinha mais de 70 anos. Mas eu não quis tomar.

40. Por que você não quis tomar a vacina? Você nunca se vacinou?

Resposta: Medo, mesmo. Eu não quis tomar. Depois tomei duas doses porque fui obrigada a tomar. Mas não tive a doença. Fiquei com eles o tempo todo e não tive a doença.

41. Você não confia na vacina, acha que ela não funciona?

Resposta: Quando a gente começou a aplicar a vacina, estava lá como pesquisa. Aí eu fiquei pensando, uma vacina passa 10 anos para ser lançada. Porque o Ministério da Saúde está botando pesquisa quando a gente vai informar a vacina. Eu fiquei nessa dúvida.

42. Você tomou qual vacina?

Resposta: Astrazênica.

43. Seu tio Joaci Dias da Silva morreu no dia 29 de março, no mesmo dia do seu irmão Diego. A sua tia Eliane, que era casada com o seu tio Joaci também morreu.

Resposta: Foi no dia 13 de abril, um dia antes do meu irmão Steverson, que morreu no dia 14. Meu tio e minha tia eram os padrinhos de Steverson.

44. Você também chegou a acompanhar o estado de saúde deles?

Resposta: Sim. A minha prima informava o estado de saúde deles e eu informa a ela tudo o que estava acontecendo por aqui.

45. Eles também foram intubados?

Resposta: Sim. Os dois estavam internados na Unimed, mas nenhum sabia um do outro que estavam doentes. Os filhos não contaram para nenhum ficar preocupado com o outro.

46. Esse seu tio Joaci era médico e dono da Farmácia Central de Bayeux.

Resposta: Era. A minha tia era farmacêutica, Eliane de Lourdes Gondim da Silva.

47. Você disse que ainda teve uma prima Isabel e o marido dela. Foi no mesmo período da morte do seu pai, irmãos e tios?

Resposta: Foi nesse mesmo período, só que nós não tínhamos muito contato com eles. A gente não sentiu tanto quanto os mais próximos. A gente vinha sofrendo mais com os de dentro de casa. Essa prima era mais distante.

48. E a partir dessa situação, você como enfermeira, ficou atuando na enfermagem, atendendo esse tipo de doença. Mas você acredita na existência da covid?

Resposta: Sim, que era uma doença e que veio para ficar, infelizmente. E continua com a gente. Os casos são menores, os sintomas são menores.

49. Você não acredita na vacina, muita gente se vacinou. Você acha que essa diminuição foi por conta da vacina?

Resposta: Ela ajudou muito. Eu não posso dizer que não foi porque eu não sou cientista para saber. Mas ela ajudou muito. Eu mesma posso ter pegado a doença de forma simples depois de tudo isso. Na época do meu pai eu não peguei. Cheguei a fazer testes várias vezes, mas não acusou a doença. Na época que painho adoeceu e eu fiquei acompanhando-o, eu ainda não tinha tomado.

50. Nesse tempo que você ficou acompanhando seu pai e seus irmãos, você ficou totalmente afastada das suas atividades de enfermeira, tirou férias?

Resposta: Fiquei de licença. Nem cheguei a pedir. Eles mesmos me botaram de licença.

51. Você como enfermeira, acompanhou muitas mortes no seu trabalho?

Resposta: Sim.

52. Você passou quanto tempo afastada e retomou com quanto tempo?

Resposta: Eu acho que eu fiquei até o dia 20 de abril afastada.

53. Você tem o seu marido, tem filhos?

Resposta: Tenho três filhos.

54. Eles também chegaram a ter covid?

Resposta: Só o meu filho mais velho.

55. Qual a idade dos teus filhos?

Resposta: 24, 22 e 13, Vitor, Vinícius e Éric. O meu marido é Nivaldo.

56. Você temeu quando sob que seu filho estava doente?

Resposta: Temi, com medo dele passar para o meu pai e minha mãe. Mas não fiquei cim medo dele morrer, porque pensei: "é jovem, tem uma imunidade boa".

57. Quer dizer que ele teve antes das mortes todas?

Resposta: É. Ele teve em janeiro de 2021.

58. Mas nessa época ele não teve contato com seus pais?

Resposta: Não.

59. Vocês moravam em Ingá?

Resposta: Não, nós morávamos aqui no Cristo, mas do outro lado e não vínhamos aqui.

60. Você acha que você conseguiu viver o seu luto? Como é que foi lidar com todas essas perdas, psicologicamente?

Resposta: Na época, eu me tranquei. Eu botei na minha cabeça, como painho viajava muito, que ele tinha viajado, porque a gente tinha que resolver as coisas, por causa de mainha. Apesar que ela se tornou uma fortaleza, pela fé dela, pelo que ela passou, eu pensei que ela ia cair muito. Mas, graças a Deus, ela não caiu.

61. Você caiu mais do que ela?

Resposta: Eu caí agora, depois do acidente de dezembro.

62. Fale um pouco sobre esse acidente de dezembro e o cair agora. Por que só agora?

Resposta: Eu acho que foi um escape mesmo. Teve a doença da minha cunhada no final do ano, síndrome de Guillain Barré (síndrome que causa paralisia na pessoa e pode levá-la à morte).

63. Mas ela está bem?

Resposta: Está. Foi em dezembro também. Eu estava vindo de Ingá, para cuidar da parte educativa das meninas dela com o meu irmão, para fazer a matrícula das meninas. E eu dei sinal para vir para a esquerda e eu não vi a moto. Eu não fiz muita coisa, apenas virei um pouquinho a direção, quando vi a moto encostou. Foi um encosto leve, até que não amassou o meu carro. Só quebrou o vidro do farol. E eu fiquei tão nervosa, porque nunca tinha acontecido como em 10 anos de direção, e eu nunca tinha ido para longe. Era sempre aqui por perto, no Cristo, Ingá, BR, mas nunca tinha andado no Bairro da Torre.

64. Mas a pessoa que estava dirigindo a moto machucou muito?

Resposta: Não. Foi uma moça, machucou um pouco a perna, fico só roxo, porque a moto caiu em cima. Fiquei lá até o Samu chegar, ligamos para o pai dela, e tudo ficou resolvido.

65. Mas isso foi um gatilho para você toda a dor que você teve com as perdas em sua família?

Resposta: Foi sim, foi a reabertura para tudo o que tinha se fechado. Para mim, meu pai e meus irmãos estavam viajando.

66. Financeiramente houve queda financeira na família? E com relação a família, como vocês ficaram, se uniram mais, se separaram?

Resposta: Financeiramente diminuiu bastante, porque painho era o alicerce de tudo. Ele era quem pagava a escola de todos os netos, ele e mainha era que juntava a família toda. E depois que eles faleceram, a gente se distanciou muito. Passou um tempo distante e tem uma que até agora não fala muito comigo.

67. Uma irmã?

Resposta: Não, uma cunhada. Com a outra, graças a Deus, estamos nos falando.

68. Todos os irmãos eram casados e tinham filhos?

Resposta: Tinham. O mais novo estava em processo de separação, mas ainda estavam casados oficialmente. Ele deixou uma filha, que fez 16 anos agora. Chama-se Liriel.

69. E o mais velho também era casado e tinha filhos?

Resposta: Tinha duas filhas, Maria Fernanda (10 anos) e Helena (seis).

70. Hoje em dia, quem financia a escola das meninas?

Resposta: Depois que a mãe das meninas adoeceu, mainha assumiu a escola das meninas de Diego. E a de Stevesson, Mainha só faz a matrícula.

71. Além das mortes dos familiares, você passou por uma grande mudança em sua vida, por que você teve que vir morar aqui na casa de sua mãe? Como foi todo esse processo de mudança, os móveis?

Resposta: Na época eu nem pensei nos móveis, nas dificuldades. Acho que para os meninos foi mais difícil, para o meu marido. Eu só pensava nela.

72. A sua mãe passou a morar sozinha?

Resposta: Eu já estava aqui. Mas se fosse embora ela ficaria sozinha. Então, meu marido veio depois, pois eu ainda estava tentando botar na cabeça dele para vir morar aqui. Passou um bom tempo para aceitar. Uns dois meses. Ele agora está se adaptando, já os filhos conseguiram se adaptar facilmente.

73. Teu marido trabalha com que? Teus filhos estudam?

Resposta: Meu marido é contador, meu filho mais velho estuda Engenharia de Alimentos, o do meio fazia Ciências Atuariais e agora trancou e está fazendo design de computação – eu acho, e o mais novo faz a 7ª série.

74. E agora, como é que você está? Você disse que de dezembro para foi que você passou a viver o seu luto. Como está sendo esse viver o luto?

Resposta: Chorar. Chorar mais, eu não conseguia chorar.

75. Você buscou acompanhamento psicológico, mais alguém de sua família?

Resposta: Agora. De dezembro para cá e só procurei mesmo porque me deu uma crise na frente do médico que trabalhava perto comigo. Na época, eu ti nha ido pedir para assinar uma receita no PSF, pedi para falar com ele, e me deu uma crise de choro na frente dele.

76. Mas você está trabalhando atualmente, como está sendo esse trabalho?

Resposta: É de segunda a sexta e eu estou bem. Eu gosto de trabalhar com a minha comunidade. Apesar que, de vez em quando, eles não me deixam quieta. Eles me ligam de domingo a domingo. Às vezes eu digo: Ligue para mim só na hora do meu expediente. Mas, às vezes, eles ligam até de meia noite. Ligam para mim e dizem: " Eu estou assim e assim, o que é que eu faço?". Aí eu digo que vão ao posto na segunda-feira de manhã que é dia de posto.

77. Você é enfermeira a quanto tempo?

Resposta: Há 21 anos.

77. Eurílian, eu deixei de perguntar alguma coisa. O que mudou na sua vida?

Resposta: O que mudou? As minhas sextas-feiras. Eram mais alegres. Era a sexta da união, do reencontro. A gente se reunião toda sexta e sábado. Quando um ligava e ia na minha casa e reclamava do outro. Eu tentava resolver. E depois, painho vinha e perguntava se já estava tudo resolvido. E eu dizia que sim. Éramos irmãos unidos, nos amávamos.

78. Você tem uma irmã adotiva, não é? Como ela se chama? Ela vem sempre aqui?

Resposta: Ela mora aqui no Cristo. De vez enquanto vem por aqui. Ela cresceu aqui conosco desde bebezinha. Aí, quando ela fez 18 anos, painho resolveu adotar ela. Perguntou a gente e nós concordamos. Ele queria deixá-la segura. Ela se chama Faimara. Ela é casada, tem duas.

ENTREVISTA COM IRANEIDE DIAS GARCIA DE ARAÚJO, 73 ANOS. DONA IRANEIDE PERDEU O MARIDO, SENHOR FERNANDO RONALDO GARCIA DE ARAÚJO; OS FILHOS DIEGO DIAS GARCIA DE ARAÚJO E STEVERSON DIAS GARCIA DE ARAÚJO. TAMBÉM PERDEU UM IRMÃO, O MÉDICO JOACI DIAS DA SILVA, A CUNHADA, ESPOSA DE DR. JOACI, ELIANE DE LOURDES GONDIM DA SILVA. E AINDA MORREU UMA PRIMA DO MARIDO ISABEL GARCIA E O ESPOSO DE ISABEL QUE DONA IRANEIDE NÃO LEMBROU O NOME.

1 Dona Iraneide, quando a OMS decretou a pandemia e orientou para que todo mundo ficasse em casa, o que a senhora pensou? A senhora vinha acompanhando o noticiário sobre o vírus que vinha matando muita gente na China e na Europa? O que a senhora pensou dessa doença? Passou alguma coisa na sua cabeça sobre isso? Teve medo? Achou que chegaria até a sua família?

Resposta: Eu nunca pensei dessas coisas do jeito que foi anunciado, não. Eu achava que devia ser igual a qualquer outra coisa e não concordava com isolamento, mas assim mesmo eu segui o protocolo, fazendo máscara para todo mundo, cuidando de tudo. Mas no fundo, no fundo, eu não nunca imaginei que chegasse a tanto.

2 A senhora não acreditava que a doença existisse ou que não era grave? O que se passou na cabeça da senhora sobre isso?

Resposta: Como fosse uma outra doença como a varíola e outras doenças que aconteceram. Quando chegou a vacina, eu também não acreditei. Não acreditei numa vacina tão rápida. Porque a da varíola levou mais de 40 anos para ser criada e dar certo. Eu não achava que mesmo que, mesmo com muitos estudiosos (no assunto), fosse normal (ter uma vacina em tão pouco tempo). É tanto que eu nem tomei nem tomo.

3. A senhora não tomou nenhuma dose da vacina?

Resposta: Não. Nem tomei, nem tomo. Eu prefiro a morte a tomar essa vacina. Eu fui chamada de ignorante, fui chamada de tudo. Sofri muito com a covid. Meu pulmão estava 25% com comprometido, igual ao meu marido. E todos os cuidados da minha casa eu fazia, toda a higienização eu fazia. Tudo o que era preciso. E hoje a gente sabe que isso não impediu para que as pessoas fossem contaminadas.

4 A pandemia começou em 2020. A senhora e a toda a sua família ficou confinada dentro de casa no período que se estabeleceu que a população ficasse recolhida? Como que era a questão da alimentação para comprar?

Resposta: Quem saía era meu esposo e meu filho mais novo. Meu filho mais velho, casado, também saía e algumas vezes eu ia com meu esposo, porque ele sempre me protegeu de tudo. Ele não queria que eu tivesse, assim, preocupação com nada. Sempre foi uma pessoa que eu desejaria que todas as mulheres tivessem o marido como o meu.

5. Então a senhora também saía com ele para fazer compras?

Resposta: Saía. Eu viajava, e saía para visitar a minha família.

6 Mas vocês só contraíram a Covid um ano depois da decretação da pandemia? Adoeceram todos de uma vez?

Resposta: Primeiro foi eu e meu esposo e meu filho caçula ficou cuidando da gente. O meu filho mais velho ficou vindo aqui em casa de vez em quando. Um dia eu notei que o meu marido estava com dificuldade grande, chamei a minha filha, que estava trabalhando como enfermeira no interior. E quando ela chegou, ela disse que achava que o pai estava com problema do coração, não lembro mais. E ele teve que ser hospitalizado. Nós tínhamos feito vários testes de covid e tinham dado negativo. Quando ele foi levado para o hospital e eu fui junto. Ele foi atendido. Colocaram ele lá na enfermaria, deram injeções na barriga. Enquanto ele era atendido, eu fui fazer também os exames, uma tomografia, aí foi constatado que eu estava com 25% do pulmão comprometido e ele também. Meus dois filhos e minha nora estavam conosco. Então, o médico passou por mim e aí eu perguntei pelo meu marido. O médico perguntou a enfermeira o que eu estava fazendo ali e ela disse que era para eu ser atendida porque o exame havia dado que meu pulmão estava com 25% de comprometimento. O médico a mandou botar para mim Anita, Amoxilina 800 mg, e um outro remédio que não lembro do nome. Mandou também colocar um soro em mim, com antitérmico enquanto eu esperava meu marido. Eu disse que não podia tomar Dipirona de jeito nenhum, pois tinha alergia, e nem Tylenol que dava vômito. Está certo? Não se preocupe, eu não sei. Não sei. Eu sei que eu tomei um soro depois meu marido. Depois que eu terminei o soro, meu marido demorou mais um pouquinho, saiu e viemos para casa. Paramos na Farmácia Pague Menos do José Américo e meu marido desceu com o meu filho mais velhos para comprar os medicamentos. Ao

chegarmos em casa, tomamos o remédio. Quando foi na quarta-feira, meu marido não estava mais aguentando.

7 Era um problema respiratório?

Resposta: Ele se levantava ia no banheiro, tomava um banho, voltava e se deitava, Isso várias vezes. Quando minha filha chegou, notou que ele estava com alguma coisa no coração, como se estivesse enfartando. Aí ele foi levado pra Unimed. Eu não quis ir e fiquei em casa. Minha filha levou o pai para a Unimed. Com pouco tempo depois, meu filho caçula disse que estava passando mal. Perguntei se ele estava tomando o mesmo remédio que eu? Mandei-o tomar o Anita, o Amoxilina, mas acho que ele não estava tomando. Então, ele disse: Mãe, eu vou na UPA. Eu pedi para meu filho mais velho levar o irmão. Mas ele disse que também não estava se sentindo bem. Aí o meu neto mais velho foi levar meu filho para a UPA e de lá ele foi encaminhado para o Santa Isabel. E o mais velho foi para o Hospital João Paulo II. Ficou dias lá no João Paulo sem querer tomar nada, sem querer se alimentar. Eu brigava com ele por telefone, na chamada de vídeo, e pedia que, por favor comesse alguma coisa. Depois foi transferido para o Hospital Nossa Senhora das Neves, porque o plano dele cobria. O outro estava sem plano de saúde porque estava desempregado. O plano da Unimed ficou muito caro e Fernando não pagava para todo mundo. Quando foi um dia, eles pediram para ir lá para o hospital, que a gente fosse visitar meu filho mais velho. Meu marido já tinha morrido no dia 14 de março de 2021. Era dia 29 de março, quando fomos visitar meu filho mais velho. Meu irmão havia morrido pela manhã e quando cheguei lá, encontrei meu filho morto.

8 A senhora chegou a ver seu filho?

Resposta: Cheguei depois de morto. Era interessante isso, eles com maior cuidado não me deixaram visitar o meu filho. Mas quando ele morreu, permitiram que eu fosse ver meu filho lá no necrotério, cheio de corpos no local, de tanta gente que morreu no dia. Aí, chegaram para a gente e disseram que o corpo não podia permanecer ali. Que a gente tinha que tirar antes das 6 horas da noite.

9. Isso foi de que horas que a senhora esteve lá?

Resposta: Isso era umas 5 e pouca da tarde. Já estava anoitecendo. Minha filha entrou em contato com o Funerária, pois nós tínhamos plano funerário. Eu pedi para entrar em contato com uma pessoa da família que tinha um túmulo no Parque das Acácias e permitiram que o corpo dele fosse depositado lá, às 7 horas da noite. Não enterramos ele no túmulo de nossa família porque o meu marido tinha sido enterrado no nosso túmulo em Ingá, 14 dias antes.

10. Quando a senhora recebeu a primeira notícia de morte na família, no caso, a do seu marido? O que se passou pela cabeça da senhora? A senhora já estava também com covid.

Resposta: Eu já não estava com convite, já estava melhor. Fui chamada lá na Unimed, para vê-lo na UTI. Quando cheguei na UTI, vi a situação do meu esposo e notei que ele não ia voltar. Eu senti. E comecei a conversar com ele. Notei que as lágrimas corriam dos olhos dele. E eu disse a ele que não se preocupasse. Que se tivesse alguém junto dele, ele podia ir. (Uma pausa de silêncio, em momento que dona Iraneide ficou emocionada e chorou)

11. Foram quantos anos de casados?

Resposta: 46 anos de casada. E aí quando eu senti que ele não ia voltar. Então, eu fiz uma prece para todo mundo que estava ali. Não tive medo de estar ali junto. Senti vontade de ficar e conversar com todos, ficar ali com ele, mas eu sabia que ninguém me permitia. Vim para casa, mas eu tinha certeza de que ele não ia voltar. Quando foi no dia que veio a notícia para ir buscar ele, eu me alegrei, mas não era aquela alegria. Quando foi de madrugada, veio a notícia que ele tinha falecido.

12. Aí, 15 dias depois, foi o seu filho mais velho?

Resposta: Meu filho mais velho e meu irmão. Foi o filho mais velho, Diego, e o irmão Joaci. Depois foi minha cunhada, no dia 13 de abril e meu filho caçula Steverson no dia 14. Quando eu fui visitar meu filho lá no Santa Isabel, eu conversei com ele, do mesmo jeito que eu fiz com o pai dele. Fortalecendo. Pedi para ele orar comigo, em pensamento, o Salmo 26. Diga comigo, meu filho: "O Senhor é a força da minha vida, de quem terei medo. O Senhor é a força da minha salvação. Do que terei medo?". E continuei falando: "Se você tiver de ir, meu filho, vá com Deus. Que Deus te acompanhe". Eu só disse isso porque quando eu tive a intuição de sair do lado direito dele e a rodear a cama. Quando eu cheguei no lado esquerdo dele, o braço dele estava dessa grossura (fez um gesto com as mãos), muito inchado. Aí eu vi que ele não ia resistir. Quando saí da UTI, eu vi médicos chorando. Depois fui chamada no dia da morte dele. A esposa dele foi reconhecer o corpo. Eu fiz o que ela pediu que era enterrar ele aqui em João Pessoa. Eu queria enterrar no Ingá, junto com o pai. Mas ela pediu muito, disse que ia ficar melhor para ela visitar o túmulo. Eu não quis entrar em polêmica com ela dizendo que o corpo ia se acabar. Mas o espírito estava no mesmo lugar que todos vão.

13. A senhora é uma mulher de fé? Qual a sua religião?

Resposta: Sou. Fui católica. Atualmente, frequento o espiritismo. Sou ecumênica. Frequento todas as religiões. Para onde você me chamar eu vou.

14. A senhora passou a ser espírita a partir da morte do seu marido e filhos ou já seguia a doutrina?

Resposta: Não, eu já era há mais de 30 anos. Toda vida fui espírita, e ele (o marido) me ajudava a fazer as coisas que a doutrina espírita pede, a caridade. Ele assumia tudo

financeiramente para mim, para eu fazer o que eu gostava com os meus amigos da doutrina. Ele ia algumas vezes, mas é isso. Morreu em março (de 2021) e completamos 46 anos de casado no dia 26 de setembro. Meu filho mais velho era do dia 9 de setembro. Meu filho caçula do dia 10 de janeiro, do mesmo mês que eu. Tenho essa filha (Eurilian) e uma filha do coração, Faimara.

15. Faimara sempre vem aqui? A senhora tem quantos netos?

Resposta: Vem sim. Hoje pela manhã ela esteve aqui. Tenho oito netos. Hoje estou as duas filhinhas do meu filho mais velho aqui: Fernanda e Helena.

16 Como foi para superar todas essas perdas, uma atrás da outra?

Resposta: Eu tenho amigos que ajudaram muito, além das minhas filhas, meus genros e meus netos, principalmente o mais velho e o do meio, eles me ajudaram muito.

17. Como era essa ajuda? Eles vinham aqui?

Resposta: Dos amigos que me ajudavam de longe, apenas um era presencial. Tudo o que eu precisava, ele vinha todos os dias saber de mim. Era Régis. Eu só o chamo de Régis, mas o nome dele é João. Só se eu olhar, não lembro agora.

18. Mas a sua amizade é da família toda ou à é da convivência com a doutrina Espírita?

Resposta: É uma amizade com a família toda. É uma pessoa da doutrina espírita. Mas ele veio se aproximar mais há uns cinco anos. E quando foi a pandemia, parece que Deus o encaminhou para que ele nos desse força mesmo. Mas teve outros que me ajudaram também: Paganine, Teresa, Carla Adriana, Rosineide.

19. Essas pessoas estavam sempre ligando, ajudando?

Resposta: Não vinham porque, uma que tinha uma mãe com problema, mal de Alzeimer, e outra que tinha uma mãe que teve câncer de medula. Então, eu estava em tratamento e não podiam vir aqui em casa. E eu acho que Teresa e Paganine era por medo mesmo. Mas assim mesmo mandavam as coisas para mim e perguntavam para mim o que eu precisava o tempo todo. Mandava Vitamina D, Ivermectina. E sempre Régis ia pegar com eles, vinha trazer e fazia um chá para mim, quando não tinha ninguém aqui para me ajudar. E a mãe biológica de Faimara também me ajudou muito, ela veio passar uns dias comigo, no primeiro momento, que eu não te há nem condição de sair da cama. Ela me ajudou muito.

20. A senhora não conseguia sair da cama pela tristeza, pela doença?

Resposta: A fraqueza, as minhas mãos tremiam. Eu não conseguia pegar numa chave para a porta, o cadeado. Era da doença mesmo, porque tudo isso foi antes de Fernando morrer. Mas, graças a Deus, eu estou aqui. Minha irmã veio e ficou comigo também. E a gente orava. Ela é muito católica, trabalha no Hemocentro de Campina Grande e ela vinha. Acordava às três horas da manhã e ficava naquela oração que tinha um padre que ficava até seis horas da manhã. E a gente fazia também a de 6 horas da noite, com a família, online. E eu como não podia ficar joelhos, eu ficava sentada e orava, Mas, eu sei que Deus tudo sabe e pode. E é o único tem que poder sobre tudo e todos. E eu me entrego nas mãos dele, que seja feita à vontade dele.

21. Como ficou a situação financeira da família com a morte do seu esposo e dos seus filhos?

Resposta: Foi difícil, mas graças a Deus deu tudo certo. Ele tinha uma economia, ainda, e eu tinha meu cartão, também. Foi fácil retirar o dinheiro que tinha lá. Consegui passar devagarinho para tudo para a minha conta, até sai a minha pensão.

22. Psicologicamente, como a senhora se sentiu nesse período com todas essas perdas repentinas de uma mesma doença?

Resposta: Minha filha, teve um momento de eu contestar, de eu brigar com Deus. Por quê? Eu não estou pedindo tanto? Por que o senhor não me atende? Mas depois com o tempo a gente vai tendo a consciência de que Ele fez o melhor. Será que meu marido e meus filhos iriam achar bom ficar em cima de uma cama e eu cuidando dele? Será que Jesus não tirou esse peso de mim. Eu não queria ver meu filho e meu marido sofrendo. Se fosse permitido Deus o deixar aqui, eu não queria vê-los sofrer. Eu os queria bem de saúde. Eu até disse para o meu Deus: Eu dou a minha vida pela vida deles. Se fosse preciso, eu daria a minha vida por eles, como eu dou pela minha filha e meus netos. Eu não me incomodo de ir. E a gente vai atendendo. Tenho os meus amigos da doutrina Espírita, tenho meus amigos católicos, meus amigos evangélicos. Tenho meus amigos carismáticos e todos ele para mim é maravilhoso. Além de tudo eu tenho as minhas filhas e meus netos.

22. A sua filha Eurilian veio morar aqui com a senhora e a família. Como foi essa transformação vida, deu para preencher esse espaço vazio?

Resposta: Eu queria que a minha nora, mulher do meu filho mais velho, viesse morar aqui comigo, mas ela não quis. Então, Eurílian disse: mamãe, você vai ficar aqui sozinha? Aí eu disse: Deixe-me com Vitor, eu fico aqui com ele. Ela disse, não senhora, eu não vou deixar (nesse momento entra a neta de dona Irineide , Helena de seis anos. Ela queria botar a entrevistadora para correr, pois queria ir passear no Shopping com a avó, a irmã e a tia). Ela é a filha do meu filho mais velho. Quando o pai dela morreu, ela tinha três anos. Ela esteve muito doente, teve o apêndice estrangulado. Fez duas ou três cirurgias.

23. Esse problema de saúde foi recentemente?

Resposta: Fazia uns dois anos que o pai dela tinha falecido.

24 Eu deixei de perguntar alguma coisa que a senhora gostaria de acrescentar?

Resposta: Eu quero só lhe agradecer e quero desejar que todo mundo seja bem mais feliz do que eu. Porque eu não desejo para ninguém o que eu passei. Só quero que Deus nos auxilie. Faça com que as coisas no Brasil melhorem. Que cada um seja feliz de acordo com as suas necessidades. E saúde e paz, com alimentação para todos. Se todos fôssemos iguais, num nível só, não com a intenção que esse governo tem, mas a intenção do que Deus quer para cada um de nós de acordo com a transição planetária. Nós temos que mudar os nossos pensamentos para as coisas boas, amarmos uns aos outros, procurar ser, pelo menos, mais ponderados com as ações com cada um dos nossos irmãos e que essa mudança venha de dentro, para que esse planeta se torne um planeta de regeneração, planeta com mais amor.

Dona Iraneide, muito obrigada!

Resposta: Sim. Meu marido fez muito teste e deu negativo e eu também fiz muito teste dando negativo. E quando a doença chegou dentro de casa, adoeceu a senhora, seu marido e os filhos.

25. A senhora disse, inclusive, além do da covid, chicungunha e outras doenças concomitantes?

Resposta: Depois da Covid foi que eu tive outras doenças, depois que meu esposo faleceu. Fora do Excel, o seu marido, seus filhos, foi todo foi de certa forma, todos juntos adoeceram no mesmo período.

ENTREVISTA 5 – FAMÍLIA LIMA/ALVES

ENTREVISTA COM ANDRÉ NICOLAU LIMA ALVES. ANDRÉ PERDEU O PAI, JORGE NICOLAU ALVES, E A TIA, ARLETTE LIMA.

1. André, como foi receber a notícia da pandemia do Covid-19 e a necessidade de isolamento? Como você e sua família recebeu essa história? Tem uma Pandemia no mundo e é preciso ficar dentro de casa?

Resposta: Com medo, com um pouco de incredulidade. Já ouvia algumas conversas. Mas nada consolidado ainda, nada confirmado, até que um dia que foi decretado, se não me engano, foi por volta de 19 e 20 de março de 2020 foi que realmente aconteceu, né? Num

primeiro momento, eu acho que não foi tão impactante, porque ainda estava meio flexível num. Estava todo mundo se adaptando. Aqui o impacto não foi tão grande, porque eu não sou muito de sair, né? Então minha vida. Meus lazeres são muito caseiros, mais tranquilos. Meus pais já são aposentados, seja meu pai já era aposentado, minha mãe. Também e já também tem uma rotina muito caseira, então a rotina de ficar em casa e não foi tão difícil de se adaptar, mas claro que tem aquela aí, um conveniente das restrições, né? É vez por outra, gostava de fazer um passeio ou alguma coisa assim e isso impediu, mas no geral não foi assim. Uma mudança tão radical exigiu alguma adaptação, mas não algo. Então, é um transtorno muito grande.

2. Vocês se fecharam em casa? Asa, você, saiam como um como vocês. Fizeram pra se virar nesse período. Nunca.

Resposta: Normalmente muito em casa, né? Primeiras informações, ninguém sabia muito bem como é que funcionava a doença. É aquele medo muito grande, né? Da da falta de informação saiu medo de pegar o como é que são os sintomas? O que fazer, né? Sem ter um tratamento, é. Definido, nada assim. Então? No primeiro momento, nós. Nós fechamos, é em casa mesmo, sair meus pais, eles. Que é são idosos, não é meu pai. É, já era, e 12. Minha mãe também. Minha tia que mora conosco também. É evita. Pode sair o máximo, né? Então, questão de compras, supermercado era o mínimo que que exigisse uma saída de casa. É eu e meu irmão, que na época morava conosco também é que fazíamos, né. Aqui um eu sou eu e mais dois Irmãos mais velhos. Um já não mora mais com a gente. Ele saiu, na verdade, logo no início da pandemia, né? É, tem uma família agora e o outro é, morava, morava conosco na época. Hoje ele não mora mais.

3. A sua família? Foi atingida com a covid todo mundo pegou covid, como é que foi? Você teve a sua tia, sua tia foi a primeira a morrer na família.

Resposta: Foi. Bom de covid. Sim, é. Há uma pequena controvérsia aí, se realmente foi de covid ou com covid, como muitos casos aconteceram, É Ela foi o primeiro caso na família. Ela contraiu o é o vírus, acho que por volta de fevereiro de 2021. É? De repente começou com uma tosse e não sentia nenhum outro sintoma respiratório, né? E. Mas tinha todo o cuidado por conta da pandemia, não é? Então já tinha um ano de pandemia, mas ainda assim a gente permanecer com todos os cuidados.

4. Ela morava aqui com vocês?

Resposta: Não. Ela morava em outra casa. Ela. Ela era aposentada do governo do Pará. Então ela tinha plano de saúde lá porque era estadual, mas como ela morava aqui, uma parte do ano ela ficava aqui e aqui ela não tinha plano de saúde. Então ela teve que recorrer AO os. Os membros. Sistema é público, foi aqui na unidade de saúde, se consultar a médica passou. É uma medicação para tomar umas e pedir para fazer o exame. Só que por uma Questão de Tempo também esse exame demorava a sair. E não tinha um. O resultado, não é? Depois de mais ou menos 15 dias. É consultando uma conhecida com que tinha conhecimento médico, falou. Olha melhor ela ir fazer uma tomografia para ver

realmente qual é o estado dela aí, constatou que ela tinha um comprometimento grande do pulmão, era quantos por cento na época, acho que mais de 75% comprometido. É nisso. Ela já ficou na UPA recebendo os cuidados lá. Só que a UPA não tem estrutura para internação, né? Então. É regularão. Ela não a transferiu para um outro hospital para um hospital, como foi Isabel. Isabel. É. É que ali, perto do centro. E por uma questão de ser covid, ela teria que ficar no isolamento, numa UTI, numa área de UTI, e o sistema público não tem um, não tinha uma UTI reservado, era uma UTI coletiva, então Era Ela com mais outro paciente. Né? Da do quarto dela, só ela estava acordada. Ela é uma senhora idosa, sozinha, sem a família, então já é um impacto muito grande, né? Com a dor, com a saúde debilitada. É essa mesma conhecida que ajudava a gente é tinha acesso a ela, era a única pessoa que conseguia entrar para falar com ela.

5.Era uma enfermeira?

Resposta: É enfermeira. Aí ela não entrar e levar as nossas mensagens. A tela gravava algumas coisas para levar para ela, gravava, eu tirava foto dela e mandava para a gente, né? Ela era muito religiosa, então rezava o 1/3 juntas. É com a saúde, ia lá e ela ficava tranquila. Né? Mais durante a noite que ela ficava só é quando é? Ela apresentava mais variações nos sinais clínicos, né? Começava a ter uma pior, então ela tinha uma melhor durante o dia e à noite piorava. Mas ainda sem quadro de qualquer dificuldade respiratória. Que é uma questão muito importante, porque é como ela tinha, com o comprometimento do pulmão, é não sabia se o que é muito, muita insegurança, de qual hora deveria entubar ou não e a gente tinha muita resistência em relação a intubação por conta de muitas histórias que havíamos escutado, né? Que que é entubava acabava não resistindo. É, a gente ouviu falar, não, não sabemos. Na época de 11, tratamento utilizando ventilação não invasiva não é que hoje em dia é muito conhecido, mas na época a gente não sabia quando tivemos conhecimento, fomos atrás para alugar uma máquina porque o hospital não disponibilizava. Mas foi a gente sempre tinha aquela sensação de que estava sempre um passo atrás. Então, demorou para levar ela para fazer o exame. Tomografia. Ela demorou um pouco mais para ser é hospitalizada, porque estávamos esperando uma vaga no hu, mas já estava reservado para outra pessoa. Ela Foi pessoal de zabel, aí soubemos tarde desse aparelho que ajudaria no totalmente. Quando a gente conseguiu o aparelho. É o aparente. Chegou lá de pela manhã, no fim da tarde, ela já tinha, já estava começando a apresentar os primeiros sinais de cansaço, né? E aí já era uma exacerbação do quadro. Aí o médico é, indicou a intubação dela. Ela aceitou porque não estava conseguindo respirar. E aí? Mas nisso já já havia passado o período do vírus, mesmo ela ainda já não estava mais com o vírus, já estava mais, foi feito. Já o exame, ela não estava mais, não estava sendo assim mesmo, foi entubada. Foi porque. Ela tinha uma tinha comprometimento do pulmão e contraiu uma infecção bacteriana. Aí estava com uma pneumonia bacteriana também. Aí ela precisou ser entubada. E por conta das medicações da da própria intubação, né? Porque tem que ser dar aí uma outra medicação para controlar a pressão, porque a sedação faz cair. É os rins não suportaram, e no dia na madrugada do dia primeiro de março é, chegou a notícia, não é? E. Como é que ligou para o meu primo? Ela morava aqui, morava junto com ela, morava uma outra tinha com o filho, meu primo e ela moravam juntos. O médico ligou para ele. É, ele não quis falar para para mãe. Porque a mãe é hipertensa, estava de madrugada. Ela podia não reagir

muito bem. E tentou falar com meu irmão, mas meu irmão não estava irmão estava trabalhando. Ele estava de plantão a noite. Ele era funcionário aqui da guarda civil, então estava trabalhando à noite. Não estava atendendo o celular e ligou para mim quando ele, quando eu olhei no celular, que era ele, tava me ligando. Eu já estava esperando a notícia. Não é porque. Numa situação dessa, a gente se preparar antes. Sempre está esperando alguma coisa acontecer. Sempre espera que seja notícia boa, mas a gente se prepara para uma notícia ruim também. Ele ligou para mim. É? Para avisar todo mundo ver que eu queria fazer, porque ele estava sozinho com essa notícia, não sabia o que fazer. Desesperado é muito apegado a minha tia, a gente aqui na família. Somos muito Unidos, mas ele morava junto com ela, é afiliado dela, foi criado em parte Por Ela também. Então a conexão dos 2 era. Mais estreita e atordoado, não sabe o que fazer. É OA conselheira ali, ó. Você se acalma, não vai acordar minha tia agora a sua mãe agora, porque. Não vai adiantar, nós não vamos poder ir lá para fazer muita coisa. Vamos esperar amanhecer para começar AA da loja Estrela acordar, deixa ela dormir bem. Né? Para não ter essa notícia no susto. E passei. Fiquei aqui acordado, não consegui mais dormir depois de uma notícia dessa, eu passei a noite em oração também. É aqui tanto já pedindo Por Ela, tanto como pedindo é força e sabedoria para saber o que fazer. E começou a amanhecer. Meus pais se levantaram muito cedo. É minha tia também aqui. Eles se levantavam muito cedo. E aí eles levantaram, porque na época, se eu não me engano, estava na Quaresma. Eles estavam fazendo a Quaresma junto com frei Gilson, rezando o Rosário todo, todos os dias, às 4:00 da manhã. Então, eu pensando como é que eu ia dar notícia e ligando para o meu irmão? Para tentar é ter outra pessoa para me ajudar, mas meu irmão não estava realmente atendendo o celular e. Esperei o Rosário terminar meu parceiro em rezar. Eu falei, vou esperar ele terminar. É a oração, e depois eu dou a notícia. Cheguei pra meus pais, aí falei, olha, infelizmente. É tia. Arlete não resistiu e Jesus veio buscá-la essa noite. A primeira reação foi de choque, sem saber a notícia. O que fazer, né? Aquela reação de é incredulidade, né? É poucas horas depois, minha tia chegou aqui também com o meu primo, já tinha, já sabia da notícia. E aí, meu irmão chegou, recebeu a notícia? Liguei para o meu outro irmão também para dar notícia. Ninguém estava em muita condição. Avisem da notícia para minha outra tia também. E aí, pouco a pouco, AAA realidade foi. É. Foi batendo Na Na letra e aí começou o choro, começou e sabe o que que ia fazer? E os outros irmãos, né? Que? Eles são 9 irmãos, um já era falecido, faleceu jovem e Ela Foi a segunda dos irmãos a falecer.

6. Então tinham mais quantos irmãos?

Resposta: Quantos? Por que tem? Aqui moram as irmãs. A gente morava, moram as irmãs, é minha mãe minha, minhas 2, minhas outras 2 tias. Aí tem uma outra tia que mora no Rio de Janeiro e mais 3 tiros, então é Quatro Irmãos para receber a notícia. E eu fui encarregada de dar a notícia, não é? É liguei de 1:1 para avisar o que havia acontecido. Todos já sabiam da condição dela. A gente esperou um pouco para a gente, esperava um pouco para dar algumas notícias para eles, para não alarmar, porque eles estavam longe. Não tinha muito o que fazer para não dar uma notícia. Aí eles ficam desesperado. Então, conforme as notícias iam chegando. Da condição dela no hospital, a gente esperava a evolução para passar a condição dela. E quando chegou a notícia do falecimento dela é o que fiquei responsável de passar é

7. Qual era a idade de Arlette?

Resposta: À época, ela tinha 75. Idade, ela tinha alguma outra comodidade. Ela tinha feito cateterismo. Tinha esse problema no coração, mas era bem controlado, era, está era estável. Ela fazia acompanhamento assim muito de perto, né? Então todos os anos ela fazia a viagem para Belém do Pará e lá como ela tinha mais facilidade ela. Todos os check-up dela, pelo menos anualmente ela fazia lá. Se tivesse alguma, é dificuldade aqui, alguns sintomas, alguma coisa, ela ia se consultar aqui também, mas sempre tinha fazer esse acompanhamento. E como era de conhecimento da família toda, todo mundo ficava preocupado, olha essa comida tem sal. Ficava meio que vigiando e auxiliando ela nesse caso. Então em questão é da hipertensão. Estava controlada, mas é um fator é que aumenta o risco. No caso da covid.

8. Como ela pegou têm noção? O qual foi o momento? Ela saiu. Alguém que possa ter saído, trouxe para dentro de casa. Vocês têm noção disso? Daí ela saiu.

Resposta: Ela saía pouco. Algumas necessidades mínimas que pudesse fazer alguma compra que ela teria que ir. É questão de usar cartão de crédito, alguma coisa assim é resolver alguma coisa em banco, mas. Igreja não tinha muita, muita vida social ou de sair muito.

9. Nesse período ela estava indo para a igreja?

Resposta: Estava indo para a igreja e as poucas vezes porque o número de pessoas era limitado por decreto da Diocese. Então ela ia nos horários, mantendo sempre distanciamento social, fazendo uso de máscara, higienização das mãos, todos cuidados. A gente tinha, principalmente com ela, com meus pais, minha tia, que já tinha uma idade mais avançada, então a gente tinha o maior cuidado com ele.

10. Na casa dela, a irmão e o sobrinho também tiveram Covid, depois dela?

Resposta: Suspeita-se que ela acabou passando para eles e eles, como estavam convivendo porque antes da internação dela, passou 2 semanas em casa, não é? Estava tratando nesse período. É mesmo sendo? A família é muito estreita. A gente inventou de ir lá exatamente para não que não houvesse Transmissão, né? Caso fosse covid, não, não, não. Processo para cá e pudesse ter o perigo de meus pais, minha outra tia pegar. É? É contra isso, a doença. Então, mas sempre tentando saber como é que está agora e o único sintoma que ela apresentava era tosse, né? Hoje em dia já se sabe que alguns indivíduos realmente não apresentam. É os sinais respiratórios. É como assim? O combo não está recebendo a oxigenação necessária, mas alguma disfunção ou. O próprio mecanismo do vírus faz com que, em alguns indivíduos, não haja uma resposta, ou seja, é o corpo não tenta compensar, então a respiração não fica acelerada e nem tem dificuldade, mas mesmo assim, existe uma deficiência é de oxigenação do povo.

11. Na época que ela morreu ainda não tinha chegado a vacina, não é?

Resposta: É,

12. No caso, a sua outra tia e seu primo tiveram covid, mas foi tiveram sintomas ou não?

Resposta: Meu primo teve sintomas, mas não foi tão grave. Mas realmente ficou um pouco debilitado, né? Como um quadro de virose forte. E minha tia foi completamente assintomática, não sentiu nada, só descobriu que ela realmente teve por conta do exame que ela fez por ter composto antes de contato. E deu lá o positivo. Ela fez o exame, depois repetiu para para confirmar e realmente ela, seu primo, não precisou ser interno. Não precisou ser especializado. Ficar em casa exatamente.

13. Na época se falava muito da cloroquina no seio que. Eles chegaram a tomar isso daí?

Resposta: Não chegaram a tomar. Até por uma questão de restrição. E não é porque houve restrições, é em relação ao acesso à medicação, né? É precisava de uma prescrição médica e nenhum dos médicos chegaram a receitar, né? Então é. No caso dela, até se demorou um pouco mais. Não me lembro exatamente qual foi a medicação que AA médica que atendeu primeiramente passou. É, mas não chegaram a fazer uso da medicação, né? Dessa medicação específica ou não.

14. Com a morte dela, como é que foi o funeral, como é que foi feito tudo e você? No início, falou que não sabe se foi realmente da covid. Você acha que já não era mais porque já não tinha mais a doença?

Resposta: É, indiretamente, sim, por conta que a covid gera comprometimento do pulmão, então ela tinha uma pneumonia decorrente do covid. E a fragilidade dela por conta desse quadro doença é facilitou. Para ela, contraiu ela, não é? É. Ela teve sequela, né? Mas tinha uma pneumonia. É causada pelo convite também é, e isso facilitou com que ela tivesse uma infecção bacteriana, então gerou uma pneumonia também bacteriana. Então ela já não estava mais com o vírus, então não tinha já é porque é a vida média do do vírus. Era até então, o que se sabia. Por volta de 15 dias. Então de 15 dias, já havia passado desde o do início dos sintomas. O HUT é a internação dela. Ela chegou a ficar internada durante os 10 dias, se não me engano, algo em torno disso. Então, só os primeiros 15 dias, aí mais o tempo de internação já ultrapassava. Ele está colado nesse período.

15, No atestado de óbito dela veio o quê? você sabe dizer?

Resposta: Não estou lembrado agora. O que. O que vinha dizendo? Mas Eu Acredito que tenha se colocado covid, porque, como ela estava numa UTI coletiva com outras pessoas, com covid, eles não permitiram que fosse feito o velório. Então ela saiu do hospital para

um caixão fechado, direto para o enterro. Não foi possível fazer um serviço de velório para ela.

16. Quem fez o reconhecimento do corpo? Houve velório, vocês puderam participar?

Resposta: Meu irmão que foi fazer o reconhecimento, né? Eu acho que meu primo não estava em condições emocionais para. Isso aí, vê lá, naquela. Naquele jeito, não é meu irmão. Foi fazer o reconhecimento. É. ela já estava dentro do caixão do caixão lático daquele plástico, mesmo que é envolto. Eles abriram para que ele pudesse fazer reconhecimento e não teve mais contato.

17. Tem que entrar todo paramentado paramentar foi ele. Teve algum momento ali? Pelo menos de ficar olhando?

Resposta: Ele não teve direito, nem aí. Foi muito rápido. Ele teve parlamentar entrou, fez o reconhecimento e saiu. Foi algo muito rápido mesmo. E de lá ela já foi encaminhada para o cemitério. O enterro a gente teve direito com é, fizemos o enterro, algo tem que fazer muito rápido, porque quanto o corpo dela saiu já foi direto para a cova, como é por volta de umas 2 horas, no máximo, que é basicamente tempo de deslocamento. Meu irmão foi para o hospital. Eu fiquei aqui com os meus pais, é que não foram, já iam direto para o enterro. É, fiquei aqui dentro da assistência. A minha mãe estava muito emocionada também. Ele pertencia, então é tentando fazer com que a pressão dela não subisse, acredita bizarra tudo e eu daqui já fui direto para o cemitério. Não demorou muito, eles avisaram, ó, estamos indo, tá bom, cheguei lá, ela já estava. Né? Já o corpo já estava lá. Conseguimos também. Na pressa, é o padre para fazer Ezequias na rezar Ezequiel. E foi assim. É por volta das 10:00 da manhã, por aí. Então, da madrugada até 10 horas da manhã, ela saiu do hospital mais ou menos por volta disso. É 8 horas, 9 horas da manhã, 10 horas, já estávamos todos lá. Foi só a família mesmo, não teve ninguém de fora. É. É até pela, por uma questão da pressa No serviço nem nada e só o e enterro.

18, Qual a sensação de uma situação em que a pessoa que está bem, de repente adoence e vai para um hospital. Você não pode visitar. E de repente, essa pessoa sai e você não tem direito a ver e não tem direito sequer a velar?

Resposta: É angústia. Bom. É uma angústia muito grande, porque é. Minha tia que morava com ela não tinha, não tinha acesso a ela no hospital. Meu primo não tinha acesso ao hospital. É, íamos visitar, mas não podíamos entrar num vai ficar lá de fora do prédio. Ficávamos ali muitas vezes, orando. Minha tia e meu primo muito mais, né? Eu fui poucas vezes. Ela e a angústia aqui de não saber. E como ela está lá, não tem acesso, não tem como nos comunicar. Como passar essa força, como passar?

19. Não tinha nem o direito a aquelas ligações de vídeo?

Resposta: A gente foi aconselhado a não, para que ela não se emocionasse e isso não piorasse o quadro dela. Porque a variação de emoção poderia fazer com que ela. É piorar, né? É que eles chamam é ter alguma intercorrência, não sei.

20. Vocês se arrependem de não ter feito essas ligações?

Resposta: Sim, bastante. Mas, de certa forma, eu entendo por que era emocional. É. Era algo muito emocional para nós mesmos. Aquele fora, eu imagino o sofrimento dela lá dentro, mas eu imagino a sensação dela. Instalações não poder e poder falar com a gente só um pouquinho. É, como assim? Tem uma gota e depois em retirada, aí eu. É exatamente essa apreensão. Será que ia fazer mais mal do que bem? Era até uma sensação que eu tive é também como meu pai, apesar de ter sido diferente, eu tive a oportunidade de visitar meu pai. Mas é, eu notava essas alterações com ele, quando eu visitava no hospital é alterava muito. Ele tinha uma reação emocional muito grande. Como foi?

21. Caso do seu pai. Quanto tempo de Arlette para Jorge?

Resposta :A minha tia faleceu em março. Meu pai faleceu em setembro, não é? É como meu pai foi diferente porque. É, eu lembro bem do dia. Porque foi assim. Foram uma sequência de eventos que meio que foi engolindo a família, um atrás do outro. É era início de agosto é, nós estávamos, tínhamos a comemorado o casamento de um tio que tinha vindo de do Pará é pra fazer o casamento dele aqui. Né? Família que estava organizando, veio ele. A noiva é, quer dizer, organizamos uma festa só família, mesmo em casa. O casamento foi online, não é se se viu. E há uma recepção, Zinho, só para nós mesmos. A família que é a família da minha tia, que, que e meu primo só. E isso foi na quinta-feira, né? Do decorrer da semana seguinte, minha mãe foi a primeira a apresentar os sintomas, não é não é de garganta, coriza. Alguns sintomas, como se fosse uma gripe, mas sempre o alerta ligado devido ao...

22. O casamento foi na quinta e a sua mãe adoeceu...?

Resposta: Aparece na quarta-feira da semana seguinte. Então a gente conta aí, talvez num período incubação, em algum momento que ela saiu, a gente imagina que ela tenha, é minha mãe tenha contraído. Quando foram ao cartório para fazer assinatura, porque teria que ir no cartório fazer assinatura e ela era testemunha do casamento. Em algum momento. Nesse período, a gente acredita que ela tenha. Vai do vírus? E aí passamos o fim de semana. Venha com a comemoração do. Estávamos todos feliz. Né? E na quarta-feira a minha mãe começou a apresentar alguns sintomas. É e a gente sempre alerta por conta de contas de pandemia, qualquer sintoma de gripe a gente já desconfia de covid, né? Mas ainda é. Ela não queria, estava apreensiva para fazer o exame. É o exame do swab, né? O do cotonete, porque ela ia doer, não querer fazer exatamente OE contra muito grande, não queria. Mas ainda já tratava como se fosse covid. Não demorou muito, foi na quarta-feira, no domingo. O meu pai e meu irmão já começaram a apresentar sintomas.

Né? Pra corrigir depois é eu dormia dividir o quarto com meu irmão. E a partir desse momento eu já mudei de lugares, né? Já fui pra outro quarto na casa pra não ter o perigo de também me contaminar. Em poucos dias depois minha tia também começou a apresentar os sintomas. Já vinha com uma tosse...

23. A sua tia que mora aqui com vocês, com o nome dela?

Resposta: Marizete, como é que começou a apresentar sintomas? Então ficou eu bastião aqui, defende que ainda não tinha contraído, fiquei eu. Para cuidar dos 4, então é nesse momento a rotina aqui em casa mudou completamente. Era todo mundo em máscara de máscara. É? Eles começaram a convalescer mais a ficar na cama, é guardar mais energia, então eu tinha que fazer as coisas na casa e tinha que cuidar deles, né? É. Eu tinha que verificar todos a sorte em relação a minha tia, porque nós já tínhamos mais. Conheci a minha outra tia LED, porque nós tínhamos mais conhecimento. Né? Então eu ficava sempre monitorando todo. Né? Todos fizeram é, fizeram exame, com exceção da minha mãe, que não havia feito ainda. Depois se confirmou. É, mas meu pai fez exame, confirmou. Meu irmão fez exame, confirmou, minha tia fez exame, confirmou, cuidava de todos, monitorando a temperatura, monitorando a alimentação. Tudo como é tudo, a alimentação, algumas coisas que a gente tinha em casa. É que dava para eu fazer para eles. Eu conseguia fazer depois de um tempo eu comecei AAA começar. É pedir comida fora, não é? É e começava a comida para trazer. Com pouco tempo, a minha outra tia é que não mora conosco, não É Ela. Ela estava em Recife. É com o outro filho dela, tem 2 filhos, um mora aqui, o outro morava em Recife. À época, ela estava lá, ajudando com algumas coisas. Ela veio para João Pessoa. É, e aí ela tomou conta da cozinha nesse sentido, né? Ela, ela vinha, ela fazia a comida e trazia para nós aqui. Bem, o que ajudou muito. E eu ficava monitorando todos em relação a ao quadro doença de a temperatura. Olhava a saturação de todos, é picava responsável pelo remédio e dá uma suplementação alimentar também para eles. Né? E ficava. Todo o tempo e regularmente repetindo, é o os. O é o monitoramento para saber como é que ele estavam.

24. Como era o monitoramento?

Resposta: Quase doença, então medir a temperatura olhava a saturação de todos. É ficava responsável pelo remédio e dar uma suplementação alimentar também. Para eles? Né? E ficava. Todo o tempo e regularmente repetindo, é o os. O é o monitoramento para saber como é que ele estava com o qual era o monitoramento feito. A temperatura média, muito por principalmente meu irmão, que tinha febre muito alta, de 40°, 41°, é a saturação. Sempre monitorava de todos, porque às vezes, exatamente com minha tia, não apresentava algum sintoma, mas às vezes estava com autorização baixa. E ali alimentação também em medicação, medicação nos horários, principalmente ou nas medicações que você usava. Para febre é a medicações que Oo, que era passado pelos médicos que faziam a consulta. Não é? A maioria passou antibiótico para ajudar, é analgésico? EEA gente falou e. Antitérmico por conta da febre e da dor. E basicamente isso, no caso da minha mãe, ela ainda chegou a usar. É um dilatador, é um bronco dilatador, porque ela começava

a saturar muito baixo. Ela não apresentava cansaço, não apresentava sintoma nenhum. De respirar respiratório? Nem tocam as armas, apresentando o mais na no monitoramento da saturação dela. Isso sempre caindo, né? Já estava saturando em torno de 90 e 9291 90 e estava ali, num limiar muito perigoso, porque é mais de 90, já começa a ser muito preocupante. Então ela usava o branco dilatador, que é uma bombinha que geralmente quem tem asma usa que ajuda a abrir, né? Os pulmões para que possa respirar melhor. Num primeiro momento, assim, nos primeiros dias, ajudou muito depois de uma semana já não fazia tanto efeito, não é, mas era uma rotina pesada, porque é principalmente à noite e de dia. Eles eles ficavam bem, mas à noite era quando havia muita variação. É a febre, subia muito ou então muito suor. Variação na saturação também. Então, à noite, eu acordava quase a cada hora para fazer o monitoramento. Todo mundo, né? Porque meu pai era o mais teimoso, porque um senhor de 72 anos aí não queria muito estar ouvindo, filho, é com alimentação, apesar de ele ter uma vida extremamente saudável. Se havia alguém em casa com quem, então tinha preocupação nenhuma de que ia passar, praticamente vejo, seria meu pai, porque ele era o kit era mais regrado em alimentação. Ele alimentação dele era basicamente peixe, frango e legumes. Não era muito comer carne vermelha, não era muito de exagerar em outros tipos de comida. É, bebia muito. É pouco assim, mais final de semana em algum momento familiar, alguma comemoração, mas não era de de tá bebendo todos os dias ou de fazer um grande hoje, álcool, bebi ali naquele momento e só. E era atleta, né? Ele corria todos os dias ou caminhava ou nadava, então estava sempre se exercitando de alguma forma. Que levava uma vida extremamente saudável. Então AA preocupação com ele era mínima, não era hipertenso, não tinha assim nenhuma comorbidade além da idade. Né, não é diabético? Ele pertence, não tinha problema renal. Ele tinha assim até então, não se sabia nada em relação a ele. Estava tranquilo, não é? Depois de mais ou menos uma semana de nessa rotina. Não é? É? É. Meu pai sente, começou a sentir uma. Umas pontadas no coração. Aí se preocupou muito. Não tinha muita preocupação de infarto porque não era sintomas muito de infarto, mas tinha preocupação de poder haver algum coágulo que pudesse estar passando por ali, porque o covid gera é a formação de coágulo, né? Então, já foi receitado para ele um anticoagulante Pra Ele, tá tomando em casa e eu o levei para uma consulta para ver se não tinha, né, nenhum problema chegou lá, fez o Eletro, fez, fez o exame de sangue para medir o os marcadores pra ver se tinha algo, alguma formação de coágulo. É. Fora do comum todos os jovens normais refletiu elétrons de sair e tudo normal. Voltamos para casa. É. Passamos o dia no hospital. Esse dia, demorarão muitos exames, mas aí a gente estava bem cansado. Quando chegamos em casa é todos estavam bem. Preocupados com ele, mas o quadro geral de todo mundo era bem. No final da noite, meu irmão começou a sentir cansaço. Ele, minha mãe, são alérgicos algumas medicações, então pra dor e pra febre eles só podem só podiam tomar paracetamol. E parecem estar mal. Como tem uma toxicidade muito ganho, não pode tomar em grande quantidade e a fé do meu irmão era muito alta. Era a febre 40°, 41°. Ele tomava paracetamol, não fazer nem cócegas, não baixava a febre. Oi t um. Aí tomava um, outro baixava por 1 hora, 2 depois voltava a subir. Aí ele começou a sentir cansaço. Ele falou, eu vou pro hospital porque eu não estou aguentando. Chama a namorada dele? É? Quem acompanhou ele foi. Eu. Fiquei em casa cuidando dos que ficaram. Né? Como isso foi no dia 14 de agosto? Minha mãe também começou a apresentar saturação muito baixa, já estava começando a cair de 90, já estava 8988 87, né? Estava muito preocupante. É o conselho que a gente recebeu. Foi de esperar até de manhã, porque à noite geralmente é quando o hospital estava cheio. É muita

confusão, não era o melhor horário de manhã, estava mais tranquilo, fosse melhor para que ela fosse atendida, não é? Não tínhamos buscado hospitalização antes, porque é essa amiga, nossa é que a enfermeira falou, olha. Você chegar lá e não estiver apresentando sintomas que eles consideram para ser internado, mandar você para casa, então você vai para lá, para ele fazer, para ser medicada e voltar. Não adianta ser internado agora, então a gente esperou até o momento em que realmente fosse seguro, mas que não pudesse ficar mais em casa. Então esse era o momento, a situação dela estava caindo da medicação para o pulmão, já não estava funcionando. Eu falei, então vou levar minha mãe pro hospital. Chamei o meu outro irmão, é o mais velho para vir para cá cuidar do meu pai, da minha tia. Quem foi com minha mãe pro hospital? Cheguei lá. É, fizeram todos os exames, constataram realmente quadro dela. Saturação dela abaixa, colocaram no oxigênio. Já para ajudar. Fizeram também a tomografia e a gasometria dela estava saturando muito baixo. É a tua casa dela, estava, não me lembro agora, mas estava bem deficiente e ela tinha também mais de 75% do pulmão. Comprometido? Daí já era um quadro parecido com o da minha tia. Já gera aí toda 11 preocupação grande. Eu sozinho com a minha mãe no hospital, preocupado com os que estavam aqui com meu irmão internado, e aí o mais é AA liberação do plano pra pra pra internar também demorou a sair. É, mas no final das contas foi internado. Foi internado na UTI por uma. Pela questão da idade, também por uma questão de covid, não é, mas. Por Ela ser maior de 70 anos, mas maior de 65 anos, É Ela podia ter um acompanhante diferente da minha tia, porque a UTI era particular, né? Foi um hospital particular por conta da minha mãe. Tinha plano de saúde. E aí? Tinha direito a acompanhante, aí eu pude ficar com ela, já foi um Alívio muito grande, porque ela é muito apegada. Ela precisa ter alguém realmente por perto para dar uma força. E fez uma diferença grande, não é? Ela? A fatura estava tratando muito baixo, tinha horas que fazia apneia. Não é que a respiração parava, me preocupava muito, mas, conforme Oo tratamento foi andando, foi melhorando a ventilação não invasiva que a gente não conseguiu dar a minha tia ela tinha no hospital, hospital é disponibilizava praia lá. Desde o início do tratamento e isso fez muita diferença para a evolução dela, porque isso. É estimulava o pulmão a trabalhar e aí melhorando. E isso fez tratamento dela correr muito rápido. Vai atender, fazer uma pausa.

25. Nós estávamos conversando sobre sua mãe, você estava cuidando dela. Ela na UTI ela já estava recebendo uma ventilação.

Resposta: E fez muita diferença. Eu dava bem para avaliar nos parâmetros dela, lá no quadro dela no. No monitoramento que havia. Estava vendo uma evolução dela, não é? É logo nos primeiros dias já estava com o tratamento que ela recebia. Ela tinha um, estava em bom estado, melhor do que ele estava em casa. Ela não precisou ser entubada em nenhum momento. Só com esse tratamento ela conseguiu. É evoluir bem o quadro dela de covid, né? Era com quem a gente estava mais preocupado era com ela. Porque ela já hipertensa. E podia haver alguma dificuldade para ela, não é? É, e no final foi a que evoluiu mais rapidamente. Assim, mais tranquilamente, vamos dizer assim, não pode ficar com ela todo o tempo. Nós temos entrada no domingo. É na terça-feira. Não na. Na segunda-feira eu já comecei a apresentar algum cansaço porque é. Hospital não tinha nenhum conforto, é UTI. O ar-condicionado é muito gelado, então tinha a questão da temperatura. Ela era toda coberta, mas eu que estava lá não tinha um casaco pra pra me

me auxiliar na época, na naquele momento, porque foi tudo muito rápido. Então eu já fiquei com ela lá e não tive muito tempo para mim em casa. No dia seguinte eu consegui vir aqui pegar algumas coisas para mim e para ela também. E tem as pessoas para levar. Na terça-feira é eu estava até bem, estava sentindo algumas dores, mas estava bem. Foi o dia que meu meu pai foi internado. Na terça-feira? É, eu ainda cheguei ainda este estava no hospital quando ele foi internado para entrar no mesmo hospital que minha mãe. Eles ficaram na mesma aula. É. Na terça-feira, dia 17, pela no período da tarde, ele foi internado porque ele estava em casa, não apresentava nenhuma piora do quadro dele em casa, mas meu irmão que estava aqui estava preocupado que alguma coisa acontecesse, né? Será que não vai demorar muito para hospitalizar vai ficar em casa e tudo mais? E decidiu levar, né? É, é todo mundo concordou até para depois não ficar comprido na consciência. Como ele estava insistindo muito e para melhor levar, né? Porque em qualquer outro caso, para não ficar com peso na consciência de que fez, faltou alguma coisa, levou ele estava o quadro geral dele era bom. É, é só que. Os mais concordaram com a internação por conta da idade. Como ele era acima de 70 anos, já tinha também certo comprometimento do pulmão por conta da covid, menos do que a minha mãe. É? Então decidiram internar ele por questão de covid também isolamento e ter em UTI.

26. Começou a fazer o tratamento, ficou em UTI diferente?

Resposta: Diferente. Primeiro, porque poderia haver risco de contaminação cruzada caso algum deles tivesse outra infecção já existente. Então, para o risco de contaminação cruzada, não é possível ficar no mesmo quarto. Em relação a UTI, não é isso, é o procedimento básico do hospital mesmo e também por uma questão emocional, porque se um começou a se evoluir diferente do outro, poderia causar. É alterar o tratamento, então, até por uma questão emocional também. Quarta diferente, mas a sua mãe sabe? E aquele havia. Minha mãe sabia que ele havia sido treinado, né? É no naquele momento ainda não sabia em relação a essa questão de contaminação cruzada. Eu estava acompanhando minha mãe quando meu pai chegou, eu ainda fui vê-lo, fui ao quarto dele, falei com ele, é, mostrei foto da minha mãe, tirei foto dele e mostrei a foto dele pra minha mãe. Nela estavam assim, coisas de 10 m um do outro. Os quartos eram muito perto. Cheguei a falar com ele, me comunicar muito bem. Eu falei, mas minha mãe tá bem? Tá tudo bem? O senhor tá bem? Tá bem, tá certo. Começa lá e não é ninguém estava muito preocupado com ele, porque ele estava bem e não apresentava nenhuma alteração. Assim muito grande, não é que fosse muito preocupante. Nesse mesmo dia, eu vim em casa. Para. Trocar de roupa, né? Ver outras coisas e para depois voltar ao hospital. Só que logo que eu saí do hospital, logo que eu saí da UTI, né, do hospital eu já senti. É um peso em mim, né? Eu comecei a sentir os olhos mais cansados. É sinais de febre também. Assim que eu saí do hospital. Lá ainda estava bem, mas quando eu pus o pé para fora, eu comecei a sentir alguns sintomas. É com muita dificuldade de chegar em casa, não é? É. E logo que cheguei em casa eu já vi que não estava. Eu estava legal. Tomei um banho, me deitei para tentar descansar, mas quando acordei, eu vi que eu não ia conseguir voltar porque eu já desconfiava que eu estava com o convite e a febre estava muito alto. Eu estava muito cansado, debilitado. Eu falei, não vou conseguir e mesmo nem é bom, porque ou eu vou piorar. Estamos numa consegui dar assistência nenhuma pra minha mãe. Né? E pedir pra avisar meu irmão que tinha ido com meu pai ser internado, né? Meu irmão, que levou o

mais velho. Fiquei em casa já. Desde a seguir é e a partir daí, as notícias que eu recebia era todas, ou através do meu irmão ou da equipe médica. Eu já não conseguia mais ir no hospital porque eu comecei a tratar meu tratamento em casa. É, é também consultei um médico. É, fiz tomografia. Eu tinha 25% do pulmão comprometido. Mas eu não tinha nenhum sintoma. É assim muito grande. Senti muita fé nesses primeiros dias, mas logo passou. Com 3 dias já não estava mais febril. Tinha muita sudorese noturna e acordava encharcado, mas é fora isso não tinha mais outros sintomas. E minha tia ficava em casa também. O quadro dela foi também outro, porque ela não tem plano de saúde. E uma preocupação é que ela precisa ser internada e fosse a mesma coisa. O que aconteceu com a irmã dela? É, mas chegamos aí numa UPA, pagamos uma consulta dela num pneumologista para ver o estado geral do pulmão, como é que estava? E aí vamos, e aí vimos que ela estava estável, não tinha evoluído muito. E aí decidimos, se até ali, em casa, é contratando um cilindro de oxigênio, já para dar um suporte a mais, eu fazia um internamento dela também da saturação. É de oxigênio no sangue. Constantemente durante o dia e também com o dado, estamos um fisioterapeuta já para iniciar 11. Terapia é o monarca, o monarca. Ele já trouxe o equipamento também de ventilação não invasiva para ela, para começar a terapia que ajudou muito porque chegou um certo ponto que ela começava a saturar. Ela faturava bem repouso, mas se ela levanta-se para ir ao banheiro com castração, caia muito. Então esse exercício, a fisioterapia ajudou também bastante, não é? Na evolução dela, em casa, ela não precisa ser hospitalizada. O meu irmão foi o que teve pior de todos. Porque ele chegou a ter 90% do pulmão comprometido. É o tratamento da ventilação convencional, não invasiva. Lá não estava funcionando, é mesmo em hospital, ele não estava respondendo muito bem ao tratamento. Evoluir muito bem num dia, no outro ele piorava. Então foi uma gangorra. Quero muito grande. Foi o que que mais preocupa nós todos. É ele. No início não estava a gente aí depois foi transferido. É para a UTI. Mas é no final do quadro infeccioso. Porque nesse período de 2 semanas tem um período de piora do vírus em que o quadro vai se agravando e depois eu perdi, melhora quando vai melhorando da infecção. Quando foi chegando nesse, nesse declínio da infecção que ele foi melhorando aí nos últimos dias ali ele já apresentou uma melhora boa. Aí já começou. Começava a falar porque a gente não conseguia, porque muito cansado e diz faturava, ele já conseguia falar algumas coisas e depois conseguir melhorar. Depois de uns 2 ou 3 dias, ele já conseguiu a alta. Depois que começou a evoluir bem, ele continua assim e já teve alta rápido. Minha mãe também teve uma melhora muito boa no hospital. É uma evolução estável e depois de uns 15 dias também. Ela teve foi fazendo o desmame do oxigênio. Para ir respirando sozinha, EE apresentou um boa, bons boas taxas e também meu irmão sabe, 15 dias depois, meu irmão saiu na sexta-feira e no domingo minha mãe teve alta. Só quem permanecia era meu pai. Aí focando só em meu pai agora, porque o quadro dele foi um pouquinho diferente do dos outros. Ele já hoje. Olhando com. Com um olhar de mais conhecimento. É, talvez ele já tenha sofrido de alguma falta de oxigenação. É geral, porque desde que ele foi internado, mesmo tendo um quadro geral bom. Quando chegava a parte da noite, ele apresentava resistência ao tratamento. A ventilação, principalmente porque o único problema que ele tinha era. De coluna, ele tinha hérnia de disco lombar, então a posição deitada era difícil para ele. A melhor posição para fazer a ventilação para ter mais disponibilidade do pulmão era de barriga para baixo. Não é só que para ele essa posição povo na coluna era inviável. Então tem que fazer. É na posição normal, não é detalhe normal, já era uma dificuldade para o tratamento e ele tinha resistência e fazer o tratamento incomodava muito e ele queria

arrancar OOOA, máscara do respirador, o tempo inteiro. É por conta disso, decidiram dar uma sedação leve para ele para eles ficar menos agitado. Só que ainda se ele ficava, decidiram amarrá-lo, amarraram ele. Sem ninguém perceber, nem conseguiu sair das amarras. Tirou tudo. Pegaram ele já quase no corredor do hospital, não é da UTI. Aí fala desse jeito, não vai dar certo, porque ele está resistindo ao tratamento. A melhor opção é entubar para que ele possa é ter esse auxílio da respiração. Sem resistir porque ia ter que sedá-lo muito. E essa sedação mais profunda ia comprometer a respiração dele é espontânea, então a intubação era para fazer essa respiração. Por conta dessa inação, ele não havia 11 necessidade entuba mais por conta da sedação, da resistência dele. Precisaria ser sedado e a sedação precisaria da intubação, não é? Ele ficou, não me lembro quanto tempo ele ficou entubado. Acho que menos de uma semana e dessa vez tentaram fazer a extubação e ele não apresentou uma melhora muito boa, ficaram mais um, dois dias, deixaram lá, tentaram fazer de novo. Ele já respondeu bem, conseguindo fazer extubação dele. Coincidindo também com o momento em que ele já estava saindo do quadro viral. A covid já havia passado. Ele estava acordado. E aí ele saiu do isolamento. Continua, entendi, mas não mais isolado. Ele foi para um quarto também, mas numa ala que era mais, digamos assim, para poupá-la da porque nessa UTI? Isolamento de covid lá em que ele estava? Os outros pacientes que estavam lá, ele era o único que estava acordado. Depois foi estudado, né? Os outros todos os pacientes estavam entubados e só tinha ele. Esses 2 pacientes não não interagiram. Todo mundo não tinha muito movimento por ali. Não tem sem isolamento. Aí, gente já podia receber visita. É, podia ter um acompanhante com ele o tempo todo é tinha mais movimento, então era até melhor. Por uma questão, né? Psicológica não tem mais interação com pessoas. E também coincidiu com o tempo que eu melhorei da co. Então, assim que ele sair do isolamento, eu pude visita-lo e aí já fazia visitas frequentes, não ficava com ele antes porque ainda estava doente. Então a gente contratou alguém para ficar lá 24 horas. É tomando conta dele. Enquanto não a gente não podia. Aí é visita-lo, né? Depois que eu passei a visita-lo, aí eu era, estava frequentemente no hospital. E aí é. A perspectiva o prognóstico dos médicos era que em até 3 dias ele fosse melhorar e pudesse ter alta mais ou menos seguindo o espaço que minha mãe seguiu. Só que o quadro pulmonar dele não melhorava. Tentavam é tirar ele da ventilação não invasiva do tratamento respiratório, mas ele não respondia muito bem a sai cair a saturação, ele não conseguia. É segurar. Essa troca gasosa sozinha aí continuava no oxigênio, comer continuava na terapia. Isso foi por uma semana, foi por 2 semanas e mais até não entendiam por que que ele não, a princípio, porque que ele não respondia bem, ele não tinha nada, não tinha problema de pressão, não tinha problema no coração, não tinha problema de Renato, não tinha problema diabético, não apresentava outro quadro, era só que o Sean pulmonar que não evoluía bem. Estagnado, né? Não, não evoluiu. É? Tinha dificuldade para se isi-la para fazer outra tomografia, pra ver melhor, né? A situação, porque ter que isi-la até a sala do exame e como ele não podia sair, ele estava dependendo da máquina para respirar, do oxigênio, fazer o transporte dele. Estava muito arriscado. Eles dependiam só do raio x no raio x dá pra ver algumas coisas, mas é muito limitado. Né? Em relação com a dele, não conseguiram ver muito bem o que estava acontecendo. E ele tinha dificuldade para falar, não, ele é realmente eu. Quando eu estava lá, eu percebia que ele falava com dificuldade, que eu tô cansado. É, e. E aquela variação emocional também que eu via é eu chegava as taxas dele, alteravam todas, aí depois estabilizado para ele melhorava. Quando eu precisava sair, aí ele também ficava emocionado, estabilizado e, às vezes até perguntava, não sei se é, eu estou ajudando ele,

eu estou piorando a situação, porque toda vez que eu vou e tenho que sair as taxas deles AAA, taxa de alterar toda. E quando eu era de noite, ele apresentava é. Rebeldia que a gente chamava, né? Queria tirar todos os aparelhos, arrancar todos os fios, tirar os acessos nessa água em tudo. E brigava com os enfermeiros, todo mundo lá, quando pela manhã ele não lembrava pedir desculpa. Eles não sabem que ela acontecendo e a gente achava que era teimosia dele ou alguma coisa assim. Hoje é já pensando que pode ser alguma coisa ligada a essa má oxigenação que ele tinha. E algumas semanas depois, eu acho que depois de uns 23 semanas de internação é conseguiram fazer 11 tomografia dele com o vídeo, levar ele para fazer a tomografia e viram que ele tinha doença pulmonar obstrutiva crônica. Né? Que já devia ter há muito tempo. Só que ele não apresentava sintoma nenhum, é. Ela é muito ligada a ao tabagismo. Meu pai fumou durante muitos anos, mas ele já tinha parado também há mais de 30 anos, né? Desde que meus irmãos nasceram, os mais velhos. É que ele havia parado de fumar exatamente. Olha. Para não ter nenhum perigo de de causar algum dano para nós quando éramos crianças. Então já tinha acessado trabalhista muito tempo mais as consequências às vezes perderam muitos anos, né? Não tínhamos consciência nenhum. Ele não apresentava nenhuma dificuldade respiratória antes era atleta. E aí os médicos falam que pode ser exatamente por ele. Ser atleta, ele tinha uma resistência. Vamos dizer a esse quadro maior, ele conseguia, é? Viver numa condição, vamos que no limite, sem apresentar nenhuma dificuldade e quando ele teve covide que teve o pulmão comprometido, essas dificuldades começou a aparecer. E aí, quando foi visto lá que ele tinha essa doença ou DPOC? Com as consequências do covide aí, como AO prognóstico dele já não era tão positivo porque é uma doença que não regredi, esse é progressiva. E o que dá para fazer uma estabilização dela e Como Ela É, ele estava numa dificuldade. 11. Situação já debilitado por conta do covide. É esse quadro não vinha melhorando. É? Ele chegou a fazer um 1 e 1 enfisema subcutâneo. Não é que o ar escapou dos pulmões e ficou todo inchado de ar, é no corpo inteiro e a gente na época não sabia o que que era. A gente vinha só ele inchado, as mãos inchadas é o rosto incha, dou o do, o aí os dedos da mão dobraram de tamanho de tão grande que era. Todo ar precisou fazer 11 procedimento cirúrgico para instalar um Grêmio. Para tirar esse água, drenar esse ar, aí ele melhorou. É? Aí, mas falaram que a máscara da da ventilação não invasiva não era muito boa, era muita pressão. Ele não gostava muito, não é? Ele faz o que ele resistisse ainda mais ao tratamento. Conseguiram. É um capacete que existe. É. É um capacete feito de, é como que um capacete, né? Um envoltório assim, ele é feito de plástico, mas envolve o. A cabeça inteira, e ele tem uma vedação de borracha no pescoço, e aí AO mesma ventilação que seria numa máscara direcionada para o rosto. Seria no nesse capacete, então ele está é esse ai o oxigênio seria jogado dentro do capacete e não teria uma pressão direta no rosto? Melhorou muito o tratamento dele dessa época. A gente teve assim é de que a gente foi abençoado com tudo isso que aconteceu, porque muitas coisas que a gente não tinha condição é, foram assim acontecendo, foram dando certo no hospital que de outra forma não teria acesso esse capacete. Se eu não me engano, o custo dele era 11000 BRL 15000 BRL, algo em torno disso. Mais um outro paciente que havia usado doou para o hospital. E como tinha esse já disponível, o preço saiu muito menor. Né? E o plano não cobre, então teria que ser pago particular, não é? Então ajudou muito o tratamento dele, deu um Alívio para ele. Muito grande é o tratamento. Para ele ficou muito mais é, ele resistia, muito menos, né? AA tudo isso deu um Alívio muito grande para ele. Só que como já era 11, digamos assim. Um equipamento de segunda mão, recauchutado, né? A vedação começou a apresentar problemas e aí o ar começava a

escapar e aí é já não dava mais, certo? Porque é como estava escapando, já não era tão eficaz. Vinha do chegar um sapato aqui, pronto. Bom, aí precisou voltar para nós. Dali algum tempo, a própria ventilação já não era o suficiente para teve que ligar o. Oxigênio num respirador mesmo. Porque a pressão da máquina de ventilação não era suficiente. Ele que ser 11 respirador mesmo que faz intubação, só que ainda como não invasiva na máscara. E ele chegou num ponto que ele estava muito cansado. É, e não aguentava mais respirar. Mesmo com a máscara, o oxigênio, inclusive, era um oxigênio de alto fluxo, com 50 l de oxigênio por minuto, né? Oo normal, da canaleta até 5. Ele está com 5010 vezes do que aquela. Normal de ambulatório. E é preciso ser entubado novamente, dessa vez por uma questão mesmo de necessidade. E para nós, foi meio que um baque, porque eu estava esperando cada dia o quadro ele melhorar e cada dia o quadro piorava e os médicos também estavam frustrados porque não entendia. Que é melhor não a melhor e porque não melhorava. Né? Ele, ao longo do percurso, chegou a ter três médicos que estavam de plantão ali na UTI, né? Desfaziam é rodízio, conhecemos os 3. E sempre em contato, recebendo AA as notícias, ali é o prognóstico dele todo. E ele precisou ser entubado. É? Se não me engano, foi no. Eu não me lembro exatamente o dia de 7 em setembro já e já estavam mais ou menos um mês no hospital. Ou até mais? Essa segunda intubação durou 9 dias porque eles não queriam prolongar por risco de. É infecção, é por bactéria e piorar ainda mais o quadro dele é. Ele chegou a ter uma infecção também no hospital, num piorou muito o quadro dele, porque os médicos já trataram logo de cara com um antibiótico é e conseguiram frear ali. A infecção que ele tinha. Mas aí o quadro não melhorava. Depois, fizeram a turbação dele. É a conseguir a dificuldade de respirar muito grande, então a recomendação que ele ficasse pelo menos um pouco sedado, vou ficar somente consciente, para que não piorasse o quadro, né? A dificuldade dele era muito grande. E no final, assim, na última semana, foi uma semana em que. É, a gente estava lá. Todos os dias todo mundo, né? Porque a gente sempre ia, mas não ia. Todo mundo todos os dias para não encher o hospital, ela ficar um lugar muito cheio e mesmo ele não queria que minha mãe fosse, nem minha mãe, nem minhas tias. Ele tinha muito medo. Recomendação desde o início dele é que não deixa a mãe vir, não deixes virem. Porque ela já chama acabou de sair do hospital, sei lá pegar de novo isso daqui não deixa ela ver a preocupação dele toda era com ela. Eu não queria e a gente chegava lá e não chega muito perto para você não pegar de novo também pra não pegar nada. Ele, meu pai era assim. É ele se colocava assim. Por último, a preocupação dele aí com todo mundo. E nessa última semana, é minha mãe, como ele estava um pouco mais sedado, minha mãe teve coragem de. Ela ia, eu levava, né? Fazíamos oração lá juntos. A gente descia para mim estes poderem subir também, olhar e tudo mais, porque só pode poderiam estar 2 pessoas no quarto. Junta e depois só poderei de dois em dois. Né? Na quinta-feira? Conseguimos é subir todos da família. É eu, meu irmão, que já tinha tido alta, minha mãe, minhas tias, só faltou meu outro irmão, que no dia estava trabalhando. E a namorada do meu irmão, né? Ela conseguiu, falou com os médicos para ele, estava sozinho no quarto, não tinha perigo de ter outros pacientes lá. Ele estava sedado. E pediu para que a família toda pudesse subir. Então subimos todos, ficamos com ele ali, não. Não estava consciente ou semiconsciente, não é? Minha mãe falava com ele, eu falava com ele, meu irmão, ficamos lá num momento assim, que não era a intenção, mas naquele dia parecia uma despedida, né? Eu lembro assim, todo chorando, todo mundo, todo mundo muito emocionado de vê-lo naquele estado, meu pai que era. Um homem de vitalidade. Porque ele estava muito debilitado, muito magro, é a fisionomia dele. Era completamente

diferente daquela que a gente conhecia, então era difícil vê-lo naquele estado. E aí? Aquele dia, sim. O clima parecia despedir. Né? Por mais que ninguém querer, se quisesse admitir, porque a gente nunca quer pensar nisso. É, mas era esse clima. Chegou no final do dia, nós viemos para casa. Iremos voltar no dia seguinte, na sexta-feira. Agora com um velho também, e aqui ele estaria. Ele estaria livre no dia seguinte. É, e a gente sempre chegava cedo, sempre quando a gente ia visitar, ele chegava antes das 3, que era o horário da visita para as 3, a gente poder aproveitar ao máximo o horário. Aí na sexta foi até engraçado, porque investir nesse agravamento do quadro dele eu já havia falado com alguns quadros que eu conheci para poder levar a unção dos enfermos para ele. Eu falei com o padre da Paróquia, que na época estava um pouquinho ocupado e demorou a responder. Mas Padre Cláudio me respondeu e prometeu ir lá no outro dia. Ele recebeu a unção dos enfermos. Isso foi na quinta-feira, depois da Quando foi na sexta-feira, íamos todo mundo de novo para o hospital para visita-lo. É, acabamos atrasando a primeira vez que a gente atrasou. Sempre chegava antes porque íamos deixar 11 equipamento para conserto. Vamos buscar a namorada, o meu irmão quando estava no meio do caminho, ela se tocou que tinha esquecido alguma coisa em casa. Fizemos o caminho de volta para casa dela e depois fomos pro hospital. Aí chegamos um pouquinho atrasados. Pouquinho depois das 3. Bloco, a gente chegou lá na recepção. É avisaram que o médico havia pedido para a gente esperar. Minha mãe não estava entendendo, minha tia não estava entendendo, mas eu já tinha um pouquinho mais de experiência e conhecimento. Eu falei, alguma coisa está acontecendo ou está vendo alguma coisa? Eles estão tentando reanimar alguma, ter conheço com meu pai. Bom, meu pai faleceu. Nessa hora eu já saí, já tinha essa desconfiança, já sabia mais ou menos. E aí? Mas não quis dizer logo porque não tinha confirmação do que que era pra falar. Eu acho que meu pai faleceu ali naquela hora, minha mãe desabar no meio da recepção da história ser interessante. Vou esperar. Aí liberar o nosso acesso, subimos para a UTI logo que a gente chegou na recepção da UTI, estava lá. O médico, assistente social e a psicóloga. Eu já entendi logo de cara. Aí nos sentamos lá, é. Meu irmão, que estava com o namorado, chegou logo em seguida. Meu outro irmão também chegou logo em seguida. Todo mundo meio que foi se juntou lá e o e o médico deu a notícia que ele havia falecido às 3:00 da tarde. É, tentaram fazer a reanimação dele, mas não foi possível. E aí foi declarado o óbito. A primeira reação foi de choque. Quem está acontecendo é verdade, não é a gente. A notícia não cai logo. A ficha não cai, não cai. E não teve reação minha, a minha mãe mesmo falou na hora, não sei, não senti nada porque eu não entendi. Para mim não estava acontecendo. Conforme foi passando alguns minutos aí foi caindo a ficha, aí todo mundo foi tendendo, aí as emoções começaram. Aflorar, não é? Todo mundo começou a se emocionado, num começou a chorar. É nesse momento, mas como estávamos todos reunidos, pelo menos foi mais reconfortante que um consolava o outro, né? É a nossa fé católica, então o fato dele ter é ter acontecido às 3:00 da tarde. Para a gente é muito emblemático que é a hora da misericórdia de Jesus. Então, para nós é a um momento de fé. A gente vê aí que até nesse momento foi uma misericórdia. Que Deus. Recebeu um som dos enfermos 2 vezes, foi levado às 3:00 da tarde. O seu pai mesmo era uma pessoa muito religiosa. Meu pai era uma pessoa muito religiosa. Mesmo no hospital ele ficava lá rezando o texto e assistindo a missa pela televisão todos os dias. Ele era muito, muito devoto. Assim em casa também de rezar o 1/3, ler a palavra todos os dias. De ir à missa sempre é. É também a criação que ele deu para a gente. Então o exemplo dele é muito forte. É assim? Não tenho nada de mal pra falar do meu pai, tá? Ele era um ser humano, tem um defeito, não tem. Ele não era perfeito

em tudo, mas para mim é ele foi o pai ideal, foi um pai incrível, era um pai presente, era. É presente mesmo, não só de estar aqui. É provendo para a família, mas de participar e se interessar na vida dos filhos, de brincar com os filhos, de passear com os filhos, tá? Sabe o que que tá acontecendo de ser AA é parceiro mesmo de de estar junto e incentivar, principalmente, era uma coisa assim dele, de de. Sempre que a gente voltava do trabalho ou da faculdade da aula, alguma coisa. Sempre ele recebia como uma festa. OPA, seja bem-vindo e ou então sem falar meu filho, eu sou seu fã, eu sou seu fã número 1. Eu aqui a gente em você, então sempre foi uma. Quem foi o pai que incentiva? Vá. E sempre se preocupando com todos, então. Primeiro, vê, está todo mundo bem que está faltando alguma coisa para alguém, quando todo mundo estava estabelecer, todo mundo estava bem ele. Fazer as coisas para ele, então ele sempre se colocava por último, não? Ele pensava primeiro, todo mundo para depois é fazer as coisas para mim. Eu falo assim em relação a supérfluo, né? Em relação à saúde, também sempre se cuidou, sempre era muito saudável. Até por isso a gente tinha essa resistência de entender por que que ele não não melhorava, não melhorava. É pela, por essa questão do covide a ter passado. É logo no início, não é da internação dele. Ele fica internado 40, entre 45 a 47 dias. Ele só ficou no isolamento em questão de 15 dias. Em relação a covide? Depois de sair do isolamento? E aí é o convite. Já não era em si uma questão, era mais a questão pulmonar. É o reconhecimento dele. Foi feito também pelo meu irmão. Do meio? É, ele quis essa responsabilidade. Na verdade, nem avisou para ninguém. Ele foi lá e fazia conhecimento e quando a gente viu já já tinha feito. É, mas aí a gente teve todo é a. O direito de fazer? Todo o funeral? É com tudo, né? Ele foi para uma casa funerária, gente. Teve direito a velório. Eu tenho velório. Em quanto tempo foi normal? É muito normal ele. Eu falei só as 3 da tarde, só chegou No No cemitério por volta de mais 7 horas da noite por conta da da liberação da preparação, né, do corpo, tudo mais. E aí ficamos no velório a noite inteira, até o outro dia de manhã. Né? A família toda reunida lá, o alguns conhecidos que foram chegando também ao longo do desse tempo. E foi enterrado na sua pôde ser aberto, pode ser aberto, exposto para todo mundo. Podemos nos despedir, fazer as orações, tudo ali, olhando para ele.

27. No caso do atestado de óbito dele deu o que?

Resposta: Não conta como covid deu, é sepse, né? Uma infecção generalizada e decorrente é tanto do DPOC como sequela da covid. Acredito que conte com sequelas de covid.

28. André, deixa ele perguntar alguma coisa que você gostaria de acrescentar. Como assim, hoje em dia? É que avaliação vocês fazem de todo esse problema, dessa doença e tudo mais.

Resposta: Olha. Foi uma doença que deixa assim uma cicatriz muito grande. Né? Nas perdas que nós tivemos, assim, foi questão de 6 meses, mais ou menos uma para outra. É minha tia. Foi 11, primeira rasteira que nós levamos muito grande, então, quando nós estávamos começando a nos restabelecer aí. A conta do meu pai faleceu e aí foi 11. Um pacto acredita até que o maior, porque minha tia, ela era mais. Reservada, ela era mais

quieta. Meu pai já era uma Alegria. O meu pai é. Acho que esse nome vai ser a vida. Ele era alegre, ele era para cima. Ele era animado. Então como fazer quando chegava em casa, ele fazia festa. Ele gostava de agregar a família. Ele gostava de estar todo mundo junto. É domingo, nós temos o costume de reunir a família inteira para ter um amor de domingo, então minhas tias vinham muito aqui e ele era o anfitrião que recebia todo mundo. Ele faz, faz, nem a brincadeira que todo mundo, inclusive, era muito bem-quisto pelas cunhadas, né? As cunhadas o viam como um irmão mesmo.

29. A propósito, a tua tia e teu pai eram irmãos ou cunhados?

Resposta: Cunhados, mas uma relação estreitíssima, né? É minha tia tanto por parte da minha tia que tinha grande afeto do meu pai. Quando o pai do meu pai, que tinha grande afeto por mim, pela minha tia, então Pra Ele foi um impacto muito grande na no falecimento da minha tia, né? E pra todo mundo é ir pagando. Meu pai também foi. Generalizada assim. Do mesmo jeito que, porque aqui para minha tia, tanto na família dele como na família dela. Assim, A sensação que eu tenho para os meus tios maternos, né? Os cunhados do meu pai todos foi como se eu tivesse perdido o próprio irmão. Tamanho era a relação que meu pai tinha com a família da minha mãe. É muito próximo. Como conviver com toda com essas duas perdas?

30. Como vocês fizeram para superar essas duas perdas?.

Resposta: Olha, muito difícil se unindo cada vez mais e, psicologicamente, tivemos auxílio na fé. Não é de não ver que é uma realidade. Vamos dizer assim, a morte é uma realidade inevitável para todos. Infelizmente, eles partiram naquele momento, a dor é muito grande, mas que. Não havia muito que nós pudéssemos fazer dali da frente, era tentar aceitar e rezar por ele sempre e mantendo a memória. É todas as boas, os bons momentos e boas lembranças que nós tivemos com com ambos. Emocionalmente uniu mais a família aqui, né? Muito mais, né? A convivência, que talvez não fosse diária de todos, passou a ser diária, então todos muito reunidos diariamente, sempre muito junto com mais ainda. Já tinha uns laços estreitos. Foram estreitados mais aí. A com relação ao meu pai, claro. O impacto maior foi para minha mãe. Não é porque é a companheira dele de mais de 40 anos, então é os 2 eram sempre muito Unidos, eram foi para ela superar isso daí que ela perdeu a irmã EE muito mais. Muito difícil é pra com relação a minha tia. É até em palavras dela. Bom, é. Para ela, a sensação não era que me atinja. Havia falecido. A sensação era de que minha tia havia viajado. Como ela fazia costumeiramente, pelo menos uma vez por ano eu viajava para o, para o para o Pará. Então, era como se ela tivesse viajado e simplesmente não estava presente. A sensação não era que ela havia morrido, mas apenas que não estava aqui. Com a morte do meu pai em paz foi muito maior porque os dois eram. Dá para se dizer, unha e carne. Os dois já eram aposentados há muito tempo. É a rotina dos dois, era muito próximo. Então? Todo o lazer praticamente de ambos. Os dois estavam juntos, saíam juntos, eram companheiros, é muito companheiro de vida mesmo, sabe? Uma festa e os dois para sair em um restaurante, supermercado, qualquer lugar, estavam os 2 juntos. Mesmo quando o meu pai tinha uma consulta que era só ele e minha mãe, não, eu vou com você, vou lhe acompanhar. Minha

mãe tinha uma consulta, vez por outra, como meu pai tinha algum impedimento, eu a levava, mas em geral, ele que é com a. Ele era. A segurança dela. Nela se apoiava muito nele. Ele dava esse papel, sempre foi. Ele sempre fez esse papel de passar segurança para a família inteira. Não é assim, é. E se coloca emocionalmente, não é? Então perder meu pai foi um impacto muito grande para ela. Ela teve. Ela tinha muito medo de ficar em casa só. Né? Então tinha que postar eu ou meu irmão? Para tentar passar essa segurança para ela, é pra sair. Ela não te não. Não queria sair sozinha, só se fosse comigo ou com meu irmão. Então? Ela perdeu assim, um pouco AA. Teve muita insegurança de estar só, né? Pra Ela, foi um impacto muito grande. E se emocionava todos os dias, porque era o companheiro dela que estava ali junto dela todos os dias, com quem ela dormia, com quem ela acordava, com quem ela brigava com aquela, conversava. Ele dormia muito. A gente até brinca que ele dormia muito cedo e ela muito tarde, mas a gente sempre acordar em algum momento na noite. Então no momento que ele estava acordando, eu estava indo dormir. Eles conversavam. Era um momento ali de conversa dele, às vezes no meio da noite. Aí levantava um pouco e era a hora que ela ia domingo, mas sempre tinha esses momentos assim. Pequenos, não é sempre que eu levantava à noite, às vezes eu ficava parado eu ficar com ouvindo a conversa dele e falava sobre a infância dele. Ela falou sobre a infância dela, sempre eles estavam assim. Uma troca muito grande entre os 2. E aí parte para Ela Foi e gigantesco. Hoje em dia, elas emocionam demais, assim, sente muita saudade dele estar, chora bastante, não tanto como. É no início já tem 1 ano e meio. Foi muito recente, ainda tem aquele resquício de insegurança, algumas coisas ela só consegue fazer se eu estiver junto. Mas ela já tem mais autonomia hoje em dia, já consegue fazer muitas coisas sozinho. Mas no início foi muito difícil. Quem está do lado dela o tempo inteiro é ali para passar a segurança e eu senti assim, é impotência. É, primeiro, é o que eu sabia que ela tinha que passar por aquele momento de sofrimento, mas é importante não poder fazer nada para aliviar. É aquela situação. Para ela, é muito difícil, legal.

ENTREVISTA 6 – EXTRA SOBRE O LUTO

ENTREVISTA COM O PSICÓLOGO E TAMBÉM PROFESSOR DE COMUNICAÇÃO LUIZ AUGUSTO DE CARVALHO MENDES SOBRE O LUTO E OUTROS TEMAS DA PANDEMIA DA COVID-19

1 - Professor Luiz Augusto, fale-me um pouco sobre o que é o luto e como vivê-lo?

Resposta: Luto. Vamos lá, o que que a gente tem que entender? O luto é antes de tudo, perda. Então a gente perde alguém, e quando a gente fala em alguém, eu quero que a gente pense nas dimensões dessa pessoa. Então vamos pensar: Você quando perde a mãe, você não perde apenas uma mulher, você perdeu a mãe, você perde o apoio afetivo, você perde uma pessoa que tinha toda uma rotina dentro de casa, ter cuidado dos filhos, do marido, cuidado das pessoas. Nesse caso, aí nós podíamos ter uma mulher que trabalhava. Então nós vamos ter uma perda financeira e, acima de tudo, uma perda psicológica, não é? Geralmente, quando a gente fala de mulher, está falando de cuidado, daquela pessoa que escutava, daquela pessoa que gerenciava vários processos. Então, quando a gente pensa

em luto, pensa em perda, a gente tem que imaginar quem é aquela pessoa que a gente perdeu, mas também os papéis que ela fazia. Quem era aquela pessoa na nossa vida? Então, quanto mais relacionamento nós tínhamos com ela, mais nós vamos sentir essa perda, essa ausência desses vários papéis. Então, não é um corpo que está indo. É uma pessoa cheia de história, cheia de singularidades, cheia de vida. Então, eu vou me colocar no exemplo da mãe: a mulher que me gerou, a mulher que me pariu, que cuidou de mim, que me amamentou. Eu tenho uma história ali. Então o luto é perda de toda uma história, de todo o vínculo que se construiu durante toda uma vida. Da mesma forma, nós podemos pensar um pai, nós podemos pensar um amigo, nós podemos pensar um companheiro ou uma companheira, um irmão. Não é só um corpo que a gente está perdendo. Nós estamos perdendo uma vida, uma história, uma construção que foi feita. Então o que a gente tem que entender do luto é que eu posso pensar que são muitas perdas no mesmo momento. E aí, como é que a gente tem que pensar o luto? O luto precisa ser vivido. Quando a gente estuda um pouco de filosofia, a gente vai entender que uma das primeiras escolas da filosofia tratava das tragédias. As tragédias gregas. E elas tinham uma finalidade muito interessante, elas nos ensinavam a entender que a na vida teremos algumas tragédias, algumas perdas. E aí você pensa no dia de hoje, nessa sociedade onde tudo tem que ser belo, perfeito e organizado. No mundo digital dos instagramáveis, a gente nunca perde. Alguém disse aí, em algum canto, que a gente tem que ganhar sempre. Então, o que eu penso que hoje a gente tem desnaturalizado, não sei se existe essa palavra, mas nós estamos tornando algo estranho, um processo que é natural. Eu, quando criança, eu vi pessoas morrerem. Eu vi o último suspiro, não é? Hoje, não. Hoje alguém sai numa ambulância, vai para o hospital e quando volta, muitas vezes, volta um caixão lacrado. Então, a morte ela deixou de ser algo doméstico para ser algo institucionalizado. Isso vai dificultando o nosso contato com a morte. Isso vai dificultando a nossa naturalização da morte. Eu acho que não estou falando de tragédias, mas esse processo da gente se acostumar. Então hoje existe em alguns casos, que eu não posso generalizar, de que você tem que ser forte. É, a pessoa morreu, mas agora você tem que ser forte, você tem que superar. Não. No primeiro momento, seja sincero com seus sentimentos. Quer chorar? Chore. Quer sentir saudade, sinta saudade. É lícito, é justo. Foi uma vida toda que aquela pessoa teve com você, tem uma história. Então, sim, a tristeza faz parte dos sentimentos humanos e é saudável quando nós vivemos essa tristeza. É saudável nós sentirmos o luto, sentirmos a falta, sentirmos a perda dessa pessoa nessas várias estâncias. É muito importante que a gente entenda que o luto é para ser vivido. O luto não é doença. Muitas vezes, as pessoas falam assim: “Mas tem pessoas que viveram o luto e depois caminharam ali e desenvolveu uma depressão”. Se há depressão, foi causa de vários fatores da vida, que talvez no momento de estresse maior, ela foi, vamos dizer assim, desencadeada. Mas luto não é doença. Luto é um momento triste, sim, que precisa ser vivido. Alguns ditados populares dizem isso: “Viva o luto no momento dele, para não viver de luto”. Ou seja, aquele luto complicado que a gente chama de luto mal resolvido, que você não consegue sair dele. Apesar de que, eu costumo dizer que luto não acaba. Eu gosto desse pensamento. A gente vai se acostumando com ele. Por exemplo, eu perdi meu pai há mais de 10 anos. Mas, de vez em quando, eu me sento ali na cadeira, numa rede, lembro dele com saudade. Eu vivo um pouco do luto. Mas como faz um bom tempo que ele se foi, esse luto já está mais acomodado. Já estou mais acostumado com essa ausência. Aqueles vários papéis que meu pai tinha, a gente foi reestruturando, foi organizando. A vida continuou, mas sim, ainda tenho saudade e possivelmente eu vou levar essa saudade até o fim da minha vida.

2 - O que é o viver o luto para não viver de luto?

Resposta: Pronto, boa pergunta. Viver o luto é deixar-se sentir as emoções que você está sentindo. Como que eu vou dizer isso na prática: Estou triste? Sim, eu estou triste. Quando a gente está triste, se a gente fugir da tristeza, ela volta em outro momento. "Ai, eu queria chorar, eu estou com saudade daquela pessoa amada". Então chore, é lícito chorar nesse momento. "Eu queria ficar quietinho". Fica quietinho. Você não precisa ser forte nesse momento. A gente não quer que você viva assim direto. Mas é necessário parar e pensar: Por que que eu estou com saudade? Você relembrar, trazer a mente as boas memórias ou os momentos de dificuldades que passaram juntos, as superações, as histórias. Então, viver o luto é escutar suas emoções. Viver o luto é entender que as emoções fazem parte do ser humano. "Ah, mas eu estou muito triste. Quando tomo café, eu lembro que eu tomava café com ele". Lembre. Não tem problema de lembrar. Traga à memória com as coisas que trazem esperança, que te trazem aconchego. Então, viver o luto é ser sincero com as suas emoções, escutá-las. Ter uma conversa: "Por que que eu estou triste? Eu mereço estar triste agora, pois estou sentindo muita falta. Eu estou lembrando das histórias". Lembre das histórias, rememorize essas histórias. Eu costumo dizer que, o velório é o momento que a gente, de certa forma, materializa visualmente. Que a pessoa está ali no caixão. Tem gente que diz que não gosta de ir a velório, a sepultamento. Respeito não tem problema nenhum. Mas eu também gosto de ver aquele memorial, porque faz parte do processo de despedida. Eu vou falar muito do meu pai no velório, porque o meu exemplo mais próximo. E eu me lembro que no velório, eu contava as histórias dele. Eu escutava as histórias dele e as pessoas que iam estar conosco ali, dando apoio afetivo, emocional, fazia muito isso: "Eu lembro de tio Tonho em tal situação". Então, eu lembro que o luto bem vivido é aquele que você permite viver as emoções de um luto e sentimentos de um luto. As memórias de um luto e entender que aquele processo ali é um processo que você vai reconstruir. Então, luto é, antes de tudo, reconstrução. Tem algumas teorias, os estudiosos do luto, tem uma autora, Ross, que ela é muito famosa, que trabalhou com isso, ela vai dizer que o luto tem fases. Apesar da gente não pensar nessas fases como algo obrigatório, sequencial, ela vai dizer que muita gente vai negar, dizer que não aceita a morte, que não quer que aquilo tenha acontecido. Fica com raiva. Às vezes se pergunta, por quê? Mas pessoa tão boa e tal. E barganha, ó Senhor (quem tem vertente mais espiritual), por que tu não me levaste? Por que levou ele? A gente entra na depressão, depressão aqui não a doença, mas o sintoma. Mas chega o momento em que a pessoa vai dizer: "Poxa vida, eu não posso fazer nada". E sente naquele momento que é incapaz, insuficiente, impossibilitado de fazer alguma coisa, então aceita. Quando a gente fala nesse processo de aceitação, não estou dizendo que a gente gosta do que está acontecendo. Dessas fases que eu falei: da negação, da raiva, da barganha, da depressão e da aceitação, elas não vêm nessa sequência. Tem hora que eles variam, às vezes vai mais forte ou tudo vai depender da história de vida da pessoa que está vivendo e da história de vida de quem foi também. Mas eu acho que tem uma fase aí, que a gente chama de aceitação, eu gosto de chamar de reconstrução. Aí sim, para mim essa é a fase mais difícil do luto. É quando eu digo assim, eu tenho que continuar. Eu que fiquei, tenho que continuar e vou continuar com a minha saudade. E aí é que é importante a gente entender, porque que às vezes o luto ele é difícil, porque para continuar eu tenho uma lacuna, aquela pessoa que se foi deixou uma lacuna. Poxa vida, vou continuar com o exemplo da mãe. Com quem é que

eu vou conversar agora? Era a mamãe que me escutava. Qual ombro que vai ficar pra eu chorar agora? Quem é que vai me aconselhar? Quem é que vai me direcionar, como ela sempre me direcionou? Aquele aporte financeiro que ela dava dentro de casa, porque ela trabalhava, quem vai suprir esse aporte financeiro e as atividades que ela fazia? Quem vai gerenciar agora? Quem vai tomar o canto de mamãe, tomar o canto dela, que ninguém vai tomar, né? Mas como é que eu vou reconstruir aquele espaço afetivo sentimental, financeiro, material que ela dava? Então, a grande dificuldade do luto é justamente essa. Além da saudade, da memória, eu tenho todo um espaço, toda uma vida para reconstruir.

3 - Dentro do luto, a pessoa pode sentir algum momento de alegria, de sorrisos ou não?

Respostas: Tem. Depende das suas memórias. Eu lembro muito que quando minha avó faleceu houve um momento engraçado. Eu era muito jovem, ainda uma criança e tinham os mais velhos velando minha avó. E tinha um monte de primos juntos. E minha avó tinha uma coisa. Sabe essas avós clássicas, que dá o dinheiro escondido, que faz aquele chamego pro neto. O papel clássico de vó, né? E a gente ficou no velório lembrando dos momentos que Vovó fazia esses carinhos pra gente, que ela brincava com a gente. Veja só, no momento do velório a gente tendo lembranças boas. Saudosas, mas boas. Aí a gente ria, contava piada. Tanto que houve um momento que foi delicado e eles pegaram as crianças e os adolescentes tudinho, e afastaram do velório porque a gente estava rindo, mas rindo da memória boa. Então, sim, é uma junção de sentimentos. A gente pode ter memórias muito boas. Às vezes, as pessoas vão para velório por respeito à família, para dar as condolências, mas, também, para encontrar as pessoas. No velório também tem isso, o reencontro. Aquela pessoa diz: "Eu estou aqui, ó, não sei o que fazer, mas eu estou aqui no teu lado, te apoiando". E mesmo no momento de tristeza a gente tem aquele aconchego de dizer, poxa vida, eu tenho parceiros que vão me ajudar nesse momento. Então, no luto, eu acho que a alegria é o que faz a gente chorar. Foi uma vida de tantas alegrias que eu vou ficar com saudade dessas alegrias. Então, a alegria está ali também, mas vamos pensar nos momentos iniciais do velório e sepultamento, é uma alegria, mas que a gente tá chorando porque está com saudade dessa alegria. Eu queria viver essas memórias e essas memórias alegres, boas, são que vão me ajudar no processo de luto.

4 - Quando uma pessoa perde um ente muito querido, como você está falando, é enorme a angústia e tudo mais. Mas existem esses rituais que, ajudam o luto. E quando uma pessoa perde mais de um ente e não lhe é dado o direito sequer de velar o familiar o amigo, o que pode acontecer com essa pessoa?

Resposta: Vamos lá. Se eu já estava dando o exemplo que uma ausência é difícil, imagine duas ou mais ausências? Então, a mãe que se foi já deixa saudade. Imagina a mãe e o pai juntos. Então, poxa vida, se tiver sido uma, eu ia chorar com o outro. Mas agora que foram os dois, e vou chorar com quem? Ou seja, o que eu estou dizendo é que aumenta aquele espaço, aumenta aquele vazio, aumenta a perda. Então, possivelmente, a gente fala em possibilidade, o momento de angústia, o momento de sofrimento, o momento de memórias, ele vai se ampliar. Com certeza, vai haver aí um dificulta dor mais. Aí você

perguntou: e a ausência dos rituais? A ausência dos rituais é muito forte também, porque é importante. Uma vez me perguntaram, criança pode assistir um velório? E eu disse, converse com a criança. Porque se a criança estiver consciente do que vai ver, se ela quiser participar, e se os pais perceberem que ali - lógico que vai depender da idade e da explicação naquela idade - que a criança está consciente, não tem problema nenhum. Porque ela vai se acostumar com um processo natural que a morte, e na morte, por incrível que pareça, a gente celebra a vida. Um velório com muita gente, não é quantidade, mas um velório quando as pessoas estão ali presentes, elas estão, na verdade, declarando: eu estou com saudade de uma vida. Então, quando a gente perde esses processos, o nosso processamento dessa perda vai ficar um pouco mais complicado. Porque ali a gente vê aquele caixão e ele é simbólico, ele fecha. A gente coloca a pessoa ou num sepulcro, num buraco, na catacumba, e então, a gente fecha e a gente sela. Eu sou do interior, de um tempo em que as pessoas jogavam areia. Aquilo era um símbolo. Você pegar areia, enterrar aquele ciclo ali. São momentos que a gente vai reforçando o fechamento daquilo ali, a despedida. Além da despedida, tem o acolhimento. As pessoas ali presentes é como que dizem: Ó, eu estou sofrendo com você, eu estou aqui para lhe ajudar. Tem esse compartilhamento. Então, no primeiro momento, é um momento de despedida. Mas no outro momento é o meu momento de compartilhamento de familiares, de pessoas próximas que estão se juntando em comunidade para dizer, eu estou aqui apoiando. Quando eu tenho essa perda aí, desse momento, o luto vai ficar mais complicado, mas isso vai depender de quem vai viver esse luto. Uma das características do ser humano é adaptação. Agora, com certeza, existe aí um déficit que a pessoa vai ter que compensar. Nesse período da Covid, que se assemelha muito ao que se está falando de perder mais de uma pessoa na mesma família e não fazer esses rituais. Geralmente, o que que a gente via na TV e o acompanhei em alguns casos, o corpo vinha, nem parava na casa, ia direto para o Cemitério, e uma ou duas pessoas da família podiam acompanhar o sepultamento, dependendo do caso, o caixão vinha lacrado. Muitas pessoas criaram rituais alternativos. Por exemplo, aquele familiar que foi e filmou o sepultamento para que as outras pessoas acompanhassem. Reuniões virtuais no ano de 2020. Mês de agosto daquele período em que a gente teve muitas mortes, criou-se rituais alternativos e a tecnologia, nesse ponto, foi muito favorável. Quando eu chamo de rito alternativo, é eu ligar para a pessoa, conversar com ela. Teve um ritual alternativo que eu vi na internet e achei bem interessante: Uma família que perdeu um ente querido, nesse momento e não acompanhou o sepultamento, mas em casa eles pegaram uma caixa, colocaram uma roupa bem descritiva da pessoa. A pessoa gostava dessa roupa, e enterraram aquela roupa e fizeram esse ritual. As pessoas viram pela internet. Então, criou-se alguns rituais alternativos, mas isso não estava acessível a todo mundo. Mas o que é que a gente pode perceber, que sim, existe um sofrimento, mas muitas vezes existiu um maior compartilhamento, um maior abraço. Um uso da tecnologia para tentar suprir esse vazio. Então, o que é a gente tem que prestar atenção é que, como houve um sofrimento diferenciado, o sofrimento que eu não passei pelos rituais, principalmente nós da saúde mental, nós ficamos muito atentos com familiares, com pessoas próximas para ajudar a acompanhar, como é que foi aquele luto? Então, algumas pessoas tiveram luto que a gente pode chamar de típico: choraram, sofreram, mas foram se adaptando. O processo de adaptação foi muito duro, também, porque muitas vezes, eu estava com tudo fechado. Eu não podia sair, eu estava dentro de casa e aquele ambiente doméstico lembrava muito a pessoa que tinha que tinha falecido. Então, sim, a gente teve um sofrimento maior. Mas, também, a gente teve um cuidado

maior com as pessoas. Então, eu acho que nesse período aí, principalmente pandêmico, a solidariedade ajudou muita gente nesse luto que teve ingrediente a mais de sofrimento, ingrediente a mais de aflição. Então, o que a gente pode até pensar em orientar é, quem passou por essa situação nesse período, precisa ter um acompanhamento. Quando digo acompanhamento, não é obrigado a ir para o psicólogo e psiquiatra não. Mas que as pessoas observem se ela está conseguindo se reconstruir. Não tenho pressa nessa reconstrução, cada um tem seu tempo. Mas dentro do tempo dessa pessoa, se ela está conseguindo retornar as atividades, continuar a vida. Lógico que ela vai ter momentos de choro, momentos de tristeza, mas sim, ela continua e pode ter um luto que a gente chama de luto com um enfrentamento dentro do esperado.

5 - Muitas vezes, alguém perde alguém e vem o outro e diz, não chore. Como é que a gente deve agir, na verdade diante de pessoas que estão de luto?

Resposta: Vamos lá. Tem um vídeo que eu gosto muito, que é a diferença da simpatia para a empatia. Na simpatia, eu quero ajudar a pessoa, mas eu não sei como e venho com respostas a minha maneira. Então, veja, o não chore, não cabe. Aquele é o momento mais sagrado que a pessoa tem para chorar. A pessoa tem um motivo, e deve ser respeitado, não é? Eu sempre penso assim, quando alguém diz assim, não chore, eu acho que é a mesma coisa de dizer, não coma, não beba água, entendeu? (O choro) Que é um processo natural, é natural da tristeza a gente chorar. Então como é que a gente pode ajudar a pessoa que está do luto? Esteja do lado dela. Eu costumo dizer que o luto é uma situação que a gente está desacostumada. A tecnologia fez isso quando ela tirou de dentro de casa. Então, às vezes, a gente não sabe nem o que falar. Não precisa. Eu lembro de um velório que eu fui, e a pessoa chegou e disse: "E aí, como é que você está tudo bem?" E a outra respondeu: "Não, não estou bem". Mas era aquela tentativa de simpatia. Então, eu gosto muito do processo simpático. Eu sei que o outro está sofrendo e você diz: "Ó, eu estou aqui no teu lado, não tenho muito o que fazer, mas se precisar de mim, eu estou aqui. Chora comigo, vamos chorar junto, vamos estar juntos nesse momento. A gente não tem o que fazer, mas eu tenho como te apoiar". Lembra daquelas perdas, no plural, e se puder ajudar em uma dessas perdas, toma teu lugar ali como amigo ou como parente. Às vezes a pessoa precisa sair um pouco. Por exemplo, hoje é muito comum a gente ter um luto, depois do acompanhamento de um processo de hospitalização. A passa um bom tempo acompanhando aquela pessoa no hospital, aí vem a morte, o velório e o sepultamento e a pessoa (enlutada) tá fisicamente esgotada. Além do acolhimento psicológico, afetivo, fraterno, por que não dar um apoio físico. "Fica lá em casa!". "Não, mas eu queria ficar em minha casa". "Tudo bem, mas eu posso levar uma refeição para ti? Eu posso te ajudar nesse momento que você está mais fragilizado?". Então, tem várias formas que eu tenho de ajudar a pessoa no luto e talvez entender isso, que ali é um momento, sim, de ficar triste. Deixe-a chorar. Parece que a perda e a dor são coisas proibidas na nossa sociedade. E não, o ser humano perde muito durante a vida, e a dor, apesar da gente não gostar dela, se a gente não tiver a dor, não terá como saber que a gente está doente. Então, apesar de serem sentimentos e emoções aflitivas, eles são necessários. Então, quando se diz viver bem o luto é entender aquele momento. Agora eu também não posso obrigar que todo mundo que passe pelo luto fique triste. Também não é obrigação. É por isso que eu tenho que escutar as pessoas? Lembro-me de um velório que eu fui e a pessoa dizia muito: "Meu

sentimento hoje é de alívio". E a gente entendeu o porquê de ela dizer "alívio". Era porque já vinha de uma história longa de doença. Era uma doença crônica, de vários anos, e o doente estava sofrendo muito e família junto com o doente também estava naquele processo de cuidado. Os cuidadores estavam desgastados, estavam cansados, então quando veio a morte, veio com esse sentimento de alívio.

6 - Um pouco de missão cumprida.

Resposta: De missão cumprida, de eu fiz minha parte. Eu estou com saudade, mas nós entendemos que nesse momento houve um cessar da dor; houve um cessar dessa labuta, dessa luta intensa. Então, veja, eu estou dizendo que pessoas podem viver o luto de forma diferente. Eu acho, então, que a gente chega num momento crucial: A chave do luto para quem quer ajudar é escutar. Escute o que sofre, escute o que está ali mais tranquilo, escute o que está alegre, porque eles vão ter motivos para estar vivendo cada uma daquelas sensações. E às vezes, no momento do velório, o familiar está tão atordoado, ocupado com a burocracia dos funerais, gerenciando um parente que vem de longe e tal, muito ativo, e talvez ela não sinta toda a emoção que vai sentir um pouquinho depois. Alguns teóricos vão chamar de luto tardio, que é quando a pessoa que fez tudo, gerenciou tudo, chega em casa e diz, cadê aquela pessoa? Cadê aquela agitação que eu tinha de estar em hospital? De estar em médico? Aí aquilo cessa e o corpo vai sentir a falta daquela rotina, falta daquele cotidiano que foi criado, falta daquela pessoa. E aí o enlutado, pouco depois, vai sentir todas as perdas. Então é muito interessante para a gente entender isso, que luto também para quem quer ajudar, é momento de escuta e de entendimento. A gente tem que fazer um esforço para entender aquela pessoa que está ali com, vamos pensar assim, um liquidificador de emoções.

7 - Você falou sobre a questão de as pessoas acompanharem, de certa forma, o luto da outra, observar como ela está, se ela está se reestruturando ou não. Como fazer isso? E como não deixar que essa pessoa simplesmente cai numa depressão? Tem como ajudar nisso?

Resposta: Tem. Eu costumo dizer que o luto, principalmente nos primeiros dias, ele vai afetar muito a pessoa. Então, a rotina vai se alterar. Mas se você ver que a pessoa está caminhando – é preciso ver um conjunto de sinais -, por exemplo, a pessoa começa a não se alimentar direito, a ter insônia ou hipersonia, tem a vida muito alterada. A pessoa tinha uma rotina e essa rotina vai sendo agravada demais. Então, é preciso avaliar até que ponto essa alteração está atingindo a pessoa em outras áreas de sua vida: ela não está conseguindo voltar para o trabalho, está se isolando de forma excessiva, o sono está prejudicado, a alimentação está prejudicada, o ânimo está muito prejudicado. É a partir do momento que a pessoa começa a não conseguir gerenciar os próprios processos. No início, isso era natural, mas agora a situação está saindo do controle. Então eu vejo que a pessoa não está conseguindo gerenciar e está começando a ter prejuízos sociais e profissionais, eu não vou dizer que ela está com depressão, mas vale a pena conversar com um profissional. A família não está conseguindo gerenciar, a própria pessoa não está conseguindo gerenciar. Nós estamos começando a ver que os prejuízos estão saindo do

normal. Como é que eu chamo de normal? Como cada pessoa vai enfrentar. Então, quando vem a dúvida, eu gosto de ser precavido. Leva a pessoa para conversar com o psicólogo, leva a pessoa para conversar com o psiquiatra. Talvez o profissional vá dizer: Não, tá dentro do normal. É apenas um luto um pouco diferente, mas está dentro do esperado. Ou ele vai dizer: Não, aqui já é melhor a gente fazer uma intervenção para que não demore tanto. Mas se você vê que a pessoa tem seus momentos de tristeza compatível com o relacionamento que a pessoa tinha, então deixa caminhar. Eu gosto de dizer que a depressão tem uma característica bem singular, é onde ela se difere muito da tristeza. A tristeza é motivada. Eu estou triste porque a pessoa foi. Mas veja, é um objeto externo. A pessoa foi a que me deixou triste. Mas eu tenho minha autoavaliação preservada. Geralmente a depressão tem um discurso de desvalia: Poxa vida, se eu tivesse ido antes, eu tinha salvado a vida dela. Ele morreu por culpa minha, eu podia ter feito alguma coisa. Aí, veja, a pessoa está em um processo de autoavaliação negativa. Eu não mereço. Eu fui uma mãe má, eu fui um filho mal. Este é um sinal que é preciso ter atenção, porque o luto é uma tristeza pela morte de alguém. Teoricamente é para eu ficar com a minha imagem preservada. Lógico, eu não estou entrando nas particularidades, mas quando eu começo a ver que essa tristeza me afeta em primeira pessoa, eu não estou conseguindo gerenciar e sair aí, talvez nesse momento, seja o momento de conversar com um profissional, porque, pode sim, a gente estar vendo um luto tardio, um luto mais complicado e que precisa de um acompanhamento. Mas reforço, luto não é doença, mas ele pode levar algum estado de estresse muito forte e precisar de um acompanhamento.

8 - Existe um tempo para se fechar o ciclo do luto?

Resposta: Não. Isso aí é muito indivídual. Na mania da gente do interior se passava um ano vestindo preto e era costume se dizer que a pessoa estava de luto e não podia vestir vermelho. Mas não. Você vai ver que vai ter pessoas que com uma semana vai estar muito bem, vai estar tranquila, vai conseguir olhar para a vida, reestruturar. E vai ter pessoas que vai demorar seis meses, vai ter pessoas que vai demorar um ano, vai ser no ritmo de cada pessoa. Não só no ritmo de cada pessoa, como na intimidade que a pessoa tinha com a perda. Então, eu tenho as minhas características de enfrentar o sofrimento particular e tem a característica da minha conexão com a pessoa. Na hora que a gente fala de morte. eu lembro, automaticamente, meu pai faz 14 anos que meu pai morreu. Então eu considero que eu tive um luto. Típico, né? Mas tocou no valor, tocou no. Assunto de morte. Eu lembro da pessoa, então assim. Não, não tem um tempo que. A gente tem que analisar. É. O processo de reconstrução, essa pessoa conseguiu se reconstruir dentro da velocidade dela, no luto. Ela conseguiu a ter suas relações sociais, relações familiares, continuou no processo de trabalho, estudo, então a. Gente, vai vendo isso? OK, então se ela conseguiu continuar, se ela conseguiu dar continuidade mesmo sentindo falta, mesmo vivendo aqui aquele luto é um bom sinal. O problema é quando o prejuízo aumenta muito.

9 - Como o senhor encarou a pandemia, como foi na sua vida? O momento que chegou a pandemia, fecha tudo, fica dentro de casa. Como o senhor trabalhou isso?

Ufa! A pandemia foi desafiadora. Eu era uma família pequena. Sou eu, minha esposa e meu filho. Então, a hiper convivência, essa palavra que surgiu na pandemia, foi interessante. Eu tinha uma vida muito corrida. Então, dirigindo o carro, levando o menino, levando a esposa. Ela me leva, a gente tem essa coisa toda. No outro dia, a gente está com tudo fechado dentro de casa. Então, eu tinha uma criança de seis anos na época com muita energia que ficou dentro de casa, então essa adaptação foi muito delicada. Porque aí a gente tinha que arrumar um jeito de. De certa forma, vamos dizer assim, queimar essa energia, usar essa energia dessa criança. Então, eu acho que no meu caso a grande adaptação foi doméstica mesmo, né? Reorganizamos os espaços domésticos, né? Então, tinha um momento de manhã lá que eu estava no escritório, que era a minha clínica, era a minha sala de aula, minha esposa, a gente transformou o segundo quarto em um outro escritório, porque minha esposa estava dando aula e tal, e no quarto dele me afetava assistindo aula. Então, era muita internet ali, aquela vida virtual. Agora, o que foi que houve também no meu caso? Houve um processo de adaptação muito grande, mas houve também um processo de agregação muito grande, né? Então, a casa ali, a gente teve uma questão que a gente não estava nem recebendo as pessoas, né? Então, a gente tinha alguém que fazia faxina pra gente, uma faxineira que vinha uma ou duas vezes semanal. No início ali, no momento mais crítico, a gente deixou de receber essa pessoa. Tanto por cuidar com ela como por nós, né, mantemos o pagamento dela por uma questão de sobrevivência dela também, mas aí lá vou eu lavar prato, lá vou eu cozinhar, minha esposa também. Até meu menino entrou também na ruma. Então, a casa virou um espaço de todo mundo, em termos de divisão de tarefas. Na minha particularidade, houve também o trabalho de psicólogo. Nós não podíamos atender presencialmente e muitos clientes foram para terapia virtual e aí aconteceu uma coisa que talvez tenha sido um reflexo social. Muita gente voltou para terapia e muita gente procurou a terapia, porque, além de ser uma angústia social, era um momento de muita preocupação e incerteza. Tem um documento da OMS, que eu acho muito interessante, que fala da infodemia, era muita informação e inclusive desinformação. A Covid-19 era uma doença que não tinha uma vacina, que estava matando e que parecia com a coisa que a gente tem faz séculos, que é a gripe. Então, começava com sintomas de gripe. Teve uma época que foi muito dura, 80% das pessoas que eram intubadas faleciam. A gente tinha medo de escutar a palavra foi intubado. Então o que era que a gente tinha muita desinformação, muita fake news aí no momento, então, eu tive clientes que aconteceram isso, a pessoa já estava de alto, já estava falando, já tinha passado o processo terapêutico comigo, mas ela entra em contato com o Zé Luiz, eu não, eu estou bem. Esse momento social está muito complicado, então aquilo atingiu a gente particularmente, né? Então, como psicólogo eu percebi que a gente entrou no processo de sofrimento social, e esse sofrimento social, essa angústia social se refletiu na saúde das pessoas. Hoje a gente vive muito isso, a gente está, vamos dizer que a gente está saindo, não da pandemia, a gente tá saindo dos períodos mais pesados, e a gente vê que a gente tem muito sequela. Muita gente que ficou mais isolado, muita gente que tá tendo dificuldade pra retornar, muita gente que ainda tem uma certa angústia. Tudo bem que a vacina aí, a vacinação ajudou muita gente. Os números são totalmente diferentes agora, mas ainda tem muita gente que ainda tá passando por um processo de readaptação, voltar ao trabalho. Por exemplo, nesse primeiro semestre, agora eu sou professor, então nós tivemos um processo de readaptação à presencialidade. Eu passei dois anos estudando online e teve isso também, o sofrimento de se adaptar online. Nós estudávamos em sala de aula, dava aula presencial. Foi uma solução. Eu costumo dizer que o digital ajudou.

Imagina a gente passava dois anos parado. Algumas classes sociais, infelizmente, foram mais prejudicadas. Quem não tinha acesso à tecnologia, à internet, ficou prejudicado. Mas boa parte da população conseguiu, de alguma forma, manter-se ativa. Porém, foi muito difícil o processo de adaptação. E aí eu fico pensando, agora, nesse momento mais social. Essa angústia social atingiu pessoas diferentes, classes diferentes, de forma diferente. Então, eu tinha acesso à internet, eu tinha acesso ao computador à tecnologia. Eu usei e saí ao meu favor. Mas quem não teve?

10 - Essas pessoas que o procuraram, principalmente nesse período da pandemia, elas conseguiram se adaptar nessa conversa. Com o viver dentro de casa, com o estar dentro de casa e, também, o senhor perdeu alguém nesse período, como é que foi?

Vamos lá né. Primeira pergunta, variou muito isso, houve pessoas que se adaptaram, o ser humano é muito adaptável. Então o que é que a gente teve, eu vou falar de algumas pesquisas. Nos quatro primeiros meses, o sofrimento foi muito maior. Depois as pessoas foram se adaptando. Vamos dizer assim, a gente teve um semestre mais pesado, a partir de março. Ou seja, março, abril, maio, junho, julho, agosto foi o período de maior reclusão. Ali foi o processo de maior sofrimento mesmo, porque foi quando a gente teve que ficar dentro de casa, saía muito pouco, as compras eram eventos pontuais, shopping fechado, diversão fechada, tudo dentro de casa. E a tecnologia se adaptando. Tudo dentro de casa e a tecnologia se adaptando também. Houve muita falta de tecnologia também nesse primeiro período. Então, esse processo de adaptação do indício foi muito duro, mas a gente conseguiu ver depois de um semestre que as pessoas foram se adaptando. Até na época tinha uma palavra muito usada, era "o novo normal". Esse novo normal, sim, teve muita gente que se adaptou. Mas vamos pensar nas situações mais delicadas. Por exemplo, então tem uma situação de relacionamentos tóxicos dentro de casa. Às vezes a esposa com o esposo. O casal, às vezes com os filhos. A agora imagina esse pessoal tendo que obrigatoriamente viver 24 horas em hiper convivência, aí foi mais delicado. Esse processo de adaptação variou muito de famílias para famílias. Eu costumo pensar, isso é um pensamento que eu não vou dizer que é generalizado. Mas quem tinha um bom relacionamento, quem tinha uma boa estrutura, a gente chama, quem tinha uma boa rede de apoio, a rede de apoio fortaleceu. Mas quem tinha uma rede de apoio mais complicada, essa rede de apoio talvez ela não tenha suportado tanta mudança e ela teve que ser reconfigurada. E nessa reconfiguração a gente teve muito trabalho. Então sim, a gente teve uma angústia social que refletiu em sofrimento psicológico e muitas vezes sofrimento físico.

Você perguntou se eu perdi alguém próximo. Sim, eu perdi muitas pessoas próximas, familiares. Do meu núcleo principal não, então, mas só um tempo angustiado, porque minha mãe, hoje com 86, ela tinha 83, 84 anos. Ela era aquele grupo de risco maior. Então gerou-se assim um nível de ansiedade muito grande, porque a gente queria cuidar, mas não podia, porque ela estava isolada e a gente também. Então veja, primeira coisa que a gente, antes de falar da perda por meio de morte, a gente perdeu muito contato, e isso era

complicado porque tinha uma mãe ali que dizia assim, mas eu estou com saudade, vocês não ligam. Mas a gente ligava, mas era pouco para ela. Ela estava acostumada durante a vida toda com a presencialidade da gente, e a gente não estava lá presente. Tinha hora, como ela já está, como diz a gente do interior, catucando, ela dizia, por que vocês não vêm aqui, tão com raiva de mim? Na verdade, essa era a forma de ela dizer que ela estava sofrendo com a ausência física da gente. Então, esse processo inicial de perda também deve ser considerado a perda do contato, a perda do abraço, do beijo, do estar junto fisicamente. E a gente tem esse costume enquanto família. Então, isso foi muito sofrido, a perda do contato e a perda de pessoas muito queridas. E eu vou falar de um dos personagens do seu material, que foi o professor Wellington. O professor Wellington não era meu parente, mas é como se fosse. O professor Wellington, a gente o considerava o pai acadêmico da minha esposa. O professor Wellington foi o orientador dela de mestrado. Primeiro, conviveu com ela na graduação, eles viveram projetos de extensão juntos. No mestrado ele foi o orientador dela e no doutorado ele não foi um coorientador formal, mas era um coorientador informal e a gente gostava muito de ir ali na Federal pra ficar conversando com ele. Ele era uma pessoa de muitos afetos, ele gostava de afetos. Então, o Wellington pra gente era um pai. Sei lá, vamos usar esse termo, um pai acadêmico, um pai intelectual, deu muito conselho a minha esposa, a mim também. Quando eu estava na graduação, ele estava voltando da França, então, era aquela mente fantástica, inquieta, conversando. Ele foi alguém que participou da nossa vida. Era alguém que a gente participava, a gente era da casa do Wellington. A minha esposa ligou para ele dias antes dele morrer: Wellington, como é que você tá? No dia que a gente ligou pra ele, ele estava com suspeita. Aí a gente disse: Vamos orar por Wellington, ele tá com suspeita. Ele já tinha perdido familiares por causa da covid. Aí a coisa foi essa: Minha esposa falou com ele num dia. No outro dia foi confirmado o diagnóstico. Ele internou, intubou e faleceu. Então, no espaço de uma semana, a gente o perdeu. E a gente ficou em choque. A palavra é essa, em choque. Como é que isso aconteceu tão rápido? Ele tinha outras comorbidades, ele tinha um histórico de diabetes muito forte, se eu não me engano, mas do diagnóstico para a morte foi um tempo muito pequeno. Não deu tempo a gente nem entender direito o que estava passando. O Wellington falece e a gente fica tonto. E talvez o sentimento pior para a gente é aquele nas vésperas da vacina. Eu acho que pouco tempo depois, não sei precisar, um mês, se for um mês ou dois, mas muito perto da vacina, que ele seria um dos primeiros a ser vacinado. Então, dá essa mistura de frustração, de raiva. Os cinco processos, de negação, de raiva, de negociação, de depressão. A gente viveu isso de forma muito forte. Dias depois, o diagnóstico da esposa dele. Dias depois, o falecimento da esposa dele. Um ditado que a gente diz no interior: Depois da queda, o coice. Então a gente já estava caído pela tristeza de Wellington, dias depois a gente viveu a perda da Lourdinha, também. Então veja, a força com que essas notícias vêm pra gente são muito, muito devastadoras. E o que foi que a gente teve direito de fazer? Eu vou lembrar do Wellington. Ele foi cremado, a única coisa que a gente pôde fazer enquanto vivência do velório foi acompanhar o cortejo de carro. Nem do carro a gente saiu. Passou ali na Federal, a gente acompanhou. Teve um momento de cremação que a gente não pôde acompanhar. Mas veja, teve um pequeno ritual que a gente viu rostos conhecidos, colegas de trabalho e tal. Então de certa forma ainda houve alguma coisa, mas assim, é como se o choque, a voltagem do choque, a potência do choque foi muito maior. Pela velocidade, pelo desfecho e por toda aflição que a gente tinha. Então, a gente perdeu alguém muito próximo mesmo. O luto que a gente viveu dele foi muito similar ao luto do meu pai. A

diferença é que o luto do meu pai foi se construindo. A gente viu a evolução da patologia do meu pai que levou à morte. Então de certa forma a gente teve um tempo para ir se preparando, a gente já sabia que aquilo ia acontecer, não sabíamos quando. Mas o do Wellington, não. Menos de quinze dias tudo foi consumado. Então, da ligação da minha esposa ao sepultamento foi muito rápido. A gente nem estava ainda se acostumando com um sentimento, já vinha outro. Então, esse amontoamento de sentimentos fez com que aquele momento de tristeza fosse mais forte. A aflição e o sofrimento foram maiores, foram mais intensos. E aí a gente teve que fazer nossos momentos particulares. Vimos fotos dele. Eu lembro que, no semestre, seguinte foi meu início como professor do Mestrado de Jornalismo. E estava eu e o professor Custódio. E na jornada que vocês passaram, a gente fez uma homenagem a ele. E de uma foto dele e de Custódio recebendo o prêmio. Então assim, de certa forma acho que ele está vivendo... É como eu digo, o luto nunca acaba. Mas eu lembro que sim. Ali, foi o luto mais próximo que a gente teve, principalmente pela proximidade. É como se eu tivesse perdido meu sogro.

11 - Essa proximidade que vocês tinham com o Wellington, tem também com a filha dele, com a Bia?

Não. Minha esposa conhece a Bia, fala com ela, mas não é tão próximo a vivência. A gente acompanhou os aniversários da Bia, quando a Bia ia pros eventos do Wellington. Nós não somos da casa dele, então a gente não acompanhou muito a Bia. Então, em resumo, a gente não deu a continuidade do luto, nós não éramos tão próximas dela, nós somos muito próximos dele. E uma das coisas que dificultou pra gente era a proibição de proximidade. A gente gosta desse momento de estar com as pessoas pra ali no velório, mas na época estava proibindo. Na época, mesmo que a gente quisesse. Não era possível, mas também que é isso, a gente não era tão próximo dela, a gente era muito próximo dele por causa das vivências, vamos chamar assim, acadêmicas.

12 - O que dizer de um médico que nega a vacina? O que dizer de todos os negacionistas, de um presidente?

Pois é, vamos lá. Psicologia explica um pouco isso. Eu sou professor de Psicologia Social e a Psicologia Social diz uma coisa interessante. Tem uma coisa chamada percepção social. Nós não vemos a realidade como ela é. Nós olhamos para a realidade como óculos. Então, quando eu olho para você sem meus óculos, tá tudo embaçado. Mas quando eu coloco os óculos, eu vejo melhor. O inverso também acontece. Então, a percepção é um processo que a gente tem, que é mais ou menos o seguinte, nós categorizamos o mundo e a partir dessa categorização, eu vou olhar para o mundo. Eu vou criar essa categoria do bom e do ruim, do certo e do errado, do correto e do incorreto. Então, eu vou criando minha forma de ver o mundo. E quando a gente cria essa forma, Eloise, a gente seleciona as informações. É um exemplo muito tranquilo: Eu lhe vi a primeira vez ali online. Você disse: “Ah, eu sou esposa do Wellington Farias, conheço Serraria”. Você falou daquele

relógio. Automaticamente, eu boto você numa caixinha, numa categoria dizendo, Eloise é gente boa. Eu gosto de Eloise e eu vou defender Eloise, Eloise conhece minha terra, Eloise é esposa do Wellington, que é um cara que eu conheço, que eu gosto. Se chega uma informação boa pra você sobre Eloise, eu vou dizer, tá vendo? Eu não disse que Eloise era gente boa. Agora imagine que chega uma informação ruim sobre Eloise. Eu não coloquei você na minha classificação de pessoa boa? Eu vou dizer, não, gente, tenha calma. Eu acho que não é bem assim. Eu conheço a Eloise. A Eloise é gente boa. Vamos entender o que aconteceu primeiro. Então veja, eu tenho dificuldade de ver a realidade, porque a realidade não bate como eu quero, não bate como eu penso. Não está dentro daquilo que eu conceituei para Eloise. Eu disse que Eloise é gente boa. Então, tudo que falarem bem de Eloise eu vou aceitar e tudo o que falar mal de Eloise, eu vou ter dificuldade. Essa percepção faz a gente escolher informações. Quem fala um pouco disso é a pós-verdade. Eu decretar verdade aquilo que coincidir com aquilo que eu acho que é verdade. A gente olha pro mundo tentando adequá-lo ao que a gente pensa. Tentando filtrar ao que a gente pensa. Se eu tenho um direcionamento político, e eu digo que aquele direcionamento é o correto, eu vou buscar informações, vou filtrar informações que façam com que aquele posicionamento seja correto e eu vou descartar, desvalorizar ou procurar problemas nas informações que dizem que aquele posicionamento é errado. Então, o que eu posso dizer é que o ser humano não é tão objetivo assim para avaliar a realidade. Mas veja: Ah, mas a pessoa é um médico! Ele vai buscar dentro do conhecimento médico, informações que validem o que ele pensa. Então, se a gente tinha uma vacina que salvou milhares de vidas, mas deu reação em um, ele vai dizer: Tá vendo que ela dá reação. Tá vendo que ela não é tão boa assim. Eu passei 10 anos para produzir uma vacina de tal doença e essa agora, com um ano, já está pronta? Eu vou buscando argumento, vou buscando elementos que validem aquilo que eu penso e não o que a evidência fala por si só. Eu me lembro, e isso ficou muito gravando dentro de mim, e olha que na época a gente estava com 200 mil mortos, o documentário da Globo chamado Cercados. Na época, se estava com cinco mil mortos, e um dos jornais, não lembro qual, disse “que a previsão é que o Brasil tenha 20 mil mortes”. E eu me lembro até hoje do Bolsonaro dizendo: Isso é um absurdo. Isso é mentira de uma mídia sensacionalista que quer especular. Não foi a mídia que disse que seria 200 mil mortos, quem estava dizendo eram os pesquisadores da área de epidemia. Eles começaram a fazer os cálculos no Brasil a partir do processo de evolução dos outros países, da própria China, onde a covid chegou primeiro. Veja, a gente chegou a 600 mil. Mas, lá naquele momento em que o presidente disse: Não vai chegar nem a 20 mil, todas as pessoas que validam ele como presidente, pegaram aquela informação e disseram: Essa informação é minha e eu vou procurar processos que validem essa informação. Tudo aquilo que disser que vai dar mais de 20 mil, eu vou dizer que não, que isso é especulação, que isso é a mídia. Infelizmente, os cientistas estavam certos. Não foi 200 mil, mas 600mil. Essa forma de ver o mundo é anterior a minha profissão. Eu posso ser um psicólogo e discordar das teorias da psicologia. Isso é muito comum hoje em dia. Porque, talvez algumas teorias da psicologia não batam com o que eu acredito. Mesmo que tenha pesquisa, mesmo que tenha ciência, mesmo que tenha comprovações, mas eu não gosto daquilo. Quando eu vi tudo isso acontecendo, e principalmente nós brasileiros, Nelson Rodrigues dizia muito isso: O brasileiro é muito passional. E nós agimos muito pelas nossas paixões. Nós dizemos muito, eu não perdi meu voto. Então, a agente permanece com aquilo de maneira muito forte. Aquele ditado popular de que a primeira impressão é a que fica, ele tem um fundo de verdade. Existe também as

evidências que num primeiro momento chocam a gente. Mas a gente chama isso de dissonância cognitiva. É quando eu acredito numa coisa e vejo que está muito errado, mas a primeira impressão vai ficar até que venha uma segunda impressão que modifique a primeira. Mas, mesmo essa segunda impressão, essa segunda opinião, ele só acontece se eu estiver disposto a aceitar aquilo ali. Então, não é raro eu escutar em conversas e mesas de bares coisas parecidas: "Isso é mentira. Seiscentas pessoas morreram nada. Isso foram os governadores de estado que fizeram isso. Isso é tudo mentira!". E o engraçado é que, pessoas que perderam entes queridos para a covid ainda sustentam esse discurso. Mas vejam, é porque esse discurso fala pra ele. Atende o que ele acredita sobre mundo. Atende a visão que ele tem de mundo. Isso por questões políticas, questões religiosas, questões pessoais. O que eu posso dizer de tudo isso é que muitas vezes a gente tem uma batalha de informações. E veja que não vai ser raro, muitos médicos aceitam mais a vacina porque os números mostraram eficiência, mas ainda ficam dizendo: Bom mais teve muitos casos que aconteceram isso, tem muitos casos que ninguém sabe explicar. Se a pessoa tomou a vacina, culpam a vacina, ficam questionando. Lógico que o questionamento é lícito, é natural, mas a gente também tem que ver as evidências. Hoje eu estou com a quarta dose. Quantas forem necessário, eu vou tomar. Meu filho, está com oito anos, já tomou as doses da criança. Eu aceito porque desde criança, na minha casa, minha dizia que vacina era obrigatório. Ela cria na vacina. Então, pra mim é algo natural, nunca duvidei e vou continuar acreditando. No início, é lógico que a gente fica um pouco cético porque existe toda uma fase de testes, existe a primeira fase de pesquisa. Mas o que é que posso pensar sobre isso? Teve um dia que eu fiquei admirado. A gente parava o Brasil antigamente para assistir um jogo da seleção. A gente parava para o carnaval. Mas nunca na história do Brasil, a gente parou para assistir, ao vivo, uma reunião da Anvisa. Tinha gente que nem conhecia a Anvisa. Mas, a gente parou o Brasil, toda a mídia parou o Brasil para que técnicos fossem dizer por que que é que eles aprovaram emergencialmente uma vacina. Olha o tamanho da divulgação que a gente deu da importância de um estudo controlado e bem-feito e a vacina veio e corroborou que aquelas pessoas estavam certas. Houve a liberação emergencial. Eu só tive covid agora em janeiro de 2022. Eu só fiquei isolado porque eu tive um atestado de covid, mas o sintoma que me fez fazer o teste foi o nariz entupido, pela rinite. Não tive nada demais e estou vivo. E eu credito isso a vacina. Eu tive covid depois de estar vacinado, mas fiz o teste porque tenho uma mãe de 86 anos. Fiquei em casa uma semana. Foi umas férias um pouco forçada. Mas eu credito o meu estado de saúde a vacina, porque eu acreditei na vacina. Mas o inverso acontece também. Imagina aí, eu sou contra a vacina. Tive que tomar a vacina porque houve algumas deliberações nesse sentido. Aí tenho uma dor de cabeça, a pessoa vai dizer que teve dor de cabeça por conta da vacina. Fico procurando motivos. Alguém me contou assim: fulano de tal morreu porque tomou a vacina. Eu disse: Certo, ele morreu depois de tomar a vacina. Mas o que aconteceu? Ele morreu de quê? Aí a pessoa disse que ele morreu de insuficiência cardíaca. E eu perguntei se ele era cardíaco e a pessoa respondeu que sim, mas que ele estava bem. Que o que matou ele foi a vacina. O processo de seleção da informação: a pessoa já era cardíaca, já tinha tido outras crises, mas como tomou a vacinaa culparam a vacina.

13 - O presidente da República do Brasil, numa análise psicológica, ele não acredita em nada – covid, vacina, ou apenas quer tumultuar?

Eu não vou falar como psicólogo. A gente diz na psicologia que eu só posso analisar alguém quando a pessoa está minha clínica, que aí eu vou entender o que é que pensa com mais profundidade. Aliás, eu vou falar como jornalista, também que eu sou, como alguém e a partir das informações que nós temos. Ele quer acreditar naquilo. Pra ele é importante que aquele remédio que ele divulgou desse certo, o kit cloroquina. Então, não só para ele, mas para vários dirigentes mundiais, seria interessante que a economia não parasse. A população não morresse, pois seria uma verdade muito conveniente. E ele tem um discurso que atende muita gente. Então, aquele discurso que não é isso tudo; ele tem uma briga particular com a mídia, é importante para ele que as ideias dele sejam verdades. Ele lutou e até hoje ainda luta em alguns locais privados, onde ele estava se reunindo com os apoiadores dele, ele mantenha ainda alguns discursos. Hoje menos, que está na eleição. Veja que hoje ele não bate mais na vacina. Ele foi aconselhado a não bater na vacina, porque a vacina tem apresentado números eficientes. Mas nas rodas internas dele, ele questiona a vacina, bate nela. Agora quando a gente vai olhar tem toda uma história. Houve uma disputada dele com o governador de São Paulo, Dória. Então quando a gente analisa os posicionamentos dele, a gente vês que são posicionamentos políticos, para um grupo que quer conversar com ele. Para um grupo que coincide com a opinião dele. Há um grupo que luta e quer que a opinião dele seja verdade. Eu acho que pra ele, não sei se ele acredita que seja verdade ou não, mas pra ele é interessante aquele posicionamento. Enquanto político, inclusive, porque se ele flexibilizar muito o discurso dele, ele perde apoio. O que a gente vê é que ele fala para um grupo. E esse grupo quer escutar o que ele fala. Conheço pessoas muito próximas que até hoje que tomaram os remédios Cloroquina e Ivermectina e que têm uma resistência absurda com a vacina. Que tomaram as duas primeiras doses porque era obrigado apresentar o Cartão de Vacina em alguns locais. Mas que, até hoje, eles têm resistência a vacina. Espero que eles não tenham nada e se tiverem que seja algo muito leve. Eu costumo pensar que, da mesma que o discurso de vacina foi usado politicamente, mas tinha que ser usado mesmo porque foi a única solução que a gente teve. Foi a única solução que se mostrou numericamente eficiente, mas aquele discurso interessado. Então, pra mim é mais uma questão de o que eu falo e para quem eu falo.

14 – O que eu deixei de perguntar e o que o senhor gostaria de falar?

Eu queria só pensar em questões políticas. Até a saúde mental é uma questão política. A gente fala na psicologia que a saúde mental é um conjunto de questões biológicas, de corpo, o corpo influencia, questões psicológicas (como vemos o mundo, como nós nos vemos, como nós interpretamos esse mundo) e questões sociais. E aí, nesses sociais, a gente tem que entender que o motivo da sua pesquisa, muito dele se desencadeou porque existem políticos que são responsáveis pela nossa saúde. E quando eles tomam as decisões erradas, isso afeta na saúde, na doença e na morte. É importante a gente começar a pensar que até pra gente ter processos de saúde, doença e de morte controlados eu tenho que pensar em quem eu vou colocar lá. Então, talvez para 2022, o pensamento é "o que é que meu político acha do sistema de saúde, do SUS, da vacina, da Saúde mental? Eu lembro que uma vez um político perdeu minha simpatia quando ele botou na rede social dele a foto de uma chinela havaiana e disse "este era o psicólogo da minha época". Perdeu meu voto imediatamente, porque ele estava brincando com um assunto sério que é a violência

familiar e mais sério ainda, com a saúde psicológica das crianças. Eu tenho que entender que o vereador, o prefeito, o deputado estadual, o governador, o deputado federal, o senador e o presidente são as pessoas que tomam conta do sistema de saúde. Que interfere totalmente na questão da minha saúde, na doença, como vai ser meu tratamento, pensar na minha morte e como vai ser essa morte. Talvez a gente tenha que pensar todo esse processo de covid nesses quatro anos nos seguintes aspectos: questão, uma doença muito forte, que mostrou o quanto ser humano é frágil; o quanto isso afetou a nossa vida psicológica, pois nós entramos numa questão de angústia social. E essa angústia social nos afetou individualmente. Socialmente nós vivemos um processo de informação e desinformação e de vida política que atrapalhou muito o tratamento da covid. E que resvalou na forma como a gente enfrentou essa pandemia. E muitas vezes, com os entes que nós perdemos, é muito importante nós entendermos que as pessoas que nós colocamos no poder elas também vão interferir até na forma com que a gente vivencia e aceita o luto.

ANEXO

Eloise Elane Menezes

JAMAIS PENSEI

Dor e luto nas famílias devastadas pela pandemia da covid-19

JAMAIS PENSEI

Dor e luto nas famílias devastadas pela pandemia da covid-19

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
REITOR: VALDINEY VELOSO GOUVEIA
VICE-REITORA: LIANA FILGUEIRA CAVALCANTE

CENTRO DE COMUNICAÇÃO TURISMO E ARTES
DIRETOR: ULISSES CARVALHO SILVA
VICE-DIRETORA: FABIANA CARDOSO SIQUEIRA

EDITOR
Ulisses Carvalho Silva

CONSELHO EDITORIAL DESTA PUBLICAÇÃO
Ulisses Carvalho Silva
Carlos José Cartaxo
Magno Alexon Bezerra Seabra
José Francisco de Melo Neto
José David Campos Fernandes
Marcílio Fagner Onofre

SECRETÁRIO DO CONSELHO EDITORIAL
Paulo Vieira

LABORATÓRIO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO
COORDENADOR
Pedro Nunes Filho

Eloise Elane Menezes

JAMAIS PENSEI

Dor e luto nas famílias devastadas pela pandemia da covid-19

Copyrigh © Eloise Elane Gomes de Menezes
Todos os direitos reservados.

Projeto Editorial: Eloise Elane

Edição e Revisão: Rubens Nóbrega

Revisão Técnica e Orientação Acadêmica: Sandra Moura

Projeto Gráfico: Forma Comunicação

Diagramação e Design Gráfico: Ricardo Araújo

Composição da capa: Ricardo Araújo

Imagem da capa: Freepik.com

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M541j Menezes, Eloise Elane
.

Jamais pensei : dor e luto nas famílias devastadas pela covid-19 / Eloise Elane Menezes. – João Pessoa : Editora do CCTA, 2024.

Recurso digital (26 MB)
Formato: ePDF
Requisito do Sistema: Adobe Acrobat Reader
ISBN : 978-65-5621-451-1

1. Jornalismo – Entrevistas. 2. Entrevistas - Famílias – Covid-19. 3. Pandemia – Covid-19. I. Título.

UFPB/BS-CCTA CDU: 070:578.834

Elaborada por: Cleyciane Cássia Moreira Pereira CRB 15/591

*Ao meu amado **Wellington Farias***
(in memoriam), que permanece
sempre em mim.

"Digo, então, que por essas e muitas outras
coisas, nosso garboso Quixote é digno de
louvores continuos e memoráveis..."
(Miguel de Cervantes)

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a Deus, cuja presença constante e força inabalável me guiaram durante toda esta jornada e me deram força para chegar até aqui.

Ao meu amor Wellington Farias (in memoriam), companheiro de todas as horas, que por mais de 32 anos compartilhou comigo alegrias, tristezas, esperanças e a bênção de filhos e neta maravilhosos.

Aos meus filhos, Alexandre, Vanine e Pablo, e à minha neta Helena, que são motivos do meu viver e continuar lutando.

À minha família – irmãs, irmãos, sobrinhos e sobrinhas, cunhados e cunhadas – que sempre celebraram minhas conquistas com alegria e entusiasmo.

Ao compadre Rubens Nóbrega, por sua atenção e carinho, pausando a escrita do seu próprio livro para se dedicar à correção deste texto.

À amiga-irmã Adriana Crisanto, sempre presente incentivando o meu trabalho de Mestrado, aconselhando, corrigindo textos e vibrando a cada passo dado.

Aos queridos amigos do coração, Adriana Bezerra, Lila Santos e Everaldo Ricardo, incansáveis incentivadores que generosamente se dispuseram a transcrever algumas entrevistas.

Ao amigo Mailton Evangelista, que dedicou seu tempo a pesquisar diversos programas de pós-graduação, permitindo que eu pudesse escolher o melhor caminho.

À minha orientadora, Sandra Moura, cujo acompanhamento e apoio foram fundamentais em todos os momentos deste Mestrado.

Aos mestres, com carinho: Glória Rabay, Luis Augusto, Laerte Cerqueira, Paula Paes, Joana Belarmino, Zulmira Nóbrega, e Marluce Pereira da Silva, por seu valioso conhecimento e orientação.

À Turma PPJ 2022, amigos maravilhosos. Foi muito bom essa convivência, troca de conhecimento e amizade fiel. Amo todos vocês.

Aos meus entrevistados que, gentilmente, aceitaram revisitar as suas dores, para que me fosse possível contar as suas histórias.

E, por fim, a Ricardo Araújo, responsável pela diagramação e design gráfico do livro, cuja contribuição foi essencial para a finalização deste trabalho.

A todos, meu sincero agradecimento.

Tragédias e superações

Dezembro de 2019. Surge na China uma nova cepa de coronavírus, o SARS-CoV-2, com poder devastador, causando nas vítimas uma síndrome respiratória aguda e levando-as à morte por falta de ar, como se elas se "afogassem no seco". Por ser um microrganismo que até pouco tempo não era transmitido entre humanos, o SARS-CoV-2 ficou conhecido como "novo coronavírus", causador de uma doença denominada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) de "covid-19". Em pouco mais de um mês, o novo vírus se espalhou por diversos países do mundo, causando uma das maiores catástrofes sanitárias da humanidade e uma das mais letais em todos os tempos: a pandemia do coronavírus!

A cidade de Wuhan, localizada na província chinesa de Hubei, é apontada como berço do vírus. Atraiu os olhares do mundo para um drama que a partir dela avançou por praticamente todos os continentes. A situação levou a OMS a declarar, no dia 20 de janeiro de 2020, que o surto do novo coronavírus constituía uma

Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII), devido o potencial de se espalhar e colapsar os sistemas de saúde de dezenas de países.

No dia 11 de março, a OMS decretou a pandemia do coronavírus, tendo em vista o vírus ter alcançado, à época, 114 países, infectando 118 mil, matando mais de 4.200. A tragédia não parou por aí. Segundo a própria OMS, oficialmente foram registrados em todos os países atingidos pela covid-19 que a doença matou mais de 5,4 milhões de pessoas no planeta. No entanto, a entidade acredita que os países subestimaram os dados reais de mortes e estima que o número real de mortos pelo novo coronavírus deve ter ultrapassado 15 milhões de pessoas.

Pouco antes do surgimento do SARS-CoV-2, o mundo vinha registrando o ressurgimento da extrema-direita, com ações orquestradas em vários países, ao mesmo tempo com discurso ultranacionalista, identitário, xenófobo, destilando ódio e distribuindo milhões de fake news, ao ponto de estremecer as então "consolidadas democracias" dos países europeus, norte-americanos e, também, as frágeis democracias das Américas Central e do Sul.

O Brasil não ficou imune aos ataques ao Estado Democrático de Direito e às suas instituições basilares. Com isso, a polarização política, a cultura do ódio, o negacionismo e a disseminação de inverdades trouxe a divisão entre famílias e, com isso, a maioria dos eleitores brasileiros levou à Presidência da República o representante da extrema-direita no País, Jair Messias Bolsonaro.

Quando o primeiro caso de covid-19 foi registrado no Brasil, em fevereiro de 2020, Bolsonaro estava no poder há um ano. O então presidente negou a doença, chamando-a de gripezinha. Negou a vacina, incentivou aglomeração, o não uso de máscaras, imitou um doente de covid-19 morrendo sufocado, mudou mi-

nistro da saúde quatro vezes e, como resultado de todos esses desencontros e temeridades, mais de 712 mil pessoas morreram, com milhares enterrados em valas comuns. Desses mortos, pouco mais de 10 mil foram da Paraíba.

Este livro-reportagem é resultado do trabalho final de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Jornalismo, na Universidade Federal da Paraíba e se propõe mostrar que não se trata apenas de estatística, mas histórias e experiências pessoais de quem perdeu o pai, a mãe, o irmão, a irmã, o padrinho, a madrinha, o tio, a tia, o avô, a avó, o filho, a filha, o marido, a esposa, o neto, a neta, o amigo, a amiga, o conhecido, a conhecida, o vizinho, a vizinha, o colega ou a colega de trabalho, de escola. Pessoas que não têm como mensurar a dor da tragédia familiar causada pela "foice" da covid-19.

A partir de uma abordagem investigativa e humanista, pretende-se com esse trabalho levar ao conhecimento do público, através dos testemunhos dos sobreviventes, como cinco famílias dilaceradas – aparentemente de forma irreversível - pela pandemia do coronavírus fizeram para se superar psicológica, econômica e socialmente.

Para viabilizar a seleção das famílias que teriam as suas histórias contadas, a autora lançou mão de uma metodologia denominada Amostragem Bola de Neve, que utiliza cadeias de referência através das redes sociais digitais onde o pesquisador pede a indicação de pessoas e o contato delas que atendam ao perfil da pesquisa. Ao conseguir chegar a essas pessoas, o pesquisador pede a elas indicação de outras de seu conhecimento até chegar ao máximo de contatos possíveis.

A amostragem Bola de Neve é uma técnica utilizada em pesquisa para identificar e recrutar participantes, especialmente quando se trata de populações difíceis de alcançar ou ocul-

tas. Nesse tipo de amostragem, os primeiros participantes são selecionados por critério de conveniência e, em seguida, são solicitados a indicar outras pessoas que possam se encaixar nos critérios da pesquisa.

Em princípio, a autora tinha em mente contar a história do professor Wellington Pereira, que a vinha orientando para se submeter ao Mestrado em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba. Ao lançar a pesquisa nas redes sociais, o caso dele e de sua família foi a primeira indicada. Pelo menos oito casos foram sugeridos, mas algumas pessoas se recusaram, daí chegamos a cinco famílias, cujas tragédias e processos de superação encontram-se aqui registrados.

Foram entrevistadas 15 pessoas que gentilmente se dispuseram a revisitar o passado recente, reencontrando as dores de suas terríveis perdas e as memórias afetivas deixadas por seres tão especiais em suas vidas. O primeiro Capítulo – "Inimagináveis 32 dias" – traz a história das famílias Gomes de Lima e Pereira, que amargaram a perda de cinco pessoas, sendo três por covid-19, uma por câncer e outra com diabetes.

O Capítulo II conta o sofrimento da família Moura Santos, que logo no primeiro de mês de decretada a pandemia do coronavírus, em março de 2020, acompanhou à distância a luta do primeiro enfermeiro do Brasil a morrer de covid-17. Idalgo Moura Santos era enfermeiro-chefe no Hospital Municipal de Taubaté, em São Paulo, e foi também o primeiro a morrer na família Moura Santos. Depois dele, em um espaço de nove meses, morreram seu pai, seu Geraldo, e seu irmão Agnelo.

O Capítulo III narra a transformação de vida dos irmãos Érika e Kaio Cavalcanti que tiveram que se reinventar profissionalmente com a perda do pai Alexandre Guerra e da tia Carmem

Sílvia, e da dor do médico Aurílio Estrela que constatou pessoalmente a morte do seu filho Pablo Estrela e ainda perdeu a ex-esposa, mãe de seus filhos, com uma diferença de 12 dias. Pablo Estrela era noivo de Érika.

No Capítulo IV, o leitor poderá conferir a história da enfermeira Eurilian Dias Garcia de Araújo e de sua mãe, Iraneide Garcia Dias de Araújo, que sofreram com "O Silêncio das Despedidas": não ter direito de velar seus mortos e serem obrigadas a retirar o corpo de um dos parentes num prazo de duas horas do hospital, sob pena dele ir para uma vala comum de cemitério. A família perdeu o patriarca, dois filhos, um irmão e a cunhada de Iraneide.

Por fim, no Capítulo V, André Alves Nicolau conta como, pela fé, os familiares e em especial sua mãe Célia procuraram superar a dor de perder a sua tia Arlette Lima e o seu pai Jorge Alves Nicolau. Toda a família teve covid-19 e o que consideram mais forte para enfrentar a doença, pela condição de atleta, foi quem mais sofreu e não resistiu.

19 Inimagináveis 32 dias

103 Antes da covid/Depois da covid

133 Momento de se reinventar

159 O silêncio das despedidas

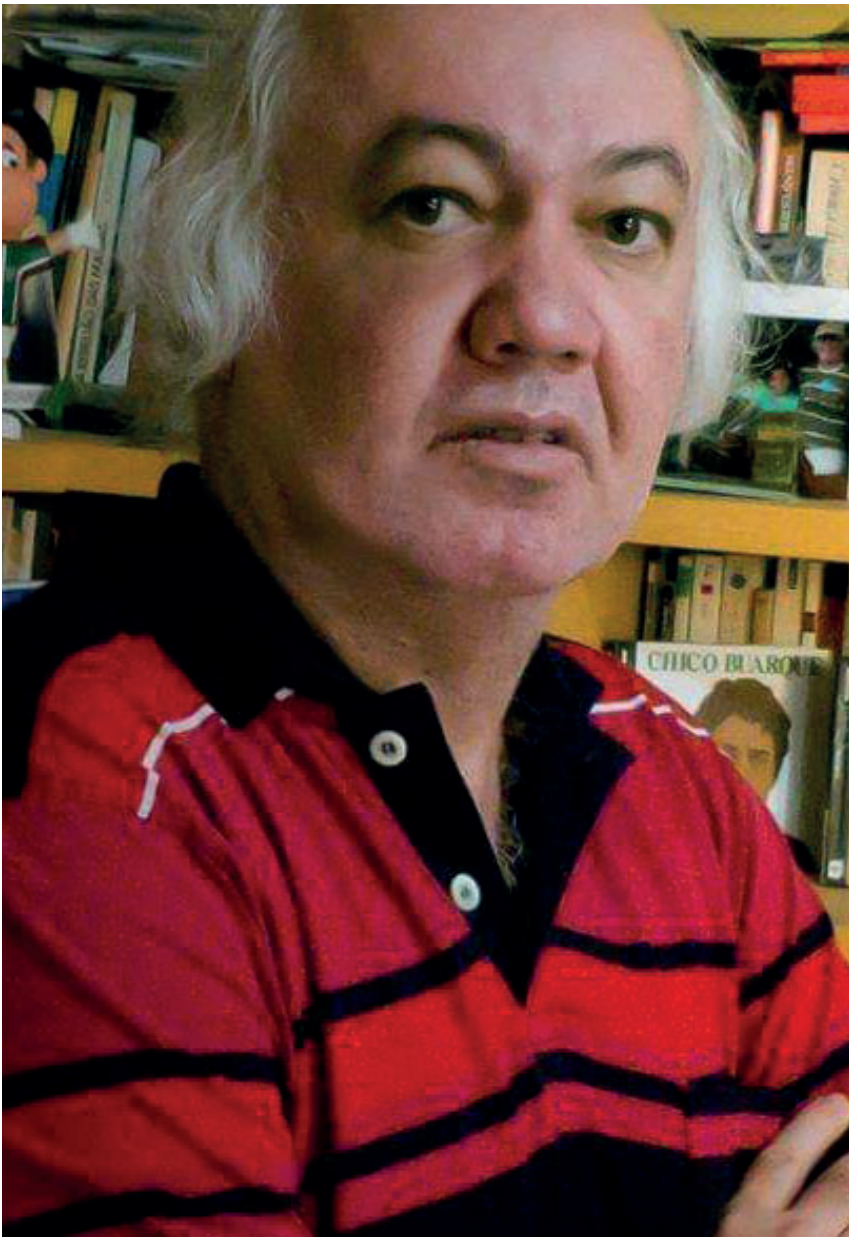
185 Superação pela fé

CAPÍTULO I

Inimagináveis 32 dias

"A nossa pandemia mais letal é a covid-19, mas as outras, baseadas no lucro e na ignorância, vão continuar matando, porque não terão fim"

Wellington Pereira - 04/03/2021



Professor, pesquisador, jornalista e escritor Wellington José de Oliveira Pereira

Inimagináveis 32 dias

Aqueles foram os trinta e dois dias da mais profunda dor sentida pelas duas famílias que haviam se unido a partir dos laços matrimoniais do jornalista e professor Wellington José de Oliveira Pereira e da assistente social Maria de Lourdes Gomes de Lima Pereira. Certamente, os nubentes - à época - jamais pensaram que as promessas de viverem unidos para sempre e estarem juntos na saúde e na doença viessem acontecer de forma tão extrema por conta de um vírus que fez tamanho estrago, deixando nos familiares uma marca indelével, em especial na jovem Maria Beatriz Gomes Pereira – a Bia - que completou 18 anos no dia da morte do pai.

Nesse pequeno período de tempo, essas famílias sofreram a perda de cinco pessoas: as três primeiras para a covid-19; uma para um câncer descoberto em meio a esse turbilhão de acontecimentos; outra, por conta do diabetes. Não foram apenas números, cinco mortos em trinta e dois dias. Mas pessoas amadas: pais, esposos, mãe, irmãos, filhos, amigos, vizinhos, colegas. E todos tinham um nome, um lar para voltar, pessoas para acolhê-los.

Para contar essa história e deixá-la registrada para a posteridade, foram ouvidos seis familiares e cada um, ao seu modo, pode expressar a tragédia em suas vidas. Uma coisa foi comum ao relato de todos: a indizível dor de não poder velar pessoas tão amadas. Não ter sequer, o direito de abrir o caixão para se despedir dos entes queridos. Todos relatam que a cada notícia de morte alguém da família se dirigia ao necrotério do hospital, reconhecia o corpo, depois o ente querido era lacrado em um saco preto e posto em um caixão, fechado, para não mais abrir. E o corpo seguia, imediatamente, para o crematório ou direto para o cemitério, com raríssimos acompanhantes.

Impotência

Era 10 de abril de 2023, numa manhã ensolarada. Conforme combinado, cheguei ao Escritório de Advocacia do Dr. Tiago Sobral Pereira Filho, no Edifício Viña Del Mar, às 10h. Toquei a campainha e as portas foram logo se abrindo. Pude montar meu equipamento para gravar a entrevista em vídeo. Fiquei bem atenta para que tudo desse certo dessa vez, pois já tinha estado com o doutor Tiago no dia 29 de março, gravando uma primeira entrevista, mas o microfone não funcionou. Apesar da minha falha, meu anfitrião foi muito cortês e se dispôs a responder tudo de novo.

Foram-me oferecidos água e café. Mexi o local onde estava o meu entrevistado para melhor compor o cenário. Pedi para mudar a posição da sua cadeira, para que a câmera não ficasse contra a luz e eu pudesse registrar melhor a sua imagem. No mesmo ambiente estavam o seu sócio, que também perdeu um familiar para a Covid, e a secretária do Escritório. E logo começamos a gravar. Doutor Tiago contou ter se surpreendido com a decretação da

pandemia pela Organização Mundial de Saúde, e que, assustados, ele, sua esposa e a filha tiveram a certeza de que era preciso se isolar, para não contrair o vírus.

A família de Tiago Sobral foi "séria e severamente atingida" pela covid-19, como ele mesmo fez questão de frisar. Até mesmo os que morreram por câncer e diabetes ele atribuiu as mortes ao estado emocional, por conta da situação em que estavam vivendo. Três irmãos do entrevistado – Wallace de Oliveira Pereira, Wellington Pereira e Naggib de Oliveira Pereira, além da cunhada Lourdinha e o irmão dela, João Batista Gomes de Lima – morreram em apenas 32 dias.

A primeira morte aconteceu no dia 14 de março de 2021. A doença começou a se desencadear pelo irmão Wallace. Ele era presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicação e Operação em Mesas Telefônicas do Estado da Paraíba (Sinttel-PB) e viajou para o Piauí para tratar de questões da categoria. No retorno, Wallace adoeceu e não contou à família, talvez pelo medo de descobrir que estava com covid. Até a situação ser revelada e ele internado em um hospital de João Pessoa, passaram-se oito dias. Da internação ao sepultamento, mais oito dias. Tudo muito rápido.

A notícia da morte de Wallace causou um grande impacto na família. A doença causava muito medo a todos. A propósito, os irmãos Pereira já tinham perdido uma tia por parte de pai no dia 5 de fevereiro de 2021. Para eles foi doído, mas a situação foi um pouco mais distante. Essa tia era idosa e morava no bairro de Jaguaribe, em João Pessoa.

- A gente ficava sem condições, se sentindo impotente. A verdade é essa: sentíamo-nos impotentes diante do vírus. E foi dentro de casa! – relatou Tiago, afirmando que por mais que soubessem

que um parente ou um amigo tivesse falecido ou estava com a covid, viver a situação no seio da família era diferente.

Dois dias após a morte de Wallace, a família Pereira foi surpreendida com a notícia de que Wellington também tinha contraído a doença. O professor postou em suas redes sociais, no dia 16 de março, que "mesmo antes da pandemia" tinha se mantido isolado por conta de uma neuropatia diabética. Que "não saia e apenas observava os transeuntes no mundo virtual" e, naquele período, havia se limitado a sair para consultas e exames médicos.

"Eu tinha feito uma série de exames em um hospital oftalmológico, indo comprar uma sandália especial para pés diabéticos. Não sei qual é a arqueologia do vírus. Mas iniciei logo o tratamento", relatou Wellington, concluindo: "Espero voltar com saúde (wp)".

Não foi como ele esperava. Dois dias depois, Wellington Pereira foi internado e no dia seguinte, 19 de março, dia em que sua filha Bia completaria 18 anos, foi informado que iria ser entubado e levado para a Unidade de Terapia Intensiva. No entanto, não chegou a tal, pois teve um infarto e morreu. Cinco dias após a partida de seu irmão.

Tiago garante que os irmãos não vinham se encontrando e que os casos aconteceram sem contato entre eles. Wellington era muito recluso, principalmente da pandemia e conversava muito com ele e com os outros irmãos por telefone.

Se a morte de Wallace deixou parentes próximos e distantes extremamente abalados e sofridos, a de Wellington foi muito além do círculo familiar. Causou forte comoção também no meio acadêmico, em particular na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), da qual era Professor Doutor, e na imprensa paraibana, onde era igualmente reconhecido e admirado como articulista crítico da própria produção jornalística. A notícia do falecimento de Wellington provocou, inclusive, reações aparentemente inusitadas ou inespera-

das como uma tremenda dor de cabeça que levou ao internamento às pressas de João Batista Gomes de Lima, cunhado e grande amigo do falecido.

Atendendo ao desejo de Wellington Pereira, a família tratou de cremá-lo. Vários amigos, ex-alunos e companheiros professores acompanharam o cortejo até o crematório em seus carros. No local, desceram de seus carros, mas mantiveram distância. Tiago fez um discurso, Lourdinha e Bia estavam ao lado do caixão fechado. Depois, apenas os três puderam entrar para assistir à cremação. Lourdinha já apresentava os sintomas da doença, mas recusou-se a se afastar do marido durante todo o processo da doença.

No dia seguinte à cremação e ao depósito das cinzas no túmulo, Lourdinha foi levada pelas irmãs para o hospital, onde foi imediatamente internada para não mais sair. No dia 28 de março, Maria de Lourdes veio a óbito e Maria Beatriz, que já havia perdido o pai, ficou completamente órfã.

— Nove dias depois, veio a morte de Maria de Lourdes que para nós foi uma surpresa terrível. Eu não tenho outro adjetivo a dizer. É um luto fenomenal, feroz, é grande. Eu não tenho como mensurar o luto que a minha família enfrentou! – relata Tiago Sobral, com voz embargada.

Os irmãos e demais parentes de Lourdinha, que já vinham sofrendo com toda a situação, amargaram, sete dias depois da morte da irmã, o falecimento de João Batista que havia sido diagnosticado com um tumor na cabeça. Ele partiu no dia 4 de abril e a família pode velá-lo, pois a Covid não era a causa daquela morte.

Fechando o ciclo de mortes no seio dessas famílias, o terceiro irmão Pereira, Naggib de Oliveira, faleceu 20 dias depois de Lourdinha, decorrente do problema de diabetes. De acordo com Tiago, Naggib não se cuidou. Ao mesmo tempo, admite que o contexto de

uma morte atrás da outra não dava tempo, sequer, de como pensar ou agir. A perplexidade era a única reação possível, perceptível. Como o caso de Naggib não foi Covid, foi liberado uma hora de velório, com os devidos cuidados. A família fez uma cerimônia de despedida que durou cerca de hora e meia, antes de levar o corpo para o cemitério.

"Eu só pedia a Deus força, força..."

Mesmo compreendendo a determinação da OMS de decretar a pandemia e a necessidade de se fechar em casa, Tiago, mulher e filha foram as primeiras pessoas da família Pereira a contrair a Covid, ainda em 2020. Ele não soube precisar o momento da contaminação. Suspeita que tenha sido ao fazer compras ou pedir e receber em casa comida em restaurante. Mas, à época, a doença foi leve e logo todos ficaram bem.

Após as três primeiras mortes, a matriarca dos Pereira, dona Maria Zilda de Oliveira Pereira, e a sua filha mais velha, Maria da Luz de Oliveira Pereira, tiveram Covid. Dona Zilda chegou a se internar mais de uma vez. Ambas residiam com Wallace, que estava separado da esposa, e com Naggib. Mas também há dúvida de como se deu a contaminação, uma vez que elas só vieram a ter Covid 15 dias após o sepultamento de Wallace.

Diante de tanta adversidade, coube a Tiago Sobral enfrentar, praticamente sozinho, a tragédia familiar e carregar em suas costas todo o peso de cada drama. Levar os irmãos Wallace e Naggib ao hospital; transmitir todas as notícias à sua mãe Maria Zilda e à sua irmã Da Luz sobre o passo a passo das condições de saúde dos doentes, do agravamento até a notícia da morte; fazer o reconhecimento dos corpos e tomar as providências para o sepultamento de cada um.

Em mais um momento de forte emoção e com a voz embargada, durante a entrevista, Tiago relatou o que pedia, desesperado, a todo momento. "Eu só pedia a Deus força, força", lembrou. E que, no segundo óbito, entendeu que tudo aquilo "era um desígnio de Deus". Buscou na fé a resposta para tudo o que estava acontecendo e resolveu simplesmente aceitar:

— Não tinha como fugir dali. E só eu poderia naquele momento, como irmão e filho, tomar a frente da situação!

E reforçou:

— Era reconhecer o corpo, responder duas ou três perguntas da assistente social, se despedir daquele querido sozinho numa pedra, porque não podia entrar mais que uma pessoa, devidamente paramentado, e fechar num saco preto, colocar na urna e ir direto para o cemitério!

Dona Zilda foi recebendo as informações das doenças dos filhos e da nora em doses homeopáticas. No caso de Wallace, foi sabendo cada acontecimento, como uma preparação se caso, como de fato aconteceu, viesse a morrer. Ao receber a informação, "ela reagiu com uma dor profunda, mas forte, muito forte", lembra Tiago.

— Da mesma forma, cinco dias depois, eu tive que dar a notícia da morte do professor Wellington. E na sequência, também, da morte de Lourdinha. Então, cada vez (momento de emoção... Tiago dá uma pausa...) que eu ia comunicar o óbito, eu sentia que ela ficava extasiada, anestesiada. Mas, em pouco tempo, ela tomava consciência do que estava acontecendo.

As consequências das tristes notícias recebidas por dona Zilda e a consciência das perdas sem volta não demoraram para o luto se instalar muito forte nela, seguido da depressão. Por um tempo, ela fez terapia com uma psicóloga e foi acompanhada por um psiquiatra que ministrou remédios para que dona Zilda saísse

da depressão. Em determinado momento, a matriarca decidiu que era hora de ter alta do tratamento. E ela mesma se deu alta médica.

— Hoje, graças a Deus, ela não toma remédio. Ela está, como costumamos dizer, de pé, tomando conta da sua casa. Como sempre o fez nos seus 85 anos de vida! – afirmou Tiago Sobral.

Ele conta que a morte que mais dona Zilda sentiu foi a do filho mais novo, Naggib, porque ela soube dessa morte no hospital, através de um psicólogo. Justo no período em que a mãe e a irmã Da Luz se recuperavam da covid em um hospital, internas em alas diferentes e sem terem conhecimento da doença uma da outra, o caçula dos Pereira faleceu. Da Luz só tomou conhecimento da morte de Naggib, quando chegou em casa. E, mais uma vez, coube a Tiago contar.

"Vivenciar isso deixou um fardo grande na minha vida", afirmou Tiago, acrescentando: "Mas eu tinha que carregar, não podia dividir com ninguém e até hoje ainda tenho resquícios desses fardos".

Cinzas sobre o caixão da mulher

Apesar das muitas mortes em pouco tempo, os custos financeiros junto às funerárias não foi problema para a família Pereira. Possuidora de um jazigo perpétuo no Cemitério Santa Catarina (Bairro dos Estados, João Pessoa) há mais de 35 anos, desde quando o patriarca Tiago Sobral Pereira faleceu, o túmulo serviu para abrigar Wallace, Wellington, Lourdinha e Naggib.

O professor Wellington Pereira sempre expressou o desejo de ser cremado. Em um breve momento de descontração, Tiago contou que às vezes brincava com o irmão, advertindo:

— Professor, é muito caro cremar um corpo aqui na Paraíba...

E Wellington respondia:

— Tem nada não, você me leva ali na padaria de seu Aluísio

e lá o forno dele resolve!

Brincadeiras à parte, o professor Wellington Pereira contratara um plano funerário para a sua família, o que facilitou atender e cobrir os gastos com o funeral de Lourdinha. Quando ele morreu, a sua esposa decidiu pela cremação. Com a morte dela, as cinzas de Wellington foram colocadas em uma urnazinha depositada sobre o caixão da sua mulher, no túmulo onde repousam.

Além de Wellington e Lourdinha terem plano de assistência funerária, o enterro de Wallace foi garantido pelo plano da empresa em que trabalhava. Só quem não tinha era Naggib, mas a família arcou com as condições necessárias.

Maria Beatriz, filha de Wellington e Lourdinha, também recebeu os cuidados do tio. Tiago deu o suporte advocatício necessário para ela receber pensão e cuidou do inventário de forma a garantir a estabilidade financeira da sobrinha. Ele relatou que a filha do casal mora em um dos apartamentos que Wellington deixou e com ela ficou por ser herdeira universal do patrimônio construído pelos pais.

Beatriz é universitária e mora no Cabo Branco, bairro da orla de João Pessoa, onde os pais viveram até a morte. De acordo com o tio, a sobrinha vive bem, dentro das possibilidades dela. O contato entre os dois é um pouco raro, pois não tem como estar lá com ela toda semana. Segundo ele, depois da morte dos pais, as irmãs de Lourdinha - Dora e Fátima - passaram a cuidar de Beatriz, dispensando-lhe carinho, cuidados e apoio psicológico, que consideram o mais importante.

Como se desvencilhar das lembranças?

É um velho jargão, mas presente o tempo todo: “Ninguém leva mais que um par de roupa”. Nem escolhe. Ficam roupas, sa-

patos e outros objetos de uso pessoal... E para conviver com isso, vendo tudo a qualquer hora, renovando a todo instante as lembranças de quem se foi?

Esse foi mais um drama que Tiago teve que conviver até depois de dois anos da morte dos irmãos Wallace e, principalmente, Naggib. Dona Zilda e Da Luz não conseguiam se separar das lembranças deixadas pelos dois. Ver e tocar em objetos e vestimentas deixados nos quartos eram a forma de matar a saudade, das duas enfrentarem o luto.

Até abril de 2023, a bicicleta, o droner, a televisão e o relógio do filho caçula de dona Zilda estavam no mesmo lugar onde ele deixou antes de partir.

— O quarto de Naggib está todo perfeito, com todas as coisas, como se ele tivesse ido ali viajar e vai voltar. Não se mexeu em nada. Relógio, pufe... Não posso chegar lá e dizer que tem de tirar.

Segundo Tiago, a mãe e a irmã respondiam para ele que tinha que esperar o tempo para que tudo fosse se acomodando, sedimentando, para chegar o dia de se desfazer. Então, ele foi aos poucos propondo como, por exemplo, que doassem três camisas um dia. Mais alguns dias, propunha descartar alguns sapatos e assim ir reduzindo o acervo de recordações até elas sentirem que nada mais teriam a doar.

— Vamos tirando devagarinho, mas é muito difícil para elas se desvencilharem dessas lembranças.

Uma infância lúdica

Tiago lembra de sua infância no Bairro 13 de Maio com muita saudade. Conta ter sido uma infância rica em brincadeiras, jogos e outros divertimentos. Um tempo em que construía seus próprios

brinquedos. Afirma, categoricamente, que qualquer pessoa pode ter tido uma infância tão boa quanto a dele, mas não melhor. Com brilho nos olhos, relembra:

— Eu fui um menino que gostava de futebol, de roubar manga, tomar banho de rio. Antigamente, fabricava os meus carrinhos. Buscava aquelas habilidades de bola de fone, de papagaio e outras brincadeiras que a gente fazia com os colegas. Praticamente na minha casa era assim: eu era o mais levado!

Descreve o irmão Wellington como o mais calmo, lembrando que ele sempre gostou muito de ler, de escrever, de se dedicar às letras. De outra forma, Wallace é descrito como o mais sisudo, o mais calado:

— Ele não gostava de brincadeira. Para você penetrar numa brincadeira com ele, tinha que ir com muita calma.

Sobre Naggib, lembrou que era o mais brincalhão e que também gostava muito de jogar futebol.

A matriarca dos Oliveira Pereira, Dona Zilda, nasceu em Sumé, no Cariri paraibano, e o patriarca Tiago Sobral Pereira, de quem o entrevistado herdou o nome, em João Pessoa. Aos 19 anos, Tiago Pereira pai foi morar em Sumé para trabalhar no Departamento Nacional de Obras contra as Secas (Dnocs) e lá conheceu Zilda. Casaram-se. Pouco tempo depois, voltou para João Pessoa porque Seu Daniel, pai de Tiago, faleceu. Arrimo de família, teve que voltar.

Seu Tiago Pereira ingressou na Polícia Militar do Estado para atuar como radiotelegrafista da corporação. Com o tempo, começou a se destacar e se tornou delegado de Polícia. Na época, o militar podia exercer tal função, posteriormente vedada aos PMs pela Constituição de 1988. O patriarca, na condição de delegado, passou morar com a família pelo interior da Paraíba.

— Por meu pai ficar rodando o interior, a minha família é

uma colcha de retalhos na hora do nascimento. Wellington nasceu em Guarabira. Todo mundo acha que é de Sumé, mas é de Guarabira. Minha irmã (Maria da Luz) é de Sumé, mas foi registrada em Guarabira. Eu também sou de Guarabira e Wallace e Naggib, de João Pessoa – explica Tiago Filho.

Quando a família voltou para João Pessoa, morou inicialmente no bairro do Róger. Com a construção das casas no Jardim 13 de Maio, mudaram-se para lá em fevereiro de 1968. Tiago Filho disse que basicamente todos foram criados nesse bairro. Quando se mudaram do Róger para o 13 de Maio, ele tinha cinco anos de idade.

Hoje, o núcleo familiar dos Oliveira Pereira está resumido a três pessoas, Dona Zilda, Da Luz e Tiago Filho, para quem conviver com o luto não é nada fácil. O luto diminui, não passa, sustenta. Conta que em diversas situações lembra dos irmãos e sente por não ter mais como conversar com eles sequer por telefone, como costumava fazer com Wellington Pereira.

Quando da gravação da entrevista, o Fluminense havia se sagrado campeão do Campeonato Carioca 2023 ao golear o Flamengo por 4 a 1 na final. Tiago contou que a todo tempo lembrou de Wellington porque o irmão era torcedor do tricolor e ele, do time rubro-negro. "Se ele fosse vivo, depois ligaria para dizer: olha, perdi de novo para você", diz Tiago, lembrando ainda que havia presenteado o professor Wellington com uma camisa oficial do Fluminense. E, quando o irmão morreu, fez questão de pedir a camisa de volta, para guardar como lembrança.

Perguntado como era a relação dele com os irmãos, respondeu que era uma relação de irmãos. Quando estavam juntos, a conversa girava em torno do tempo de infância e outros momentos familiares.

— A gente esquecia que ali estava o advogado Tiago Sobral,

o professor Wellington, o técnico em telefonia Wallace. Éramos simplesmente irmãos – descreve.

De família pobre, cada um procurou estudar, melhorar de vida, superar a pobreza. Como irmãos tinham divergências, principalmente na área política e no futebol. Apesar disso, Tiago conta que nunca deixaram de agir como irmãos e nunca deixaram de ajudar um ao outro. "Como irmão, como homem, como pai de família, a gente sempre se tratava bem", relembra.

Tiago Filho lamentou, porém, um momento em que o país se dividiu politicamente e as famílias brasileiras se esfacelaram por conta dos ânimos acirrados. Ele se referiu à polarização política que antagoniza eleitores, seguidores ou admiradores do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, que governou o Brasil de 1º de janeiro de 2019 a dezembro de 2022, com os mesmos segmentos alinhados ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que tomou posse em 1º de janeiro de 2023.

— Quero que me citem uma família grande nesse país em que não houve divergência e algum membro da família não ficou sem falar com o outro por conta da política. Com minha família aconteceu. Não posso dizer que não houve divergências acirradíssimas, pois houve. Ao ponto de dizer, olha tu ficas lá que eu fico cá. Até que a gente visse que aquilo era uma divergência infrutífera.

Seleção natural

Hoje, Tiago Sobral Filho faz uma leitura de que a pandemia do coronavírus veio para que o ser humano reconheça a sua fragilidade. Que a covid-19 veio de uma forma muito mais violenta, saiu contaminando e destruindo as pessoas mais frágeis, com comorbidade. Analisando a situação dos familiares que partiram, alerta para o fato

de serem pessoas com diabetes, com problemas cardíacos e outras que ficaram mais vulneráveis à letalidade do vírus.

— Pode ser uma seleção. O vírus veio selecionar. Infelizmente, talvez a gente não queira aceitar isso, porque a dor da perda é muito grande. Você não consegue mensurar o que é em oito, dez dias, você enterrar três pessoas da sua família – avalia.

Para firmar a sua tese de que houve uma seleção natural, depois de analisar a condição de saúde dos familiares falecidos, Tiago indaga por que determinadas pessoas foram acometidas pela covid-19, foram entubadas e saíram daquele quadro. Exemplificou com um caso de um amigo taxista que passou 40 dias entubado no Hospital Edson Ramalho, escapou e até hoje está vivo.

— Outro exemplo é a secretária da minha casa. Teve covid duas vezes, foi para a UTI, passou 25 dias, ninguém garantia que ela iria sair. Mas ela voltou. Está até hoje trabalhando comigo. Ou seja, é ou não é uma seleção natural?

Polêmica da vacina

A Pandemia do Coronavírus deverá render muito debate, desde as centenas de mortes ao "jogo de cena do governo" que muito incentivou pessoas a não se vacinarem. Defensor da vacina, para Tiago cabe a cada um procurar se proteger, pois "do jeito que veio a covid-19, podem vir outros vírus, outras doenças".

Os irmãos e a cunhada de Tiago não tiveram a oportunidade que ele, sua mãe Zilda e sua irmã Da Luz tiveram de se vacinar. Morreram antes das primeiras doses da vacina chegarem ao Estado da Paraíba, em janeiro de 2021, quando a vacinação obedeceu a uma ordem de prioridades. Primeiro, servidores da área de saúde, especialmente os envolvidos com o combate direto da covid em

hospitais; depois os povos originários (indígenas); seguidos dos idosos, que seguiam também uma faixa etária decrescente e, depois, pessoas com comorbidades.

A demora na vacinação contra a covid é apontada por Tiago como uma falha do Governo Federal, agravada por problemas de logística na distribuição de vacinas para todo o país, considerando as dimensões continentais do Brasil.

— O Governo falhou e falhou feio [...]. Não quero levar aqui para o lado político. Dizer que o partido tal é que estava no governo... Não fez porque não quis. Aí seria leviano de minha parte!

E acrescentou:

— Agora, o Brasil é uma referência mundial em aplicação de vacinas, seja ela qual modalidade for. Então, o povo brasileiro esperava que o Governo brasileiro fizesse, no mínimo, o seu dever de casa!

"Achei que morte fosse coisa simples"

– Meus pais são do interior, mas moravam aqui em João Pessoa, já na década de 1940. A minha mãe é de São José de Pilar e meu pai da cidade de Pilar, mesmo. Meus pais tiveram muitos filhos. Minha mãe se casou com 14 anos e teve 21 filhos. Quando eles tiveram os quatro primeiros filhos, migraram para cá, vieram morar aqui em João Pessoa. A maioria nasceu aqui mesmo e nós fomos criados no Bairro de Cruz das Armas. Dos 21 filhos de minha mãe, 16 vigaram. Ela perdeu cinco. Ainda muito pequenos. Alguns dos primeiros lá no interior. Ela criou 16 filhos, 10 mulheres e seis homens.

Minha mãe morreu com 100 anos, em 2019. Ela fez 100 anos em fevereiro e morreu em outubro daquele mesmo ano. Morreu uma morte supertranquila. Não foi nenhum tipo de doença séria nem grave que a cometeu. Ela morreu pela idade. Como o médico dis-

se, "os neurônios pararam de funcionar". E de uma maneira muito calma, muito serena, muito tranquila, ela se foi. Curiosamente, ela me esperou, porque eu morava em Brasília. Eu estou morando aqui muito recentemente. Eu morei 36 anos em Brasília. Eu me formei na UFPB e fui para lá com 23 anos e voltei em dezembro do ano passado (2021).

E falando de minha mãe: Eu cheguei, sai do Aeroporto, fui para o Hospital da Unimed, onde ela estava internada. Cheguei e falei:

– Mãe, cheguei. Estou aqui.

Peguei na mão dela. Ela não estava na UTI, estava no quarto mesmo. Eu, duas sobrinhas. Eu estava pegando numa mão e minha sobrinha na outra. Eu disse vamos dar uma massagem na mão dela, que estava inchada. E aí, ela parou de respirar. Uma coisa muito simples assim.

Para mim foi um choque, que eu nunca tinha visto alguém morrer. E eu vi a minha mãe morrer, mas de uma maneira tão serena. E aí eu passei a falar que a morte é muito simples.

Só que depois eu vi que as pessoas não têm o mesmo destino e a morte não é uma só. Então, a morte se revela de várias formas para várias pessoas diferentes. Eu acho que como as pessoas vivem (de forma) diferente, elas morrem (também de forma) diferente. E o que me mostrou isso foi que eu nunca tinha visto ninguém morrer, assisti a morte de minha mãe. Achei que foi uma morte supertranquila. E falei "como a morte é simples!".

E, aí, não pensava eu que um ano depois a minha irmã ia morrer de covid. Minha irmã que eu amava tanto, tão querida, tão próxima minha. E que foi uma coisa tão complicada, porque, ao passo que minha mãe morreu com esse amor todo, com várias pessoas ao lado dela, minha irmã morreu só.

A minha grande dor, já falando nessa morte de Lourdinha, a

minha grande dor, uma ferida que está muito exposta, muito aberta, é saber que ela ficou só. É não saber o que ela sentiu. É saber que ninguém pegou na mão dela. E pensar que ela não merecia isso. Que ela merecia que a gente estivesse com ela. Ela merecia ouvir uma voz familiar, um carinho de alguém. Então, eu falando da morte da minha mãe e de repente me veio que eu falei que a morte é simples, é tranquila, não faz medo – porque eu sempre fui uma pessoa medrosa, com relação à morte. Mas não, não é pra todo mundo que é assim. Para cada pessoa ela se dá de uma forma diferente.

(Maria de Fátima Gomes de Lima)

***

O depoimento de Maria de Fátima demonstra uma mudança significativa de ver e de pensar a morte em um curto espaço de tempo. O que antes via como algo simples, singelo, pouco mais de um ano depois transformou-se em "um trauma que fere a alma para o resto da vida". Assim ela definiu a morte por covid-19.

Além de assistir a morte da própria mãe, Fátima pode exercer o seu direito de velá-la. Abraçou-a e beijou-a dentro de um caixão. Teve a despedida da forma que ela quis ter: rodeada dos familiares e amigos, sendo aparada na sua dor. Ao fazer uma reflexão sobre a morte da mãe com as causadas pela covid dentro da própria família, veio a constatação de que nem todos têm a mesma morte, e, em alguns casos, a dignidade de ser humano lhe é tirada em certas situações.

— É você dizer assim: eu perdi quem mais amo e eu não pude abrir o caixão para ver a pessoa! Eu não pude tocar na pessoa! Não pude me despedir da pessoa! É muito duro! – lamenta

Fátima.

Foi uma fase muito triste e dolorosa, pois perdeu a sua irmã Maria de Lourdes, dois dias depois o irmão João Batista, além do cunhado Wellington e os irmãos dele, Wallace e Naggib, que para ela pertenciam à sua família por afinidade e longo tempo de convivência.

— Morreu esse tanto de gente no decorrer de três semanas. Isso foi muito surreal. Tinha hora que eu não acreditava que isso tudo estava acontecendo.

Fátima morava em Brasília quando tudo aconteceu. Ela foi para Brasília, aos 23 anos, para trabalhar. Terminou jornalismo na UFPB, onde foi contemporânea de Wellington Pereira e a responsável por apresentá-lo a Lourdinha, em uma festa promovida pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE) da instituição.

Nessa época, Lourdinha estudava Serviço Social. Na Paraíba, o mercado para jornalistas era muito restrito. E Fátima foi visitar uma amiga em Brasília e ela a convidou para dividirem apartamento. Com isso, trabalhou como jornalista até se aposentar. Conheceu o seu marido, com quem teve duas filhas. Depois de se aposentar, voltou para João Pessoa.

Mas foi em Brasília de onde teve que acompanhar os acontecimentos da pandemia. Com apreensão e a distância, pois o país estava em lockdown, com aeroportos fechados e a determinação para que todos ficassem em casa.

— O momento de maior desespero na minha vida foi nesse período, quando Wellington e Lourdinha morreram, porque eu me senti muito impotente. Eu estava longe. Mas a mesma impotência minhas irmãs também sentiram aqui em João Pessoa, porque nenhuma podia entrar no hospital.

Só quando voltou a morar em João Pessoa, em dezembro de 2021, Fátima ficou sabendo detalhes de como tudo aconteceu. Da

boca da sobrinha Maria Beatriz, recebeu o relato do drama vivido por ela quando Lourdinha foi levada para a UTI e a filha não pode ter um último encontro com a própria mãe. Lourdinha foi internada no Hospital Nossa Senhora das Neves. Nessa época, não tinha vacina para as pessoas com a idade de Lourdinha. A vacina só chegou para pessoas com a faixa etária dela no final daquele mesmo mês de março de 2021.

E assim foi a conversa de Beatriz com a tia: "Tia, quando minha mãe entrou na UTI, eu cheguei naquele hospital e falei assim: 'eu quero ver a minha mãe, deixa eu entrar para ver a minha mãe!' Aí, a pessoa disse: 'Não pode, é UTI de covid!' Não, meu pai morreu. Eu preciso ver minha mãe. Minha mãe está na UTI e meu pai morreu. Enterrei meu pai ontem! Eu quero ver minha mãe! Não deixaram. Eu chorei, chorei. Implorei, me ajoelhei no chão, do saguão do hospital. E as pessoas diziam: 'Não, não pode, não pode, não pode!' Então, eu caí no chão e fiquei lá deitada, gritando. E ninguém me deixou entrar".

As irmãs Gomes de Lima sempre foram conhecidas pela religiosidade e pelo amor à Maria Santíssima, mãe de Jesus. Pessoas de missa frequente, rezam o Terço de Nossa Senhora. Mas Fátima admite que teve um momento em que indagou: "Deus, por que que isso aconteceu?".

Se a tia Fátima interpelou Deus, a sobrinha Bia fez questão de frisar: "Tia, eu não fiz as pazes com Deus, ainda! Eu não consegui!". E Fátima conclui: "Imagina uma menina perder o pai e a mãe. O pai no dia do aniversário de 18 anos dela. E com nove dias depois, a mãe dela morre? E ela, filha única, ficar sozinha?".

Desde a notícia de que o cunhado Wellington Pereira estava com covid, Fátima conversou todos os dias com a irmã Lourdinha. Ajudou-a a providenciar a contratação de um médico em João Pessoa

para cuidar de Wellington, mesmo ela estando em Brasília. Ela entrou em contato com os médicos e contratou ela mesma porque as suas irmãs estavam totalmente descompensadas. E no dia que Lourdinha foi para a UTI, ela mandou uma mensagem para a irmã por meio de uma enfermeira do Hospital que também havia sido contratada.

— Nós contratamos para dar uma assistência ali, pelo menos, já que ninguém podia entrar. E aí, por meio dessa enfermeira e dos médicos, a gente recebia notícias.

Em sua mensagem encaminhada para Lourdinha, Fátima tentava acalmá-la, afirmando que ficasse tranquila porque ia dar tudo certo. E recebeu uma mensagem de volta, também para que ficasse tranquila, pois ela, Lourdinha, ia ficar boa. A voz de Lourdinha estava cansada e nesse mesmo dia foi levada para a UTI, vindo a morrer no dia seguinte.

A família contratou um médico intensivista para acompanhar Lourdinha quando ela foi para a UTI. Fátima enviou mensagem para o médico, que era diretor de UTI do hospital e perguntou pela irmã. Recebeu como resposta que ela estava melhorando. Na sequência, Fátima recebeu uma ligação da irmã Dora informando que havia sido chamada ao hospital. Imediatamente, mandou uma nova mensagem para o médico perguntando se Lourdinha havia morrido, pois tinham chamado do hospital.

— Ele nunca me respondeu. Nós pagamos cinco dias a esse médico. Ela morreu no terceiro dia. Ele sequer me respondeu, nem para dizer assim: "Sua irmã morreu!". Eu entendo que os médicos estavam todos atordoados, mas essas relações com a covid são permeadas de muita crueldade e de muito... Eu não digo que foi descaso, pois imagino que foi muito sofrimento para os médicos, também – atenua.

O fato de seus familiares se cuidarem e estarem conscientes

dos riscos que corriam, pois vários tinham comorbidade, especialmente sofrendo de hipertensão, Fátima disse que não esperava tamanha fatalidade. Mas, para além das comorbidades, os seus irmãos são todos idosos.

Quando foi decretada a pandemia, a filha mais nova de Maria de Fátima, Bia, recém-casada, estava morando com os pais, pois estava se preparando para estudar em Toronto, no Canadá. A outra filha, Bárbara, doutoranda em Economia, residia em Curitiba, capital do Paraná. Quando Brasília fechou, a mãe ligou para ela e disse que largasse tudo e fosse embora para a Capital Federal, para não ficar sozinha.

Bárbara comprou a passagem no mesmo dia e conseguiu embarcar no último avião que alçou voo para o Aeroporto Internacional de Brasília, que já então tinha determinação para fechar, pois surgiam os primeiros casos de covid na cidade.

Enquanto isso, Fátima correu ao supermercado para fazer um estoque de comida em casa, porque ninguém sabia o que poderia acontecer a partir dali. Depois, foi pegar a filha no aeroporto.

— Peguei Bárbara, a Bia estava comigo, e eu fiz estoque de comida. Ninguém sai daqui de casa mais, eu disse. E aí nós ficamos em casa, cinco pessoas. Dispensei a menina que trabalhava comigo, Cleide, mandei que ficasse em casa.

A mãe de Bárbara e de Bia contou que no prédio onde morava todos se trancaram. Era um condomínio onde só morava idoso. O casal mais jovem era ela e o marido. "Mesmo assim, morreu gente lá no meu prédio. Teve um senhor que teve uma queda no banheiro, a filha dele médica levou-o para o hospital porque ele quebrou a bacia. Quando chegou no hospital, o senhor pegou covid e morreu", conta.

— Quando chegavam essas notícias, assustava a gente, mas

aí eu sempre falando com minhas irmãs, com os meus irmãos, todo mundo dentro de casa, não pensava que a covid ia chegar e ia levar minha irmã daquele jeito – recorda.

"Olha, isso aqui é muito sério!"

Trabalhando em uma empresa privada de comunicação que tinha clientes da área médica e de saúde, a decretação da Pandemia foi levada com seriedade no círculo profissional de Maria de Fátima. Além do mais, a mesma empresa tinha um programa de tevê sobre saúde e logo de cara o pessoal convidou um epidemiologista da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) para participar. E ele meio que tocou a real e falou: "Olha, isso aqui é muito sério".

Brasília foi um dos primeiros lugares do Brasil a adotar fechamento de tudo. O Distrito Federal ficou marcado também porque uma comitiva do então presidente Bolsonaro foi aos Estados Unidos, todos os componentes sem máscara, inclusive o próprio Bolsonaro, e na volta levou a covid para a capital do país. Chegaram todos infectados e a covid começou pela Esplanada dos Ministérios.

No dia seguinte à entrevista com o diretor da OPAS, doutor Jarbas Barbosa, a empresa determinou de imediato a adoção do home office. A diretora mandou que os funcionários pegassem os seus computadores — na época todos trabalhavam com laptop — e ficassem em casa. Como gerente e liderança de turma, Maria de Fátima disse que ficou um pouco baratinada, porque ficou longe de sua equipe de trabalho. Mas logo foi se adaptando.

— A gente fazia reunião à exaustão. A empresa era associada a uma empresa de São Paulo e tinha cliente também em Minas – relembra.

O primeiro grande susto!

Ainda nos primeiros meses de pandemia, a família Gomes de Lima sofreu um primeiro impacto do perigo que o coronavírus trazia para a vida de alguém que o contraísse. Com três enfermeiros do clã atuando na linha de frente de combate à covid, foram surpreendidos com a internação de Rodrigo Lins Gomes de Lima, que atuava na primeira unidade do Samu de João Pessoa voltada ao atendimento de pessoas que apresentassem os sintomas da doença.

Ele havia dado um plantão normal no Samu e como de praxe, após o expediente, Rodrigo Lins tomou um banho de álcool antes de entrar em casa e foi direto para o banheiro tomar um banho de água e sabão. Sentiu uma falta de ar forte e começou a se debater. Disse à mulher que achava que ia morrer, pois não conseguia respirar. Estava com 40 graus de febre. Ligou para os amigos do Samu e pediu ajuda. Logo foi levado ao Hospital Clementino Fraga, em abril de 2020, com um quadro de saúde grave. Foi entubado e encaminhado para a UTI, onde passou 14 dias, entre a vida e a morte.

A família do enfermeiro se desesperou pela condição de saúde, a esposa dele sentiu dificuldade de ter notícias mais seguras sobre o seu quadro de saúde. Achou que o Hospital não estava dando o devido cuidado a Rodrigo. Quando Fátima soube da situação do sobrinho, de Brasília, pautou a imprensa na Paraíba denunciando o descaso com o enfermeiro. A imprensa registrou o caso, que teve grande repercussão.

— Acho que isso ajudou, porque os enfermeiros criaram um cinturão de proteção com relação a Rodrigo. Eles – dentro do hospital – cuidaram do Rodrigo. Davam informação. E misturando religião com assistência: Não era a hora dele!

Após a recuperação e a alta, em pouco tempo Rodrigo voltou

a atuar no Samu, no combate à covid. Fátima conta que o sobrinho é apaixonado pela enfermagem, pela oportunidade de cuidar e ajudar as pessoas.

Uma outra sobrinha de Fátima, Joseline Gomes, enfermeira em Manaus, relatou à tia o drama vivido dentro das UTIs de covid, em uma das capitais brasileira que viveu o caos mais intensamente, no auge da pandemia. Segundo ela, se dirigia ao médico e dizia: "Doutor o que eu faço? E o médico respondia: Eu não sei!".

Enfermeira de UTI, no maior hospital de Manaus, Joseline se trancava no banheiro e chorava, porque não suportava mais ver tantas pessoas morrendo e os médicos e enfermeiros sem saber o que fazer.

Foi um vaticínio!

11 fevereiro de 2021. Aniversário de Lourdinha, dia em que ela completava 64 anos de idade. Maria de Fátima estava em João Pessoa, passando uns dias em seu apartamento, frente ao mar em Intermares. Havia convidado a irmã aniversariante para almoçar naquele dia em sua casa. Como era tempo de covid e ela e as irmãs estavam recolhidas em casa, não viu perigo, e combinou para que todas estivessem presentes. Só elas e uma tia, para comemorar o aniversário de Lourdinha.

Providenciou um bolo, para fazer uma surpresa e cantar os parabéns. Organizou uma playlist com frevos de rua, frevos de bloco e frevos-canção de autoria de Capiba, Claudionor Germano e outros e que se dançava nos tradicionais carnavais de salão. "A gente ficou naquela brincadeira que marcou a nossa infância, dançando abraçadas. Rimos muito. Tomamos cerveja. Foi a nossa despedida", acredita.

Em meio a essa alegria entre irmãs, houve um momento em que Lourdinha falou que se ela e Wellington tivessem covid os dois não sobreviveriam. E chorou. Então, sua irmã Gena mandou que ela "deixasse de loucura e parasse de falar" aquilo. Que eles não iriam pegar covid porque não estavam saindo de casa. E Lourdinha reforçou: "Mas eu sei que se a gente pegar não sobrevive. E vocês não deixem a Bia só, se isso acontecer". Então, falei para ela:

— Minha irmã, isso não vai acontecer não. Deixa de coisa. Não pensa nisso. Mas se acontecer – eu peguei na mão dela e disse – ela nunca vai ficar só! Eu te prometo, ela nunca vai ficar só. Eu vou cuidar dela igual se ela fosse minha filha! Ela chorou, se abraçou com a gente. A gente não deu importância a isso, como se isso... E foi um vaticínio!

Após a festa, Lourdinha dormiu no apartamento de Fátima e foi embora na segunda-feira de manhã. Wellington Pereira tinha ficado em casa com a filha Beatriz.

Maria de Fátima descreve Lourdinha como uma pessoa muito bondosa e preocupada com o próximo. Que pensava em todo mundo. Mas que tinha também um grande defeito, o de pensar nela por último:

— Eu digo que minha irmã Socorro, que morreu já há muitos anos, a mais velha, e Lourdinha eram as melhores e foram embora. As melhores morreram. Porque elas eram pessoas de uma bondade extrema.

Quando soube que Wellington estava com covid, Fátima disse que ficou desesperada, porque tudo o que Lourdinha disse veio à sua mente. Imediatamente, ligou para a irmã e pediu que, pelo amor de Deus, usasse máscara. No entanto, ela não saiu de cima de Wellington um só segundo.

— Ela cuidou de Wellington o tempo inteiro. Ela foi para

dentro do hospital. Não podia entrar e ela entrou. Ela disse que não o deixaria entrar só e a deixaram entrar.

A médica disse que Lourdinha devia fazer o teste de covid. E Fátima passou a brigar com ela por telefone, para que ela deixasse Wellington um instante no apartamento e fosse fazer o teste e a tomografia que a médica havia prescrito para ela. No entanto, ela se recusou de deixar o marido só no quarto, afirmando que ele tinha muito medo de ficar só: "Então, ela o enterrou e depois é que foi cuidar dela. Aí já era muito tarde".

Lourdinha era portadora de Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica (DPOC), mais propriamente enfisema pulmonar. Doença adquirida na época em que foi fumante. Devido ao problema de saúde, ela era acompanhada por um pneumologista. A covid foi para os pulmões, matando-a aos 64 anos de idade.

— Por isso, ela tinha medo da covid, porque o vírus vai direto para o pulmão. E ela devia pensar "o meu pulmão já é fraco". E Wellington era portador de diabetes. Ele era diabético desde criança. Diabete tipo 1 – resume.

"Vou cuidar dela como filha!"

Maria de Fátima morou em Brasília por 36 anos e não pensava voltar para João Pessoa. Com emprego certo, duas filhas brasilienses e o marido goiano, ela não via motivos para voltar, apesar de gostar muito da capital paraibana, a cidade onde nasceu.

Contentava-se em ter um apartamento em frente ao mar de Intermares e ocupá-lo uma ou duas vezes no ano. Ela sempre passava o Natal com a mãe. A única vez que esse compromisso quebrou foi quando a filha Bárbara nasceu no dia 19 de dezembro, que a impediu de viajar.

Com a morte de sua mãe, em 2019, repensou e passou a vislumbrar a possibilidade da volta, mas não marcou data. Para completar, a ida da filha Bia para estudar em Toronto e com a filha Bárbara estudando em Curitiba podia ser o empurrão para concretizar a volta, mas a situação ainda era de resistência.

Daí veio a tragédia da covid, com a morte de Wellington e Lourdinha com nove dias de diferença de um para o outro, e uma adolescente, Maria Beatriz, órfã de pai e de mãe. A premonição de Lourdinha tinha se concretizado. E de certa forma era preciso cumprir a promessa feita, se tudo isso viesse a acontecer: "Vou cuidar como minha filha!". Assim, a morte da irmã foi determinante para que Fátima marcasse a data de volta para João Pessoa.

"Eu disse assim para o meu marido: vamos voltar para João Pessoa, que ele adora e sempre desejou vir para cá". A proposta não encontrou qualquer resistência de qualquer familiar, portanto. "Só que ele é apaixonado por João Pessoa, pelo mar e tal. Ele falava que queria morar aqui. Eu não. Eu ficava calada. Só que a vida foi fazendo isso, não é?", observa Maria de Fátima.

Hoje aposentada, tem intenção de voltar a trabalhar, confiante na longevidade de sua capacidade produtiva. Significa que "deu um tempo", apenas, porque chegou organizando a casa, organizando as coisas e porque e "precisava desse tempo depois de 40 anos ininterruptos de trabalho".

Convivência com irmãos e luto

— O meu pai morreu com 94 anos. Ele era mais velho que minha mãe seis anos. Meu pai e minha eram um casal que, apesar da minha mãe ter casado muito nova, minha mãe se casou com 14 anos e fez 15 anos um mês depois do casamento dela. E ela mesma dizia

que não foi um casamento por amor. O pai dela falou:

— Olha, essa pessoa é uma pessoa boa, gosta de você e quer se casar com você. E ela disse:

— Ah, se o senhor quer que eu case, eu caso. E se casou.

Eles viveram 73 anos e tiveram essa montanha de filhos. E eram pessoas que se respeitavam muito, muito, muito, muito.

Eu sempre falo que meu pai era muito apaixonado pela minha mãe. A minha mãe não era tão apaixonada por ele, mas respeitava muito. Admirava ele. Isso era o que passava muito para a gente.

Então, eles conseguiram criar a gente, com muita união em torno dos dois, porque eles eram pessoas que eram diferentes, obviamente, mas cada um tinha uma característica que era muito agregadora com a família e com os amigos.

A minha mãe era uma pessoa extremamente amorosa. Eu digo que minha mãe era uma pessoa que tinha compaixão pelas pessoas. Ela sempre estava disposta a dar o ouvido, o ombro e até ajudar financeiramente as pessoas. E o meu pai era uma pessoa que não tinha uma educação formal, era semianalfabeto, mas uma pessoa extremamente educada e gentil. Era da natureza dele essa gentileza com as pessoas. Era receptivo, também. Os dois eram figuras agregadoras. Ele era uma pessoa que sempre viu o lado bom das pessoas. Quando encontrava uma pessoa, dizia:

— Como você está bem! Como você está bonita! Como você é legal!

E ele era natural, não era coisa que ele se forçasse a fazer. Gostava de elogiar as pessoas. De fazê-las se sentir bem. E isso refletiu-se na nossa criação porque a gente foi criada por duas pessoas agregadoras, amorosas, que não brigavam. Eles sempre se entendiam.

Não existia uma relação de submissão da minha mãe que, incrivelmente, apesar de ter se casado com 14 anos, eles tinham uma relação muito de igualdade. Meu pai sempre consultava minha mãe

para algumas coisas e eles sempre estavam ali. E eu digo que esse ambiente muito bom se refletiu na amizade que nós tínhamos umas com as outras. Principalmente as mulheres.

Quanto aos homens, eu tenho seis irmãos, entra o machismo, não é? Os homens meio que se apartam das mulheres porque se sentem superiores. Tem essa coisa de superioridade e mais na idade dos meus irmãos, que são os mais velhos. Eu tenho irmão com 83 anos e que ainda está vivo. E lá em casa, as meninas e os meninos - a gente foi criado: "Quarto dos meninos, as meninas não entram; quarto das meninas, os meninos não entram". Pai também era um homem de 1913, então ele era do pensamento de que homem e mulher não se misturam. Tem que manter essa distância, mesmo sendo filho.

Também isso criou em nós mulheres um companheirismo, um sistema de proteção entre nós, porque a gente percebeu que, apesar dos homens serem mais valorizados, nós éramos a maioria. E como maioria, você tem um poder, não é? Algum tipo de poder você tem, ainda que seja em número. Então, nós - as irmãs - éramos e somos muito próximas. Eu sou a mais nova. Então, eu sou a raspa do tacho de 21 filhos. Acima de mim tinham mais dois e Lourdinha na sequência. Meu irmão Paulo, minha irmã Gena e Lourdinha.

Lourdinha era muito próxima de mim não só porque a gente pensava muito parecido, mas também pela idade. Nós estudamos juntas na mesma escola. Ela era a mais velha, então ela era quem segurava na mão das pequenas, minha e de Gena para irmos para a escola. Todos os dias nós íamos para escola juntas e voltávamos. Então, a gente era muito próxima e no geral as minhas irmãs são muito unidas.

(Maria de Fátima Gomes de Lima)

***

Após a tragédia, o reencontro com a família foi um misto de dor e reconforto, pois puderam chorar pelas perdas e sorrir com as boas lembranças que cada um deixou. "Olha, cada pessoa tem uma reação diferente com relação a luto, pois o luto é muito individual", na opinião de Maria de Fátima, para quem a maneira de viver o luto é muito individual, mas, mesmo assim, quando se perde alguém que faz parte da vida de todos, no caso de uma mãe, um irmão, um pai, existe um laço de dor que une todo mundo.

Com as irmãs, com quem tem um grau maior de intimidade e de se expressar, inevitavelmente a lembrança de Lourdinha está sempre presente. É impossível não falar dela e de todas chorarem e sorrirem juntas, quando o tema é a partida da irmã tão querida. Já com os irmãos, os homens, estes são mais duros de expressar a dor da perda, que alguns homens têm como fraqueza.

— Apesar de que eu tenho um irmão que é muito afetivo, todos os meus irmãos não são acostumados a expor os sentimentos. Eu tenho até pena, porque acho que foram criados para não expressar dor, nem admitir fraqueza – explica Fátima.

Para ela, com o tempo a dor da perda vai se transformando em saudade e boas memórias. "Nós já perdemos uma irmã que era muito querida por nós. Todas nós éramos apaixonadas por ela. E com o tempo, a lembrança foi ficando menos dolorosa. Sei que com Lourdinha um dia será assim".

Pela conversa, dá para perceber que a maior angústia de Fátima é saber que a irmã Lourdinha morreu só. Ela repete que conhecia bem a irmã e que ela tinha medo da solidão, a exemplo da própria Fátima: "Eu sei o quanto ela deve ter sofrido, o quanto que ela ficou apavorada, mas eu não sei o que se passou, e a gente nunca vai saber".

Ao mesmo tempo, Fátima se apega ao lado religioso da famí-

lia e diz ter certeza de que o fato de Lourdinha ser uma pessoa de muita fé em Nossa Senhora, com certeza "Nossa Senhora ajudou muito Lourdinha ali, naquela hora".

— Nós somos de uma família grande e fomos criadas com muita gente dormindo no mesmo quarto. Lourdinha era do mesmo jeito meu, não gostava da solidão. Então, eu a imagino com os pensamentos e o medo, porque ela sabia, no fundo, que não ia sobreviver. Ela sabia disso mesmo quando ainda não estava com a covid – afirmou Fátima, acrescentando que Wellington tinha o mesmo temor e também deve ter sofrido muito diante da possibilidade de ficar só ou do próprio fim.

A dor do crescimento, na marra!

Reencontrar Beatriz foi um momento desejado por Fátima. Em Bia viu a figura da irmã Lourdinha, de não querer dar trabalho. Não querer incomodar. "Ela tentou se fazer de forte, mas só que ela é uma menina que a mãe fazia tudo por ela. Tudo, tudo, tudo como uma mãe faz por qualquer filha", observou a tia que prometeu cuidar da sobrinha como filha. Bia preferiu morar sozinha e continuou no apartamento onde morava com os pais.

Na avaliação da tia, Bia teve que enfrentar uma dor muito grande porque, além da dor da perda dos pais, teve a dor do crescimento, "na marra". Ela mesma falou para a sobrinha que era preciso virar adulta na marra, porque não tinha outra alternativa.

— Meu marido a chamou para morar conosco. Ele nem esperou que eu chamasse, ele disse: – Venha morar com a gente. Ela até riu, achou engraçado. E disse: – Não tio. Não, não, não!

Beatriz recebeu de Fátima uma cópia das chaves que dão acesso à casa da tia: portão do prédio; da portaria e da casa. De-

pois, disse que a casa era da sobrinha e que na hora que ela quisesse, onde estivesse, e precisasse de um pouso, não precisava sequer tocar a campainha. Era só abrir a porta e entrar porque estaria em casa. Mostrou o quarto montado para a sobrinha e disse que ela e o tio estavam ali por ela.

A entrevista com Maria de Fátima data de julho de 2022, um ano e quatro meses depois da morte de Wellington e Lourdinha. Até então, Bia se recusava a acompanhamento psicológico. Fátima e suas irmãs, além do próprio namorado de Bia, tentaram convencê-la a fazer uma psicoterapia, mas não tiveram sucesso. Segundo a tia, ela sempre se mostrou uma menina forte, que vinha aguentava o tranco. Mas de vez em quando, óbvio, fraquejava.

Certo dia, Fátima foi com Bia à UFPB para a sobrinha resolver algo pessoal. Na volta, ouviu: "Ah, tia, esse negócio de ser adulto é difícil demais!". E Fátima perguntou:

— O que foi que houve?

— Eu fui pagar uma conta e acho que paguei duas vezes. Ai, tia, eu nunca fiz nada. Minha mãe fazia tudo isso pra mim. Eu não sei fazer essas coisas, tia...

Bia começou a chorar.

— Chora, chora! Bote tudo para fora. É difícil mesmo. É ruim. É horrível o que aconteceu com você. Fale isso, bote isso para fora! Chore! Não tem ninguém com mais direito no mundo de chorar do que você! Se você passar três dias chorando, você tem direito de chorar! – aconselhou a tia.

No aniversário de Bia em 2022, quando fez um ano de morte Wellington, o namorado dela, Alex, combinou com Fátima organizar uma comemoração para quebrar a tristeza que tinha se instalado naquela data. Beatriz já tinha avisado que não queria nenhuma comemoração e que não fizessem surpresa.

Combinaram, contudo, um almoço na casa de Fátima, para o qual chamariam as tias e quatro amigas-irmãs de Bia, que a ajudaram nos primeiros meses de luto, ficando do lado dela. Essas amigas estudaram com Bia desde crianças, até o final do Ensino Médio. Também entraram na lista de convidados a madrinha dela Fátima Christtofersen, prima das tias e da mãe de Bia e alma-gêmea com Lourdinha, além do marido dela, Martin Christtofersen.

Alex consultou Bia se aceitava o almoço. Ela topou. As amigas ficaram insistindo em chamar os amigos mais chegados. Ela terminou cedendo, também. O almoço feito e consumido, quando os mais velhos foram embora, Fátima e o marido Lourival foram para o quarto para que os jovens pudessem aproveitar e dançar um pouco.

— Fizemos isso e chegou um grupinho de amigos, tudo lindo. Chegaram umas 18h e ficaram até 21h. E aí eu disse: – Botem música e podem dançar! Que era para quebrar essa coisa de ser o aniversário de morte do pai e marcar o resto da vida da menina.

Momentos de tortura

Não bastasse todo o sofrimento de Maria Beatriz, uma vizinha de apartamento resolveu perseguir a menina e implicar com ela depois que os pais morreram. Se o cachorro latia, a senhora ia no apartamento dela tocar a campainha às seis da manhã, para reclamar. Depois passou a falar mal de Beatriz nos corredores do prédio, afirmando que a menina não estava nem sofrendo com a morte dos pais, isso porque presenciou Bia chegar com os amigos sorrindo. Isso chegou aos ouvidos de Bia, que se sentiu muito magoada.

— Há pessoas que são tão cruéis que não merecem ser chamadas de ser humano. Eu tive que ir lá falar com o síndico. Amea-

cei botar um processo em cima do condomínio e um processo em cima dessa mulher cruel!

Fátima mandou um recado para a vizinha de Beatriz através do síndico, de que o pai e a mãe da sobrinha tinham morrido, mas que ela tinha gente por ela. "Mandei dizer que não é porque ela é uma menina de 18 anos que as pessoas iriam fazer com ela o que quisessem". A partir daí, o assédio acabou!

Governo apontou arma para o povo

Ao final da entrevista, Maria de Fátima fez um desabafo com o que chamou de descaso do Governo Federal com relação às ações de combate à covid. Observou que a pandemia afetou a vida das pessoas no mundo inteiro e chamou a atenção para o que aconteceu às famílias brasileiras e à dela, em particular.

— Foi uma coisa tão violenta. E uma violência quase institucionalizada porque nós entramos numa pandemia, uma coisa absolutamente nova, um vírus que ninguém sabia como lidar. Então, todas as pessoas estavam assim, meio... O que é que vai acontecer? O mundo vai acabar? E nós tivemos a infelicidade no Brasil de ter um governo que tratou isso com descaso – declarou, revoltada, lembrando que existia um direcionamento da Organização Mundial de Saúde (OMS) e da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) aos países para minimizarem e reduzirem danos, mas o governo brasileiro preferiu não seguir nem acatar aquelas recomendações.

Maria de Fátima foi chefe de comunicação do Ministério da Saúde, em Brasília, nos anos de 2011 e 2012, em um momento que voltava à Região Sul do Brasil a gripe H1N1, mais precisamente nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, onde a doença estava muito forte. Naquele momento, a população estava apavorada.

À época, Fátima orientou os jornalistas com que trabalhava a repassarem à imprensa todas as informações disponíveis do Ministério, "pois não se brinca com saúde pública". Lembrou ainda aos colegas que era preciso apurar tudo muito bem dentro do Ministério antes de comunicar a informação, porque aquela informação deveria chegar à população como verdade e parte do enfrentamento do problema. Nesse contexto, uma informação errada para a população causaria um dano terrível.

De acordo com a então chefe de Comunicação do MS, as notícias produzidas pelo setor trataram as informações com toda seriedade que a saúde pública requer. Lembra que não liberava qualquer dado, aviso ou nota sem o crivo de um comitê de especialistas representantes das secretarias de Vigilância e Executiva do Ministério da Saúde, responsável por comprar as vacinas da gripe, e da Secretaria de Comunicação da Presidência da República.

Todo o Ministério e o governo em seu conjunto discutiram e elaboraram a melhor forma de comunicar tudo o que a população precisasse saber sobre a influenza, suas consequências, contágios e importância da vacinação.

— E a gente teve a infelicidade de surgir uma pandemia e termos um governo irresponsável que escarneceu, brincou e sambou na cara da sociedade, como diz a gíria. E isso piorou muito a nossa situação. O Brasil é um dos campeões de morte por covid, junto com os Estados Unidos.

E continuou Maria de Fátima:

— E a gente fica pensando, isso vai ficar impune? A morte de Lourdinha vai ficar impune? A morte de Wellington, de Wallace, de Naggib? A morte de José, de João, de Maria, de tantas pessoas no Brasil? Tudo isso vai ficar impune? Porque a gente teve um governo que disse que se tratava de uma gripezinha, que brincou até

em cima de quem estava com falta de ar, fazendo gesto ridículo em cima de quem estava tendo falta de ar por causa da doença!

Para Fátima, a informação correta salva vida, especialmente quando se explica à população sobre a necessidade de se lavar as mãos, de se passar álcool nas mãos, da higienização de tudo que se levava para dentro de casa, incluindo alimentos, complementado todo esse aparato de defesa pessoal com o uso de máscaras.

— Aí, quando você tem um Presidente da República que vai para a rua sem máscara, que diz que não precisa usar álcool na mão nem máscara, que não precisa se preocupar porque é um vírus besta, você vira uma arma. Então, a gente teve um governo que virou uma arma apontada para as pessoas e que contribuiu para que as pessoas morressem!

"Quem é o Putin do Brasil?"

Uma outra dor sentida por Maria de Fátima foi a indiferença e falta de indignação de muitos brasileiros, a quem atribui uma memória curta com relação ao número de mortos por covid no país.

Menciona o caso ocorrido em um grupo de WhatsApp, onde seus membros comentavam revoltados sobre um ataque russo a um shopping center na Ucrânia que teria matado 10 pessoas. As pessoas criticavam Putin e chamavam os russos de miseráveis por conta dos ataques aos ucranianos.

Ainda no auge do luto, Fátima perguntou:

— Vocês sabem quantas pessoas morreram de covid no Brasil, por dia?

Alguém respondeu:

— Lógico que a gente sabe. Todo dia a gente vê na tevê.

Fátima:

— Foi muito mais que em uma guerra. Teve dias no Brasil que morreram três mil pessoas acometidas de covid. E vocês estão achando absurdo porque morreram 10 pessoas num shopping, no meio de uma guerra? Esquecem que morreram três mil pessoas por dia no Brasil e ninguém está sendo responsabilizado?

Ao travar diálogo com pessoas daquele grupo, ela foi teclando perguntas em sério: "Quem é o nosso Putin, aqui, que deixou essas pessoas morrerem? Por que não trouxe vacina antes? Por que não teve política de saúde pública correta, e fez da saúde uma guerra ideológica?".

As perguntas ficaram sem resposta. Revoltada, a irmã de Lourdinha e de João Batista, cunhada de Wellington e amiga de Wallace e Naggib, continuou cobrando justiça para "as pessoas que pagaram com a vida".

— Minha irmã pagou com a vida dela. Meu cunhado pagou com a vida dele. Os irmãos de meu cunhado pagaram com a vida deles! E irmãos, e pais, e filhos de quinhentas mil pessoas! E as pessoas se inflamam e se arvoram em condenar os russos. E para o Brasil, nada? Não, foi fatalidade!

Apesar de sentir uma dor tremenda com a reação das pessoas, Fátima decidiu continuar no grupo de WhatsApp por considerar que o tema Pandemia no Brasil precisa ser discutido, inclusive as fakes news que, na opinião dela, desvirtuaram o que foi e o que é a covid-19. Ela reproduz frases que a deixaram abismada:

— Ah, não, foi o vírus! Foram os chineses que mandaram para matar os brasileiros.

O mais difícil: dizer a Beatriz

Enquanto Maria de Fátima Gomes de Lima acompanhou a

tragédia familiar a distância, a sua irmã Maria Auxiliadora Gomes de Lima, a Dora, viveu tudo bem de perto, perplexa e se sentindo impotente. Como a maioria das pessoas, surpreendeu-se com a decretação da pandemia pela OMS.

Diferente de sua irmã Fátima e de Tiago Sobral Filho, temeu desde o início que algum ente de sua família viesse a contrair a covid-19. Desde as primeiras notícias sobre a doença na China e depois na Europa, ficou super apreensivo diante da assombrosa propagação do vírus.

Quando o coronavírus chegou ao Brasil, Dora agradeceu a Deus por sua mãe ter falecido mais de quatro meses antes, sentindo-se aliviada por ela não estar presente para assistir a momentos de imensa tristeza para a sua família, gravemente atingida na pandemia.

— Imaginava que aquela doença poderia atingir a mim e a minha família, porque a gente foi vendo-a se aproximar. Começou em outros países e chegou ao Brasil e a nossa cidade. A gente começou a ver e a viver aqui o horror, com as pessoas adoecendo e morrendo – recorda.

Morando só, Dora isolou-se das irmãs. Só conversavam por chamada de vídeo. Mas, como todas elas estavam totalmente isoladas em suas casas, decidiram ficar todas juntas no apartamento de uma delas, na orla da capital.

— Como a gente estava com saúde, as quatro solteiras, sem família, então nós ficamos as quatro juntas lá, um tempo. Aí, quando o professor Wellington adoeceu, cada uma voltou para o seu canto.

Antes da pandemia, Dora já estava aposentada e tinha como rotina cuidar da mãe junto com as suas irmãs. Depois que a mãe se foi, cada uma procurou curar a sua dor, seu luto, de uma maneira particular. No caso dela, a alternativa foi passar quatro meses

completamente só.

Quando Dora soube que Wellington Pereira havia contraído a covid-19, tomou conta dela uma grande preocupação com o cunhado e a irmã. Imediatamente, ligou para Lourdinha e implorou para que ela não ficasse no hospital com o marido, pois estava se expondo ao vírus.

Ao mesmo tempo, não lhe saia da cabeça o pedido de Lourdinha para que suas irmãs sobreviventes cuidassem de Bia, pois tinha a certeza de que o adoecimento do marido Wellington significaria a morte do casal e a orfandade da filha.

— Eu pedi, liguei muito... Minha irmã não fique aí, você está se expondo, (...) eu vou lhe buscar. E ela se recusou dizendo que não ia deixar o marido sozinho.

Wellington Pereira não chegou a ser entubado, porque enfartou quando o médico informou que precisaria entubá-lo.

— Ele morreu do coração. O susto foi grande. Na realidade, ele tinha muito medo dessa doença, tinha um verdadeiro pavor – conta.

Logo após a cremação do professor, Dora pediu aos sobrinhos que levassem Lourdinha imediatamente para o Hospital Nossa Senhora das Neves, pois ela já apresentava os sintomas.

Lourdinha ficou no hospital das 14 às 23h, após passar por uma série de exames e ser medicada. Um irmão de Dora e Lourdinha contratou uma enfermeira para cuidar da irmã. Dora tratou de comprar o material necessário para a proteção da enfermeira e para quem acompanhasse Lourdinha: propés, máscaras, toucas de cabeça, luva... Tudo!

O médico pneumologista contratado pela família fez o possível para ver se o quadro dela não piorava. Dora se paramentou toda e foi visitar a irmã em casa, levando almoço e passou o dia da segunda-feira cuidando dela. No entanto, na terça-feira, Lourdinha piorou

e o médico achou por bem interná-la. Coube à sobrinha enfermeira levá-la ao hospital, até para poupar a tia Dora, que já era idosa.

— Ela foi levada para o hospital e de lá ela não saiu mais!

No domingo à noite, ligaram do hospital perguntando se Dora podia ir lá. Daí veio a certeza de que Lourdinha havia morrido, "porque quando a pessoa tem um parente na UTI" não é chamado para receber a notícia que a pessoa melhorou. Acompanhada de uma das sobrinhas enfermeiras, recebeu a notícia da morte da irmã. Mas algo bem mais difícil ficou a cargo dela: dar a notícia a Beatriz.

— Quando eu disse, eu fiquei olhando para ela, ela olhando para mim. E eu não tive coragem de me aproximar dela e dar um abraço. Foi um impacto, um choque tão grande para mim. Foi um momento muito difícil.

Uma vez Beatriz ciente da morte da mãe, a família providenciou o enterro de um modo com o qual Dora jamais se conformou: "Uma coisa terrível você não poder velar a pessoa que você ama, pois minha irmã era pessoa maravilhosa, extremamente generosa, solidária, sabe, e ela ser enterrada num saco preto isso me dói até hoje".

Dora diz que não sabe descrever o momento em que soube da morte de Lourdinha. Ela não consegue parar para pensar. "Eu sei que ela se foi e a vida continua para a gente, pois sabia também que tinha Beatriz e ela precisava da gente", observa.

Dora lembra ainda que no começo Beatriz não quis ficar com as tias. Com nenhuma. Aos poucos, entretanto, as tias foram "devagarinho, devagarinho, conquistando a menina". Tanto que 25 dias após a morte de Lourdinha, Dora recebeu uma ligação de Bia.

Em um domingo à tarde. A sobrinha ligou perguntando se a tia estava em casa, pois tinha ido na residência de uma amiga perto da casa de Dora e queria visitá-la. Dora disse que estava em casa e que a sobrinha podia vir. Ficou esperando Bia no tér-

reo do edifício.

As duas conversaram bastante e no final Bia perguntou se a tia queria conhecer o namorado dela, Alex. Dora disse que sim. A sobrinha voltou para a casa da amiga, onde Alex tinha ficado de pegá-la e, de lá, voltaria com ele para a casa da tia. Dora, por sua vez, correu até um mercadinho para comprar coisas e preparar um jantar para a sobrinha e o namorado:

— Fiz um jantar rápido. Arrumei a mesa, tudinho. Convidei também um sobrinho meu que morava aqui, que se mudara há pouco tempo, para gente conversar, porque eu não conhecia Alex. Depois desse primeiro jantar, tive uma boa impressão de Alex. E, depois desse dia, ela nunca mais deixou de ter contato com a gente.

Dora demonstra estar bem tranquila com relação à sobrinha. Disse ter a certeza de que onde Wellington e Lourdinha estiverem, olham e velam por Beatriz e por todos os familiares. "Graças a Deus, tenho um amor imenso, todo o cuidado e todo o carinho por ela, a minha "pequena Eva" e hoje eu sei que ela me ama", conforta-se.

No dia anterior à entrevista, Beatriz esteve na casa da tia para um outro jantar, esse em comemoração do aniversário dela. "A gente fez um bolinho, ela apagou as velas para comemorar o aniversário dela", lembra Dora.

"Coisa que não tem explicação"

O sentimento de não poder velar entes queridos é, segundo Dora, algo inexplicável, mas muito sofrido. "Coisa que não tem explicação", repete. Explicação que não consegue nem mesmo quando compara situações distintas de velório e sepultamento na pandemia.

Quando tenta comparar, cita o caso da morte de João Batista,

irmão que morreu sete dias após a morte de Lourdinha. Ele, ao contrário do cunhado Wellington e da irmã Lourdinha, foi velado pela família, por ter morrido em decorrência de um tumor no cérebro, descoberto após passar mal com a notícia da morte do professor.

— A gente foi velar ele. Estavam lá os filhos de João Batista, a esposa, a gente, os irmãos. Todos fazendo orações, botando as músicas que ele gostava. A diferença enorme foi essa, ou seja, podermos velá-lo. Até hoje entristece-me por não ter visto minha irmã e meu cunhado enquanto velávamos por eles – lamentou Dora.

Ela também comparou a morte de Wellington e Lourdinha com a de sua mãe, Maria das Dores, matriarca dos Gomes de Lima. Cita que houve uma preparação natural de todos os filhos, sobrinhos e netos para a morte de sua mãe, que tinha 100 anos e foi definhando aos poucos até a morte lhe chegar naturalmente. Além disso, todos puderam velá-la e acompanhar o sepultamento da mulher que deu à luz 21 filhos. Foram tantos os filhos que a filha Dora não sabe dizer quantos netos, bisnetos e tataranetos Dona Maria das Dores deixou.

Relacionamento com os irmãos

João Batista Gomes de Lima morou um tempo com os avós quando criança. Voltou para casa dos pais já grandinho. Também morou um tempo em Manaus (AM). Dora se dava muito bem com ele e sempre se encontravam. O irmão costumava ligar para os familiares convidando-os para comer um caranguejo na casa dele, ou então, ia sempre aos domingos almoçar ou jantar na casa da mãe, quando ela era viva.

Com Lourdinha, uma relação também muito boa. Lembra que quando Wellington foi fazer doutorado em Paris, Lourdinha o acompanhou e lá a irmã aproveitou para também aprofundar estudos. No

entanto, quando conversava com a irmã por telefone, Dora percebia tristeza e saudade do outro lado da linha. Resolveu, então, visitar a irmã e foi para a França, em um voo que partiu do Recife para Lisboa, depois Paris, onde desembarcou no Aeroporto de Orly.

— Eu tive tanta sorte que não fui para o Charles de Gaulle. Quando cheguei no Orly, um aeroporto pequenininho, estavam os dois (Wellington e Lourdinha) acenando para mim.

Na casa onde moravam a irmã e o cunhado estava tudo pronto, incluindo champanhe a caviar de boas-vidas à visitante. Era 28 de abril de 1997, aniversário do anfitrião que todos puderam comemorar em grande estilo. Dora passou um mês e meio com eles em Paris, passeando todos os dias com a irmã, enquanto o professor ficava em casa, estudando. Quando elas retornavam dos passeios, invariavelmente encontravam Wellington dormindo.

— Quando ele vinha da rua, trazia cerveja e comida pronta. Aí dizia: "Vocês não vão beber, não é?" A gente começava a beber. Depois ele dizia: "Vocês não vão parar não?" E eu dizia: é pra beber ou pra parar, professor? Aí, ele ficava rindo.

Quando chegou o tempo de o professor Wellington Pereira defender sua tese de doutoramento, Dora foi novamente para Paris. Dessa vez, acompanhada por dona Zilda (mãe de Wellington), de sua mãe que também se chamava Maria das Dores, dos seus irmãos Gerson e Gláucia e da cunhada Marilene, mulher de Gerson.

O casal voltou ao Brasil logo após Wellington Pereira defender sua tese. Dora, Gláucia e Dona Zilda demoraram-se na França por mais um mês e meio.

***

Dora ressalta o cuidado e o carinho com que Lourdinha tratava

todas as pessoas que lhe eram mais próximas e queridas. Marido, filha, pais, irmãos e irmãs sentiram em suas vidas todo o zelo e desvelo de alguém que tinha a generosidade e a fraternidade em sua essência.

— A dedicação dela ao professor e a Beatriz era uma coisa extrema. Às vezes, até a gente reclamava... Mulher, tu não tens tempo para ti, é só marido, filha... E na semana, trabalho...

Além dos atributos da afetividade, Lourdinha era extremamente profissional, não faltava ao trabalho e gostava sempre de estar se reciclando, ressignificando e melhorando o seu desempenho como assistente social. Trabalhava na Secretaria de Saúde, realizando vistorias em restaurantes, muito preocupada com a saúde do trabalhador. Fez vários cursos na área de segurança do trabalho, área a que se dedicou com afinco.

Em relação aos irmãos de Wellington Pereira, Dora disse que tinha grande amizade com Wallace e a esposa dele, Carmen Glória. Descreveu o amigo como uma pessoa extremamente bondosa e maravilhosa. Já os outros, Tiago e Nagib, a relação limitava-se a cumprimentos quando se encontravam.

A terapia ajudou muito

Por indicação de um amigo que vinha se tratando com um terapeuta, online, Dora voltou a fazer terapia, na tentativa de superar o luto. O amigo passou o contrato do profissional, ela ligou, conversaram e acertaram o retorno dela a terapia.

— Eu fiz três anos de terapia, mas em dezembro de 2023 me dei alta. Disse a ele: Olha, eu estou fechando uns ciclos na minha vida e quero abrir outros. Preciso dar uma parada. Eu só quero deixar uma porta entreaberta, para se precisar voltar. E ele

disse: Dora, tudo bem, fazia um tempo que eu já vinha notando você bem e, então, está certo desse jeito. A hora que você precisar, estou aqui.

"Minha família podia estar num pedestal"

Em nossa casa, a gente conversava muito. Sobre qualquer assunto, qualquer coisa mesmo. O diálogo sempre foi importante. Nada era escondido. E daí a rotina da gente, quando eu voltava da escola, às vezes, ele me ajudava com alguma dúvida que eu tinha, principalmente sobre filosofia. Eu tinha muita dúvida nesta matéria e ele sempre dava aula para mim. Depois, eu ficava assistindo alguma coisa com a minha mãe, com meu pai.

Óbvio que toda família tem seus problemas, mas eu considerava assim: a minha família podia estar num pedestal de família perfeita.

Era incrível minha relação com meu pai. Era coisa de outro mundo. Conversava tudo com o meu pai. Eu sempre tive liberdade com meus pais. Nunca teve tabu em casa, sempre pude me expressar. Conversávamos sobre qualquer coisa, principalmente sobre a faculdade, o que eu queria fazer da minha vida... Nunca interferiram nisso. Sempre me deixaram fazer o que eu queria. E era assim, tipo, com muito amor.

Quando teve a primeira onda da pandemia, que foi em março de 2020 e tudo foi fechado. Então, 19 de março é meu aniversário. E eu lembro que dia 18 já foi avisado nas escolas, eu estudava no (colégio) ISO, que tinha sido decretada a pandemia e que devia ficar fechado por uns 15 dias, porque estava tendo uma doença, mas nada tão abrangente quanto a gente sabe hoje em dia, o que aconteceu.

Eu fiquei em casa no dia do aniversário com os meus pais. Fiquei muito triste porque não pude comemorar. Eu estava organizando uma festa, mas aí não deu, porque meus pais tiveram muito receio. Meu pai era diabético e minha mãe tinha um problema no pulmão por ter fumado por bastante tempo. E eu tenho anemia e leucopenia. Então todos tinham doenças autoimunes.

A gente se protegeu muito durante a pandemia. Sempre com medo de algo acontecer. Só saia de casa por algo extremo. E nesse período foi gerado bastante medo. Mas, querendo ou não, por mais que fizesse medo, esse foi, também, o tempo que a gente mais se aproximou, porque ficávamos, os três, as 24 horas do dia em casa.

(Maria Beatriz Gomes Pereira)

***

Maria Beatriz foi adotada quando tinha dois anos e um mês de idade, no Estado da Bahia. Ela foi sonhada por Lourdinha e Wellington. Impossível ao casal tentar uma gravidez, por questões de saúde. O casal se cadastrou na lista de espera para adoção. Certo dia, quando Wellington participava de um evento em Salvador, ficou sabendo da existência de uma menininha que esperava ser adotada.

Bia conta que ouviu por diversas vezes do pai e da mãe que quando Wellington soube da existência dela, "não contou conversa". Voltou às pressas para João Pessoa e disse a Lourdinha:

— Achamos nossa filha. Eles voltaram para lá para me pegar. Minha mãe sempre quis uma filhinha e meu pai também.

Outra história que Bia gosta de contar é sobre as primeiras palavras que disse e que deixaram os pais comovidos. Inclusive, nos seus 15 anos contou para os convidados:

— Meu pai falou que no hotel em que ficaram hospedados, quando eles me pegaram, eles acordaram à noite comigo rezando na frente da janela: "Agradecer ao papai do céu pelos melhores pais que ele podia ter me dado". E eu tinha dois anos e um mês de nascida. Eles falaram que, até então, eu não tinha falado nada. E a primeira coisa que eu falei foi isso.

Relembrando esse e outros momentos da vida, Bia diz que sempre ficou se perguntando se Deus existe. Mas depois entendeu o que Deus quis mostrar a ela, como se dissesse: "Olha, estou aqui, não tem como não acreditar. E essa história foi uma delas".

"Descobri a morte dele pelo Instagram"

Como aconteceu a contaminação de Wellington e Lourdinha por covid-19, doença que os levou à morte, é uma incógnita. Maria Beatriz ressalta que nos cinco primeiros meses da pandemia, em 2020, a família não saiu de casa. Tudo o que precisavam para consumo doméstico, principalmente gêneros alimentícios, chegavam à residência por serviços de entrega em domicílio.

Da mesma forma, Bia e os pais não relaxavam o uso de máscara e higienização. Seguiam rigorosamente as recomendações dos órgãos de saúde engajados no combate ao vírus. Mesmo quando alguém precisava sair, lembra, havia o cuidado de, chegando em casa, ir direto para o banheiro tomar banho.

Entre os meses de setembro e outubro de 2020, houve uma abertura para que as pessoas pudessem sair. Lourdinha e a filha passaram a fazer compras pessoalmente no supermercado, mas botavam o básico no carrinho e voltavam logo. Com medo de que perdesse o Ensino Médio, Lourdinha e Wellington Pereira emanciparam Bia para que ela pudesse fazer o Exame Supletivo, no qual

foi aprovada e passou a frequentar cursinho pré-vestibular.

— No final desse ano, eu comecei só a estudar. Eu ia para o cursinho e era uma cabine, então eu era quem mais saía de casa. Mas eu sempre chegava em casa, tomava logo um banho, tirava a roupa. A gente fazia tudo com muito cuidado, com muito medo.

Todos os três tinham comorbidades: Wellington, diabetes em alto grau; Lourdinha, enfisema pulmonar; Beatriz, anemia e leucopenia. A enfermidade do pai Wellington o obrigava a tratamento constante. Ele saia só para ir a médico. Como havia feito uma cirurgia de catarata, foi ao Hospital da Visão fazer um check-up e precisava sempre controlar a glicemia, porque o diabetes interferia no problema dos olhos.

Wellington também precisou comprar um calçado próprio para diabetes por receita médica. O vendedor que o atendeu na loja de sapatos estava sem máscara. Pouco tempo depois dessas saídas, apresentou sintomas que indicavam contaminação por coronavírus.

Bia lembra, também, que ela precisou se submeter às provas do Enem, que em 2021 foram realizadas em fevereiro e não no final do ano. Uma semana depois, sua mãe começou a falar que estava sentindo "algumas coisas", mas achava que era só uma gripe.

— A gente não achava que era a covid, porque a gente não saia. A gente realmente não esperava até que meu pai e minha mãe foram para o Hospital Nossa Senhora das Neves e a tomografia mostrou que o pulmão de meu pai estava comprometido.

Naquele período, para fazer o teste de covid-19 não bastava estar com sintomas da doença, mas tinha que cumprir algumas etapas, como estar com os sintomas há sete dias, apresentar secreção. Então, mesmo sentido "algumas coisas", Lourdinha não teve como fazer o exame.

Quando o pai chegou em casa dizendo que ele estava com

covid e que, bem provável a mãe também estivesse, Beatriz foi correndo para fazer o teste particular em uma farmácia, uma vez que o plano de saúde exigia o cumprimento das diversas etapas. O teste deu negativo.

— Minha mãe ficou com muito medo de eu pegar, mas a última coisa que eu ligava era para isso. Eu só queria ficar com eles, porque a gente sabia o que a covid podia ocasionar.

Wellington Pereira descobriu que estava com covid no dia 15 de março. Segundo Bia, ele parou logo de comer, ficou muito cansado e se queixava de uma dor enorme no estômago. Foi quando ele e Lourdinha foram de novo para o hospital. Ele se internou dia 18 de março de 2021. Dia 19 seria o aniversário de Beatriz. Daí, ela passou o dia inteiro coladinha ao pai, mesmo com a mãe reclamando para que ela não ficasse muito junto, mas ela não conseguia se desprender.

— Quando eu ainda estava lá, vi que ele não tinha mais como ficar entre nós. Eu não queria que o meu pai morresse, tampouco no dia do meu aniversário!

Lourdinha tinha saído para fazer uns exames e deixou Beatriz sozinha com o pai. A médica chegou no quarto, examinou Wellington, e disse para Bia que o pai dela teria que ir para a UTI. Naquele momento, ela sentiu uma angústia muito grande, disse para si que não aguentava mais e precisava ir para casa dormir.

Conta Beatriz que na sua cabeça parecia que era tudo um sonho, ou melhor, um pesadelo. Não era realidade aquilo que estava acontecendo:

— Eu só falava assim: "Se tem algum poder no universo de alguma coisa, eu não queria que meu pai morresse, muito menos no meu aniversário". Era a última coisa que eu queria que acontecesse, e eu estava implorando para que se existisse alguma força maior que escutasse isso e me atendesse.

Era pouco mais das 17h quando Beatriz chegou em casa e dormiu. Capotou, no dizer dela. Não conseguia dormir desde quando descobriu que os pais estavam com covid. Wellington já sabia que o irmão Wallace tinha falecido. Eram cinco irmãos diabéticos e Wellington o que tinha a diabetes mais severa. E o irmão que havia morrido era o que mais se cuidava.

— Meu pai ficou com aquilo na cabeça: "Esse meu irmão que mais se cuidava faleceu dessa doença, então vou falecer". Eu acho que o psicológico pesa muito. No dia que eu fiquei com ele no hospital, ele não conseguia falar muito. Estava com a máscara de oxigênio e eu só sabia abraçar ele.

Após sono profundo, Beatriz acordou passando mal, com forte dor de cabeça e vomitando muito. Ela ligou para a mãe e perguntou como estava o pai. E sua mãe afirmou que ele tinha sido levado para a UTI e logo mais ela estaria em casa. Ao desligar o telefone, Beatriz pegou o celular e foi ver seu Instagram. Enquanto rolava o feed de notícias para baixo, deparou-se com a foto do pai e a notícia de que mais um professor da UFPB tinha falecido.

— Meu pai era uma figura pública, eu descobri a morte dele pelo Instagram. Quando falei com minha mãe, ele já havia morrido, mas ela queria me contar pessoalmente, pois sabia que eu estava sozinha em casa.

Tudo o que Beatriz não queria aconteceu: o pai morreu e no dia do seu aniversário.

— Eu fiquei desesperada. Era uma data que eu sempre gostei porque meus pais faziam de tudo para comemorar. Estavam sempre me presenteando, me falando com palavras de muito amor. E quando isso aconteceu, meu mundo caiu!

Ao ler a notícia no Instagram, Beatriz ligou imediatamente para a mãe e pediu que ela contasse o que, verdadeiramente, tinha

acontecido, pois já sabia de tudo:

— Eu disse, é sério isso que eu vi? Ela falou que era. Que ele tinha falecido e que estava só ajeitando as coisas para pegar o atestado de óbito e resolver os trâmites para o velório. E daí, não dormi mais.

A menina que naquele dia estava completando 18 anos só queria que a mãe chegasse em casa para ampará-la, para que ela pudesse ficar bem pertinho da mãe. Só que Lourdinha não queria que a filha chegasse tão perto, pois tinha a certeza de que também estava contaminada, e não queria transmitir a doença para ela, pois a filha tinha anemia e leucopenia.

Beatriz não conseguiu mais dormir. No outro dia, ela acompanhou dentro de um carro o cortejo fúnebre pelas ruas de João Pessoa, a partir do Hospital Nossa Senhora das Neves, onde o pai fora internado. Houve uma parada especial no campus da Universidade Federal da Paraíba, onde o professor Wellington Pereira lecionou por mais de 30 anos. De lá, o corpo seguiu para um crematório na cidade de Cabedelo, acompanhado por familiares, amigos, ex-alunos e admiradores do professor.

No crematório, algumas pessoas desceram dos carros, mas permaneceram à distância. O caixão estava selado e foi depositado por um instante ao ar livre, enquanto o irmão de Wellington, Tiago Sobral Filho, fez um inflamado discurso, colocando para fora toda a dor de, em um intervalo de cinco dias, enterrar o segundo irmão por covid. Não imaginava que com mais nove dias seria a cunhada, Maria de Lourdes, e, na primeira quinzena de abril, o irmão caçula, Naggib.

"Só queria parar toda aquela dor"

Terminada a solenidade de cremação, Lourdinha foi levada para o Hospital Nossa Senhora das Neves pela filha e dois sobrinhos,

porque também estava com covid. Ela fez vários testes e recomendaram que fosse para casa, porque aparentava estar bem. Para Beatriz, Lourdinha parecia realmente bem. Não estava com o mesmo aspecto do pai, no entanto demonstrava estar profundamente abalada:

— Acho que ela estava tão centrada nele, que meio que ela deixou tudo o que estava sentindo de lado. Em nenhum momento eu a vi sem fome, sem conseguir andar, com falta de fôlego ou algo do tipo. Depois de meu pai cremado, quando minha mãe viu a urna, foi o momento em que ela desabou. Começou a ficar mal, a não querer comer.

Dois dias depois, a situação foi se agravando e Lourdinha precisou ser internada. Demonstrando fragilidade diante de tudo que estava acontecendo, com crises de ansiedade e nervosa, Bia não conseguia cuidar da mãe, são sabia como agir naquela situação. "Na minha cabeça, aquilo era tudo um pesadelo que iria acabar um momento", desabafou.

Beatriz tentou fazer mais um teste de covid, para constatar se estava ou não infectada, mas, como não apresentava sintomas, o plano de saúde não autorizou, afirmando que o teste seria um gasto à toa. Mas ela sentia a necessidade de saber só para ter uma noção da sua situação de saúde.

Ela disse ter ficado desnorteada sobre quantos dias a mãe ficou internada, se quatro ou cinco dias, pois não conseguia dormir. Diante das crises de ansiedade de Bia, as tias resolveram contratar uma enfermeira para acompanhar a mãe dela. Mas isso atrapalhou para que ela ficasse mais tempo com a mãe, pois só podia ficar uma pessoa como acompanhante de quarto e Bia tinha que ir rapidamente no horário de visita.

A última vez em que Bia viu a mãe foi no dia 25 de março. Ela se preparou para ir no dia 26, mas foi informada que a mãe estava passando mal e ela não poderia entrar. Depois, recebeu um tele-

fonema informando que Lourdinha seria transferida para a UTI.

— Eu não tenho uma lembrança boa. Eu sei que eu quis visitá-la no dia 26, pois eu só estava querendo ficar com ela. Depois, eu recebo uma ligação dizendo que minha mãe tinha que ir para a UTI. Falaram que iam fazer uma videochamada para eu vê-la, mas nunca teve. No dia 28, chegou a notícia que ela tinha falecido porque não tinha aguentado. E eu sem acreditar. A todo momento, só queria parar toda aquela dor que eu sentia.

Quando a tias de Beatriz a avisou sobre a morte da mãe, ela não teve nenhuma reação.

— Eu não tinha reação porque nem tinha processado a morte do meu pai e já foi minha mãe. Então, eu não tinha processado nada, e demorei muito tempo para processar na minha cabeça. Parecia que eles estavam de férias e que eles iriam voltar em algum momento, sabe?

A família de Beatriz por parte de mãe era muito grande, então, ela sempre teve uma relação mais próxima com algumas tias. Já a família por parte de pai, ela tinha uma maior aproximação porque quando era criança a mãe trabalhava em dois empregos e o pai ficava o dia inteiro na Universidade, então sempre a deixavam na casa da avó paterna, dona Zilda. "Eu ficava com ela à tarde, comendo, jogando dominó. Era isso o que a gente fazia".

Da mesma forma que aconteceu com o pai, não houve velório para a mãe de Beatriz. Lourdinha faleceu no dia 28 e no dia 29, os familiares foram para o cemitério, o carro da funerária chegou com o caixão e a família a enterrou. O caixão permaneceu fechado todo o tempo e tudo foi muito rápido.

Aleksandr e Ferrãozinho: amigos essenciais

Como fugir daquela triste realidade que vivenciava? E se

fosse possível simplesmente se deitar, dormir, acordar e descobrir que tudo não passou de um pesadelo? Como dar sentido a uma vida que não tinha mais sentido? Uma vida que não se queria mais viver? Como viver um luto que não se admitia existir? Como dar respostas a todos esses dilemas, se nada havia sido digerido?

Para fugir de todas as respostas, a primeira reação de Beatriz foi se recusar a morar com uma das tias, pois tal decisão seria admitir que tudo era realidade. Que aquela dor jamais teria cura. Desnorteada, a menina de Wellington e Lourdinha, aquela que eles encontraram em Salvador, "não conseguia raciocinar sobre o que estava acontecendo". Preferiu ficar em casa, porque se fosse para a casa de uma das tias, pareceria que as coisas sairiam "da rotina" e iria despertar nela tudo o que tinha acontecido, coisa que ela não queria.

— Eu não tinha força para me levantar da cama. Eu não tinha nada. Ao mesmo tempo que eu queria só ficar em casa, eu não queria ficar em casa. Eu queria estar em todos os lugares, menos na minha casa. Eu queria fugir de tudo, então qualquer coisa que alguém me chamasse, eu ia. E eu nem pensava, tipo assim, em nada.

Dois dias após a morte de Lourdinha, Maria Beatriz descobriu que havia sido aprovada para cursar Biomedicina no Centro Universitário de João Pessoa (Unipê). Ela tinha duas opções: Medicina Veterinária e Biomedicina. Optou por Biomedicina. Seus pais não chegaram a festejar com ela. "Meu sonho era que o meu pai me visse entrando na faculdade, coisa que não aconteceu".

Este foi outro fato que a deixou desgostosa da vida. Ela diz que "não queria fazer nada, tipo, não tinha vontade de fazer nada". Diz ainda que a sorte foi que quando começou a estudar, as aulas eram todas por ensino a distância. Fosse presencial, ela não teria a mínima condição física e psicológica de participar.

Mas o que levou Beatriz a enfrentar tudo foi a existência de um

amigo, Aleksandr Almeida, que se doou totalmente para ajudá-la na reconstrução de sua vida. "Ele teve uma grande importância nisso tudo!", afirma categórica. Na época, eles se paqueravam e já tinham jantado juntos em companhia de um casal de amigos. Alex não chegou a conhecer Wellington e Lourdinha, por conta da pandemia.

Desde o primeiro momento, Aleksandr deixou claro para Beatriz que não podia dizer que entendia e sabia o que ela estava passando. Pois não tinha como alcançar esse sentimento de perda dos pais, especialmente da forma como aconteceu com ela. Alex também teve algumas perdas na família por conta da covid, mas nada tão próximo. "E ela tem uma ligação muito forte com os pais. Não mais do corpo, mas da alma. Então, Bia tem muitos vídeos, muitas fotos, muitas lembranças deles. E eu pude, de certa forma, incentivar com que ela também lembrasse dessas coisas, revisitasse esse material", explicou.

Por um período de seis meses, Beatriz só ficava do quarto para a cozinha. Ela não queria circular pela casa para não ficar lembrando e não admitir o que aconteceu. Mas aos poucos, Alex, com a ajuda das tias dela, conseguiu com que ela fosse dando pequenos passos. Bia começou a querer assistir um filme. Depois, o amigo começou a chamar para assistirem na sala. Mais um tempo, a participar de alguns eventos da família, fazer alguns passeios.

Quando criança, Wellington e Lourdinha tiveram a preocupação de proporcionar acompanhamento psicológico à filha, pois davam muita importância não só à saúde física, também à mental. No entanto, ela rejeitou a terapia posterior à morte deles.

— Depois de um tempo, a gente sempre conversando sobre isso, eu tentava mostrar a importância de se cuidar e, enfim, ela aceitou retornar à terapia. Eu acho que o segredo foi nunca forçar. Deixar que tudo acontecesse no tempo dela – depõe Alex.

A volta ao exercício físico acabou ajudando, depois de um tempo, porque ela era muito ativa e, por conta do luto, parou de se exercitar. Antes da pandemia, Beatriz tinha o hábito de correr, gostava de fazer a funcional e outras atividades.

Com o tempo, ela foi voltando e, segundo Aleksandr, depois de um ano e meio, uma rotina saudável começou a se organizar. À época da entrevista, em junho de 2023, Beatriz estava indo muito bem na faculdade. E toda vez que os dois conversavam sobre os pais dela, Alex falava sobre o orgulho que eles devem ter dela. "Ela é a nerd de casa, gabaritando prova e tudo. Isso mostra o quanto ela tem e ainda é grande parte dos pais que já foram", acredita Alex.

"Não tem uma pessoa que tenha conhecido Wellington e Lourdinha e, mesmo não conhecendo Bia, sabe como ela é e sabe que eles tinham um carinho muito grande pela filha. A gente esteve um dia desses na UFPB e encontramos uma pessoa que trabalhou no início da carreira com Wellington e quando ele descobriu que Bia era a filha dele... Parece até que a pessoa se torna família, pois o tanto de abraço e carinho que ela recebe é gigantesco", diz Alex, complementando:

— Tudo o que eles fizeram na vida foi por ela. Tudo que eles batalharam foi por ela.

Na entrevista, Beatriz relatou como foi forte a presença de Aleksander desde o início. Ela conversava muito com ele.

— Eu tinha muita crise de ansiedade de noite, tipo não querer existir mais e de, realmente, não estar mais nesse plano. E ele que estava comigo em todos esses momentos. Ele ia lá para minha casa e ficava comigo, conversava comigo.

Nessas conversas com Beatriz, Alex chamava à reflexão sobre o que os pais estariam achando dela ficar tão depressiva, sem querer viver. "Eles iriam gostar de ver você desse jeito?" Com isso,

segundo a própria Beatriz, ela foi se acalmando aos poucos.

Uma das tábuas de salvação para Beatriz foi o seu cachorro Ferrãozinho, que ela ganhou de presente dos pais nos seus 15 anos. Wellington e Lourdinha não queriam criar cachorro em casa, mas a filha conseguiu convencê-los. "Ferrãozinho foi o amor da gente", frisa. Com o quadro depressivo que estava e sempre pensando que não queria mais viver, Beatriz refletiu:

— Eu pensava em tudo, menos em viver. E eu já ficava pensando: Se eu fizesse alguma coisa e saísse, sei lá, como Ferrãozinho ia ficar? Eu falo mesmo, Ferrãozinho foi a minha salvação. Parece algo bobo, mas a gente, infelizmente, tem que se apegar às pequenas coisas que ainda tem. Na minha família, que antes éramos eu, meu pai, minha mãe e Ferrãozinho, só ficamos eu e ele. Então, eu me apeguei a isso.

Como ainda adolescente a dona de Ferrãozinho estudava em um colégio de tempo integral, ficando na escola das sete da manhã às sete da noite, Lourdinha levava o cachorro para passear duas vezes por dia. E foi aí que ela começou a se apegar a ele. "Era o esporte dela, era o que ela amava. E quando a gente saia de casa, Ferrãozinho ficava sempre com painho, no escritório dele, pedindo carinho", lembra Beatriz.

Quando os pais faleceram, Beatriz passou a dormir no quarto dos pais e o cãozinho, que sempre dormiu no quarto dela, acompanhou. Antes, o pet dormia no canto da parede. Depois, começou dormir no canto de Lourdinha.

— E ele mudou muito. Eu falo que ele é outro cachorro agora, porque dá para ver a diferença do Ferrão antes, bem calminho, e do depois, que passou a latir muito. Ele mudou totalmente, relata Beatriz.

Ela passou a frequentar a faculdade e Ferrãozinho teve que se adaptar porque ele nunca foi de ficar sozinho. Tinha sempre alguém em casa. E foi com o latido dele, que a vizinha passou a perturbar Bia,

acordando-a às seis da manhã, para reclamar. Em maio de 2021, Beatriz e Aleksandr passaram a namorar e, em julho, eles decidiram adotar outra cachorrinha para fazer companhia a Ferrão e ele parou de latir.

Casal amigo os apresentou

Beatriz e Aleksandr se conheceram através de um casal amigo. A amiga dela ficava com o amigo de Alex e em fevereiro de 2021 os quatro saíram para um restaurante. Daí, passaram a seguir um ao outro no Instagram. Um comentava uma coisinha no feed de um, o outro fazia o mesmo no feed do outro e assim continuaram, na paquera. Com a morte de Wellington, Alex começou a se aproximar.

— Quando meu pai faleceu, ele me mandou um áudio. O áudio não dizia nada com nada – comentou Bia.

— Eu não sei lidar muito bem com essas coisas – explicou Alex.

— Depois, minha mãe também faleceu. Eu acho que ele não soube nem o que fazer. A gente estava se envolvendo e tudo isso aconteceu.

Beatriz disse que uma das coisas da qual ela mais se orgulha é saber que Aleksandr não tinha dever algum de chegar junto naquele momento.

— Algumas pessoas sendo falsas comigo e eu vi que uma pessoa que tinha acabado de me conhecer estava fazendo muito mais por mim. E foi assim que eu comecei a me apaixonar por ele. E teve um dia que eu cheguei nele e fiz assim: Olha, ou a gente namora ou para por aqui (risos).

Aleksandr recorda que quando Lourdinha faleceu ele não conseguiu falar com Bia. Sem comunicação direta, passou a mandar mensagens para uma amiga dela, quase de meia em meia hora, por uma semana.

— A amiga dela estava quase me matando. E como eu sabia

que ela estava próxima, eu mandava mensagem, A amiga dela toda vez dizia: "Mas fale com ela". E eu disse que eu não sabia o que falar. Não, eu não sou muito bom para lidar com isso e ainda mais sabendo o quanto ela adorava os pais.

Fazendo as pazes com Deus

Antes de tudo acontecer, Maria Beatriz disse que era católica de ir à missa todos os domingos. Também era catequista na Paróquia Santo Antônio de Lisboa, em Tambaú, e participava do Curso de Crisma na Igreja de São Pedro e São Paulo, no bairro de Brisamar, ambas em João Pessoa.

— Eu era uma das (catequistas) que tinha como função animar o pessoal. Para isso, ficava cantando as músicas, divertindo. Depois que meus pais faleceram, eu me distanciei. Eu tive uma raiva tremenda que ainda estou tentando recuperar.

— Raiva de Deus?

— Não d'Ele, mas do mundo em si, de perguntar porque tinha que acontecer tudo aquilo com ela para saber se realmente a missão dos dois terminara.

Entre esses e outros questionamentos, que não compartilhava com outras pessoas, Bia guardava revolta porque, quando seus pais faleceram, muita gente mandou mensagens em que diziam que o que aconteceu "foi escolha de Deus", "foi o plano de Deus". Por conta de afirmações assim, ela confessa que se distanciou da igreja, de Deus.

— Hoje em dia, eu não acho isso. Eu acho que Deus não quer ver ninguém sofrer. Deve existir outra resposta. Eu só quero que essa não seja a resposta. Eu me distanciei muito, muito, muito, muito, muito... Eu não lembro a última vez que eu fui para a igre-

ja. Bem provável que tenha sido à missa dos meus pais. Mas eu não quero isso. É tanto que eu vou fazer na Igreja São Pedro e São Paulo o EJC, que é o Encontro de Jovens com Cristo, para dar uma forcinha aí, eu com Ele, para voltar a falar com Ele.

— Perdoar Deus?

— É... E seguir.

Segundo Aleksandr, isso foi uma das coisas também que entrou "no eixo de dar o tempo necessário a Beatriz". Disse que ele e as tias de Bia sempre mostraram o quanto era importante a consulta com o psicólogo. E no tempo dela, ela foi. O mesmo fizera com relação à religião, de que era importante, também, o retorno dela.

— Acho que a religião, independentemente qual seja, é muito importante para dar força a qualquer pessoa. E aí, quando menos esperei, ela chegou e falou: "Olha, eu vou participar disso". E a gente só pode apoiar e ficar muito feliz, porque a gente vê que o espaço atrelado a um diálogo, por mais que precise de um tempo um maior, é uma recuperação mais saudável. Então, ela, aos poucos, está voltando.

"Eu sei que ele queria que pessoas lessem!"

Quando as pessoas morrem, herdam uma infinidade de objetos dos quais é difícil se desfazer. Beatriz teve que enfrentar essa questão. Algumas coisas foram fáceis doar; outras, precisou de um tempo bem maior, a exemplo de uma exuberante biblioteca que o professor Wellington Pereira formou ao longo de sua vida de estudante, leitor e de respeitável professor e pesquisador da UFPB.

Na primeira semana logo após a morte de sua mãe, Bia resolveu doar as roupas do pai e da mãe, por entender que existiam pessoas que precisavam daquelas vestimentas. Como lembrança,

guardou o paletó que o pai vestiu nos seus 15 anos e o vestido que a mãe usou, também na festa de aniversário.

— Foram as coisas que tirei para mim, pois não havia porque ficar guardando essas roupas. Não davam em mim e pessoas precisavam. Então, doei.

Beatriz manteve todos os álbuns de fotografias espalhados pela casa, sempre ao alcance da vontade de ver o que as fotos mostravam. Quando entrevistei ela e Alex, a biblioteca de Wellington Pereira ainda estava lá no apartamento. Ela resistia às investidas das tias, que sugeriam a doação também dos livros do cunhado.

— Antes, quando as minhas tias falavam alguma coisa ou se alguém falava dos livros, eu não queria nem ouvir, porque era o amor dele. Mas, infelizmente, eu não posso continuar com uma coisa que era dele e que eu sei que ele queria que pessoas lessem.

Convencida a se desapegar, Beatriz começou a falar com pessoas mais próximas de seu pai, para ver se alguém queria alguns livros. Em princípio, segundo Aleksandr, eles procuraram a Biblioteca Central da UFPB para tentar doar, mas havia uma burocracia que eles não estavam dispostos a enfrentar. Algumas pessoas já tinham ido ao apartamento para escolher os que lhes interessavam, mas o número de livros era muito grande.

— A maior parte dos livros é de Filosofia e de Sociologia, áreas bem diferentes da que eu estudo. Filosofia nunca foi meu forte. Então, eu sei que ele ia querer que esses livros estivessem com pessoas que amariam preservá-los – avalia Beatriz.

Resolveu ficar com algumas obras especiais, todos os prêmios que o pai ganhou e os livros que ele escreveu, que ficavam em um local de destaque na biblioteca. Ela disse que também entrou em contato com pessoas da UFPB para ver se haveria interesse.

"Eu não sabia fazer coisas básicas"

Oito anos mais velho que Beatriz, Aleksandr foi, aos poucos, orientando a namorada a priorizar situações importantes para crescimento pessoal e independência dela. Em primeiro lugar, um curso superior para se formar. Fez questão que ela aprendesse a dirigir, fazer e passar nos exames para receber carteira de motorista.

Aos 18 anos, Beatriz teve que gerir uma casa, coisa que ela não tinha a menor noção de gastos. Conta que ficou três meses sem receber dinheiro, enquanto se definia a questão da pensão e por isso acumulou dívidas no período. Mas disse que aprendeu a lidar com essas questões e o responsável por sua aprendizagem foi Alex, uma vez que ele tinha experiência de morar sozinho. Foi ele quem mostrou as contas que deveriam ser pagas para manutenção da casa, orientou como fazer feira, a necessidade de economizar e de se precaver para necessidades futuras.

— Meus pais sempre me protegeram muito. Eu não sabia fazer coisas básicas, como ir a um banco, pagar contas. Fiquei louca. A única coisa que eu mexia com dinheiro era quando minha mãe mandava um pix para eu sair ou me dava dinheiro para assistir a um filme.

Sobre a pensão que passou a receber com a morte dos pais, Beatriz contou que teve que escolher entre o que viria da remuneração da mãe e do pai. Ficou com a do pai, por ser maior o valor. Quanto ao inventário, até junho de 2021 o processo ainda estava "rolando", o que a impedia de ter acesso ao dinheiro deixado pelos pais no banco.

— Quando minha mãe foi hospitalizada, ela transferiu um dinheiro para mim, acho que uns R$ 9 mil e nos três meses sem receber pensão tive que sobreviver com esse dinheiro.

Consciente de que só terá pensão até terminar os estudos,

Beatriz sabe que terá que guardar dinheiro para garantir alguns projetos no futuro. Pretende, quando terminar a faculdade, fazer um curso para perícia criminal e se preparar para concurso.

Na avaliação de Aleksandr, Beatriz conseguiu fazer uma boa transição. "Eu sempre disse que iria ajudá-la, ensiná-la, mas nunca faria no lugar dela. Eu estaria sempre ao lado para fazer junto", afirmou. Quando o problema a resolver tinha a ver com a casa, Alex ajudava Bia a resolver. Quando era uma questão familiar, acionava as tias dela, Fátima e Dora, para "fazer o meio de campo".

— No início, era muito a vontade de todos que estavam à volta e com o tempo começou a ser a vontade dela. Então ela teve um baque da dor da perda dos pais, teve um baque emocional e também o baque financeiro, até por que a renda pessoal não é o padrão de vida dela, que deu uma caída e tanto – calcula Alex.

E Beatriz complementou:

— Eu tenho uma casa ótima, tenho educação. Não é reclamando, mas uma coisa que não se pode é negar que, realmente, meu padrão de vida caiu um pouco, eu tive que me acostumar com isso.

Lembrei com emoção do professor Wellington

A minha conversa com Beatriz e Aleksandr demorou pouco mais de uma hora. Marquei uma primeira vez a entrevista, que seria feita no apartamento dela, no Cabo Branco. No entanto, um dia antes, Beatriz pediu para remarcar. Depois, remarcamos para o dia 15 de junho de 2023 e pedi para conversar com o namorado dela também. Ela, por sua vez, pediu que esse encontro acontecesse no final de tarde, no Mimo Doce Café, cafeteria localizada em frente ao mar, na divisa das praias de Cabo Branco e Tambaú.

Cheguei com antecedência e aguardei por uns 40 minutos,

até que chegou um casal trazendo toda a beleza da juventude. Havia harmonia na fala deles. A cada pergunta, eles iam se revezando nas respostas, um complementando o outro. Aleksandr tratava Beatriz com toda delicadeza e proteção. Confesso que fiquei bem impressionada com os dois.

Ao ver Beatriz, lembrei com emoção quando o professor Wellington Pereira me falou pela primeira vez, com brilho nos olhos, sobre a sua Bia, a quem dedicava tantos poemas. Wellington vinha me preparando para concorrer a uma vaga do Mestrado de Comunicação da UFPB. E na primeira vez que tomamos um café juntos, ele me contou toda a história sobre a adoção de Beatriz. Fiz questão de transmitir o quanto eu admirava o pai dela e como parecia que eu já a conhecia pessoalmente.

No dia 28 de fevereiro de 2021, o professor Wellington enviou-me mensagem de WhatsApp consultando sobre o que eu achava de, "quando amenizasse a pandemia, a gente pudesse fazer voltar o Grupecj (Grupo de Pesquisa e Estudos sobre o Cotidiano e o Jornalismo". Disse que não tinha falado com ninguém ainda. Primeira pessoa consultada, fiquei feliz com tal deferência e concordei. Propus, inclusive, começarmos imediatamente online, pelos aplicativos Meet ou Zoom. Combinamos de ligar para algumas pessoas e viabilizarmos a retomada.

Quatro dias depois, 4 de março, o professor mandou-me um Rascunho Epistemológico. Sob esse título, produzia escritos diários nos quais comentava filosófica e sociologicamente temas do cotidiano. Nesse, em específico, analisava a covid-19 à luz de dois livros do escritor e filósofo francês Albert Camus, 'A Peste' e 'O mito de Sísifo'. No dia 6, compartilhou comigo postagem do nosso amigo comum Artur Silva recitando 'A Via Sacra', poema de autoria do próprio Wellington.

Ainda no dia 8 de março, outra mensagem. Desta vez, anexou "The best of Tárrega", vídeo do YouTube sobre o fenomenal violonista espanhol que me pediu para mostrar ao meu Wellington, o jornalista Wellington Farias, também virtuoso no violão. No dia 14 de março morreu Wallace, irmão de Wellington. No dia 15, manifestei meu pesar pela passagem de Wallace. Foi nossa última interação.

***

Rascunho epistemológico

A peste de Sísifo.

No título do Rascunho, a união de dois títulos de livros do escritor e filósofo francês, de origem argelina Albert Camus, A peste, O mito de Sísifo.

O primeiro livro, A peste, pode ser lido como uma alegoria da pandemia de Covid-19, seus efeitos morais, a precariedade sanitária, a frieza das autoridades e a exploração do evento pelas escatologias religiosas.

O segundo livro, O mito de Sísifo, é uma reflexão sobre a morte, a angústia e como a filosofia é impotente diante desses fenômenos.

Camus chega a declarar, n'O mito de Sísifo, que a morte é o único acontecimento para o qual a filosofia não tem explicação.

A morte exige uma explicação transcendental que a razão não é capaz de demonstrar.

Partindo dessa premissa, podemos pensar quão violenta é a pandemia de Covid-19 no Brasil, porque ela é uma peste que se soma a outras pestes sociais e transforma o povo - a gente pobre e humil-

de - em eternos Sísifos.

As mortes são contínuas na peste social brasileira, são iminentes na Covid-19, e a sensação que temos é que isto nunca vai acabar.

Morrer como Sísifo ao rolar a pedra do entulho social a cada dia, depois tentar se equilibrar no mar de lixo, é uma prerrogativa dos brasileiros economicamente mais pobres.

As mortes por Covid-19 ou pestes sociais não interessam aos poderosos brasileiros, tampouco à maioria dos políticos.

Quando morre um trabalhador brasileiro, de quaisquer categorias, serve como moeda de troca para os banqueiros. Porque todos são vistos como Sísifo, repetidores de tarefas impostas pelo capital.

A nossa pandemia mais letal é a Covid-19, mas as outras, baseadas no lucro e na ignorância, vão continuar matando, porque não terão fim.

(Wellington Pereira - 04/03/2021).

Tatuagens para eternizar

Beatriz resolveu marcar a existência dos pais e o forte amor que os unia na própria pele. A primeira tatuagem em homenagem aos pais foi a silhueta de uma foto deles três, tirada na festa dos seus 15 anos. Depois, uma frase em francês, "Ma belle fleur!" (Minha bela flor!), como Wellington a chamava. Também marcou na pele o ano de 2021. Explicou:

— Este foi um ano em que isso tudo aconteceu. É para saber que se eu consegui passar por isso, eu vou conseguir passar por qualquer outra coisa. Posso superar tudo.

Duas outras tatuagens fazem referência à data de nascimento e morte de Lourdinha e, por fim, uma com a assinatura

de Wellington Pereira, que era como ele assinava em todos os seus livros.

— Eles vão estar para sempre comigo, e pertinho de mim!

Por fim, Beatriz quis fechar a entrevista fazendo mais uma vez a sua declaração de amor:

Eu amei e amo muito meus pais. Isso não quer dizer que a gente não tivesse brigas. É obvio que tinha. Mas o diálogo foi o exemplo. Qualquer coisa, sentávamo-nos os três à mesa e conversarmos sobre qualquer assunto. A primeira vez que eu beijei, a primeira vez que eu namorei, a primeira vez que eu tomei alguma bebida alcoólica na minha vida foram com eles sabendo, foram eles comigo.

Todos os ensinamentos que eu tenho na minha vida foram deles dois. Tudo o que eu fazia, eles sabiam da minha vida. Tínhamos uma relação, principalmente, de amizade. Além dos meus pais, eles eram meus amigos e eu, graças a Deus, eu nunca tive medo de contar nada para eles. Nunca precisei fazer nada escondido, sempre conversava.

Uma das coisas favoritas que eu gostava de fazer com meu pai era assistir série. A gente amava assistir série. E hoje faço isso com Aleksandr.

Minha mãe não tem do que falar mesmo, era um doce de pessoa. Era incrível. Todas as vezes que eu me sentia acuada com alguma coisa, os dois estavam lá que nem leões, realmente. Eles foram incríveis, que eu só tenho que continuar vivendo e sabendo que eles vão estar comigo. Mesmo, às vezes, eu esteja me sentindo super sozinha, sei que eles estarão, mesmo sem eu sentir.

Prima-irmã, amiga, confidente, comadre e madrinha

Na tarde de 15 de maio de 2024, em sua casa em Tambaú,

João Pessoa, recebeu-me a última entrevistada deste trabalho: Maria de Fátima Gomes de Lima Christtófersen, pessoa por demais importante na vida de Lourdinha.

Prima-irmã, amiga, confidente, comadre e madrinha, Fátima compartilhou uma relação de profunda intimidade com Lourdinha. Elas se consideravam almas-gêmeas e Fátima estava presente nos momentos mais significativos da vida de Lourdinha, incluindo seu casamento com Wellington Pereira, do qual Fátima foi madrinha. A amizade entre Fátima e Lourdinha era tão profunda que ela também se tornou madrinha de Beatriz, a filha do casal.

Em meio às lembranças e emoções compartilhadas, Fátima revelou detalhes preciosos da vida de Lourdinha e Wellington, além de expor seu próprio sofrimento com a perda de pessoas tão queridas.

"Jamais deixaria Wellington com cuidador"

Fátima lembra com uma clareza dolorosa sobre como foi saber da morte de Wellington Pereira. Inicialmente, não quis acreditar. Lourdinha contara que Wellington estava muito vermelho e gripado. Fátima, lembrando-se da recente perda do irmão de Wellington, inicialmente pensou que os sintomas poderiam ser psicológicos, resultado do estresse e da dor da perda.

— Lourdinha me ligou e disse: 'Fátima, eu vou ter que levar Wellington para o Hospital Nossa Senhora das Neves para ele se tratar'. Aí foi quando começou toda a história – relembra.

Durante a internação de Wellington, Lourdinha mantinha contato constante com Fátima, relatando a condição do marido de manhã, à tarde e à noite. Ela conta como sua comadre escolheu cuidar pessoalmente do marido, recusando a sugestão da família de contratar um cuidador. Fátima, conhecendo bem a amiga, prima e confidente,

sabia que Lourdinha jamais deixaria Wellington sem ela no hospital.

— Ele dizia "Não me deixe, por favor" e ela sempre foi uma pessoa muito apaixonada por Wellington e eu sabia, pela amizade que a gente tem, as conversas que a gente tinha, eu sabia que Lourdinha jamais deixaria Wellington com cuidador e ficaria em casa. Fátima recorda com angústia uma de suas conversas mais doloridas com Lourdinha.

— Quando ela me disse "Fátima, Wellington vai ser entubado", um medo profundo tomou conta de mim. Acredito que foi à tarde. Mais tarde, já à noite, Lourdinha me ligou novamente e, com a voz embargada, me deu a notícia devastadora: Wellington tinha partido.

A voz de Fátima exprimia toda a sua tristeza enquanto relembrava aquele momento. A notícia da morte de Wellington a deixou totalmente devastada, chorando incessantemente em casa. Em um estado de completo desespero, ligou para uma amiga, e entre lágrimas e soluços, contou que não conseguia acreditar na morte dele. Essa sua amiga, preocupada, sugeriu que Fátima tomasse alguma medicação para conseguir dormir, pois, naquele estado, seria impossível descansar.

Mas, naquele instante, seus pensamentos fixavam-se em imagens da partida de Wellington e da presença de Lourdinha ao lado dele, testemunhando tudo. Cada vez que pensava nisso, Fátima sentia uma onda de dor ainda maior, mergulhando em um sofrimento profundo e incontido.

Ela não pôde ir ao velório de Wellington. Estava tão emocionalmente abalada que ficou acamada em casa. Uma psiquiatra, após conversar com Fátima, alertou para o risco de depressão. Fátima descreveu como, a partir da morte de Wellington, seu estado emocional despencou de uma forma que ela nunca havia experimentado antes, nem mesmo quando perdeu seus pais. Ela chorava todos

os dias e queria ficar apenas em casa, movendo-se entre a sala e o quarto, com os pensamentos fixos em Lourdinha e Wellington.

Wellington faleceu num sábado e o velório foi no domingo. Dora – irmã de Lourdinha – mandou fotos do cortejo, mas Fátima não viu o caixão.

Perda ainda mais devastadora

No domingo, Fátima ligou para Lourdinha, que disse estar gripada, mas pediu para não falar para Dora, pois ela não queria ir para o hospital. Fátima insistiu para que ela fosse, mas Lourdinha se recusou, dizendo que não tinha condições de ir naquele momento.

Na terça-feira à tarde, Fátima começou a sentir uma ansiedade e angústia crescentes, preocupada com o estado de Lourdinha. Decidiu ligar para Dora e explicar toda a situação, insistindo na necessidade de Lourdinha ser hospitalizada. Quando Lourdinha foi internada, Fátima recebeu notícias através de Dora, que também mantinha contato com Elvira, outra irmã de Lourdinha. Fátima, já profundamente abalada, sentia-se ainda mais derrubada dentro de seu apartamento.

— Domingo à noite, minha irmã me ligou e disse: 'Fátima, Lourdinha não está bem'. Eu logo perguntei: ela está respirando? Minha irmã disse: 'Está'. Ela partiu no dia 28 de março, mas até hoje eu fico pensando que ela morreu foi no sábado. Nunca perguntei mais nada, porque eu quis negar para mim mesma certos detalhes. Quando sua irmã Eliana disse que Lourdinha estava viva, Fátima se agarrou a essa esperança. Porém, na manhã seguinte, às 9h, a irmã dela ligou novamente e deu a notícia devastadora: "Fátima, Lourdinha partiu."

Fátima ficou desolada. Lourdinha era sua prima-irmã, confi-

dente, e as duas compartilhavam todos os detalhes de suas vidas. Elas conversavam sobre Wellington, o marido de Fátima, as filhas, tudo o mais. Fátima demorou muito tempo para se recuperar e, se isso tivesse ocorrido há menos de dois anos, ela não teria condições de dar essa entrevista.

Ela lembra que ligou para Dora perguntando se ao ser entrevistada para o livro isso iria mexer muito com suas emoções. Dora disse acreditar que sim, mas Fátima decidiu seguir em frente, encarar perguntas e lembranças, mesmo se sentindo trêmula e com o corpo pesado. Para Fátima, conceder a entrevista era um teste pessoal. Embora emocionalmente abalada, ainda conseguia conversar e achava importante contar sua participação em toda essa história.

Fátima comentou sobre a amizade especial entre Lourdinha e as quatro irmãs.

— Mamãe dizia assim: "Eu não sei como é que uma pessoa tem a capacidade de ser amiga de quatro irmãs e nunca envolver uma delas em nenhuma história.". Lourdinha era uma pessoa íntegra e respeitosa. No trabalho, ela era extremamente dedicada, trabalhando em dois turnos, no Estado e na Prefeitura. Tinha dias em que almoçava em pé para não se atrasar.

Ela exaltava como Lourdinha era uma intelectual dedicada, profundamente envolvida no estudo da saúde do trabalhador. Como fiscal, Lourdinha inspecionava as condições de trabalho em empresas, restaurantes e diversos órgãos, garantindo que os trabalhadores fossem tratados com dignidade e que suas condições de saúde fossem preservadas. Além de seu papel como assistente social, Lourdinha se destacava ao ministrar palestras, inclusive para médicos, compartilhando seus conhecimentos e experiências. Ela frequentemente realizava cursos na Fiocruz, sempre buscando

aprimorar suas habilidades e contribuir para a saúde e bem-estar dos trabalhadores.

Tantas vezes ela falou o quanto Lourdinha era apaixonada por Wellington e acompanhava cada detalhe de sua vida. Em qualquer evento ou lançamento de livro envolvendo Wellington, ela estava presente, sempre ao lado de Fátima. Ela recordava como ajudava a arrumar as mesas, contratar salgados e bebidas, e muitas vezes passava pela casa de Lourdinha para pegar algumas bebidas e levar outros itens necessários. A amizade entre as duas era genuína e intensa e Fátima sentia que faziam parte de uma grande história juntas.

Momento sublime: adoção de Bia

Fátima fez parte de um dos momentos mais lindos da vida do casal: a adoção de Bia. O processo foi emocionante e significativo. Wellington e Lourdinha sempre sonharam em ter uma filha. Ela diz que um dia Wellington chegou em casa com uma notícia que iluminou o coração de Lourdinha. Conversando com uma amiga, ele soube que havia uma menina na Bahia disponível para adoção, sem mais a longa fila de espera. Empolgados e cheios de esperança, Wellington e Lourdinha decidiram viajar imediatamente para conhecer a menina, embarcando em uma jornada que mudaria suas vidas para sempre.

— Eu me lembro que eu comprei uma boneca e mandei para entregar pra Bia, e eu peguei outro brinquedo. Lourdinha me disse: 'Fátima, como tu tem experiência, foi a salvação da gente, aquele brinquedo e a boneca! Ela ficava envolvida'.

Finalmente, após algum tempo, Lourdinha e Wellington receberam a notícia de que o juiz queria vê-los. Eles viajaram novamente e, durante a entrevista, o juiz percebeu o quanto eles de-

sejavam adotar Bia. Fátima foi uma das responsáveis pela grande festa quando chegaram no aeroporto com Bia, após concretizada a adoção. As irmãs de Lourdinha, Fátima e outra irmã, estavam presentes. Fátima havia mandado fazer um bolo grande, decorado com o nome "Beatriz".

Quando Bia perdeu Wellington e logo depois Lourdinha, Fátima teve um princípio de depressão e passou a fazer terapia e psicanálise. Sua terapeuta havia dito que ela não tinha condições emocionais de cuidar de Bia naquele momento. No entanto, como se fosse providência divina, a irmã de Lourdinha, que também se chama Fátima e morava em Brasília, veio morar em João Pessoa.

Mesmo sem ter um cuidado direto mais próximo, Fátima sabia tudo sobre Bia. Ela mandava mensagens, mas percebia que Bia não queria responder e respeitava isso. Quem sempre mantinha Fátima informada eram as irmãs de Lourdinha, a prima e homônima Fatinha e, principalmente, Dora.

Sobre o namorado de Bia, que entrou em sua vida exatamente durante essa fase difícil, Fátima compartilhou sua visão de forma muito positiva. Ela conhece bem Alex, a quem carinhosamente chama de Alê. Ele já conhecia Bia antes do falecimento dos pais dela e, após os eventos trágicos, continuou ao lado dela, eventualmente passando a morar junto com Bia.

Fátima descreveu Alex como um verdadeiro anjo enviado por Lourdinha e Wellington. Para ela, ele é um jovem bom e trabalhador, que se deu muito bem com Bia. Fátima contou que Alex visitou sua casa, onde foi submetido a muitas perguntas por seu marido.

— Ele veio aqui em casa, meu marido fez tanta pergunta para ele que até do bisavô dele ele falou aqui. Alê passou por várias entrevistas, viu? Eu dizia 'eita que não tá sendo mole não', a pessoa conhecer e onde chega ter uma entrevista. Mas, graças a

Deus, ele dá muito certo com Bia.

Mencionei que Fátima tem o mesmo nome da irmã de Lourdinha, Maria de Fátima Gomes de Lima, que também havia sido entrevistada. Fátima explicou que a única diferença era o sobrenome do marido, Christtófersen, que é bastante distinto.

Covid também ameaçou Fátima e o marido

Ao final da entrevista, Fátima falou um pouco sobre quando ela e o marido, Martin Christtófersen, tiveram covid. Pouco tempo depois da morte de Wellington Pereira e de Lourdinha. Martin é professor na área de Biologia da UFPB; ela, psicopedagoga. Trabalhou muito tempo na Secretaria da Educação do Município de João Pessoa e também na Funad (Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência).

No dia 8 de abril de 2021, receberam o diagnóstico de covid. Para se tratar, recorreram e foram atendidos pelo pneumologista Agostinho Medeiros, que ficou acompanhando os dois em domicílio. Também providenciaram todo um aparato de equipamentos para que pudessem se tratar no próprio apartamento.

No segundo dia da doença, Martin Christtófersen começou a passar mal, precisou ser internado e foi piorando cada vez mais. Fátima ficou em casa, fazendo uso de oxigênio. Martin piorou ao ponto de precisar ser entubado. Ficou entubado por oito dias na Unimed. Para poupá-la de maiores preocupações, os familiares não lhe contaram sobre o estado de saúde de Martin. O médico também nada disse, temendo que a notícia abalasse a saúde dela. Todos os dias, Fátima ligava para doutor Agostinho e perguntava como é que estava o marido. Diziam apenas que ele estava na UTI.

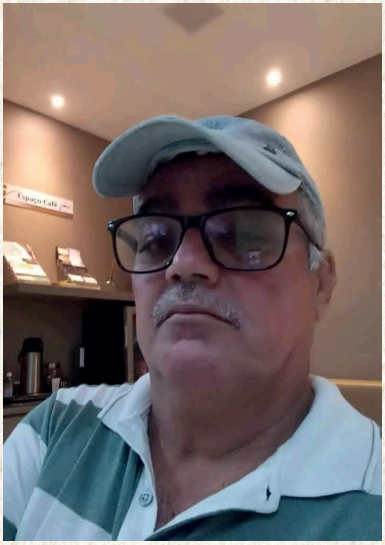
Quando Martin voltou para a sua casa, estava tão debilitado

que trouxe com ele um enorme balão de oxigênio. Tudo para continuar o tratamento em casa. Foi aí, então, que Fátima soube que o marido fora entubado.

Apesar de todas as dores e desafios enfrentados, Fátima emerge como um exemplo de força e amor. Sua história com Lourdinha e Wellington é testemunho de amizade verdadeira, dedicação e coragem diante da adversidade. Através da amizade, a luta contra a covid-19 e a perda de entes queridos, sua jornada é uma lembrança de que, mesmo quando a vida nos derruba, podemos seguir em frente e encontrar a paz novamente. Ela criou forças para dar a entrevista e deixar eternizada essa história de amizade e parceria com seus dois grandes amigos que se foram.

Dona Zilda Pereira e os filhos Wellington, Da Luz, Tiago, Wallace e Naggib

Lourdinha Pereira



Naggib Pereira

Dona Zilda Pereira

Naggib Pereira

Wallace Pereira

Wellington e Lourdinha Pereira com a filha Maria Beatriz, a Bia.

WP com seu orientador, o sociólogo francês Michel Maffesoli (gravata borboleta)

Wellington e Hildeberto Barbosa ladeados de amigos

Solenidade na Livraria do Luiz

Prof. Wellington com alunos, amigos e familiares em momentos diversos

Comemoração dos 100 anos de dona Maria das Dores Lima

Lourdinha no centro da foto e sua irmã Fátima à esquerda

Maria de Lourdes com sua mãe Maria das Dores

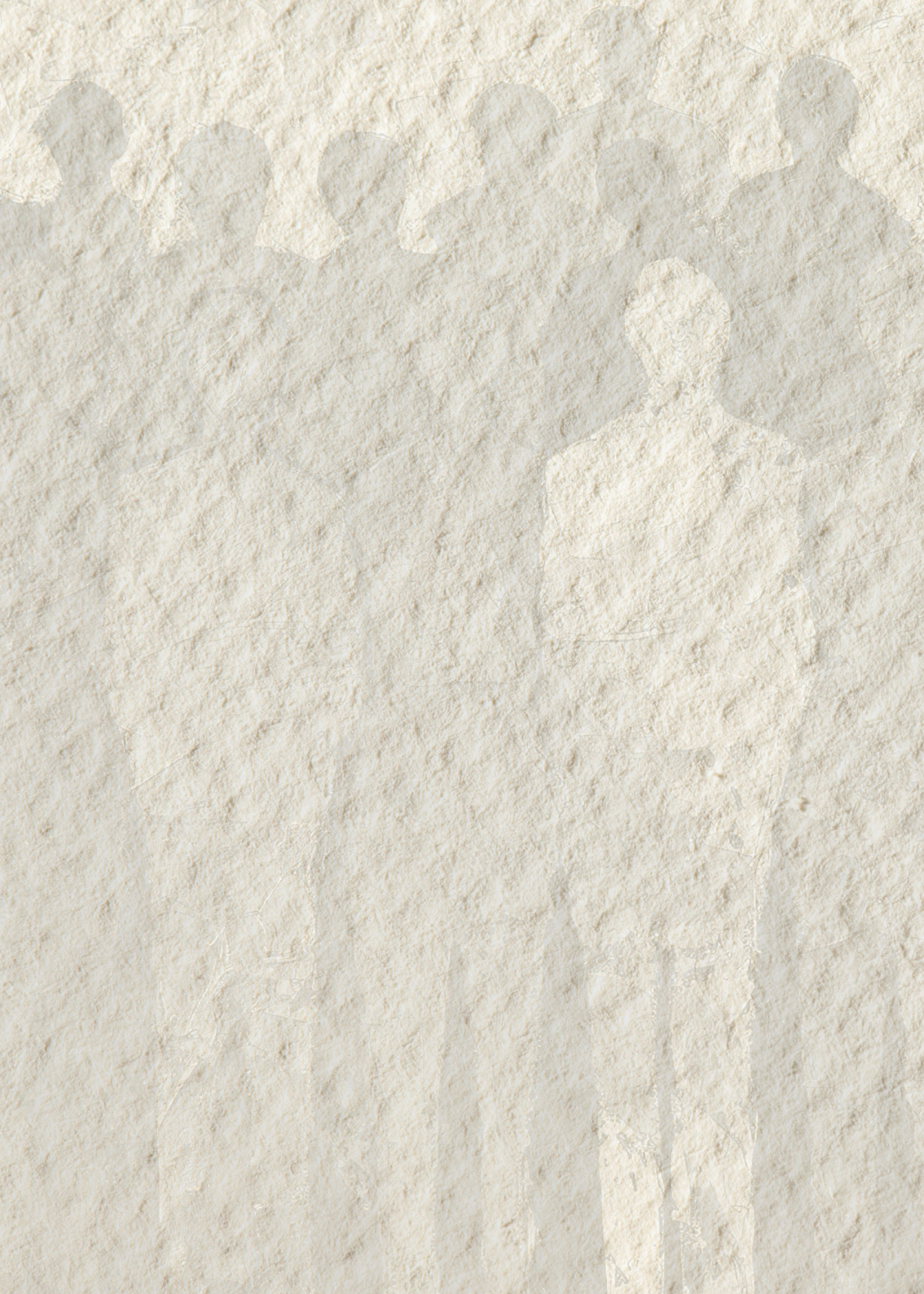
Lourdinha e Bia de frente no primeiro plano da foto

As irmãs Gomes de Lima reunidas

Maria de Lourdes com sua mãe Maria das Dores

Lourdinha com Wellington

Aniversário de casamento de José Gomes de Lima e Maria das Dores, pais de Lourdinha



CAPÍTULO II

a.C/d.C

antes da Covid/depois da Covid

"Ninguém mais comia, ninguém mais dormia, não tinha ânimo para nada. Eu estava amamentando e o leite secou. O desespero da família foi tão grande, que criamos uma corrente gigantesca de oração"

Mafalda Moura dos Santos

a.C/d.C

antes da Covid/depois da Covid

A família paraibana Moura dos Santos – o que restou dela – iniciou em 2020 uma nova contagem do tempo. Um divisor de águas que nomearam de "a.C/d.C". Diferente do calendário romano, as letras maiúsculas não fazem referência ao nascimento de Cristo. Para eles, o tempo agora se divide em "antes da Covid e depois da Covid". Na era "d.C", tentam um recomeço profundamente marcado por perdas e dores. Um cronômetro movido por impulsos que a jornalista Mafalda Moura dos Santos chama de "socos no estômago".

Ela, sua mãe Silvera e o irmão Agnelo (*in memoriam*) são as fontes dessa história que relatamos a seguir, ilustrando em detalhes como a pandemia produz até hoje efeitos colaterais em milhares de famílias brasileiras - um batalhão de gente que jamais vai voltar a se sentir inteira. E que foi irremediavelmente impactada pela pior crise sanitária da história da humanidade.

Por traz das estatísticas, perda e dor

Em meio ao massacre que ceifou mais de 712 mil vidas nos últimos quatro cantos do Brasil, a família de Malfada certamente deve aparecer em algum arquivo do Ministério da Saúde como mais um dado estatístico do mais agudo desastre sanitário do século 21. Não deveria. Eles merecem grifo por muitos – e infelizes – motivos.

A família foi uma das primeiras atingidas pela Covid no país. Um de seus integrantes – Idalgo Moura dos Santos, irmão de Mafalda – figurou na lista de baixas quando a maioria dos brasileiros sequer dimensionava a tragédia que se desenhava no horizonte. Naquele momento, o coronavírus havia matado pouco mais de 200 pessoas.

Idalgo foi o primeiro profissional de saúde vitimado pelo vírus no Brasil. Morreu quando tentava salvar vidas no Hospital Municipal de Tatuapé, onde trabalhava prestando serviço a uma organização social contratada pela Prefeitura de São Paulo. Sua morte desencadeou denúncias de falta de equipamentos de segurança para os profissionais na linha de frente do combate à pandemia – um cenário que provocaria mais vítimas no pelotão da saúde.

Quando ligou para a irmã na noite do dia 19 de março de 2020, oito dias após a implantação do isolamento social no Brasil, ele comunicou que havia sido contaminado. No grupo da família, postou a mensagem: "Família, reze por mim. Eu acho que esse maldito vírus me pegou".

Apesar do medo, ele tentou atenuar o pavor que a notícia instalou na família, relatando que uma tomografia havia indicado baixo comprometimento dos pulmões. "Graças a Deus, está tudo bem, só apresenta sinais de uma pequena pneumonia. Eu só não

entendo porque eu nunca tive problema de pulmão, mas a gente está cuidando", postou Idalgo. No dia seguinte, foi entubado na UTI. Onze dias depois, a morte.

União e pobreza na zona rural

Único membro da família Moura fora da Paraíba, Idalgo fazia ligações constantes para a família, que residia na zona rural de São José de Espinharas, cidade localizada a 20 quilômetros de Patos, Sertão da Paraíba. Seus pais, Geraldo da Silva Santos e Silvera Moura dos Santos, tiveram quatro filhos.

Idalgo era o mais velho. A prole ainda era composta por Gualatieri, Agnelo e Mafalda – nomes que renderam bullying às crianças, batizadas que foram na criatividade do pai. Geraldo sempre tinha uma história para contar sobre escolhas tão pouco comuns, inspiradas em histórias que variavam de rainhas a vulcões, extraídas de enciclopédias que folheava no descanso da lida do campo. Mas o primogênito herdou o nome de um jogador de quem o pai era fã.

Nas mensagens postadas desde São Paulo, Idalgo já pressentia a gravidade do cenário pandêmico. Suas informações e comentários sinalizaram claramente para a família que a humanidade estava prestes a enfrentar um dos seus maiores desafios. No final da tarde do dia 17 de março, menos de 24 horas do início do isolamento social, ele mandou uma foto na qual aparecia usando máscara durante plantão no hospital:

— Hoje atendemos umas 30 pessoas com sintomas gripais e suspeita do coronavírus. Estamos assustados. Deus nos proteja desse mal.

Mesmo com uma fonte privilegiada direto do front da guerra sanitária, a família tinha dificuldade para entender o cenário.

- Às vezes, o meu filho ligava pra mim dizendo que estava passando por um momento difícil com um vírus que estava acontecendo no hospital. Estava atendendo muita gente, só que eu, a minha pessoa, não sabia o que era isso – lembra Dona Silvera.

Menino da roça na cidade grande

Idalgo tinha 45 anos, estava atuando na área que sempre desejou e havia acabado de comprar um apartamento. Nada mal para o menino da zona rural que se desviou da rota comum dos jovens pobres da região: o roçado.

O pai era um pequeno agricultor que vivia do que plantava na condição de meeiro (destinando metade do que colhia para o dono da fazenda e outra parte também, pois tinha que pagar o alimento vendido no balcão pelo patrão).

— Nós tínhamos uma casa para morar, custeada por esse fazendeiro, um roçado para plantar e uma vaca de leite. Mas tudo era dele. Ele dava esse subsídio pra meu pai criar a gente, dava o leite para a gente tomar, a roça para meu pai plantar, mas o apanhado, do apurado, 50% já eram dele e os outros 50% terminavam ficando na fazenda também, porque era ele quem fornecia o alimento, fornecia a carne, tudo, enfim – explica Mafalda.

A missão de sustentar a família na base da enxada fez seu Geraldo colocar os filhos no roçado. "Ele precisava de braços, não de diplomas", diz Mafalda, reconhecendo que a pouca importância que o pai dava à educação. "Ele não entendia a dedicação de Idalgo aos estudos e não raro dizia que era perda de tempo", acrescentou.

Idalgo e Mafalda resistiram a pressão, todavia. Todos os dias o irmão mais velho trabalhava até às 11h da manhã. Depois pegava um pau de arara, enfrentava uma hora e meia de viagem, sob sol

ou chuva, e ia para a cidade estudar. À noite voltava para os livros para recuperar o atraso pedagógico que a escola da zona rural provocou em seu aprendizado. Por incentivo de Idalgo, Mafalda também seguiu nos estudos:

— Eu terminei a 4ª série bem criança e meu pai não me deixou estudar na cidade. Então, eu fiquei repetindo a 4ª série por umas três vezes consecutivas, até meu irmão Idalgo crescer um pouquinho mais e se responsabilizar de me levar até a sala de aula e depois ir me pegar. A gente ia para a estrada, eu ia com ele e pegávamos um pau de arara, assistia aula na cidade e voltávamos na mesma situação. Ele pegado na minha mão, porque meu pai não confiava de me deixar sozinha na cidade. Isso de certa forma unia muito a gente diante das dificuldades daquela época, união que ajudava a família a superar a pobreza e as precariedades da vida rural.

Descreve ainda que a família não tinha água encanada, tratada. Os irmãos botavam água em casa com uns galões nas costas (duas latas grandes de óleo emendadas com uma vara grande, que serviam para transportar a carga). Anos depois vieram as carroças de burro, "mas nesse período de nós pequenininhos lembro demais meus dois irmãos mais velhos carregando água daquele jeito".

— Na zona rural não tem rua. Tem mato que separa umas casas das outras. Então a gente foi criado assim, numa realidade de roçado. O bom disso é que a gente teve por muito tempo uma boa alimentação – acredita Mafalda, para quem a harmonia familiar fez toda a diferença em sua infância e na dos seus irmãos.

Nem a pobreza, que fazia os meninos dividirem chinelos ou andarem descalços, é determinante quando ela se volta para o passado rural, pois suas lembranças são afetivas e felizes, como se vê:

— Idalgo e Leca (Gualatieri) dividiam uma havaiana, Agnelo e eu, outra. Meu pai não tinha condições de comprar. Tinha uma

época do ano que a gente andava descalço. Mas a gente estava tão acostumado a andar descalço que aquilo ali não feria, não maltratava e a gente só procurava não passar por cima de pedras para não machucar o pé. Para a gente era um processo natural, tanto é que eu não me lembro com tristeza, mas com saudosismo.

Mesmo com tanta pobreza e dificuldade, os irmãos e os pais eram muito unidos. "A gente, papai e mamãe, sendo que mamãe era referência de bondade, de abnegação, de doação, ou seja, uma pessoa que viveu para cuidar dos filhos e depois para cuidar do marido", elogia. Já sobre o pai refere-se a uma velhice difícil. Geraldo adoeceu de diabetes e conviveu com a doença por muitos anos.

Dona Silvera também tem lembranças felizes dessa época, a despeito das dificuldades. Sua memória desse tempo sinaliza o que, de fato, tem valor para a família:

— Era um tempo muito bom, pois estavam todos juntos, marido junto, todo mundo vivo. E pra mim difícil está ainda mais hoje, porque não tenho mais eles.

Outra lembrança marcante dessa época foi a partida de Idalgo de São José de Espinharas. Aos 18 anos, em 1994, com o Ensino Médio concluído, decidiu que era hora de sair de casa e ir buscar novas oportunidades em São Paulo.

— Ele viu que lá no interior a gente não tinha muita perspectiva. Lá não tinha mudado muito, da nossa infância até a adolescência. Só tinha muito trabalho na roça. Quando ele terminou o terceiro ano, o segundo grau, ele resolveu sair. Em São Paulo, sofreu muito porque, matuto, de interior, normalmente só tem dois caminhos: um emprego digno, mas um subemprego de auxiliar de pedreiro ou coisa assim, ou sofrer um pouquinho mais e tentar caminhos melhores. Foi o que ele fez – conta Mafalda.

Ela menciona que Idalgo teve inúmeras experiências pro-

fissionais em São Paulo. Em uma delas, uma loja de tintas, quase morreu. "Ele era alérgico". Simultaneamente aos empregos, seguiu estudando. Anos depois, passou em um processo seletivo do Banco Bradesco.

— A partir daí, ele teve uma certa tranquilidade para fazer o que queria, que era estudar para a área de saúde. Fez um curso de auxiliar de enfermagem e começou a trabalhar na área e a vida dele começou a andar. Na sequência, entrou na faculdade de Enfermagem e começou a atuar. Ele já tinha 20 anos de enfermagem em São Paulo – relata, sempre sublinhando o orgulho que sentia do irmão, a quem tinha como um segundo pai e mesmo tão distante ele se fazia presente.

— Idalgo para mim era tudo – afirma Dona Silvera, ressaltando as qualidades do filho pela presença, dedicação e preocupação com ela, do tipo que liga para a mãe todos os dias. Um filho que além de ajudar a família que ficou em São José de Espinharas, nunca largou a mão da irmã que também desejava estudar:

— Foi ele quem me deu todo apoio para estudar. Ele já tinha autonomia financeira, meus pais não tinham condição de me ajudar e ele disse: 'Se você quiser de verdade, eu lhe ajudo'. Eu já estava na adolescência.

Idalgo tirou a irmã da escola estadual e a colocou numa escola privada. A ajuda rendeu frutos. No ano 2000, Mafalda fez vestibular para jornalismo e veio para João Pessoa.

— Idalgo virou uma espécie de protetor para mim. A pessoa com quem eu poderia contar. Abaixo de meu pai, ele era a pessoa com quem eu podia contar. A diferença de idade nossa era pouca. Se esse ano (2022) ele tivesse vivo, ele faria 48 anos e eu já tenho 43, ou seja, cinco anos. Ele tinha essa coisa do cuidar. Acho que ele herdou de mamãe. Puxou a mamãe, como diz o matuto – observa Mafalda.

Idalgo ainda faria papel de pai para sua sobrinha, filha de Mafalda, que nasceu em 2006, fruto de relacionamento dela com o primeiro marido e um casamento de oito anos:

— Quando eu me separei em 2014, o meu irmão, mesmo de São Paulo, começou a fazer o papel de pai para a minha filha também. Ele fazia todo o acompanhamento dela. Ele foi para mim e para a minha filha o suporte e o apoio. Meu primeiro apartamento aqui em João Pessoa foi ele quem ajudou a comprar. O primeiro carro, tudo o que eu precisava, era a ele que eu recorria, porque meus pais não tinham condições. Chegou um certo momento da vida que nós começamos a ajudar os nossos pais. É um processo natural. E quando minha filha nasceu, ele deu um suporte na criação dela. Para se ter uma ideia, era para ele que minha filha ligava. Era para ela ligar para o pai dela que mora aqui. Mas ela procurava Idalgo para dizer como estava o boletim, para dizer que estava na Olimpíada de Matemática, para dizer que tinha conseguido um certificado de melhor leitora do mês da Escola. Todas as conquistas da escola, era com ele que ela dividia.

Idalgo também marcou presença na vida de Mafalda em 2019, quando ela teve o segundo filho:

— Meu irmão veio para o parto, participou e me ajudou no parto. Eu tive uma complicação com a anestesia, e os médicos tiveram pouco tempo para fazer o parto e eu comecei a sentir as dores. Tiveram que aplicar uma anestesia geral e eu quase morri no parto porque tive um choque anafilático. Foi bem complicado. Idalgo passou um mês cuidando de mim. Fiquei com fortes sequelas, passei um período com dores de cabeça fortes e não conseguia amamentar. Foram dias bem difíceis e ele estava do meu lado. Eu acho que era a nossa despedida, porque ele passou um mês aqui em casa e minha mãe também. Então foi um período em que ficamos ainda

mais próximos. Na sequência, meu bebê estava com dois meses e meio, começou a pandemia e de cara ele já foi atingido.

"Acho que esse maldito vírus me pegou"

Assim como a maioria dos brasileiros, os integrantes da família Moura não faziam ideia que estavam prestes a ter uma virada de chave aguda e dolorosa quando as primeiras notícias sobre um vírus descoberto na China chegaram ao Brasil.

A ficha só caiu naquele março histórico de 2020 com a decretação do isolamento social. A necessidade de parar tudo, que seria tão contestada pelo governo Jair Bolsonaro, trouxe enfim a consciência de que uma nova era – a.C/d.C – estava se instalando. Trazendo perdas, dores, desolação.

Nem Mafalda, que é jornalista e tinha acesso às informações sobre a pandemia, fazia ideia do que vinha pela frente. Ela lembra com detalhes quando a realidade bateu à porta:

— Eu deixei a minha filha na escola, tinha uma consulta marcada, e ligaram para mim para eu ir pegá-la. Estava no consultório do médico para marcar a minha cirurgia de varizes. Ele é de São Paulo e contava que lá já estavam se preocupando de verdade com o vírus, que tinha conversado com os colegas. Mas ainda era uma ideia e a gente ainda não tinha sentido de verdade o que era aquilo ali.

E acrescenta:

— Então, eu peguei minha menina, fui pra casa. Meu irmão falava comigo todos os dias. No dia 17, foi o último dia que eu tinha falado com ele. Ele passou 24 horas sem se comunicar, não mandou áudio nem nada, mas a gente nem de longe imaginava...

Dona Silvera também demorou para entender que o vírus seria fulminante para sua família:

— Nunca tinha ouvido falar, não sabia o que era. Às vezes o meu filho ligava pra mim dizendo que estava passando por um momento difícil com um vírus que estava acontecendo no hospital. Estava atendendo muita gente, só que eu, a minha pessoa, não sabia o que era isso. Não tinha nenhuma ideia do que era coronavírus nem covid nem nada. Eu não sabia de nada, só rezava por ele.

A tragédia começou a ser delineada pelo próprio Idalgo, que assumiu estar assustado com o fluxo de pacientes com suspeita de contaminação. Mafalda recorda que depois de alertar a família no dia 17 de março, ele passou 24 horas sem se comunicar. Quando o fez, informou que testara positivo para a covid.

"Família, reze por mim. Eu acho que esse maldito vírus me pegou", postou no grupo de zap dos Moura.

Ato contínuo, ligou para a mãe.

— Ele falou comigo pedindo para rezar por ele. Ele estava doente, dentro do hospital. Lá ele tinha sido atendido por uma médica e que não sabia se já tinha pegado o vírus. E ele estava bem cansado. Aí eu fiquei aperreada, mas assim, não dando a entender que aquela doença fosse tão grave – lembra Dona Silvera, que o questionou sobre o cansaço e Idalgo respondeu: "Mainha, é por conta do vírus".

Em João Pessoa, Mafalda já fazia ideia de que o cenário era grave:

— Quando eu vi essa mensagem, me desesperei e liguei perguntando o que foi que aconteceu. Ele já ofegante, disse pra mim: "Má (como ele me chamava), está tudo bem". Mas ele dava sinais de que já estava cansado.

Os dois conversaram até de madrugada. Ele disse para a irmã que tinha feito uma tomografia, que estava num lugar bacana, de referência, que ela não me preocupasse porque era um hos-

pital muito bom.

— Ele fez a tomografia e mandou um áudio pra mim: 'Graças a Deus está tudo bem, só apresenta sinais de uma pequena pneumonia. Eu só não entendo por que eu nunca tive problema de pulmão, mas a gente está cuidando. Meu celular vai descarregar e eu vou deixar com um colega e amanhã, um dos nossos primos vem aqui ligar". Eu perguntei por que ele ia deixar o celular. Então ele respondeu: 'Eu acho que eu vou dormir um pouco. Estou muito cansado'. Eu acho que ele não queria dizer que estava sendo internado. Naquele momento que eu terminei de falar com ele e o celular só voltou a dar sinal de vida às sete da manhã, com um conhecido nosso dizendo que ele estava na UTI. Isso já foi um choque. Então, não era qualquer doença. Só apareceu notícia do celular dele de novo de meio dia. Ele já estava entubado. Foi tudo muito rápido.

A família só voltou a ter notícias de Idalgo no domingo, quando escalaram um parente que morava em São Paulo para ir até o hospital em que ele estava internado – a mesma unidade onde trabalhava, em Tatuapé.

— Ele foi internado na sexta-feira à noite, no sábado foi entubado e só viemos ter notícias de novo no domingo à tarde, porque a gente pediu para uma prima nossa ir, alguma pessoa da família para saber alguma coisa - conta Mafalda.

Paralelo a isso, a dura realidade da pandemia se desenhava:

— As rodoviárias fechando, o comércio fechando, todos os aeroportos fechando. Só farmácia e supermercado abertos. João Pessoa tinha virado uma ilha. Não tinha ninguém nas ruas, parecia um deserto, uma cidade fantasma. E aquela sensação de soco no estômago o tempo todo. Eu com um bebê, meus pais idosos ilhados lá no sítio, pois nós colocamos papai e mamãe isolados para ninguém chegar perto. Meus dois irmãos apreensivos. Meu irmão mais

novo era divorciado da esposa e morava com o meu pai e minha mãe. Então, eles estavam assistidos, mas estavam em pânico. Aqui em João Pessoa, eu virei o suporte. Recebia as notícias e passava da melhor forma para a família e pros conhecidos. Como foi logo no início, era muito assustador. Cada notícia que vinha do Jornal Nacional, cada notícia local de alguém que morria com sintomas gripais com suspeita de coronavírus, cada hospital que começava a fechar as UTIs, isso ia dando aquela situação de angústia. Ninguém mais comia, ninguém mais dormia, não tinha ânimo para nada. Eu estava amamentando e o leite secou. O desespero da família foi tão grande, que criamos uma corrente gigantesca de oração.

E continuou:

— Ele era uma pessoa muito querida, porque tinha uma história muito bonita de cuidado, do cuidar do outro. Ela era uma pessoa que nasceu com esse dom de ajudar, o dom de fazer pelo outro. É tanto que escolheu a profissão de enfermeiro que é de se doar muito. E aí foram dias terríveis. Eu acho que eu nunca rezei tanto. Eu acho que eu nunca pedi tanto a Deus.

As preces não foram atendidas. Idalgo morreu dia 31 de março de 2020, onze dias depois de ser internado. No mesmo dia, o irmão Agnelo chegava a São Paulo, uma viagem que enfrentou toda a sorte de problemas em meio a uma nação paralisada pela pandemia.

— Meu irmão que foi, Agnelo, chegou no dia 31, no dia que Idalgo morreu. Já estava para pegar uma carona num posto de gasolina, que caminhão não parou de rodar. Ele disse: 'Eu vou em qualquer caminhão desses'. Nem carro passava nas estradas nesse tempo. Estava tudo parado - lembra Mafalda.

Três dias antes, um primo - que também era enfermeiro - teve acesso ao leito de Idalgo, driblando as restrições. Naquele

momento, São Paulo era o epicentro da crise sanitária. Os parentes de Mafalda e Idalgo estavam ainda mais apavorados, porque já estavam cavando valas comuns nos cemitérios paulistas para sepultar grupos de cadáveres.

- Quando meu primo chegou ao hospital, ligou e disse: 'Mafalda, é quase impossível. Se vocês acreditam em milagre, se apeguem com Deus. Idalgo está com 94% de comprometimento pulmonar. A gente não sabe como ele ainda está vivo" – relata Mafalda. A partir daí, a família se mobilizou para mandar Agnelo.

— Eu mobilizei João Pessoa toda e Recife, todo mundo que eu conhecia para arranjar uma passagem, seja lá o que fosse. E a gente conseguiu uma passagem na terça-feira de madrugada para que meu irmão fosse. Ele chegou às sete da manhã em São Paulo. Ainda chegou a ir ao hospital no dia 31, às 15h, e conversou com os médicos. A situação era a mesma. Ele voltou para casa da minha prima que nos deu esse suporte lá. E aí, às 22h, ligaram do hospital para meu irmão ir lá. Parece que Idalgo estava só esperando alguém chegar pra morrer.

Soco no estômago

— Como dizer para minha mãe e meu pai que meu irmão havia morrido, com 45 anos? Como dizer que o suporte, o pilar de sustentação da família, tinha partido? Acho que aquele foi o dia mais difícil da minha vida – declara Mafalda, ao avaliar o desfecho que rezou tanto para evitar.

Mesmo diante do inevitável, mesmo a família tomando conhecimento da letalidade do vírus, todos apostavam em um milagre, recorda Mafalda:

— Em nenhum momento eu achei que ele ia morrer. Eu dizia:

'ele vai voltar porque ele é forte' ou 'ele vai voltar porque não vai se deixar morrer' ou 'ele vai voltar porque ele não vai deixar a gente'.

Nesse período, Mafalda detalha que a rotina dos Mouras era preenchida com orações:

— Acordávamos todos às 3h da manhã pra rezar. No grupo da família, todo mundo botava despertador para acordar e rezar. Era tudo muito forte. A oração nos fortaleceu muito, mas ele se foi. Foi tudo muito cruel.

Dona Silvera passou onze dias insone. Nesse período, vivido às custas de orações, também perdeu bastante peso, em decorrência, também, da preocupação com o marido:

— Foi um choque, mas Geraldo foi muito forte. Mesmo doente, eu acho que ele era mais forte do que eu, porque no começo ele reagiu melhor de que eu. Os onze dias que meu filho passou internado eu fiquei sem dormir.

Ela ainda não sabia, mas a crueldade imposta pela pandemia estava apenas começando. O sepultamento de Idalgo foi uma amostra do que enfrentariam ao longo de 2020.

— O hospital onde ele trabalhava há anos deu algumas horas para gente tirar o corpo – narra Mafalda, acrescentando que o medo de contaminação provocou uma onda de enterros relâmpagos. Naquele dia, além de Idalgo, a instituição tinha mais trinta corpos para sepultar. E descreve o impasse enfrentado naquele momento pelo irmão enviado a São Paulo:

— Agnelo, naquela cidade gigantesca, tinha poucas horas para tirar o corpo. Um menino do interior da Paraíba. Se não tirasse, o corpo de Idalgo seria jogado em uma daquelas valas, no cemitério. O cara que passou a vida cuidando de pessoas, morrer sozinho num leito de UTI e ser jogado numa vala. Então, pra gente foi cruel. A gente queria cremar, mas não deu tempo, porque tinha

que sepultar o mais rápido possível e nem podia ficar com o corpo. Nem o necrotério poderia demorar. Ainda deram algumas horas porque ele era funcionário de lá. Nem as casas funerárias queriam ficar com os corpos, por medo do vírus, era assustador. Mesmo o corpo estando vedado, pois colocavam num saco e depois em outra sacola e fechavam.

A família teve apenas oitos horas para desenrolar todo o processo. A cremação foi descartada, pois demandaria autorização, via cartório, dos pais. E não havia nenhum aberto em Patos.

— A gente teve que alugar um lugar no Cemitério de Santo André por três anos e é onde ele está enterrado. O enterro dele durou sete minutos – estima Mafalda, que se despediria de Idalgo, dentro do possível, graças a uma transmissão feita por Agnelo, via Facebook.

— Aqueles homens todos vestidos com umas capas brancas... O carro da funerária foi chegando... Abriram o carro rápido e foram colocando o caixão rápido na cova, tudo com muito medo. Como ele foi o primeiro enfermeiro que a covid matou no Brasil, teve repercussão nacional. Tem matéria até no Fantástico, que na época estava investigando os hospitais públicos de São Paulo pela falta de proteção, os equipamentos de proteção individual (EPIs). Investigaram o Hospital, saiu uma matéria gigantesca no SBT, porque morreram outros enfermeiros na época de Idalgo. Quando ele morreu, o Brasil registrava apenas 240 pessoas mortas decorrentes da pandemia – lembra Mafalda.

Agnelo, que teve acesso ao hospital, denunciou o caos para os jornalistas. Na matéria, divulgada em rede nacional, ele aponta que não havia máscaras e luvas para todos os profissionais. "Se eles disseram que tinha, estão mentindo", acusou.

Único irmão presente ao sepultamento, Agnelo declarou em sua live que o país estava em "estado de guerra". Muito emocio-

nado, ele se despediu do irmão, sem imaginar que meses depois também seria vítima do vírus.

Em São José de Espinharas, parte da família acompanhou o sepultamento através da transmissão de Agnelo, mas Dona Silvera, que passou meses em silêncio, não quis ver nem viu o vídeo, até hoje.

— Eu fiquei deitada, não participei. Agnelo fez a transmissão do enterro, com música, com poucas pessoas acompanhando, mas eu não assisti. Mas meu marido, não, assistiu tudinho. Até hoje eu não vi esse vídeo. Mafalda e meu outro filho lá em casa (Gualatieri) têm esse vídeo. Eu ainda não tenho coragem de ver - afirmou.

Mais perdas a caminho

A partir do sepultamento de Idalgo, a família começaria a enfrentar mais um problema: como ter acesso ao seu espólio, inclusive, o apartamento recém adquirido, em um país parado?

O inventário ainda está em curso, dois anos após a pandemia. Não só a paralisação dos serviços cartoriais e até judiciais impediram o desfecho: mais mortes, provocada pela covid, iriam assombrar e enlutar a família Moura.

Também consequência da Covid, seu Geraldo morreu aproximadamente três meses depois do sepultamento de seu primogênito, morte que já deixara toda a família ainda mais temerosa, a julgar pela forma como Mafalda fazia para visitar a casa dos pais no interior:

— Com a morte de Idalgo, proibi qualquer pessoa de ir lá em casa, deixei os meus pais isolados. Como estava tudo parado, para ir pro sítio eu passava 15 dias isolada dentro de casa, para ir de carro direto, sem parar em posto, sem fazer xixi, sem trocar fralda de bebê. A gente ia daqui direto, entrava no carro e só parava em

Patos, descendo para o sítio direto, com medo de levar o vírus ou trazer o vírus.

O coronavírus, porém, encontrou um jeito de furar o bloqueio. Seu Geraldo sofreu uma queda, fraturou o fêmur e precisou de cuidados médicos. A contaminação ocorreu dentro do hospital.

— Meu pai era diabético crônico, cardíaco crônico e renal crônico. A gente sabia que se papai pegasse covid ele iria embora logo. E assim foi.

O acidente com Geraldo ocorreu no terreno irregular que cerca a casa dos pais de Mafalda e demandou tratamento cirúrgico de urgência. Exatamente no dia em que Dona Silvera caprichara nos cuidados com o marido antes de tentar sair para uma breve caminhada, como ela mesma detalha:

— Nesse dia, primeiro de agosto de 2020, eu o arrumei, verifiquei a pressão, a glicose dele. Eu costumava ajeitar tudo antes de ir caminhar. Deus é tão bom que nesse eu não fui. Então, deixei ele lá nesse lugar e disse que ia limpar a geladeira e que ele ficasse lá direitinho. Quando estava na cozinha, ouvi a pancada da cadeira e ouvi o grito dele. Quando cheguei lá, ele tinha caído e quebrado o fêmur.

Mafalda, que já estava a caminho de São José de Espinhara para visitar os pais, conta que seu Geraldo foi para Patos, fez a cirurgia do fêmur e no dia 5 de agosto estava de alta:

— Eu estava indo para lá, porque aqui em João Pessoa é feriado, e lembro que fiz uma chamada de vídeo e disse a ele que estava indo e estava levando meu filho, pois ele era apaixonado por Nícolas. O meu bebê virou o suporte de todo mundo porque, apesar de uma morte, nós tínhamos uma vida. Apesar daquela perda, nós tínhamos um ganho que estava tirando o foco da dor. E sempre que eu ia, levava Nicolas para o sítio. Às vezes, eu fazia três chamadas de vídeo por dia, porque ele queria ver Nícolas toman-

do banho. Para papai, um bálsamo. Eu fiz a chamada de vídeo às 7h dizendo que eu estava indo. Entrei no carro, e uma hora depois, quando eu estava em Campina Grande, papai já tinha chegado no sítio, tinha passado mal e tinha voltado para a cidade.

Geraldo sofreu um enfarte. Internado na UTI, exames revelaram comprometimento dos pulmões.

— Ele pegou a doença no primeiro dia. E meus dois irmãos, Agnelo e Leca, ficavam se revezando, cuidando dele. Os dois pegaram. Papai morreu no dia 16 de agosto. A funerária colocou o caixão dele dentro do carro e a gente teve que enterrar às pressas.

No sepultamento, o vírus seguiu presente.

— Meus dois irmãos já estavam com sintomas. A mãe também testou positivo, mas com a versão leve da doença. Dormi dois dias com mamãe na cama, ela com covid, e eu não peguei. Não entendo até hoje – estranha Mafalda.

Gualatieri, que todos tratavam como Leca por causa da dificuldade de pronunciar o nome exótico, não teve a mesma sorte.

— Depois do sepultamento de papai, meu irmão foi para o hospital e passou sete dias internado. A gente achou que ele ia morrer, porque o processo era tudo igual: interna, vai para a UTI, entuba e morre. Quando Leca internou, ficou aquela tensão. Ele se curou, mas ficou com dificuldades respiratórias e problemas gástricos. Ele ficou sequelado com diarreia por mais de um mês e com dificuldade de respiração. Mas a fisioterapia e a caminhada melhoraram e ele engrenou um outro estilo de vida, até hoje. Perdeu peso, tem outro pensamento - relata Mafalda.

O irmão mais novo, Agnelo, nem chegou a receber tratamento hospitalar. Mas a covid também impôs a ele um sintoma incômodo. Sentia dores musculares, dores nas pernas, a família achando que a covid tinha deixado sequelas nele como a Chikungunya

deixa, coisa que ele começou a investigar em Patos, submetendo-se a uma bateria de exames, mas o diagnóstico não veio. As dores continuavam. Foram três meses de sofrimento.

Agnelo tomava uma medicação paliativa, a dor passava por uns dias e, depois, voltava. Dor lombar, muscular, na coluna, nas pernas... Mafalda acredita que a Covid implodiu o sistema imunológico do irmão, revelando um câncer:

— Não sei se isso aconteceu com outras pessoas. De forma muito leiga eu digo isso porque eu vi isso acontecer com todos os meus familiares, e era como se ele (o vírus) passasse dentro de você e descobrisse todas as falhas. Se você tivesse diabetes, ele era ampliado; se tinha problema renal, era ampliado. Meu irmão Agnelo tinha um câncer e a gente não sabia. Ele tinha um tumor localizado atrás do intestino e a covid expôs esse mal.

Exames realizados em Campina Grande revelaram metástase por todo o corpo. Agnelo morreu dia 5 de dezembro, fechando a contabilidade macabra de perdas que a família Moura enfrentou em 2020.

— Ele havia sido bombardeado de medicamento, sem que ninguém soubesse do que se tratava, e isso sobrecarregou os rins e o rim paralisou. Ele começou a inchar e aí eles começaram a tratar ele com hemodiálise, ele desinchou, mas aí atingiu o pulmão que estava todo ferrado com a covid. Eu acredito que a gente perdeu três pessoas para a covid, porque mesmo ele tendo esse tumor adormecido, eu acho que se não fosse o vírus tinha dado tempo para a gente ter descoberto e tratado e ele estar vivo até hoje – avalia a jornalista.

Apesar da narrativa trágica, ela sabe que os Moura não foram os únicos a ter a família quase dizimada pela pandemia:

— Quantas famílias no Brasil devem ter passado por isso,

não é? Todo esse processo, você está no meio do caminho, morre outra pessoa. Eu acho que a covid veio com um propósito: ou dizimar a população ou nos ensinar alguma coisa, porque é muita dor e só sabe quem passa.

Recorda ainda que os advogados contratados pela família para ter acesso aos bens de Idalgo, que era solteiro e tinha como herdeiros os pais, declararam que encontraram uma situação inusitada.

— O advogado disse que foi a primeira vez que pegou um caso de um inventário tão especial. Nos primeiros três meses de processo, papai morreu. Aí ele teve que reiniciar o inventário para mamãe e os herdeiros de papai. Três meses depois que ele iniciou, Agnelo morreu. Aí ele teve que reiniciar o processo com mamãe, os herdeiros de papai e a herdeira de Agnelo.

A era d.C

Os sobreviventes da covid que matou três integrantes da família Moura acreditam que a vida e o mundo jamais voltarão a ser os mesmos. Não para eles. Nos últimos dois anos, eles fizeram um pacto de silêncio. Não falar, segundo Mafalda, aplaca um pouco da dor.

O choro e o desespero vividos com tanta constância em 2020 foi substituído por lembranças dolorosas, que ainda machucam demais Mafalda, a mãe dela e Gualatieri.

— Eu acho que a gente não teve tempo de viver o luto. Eu acho que o luto da minha família foi superado sem ser vivido, porque até hoje, dois anos depois, eu ainda sofro lembrando. Eu ainda me sinto de luto e ainda fujo dele até hoje. Porque eu também tive problemas com a ressaca da covid. Ela trouxe sequelas para a minha filha: a depressão, da qual segue em tratamento.

— Eu luto com a depressão dela até hoje. Pois minha filha perdeu uma referência com a morte de Idalgo, seu segundo pai. Na sequência o avô, depois o tio. Todo esse processo eu estava muito atingida, muito debilitada. E ela muito fragilizada. Nós estávamos dilacerados, enquanto família. Estava do meu lado todos os dias, e eu não conseguia perceber seu sofrimento. Só vim ver em 2021, depois que começou o ano letivo, quando voltou para a sala de aula e as notas dela baixaram. Sempre tirou notas boas, sempre foi interessada e de uma hora para outra, caíram. Ela estava sofrendo muito, estava com medo e sem vontade de voltar para a escola, sem vontade de viver. Aí eu enlouqueci. Fui atrás de tratamento psicológico e até hoje faz terapia

Mafalda prossegue: "Hoje a minha família se resume a mim, minha mãe, meu irmão, minha cunhada, minha sobrinha e meu sobrinho. São essas cinco pessoas, meu marido e meus filhos".

O pânico, mesmo após a vacinação, dá as caras toda vez que a família se reúne. Um exemplo disso ocorreu no batizado de Nícolas.

— Vieram todos e eu fiquei: 'Meu Deus, será que vai acontecer alguma coisa? Eu chamei todo mundo. Se acontecer alguma coisa eu não vou me perdoar. Eu vou ficar sozinha no mundo'. Sabe quando você tem tanto medo de que aconteça? Eu acho que a covid fez isso com as pessoas... Além de destruir lares, famílias, muitos filhos que perderam os pais, maridos que perderam esposas, esposas que perderam marido e quando a gente vai ver a sua história é só mais uma. Você virou uma estatística muito triste no país. E que não tem mais volta. Nunca mais vai ter um Natal. Aquelas festas que a gente fazia em família nunca mais vai fazer. A lembrança boa dói mais do que a lembrança ruim. Nós somos muito jovens e a gente tinha muita coisa para viver ainda. Eu queria muito que meu irmão estivesse vivo e acompanhasse o crescimento do

meu filho e Nícolas tivesse a referência de pai, porque ele era um grande ser humano. Meus filhos iam ganhar muito, porque iam ter convivido com eles, com os três. É bem difícil. Acho que a vida da gente tem dois momentos: o a.C (antes de Covid) e o d.C (depois da Covid). Nunca mais vai ser igual pra ninguém que passou por isso - resume.

Dona Silvera concorda. A vida depois da Covid mudou tudo. E todos:

— Dizer que eu sou a mesma pessoa que eu era, não. Mas, eu sou bem consciente, e bem confiante em Deus, que eu tinha que passar por isso.

Dona Silvera e seu Geraldo com os filhos Idalgo, Gualatieri, Agnelo e Mafalda

Família Moura Santos

Dona Silvera, Idalgo e seu Geraldo

Os irmãos Moura Santos em foto que se repetiu por muitos anos

Os irmãos Idalgo, Gualatieri Mafalda e Agnelo

Mafalda eternizou foto com os irmãos em tatuagem no corpo

Mafalda em primeiro plano com os pais e os irmãos

Família Moura Santos completa com filhos, noras e netos

Dona Silvera com o filho Agnelo no Trauminha, onde ele morreu

Seu Geraldo passeia com o neto Nícolas

Idalgo acompanhou parto de Malfada

Idalgo segura o sobrinho Nícolas recém-nascido

Agnelo e o pai Geraldo foram vítimas da covid-19

Momento de se reinventar

"A morte por si só já é uma ruptura dos laços, mas assim foi uma coisa muito mais agressiva, avassaladora nesse sentido."

Kaio César Torres Cavalcanti

CAPÍTULO III

Momento de se reinventar

A dor que assolou as famílias Cavalcanti e Estrela durante a pandemia da covid-19 é uma lembrança vívida de como a vida pode mudar drasticamente em um curto espaço de tempo. Ambas residindo em João Pessoa.

Em junho de 2020, a família Cavalcanti sofreu um golpe terrível com a morte do patriarca Alexandre Guerra Cavalcanti, de 72 anos, e, meses depois, da sua irmã, Carmem Sílvia do Rego Cavalcanti. Ambos deixaram um vazio imenso nas vidas de suas famílias, como em Kaio César Torres Cavalcanti e Érika Torres Cavalcanti, filhos de Alexandre e sobrinhos de Carmem.

A devastação não se limitou apenas à esfera emocional; a morte de Alexandre prejudicou tremendamente o sustento da família, levando Érika e Kaio a dependerem do apoio de tios paternos para se reerguerem no primeiro momento.

Para enfrentar o luto, Érika começou a se dedicar à arte culinária, comprou um curso online e começou a praticar. E o que, em

princípio, era um hobby para aplacar a dor, tornou-se um impulso para que abrisse sua própria empresa, a Sweet Cereja Confeitaria, transformando-se em uma empresária de sucesso na confecção de bolos. Kaio, por sua vez, buscou meios para além do Direito, sua área de atuação profissional e acadêmica, para assumir o papel de provedor da família em substituição ao pai.

Como se não bastasse, Érika ainda enfrentou a perda do namorado, Pablo Athaíde Estrela, e da futura sogra, Dulce Emília Athaíde Estrela, em um intervalo de apenas doze dias entre uma e outra morte.

Pablo e Dulce partiram, deixando também Thiago Estrela, irmão gêmeo de Pablo, e o médico Aurílio Estrela, pai deles e ex-marido de Dulce, sofrendo por essas mortes e contando com o apoio e força um do outro para lidar com a dor que ficou.

"Parecia ser algo tão distante da gente..."

Era um final de tarde, de 13 de março de 2024, quando cheguei à praça de alimentação do Holanda's Prime Shopping (Tambaú, João Pessoa) para realizar entrevista em vídeo com Érika Cavalcanti. Fomos pontuais. Naquele momento, conheci a minha entrevistada. Uma jovem esbelta, elegante, discreta, de uma beleza clássica. Nos cumprimentamos e procuramos um local em que o som ambiente do shopping não atrapalhasse a nossa gravação. Nossa conversa durou em torno de 30 minutos e Érika me deu respostas diretas e concisas a minhas indagações.

A minha conversa com o irmão de Érika, Kaio Cavalcanti, aconteceu exatamente um mês depois, no dia 13 de abril de 2024, no mesmo local, Holanda's Prime. Jovem, simpático, atencioso, tanto quanto sua irmã, Kaio compartilhou sua história e visão de

perdas e superação também de forma compreensiva e cortês. Ele revisitou suas memórias de dor para contar como, junto com Érika, enfrentou toda a situação e reconstruiu sua vida após a tragédia. Os irmãos reuniram a força necessária para encarar os desafios e encontrar um novo caminho, mostrando uma impressionante capacidade de perseverança e esperança.

Logo que a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a pandemia do coronavírus, Kaio César estava atento às notícias. Ele, como tantos outros, não imaginava a dimensão que a pandemia alcançaria, impactando inúmeras famílias e resultando em uma tragédia de perdas incontáveis. Naquela época, Kaio residia em Portugal, mas passava férias no Brasil com sua família.

— Estava acompanhando todo o processo. Inicialmente, eu acho que, como muitas outras pessoas, não imaginava que fosse ter a proporção que teve, que fôssemos ter tantas mortes, tantas famílias afetadas — observou Kaio.

Recorda que nesse período veio de Portugal passar férias no Brasil, entre dezembro de 2019 e março de 2020, e ficou na casa dos pais. "Fui brincar carnaval em Olinda. As pessoas brincavam muito e não imaginavam que fosse essa proporção toda que teve, com tantas mortes e, pelo menos aqui no Brasil, parecia ser algo tão distante da gente", relembrou Kaio, observando que o carnaval em Olinda (PE), antes de ser decretada a pandemia, ainda era celebrado com uma despreocupação que logo se mostraria perigosa.

A pandemia do vírus Sars-Cov2 foi oficialmente decretada em março de 2020, mas o vírus já era conhecido. Nesse período, Kaio e sua família tomaram todas as precauções possíveis. Eles respeitaram a quarentena, seguiram rigorosas práticas de higienização e todas as orientações da OMS para evitar o contágio. Kaio continuava apenas a treinar em parques públicos abertos, sem

contato com outras pessoas, enquanto sua irmã era responsável por fazer as compras de supermercado, sempre tomando cuidado para higienizar tudo ao retornar para casa. Seus pais permaneceram em casa, vivenciando regradamente a quarentena.

Infelizmente, em maio de 2020, o vírus afetou sua família. A rotina da família Cavalcanti mudou drasticamente quando Alexandre José Guerra Cavalcanti, pai de Kaio e Érika, começou a apresentar sintomas gripais. Inicialmente, foi diagnosticado com sinusite, até que a sua condição de saúde piorou rapidamente. A saturação de oxigênio caiu e a família, por orientação médica de uma prima pneumologista, decidiu interná-lo no Hospital Pronto-Vida, de João Pessoa.

Uma rotina angustiante

"Ele relutou no início, mas depois percebeu a gravidade da situação", lembrou Kaio. Começava, então, a luta pela vida de seu pai, que ninguém sabe precisar o momento da contaminação, pois Alexandre José ficou 60 dias confinado em casa, sem sair um momento sequer.

— Ele começou a sentir os sintomas, foi ao médico e o médico inicialmente detectou nele uma sinusite e mandou ele de volta para casa. E, em casa, ele não melhorava, foi piorando, até que a saturação baixou muito. Então, a gente tem médicos na família, mas em outro Estado, na cidade do Recife, e a minha prima que é pneumologista, Zaida, disse para ele: 'Tio, você deve estar com covid, vamos... Tem que ir para o hospital, tem que ser internado e tem que ser acompanhado'.

A internação de Alexandre causou extrema ansiedade na família. Inicialmente hospitalizado, seu estado deteriorou-se e ele

precisou ser entubado. Durante aproximadamente duas semanas na UTI, as informações sobre seu estado de saúde eram escassas, transformando os boletins médicos diários em uma rotina angustiante para todos os envolvidos.

— Mas tentávamos não perder as esperanças e foi muito difícil porque a gente não tinha acesso todos os dias. Antes dele ser entubado, ainda existia, durante a semana uma vez ou outra, uma enfermeira, não sei se era uma enfermeira, que passava com celular, para mostrar meu pai. A gente ainda falou com ele umas duas vezes assim nesse método de webcam e quando ele foi entubado, as informações foram dificultadas.

Kaio recorda que o caso de seu pai ocorreu nos estágios iniciais da pandemia, pois havia apenas três meses da decretação. Nesse período de internação e entubação de Alexandre, o número de casos em João Pessoa aumentou significativamente, sobrecarregando o sistema de saúde local. Ele acredita que a lotação dos hospitais e as dificuldades subsequentes contribuíram para a falta de maiores informações que a família poderia receber sobre o estado de saúde de seu pai.

Para Kaio, lidar com a questão da morte foi particularmente complicado. Ele descreveu o processo como mais difícil do que o habitual, algo que também deve ter sido para outras famílias que perderam seus entes para o vírus. Recorda-se bem que uma semana antes da morte de seu pai a família recebeu uma ligação do hospital informando que ele tinha falecido. Esse momento foi extremamente chocante para Kaio, que se viu em estado de choque e chorando desesperadamente, enquanto sua irmã ficou atônita, sem derramar lágrimas. Quando chegaram ao hospital, o diretor, psicólogos e outros funcionários explicaram que houve um engano: não era seu pai que tinha falecido, mas outro paciente do hos-

pital. Esse momento foi vivido como um misto de revolta e alívio, sabendo que seu pai estava vivo afinal. No entanto, uma semana depois desse episódio confuso, seu pai veio realmente a falecer.

Neste meio tempo, Kátia Jansen Torres Cavalcanti, 75 anos, a mãe de Kaio, também contraiu o vírus, mas a recuperação dela foi rápida. Ele recorda sobre como a doença afetou primeiro seu pai e de um momento específico em que seu pai, ainda no início dos sintomas, atendeu o telefone e depois passou para sua mãe, sem lembrar exatamente quem ligava naquele momento. Na época, não havia certeza de que fosse covid-19, mas a família suspeita que esse possa ter sido o momento em que sua mãe contraiu o vírus. Ela precisou ser internada para exames quando sua saturação baixou preocupantemente. Mas, no mesmo dia, ela retornou para casa e continuou o tratamento em ambiente domiciliar, sem complicações maiores.

No entanto, o vírus começa a então impactar a saúde mental da família e a deixar marcas profundas. Dona Kátia desenvolve síndrome do pânico e depressão, ficando muito tempo sem querer sair de casa e sem contato com outras pessoas, mudando drasticamente sua postura de pessoa alto astral para uma mais triste e depressiva. Foi necessário acompanhamento para ajudá-la na fase mais difícil. Apesar dos problemas, ela conseguiu se recuperar graças ao apoio da família e profissionais de saúde. Atualmente, está ótima e Kaio expressa alívio e gratidão por sua recuperação.

Sem direito a um velório digno

Kaio lembra vividamente o dia da morte de seu pai: recebeu a notícia à tarde e, poucas horas depois, já estava no cemitério para o enterro. O processo foi rápido, com uma equipe paramentada e

apenas ele, a irmã Érika e um primo, Danilo. A despedida foi marcada por uma oração breve e um enterro rápido, necessário devido às circunstâncias. Embora tenha sido um enterro digno, pairou um sentimento de falta de um tempo mais ameno e coerente para lidar com a perda e realizar os rituais de despedida de maneira mais adequada às necessidades emocionais da família.

— A gente não teve direito a um velório digno. Hoje em dia eu entendo o significado do velório. O velório não é para o morto, mas para os familiares, é para os que ficam. A gente ter a oportunidade de ser acalentado, de ser abraçado e de passar aquele momento ali final, de se despedir. A gente meio que teve esse choque, essa ruptura. A morte por si só já é uma ruptura dos laços, mas assim foi uma coisa muito mais agressiva, avassaladora nesse sentido. A gente recebeu a notícia da morte por volta das 15h e, às 17, já estava no cemitério. Para nós que ficamos com a dor, foi difícil não ter um velório.

Momentos de tristeza embalaram a família, que perdeu Alexandre em junho e Carmem Sílvia, irmã dele, 76 anos, em outubro de 2020. Mesmo sendo durante a segunda onda da pandemia, a situação continuou extremamente desafiadora. A tia de Kaio e Érika recebeu todo o suporte possível no Recife, onde suas primas médicas garantiram os melhores cuidados. No entanto, mesmo com todos esses esforços, a pandemia mostrou-se implacável, mais uma vez. Tia Carmem não resistiu, aumentando e agravando o sofrimento de toda a família.

Kaio contraiu a covid no início de 2021. Imenso receio o acompanhou durante a doença. Disse ser uma sensação que afeta profundamente o psicológico da pessoa. Descreveu os dias de ansiedade como se estivesse esperando que algo ruim viesse a acontecer a qualquer momento, mesmo estando bem. Existia um alerta

porque a doença, em algumas pessoas, apresentava complicações que poderiam surgir especialmente entre o nono e o décimo dia após a infecção. A preocupação constante e o medo de uma possível complicação tornaram o período de isolamento uma grande provação. Kaio contraiu o vírus logo após o Réveillon, em janeiro, poucos meses depois da perda de seu pai.

"O melhor pai que poderia ter na vida"

Kaio relembra com carinho a relação próxima e afetiva que sempre teve com seu pai. Alexandre foi um homem que o apoiou em todas os momentos, ideias e projetos, sempre opinando e orientando o filho com franqueza. Para ele, seu pai desempenhou um papel fundamental, sendo um verdadeiro pai em todos os sentidos, não apenas para ele, mas também para sua irmã.

— Sempre tivemos uma relação muito próxima, muito afetiva. Meu pai foi o melhor pai que poderia ter na vida, me proporcionou tudo em termos financeiros e afetivos. Sempre me apoiou no que eu queria fazer, sempre muito franco comigo, me orientou, me apoiou, me deu todo suporte.

Apesar de Kaio ter morado fora por muitos anos, ele retornou ao Brasil de férias em dezembro e acabou ficando devido ao cancelamento dos voos para Portugal por conta da pandemia. Esse tempo inesperado permitiu que esse filho passasse os últimos quatro ou cinco meses em casa, ao lado de seu amado pai. Ele não sabia na época que seriam seus últimos momentos juntos, mas valoriza cada momento compartilhado.

Alexandre é descrito pelo filho como um bom marido e um excelente provedor para a família, sempre demonstrando amor e carinho pela mãe e pela irmã. Ele fez o melhor possível para ga-

rantir a melhor educação, saúde e bem-estar para seus filhos. Para Kaio, as boas lembranças de seu pai e os valores que ele transmitiu são a maior herança que ele e sua irmã receberam. Um legado de princípios e valores que serão lembrados com gratidão e carinho.

No primeiro momento, foi essencial o apoio de seus familiares durante um período tão dramático. Destaca, especificamente, o apoio financeiro e emocional fornecido pelos tios, a exemplo do seu tio Kaio, irmão de Dona Kátia, de quem herdou o nome, e também de Patrocínio, cunhado de seu pai, respectivamente. Essa rede de apoio foi crucial para ajudar Kaio, sua mãe e sua irmã a se recuperarem após a perda de Alexandre, especialmente nos primeiros meses após a partida do provedor da família.

A partir desse apoio, Kaio, Érika e sua mãe começaram a reconstruir suas vidas. Érika encontrou uma nova paixão na confeitaria, enquanto Kaio se dedicou aos seus projetos profissionais e acadêmicos. A família se uniu ainda mais, oferecendo suporte mútuo em todos os momentos.

Após a morte de Seu Alexandre, Kaio precisou assumir algumas responsabilidades na família, tanto financeiras como buscar suporte emocional. Com isso, modificou seus planos, deixando de morar em Portugal para passar mais tempo no Brasil. Embora ainda visite Portugal esporadicamente por motivos profissionais e de estudo (além de advogado, desenvolve carreira acadêmica em Direito, sendo um mestre a caminho do título de doutor), sua base agora é a Paraíba.

Atualmente concluindo Doutorado na Universidade de Coimbra, tendo como objeto o Direito da Energia, com foco na transição energética, nessa área ele começou a empreender como promotor de eventos de intercâmbio de experiências e conhecimentos. O primeiro evento, online, durante a pandemia, diversifi-

cou e ampliou os horizontes profissionais de Kaio.

"Um networking sobre transição energética entre os principais agentes de Brasil, Portugal e outros países da Península Ibérica", explica, acrescentando que essa sua inserção, que chama de 'projeto', possibilitou um arcabouço financeiro através do qual conseguiu ajudar a família, manter-se e evoluir na carreira acadêmica.

— Então, antes de meu pai falecer ele acompanhou o início desse projeto e depois dele falecer foi esse projeto que me permitiu assumir, em alguns aspectos, responsabilidades financeiras que eram dele e tudo isso também fez parte de um processo de transformar dor em saudade, de explorar outros caminhos para honrar aquelas responsabilidades, ao mesmo tempo, de se reinventar e de se fortalecer.

Kaio se dedicou intensamente a esse projeto, utilizando-o como um meio de distração do luto. No entanto, após a conclusão do evento em novembro de 2020, enfrentou meses difíceis em dezembro, janeiro e fevereiro, quando o impacto da perda de seu pai veio à tona de novo. Ele reconhece que o luto é um processo inevitável para todos que perdem alguém querido e que é preciso ser vivido. Um período para vivenciar a dor, transformá-la em boas lembranças para, enfim, seguir em frente.

A dor da perda nunca desaparece completamente, mas Kaio aprendeu a conviver com ela. Ele moldou o luto em saudade, transformando as recordações em motivação para seguir vivendo e honrar as memórias de seu pai e de sua tia. Ele emergiu da pandemia com uma nova perspectiva sobre a vida e a morte. Hoje, procura valorizar ainda mais os momentos com seus entes queridos e está comprometido a viver de acordo com os princípios e valores ensinados por seu pai.

Disse esperar que os testemunhos e experiências das famí-

lias afetadas pela covid-19 sirvam de lição para futuras gerações e governos. Em sua opinião, é crucial aprender com os erros do passado para melhor enfrentar possíveis crises futuras e com maior seriedade e responsabilidade. Quanto à gestão da pandemia no Brasil, ele vê com críticas e indignação. Sustenta que houve negligência e negacionismo por parte do governo, que falhou ao ignorar as orientações científicas e da OMS. A ausência de uma ação coordenada e eficiente exacerbou o sofrimento e a perda de inúmeras famílias, incluindo a dele.

— Muitas mortes poderiam ter sido prevenidas se a vacina tivesse sido disponibilizada mais cedo –, opina.

Além de Kaio e sua irmã sofrerem intensamente com a perda do pai e da tia, Érika, em particular, que era muito apegada ao pai, teve que lidar também com a morte do namorado, Pablo Estrela, e da sogra, Dulce Emília Estrela, em fevereiro e março de 2021, quando o pico da doença chegava ao seu auge na Paraíba e no Brasil. Essas perdas sucessivas arrasaram com Érika, que encontrou consolo na confeitaria, transformando um hobby em uma nova profissão e uma maneira de lidar com a dor.

Sem espaço para despedidas

O início do ano de 2020 foi assombroso para o mundo e não foi diferente na vida de Érika Torres Cavalcanti. Assim como muitos, viu sua vida mudar drasticamente. Naquele momento, ela jamais imaginou que perderia tantas pessoas queridas. A covid devastou sua família, levando seu pai, seu namorado, a mãe dele e uma tia, todos em um curto espaço de tempo.

Érika viveu o caos na pandemia e teve que encontrar forças para seguir em frente. Seus primeiros temores apareceram quando

a pandemia começou a ser noticiada de forma mais intensa. Inicialmente, acreditava que o problema estava distante, na China, e não chegaria até o Nordeste do Brasil. Em casa, protegida, segura, apenas lendo, ouvindo ou vendo informações sobre a disseminação do vírus no mundo, não imaginava que a covid atingiria sua família.

— Parecia ser uma coisa muito distante. Na realidade, a gente só ouvia notícias lá da China, enfim... Eu me lembro muito bem de um dia em que eu estava trabalhando em casa, escutando o noticiário, jamais imaginei passar por uma situação dessas, nem que iria acontecer isso tudo com meu pai, meu namorado, minha sogra e minha tia.

Érika era a responsável por sair de casa para fazer as compras essenciais, tomando todos os cuidados ao voltar para casa, higienizando tudo. Mesmo com esses cuidados, seu pai adoeceu. Explica que ele tinha um histórico de crises de faringite e garganta, começou a apresentar febre e calafrios, sintomas que inicialmente foram atribuídos a essas crises habituais. Após uma semana, com o quadro piorando, foi detectada pneumonia e confirmada a contaminação pelo coronavírus.

— No início mesmo, era tudo muito escuro para todo mundo, inclusive para os médicos. Não se tinha a medicação, até hoje nem tem, só a vacina, e era uma pessoa que eu tenho certeza que se existisse a vacina na época dele ele teria se vacinado. Tenho certeza.

Érika relembra o dia em que recebeu a notícia da morte de seu pai. Era uma tarde de quarta-feira, 10 de junho de 2020, quando o telefone tocou e ela, já sentindo uma agonia crescente, atendeu à ligação do hospital. Instantaneamente, um pressentimento sombrio tomou conta dela e suas suspeitas foram confirmadas.

Com a notícia ainda ecoando em sua mente, Érika e o irmão se dirigiram imediatamente ao hospital, onde a triste realidade foi

oficialmente comunicada de forma gentil pelo médico presente.

Assim como Kaio, Érika teve que lidar com a perda do pai sem o consolo de um velório tradicional. Em ritmo acelerado e sem espaço para despedidas prolongadas. Ela recorda profundamente como um dia seu pai saiu de casa saudável e ativo, apenas para ser recebido mais tarde em um caixão, um contraste doloroso que ressoou ao longo dos dias que se seguiram.

E as perdas sucessivas começaram em sua vida. A dor pela perda do pai foi seguida pela notícia da morte de sua tia, quatro meses depois. Cadeirante e com problemas pulmonares devido ao fumo, Carmem sucumbiu ao vírus. A situação parecia um pesadelo sem fim para Érika, que ainda lidaria com mais tragédias.

Nove meses após a morte de seu pai, Érika perderia o seu namorado, Pablo Athaíde Estrela, 38 anos. Ele contraiu covid-19 durante um retiro de Carnaval e, apesar de inicialmente apresentar sintomas leves, sua condição se deteriorou rapidamente.

Ele morava com a mãe e a avó. A mãe já estava doente, porém não tinha sido diagnosticada, realmente, como covid, apesar de já apresentar sintomas.

— Então, eu me lembro muito bem que eu falei com o Pablo umas 11h da noite e ele estava com uma tosse horrorosa, reclamando de dor no peito, mas que ia procurar se acalmar. Ele era muito ansioso e estava nervoso. Disse que ia tomar o remédio e deitar -, relatou Érika.

Na manhã seguinte, por volta das 10h, Érika enviou uma mensagem de WhatsApp para Dona Dulce, perguntando como ela e Pablo estavam. Dona Dulce respondeu que Pablo estava dormindo, mas Érika insistiu para que ela verificasse seu estado, pois ele havia reclamado muito na noite anterior.

Com pouco tempo, a sogra retornou, informando: “Eu fui lá,

bati na porta e ele não respondeu e eu olhei ele estava dormindo, eu não quis acordar". Érika acha que quando a mãe foi lá chamá-lo, Pablo já havia falecido. De qualquer modo, ele faleceu mesmo em casa, no dia 25 de fevereiro de 2021. Foi encontrado sem vida pela mãe, após a troca de mensagens com Érika.

Dona Dulce relatou à namorada do filho que Pablo já estava rígido, indicando que ele provavelmente havia falecido durante a madrugada. Essa sequência de eventos deixou uma dor profunda em Érika, evidenciando a rapidez e a crueldade com que a doença levou Pablo.

— Eu estava na rua, no trânsito, quando recebi a notícia. Um telefonema perguntando se tinha sido verdade que Pablo tinha falecido, de uma pessoa da família dele. Foi aí que a ficha caiu, que eu tinha tentado conversar com ele, mandado mensagem, ligado, nada e ele não tinha respondido ainda. A ficha realmente caiu.

Conta que suas pernas tremiam muito enquanto dirigia, após receber a notícia da morte de Pablo. Não sabe como chegou em casa. "Cheguei muito abalada, chorando, lógico, dei a notícia para minha mãe, meu irmão. Realmente, foi muito difícil. É muito difícil até hoje, não é fácil. Nem falar sem se emocionar, não é fácil", disse, com olhos cheios de lágrimas.

Doze dias depois, em 9 de março de 2021, o coronavírus matou dona Dulce Emília Athayde Estrela, 56 anos, mãe de Pablo. Ambos moravam com Dona Glícia, avó dele. Thiago, seu irmão gêmeo, morava com a esposa e não contraiu a doença.

Érika, que sempre teve muito medo da covid, ficou desolada com essas perdas. Ela reflete sobre a situação crítica da época, ressaltando a ausência de vacinas contra a doença. Acredita que se o governo tivesse sido mais eficiente e ágil na compra e distribuição das vacinas, o namorado poderia ainda estar vivo.

Embora sem certeza sobre como Pablo teria reagido à vacinação, Érika mantém a convicção de que, se ele tivesse tomado a vacina, as chances de sobreviver seriam significativamente maiores, pois ele era uma pessoa totalmente saudável antes de contrair o vírus.

Enfrentar essa nova realidade não foi fácil para Érika. Sua vida foi completamente transformada. Ela cuidou da mãe e do irmão durante toda a pandemia, sempre temendo por suas vidas. A incerteza e o medo eram constantes, e, apesar de todos os cuidados, a doença parecia inevitável.

Culinária para aliviar a dor

Com muita resiliência, Érika enfrentou todas as angústias após as perdas, incluindo a de não ter dinheiro suficiente para um acompanhamento psicoterápico para ela e os sobreviventes da família. Além do impacto emocional, houve também questões financeiras. Felizmente, recebeu apoio de tios Caio e Patrocínio (irmão e cunhado do senhor Alexandre, pai de Kaio e Érica), que ajudaram a família até que a aposentadoria de seu pai fosse transformada em pensão para sua mãe.

Os tios ofereceram todo o suporte necessário, sem que ela precisasse pedir aquela ajuda, que foi espontânea, portanto, e aliviou um pouco o peso que ela e o irmão carregavam.

Érika encontrou uma saída providencial na confeitaria. De espírito empreendedor e apaixonada por vendas, Érika decidiu preencher a mente e o tempo com algo produtivo. Um mês após o falecimento de seu namorado, um curso de confeitaria chamou sua atenção. Ela comprou o curso, mergulhou nos estudos, começou a testar receitas e recebeu incentivo para seguir nesse novo caminho, um caminho chamado *Sweet Cereja Confeitaria*.

— Trabalho com todo tipo de bolo hoje e faço todas as especializações que puder fazer, porque realmente eu gostei do ramo e foi uma coisa que eu sei que me ajudou muito a superar tudo isso – reconhece, premiada pela dedicação ao ofício com o sucesso de sua confeitaria, fonte de renda e de novo propósito para a sua vida.

Ela lembra com carinho de seu pai e da vida familiar que levavam. Eram uma família pequena, composta por quatro pessoas, e muito unida. Ela era especialmente apegada ao pai, morte que sem dúvida foi uma perda devastadora.

Kaio César decidiu voltar a morar no Brasil e mantém contato profissional, de estudos e de pesquisa com Portugal, onde ainda está concluindo a Tese de Doutorado. Ele decidiu ficar com Érika e a mãe, proporcionando o apoio necessário nesse momento tão delicado para a família.

Érika, por seu turno, dá graças a Deus por ter nascido em uma família equilibrada e unida, do tipo em que todos e todas enfrentam os desafios que a vida lhes apresenta.

O processo de voltar à vida social foi gradual. Érika, que não ficou com traumas de sair de casa, observou sua mãe enfrentar a depressão, mas conseguiu ajudá-la a superar fase extremamente difícil. Ela mesma precisou lidar com a ansiedade, mas encontrou forças na confeitaria e na fé.

Érika também expressa indignação com a forma como o governo lidou com a pandemia, acreditando que muitas mortes poderiam ter sido evitadas se a vacinação tivesse sido priorizada e as orientações científicas seguidas rigorosamente.

A falta de ação efetiva e as atitudes negacionistas do governo na pandemia foram um ponto de revolta para ela. Em sua opinião, a pandemia deixou lições importantes sobre a fragilidade da vida e a necessidade de seguir as orientações científicas.

Érika participou da entrevista e compartilhou sua história como forma de registrar os impactos da pandemia. Ela acredita que é fundamental que esses testemunhos sejam eternizados para que futuras gerações compreendam a gravidade de uma pandemia e a importância de o país ter um governo, qualquer governo, sempre responsável e zeloso com a saúde pública.

Sua história é, enfim, um testemunho de dor e superação. Superação que alcançou como quem encontra uma nova paixão, que transforma dor em força, mas não faz perder o sentimento nem a lembrança em relação às pessoas mais queridas que se foram por obra da covid, sendo muitas delas vítimas da desídia governamental.

O médico que perde um filho

Para contar o drama que acometeu a família Estrela, fiz um primeiro contato com o médico Aurílio Estrela, pai de Pablo Estrela, pelo WhatsApp. Tentei marcar uma entrevista de forma presencial. Ele foi solícito, mas explicou que estava muito ocupado e que seria difícil encontrar um tempo. Ofereci-me para ir aonde ele estivesse e prometi que a entrevista não ultrapassaria 30 minutos. Como não encontrávamos uma solução, no dia 17 de abril de 2024 sugeri que ele encaminhasse as respostas através de áudios no WhatsApp. Ele aceitou, e imediatamente enviei as perguntas e fui recebendo os áudios para transcrever.

A história de Doutor Aurílio é também narrativa de perda e resiliência ao mesmo tempo. Seu testemunho oferece um vislumbre das dificuldades enfrentadas por aqueles que estiveram na linha de frente da pandemia e das complexas emoções de quem perdeu entes queridos para a covid-19.

Em março de 2020, a vida do anestesista Aurílio Estrela tomou um rumo inesperado e desafiador com o anúncio da pandemia do coronavírus pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Em meio a um turbilhão global de incertezas, esse médico comprometido e pai dedicado se encontrava cada vez mais absorvido pelas notícias que emanavam da China e da Europa, relatando a disseminação acelerada da covid-19.

"Não pensei que fosse ter as consequências que teve", recorda. Apesar de seu conhecimento sobre a doença, não imaginava que pudesse afetar tão profundamente sua vida e a vida de sua família.

Como profissional de saúde, Doutor Aurílio estava na linha de frente, incapaz de se isolar como o restante da população. "Minha rotina continuou normal. Via muita gente com a doença nos hospitais e via a perda de muitas vidas onde às vezes não podíamos resolver", lembra, garantindo jamais ter visto algo minimamente parecido com a mortandade acelerada que ocorreu durante a pandemia da covid.

A tragédia pessoal de Doutor Aurílio começou quando seu filho Pablo Estrela foi contaminado pelo coronavírus, provavelmente em um retiro religioso no período de carnaval. "Quando soube, logo me preocupei e o orientei para procurar serviço médico", revela, providência que não deu tempo de ser tomada, posto que Pablo morreu em casa e ele mesmo teve que atestar a morte do filho, decorrência de uma embolia pulmonar súbita.

Doutor Aurílio também lamenta por demais o fato de não poder velar seu ente querido. "Só quem passa por isso sabe o quanto é doloroso", diz. Doze dias depois, faleceu a mãe de Pablo, Dulce Emília Estrela, supostamente por haver contraído a doença através do filho.

Doutor Aurílio assegura que sempre teve um relacionamento próximo com seus filhos, Pablo e Thiago, mesmo após o divórcio de Dulce. "Nosso relacionamento era normal, como em qualquer família" e, em razão disso, garante jamais ter deixado de oferecer assistência financeira e emocional à família. "Sempre que precisavam de mim, eu estava presente", afirmou.

Após a morte de Pablo e Dulce, a relação entre doutor Aurílio e Thiago se tornou ainda mais forte. "Tanto eu como Thiago sofremos muito e ainda continuamos sofrendo com a ausência", confessou. Eles se encontram frequentemente, especialmente nos fins de semana, para jantar juntos e apoiar um ao outro.

Durante a pandemia, muitas teorias e tratamentos surgiram, incluindo o polêmico Kit Covid, uma alternativa na qual o governo de então apostava e nela investiu recursos públicos para fabricação de cloroquina em larga escala, complementada pela ivermectina, ambos medicamentos que cientistas da área da saúde garantiam, em todo o mundo, que não tinham eficácia contra a doença.

Mesmo assim, tais medicamentos foram adotados e prescritos por muitos médicos brasileiros, simpatizantes do governo Bolsonaro, amparados em resolução do Conselho Federal de Medicina (CFM) que não avalizava as opiniões e recomendações em contrário e praticamente endossava o uso daqueles fármacos por pessoas infectadas pelo coronavírus. Com isso, o Kit Covid incorporou outros medicamentos, a exemplo da hidroxicloroquina e azitromicina, associadas à ingestão de vitamina D.

Doutor Aurílio sempre acreditou e ainda acredita no Kit. Admite que tomou nas duas vezes em que contraiu o vírus. Kelly Senna Estrela, sua atual esposa, também tomou, porque, segundo o médico, "resolve quando é tomado na hora certa". Sobre vacinas,

informa que tomou três doses, mas tem dúvidas sobre a eficácia da nova vacina disponível, além de não ver necessidade de uma quarta dose.

Ele também não culpa o governo de então pela morte de Pablo e Dulce. Argumenta que na época "a vacina ainda não era viável".

A jornada de luto do médico que perde um filho tão jovem seria destruidora para qualquer pessoa. Doutor Aurílio, contudo, não buscou tratamento psicológico. Ele acredita que sua força e sua conexão com Deus foram e são suficientes para sustentá-lo. "Meu psicólogo é Deus,", disse, convicto. "Entrego tudo na mão Dele". É esta confiança espiritual que vem sustentando o médico quando lembra e enfrenta a dor de perder alguém tão querido quanto Pablo.

Com o passar do tempo, Aurílio e Thiago começaram a reconstruir suas vidas. A dor da perda ainda estava presente, mas eles aprenderam a viver com ela, encontrando novas formas de celebrar a vida e a memória de Pablo e Dulce. Jantares em família e pequenas tradições tornaram-se rituais importantes para manter a conexão e o apoio mútuo.

A vida profissional de Aurílio Estrela também se adaptou. Ele disse que continua a exercer a medicina com dedicação, "mas agora com uma perspectiva ainda mais humanista e empática". Cada paciente é hoje para ele um lembrete do valor da vida e da importância de lutar contra a doença com todas as forças disponíveis.

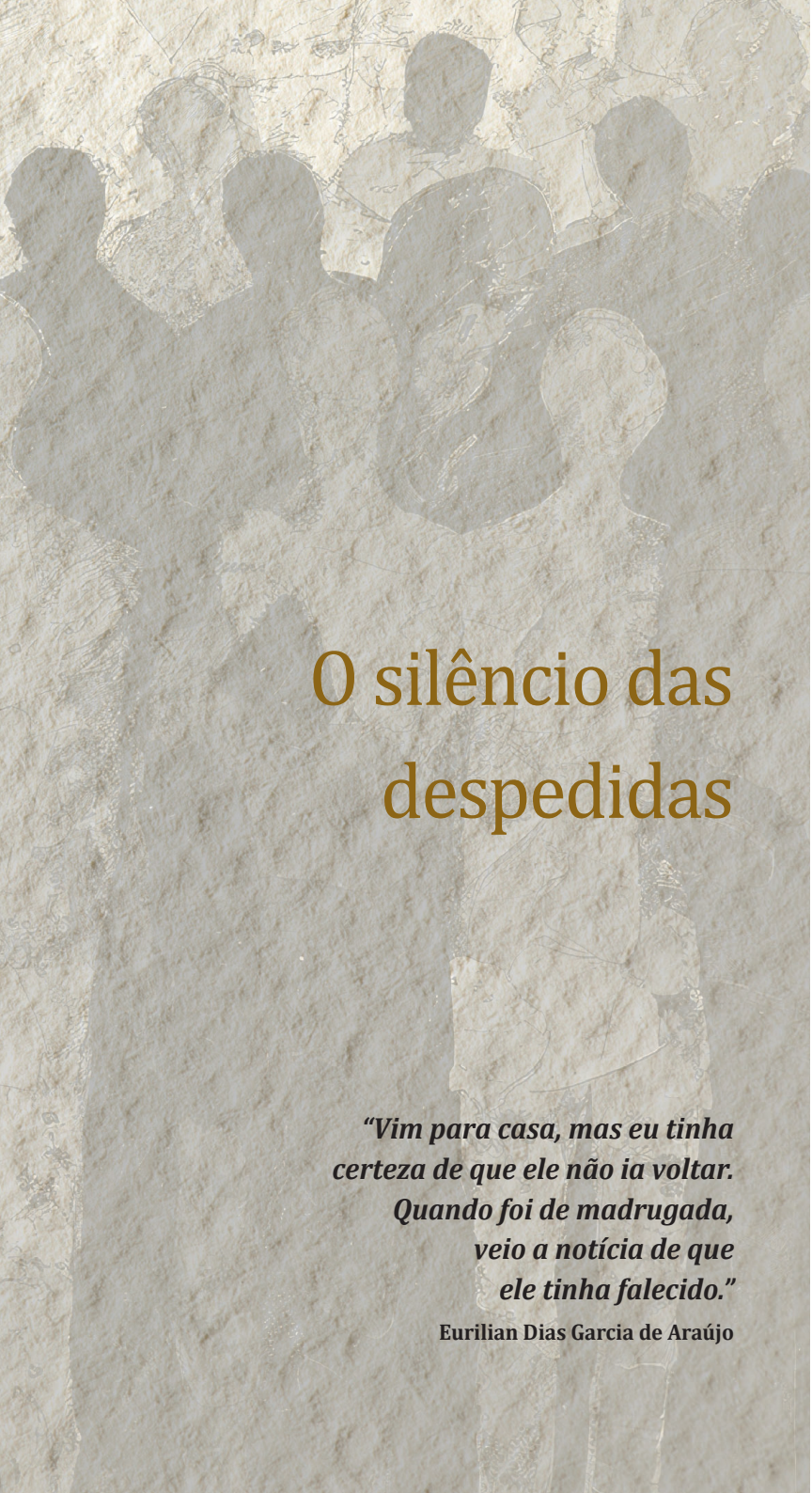
Dr. Aurílio Estrela constatou a morte do próprio filho Pablo Estrela

Pablo Athaíde Estrela morreu de covid em casa

Alexandre Guerra Cavalcanti morreu de covid em 2020

Dulce Emília Athaíde Estrela morreu 12 dias após o filho Pablo

Pablo Estrela e a namorada Érika Cavalcanti



O silêncio das despedidas

"Vim para casa, mas eu tinha certeza de que ele não ia voltar. Quando foi de madrugada, veio a notícia de que ele tinha falecido."

Eurilian Dias Garcia de Araújo

CAPÍTULO **IV**

O silêncio das despedidas

Em uma tarde tranquila de março de 2021, um telefonema da senhora Iraneide Dias Garcia de Araújo à sua filha Eurilian Dias Garcia de Araújo, enfermeira de 44 anos, foi um sinal de que a vida de ambas, mãe e filha, estava prestes a mudar drasticamente.

Com o avanço implacável da covid-19, Eurilian, apesar de estar na linha de frente de combate à doença em uma Unidade Básica de Saúde em Ingá, jamais imaginou que a tragédia bateria à sua porta, levando não apenas seu pai, Fernando Ronaldo Garcia de Araújo, mas também seus irmãos Diego e Sterveson, além de outros membros próximos da família.

Dona Iraneide compartilha com a filha essa dor profunda, com um agravante: além de ter perdido o marido Fernando, companheiro com quem dividiu a vida por 46 anos e com ela proporcionou a formação de uma sólida família, e seus dois filhos homens, ela sofreu também a perda de Joaci Dias da Silva, seu irmão médico e compadre, e a cunhada Eliane de Lourdes Gondim da

Silva, farmacêutica e dona de farmácia em Bayeux, município da Região Metropolitana de João Pessoa.

As mortes aconteceram no preciso tempo de um mês, entre os dias 14 de março e 14 de abril de 2021, em João Pessoa. O primeiro a adoecer e morrer foi Fernando Ronaldo, 70 anos, em 14 de março, no Hospital da Unimed. Quinze dias depois, dia 29, falece o filho mais velho de Iraneide e Fernando, Diego Dias Garcia de Araújo, no Hospital Nossa Senhora das Neves. Naquele mesmo dia, com poucas horas de diferença, morreu o médico Joaci Dias. No dia 13 de abril, foi a vez de Eliane de Lourdes, e no dia 14 de abril de 2021, morreu Sterveson Dias Garcia de Araújo, no Hospital Santa Isabel, com 40 anos. Este passou mais de um mês hospitalizado.

Quando questionada sobre seus pensamentos iniciais ao enfrentar a pandemia, Eurilian revelou uma mistura de incredulidade e distância emocional, fruto de um otimismo cauteloso de que a doença, então um espectro distante em terras estrangeiras, Europa e China, jamais atingiria sua família na Paraíba.

O cuidado meticuloso de seu pai, que chegava a lavar dinheiro e pendurá-lo no varal, era uma fonte de leveza em conversas até então banais sobre a rotina diária. “Meu pai era muito cuidadoso. Exagerava no álcool (usado para higienização das mãos, sobretudo) e até lavava o dinheiro e pendurava no varal. E eu perguntava por que aquilo tudo.

Os dois irmãos de Eurilian viviam para cuidar dos pais e estavam morando com eles. Seu Fernando estava trabalhando remoto por permissão do Sebrae, do qual era funcionário. Por conta desses cuidados, a família acreditava estar fora de perigo, ou seja, nenhum evento trágico aconteceria com Eurilian e seus mais próximos. Foi passando o tempo e tudo, para ela, parecia estar controlado com as medidas de isolamento, uso de máscara e medicamen-

tos de prevenção que, segundo ela, no início faziam efeito.

A própria Eurilian chegou a tomar os remédios propagados à época como Kit Covid: Ivermectina, Vitamina C, vitamina D, Cloroquina e Azitromicina. O posto de saúde onde ela trabalhava distribuía o kit sem a Cloroquina, "por conta dos efeitos colaterais, e acrescentavam o zinco".

Dona Iraneide, mãe de Eurilian, também nunca pensou naqueles acontecimentos "daquele jeito". Para ela, a covid devia ser igual a qualquer doença e ela não concordava com o isolamento. Mesmo assim, seguiu o protocolo, confeccionando máscara para todos de dentro de casa, cuidando de tudo.

A realidade, contudo, mostrou-se brutalmente diferente do que pensavam mãe e filha sobre a possibilidade de contaminação pela família. Fernando adoeceu gravemente, seguido rapidamente por seus filhos. Eurilian descreve com detalhes impactantes a progressão da doença em sua família, desde os primeiros sintomas até o inevitável e trágico desfecho. As idas e vindas ao hospital, as tentativas desesperadas de conseguir oxigênio e os momentos de esperança cada vez mais raros pintam um retrato fúnebre da luta contra um inimigo invisível.

A família de Fernando e Iraneide acredita que a contaminação dele pode ter acontecido devido a uma forte dor de dente que o fez precisar se consultar com um dentista. Preocupada com a situação, a filha o alertou para ter cuidado. Mas, afirmando não suportar mais, foi ao dentista com o filho mais novo, Sterveson, numa sexta-feira. No dia seguinte, os dois foram ao município de Ingá pagar uma conta e voltaram para casa. No domingo, ambos começaram a se sentir mal.

Os sintomas eram dor de cabeça, espirravam e começaram a sentir falta de ar. O irmão mais novo estava com os sintomas, mas

não revelou logo. Seu Fernando foi levado à Unimed, foi medicado e mandaram ele de volta para casa. O teste de covid dera negativo.

Na segunda-feira, Dona Iraneide apresentou os sintomas da covid e a levaram para a Unimed. Aproveitaram e levaram Fernando de novo. Estavam com eles os dois filhos e Lidiane Fidélis do Vale, esposa de Diego. Daí, foi constatado que o casal estava com covid, ambos com 30% do pulmão comprometido.

Fernando foi levado para a enfermaria, para ser medicado e Dona Iraneide ficou esperando ser atendida pelo médico, que mandaria a enfermeira dar um vermífugo (Anita) e um antibiótico (amoxicilina, de 800 mg) à paciente, além de soro e um antitérmico. Depois os dois receberam alta e voltaram para casa. Antes, pararam na Farmácia Pague Menos na avenida principal do Bairro José Américo, compraram os medicamentos e foram para casa.

A situação se agravou do dia para a noite

Chegou o momento em que Sterveson não estava mais suportando esconder a situação e ligou para irmã Eurilian avisando que o pai estava muito doente e a mãe também e ele já não estava dando conta. Ao mesmo tempo, Dona Iraneide também ligou para a filha e pediu que ela voltasse do município de Ingá, no interior da Paraíba (onde trabalhava em um posto de saúde), para João Pessoa. Para cuidar do pai, pois ele havia passado a noite da quarta-feira levantando-se da cama, indo ao banheiro para tomar banho e voltar a se deitar. Eurilian pediu licença e retornou à capital, providenciando de imediato a internação de Fernando no hospital da Unimed.

Ao chegar na quinta-feira pela manhã na casa dos pais, Eurilian viu que Seu Fernando estava passando mal e ela pediu para ele ir de novo ao médico para fazer novos exames. Combinou com

tios para procurar um fisioterapeuta e oxigênio, porque sabia que o quadro tendia a piorar. Só conseguiram a fisioterapeuta, porque a demanda por oxigênio na cidade era muito grande e não havia disponível para alugar qualquer cilindro.

Ela e o irmão mais velho ainda insistiram ligando para todos os fornecedores de oxigênio, antes que a situação do pai se agravasse. Mas Diego adoeceu e ficou em casa com a mulher e a filhinha mais nova. Todos estavam doentes, mas Eurilian ficou cinco dias dentro do hospital com o pai. Nesse período, uma fisioterapeuta atendeu Dona Iraneide, que ficara em casa, juntamente com o filho mais novo.

Houve um momento em que a fisioterapeuta tentou fazer exercícios com Sterveson, mas ele não conseguia fazer qualquer movimentou. Orientou, então, que ele fosse levado com urgência para a Unidade de Pronto Atendimento (UPA) Oceania no Bairro dos Bancários, a que melhor estava funcionando nos casos de covid.

No mesmo dia em que o pai foi internado na Unimed, Sterveson informou para a mãe que estava passando mal e que iria na UPA, pois não tinha plano de saúde. Preocupada, a mãe pediu para o filho mais velho acompanhá-lo, mas Diego disse que também não estava se sentindo bem. Victor, filho de Eurilian e neto de Dona Iraneide, foi quem levou o tio para a unidade de pronto atendimento.

Na UPA, constataram que o caso de Diego era de internação, mas foi uma luta para conseguir vaga em hospital. Eurilian usou seu conhecimento e amizades na área de saúde. Seu irmão foi transferido para o Hospital Santa Isabel.

Do hospital da Unimed, onde estava com o pai, ela também passou a orientar o tratamento de Diego, da mulher dele e da filhinha, tudo por telefone. Ao perceber que a situação do irmão se agra-

vava, recomendou que ele fosse para outro hospital. Lidiane, esposa de Diego, levou-o para o João Paulo II, no centro de João Pessoa. Lá, de início ele se recusou a receber qualquer tipo de alimento. Dona Iraneide entrou em ação e fez uma ligação de vídeo para o filho:

— Eu brigava com ele por telefone, na chamada de vídeo, e pedia que por favor comesse alguma coisa. Depois, Diego foi transferido para o Hospital Nossa Senhora das Neves, porque o plano dele cobria.

As primeiras mortes

Fernando Garcia de Araújo apresentou sinais de infarto no hospital, onde ficou no mesmo quarto em que um médico também fora internado. E esse médico percebeu que o pai de Eurilian estava desorientado.

A filha concordou com o médico, mas recorda que em dado momento o seu pai, como que recobrando a lucidez, olhou para ela e implorou: "Não me deixe morrer". A partir daí, Eurilian começou a tocar a campainha para chamar as enfermeiras, que em resposta pediam calma e diziam que iriam atender.

Impacientes, Eurilian e o médico paciente internado alertavam que Fernando estava infartando e as enfermeiras diziam que não. Até que chegou a hora de trocar de plantão...

— E chegou uma médica nova - acho que Deus mandou - olhou para ele, fez o eletro e disse que realmente ele estava infartando. Aí, desceu para a UTI.

Eurilian ficou esperando do lado de fora da UTI, entre uma cadeirinha e outra, para ver o que ia acontecer a partir dali. Ela pediu à enfermeira de plantão na UTI para que, quando o pai melhorasse, deixasse falar com ele. Pouco tempo depois, seu Fernando teve uma

melhora e a enfermeira permitiu que a filha entrasse para vê-lo.

— A enfermeira perguntou: "O senhor conhece essa moça?". E ele disse: "Conheço sim. É a minha filha do coração!" (Eurilian chora). Então, ele se emocionou e eu também. E a enfermeira pediu para eu sair. Foi a última vez que eu o vi vivo!

Dois dias depois da entrada de Seu Fernando na UTI, o Serviço Social do hospital ligou para Eurilian, informando que o pai tinha recebido alta para ser transferido para o apartamento. Ela teria que estar lá, para que isso fosse possível, pois era preciso que ele tivesse companhia.

Ao chegar no hospital, Eurilian esperou por umas quatro horas e nada dele ser transferido para o apartamento. Ela foi à recepção e quis saber o que estava acontecendo, porque havia sido chamada para acompanhar o pai e até aquele momento não havia qualquer notícia sobre a transferência dele para o apartamento. Não a deixavam entrar. Pouco tempo depois, foi informada que a assistente social queria falar com ela.

— Eu já fiquei com um pé atrás. Disse que ele ia ficar mais um dia, porque seria melhor para que ficasse mais tranquilo. Informou que o setor para onde ele iria não tinha profissional suficiente.

Eurilian assinou um termo autorizando que o pai ficasse mais um dia na UTI. No dia seguinte, por volta das 9h30 da manhã, ligaram dizendo que ele havia tomado uma injeção e sofrido um choque anafilático. Por isso, precisou ser intubado.

Dona Iraneide, já melhor da covid, foi chamada na Unimed para visitá-lo na UTI e teve a oportunidade de uma despedida naquele momento. Quando chegou à UTI, viu a situação do seu esposo e intuiu, pelo quadro, que ele não conseguiria mais voltar para casa.

— Eu senti que ele não ia voltar. Comecei a conversar com Fer-

nando. Notei que as lágrimas corriam dos olhos dele. E eu disse a ele que não se preocupasse. Que se tivesse alguém junto dele, ele podia ir.

Pausa de silêncio. Dona Iraneide se emociona e chora. Segundos depois, continua:

— Então, eu fiz uma prece para ele e todos que estavam ali. Não tive medo de estar ali junto. Senti vontade de ficar e conversar com todos. Ficar ali com Fernando, mas eu sabia que ninguém me permitiria. Vim para casa, mas eu tinha certeza de que ele não ia voltar. Quando foi de madrugada, veio a notícia de que tinha falecido.

Eurilian se queixou que no atestado de óbito não constou que ele havia falecido por conta do choque anafilático: "No atestado de óbito constou covid, parada cardiorrespiratória, choque séptico e nada de choque anafilático".

A exemplo de todos os casos de morte por covid, não houve velório após a morte de Fernando Ronaldo Garcia. A família pagava um plano funerário. Por ordem dele, o plano ela no nome de Eurilian.

— Eu sempre perguntava por que tinha que ser no meu. E ele sempre me dizia: "Pague você!". Hoje eu entendo o porquê.

A filha acionou o Plano Funerário, respondeu algumas perguntas sobre o peso e altura do pai. Depois, ela própria foi reconhecer o corpo. Não permitiu que esse encargo ficasse para a sua mãe.

A rapidez com que o vírus devastou sua família é apenas uma parte da tormenta enfrentada por Eurilian. A impossibilidade de realizar velórios adequados adicionou uma camada cruel de sofrimento ao processo de luto.

Os corpos de seus entes queridos, encerrados em caixões selados, foram levados diretamente do hospital para o cemitério, privando a família de um último adeus — um ritual tão importante para a despedida e o início do processo de cura emocional.

O corpo saiu direto do hospital para o cemitério de Ingá,

terra natal de Fernando. Houve cortejo de carro até o cemitério. Quando chegaram lá, todos desceram. No percurso houve apenas uma parada em frente da Igreja, com o caixão fechado. Só quem o viu depois de morto foram Eurilian e uma prima que a acompanhou para fazer o reconhecimento do corpo. Dona Iraneide estava melhor da covid e participou do cortejo.

Os dois filhos de Fernando já estavam internados e no dia que o pai morreu, Diego Garcia teve uma piora no João Paulo II e precisou ser transferido de hospital.

— Meu irmão piorou e teve que ser transferido para o Nossa Senhora das Neves. E eu menti para ele e Sterverson. Perguntavam como estava painho e eu dizia que painho estava bem. E eles sabiam que eu estava mentindo porque nos conhecíamos muito bem uns aos outros.

Mergulhadas em dor profunda pela morte de Seu Fernando e amargando o agravamento da saúde dos irmãos Diego e Sterverson, mais duas pessoas da família apresentaram sintomas de que estavam com covid: o médico Joaci e sua esposa Eliane, tios de Eurilian, que também foram internados. Tudo acontecia de forma frenética, não dava sequer tempo para pensar.

Quinze dias após a morte do patriarca da família Dias Garcia, Eurilian e a mãe Iraneide foram chamadas ao Hospital Nossa Senhora das Neves. Dona Iraneide pensou que - como aconteceu na Unimed em que foi chamada para visitar o marido - a mesma situação estaria acontecendo com relação ao filho Diego: chegaria no Hospital e poderia, enfim, visitá-lo. Pouco antes, pela manhã, ela havia recebido a notícia da morte do seu irmão e compadre Joaci Silva.

— Quando foi um dia, eles pediram para ir lá para o hospital, que a gente fosse visitar meu filho mais velho. Era dia 29 de março. Meu irmão havia morrido pela manhã e quando cheguei lá, encontrei meu filho morto – conta uma revoltada Dona Iraneide. Incon-

formada porque o hospital lhe havia negado permissão para que ela pudesse visitar o filho, enquanto ele estava na UTI. Teve uma breve esperança quando foi chamada naquele dia. Pensou que o seu pedido havia sido atendido. Não foi.

— Cheguei a ver meu filho depois de morto. É interessante isso, eles com maior cuidado não me deixaram visitar o meu filho. Mas, quando ele morreu, permitiram que eu fosse ver meu filho lá no necrotério, cheio de corpos no local, de tanta gente que morreu no dia.

O reconhecimento do corpo foi feito por Dona Iraneide e sua nora, agora viúva de Diego. Como se não bastasse tanto sofrimento, o Hospital determinou que a retirada do corpo fosse imediata, antes das seis da noite. Já passavam das três da tarde.

Se para Dona Iraneide tudo aquilo foi um absurdo, a dor de cabeça maior restou para a filha Eurilian. O enterro do tio ficou a cargo da família dele, pois ele tinha cinco filhos. Já o do irmão, "foi um caos", porque em poucas horas teve que entrar em contato com uma tia para pedir permissão de enterrar o irmão em um jazigo no Parque das Acácias. O seu pai tinha sido enterrado em Ingá e não tinha como depositar o corpo do irmão em um cemitério daquela cidade em tão pouco tempo.

Resolvido local do enterro, Eurilian entrou em contato com a funerária. O plano funerário cobriu tudo.

— Meu irmão está enterrado aqui em João Pessoa. Mas eu não gostei porque eles (o hospital) foram muito rudes conosco. Eles deram um prazo para a gente tirar ele de lá...

Mais despedidas...

A amizade de Eurilian com pessoas do corpo médico e de enfermagem do Hospital Santa Isabel, onde estava o seu irmão

Sterveson, facilitou a permissão para que Eurilian e sua mãe pudessem visitá-lo. Ele estava sedado e intubado. Sempre que tentavam diminuir a sedação, Sterveson ficava muito agitado e, então, tinham que voltar a sedá-lo.

Da mesma forma como fez com o marido, ao visitar o filho Dona Iraneide conversou com ele, dizendo palavras de fortalecimento e o chamou para orar com ela o Salmo 26, em pensamento, uma vez que estava sedado.

— Diga comigo, meu filho: "O Senhor é a força da minha vida, de quem terei medo. O Senhor é a força da minha salvação. Do que terei medo?".

E continuou falando com ele, para ele:

— "Se você tiver de ir, meu filho, vá com Deus, que Deus te acompanhe". Eu só disse isso porque quando eu tive a intuição de sair do lado direito dele e rodeei a cama, vi que o braço esquerdo dele estava muito inchado. Aí eu vi que ele não ia resistir.

Quando dona Iraneide saiu da UTI, viu médicos chorando nos corredores do hospital e pode constatar o quanto aquilo tudo também estava pesando nas costas dos profissionais da área de saúde.

Exatamente um mês após a morte de Seu Fernando e 15 dias depois da morte de Diego, foi a vez de Sterveson se despedir para sempre. Um dia antes, a sua tia afim, Eliane de Lourdes, havia falecido.

Coube a Nícia Ribeiro, esposa de Sterveson, reconhecer o corpo do marido. Dona Iraneide atendeu o pedido da nora e aceitou que o filho fosse enterrado em João Pessoa. O seu desejo era colocá-lo no mesmo túmulo do pai, no cemitério de Ingá.

— Ela pediu muito, disse que ia ficar melhor para ela visitar o túmulo. Não quis polemizar com ela dizendo que o corpo ia se acabar. Mas o espírito estava no mesmo lugar que todos vão – disse.

Mulher de fé, ecumênica

Dona Iraneide Dias Garcia de Araújo se diz uma mulher de fé, ecumênica. Para onde chamarem para orar, ela vai. Foi católica. Mas, há mais de 30 anos, frequenta centros espíritas. O marido Fernando a ajudava a fazer coisas que a doutrina espírita pede, entre as quais a caridade. Ele assumia tudo financeiramente para que ela pudesse fazer o que gostava com outras pessoas adeptas da doutrina.

— Frequento todas as religiões. Para onde você me chamar eu vou – afirmou. – Fernando ia algumas vezes (para sessões espíritas). Mas é isso, morreu em março (de 2021) e completamos 46 anos de casado no dia 26 de setembro.

Em seus 46 anos de vida conjugal com Fernando, dona Iraneide teve três filhos de sangue: Diego, Eurilian e Sterveson. E uma filha do coração, Faimara. Tem oito netos, todos os filhos se casaram e tiveram filhos.

Drástica mudança de vida

No dia 16 de março de 2024, um sábado, à tarde cheguei em uma casa no Bairro do Cristo, em João Pessoa, para entrevistar Eurilian. Era o único dia que ela podia me receber, pois durante a semana tinha que dar plantões no Posto de Saúde em Ingá, onde trabalha. Fui acompanhada de minha irmã Ethel Evane, pessoa que gosta muito de planta, reza e conversa.

Fomos recebidas por Eurilian, que foi logo informando que sua mãe, cunhada e sobrinhas Fernanda e Helena – filhas do seu irmão Diego - tinham dado uma saída e deveriam chegar a qualquer momento. Ao entrar, senti uma sensação de paz. A casa tinha um jardim muito bonito e por dentro, muitas fotografias,

quadros na parede, móveis antigos. Uma casa aconchegante.

Eurilian mandou que eu escolhesse o melhor lugar para nós conversamos. Escolhi a sala de estar, enquanto Ethel preferiu ficar no terraço rezando o seu Terço. Montei os equipamentos para começar a entrevista, enquanto conversava informalmente com a minha entrevistada. Ela estava muito sensível e chorosa, pois era março e há dois dias completaram-se três anos da morte de Fernando, seu pai.

Comecei a pegar as primeiras impressões sobre como a pandemia foi recebida pela família. Quantas pessoas haviam morrido. Como foi atuar como enfermeira em meio aos milhares casos de covid-19.

Enfermeira há 21 anos, Eurilian é casada com Nivaldo, tem três filhos: Vitor, com 24 anos; Vinícius, com 22, e Éric, com 13. Seu filho mais velho foi a primeira pessoa da família a ter covid-19, ainda em janeiro de 2021. No entanto, Eurilian disse não ter tido medo dele morrer porque ele era um jovem, cheio de saúde, com boa imunidade. Temeu, porém, que o filho viesse a transmitir a doença para os seus pais.

A partir da morte do pai e do irmão mais novo, Eurilian passou por uma grande mudança em sua vida, porque precisou deixar a sua casa e ficou morando com sua mãe, para melhor apoiá-la. Se ela voltasse a morar em sua casa, a mãe ficaria sozinha. Seu marido resistiu por uns dois meses. Não conseguia aceitar essa mudança, mas terminou se dobrando.

— Ele agora está se adaptando, já os filhos conseguiram se adaptar facilmente.

Vivendo o luto atrasado

A dificuldade de enfrentar o luto levou Eurilian a se trancar interiormente e botar na cabeça que, como o pai viajava muito,

pois era funcionário do Sebrae, ele estava viajando. Em algum momento, Seu Fernando voltaria. Para reorganizar a vida da família, a enfermeira teve que enfrentar os processos de pensão da mãe bem como o inventário do pai. Ela precisava cuidar da mãe e resolver todas as situações pendentes depois da morte do pai e dos irmãos. Não poderia deixar a dor atrapalhá-la nessa nova missão.

— Na verdade, a minha mãe se tornou uma fortaleza, pela fé dela, pelo que ela passou. Eu pensei que ela ia cair muito. Mas, graças a Deus, isso não aconteceu.

Mas um problema de saúde da cunhada, Lidiane, que teve a síndrome de Guillain Barré (doença que causa paralisia na pessoa e pode levá-la à morte) e um acidente de trânsito, em que seu carro se chocou com uma moto, foram os gatilhos que a levaram reviver todo o drama da pandemia. A dor do luto veio à tona. A cunhada se recuperou e hoje está bem. E o acidente foi leve. A moça que dirigia a moto teve apenas um machucado na perna. Nada grave.

— Esses sustos reabriram tudo o que eu tinha se fechado dentro de mim. E só a partir de dezembro de 2023 passei a viver o meu luto.

O viver o luto, segundo Eurilian, é "chorar e chorar mais", pois não tinha conseguido chorar todo esse tempo. Só depois desses acontecimentos foi que buscou, também, apoio psicoterapêutico. Após "a gota d'água": teve uma crise de choro diante do médico com quem trabalha. Na época, tinha ido no PSF pedir para assinar uma receita.

— Pedi para falar com ele e, quando entrei, me deu uma crise de choro na frente dele.

Na retomada do viver o luto, uma das últimas palavras de Seu Fernando Garcia passou e ressoar na memória de Eurilian:

"Não se preocupe porque eu estou bem". Na sua leitura, o pai tentou acalmá-la, deixando o seu próprio sofrimento de lado para que ela não desesperasse.

Alicerce de tudo

Fernando Garcia financiava tudo na família. Apesar dos filhos estarem casados, ele era o responsável pelo pagamento das escolas de todos os netos. Ao lado de Dona Iraneide, conseguia unir filhos, noras, genro e neto.

Com a sua morte, financeiramente a família ficou abalada. Atualmente, Dona Iraneide se responsabiliza por pagar a escola das filhas de Diego. E paga a matrícula da filha de Sterveson. A união da família também ficou abalada.

— Depois que eles faleceram, a gente se distanciou muito. Passou um tempo distante e tem uma que até agora não fala muito comigo.

Eurilian voltou ao trabalho em abril de 2021, depois da morte do irmão caçula e da tia. A sua jornada é de segunda a sexta no Posto de Saúde da Família (PSF) de Ingá. Diz estar bem e gostar de trabalhar com a comunidade. Apesar de, vez em quando, eles não a deixarem quieta. Ligam para ela de domingo a domingo.

— Às vezes eu digo para ligar para mim só na hora do meu expediente. Mas eles não obedecem. Ligam para mim até de meia noite.

Ao ser perguntada sobre o que mudou em sua vida que mais a incomodou, ela respondeu:

— As minhas sextas-feiras. Eram mais alegres. Era a sexta da união, do reencontro. A gente se reunia toda sexta e sábado. Quando um me ligava e ia na minha casa para reclamar do outro,

eu tentava resolver. E depois, painho vinha e perguntava se já estava tudo resolvido. E eu dizia que sim. Éramos irmãos unidos, nos amávamos.

Dúvidas sobre a vacina

Quando todos morreram, a vacina contra a covid-19 estava sendo aplicada no Brasil, mas devido à demora de chegar ao país, naquele momento a faixa etária atendida era de pessoas acima de 70 anos, os portadores de comorbidades e outras categorias especiais. Dos cinco membros falecidos da família de Eurilian e Dona Iraneide, apenas duas haviam tomado a vacina há pouquíssimo tempo do ocorrido, o médico Joab Silva e sua esposa, a farmacêutica Eliane de Lourdes.

— Meu pai não chegou a tomar a vacina, mas tio já havia tomado, porque estava na idade máxima de 70 anos. E minha tia também.

— Mas eles tomaram e logo morreram, não foi?

— Foi. Foi muito rápido. Na verdade, nem eu tinha tomado a vacina ainda. Tinha vacina para profissional de saúde e para quem tinha mais de 70 anos. Mas eu não quis tomar.

— Por que você não quis tomar a vacina? Você nunca se vacinou?

— Medo, mesmo. Eu não quis tomar. Depois tomei duas doses porque fui obrigada a tomar. Mas não tive a doença. Fiquei com eles o tempo todo e não tive a doença.

— Você não confia na vacina, acha que ela não funciona?

— Quando a gente começou a aplicar a vacina, estava lá como pesquisa. Aí, eu fiquei pensando, uma vacina passa 10 anos para ser lançada. Por que o Ministério da Saúde está botando pesquisa

quando a gente vai informar a vacina? Eu fiquei nessa dúvida.

— Você tomou qual vacina?

— AstraZeneca.

Durante a entrevista, Dona Iraneide revelou que se recusou e se recusa, até hoje, a tomar a vacina, por não acreditar que em tão pouco tempo de criada uma vacina pudesse ter eficácia:

— Não tomei nem tomo. Eu prefiro a morte a tomar essa vacina. Eu fui chamada de ignorante, fui chamada de tudo. Sofri muito com a covid.

Para justificar a decisão, afirmou que desde o início da pandemia procurou ter todo o cuidado com a higienização da casa. Que fez tudo o que era preciso, como mandava o protocolo e, no entanto, nada funcionou.

— Hoje a gente sabe que isso não impediu para que as pessoas fossem contaminadas.

Mesmo admitindo ter tido medo da vacina e duvidar da sua eficácia, a enfermeira Eurilian admite que a partir da vacinação o número de casos de covid-19 diminuiu.

— Eu não posso dizer que não foi porque eu não sou cientista para saber. Mas ela ajudou muito. Eu mesma posso ter pegado a doença de forma simples depois de tudo isso.

Observa Eurilian que no período em que acompanhou o pai durante toda a doença, dentro do hospital, ela não pegou a covid. Submeteu-se a vários testes e todos deram negativo. Na época, ainda não havia se vacinado.

Além do pai, irmãos e tios, morreram ainda de covid-19 na família uma prima do pai dela, Isabel, e o marido da prima. Como foi um período de distanciamento social e estava enfrentando os problemas dentro da própria casa, Eurilian não deu maiores informações sobre esses dois casos.

Como enfermeira, atuou atendendo pessoas com covid no PSF. Avalia que a doença infelizmente veio para ficar e continua circulando. Acredita, porém, que os casos são menores e os sintomas, mais fracos.

Uma casa e para quem voltar

A família de Iraneide e Fernando, como todas as famílias, cresceram com a vinda dos filhos. Filhos e filhas que se uniram a outras pessoas e geraram netos. Brigas, sim, tinham! Amor e união, também.

Dona Iraneide e Eurilian descrevem a família delas como sólida, repleta de amor mútuo, que bastava uma conversa para desmanchar qualquer confusão, qualquer desentendimento. A enfermeira era boa em ouvir reclamações, além de orientar a posologia dos medicamentos para quem adoecesse, como também em aparar arestas e até curar feridas causadas por altercações entre familiares. Suas intervenções quase sempre resultavam na paz entre as partes em litígio.

Seu Fernando, sempre atento, procurava se informar acerca dos resultados da diplomacia de Eurilian. Apenas perguntava à filha se já estava tudo bem, como quem sabe antecipadamente a resposta para o 'deixa disso' que a enfermeira da família impunha aos seus mais chegados.

Fernando e Iraneide conseguiam manter filhos, nora, genros e netos todos reunidos nos finais de semana. Recordando os bons tempos, Eurilian costuma dizer que "as sextas-feiras já não são as mesmas!"

Diego, casado, tinha duas filhas: Maria Fernanda, 10 anos, e Helena, de seis. A propósito, tive a oportunidade de conhecer He-

lena enquanto entrevistava a vovó Iraneide. A pequena queria que eu terminasse logo a entrevista para que ela, a mãe e a irmãzinha pudessem passear no shopping.

Depois da morte do pai, Helena teve um sério problema de saúde. O apêndice estrangulou e a criança passou por duas cirurgias. Lidiane, mãe de Helena, que durante a pandemia teve a síndrome de Guillan Barré, também ficou em estado crítico, mas ambas foram plenamente curadas.

Quando o filho Diego morreu, Dona Iraneide desejou que a família formada por ele fosse morar com ela. Mas não foi possível. Steverson, o caçula, estava em processo de separação, mas ainda estava casado oficialmente quando morreu. Ele deixou Liriel, filha de 16 anos. Seu Fernando e Dona Iraneide adotaram Faymara.

Faymara convive com a família desde bebezinha, pois sua mãe biológica trabalhava na casa. Quando completou 18 anos, o casal resolveu formalizar a adoção. Ela mora no Bairro do Cristo, próximo à Dona Iraneide, e está sempre presente na casa da mãe dando apoio.

— Painho perguntou o que achávamos e nós concordamos. Ele queria deixá-la segura. Faymara é casada e tem duas meninas lindas — frisou Eurilian.

Superando as perdas

Para superar as perdas, Dona Iraneide teve a ajuda de amigos, além das filhas Eurilian e Faymara, dos genros e netos, principalmente o mais velho e o do meio, Vitor e Vinícius. São filhos de Eurilian. “Eles me ajudaram muito”, diz a avó.

Os amigos que a ajudavam, a maioria o fazia de longe. Apenas um – Régis – a visitava diariamente. E fazia mais: “Ele

vinha todos os dias saber de mim. Tudo o que eu precisava, ele providenciava". Segundo Dona Iraneide, a amizade de Régis é com toda a família. Ele também segue o espiritismo, mas uma maior aproximação com os Garcia de Araújo aconteceu nos últimos cinco anos.

— E quando foi a pandemia, parece que Deus o encaminhou para que ele nos desse força mesmo. Mas teve outros que me ajudaram também... Paganine, Teresa, Carla, Rosineide...

Outra pessoa apontada por ela como de grande ajuda no período da covid foi a mãe biológica de Faymara, que passou uns dias com ela, no primeiro momento em que ela não tinha condição de sair da cama. Dona Iraneide apresentava fraqueza, as mãos trêmulas. Não conseguia seque pegar uma chave para abrir a porta ou o cadeado.

— Era da doença mesmo, porque tudo isso foi antes de Fernando morrer. Mas, graças a Deus, estou aqui.

Irmã de Dona Iraneide, Iranete, também ficou com ela por um período. Conta que as duas oravam muito juntas. Acordavam às 3h da madrugada para rezar e ficavam até seis da manhã em oração.

— Ela é muito católica, trabalha no Hemocentro de Campina Grande e ela vinha. Como eu não podia ficar joelhos, eu ficava sentada e orava, Mas, eu sei que Deus tudo sabe e pode. E é o único que tem poder sobre tudo e todos. E eu me entrego nas mãos dele, que seja feita à vontade dele.

Dona Iraneide e seu irmão Joacy que morreu de covid

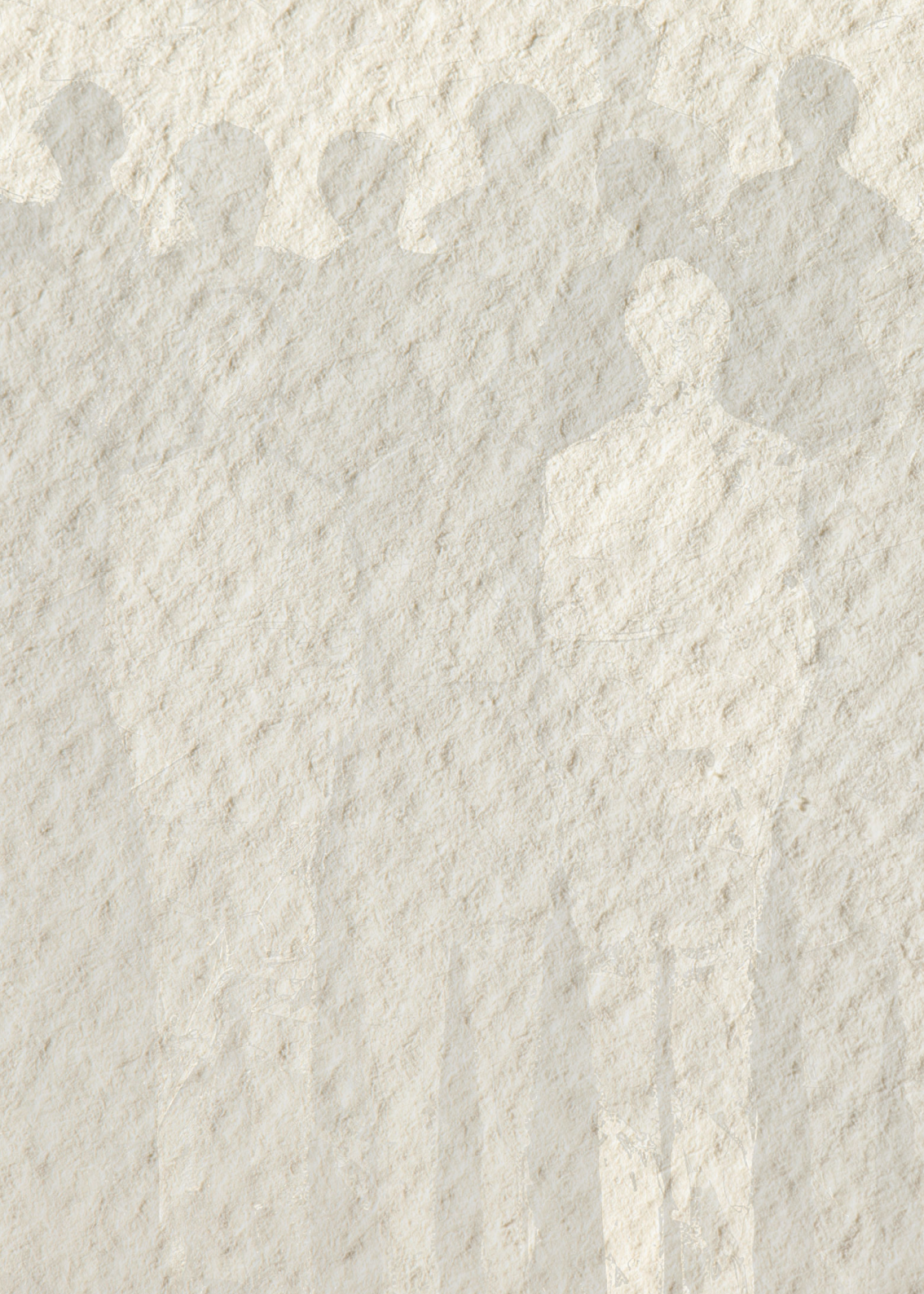
Steverson, Diego, Dona Iraneide, Seu Fernando, Faymara e Eurilian

Victor, Diego, Vinícius Steverson (em pé) e Fernanda, Faymara, Iraneide, Maria, Fernando, Erick, Liriel e Eurilian (sentados)

Os irmãos Steverson, Diego, Faymara e Eurilian

Os irmãos Diego e Steverson ao lado do pai Fernando. Todos morreram de covid-19

Os irmãos Steverson e Diego morreram de covid-19



CAPÍTULO V

Superação pela fé

"A sensação de ver alguém querido aparentemente bem e, de repente, ser levado ao hospital devido a uma doença é uma experiência angustiante."

André Nicolau

Superação pela fé

No silêncio da casa que antes vibrava com as risadas e conversas, André Nicolau Lima Alves, 33 anos, compartilha o impacto da covid-19 em sua vida e na vida de sua família. Homem comum, de vida tranquila, voltado para os seus, a pandemia lhe trouxe uma reviravolta inesperada e dolorosa.

Em apenas seis meses, André enfrentou duas perdas indescritíveis. Sua tia Arlette Lima foi a primeira a falecer, em março de 2021, antes que a vacina estivesse disponível. Sua morte foi um golpe muito duro para a família, mas o pior ainda estava por vir. Seu pai, Jorge Nicolau Alves, adoeceu em seguida. Embora a vacina já estivesse disponível quando seu pai foi internado, ela não foi eficaz para evitar o agravamento do seu estado de saúde devido a condições preexistentes.

Idosa, sozinha, sem família perto

Em março de 2020, quando o isolamento foi decretado, An-

dré e sua família receberam notícia sobre a pandemia com medo e incredulidade. Já tinham ouvido rumores, mas nada consolidado. A adaptação ao "novo normal" não foi tão difícil inicialmente, pois era uma família de hábitos caseiros, mas as restrições sanitárias impostas trouxeram incômodos inevitáveis.

— Num primeiro momento, eu acho que não foi tão impactante, porque ainda estava meio flexível, estava todo mundo se adaptando. Aqui o impacto não foi tão grande, porque eu não sou muito de sair, então minha vida, meus lazeres, são muito caseiros, mais tranquilos. Meus pais já eram aposentados, uma mudança tão radical exigiu alguma adaptação, mas não um transtorno muito grande, inicialmente.

Com o avanço da pandemia, André e sua família se fecharam em casa, restringindo saídas ao essencial, como ir ao supermercado fazer compras, tarefa a cargo dele e do irmão Daniel. "A falta de informações claras no início nos deixava muito ansiosos. Toda precaução parecia pouca," diz André. A família era composta por seus pais aposentados, uma ti[a] e um irmão que moravam com eles na época. A preocupação com a saúde dos pais e da tia, todos idosos, era constante.

Arlette Lima, uma de suas tias, irmã de sua mãe, Célia de Lima Alves, foi a primeira a sucumbir à doença. Contraiu o vírus em fevereiro de 2021. Inicialmente, apenas desenvolveu uma tosse sem outros sintomas respiratórios, mas manteve todos os cuidados devido à pandemia, que já durava um ano. Ela não morava com André e sua família, residia em outra casa. Sendo aposentada do governo do Pará, tinha um plano de saúde estadual, mas, ao passar parte do ano com a família em João Pessoa, na Paraíba, não teve acesso aos serviços oferecidos por planos de saúde locais. Recorreu, então, ao sistema público de saúde.

Após se consultar em uma unidade de saúde, da médica recebeu uma receita de medicação e requisição de exame de covid, que Arlette fez, mas o resultado demorou a sair. Quinze dias depois após aquela consulta, uma conhecida da família com conhecimentos médicos sugeriu que ela fizesse uma tomografia para avaliar melhor seu estado de saúde.

A tomografia revelou que Arlette tinha mais de 75% de seus pulmões comprometidos. Imediatamente, ela foi internada em uma UPA para receber cuidados, mas a unidade não tinha estrutura para internações prolongadas. Assim, foi transferida para o Hospital Santa Isabel, no Centro de João Pessoa. Devido ao diagnóstico de covid-19, ela precisou ficar em isolamento na UTI, que era coletiva e não possuía acomodações individuais.

— O sistema público não tinha uma UTI reservada, era coletiva, então era ela com mais outro paciente. Do quarto dela, só ela estava acordada. Ela, uma senhora idosa, sozinha, sem a família, então já é um impacto muito grande — enfatizou André.

Com a dor, a saúde debilitada e sem a presença de familiares, a situação agravou ainda mais o estado emocional de Arlette. A mesma conhecida que indicou a tomografia era enfermeira e a única pessoa que conseguia visitá-la e comunicar-se com ela durante esse período de isolamento e tratamento intensivo.

Aquela enfermeira desempenhou papel importante durante o período em que a tia de André esteve internada, pois não só levava mensagens e fotos de André e sua família para a paciente como também rezava o terço com ela, proporcionando algum consolo espiritual. Nesse período, Arlette apresentou variações nos sinais clínicos, muitas vezes apresentando melhoras durante o dia e à noite piorava.

A tia de André, que inicialmente não apresentava dificuldades respiratórias graves, enfrentou uma questão crítica: a in-

tubação. Com o comprometimento significativo de seus pulmões, a decisão sobre quando intubar era complexa e envolvia muita insegurança. A família resistia à ideia devido às histórias assustadoras que haviam ouvido sobre pacientes que não resistiam após serem intubados. A ventilação não invasiva, hoje mais conhecida, era uma opção que a família só descobriu tarde demais. Eles tentaram alugar uma máquina para ajudar, mas sempre parecia que estavam um passo atrás.

— Quando a gente conseguiu o aparelho, que chegou pela manhã, no fim da tarde ela já estava começando a apresentar os primeiros sinais de cansaço. E aí já era uma exacerbação do quadro. O médico indicou a intubação dela. Ela aceitou porque não estava conseguindo respirar.

Apesar de ter passado o período de contágio do vírus, Arlette contraiu uma infecção bacteriana e desenvolveu pneumonia, agravando ainda mais a sua condição. A intubação e as medicações necessárias sobrecarregaram seu corpo, e os rins dela não resistiram.

Pedindo força e sabedoria

Na madrugada de 1º de março, o médico ligou para a casa de Arlette para dar a notícia de sua morte à família. Ela morava com o sobrinho e afilhado Renan e com a irmã Elisabeth. Era madrugada e quem atendeu o telefone foi Renan, que, chocado com a notícia, preferiu não contar nada à sua mãe, porque ela era hipertensa. Então, ligou para o primo André Nicolau, que disse já estava esperando o pior, ao ver a ligação.

— Eu já estava esperando a notícia. Porque, numa situação dessa, a gente se prepara antes. Sempre está esperando alguma coisa acontecer. Sempre espera que seja notícia boa, mas a gente

se prepara para uma notícia ruim também.

Com a responsabilidade de informar à família, André tentou manter a calma e decidiu esperar até a manhã seguinte para contar a notícia aos pais, que eram muito devotos e estavam rezando o Rosário, às quatro da manhã.

— Eu passei a noite em oração também, já pedindo por ela e pedindo força e sabedoria para saber o que fazer.

Após a oração, André informou aos pais sobre a morte da tia, causando choque e incredulidade. Aos poucos, a família se reuniu, cada um recebendo a notícia dolorosa, enquanto a realidade começava a se impor, trazendo lágrimas e o difícil processo de aceitar a perda de um ente querido, de uma família de nove irmãos. Um dos irmãos já havia falecido jovem, e agora, Arlette, a segunda mais velha, falecia aos 75 anos.

A responsabilidade de informar a todos sobre a morte de Arlette recaiu sobre André. Entre os irmãos, quatro estavam mais próximos: sua mãe, que morava com André, e suas duas tias, enquanto uma outra tia vivia no Rio de Janeiro, e três tios estavam espalhados em diferentes locais. Com o dever de comunicar o falecimento da Tia Arlette, André ligou para cada um e deu a triste notícia.

André sabia que todos estavam cientes da condição de Arlette, mas tinham sido poupados de detalhes alarmantes enquanto ela estava no hospital. A família aguardava a evolução do quadro clínico antes de compartilhar informações, evitando desesperar aqueles que estavam distantes e não poderiam fazer muito. Quando a notícia da morte finalmente chegou, André teve a tarefa de lidar com o primeiro impacto emocional de cada familiar que a partir dele tomaria conhecimento do fato.

Além de sua idade avançada, Arlette possuía algumas co-

morbidades. Ela já havia passado por um cateterismo, tinha problema no coração, portanto, embora fosse bem controlado e estável. Mas ela não era negligente com sua própria saúde, realizando acompanhamentos regulares. Todos os anos, viajava para Belém do Pará para fazer check-up, aproveitando a facilidade que tinha por lá, em razão do plano de saúde valer naquele Estado.

Se surgisse qualquer sintoma ou dificuldade enquanto estava em casa, ela também se consultava na cidade onde morava. Sua condição era de conhecimento de toda a família, que sempre estava atenta, especialmente em relação à alimentação, monitorando a quantidade de sal que ela consumia e auxiliando em seu controle da hipertensão, um fator de risco aumentado no contexto da covid-19.

Apesar dos cuidados, Arlette contraiu a doença. A família tinha poucas noções de como exatamente ela pegou o vírus. Ela saía pouco de casa, apenas para necessidades mínimas, como fazer compras realmente necessárias que precisasse usar o cartão de crédito, resolver questões bancárias e ir à Igreja. Sua vida social era bastante restrita e ela evitava saídas desnecessárias.

Arlette continuou a frequentar a Igreja, mas apenas em horários permitidos, seguindo as restrições impostas pelo decreto da Arquidiocese da Paraíba que limitava o número de pessoas. Ela sempre mantinha o distanciamento social, usava máscara e higienizava as mãos. A família tomava muito cuidado, especialmente com os membros mais idosos, tentando protegê-los o máximo possível da exposição ao vírus.

Na casa de Arlette, tanto a irmã quanto o sobrinho também contraíram covid depois dela. Suspeita-se que ela tenha transmitido o vírus, pois conviveram de perto durante as duas semanas em que Arlette esteve em casa antes de ser internada, tentando tratar a doença.

A família, ciente dos riscos de transmissão, evitou visitas frequentes para não expor os pais e outra tia ao vírus, mantendo-se atualizada à distância sobre a condição de Arlette. Nesse meio tempo, Arlette apresentou apenas tosse como sintoma, o que, na época, não parecia indicar a gravidade da doença. Hoje, sabe-se que alguns indivíduos não exibem problemas respiratórios típicos da covid-19, mas o corpo pode não compensar a deficiência de oxigenação do pulmão, levando a uma percepção enganosa sobre a gravidade da infecção.

Na época do falecimento de Arlette, a vacina contra a covid-19 ainda não estava disponível. Seu sobrinho Renan, embora tenha apresentado sintomas, não teve um quadro grave, apenas uma debilidade semelhante a uma virose forte. Já a irmã de Arlette, Elisabeth, ficou completamente assintomática e só descobriu que havia contraído o vírus após realizar um exame devido ao contato próximo com a infectada, confirmando a presença do vírus com um segundo teste.

"É um sentimento de angústia..."

Os preparativos para o funeral de Arlette foram rápidos e carregados de dor. André explicou que, indiretamente, a morte foi consequência da covid-19. Embora ela já não estivesse mais com o vírus ativo, o comprometimento pulmonar causado pela doença facilitou o surgimento de uma pneumonia bacteriana. Esta condição, somada à sua fragilidade pré-existente, levou ao desfecho fatal. Sua tia esteve internada por cerca de 10 dias no Hospital Santa Isabel e já haviam passado mais de 15 dias desde o início dos sintomas, ultrapassando assim o período de vida média do vírus.

Por estar em uma UTI coletiva com outros doentes de covid,

dirigentes do hospital não permitiram que fosse realizado um velório tradicional para Arlette. Ela foi colocada imediatamente em um caixão fechado e levada para o enterro.

Todo o roteiro comum a casos semelhantes na pandemia seguiu os protocolos sanitários e se desenvolveu após Daniel, irmão de André, fazer o reconhecimento do corpo, depois de ser completamente paramentado para tanto. O primo Renan, muito abalado emocionalmente, não estava em condições de lidar com essa tarefa.

— Pelo menos ao sepultamento dela a gente teve direito. Fizemos o enterro, mas é algo que tem que fazer muito rápido, porque o tempo do corpo dela sair para ser enterrado é por volta de uma hora, no máximo duas, basicamente o tempo de deslocamento até o cemitério.

O enterro foi realizado de forma igualmente rápida. André e seus pais, devido à fragilidade emocional e à condição de hipertensão da mãe, não acompanharam o reconhecimento do corpo no hospital, mas foram diretamente para o cemitério. E ainda conseguiram, na pressa, que um padre estivesse presente para as exéquias.

O enterro de Arlette ocorreu por volta das 10h, cerca de duas horas após a saída do corpo do hospital. A cerimônia foi restrita à família, sem a presença de amigos ou outras pessoas, devido à pressa e às restrições sanitárias.

Foi um momento doloroso e acelerado, onde a família tentou se apoiar mutuamente, mantendo-se unida enquanto enfrentava a perda e a despedida, limitados pelas circunstâncias impostas pela pandemia. A sensação de ver alguém querido aparentemente bem e, de repente, ser levado ao hospital devido a uma doença é uma experiência angustiante.

— É um sentimento de angústia muito grande, porque minha tia que morava com ela não tinha acesso no hospital. Meu primo

também não. Íamos visitar, mas não podíamos entrar, tínhamos que ficar lá de fora do prédio. Ficávamos ali, muitas vezes orando. Minha tia e meu primo muito mais. Fui poucas vezes.

Para André e sua família, a situação foi especialmente dolorosa devido às restrições impostas pela pandemia. Quando Arlette foi hospitalizada, a família perdeu o acesso direto a ela.

André relatou que o medo de agravar a condição de Arlette os levou a evitar até mesmo as ligações de vídeo. Foram aconselhados a não fazer essas chamadas, temendo que o emocional pudesse piorar o quadro dela. Embora compreendessem os motivos médicos, ele diz que se arrependeu de não ter feito as ligações.

— É exatamente essa apreensão. Será que ia fazer mais mal do que bem? Era até uma sensação que eu tive também com meu pai. Apesar de ter sido diferente, eu tive a oportunidade de visitar meu pai. Mas eu notava essas alterações com ele, quando o visitava no hospital. É uma reação emocional muito forte.

A decisão quanto às chamadas de vídeo foi tentativa de proteger Arlette, mas o peso da incerteza e o sentimento de impotência foram imensos.

Tragédias em sequência

Meses depois, a pandemia trouxe outra imensa tristeza para a família de André com a morte de seu pai, Jorge Nicolau. Sua tia Arlette falecera em março; seu pai, em setembro de 2021, agravando uma sequência de eventos "que foi engolindo a família, um atrás do outro".

— A sequência de tragédias começou com um momento de alegria: o casamento de um tio, Pedro Venâncio (tio Neto) e a esposa Sônia, que veio do Pará para se casar. A cerimônia foi simples,

realizada online, seguida por uma pequena recepção apenas para a família imediata, incluindo a mãe de André, a família de sua tia e seu primo.

A celebração ocorreu numa quinta-feira. Contudo, na quarta da semana seguinte, a mãe de André, Célia Lima Alves, começou a sofrer com dor de garganta e coriza, sinais rapidamente associados à covid-19. A família supôs que ela poderia ter contraído o vírus quando foi ao cartório assinar os documentos do casamento, do qual foi testemunha.

Apesar dos sintomas, a mãe de André hesitou em fazer o exame de swab, temendo a dor associada ao procedimento. Mesmo assim, a família começou a tratá-la como se estivesse com covid-19. O cenário rapidamente se agravou. No domingo seguinte, tanto o pai de André quanto seu irmão começaram a mostrar sintomas semelhantes. André, que dividia o quarto com o irmão, imediatamente se mudou para outro quarto na casa para minimizar o risco de contágio.

Marizete, a tia de André que morava na mesma casa, começou a apresentar sintomas logo depois de Dona Célia. Nesse momento, André, que ainda não tinha contraído o vírus, ficou responsável de cuidar de quatro membros da família: sua mãe, seu pai, seu irmão e sua tia. A rotina em casa mudou drasticamente, com todos usando máscaras e permanecendo em repouso para conservar energia, enquanto André assumia as tarefas domésticas e monitorava a saúde de todos.

A situação exigiu um cuidado constante. André verificava regularmente a temperatura e a saturação de oxigênio de cada um, além de administrar os medicamentos conforme prescrição médica. Fazia o possível para manter a alimentação adequada, cozinhando o que podia e, eventualmente, recorrendo a comida

pronta nos serviços de entrega em domicílio.

A situação melhorou um pouco quando sua tia, Elisabeth, que estava no Recife, veio ajudar, trazendo comida preparada. As noites eram especialmente difíceis, com variações significativas na febre e na saturação de oxigênio.

— Eles ficavam bem, mas à noite era quando havia muita variação. A febre subia muito, causando muito suor. Apresentavam variação na saturação também, então, à noite, eu acordava quase toda hora para fazer monitoramento.

Era uma tarefa exaustiva, mas necessária para garantir a segurança da família. Seu pai, apesar de ser o mais saudável do grupo, começou a sentir pontadas no coração, o que levou a uma preocupação com a formação de coágulos, um risco associado à covid. Ele foi levado ao hospital, fez uma série de exames e lhe foi receitado um anticoagulante. Após um dia cansativo no hospital, voltaram para casa, onde a situação continuava tensa.

— Se havia alguém em casa com quem eu não tinha maior preocupação era com meu pai, porque ele era o mais regrado em alimentação. A alimentação dele era basicamente peixe, frango e legumes. Não era muito de comer carne vermelha, não exagerava em outros tipos de comida e bebia muito pouco. Era mais final de semana em algum momento familiar, alguma comemoração. E era atleta, corria todos os dias ou caminhava ou nadava, então estava sempre se exercitando de alguma forma. Não era hipertenso, não tinha assim nenhuma comorbidade além da idade.

Na noite de 14 de agosto, Daniel, irmão de André, começou a sentir cansaço extremo devido à febre alta e constante. Ele decidiu ir ao Hospital João Paulo II, acompanhado por sua namorada, enquanto André ficava em casa cuidando dos outros.

A mãe de André, cuja saturação de oxigênio estava perigo-

samente baixa, também precisava de hospitalização. Em determinado dia, tomada a decisão de internar, esperaram até a manhã seguinte, supondo que o Hospital Nossa Senhora das Neves estaria menos cheio. André chamou seu irmão mais velho para ajudar a cuidar do pai e da tia, enquanto ele levava sua mãe ao hospital.

No hospital, Célia foi rapidamente colocada no oxigênio e submetida a exames que confirmaram um quadro grave, com mais de 75% dos pulmões comprometidos. Esse era um quadro parecido com o da sua irmã Arlette, o que gerou uma preocupação grande.

Dona Célia foi internada na UTI, mas por ser um hospital particular e devido à sua idade, ela teve direito a um acompanhante. André pôde ficar com ela, o que foi um grande alívio para ambos. A presença de André fez uma diferença significativa para sua mãe, que precisava de apoio emocional.

Apesar da gravidade da situação, o tratamento no hospital começou a mostrar resultados. A ventilação não invasiva ajudou a melhorar a condição dos pulmões dela, acelerando sua recuperação. André, apesar do cansaço extremo e da preocupação constante com os outros membros da família, viu uma pequena luz de esperança com a melhora de sua mãe.

Logo nos primeiros dias com o tratamento que recebia, Célia teve uma significativa melhora de saúde. Não precisou ser entubada em nenhum momento. Só com esse tratamento, ela conseguiu evoluir bem o quadro da covid e já não havia grande perigo, apesar de ela ser hipertensa. No final, foi ela quem evoluiu mais rapidamente, embora o filho não pudesse ficar com ela o tempo todo.

Eles entraram no hospital no domingo. Na terça-feira, ela estava bem, apesar de algumas dores causadas pelo cansaço devido à falta de conforto na UTI. Nesse dia, seu pai foi internado no mesmo hospital e na mesma ala que sua mãe.

Marido e esposa foram internados em UTIs diferentes para evitar o risco de contaminação cruzada e por questões emocionais, já que poderiam evoluir de maneiras diferentes. A mãe de André sabia que Nicolau estava internado e o filho mostrava fotos um do outro para manter a comunicação entre eles. Nessa interação, ele notou que o pai não apresentava grandes alterações no quadro, o que os tranquilizou um pouco.

No entanto, logo após sair do hospital para descansar e pegar umas roupas, André começou a sentir sintomas de covid. Ao chegar em casa, percebeu que estava com febre alta e muito cansado. Decidiu se isolar e tratar-se em casa, após fazer tomografia que mostrou 25% do pulmão comprometido.

A partir daí, as notícias que recebia eram todas através do seu irmão ou da equipe médica. Ele não podia mais ir para o hospital porque começou seu tratamento em casa. Mas não tinha nenhum sintoma mais grave. Sentiu muita febre nos primeiros dias, mas logo passou. Com três dias, já não estava mais febril. Tinha muita sudorese noturna e acordava encharcado, mas, fora isso, não tinha mais outros sintomas. Além disso, a tia que morava com ele também estava doente, mas estável, usando um cilindro de oxigênio em casa e recebendo fisioterapia.

Daniel, irmão de André, por outro lado, teve um comprometimento pulmonar de 90% e precisou de ventilação invasiva, sendo transferido para a UTI. Ele foi o que esteve pior de todos e o tratamento da ventilação convencional não invasiva não estava funcionando. Mesmo no hospital, ele não estava respondendo muito bem ao tratamento.

Daniel evoluía muito bem num dia, no outro piorava. "Uma gangorra", lembra André, acrescentando: "Após duas semanas de evolução, ele começou a melhorar e recebeu alta. A mãe também

apresentou uma boa evolução e teve alta depois de 15 dias. Só restava o pai no hospital, cujo quadro pulmonar não evoluía bem".

Resistência ao tratamento

Jorge Nicolau Alves apresentou resistência ao tratamento devido a problemas na coluna, o que dificultava a ventilação em determinadas posições. Para seu filho André, talvez o pai tenha sofrido alguma falta de oxigenação, porque desde quando foi internado, mesmo apresentando um quadro geral bom, à noite ele mostrava resistência ao tratamento.

A ventilação era especialmente problemática devido ao problema na coluna: ele tinha hérnia de disco lombar. Ficar deitado todo o tempo era muito desconfortável. A melhor posição para ventilação, com maior disponibilidade do pulmão, era de barriga para baixo. No entanto, para ele, essa posição também era inviável devido à dor na coluna. Portanto, precisava ser ventilado na posição normal, o que já dificultava o tratamento. Ele resistia muito, sentia-se incomodado e constantemente tentava tirar a máscara do respirador.

— Desde que ele foi internado, mesmo tendo um quadro geral bom, quando chegava a noite meu pai apresentava resistência ao tratamento. Devido a essa situação, os médicos decidiram administrar-lhe uma sedação leve para que ficasse menos agitado. Mesmo assim, ele ainda resistia e decidiram amarrá-lo.

Sem ninguém perceber, Jorge Nicolau conseguiu se livrar das amarras. Tirou tudo. Pegaram ele já quase no corredor do hospital, fora da UTI. E falaram que não ia dar certo, porque ele estava resistindo ao tratamento. A melhor opção era entubar para que pudesse ter o auxílio da respiração artificial sem resistir. Além

disso, uma sedação mais profunda seria necessária, o que comprometeria sua respiração espontânea. A intubação foi a solução escolhida para garantir uma respiração eficaz.

Ele ficou entubado por um período não exatamente demarcado por André, mas certamente menos de uma semana. Na primeira tentativa de extubação, ele não apresentou uma melhora significativa e foi mantido entubado por mais um ou dois dias. Quando tentaram novamente, ele respondeu bem, conseguindo ser extubado. Coincidentemente, isso ocorreu quando ele já estava se recuperando do quadro viral da covid e saiu do isolamento, sendo transferido para um quarto em uma das alas mais movimentadas do hospital.

Nesse novo ambiente, era permitido receber visitas e ter um acompanhante o tempo todo, proporcionando mais interação social, o que foi melhor para ele psicologicamente. Assim que Nicolau saiu do isolamento, André passou a visitá-lo com frequência.

Os médicos previam que Nicolau poderia melhorar e receber alta em até três dias, seguindo um padrão semelhante ao de Dona Célia. No entanto, seu quadro pulmonar não melhorava como esperado. Sempre que tentavam retirá-lo da ventilação não invasiva, sua saturação caía e ele não conseguia manter a troca gasosa sozinho. Continuava necessitando de oxigênio e terapia respiratória, situação que persistiu por mais de duas semanas.

Não entendiam porque ele não respondia bem ao tratamento, pois não apresentava outros problemas de saúde, como pressão alta, problemas cardíacos, renais ou diabéticos. A dificuldade parecia ser exclusivamente pulmonar e o progresso de Nicolau era lento e incerto.

— Ele tinha dificuldade para falar. Quando eu estava lá, eu percebia que ele falava com dificuldade, cansado. E uma variação

emocional também alterava todas as taxas dele. Depois de estabilizado, ele melhorava. Quando eu precisava sair, aí ele também ficava emocionado. Às vezes, eu até me perguntava, não sei se eu o estou ajudando ou estou piorando a situação, pois toda vez que eu saia as taxas dele alteravam – lembra o filho.

Algumas semanas depois, aproximadamente entre duas e três semanas de internação, conseguiram levá-lo para fazer uma tomografia. O exame revelou que ele tinha Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica (DPOC), uma condição provavelmente de muito tempo, embora jamais tivesse apresentado sintomas. A doença é frequentemente associada ao tabagismo. André confirma:

— Meu pai fumou durante muitos anos, mas ele já tinha parado também há mais de 30 anos. Desde que meus irmãos mais velhos nasceram, que ele havia parado de fumar, para não ter nenhum perigo de causar algum dano para nós quando éramos crianças. Antes, não apresentava qualquer dificuldade respiratória, era um atleta. Os médicos explicaram que, exatamente por ser atleta, ele tinha desenvolvido uma resistência que o permitia viver no limite, sem demonstrar dificuldades. No entanto, quando ele contraiu a covid-19 e seu pulmão foi comprometido, essas dificuldades começaram a se manifestar. Ao descobrirem que Nicolau tinha DPOC, somada às complicações da covid-19, o prognóstico se tornou menos otimista.

DPOC é doença progressiva e irreversível. O máximo que se pode fazer é estabilizá-la. Devido à sua já debilitada condição por causa da doença, a estabilização de Nicolau não estava sendo alcançada. Além disso, sobrevieram complicações como enfisema subcutâneo e necessitou de procedimentos para drenar o ar.

Os médicos observaram que a máscara de ventilação não invasiva usada por Nicolau não era muito eficaz, pois exercia muita

pressão e causava desconforto, levando-o a resistir ainda mais ao tratamento. Encontraram uma alternativa: um capacete de ventilação não invasiva, que envolve toda a cabeça e é vedado no pescoço com borracha. Esse capacete, feito de plástico, permitia que o oxigênio fosse distribuído de maneira uniforme dentro dele, sem a pressão direta no rosto.

O uso do capacete melhorou significativamente o tratamento de Nicolau. A família sentiu-se abençoada com essa solução, pois, de outra forma, não teriam acesso a ele. O custo do capacete era de aproximadamente R$ 11 mil a R$ 15 mil, mas um outro paciente que havia utilizado doou o equipamento ao hospital, reduzindo os custos.

Essa melhoria deu grande alívio ao paciente, tornando o tratamento mais tolerável. No entanto, o capacete, sendo um equipamento de segunda mão, começou a apresentar problemas de vedação, causando escape de ar e reduzindo sua eficácia. Eventualmente, tiveram que voltar para a máscara.

Após algum tempo, a ventilação não foi suficiente, Nicolau precisou ser conectado a um respirador. Mesmo com um oxigênio de alto fluxo, 50 litros por minuto, dez vezes mais do que o normal. Ele estava extremamente cansado e não conseguia mais respirar adequadamente. A intubação tornou-se novamente necessária, desta vez por absoluta necessidade. Para a família, foi um baque. Eles esperavam que o quadro melhorasse a cada dia, mas ele apenas piorava. Os médicos também estavam frustrados, pois não conseguiam entender o motivo da falta de resposta positiva ao tratamento.

— Acho que quando setembro chegou, ele já estava mais ou menos um mês no hospital. Essa segunda intubação durou nove dias porque eles não queriam prolongar por risco de infecção e por bactéria, o que podia piorar ainda mais o quadro dele – supõe André.

A Hora da Misericórdia

Na última semana de vida de Nicolau, a família esteve presente todos os dias onde ele se encontrava. Embora eles costumassem visitá-lo regularmente, evitavam que todos fossem ao mesmo tempo para não congestionar o hospital.

Além disso, Seu Jorge Nicolau não queria que Célia nem suas irmãs fossem visitá-lo por medo de que elas, especialmente sua mulher, que havia acabado de sair do hospital, fossem contagiadas. Sua maior preocupação era proteger a família, colocando-se sempre em último lugar.

No entanto, durante essa semana, a mãe de André, sentindo-se mais corajosa devido ao fato de ele estar sedado, decidiu visitá-lo. Juntos, faziam orações e se revezavam no quarto, já que só eram permitidas duas pessoas de cada vez.

Na quinta-feira, a família conseguiu subir toda junta ao quarto: André, seu irmão Daniel que já havia recebido alta, a mãe, as tias, e a namorada do irmão. Faltava apenas um outro irmão, Rafael, que estava trabalhando naquele dia.

Mayná Tavares, namorada de Daniel, conversou com os médicos, explicando a situação, e, como Jorge Nicolau estava sozinho no quarto e não havia perigo de contágio para outros pacientes, permitiram que todos ficassem juntos.

A família permaneceu com Jorge, que estava sedado e inconsciente ou semiconsciente. A mãe e o irmão falavam com ele e todos estavam muito emocionados. Era difícil vê-lo naquele estado, tão debilitado e magro, diferente do homem forte e ativo que sempre foi. O clima no quarto era de despedida, embora ninguém quisesse admitir.

— Eu lembro todo mundo muito emocionado de vê-lo na-

quele estado. Era difícil vê-lo naquele estado. Naquele dia, o clima parecia mesmo de despedida, por mais que a gente nunca quisesse pensar nisso. Mas era esse o clima. Chegou no final do dia, nós viemos para casa. Voltaríamos no dia seguinte, na sexta-feira.

Aquele momento deixou uma marca profunda, pois todos sentiram a gravidade da situação, mesmo sem querer aceitar o que isso poderia significar. André contou que o padre havia decidido fazer uma visita para dar a unção dos enfermos ao pai dele. Na quinta-feira à noite, o padre enviou uma mensagem e uma foto, informando que estava no hospital. Na sexta-feira, a família planejava ir ao hospital novamente, mas pela primeira vez houve um atraso.

Sempre chegavam antes, mas dessa vez, devido a uma série de contratempos – deixar equipamento para conserto, buscar a namorada do irmão, voltar para a casa dela porque ela havia esquecido algo – chegaram um pouco depois das 15h. Ao chegarem na recepção, foram informados que o médico havia pedido para eles esperarem. A mãe e a tia de André não entendiam o motivo, mas André, com mais experiência e conhecimento, já suspeitava de que algo estava errado, provavelmente alguma tentativa de reanimação.

— Eu pensei "alguma coisa está acontecendo. Eles devem estar tentando reanimá-lo". Nessa hora, eu saí, pois tinha essa desconfiança. Mas não quis falar.

A percepção de André estava certa. Seu pai havia falecido. Quando finalmente permitiram o acesso, a família se reuniu na recepção, onde estavam o médico, a assistente social e a psicóloga. Ao ver essa cena, André compreendeu imediatamente o que havia acontecido.

Sentaram-se todos e o médico informou que Jorge Nicolau falecera às três da tarde, apesar das tentativas de reanimação. A primeira reação da família foi de choque, todos incapazes de acreditar na notícia.

"A ficha demorou a cair e as emoções começaram a aflorar gradualmente, com todos se emocionando e chorando. Estarmos todos juntos foi um consolo, pois um podia apoiar o outro", relata André.

A fé católica da família trouxe um certo conforto, especialmente porque Nicolau morrera às três da tarde, a Hora da Misericórdia de Jesus. Para eles, isso tinha um significado especial, vendo a misericórdia de Deus nesse momento.

O pai de André era uma pessoa muito religiosa. Rezava o Terço e assistia à missa pela televisão todos os dias, mesmo no hospital. Ele era devoto e sua fé, exemplo para a família. "Ele rezava o Terço, lia a Palavra de Deus todos os dias e frequentava a missa regularmente", completa André, para quem a devoção e a criação religiosa que seu pai proporcionou à família deixaram um legado profundo.

Fé diante da inevitável morte

André fala com carinho do pai, dizendo que não tinha nada de mal a dizer sobre ele. Embora todo ser humano tenha defeitos, Seu Jorge Nicolau foi perfeito para André, "pai ideal, um pai incrível".

Ele era presente, não apenas provendo para a família, mas participando ativamente na vida dos filhos. Ele brincava, passeava, sabia o que estava acontecendo e era um verdadeiro parceiro.

Jorge Nicolau incentivava e apoiava os filhos constantemente. Sempre que voltavam do trabalho ou da faculdade, era recebido com uma verdadeira festa. "Opa, seja bem-vindo!" ou "Meu filho, eu sou seu fã, eu sou seu fã número 1" eram frases comuns do pai. Um pai que incentivava e se preocupava com todos. Sempre verificava se todos estavam bem, se alguém precisava de algo e, só depois de garantir que todos estavam bem, cuidava de si mesmo.

"Ele sempre se colocava por último, priorizando o bem-estar de todos os outros, primeiro", acrescenta André, informando que o reconhecimento do corpo de Jorge Nicolau foi feito pelo filho "do meio", Daniel, que assumiu a responsabilidade sem avisar a ninguém.

Ele tomou a iniciativa e, quando a família percebeu, já estava tudo resolvido, inclusive o direito de organizar o funeral completo, com todas as formalidades. O corpo foi levado para uma casa funerária, onde realizaram o velório.

— Ficamos no velório a noite inteira, até o outro dia de manhã. A família toda reunida lá, alguns conhecidos que foram chegando também ao longo desse tempo. E seu enterro foi aberto, exposto para todo mundo. Pudemos nos despedir, fazer as orações, tudo ali, olhando para ele.

O período de internação de Jorge Nicolau durou entre 45 e 47 dias, dos quais apenas 15 em isolamento. Em relação ao atestado de óbito, não foi registrado como covid-19, mas como sepse, uma infecção generalizada, decorrente tanto da DPOC quanto das sequelas da doença pandêmica.

As perdas dessa família em um intervalo de apenas seis meses deixaram marcas profundas de sofrimento, desde "a primeira grande rasteira", que foi a morte da Tia Arlette, culminando com o falecimento do pai de André.

Sua tia era pessoa mais reservada, quieta, enquanto seu pai era a alegria da família. Vibrante, animado, sempre elevava o astral de todos ao seu redor. Quando chegava em casa, fazia festa, adorava reunir a família e era o anfitrião das reuniões de domingo, quando todos se juntavam para um almoço em família. Ele era muito querido por todos, inclusive pelas cunhadas, que o viam como um verdadeiro irmão.

Apesar de serem cunhados, a relação entre seu pai e sua tia

era estreitíssima. Havia grande afeto e respeito mútuo, tanto da parte de Arlette em relação a Jorge, quanto de Jorge para Arlette. O falecimento dela teve um impacto profundo em todos, tanto na família dela quanto na dele.

Para os tios maternos de André, a perda foi como se tivessem perdido um irmão de sangue, tamanha a proximidade e o carinho que seu pai nutria pela família da Dona Célia. Quando questionado sobre como a família superou as duas perdas, André explicou que foi extremamente difícil, mas que se uniram ainda mais, tanto emocionalmente quanto psicologicamente.

A fé desempenhou um papel crucial, ajudando todos a aceitarem a realidade e a inevitabilidade da morte. Apesar da dor intensa, a família compreendeu que não havia muito o que fazer além de aceitar e rezar pelos falecidos, mantendo viva a memória dos bons momentos e das lembranças queridas.

As perdas aproximaram ainda mais a família. A convivência, que antes talvez não fosse diária, passou a ser constante. A união familiar se fortaleceu, estreitando laços que já eram fortes. O impacto da morte de Nicolau foi particularmente sentido por sua mulher, companheira de mais de 40 anos. Os dois eram extremamente unidos, quase inseparáveis. Faziam tudo juntos, desde atividades simples como ir ao supermercado até saídas para restaurantes. Sua mãe se apoiava muito em seu pai, que sempre desempenhou o papel de provedor de segurança para toda a família.

A morte de Jorge Nicolau gerou em Célia um grande medo de ficar sozinha. André e seu irmão se revezaram para estar com a mãe, proporcionando a segurança emocional que ela precisava. A ausência do marido foi um duro golpe, com efeitos no dia a dia, pois ele era seu companheiro constante em todos os aspectos e momentos da vida.

O casal tinha uma rotina compartilhada, inclusive momentos de conversa durante a noite, quando ele acordava cedo e ela ia dormir tarde. Esses momentos de interação, mesmo no meio da noite, eram preciosos para ambos.

A perda de Jorge Nicolau deixou um vazio imenso, tanto que a mãe de André se emocionava todos os dias ao lembrar do companheiro que esteve ao seu lado por tanto tempo. As perdas da família são um testemunho da dureza da pandemia e da resiliência necessária para enfrentar tempos tão difíceis.

A pandemia não só afetou apenas a saúde física. Deixou marcas emocionais que transformaram para sempre a vida de quem sobreviveu à morte por covid. Esta experiência exaustiva e emocionalmente desgastante destacou a força e a resiliência de André, que se dedicou integralmente ao cuidado de sua família, enfrentando uma situação arrasadora com coragem e determinação.

Jorge Nicolau Alves com os filhos Daniel, Rafael e André

Jorge Nicolau Alves e a esposa Célia Alves

Célia e Jorge foram padrinhos de casamento de Neto e Eliane na Pandemia

Célia, o sobrinho-neto Kaíque, Jorge Nicolau e o filho André

Jorge era desportista e morreu de covid-19

As irmãs Elisabeth com os netos, Arlette e Mara

As irmãs Arlette, Marizete, Elisabeth, Laís e Célia

Arlette e Jorge Nicolau (em pé) morreram de covid-19

Arlette, André e Marizete

Arlette faleceu em consequência da covid

Família Lima Alves

Elisabeth, Marizete, Arlette, Daniel, Jorge e Célia

As irmãs Arlette e Elisabeth sentadas e Célia e Marizete em pé

Renan, Elisabeth, Arlete e André

ACREDITAMOS
NOS LIVROS

Este livro foi composto em Cambria Regular e impresso em papel polém gold 80g/m2 para a editora do CCTA em agosto de 2024.

Este livro-reportagem mostra que a pandemia do coronavírus não se tratou apenas de estatísticas de pessoas mortas pela doença. A tragédia não parou por aí. A pandemia fez surgir histórias e experiências pessoais de quem perdeu o pai, a mãe, o irmão, a irmã, o padrinho, a madrinha, o tio, a tia, o avô, a avó, o filho, a filha, o marido, a esposa, o neto, a neta, o amigo, a amiga, o conhecido, a conhecida, o vizinho, a vizinha, o colega ou a colega de trabalho, de escola. Pessoas que não têm como mensurar a dor da tragédia familiar causada pela "foice" da covid-19. A partir de uma abordagem investigativa e humanista, a jornalista Eloise Elane Menezes se propõe a mostrar ao público, através dos testemunhos dos sobreviventes, como cinco famílias dilaceradas – aparentemente de forma irreversível - pela pandemia do coronavírus fizeram para se superar psicológica, econômica e socialmente. Histórias comoventes de dor, luta, fé e esperança vividas nas famílias devastadas pela pandemia do vírus SARS-Cov-2. Um livro necessário, que toca o sentimento de todos que sobreviveram à pandemia mundial do coronavírus a partir da década de 2020.